

Noélia dos Reis Viegas

**Identidades e Culturas do Mundo do Metal:
40 anos e Metálico -**

Um estudo sociológico a partir da situação portuguesa



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE ECONOMIA**

2022

Noélia dos Reis Viegas

Noélia dos Reis Viegas

Identidades e Culturas do Mundo do Metal: 40 anos e Metálico -

Um estudo sociológico a partir da situação portuguesa

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Sociologia

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Prof. Doutor João Eduardo Rodrigues Martins



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE ECONOMIA**

2022

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Noélia dos Reis Viegas

.....

© Copyright: Noélia dos Reis Viegas

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

AGRADECIMENTOS

Na realização da presente dissertação, contei com o apoio incondicional de várias pessoas e, por isso, faço questão de mencionar esses contributos em relação aos quais estou profundamente grata:

- Ao orientador desta dissertação, o Professor Doutor João Eduardo Rodrigues Martins, que sempre me incentivou e deu força para seguir e concluir este trabalho, pela sua disponibilidade e orientação exímias.
- A todos os professores do curso de mestrado, principalmente aqueles que me permitiram realizar trabalhos individuais que contribuíram para a pesquisa do tema desta dissertação, nomeadamente a Professora Mestre Carla Nogueira e a Professora Doutora Bernardete Sequeira, salientando ainda o meu profundo agradecimento ao diretor do curso de mestrado, o Professor Doutor João Filipe Marques, que me apoiou desde o primeiro instante, em relação à escolha do tema desta investigação.
- A todos os amigos e colegas de curso que sempre me encorajaram na elaboração do presente estudo e pela sua ajuda em momentos menos fáceis, fico eternamente grata.
- À minha família por todo o apoio, carinho e incentivo que sempre tive ao longo da minha vida académica.
- Aos meus entrevistados, que se disponibilizaram durante horas a fio, para relatar partes das suas vidas e sem os quais a realização deste trabalho não teria sido de todo possível. (*Metal Rules!*)

A todos o meu sincero Muito Obrigada!

RESUMO

Nesta dissertação investiga-se de que forma a subcultura do metal está presente na vida de determinados indivíduos, assumindo um papel crucial na sua socialização e na construção da sua identidade, manifestando-se como uma produção social fundamental no fazer a sociedade. O principal objetivo é o de identificar e compreender quais as razões que levam à manutenção e à reprodução deste mundo social, por membros que acompanharam os inícios deste movimento em Portugal.

Como terá surgido o gosto por este género musical em particular? Porquê fazer parte de uma subcultura pouco apreciada pela cultura dominante? O que representa o metal para estas pessoas? Qual o papel que tem atualmente nas suas vidas?

Privilegiando a entrevista como técnica de recolha de dados, procuramos dar voz aos nossos interlocutores, o que nos permite materializar a investigação empírica, ao mesmo tempo que percebemos o seu engajamento com as práticas culturais, que lhes estão associadas, e a sua lealdade para com o género musical, ao longo das décadas.

Da música em si, identificamos o prazer sensorial que daí advém e um claro sentimento de realização individual associado ao envolvimento neste género musical, bem como uma forma terapêutica de mitigar sentimentos negativos. As perspetivas e as práticas sociais e culturais da maior parte dos subgéneros metal contrariam as normas sociais e culturais dominantes, pressupondo um anticonformismo que as tornam extremamente atrativas. No entanto, a subcultura não deixa de ser uma manifestação do corpo social. A participação feminina neste mundo social reflete, por um lado, o sexismo dominante das sociedades contemporâneas e, por outro, a influência do feminismo e da emancipação das mulheres, acompanhando desta forma as grandes transformações sociais da contemporaneidade. No seio da subcultura, ocorrem profundas relações interpessoais, distinguindo-se claramente uma necessidade de afirmação pessoal, na procura da produção de si, enquanto indivíduos socialmente constituídos, e ao mesmo tempo a necessidade de uma pertença grupal, intimamente interligadas. Ao longo dos anos, a subcultura tornou-se multigeracional e num estilo de vida para a maioria dos seus membros, sempre em torno daquilo a que chamam «a melhor música do mundo».

Palavras-chave: identidade, subcultura, sociologia da música, metal.

ABSTRACT

This dissertation investigates how the metal subculture is present in the lives of certain individuals, assuming a crucial role in their socialization and in the construction of their identity, manifesting itself as a fundamental social production in the making of society. The main objective is to identify and understand the reasons that lead to the maintenance and reproduction of this social world, by members who followed the beginnings of this movement in Portugal.

How did the taste for this particular musical genre arise? Why be part of a subculture little appreciated by the dominant culture? What does metal represent to these people? What role do it currently assume in their lives?

By privileging the interview as the data collection technique, we seek to give voice to our interlocutors, which allows us to materialize the empirical investigation, at the same time that we perceive their engagement with the cultural practices, associated with them, and their loyalty to the musical genre over the decades.

From the music itself, we identify the sensory pleasure that comes from it and a clear feeling of individual achievement, associated with the involvement in this musical genre, as well as a therapeutic way to mitigate negative feelings. The social and cultural perspectives and practices of most metal sub-genres run counter to dominant social and cultural norms, presupposing an anti-conformism that makes them extremely attractive. However, the subculture is still a manifestation of society at large. Female participation in this social world reflects, on one hand, the dominant sexism of contemporary societies and, on the other, the influence of feminism and women's emancipation, thus accompanying the great societal transformations of contemporaneity. Deep interpersonal relationships occur within the subculture, clearly distinguishing a need for personal affirmation, in the search for self-production, as socially constituted individuals, and at the same time, the need for a group belonging, intimately interconnected. Over the years, the subculture has become multigenerational and a way of life for most of its members, always around what they call «the best music in the world».

Key words: identity, Music Sociology, subculture, metal.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VI
ABSTRACT	VII
LISTA DE ABREVIATURAS	XI
1. INTRODUÇÃO	1
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
2.1 Música e sociedade: Uma relação indissociável	6
2.1.1. Uma entrada pela Sociologia da Música	9
2.1.1.1 O contributo dos clássicos.....	9
2.1.1.2. Contributos da Sociologia da Música contemporânea.....	12
2.2. Sobre o conceito de identidade	23
2.2.1. A identidade é social: identificação e diferenciação	23
2.2.2. Variabilidade e infinitude	25
2.2.3 A heteroidentidade	27
2.2.4 Construção identitária e subcultura.....	28
2.2.5 Autores de si: identidade e experiência social.....	29
2.3 Um conceito «monstro»: a cultura	32
2.3.1 Um conceito polissémico e pluridimensional.....	32
2.3.1.1. De que falamos quando falamos de cultura?.....	32
2.3.1.2 Haverá uma escala universal para «legitimar» a cultura?.....	35
2.3.2. Cultura e o entendimento da subcultura.....	36
2.3.2.1. Subcultura, contracultura, «cena»	40
2.3.2.2. Maffesoli e as «tribos urbanas»	42
2.4 O Metal como fenómeno social: Uma incursão pela literatura.....	43
2.4.1 A dimensão social do heavy metal e a valorização do seu estudo académico	43
2.4.2. Contextualização histórica do Heavy metal	47
2.4.3. Como definir o heavy metal: um <i>melting pot</i> de significados.....	51
2.4.4 A subcultura metálica: aspetos ligados à exteriorização	54
2.4.5 A importância dos concertos	56
2.4.6 Questões de género no heavy metal.....	58
2.5 O heavy metal em Portugal.....	63
2.5.1 Os anos 70: primeiros indícios	63
2.5.2 O pós 25 de Abril e as primeiras bandas de peso	64
2.5.3 Gloriosos anos 80: o heavy metal português.....	65
2.5.4 Os anos 90 e o crescimento do <i>underground</i>	67
2.5.5 O século XXI	68
3. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DE INVESTIGAÇÃO E MODELO DE ANÁLISE	70
3.1 Principais escolhas do método científico.....	70

3.1.1	Coerência metodológica e epistemológica	70
3.1.2	População-alvo e construção da amostra	70
3.2	Técnicas de recolha e de análise dos dados empíricos	71
3.2.1	Trabalho de campo: a entrevista	71
3.2.2	Análise de conteúdo: análise temática sob a forma categorial	73
3.3	Conceitos nucleares do modelo de análise	76
3.3.1	O puzzle conceptual da análise	76
3.3.2	A análise empírica	77
4.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS EMPÍRICOS.....	79
4.1	Gênese e trajetória da ligação ao metal	79
4.1.1	Antecedentes musicais e influências na infância	79
4.1.2	O encontro com o metal: influências e <i>coup de foudre</i>	82
4.1.3	Primeiras bandas, primeiros concertos - uma experiência apoteótica	88
4.2	Construção da identidade pela ligação ao metal	93
4.2.1	Marginalização, estigma e preconceito	93
4.2.2	Exteriorização da subcultura: uma forma de estar	100
4.2.3	Identificação de grupo <i>versus</i> afirmação pessoal, valores e ideologia	104
4.2.3.1	Comunidade, solidariedade e camaradagem	105
4.2.3.2	Afirmação pessoal e alteridade	108
4.2.3.3	Valores e ideologia	110
4.3	A música no cerne do mundo metálico	115
4.3.1	O amor à música	115
4.3.1.1	Prazer sensorial ao rubro	115
4.3.1.2	O metal e <i>Empowerment</i>	117
4.3.1.3	Atenuador de raiva e frustrações	118
4.3.2	Todos os metálicos querem ser músicos?	120
4.4	As mulheres e o metal	122
4.4.1	Mulheres num mundo de homens	123
4.4.2	A mulher sexualizada e o domínio masculino	126
4.4.3	Mulheres ou homens: o que interessa é a música	128
4.5	Álcool, drogas, vandalismo, satanismo?	130
4.5.1	Álcool e drogas	130
4.5.2	Metálicos: uns vândalos?	132
4.5.3	Religião e satanismo	135
4.6	Complexidade e fragmentação do mundo social do metal: que evolução?	139
4.6.1	As gerações mais jovens em 2021	139
4.6.2	Mudanças no género musical e adaptação à vida adulta	143
4.6.3	Um estilo de vida	147
5.	PRINCIPAIS CONCLUSÕES	150
	BIBLIOGRAFIA	158
	ANEXOS	164
	ANEXO 1 - Entrevista exploratória 1 Carlos	165

ANEXO 2 - Entrevista exploratória 2 Carlos	167
ANEXO 3 - Guião da entrevista	171
ANEXO 4 - Transcrição de entrevista – Entrevistado 1: Rito.....	175
ANEXO 5 - Transcrição de entrevista de – Entrevistado 2: Laura.....	190
ANEXO 6 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 3: Joel.....	201
ANEXO 7 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 4: Rui	213
ANEXO 8 - Transcrição de entrevista de - Entrevistado 5: Rafael	223
ANEXO 9 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 6: Mauro.....	233
ANEXO 10 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 7: Teresa.....	244
ANEXO 11 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 8: Sónia	253
ANEXO 12 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 9: Sara	265
ANEXO 13 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 10: Fábio	274
ANEXO 14 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 11: Petra	285
ANEXO 15 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 12: Carlos	297
ANEXO 16 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 13: Tiago	310
ANEXO 17 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 14: Norberto	325
ANEXO 18 - Tabela auxiliar de análise 1	334
ANEXO 19 - Tabela auxiliar de análise 2	339
ANEXO 20 - Tabela auxiliar de análise 3	341
ANEXO 21 - Tabela auxiliar de análise 4.....	344

LISTA DE ABREVIATURAS

CEO	Chief Executive Officer
EP	Extended Play
EUA	Estados Unidos da América
LP	Long Play Record
NWOBHM	New Wave of British Heavy Metal
PSD	Partido Social Democrata
RCA	Real Companhia dos Animais
RTP	Rádio Televisão Portuguesa

1. INTRODUÇÃO

Porque somos como somos? Sabermos quem somos e porquê, conhecermo-nos a nós próprios, será sempre um dos grandes mistérios que o Homem procurará desvendar. As ciências sociais têm um papel fundamental nessa tarefa. É um trabalho por tentativas, sem dogmatismos ou conclusões indubitáveis. Em Sociologia, sabemos que existem diferentes «realidades» e diferentes «conhecimentos», que só podem ser entendidos no quadro de contextos sócio históricos específicos.

Procurar descobrir porque somos como somos significa, assim, tentar explicar essas «realidades» e «conhecimentos», tomando por base a pluralidade e a diversidade do ser humano. Este influencia e é influenciado pelo mundo social, no quadro da multiplicidade, originada pela distribuição do conhecimento humano. A música faz parte desse conhecimento. Pode condicionar a socialização de determinados indivíduos, influir na sua personalidade e identidade e moldar certos comportamentos sociais. Ela pode afetar a forma da agência coletiva e cria realidade social.

Foram várias as razões que levaram a investigadora a escolher o tema descrito no título para esta dissertação de mestrado. Uma delas tem a ver com o facto da primeira das artes não ter merecido, da parte das ciências sociais, nomeadamente da Sociologia, a atenção devida, sobretudo, refere Campos (2007: 71), por ser etérea e abstrata, o que dificulta a sua abordagem.

Por outro lado, e com base nos números divulgados pela comunicação social sobre venda de discos e de bilhetes para concertos e festivais¹, estima-se que existam milhões

¹ De acordo com a Pollstar (revista dirigida a profissionais promotores de concertos), só a banda Metallica, por exemplo, vendeu cerca de 22.1 milhões bilhetes desde 1982. Fonte: <https://www.pollstar.com/article/tour-destroy-the-case-for-metallica-as-the-worlds-biggest-touring-act-141057>. Em 2014, a banda chegou aos 16 milhões de cópias vendidas, apenas de um álbum (Black Album). Fonte: <https://www.billboard.com/articles/news/6099381/metallica-black-album-sales-16-million-nielsen-soundscan>

de adeptos² de «metal»³, um género musical que está presente em todos os continentes, mesmo em países improváveis como o Iraque, a Malásia ou mesmo a Coreia do Norte⁴.

Trata-se de um tipo de música, que criou uma subcultura em seu redor, encarada como uma filosofia de vida, para aqueles que lhe são fiéis, e que une pessoas pelos quatro cantos do mundo.

Em Portugal, começam a surgir centenas de bandas de metal, principalmente no final dos anos 70 e durante os anos 80/ 90, influenciadas pelos sons e pela imagética que vinham sobretudo dos EUA e do Reino Unido. Num curto espaço de tempo, há milhares de fãs deste género musical⁵. Quatro décadas de *headbanging*, *mosh* e *stagediving* em terras lusitanas e ainda não parou.

Todavia, contam-se pelos dedos das mãos os estudos sobre a influência do metal no nosso país e as suas dimensões sociológicas, bem como o impacto que terá causado na sociedade portuguesa⁶.

Por último, tenho a confessar que a trajetória de vida da mestranda foi definitivamente marcada pela música e por este género musical em particular. Aos 18 anos, e perante a escolha do rumo a tomar nos estudos, foi ao António Freitas⁷ que pedi

² Ao utilizar o termo «adeptos», referimo-nos tanto à audiência como aos artistas e aos membros da indústria que este género musical envolve, desde proprietários de bares dedicados ao estilo, aos organizadores de eventos de metal como aos jornalistas musicais dessa especialidade.

³ Ao longo desta dissertação empregaremos o termo «metal» tendo em conta a definição de Fabien Hein: “o que agrupamos hoje sob o termo «metal» é fruto de uma história musical, cujo início remonta há mais de 30 anos. Designa uma multiplicidade de géneros e subgéneros musicais provenientes do aparecimento do hard rock e do heavy metal e resulta de uma agregação semântica, em consequência da erosão e da interpenetração destes termos durante os anos 80” (Hein, 2019, introduction, 1, disponível em: <https://books.openedition.org/ms/774>).

⁴ Uma banda iraquiana é por exemplo Acrassicauda, de Bagdad, ameaçada de morte por extremistas islâmicos. Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI233241-18049,00-A+NOVA+GEOGRAFIA+DO+HEAVY+METAL.html> As Sahar é o nome de uma banda da Malásia mencionada por Hadžajlić (2018:136). Uma banda de metal norte-coreana chama-se Red War. Fonte: <https://www.metalsucks.net/2014/12/18/oppression-western-devils-one-underground-north-korean-metal-band/>

⁵ Tomando ainda como referência uma das maiores bandas agora pertencente ao «mainstream», 50 mil pessoas estiveram no antigo Estádio de Alvalade em 1993 para assistir ao primeiro concerto de Metallica em Portugal.

⁶ Numa pesquisa pelos principais sites académicos (Research Gate, SciELO, JSTOR e Google Académico) verificamos que são escassos os estudos diretamente relacionados com Portugal.

⁷ Não o conhecia pessoalmente. Locutor de rádio, jornalista, DJ, iniciou a sua carreira como assistente de realização na Rádio Comercial em 1987 (programa Rock Em Stock); 1991 Rádio Energia: programa Alta Tensão, colaboração com o Jornal Blitz; 1993 Rádio Nacional Antena 3 com o programa: Hipertensão; 1999: cofundador da revista Riff; 2000 diretor da Loud!; 2002: colaboração com o programa de televisão Curto Circuito da SIC Radical; atualmente principal programador da Antena3Rock – rádio desenvolvida

conselho para saber se deveria seguir no caminho da música ou ficar nos bastidores, com os olhos postos no palco, e ser a próxima Vanessa Warwick⁸. Enveredei pelo jornalismo, mas não cheguei a concretizar esse sonho. Todavia, as vicissitudes do meu percurso biográfico fizeram com que «regressasse ao metal» já perto dos 40 anos, podendo constatar que não era a única. Pelo contrário, a maior parte dos meus «compatriotas adolescentes» nunca tinham «abandonado a causa», mantendo-se eternos devotos ao som da mão chifrada. Porquê?

Neste trabalho, pretendo investigar de que forma esta subcultura está presente na vida de determinados indivíduos, assumindo um papel crucial na sua socialização e construção da sua identidade. O meu objeto de investigação é o estudo da cultura e identidade dos adeptos do metal em Portugal com mais de 40 anos de idade. Ao estipular esta distinção pela idade e ao cingir-me a um país específico, determino também a minha população-alvo.

Em termos de estruturação lógica do texto, a dissertação contém uma parte de âmbito teórico-conceitual, de forma a enquadrar o tema que me proponho estudar, que passará por abordagens à Sociologia da Música, aos conceitos de cultura e identidade e ao metal enquanto fenómeno social; e outra onde estarão descritos, analisados e interpretados os resultados empíricos do trabalho de campo.

A principal questão de investigação é: Que razões levam à manutenção e à reprodução da subcultura «metálica» em Portugal, por parte de indivíduos com mais de 40 anos? O que conduz a questões secundárias tais como: Quais os contextos sociais e familiares que determinaram a escolha desses indivíduos? Porquê ser fã de um género musical que é mal visto⁹ pela grande maioria da sociedade? O que representa esta subcultura para estas pessoas? O que faz com que o estilo de música nunca tenha desaparecido e qual a importância ou o papel que tem nas suas vidas?

para a Internet pela RTP (<https://www.rtp.pt/play/p254/>) Fonte: <https://www.facebook.com/antoniofreitas.antena3/>

⁸ Jornalista musical, apresentadora de televisão, produtora e atriz, conhecida por ser a apresentadora principal do programa *Headbangers'Ball* (dedicado ao metal), iniciado em 1986 na MTV. Fonte: https://www.imdb.com/name/nm1119993/?ref=tt_ov_st_sm

⁹ Tal como veremos em *Heavy Metal The Music and its Culture* de Deena Weinstein (2000).

De forma a responder a todas estas questões, começamos a parte textual desta dissertação pelo enquadramento teórico, essencial à elaboração do estudo.

Numa primeira parte, abordamos a relação entre a música e a sociedade, entrando na Sociologia da Música e nos aspetos que transcendem a obra musical. Para isso, apoiamo-nos em artigos científicos da autoria de Luís Melo Campos, recorremos aos principais contributos dos clássicos: Simmel, com a obra *Estudios Psicológicos y Etnológicos sobre Música* (2004), Weber, com *Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música* (1995) e Adorno com a *Filosofia da Nova Música* (2009) e a *Introdução à Sociologia da Música* (2018) e, na Sociologia da Música contemporânea, falamos de Tia DeNora (2000) e Becker (2013). Analisamos também os gostos musicais em Pierre Bourdieu (2006) e Bernard Lahire (2004b, 2005).

Sobre o conceito de identidade, observamos como ela é socialmente construída e como a identificação pressupõe a diferenciação, mobilizando Berlatto (2009). Apoiamo-nos também em Madureira Pinto (1991) para entender os dois processos pelos quais os atores sociais se integram em conjuntos de pertença e aquele através do qual eles tendem a autonomizar-se. Abordamos também a questão da variabilidade e da infinitude da identidade em Berger & Luckmann (2004). Ligamos ainda a questão da construção identitária à subcultura no olhar de Mike Brake (1980) e mobilizamos a *Sociologia da Experiência* de François Dubet (1994).

A terceira parte do enquadramento teórico é dedicada à cultura. Passamos pela multiplicidade de conceitos associados ao termo ao longo dos anos, questionamos a existência de uma escala universal para legitimar a cultura (Lahire, 2004b), distinguimos subcultura de contracultura e de «cena» e entramos ainda na visão de Maffesoli (1998) e do seu conceito de tribalismo, precedido pela comunidade emocional.

De seguida, abordamos o metal como fenómeno social, fazendo recurso à literatura disponível consultada sobre o assunto. Desenvolvemos a contextualização histórica do nascimento deste género musical, definimos o termo «metal» (Fabien Hein 2019), falamos dos aspetos ligados à exteriorização da subcultura (Weinstein, 2000), sublinhamos a importância dos concertos, abordamos as questões de género no heavy metal e fazemos um resumo da história do heavy metal em Portugal.

O terceiro capítulo da dissertação é dedicado à estratégia metodológica de investigação e ao modelo de análise, no qual enunciamos as principais escolhas do método científico (plano ontológico, escolha epistemológica, modelo científico); definimos a nossa população-alvo e explicamos de que forma foi construída a amostra; esclarecemos as técnicas de recolha e de análise dos dados empíricos e abordamos os conceitos nucleares do modelo de análise.

No quarto capítulo, passamos à apresentação e discussão dos resultados empíricos, englobando vários temas (génese e trajetória da ligação ao metal; construção da identidade pela ligação ao metal; a música no cerne do mundo metálico; as mulheres e o metal; álcool, drogas, vandalismo, satanismo?; complexidade e fragmentação do mundo social do metal: que evolução?) e respetivos subtemas.

Finalmente, o último capítulo da dissertação é dedicado às principais conclusões que podemos retirar deste estudo, fazendo menção às limitações inerentes à sua produção e às perspetivas de investigação futura.

Com plena consciência da minha aproximação pessoal ao objeto de estudo, fui, ao longo da investigação, o mais imparcial possível, fazendo o necessário esforço de distanciamento, no que concerne a minha própria estrutura valorativa, em relação aos pressupostos, valores e ideologia ligados a esta subcultura, dando conta dos resultados e procurando analisá-los de forma rigorosa e fidedigna.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 Música e sociedade: Uma relação indissociável

Desde sempre que a música tem acompanhado a humanidade. Não existe uma data exata ou uma razão clara que explique o seu surgimento¹⁰, mas facto é que se trata de um “meio para perceber o mundo” e “um potente instrumento de conhecimento” (Ruiz, 2012:76). De acordo com Berger e Luckmann (2004: 179), “o conteúdo da socialização é determinado pela distribuição social do conhecimento” e a música “na medida em que gera novas práticas significativas também é promotora de geração de conhecimento” (Couto, 2017:3).

A música teve e tem um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano e da sociedade em geral, na medida em que conduz a uma rede complexa de relações sociais, influenciando diretamente sobre o nosso legado cultural. Para conhecer a música, é necessário conhecer também a sociedade que a criou, já que “cada obra musical é um conjunto de signos inventados durante a sua execução e ditados pelas necessidades do contexto social” (Ruiz, 2012: 76). A música implica ideias, significados, valores e funções, interligados com a estrutura cultural que os produz (idem).

Deste modo, as suas funções são determinadas pela sociedade e apenas poderemos conhecê-la, e aos movimentos sociais que lhe estão associados, se conhecermos o contexto social em que é criada. De um ponto de vista sociológico, importa então analisar aspetos que transcendem a própria obra musical, mas que são essenciais para compreendê-la, como o seu simbolismo, as atitudes ou os valores que reflete. Todos estes elementos são indissociáveis da vida em sociedade.

A música é uma característica constitutiva da agência humana. Ela modela diversas situações em tempo real:

¹⁰ Pela interpretação de arte rupestre encontrada em cavernas, a música já existia na pré-história com carácter ritualístico, e muitos sons produzidos provinham, provavelmente de movimentos corporais e sons da natureza. Fonte:<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=122>. O primeiro instrumento produzido terá sido a flauta há cerca de 60 mil anos AC. Fonte: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/musica---origem-sons-e-instrumentos.htm>

como elemento regulatório do corpo, tanto em relação aos seus mecanismos homeostáticos, quanto ao seu posicionamento/comportamento em diferentes interações sociais (DeNora, 2000: 8); como parte integrante de sistemas regulatórios de condutas e de sistemas que reforçam a segurança (DeNora, 2000: 9-11); como um meio de estabelecer e reforçar relações sociais (DeNora, 2000:14); como construção e afirmação de uma autoidentidade e de identidade de grupo. (DeNora, 2000: 16) (Couto, 2017: 12)

Tia DeNora¹¹, que estuda a música e o seu impacto no comportamento humano, refere ainda vários exemplos de como este precioso elemento cultural influi no quotidiano da vida dos indivíduos e pode ser transformado numa fonte de poder social. No caso das lojas, em que a mesma música é passada à mesma hora do dia, de modo a estruturar os níveis de energia dos empregados e dos clientes; ou como um apresentador de karaoke num bar consegue manipular os níveis de energia e as inclinações sociais do público, quando coloca músicas escolhidas estrategicamente (DeNora, 2000: 19, 20). Há ainda estudos que demonstram como a música é utilizada e referenciada pelos atores em situações sociais e para se descreverem a eles próprios. Por exemplo, no caso dos *bikeboys*, elementos de um coletivo que interpretam os valores associados a esse grupo através das características do seu género de música preferido (Willis,1978, citado por DeNora, 2000: 6).

No entanto, há que ter em conta que cada sociedade, cada cultura, cada grupo e cada indivíduo entende a música de acordo com os seus próprios condicionalismos. Estes podem ser de natureza cultural, histórica, socioeconómica, daí a enorme complexidade aliada ao fenómeno musical, quando se trata de perceber o papel que desempenha na sociedade humana.

Poder-se-ia tentar argumentar que a experiência musical pode ser vivida de forma individual. Contudo, essa experiência nunca deixará de ser social. A sua vivência e a sua interpretação individuais não conseguem estar inteiramente desligadas da experiência coletiva do indivíduo, uma vez que serão sempre moldadas pelo histórico social e cultural do ser humano. Tal como “a socialização nunca é total, nem está jamais acabada” (Berger & Luckmann, 2004: 184), a música é parte integrante da mesma e exerce e sofre influências sociais e culturais a todo o momento.

¹¹ Professora de Sociologia da Música na Universidade de Exeter (Reino Unido). Fonte: <http://socialsciences.exeter.ac.uk/sociology/staff/denora/>

Luís Melo Campos (2007: 83) compara a linguagem musical à aprendizagem de um idioma linguístico. Segundo ele, enquanto crianças, aprendemos as linguagens que nos rodeiam e aceitamos os padrões de pensamentos associados. É na interação com os outros que se aprende «o que é certo ou errado» e as pessoas vão-se tornando mais ou menos expeditas enquanto participantes de determinada comunidade linguística.

Embora na música significante e significado não sejam tão lineares, o autor refere Jean-Jacques Nattiez para quem “numa população culturalmente homogénea, as reações provocadas pela música são relativamente estritas, sendo possível identificar relações estatisticamente válidas entre diversos fragmentos musicais e as formas como são interpretados ou os seus respetivos significados” (Campos, 2007: 83).

Alguns autores como Deryck Cooke argumentam que existem “correspondências naturais entre os efeitos emocionais de certas notas da escala e as suas posições nas [...] séries harmónicas” (Cooke, 1989: 25 citado por Campos, 2007: 81). Ou seja, essa relação seria «inata» e «universal». Eles esquecem-se que a escala ocidental não é única e que as regras da música “não são leis no sentido físico mas convenções que os músicos acordaram” (Davis, 1978: 15 citado por Campos, 2007: 82). A música implica uma partilha cultural.

A forma como se empresta sentido à música não é inata mas depende da aquisição de conhecimentos comuns, de ideias tidas por certas relativamente a como devia soar. Em cada cultura, alguns padrões convencionais de som organizado tornam-se aceites como normais ou mesmo naturais. (Campos, 2007: 84)

Existe, pois, uma socialização musical, que vai além da própria música. Integra “as diferentes modalidades de interação social em que se ouve, pratica e também se discursa sobre música” (Campos, 2007: 85). Como veremos, o que preocupa a Sociologia da Música não é em nenhum caso emitir juízos sobre o seu sentido, significado ou valor, mas sim “interessar-se pelo que as pessoas acreditam que significa, porque é este significado que influencia as suas respostas, a forma como a praticam e com ela se relacionam” (Campos, 2007: 87), as suas ações e os seus comportamentos.

2.1.1. Uma entrada pela Sociologia da Música

Tentar definir o que é a música pode ser tão ingrato quanto tentar obter uma definição satisfatória para o conceito de arte. Será sempre algo multifacetado, uma pergunta com respostas múltiplas, um empreendimento que nos levará a significados distintos. Varia ao sabor das épocas históricas, das localizações geográficas e dos contextos sociais envolventes.

Para quem sustenta que não há música sem ritmo, como António Victorino de Almeida (Campos, 2007: 73), será difícil aceitar a peça de John Cage, composta por quatro minutos e trinta e três segundos de silêncio (idem). Diz-nos Alexandre Melo no ano 2000:

Hoje em dia, não há quaisquer limites formais para aquilo que é suscetível de ser considerado uma obra de arte. O problema não é não existirem critérios objetivos, que já se sabe que não existem, para avaliar obras de arte: não podem existir sequer critérios gerais, enunciáveis. Então, temos de inventar, de cada vez, as razões para valorizar uma obra de arte. (citado por Campos, 2007: 74)

Tal como os significados da arte e da música dependem da época em análise, há que se considerar o «tempo» (e as correntes de pensamento correlacionadas) em que viveram os autores, precursores da Sociologia da Música.

2.1.1.1 O contributo dos clássicos

Na sua obra, publicada pela primeira vez em 1882, *Estudios Psicológicos y Etmológicos sobre Música*, Georg Simmel, apoia-se em relatos e investigações de outros autores para questionar o pressuposto da universalidade musical. Dando exemplos de práticas musicais oriundas de diversas localizações geográficas, sustenta que cada povo utiliza a música em situações diferenciadas e contextos específicos, com ritmos nem sempre semelhantes e instrumentos também eles diferentes (Simmel, 2004).

Simmel destaca-se assim por ser dos primeiros a abordar a dimensão social da música, focando-se no papel que esta desempenha em diferentes sociedades. A música nasce da exteriorização dos sentimentos e desta forma, tal como o canto ou a dança, surge naturalmente no indivíduo. Ou seja, todos os seres humanos são, na sua perspectiva, «músicos pré-existenciais» (Simmel, 2004).

Todavia, cada cultura vai ter as suas próprias práticas musicais e servir-se delas consoante as suas necessidades, nas diferentes esferas da vida social. Daí existir um desenvolvimento desigual da música nas diferentes sociedades (idem).

Existe uma herança musical, que influencia o músico na hora de compor. Esse legado determina a sua formação, que por sua vez influi na composição. Sendo assim, as características do músico dependem do desenvolvimento da música pelos seus antecessores, ou seja, da herança musical que lhe é transmitida socialmente pelo seu povo (idem).

Com a obra *Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música*, publicada pela primeira vez em 1921, Max Weber traça as bases teóricas para a Sociologia da Música enquanto disciplina autónoma. Na sua abordagem, vai «compreender» a música de forma racional. E isto sobretudo no que toca à música ocidental, que, para ele, se desenvolveu de maneira calculada.

A transformação sonora da música europeia ocidental teve na tecnologia um dos seus pilares básicos, uma vez que foi a imprensa de Gutenberg, junto com as novas técnicas, que aparecem nos finais da Idade Média, para a construção de instrumentos de corda, os principais factos que determinam a evolução do discurso sonoro ocidental. (Ruiz, 2012: 79)

A tecnologia existente é que vai determinar a evolução da música ocidental, com procedimentos de criação racional, culminando com o aparecimento do capitalismo industrial (idem).

Desta forma, são os condicionalismos sociais que influenciam os caminhos que segue a criação musical, existindo uma dependência do desenvolvimento de uma arte, em relação aos seus meios técnicos. Weber estabelece, assim, relações de causa, empíricas. (Waizbort, 2020). Por exemplo, para ele são as condições sociais e económicas que tornam possível a existência da orquestra de Haydn. Todavia, a motivação de base não é técnica, mas o poder de escolha artístico vai gerir os meios técnicos existentes em seu benefício. Sendo assim, a tecnologia é que vai determinar a evolução da música ocidental com procedimentos de criação racional (Weber, 1995).

Por outro lado, em Weber, não é considerado o valor estético da música, ou seja, não há critérios valorativos da arte (não há uma arte «pior» ou «melhor»). A sociologia da música investiga os meios técnicos e os seus desenvolvimentos e as influências dos

mesmos na opção e criação artística, sem ter nada que ver com a sua valorização estética. (Waizbort, 2020).

De facto, e de acordo com Ruiz, a «fórmula» weberiana “abre as portas a uma sociologia racional e estrutural” (Ruiz, 2012: 79), mas deixa de fora elementos importantes, talvez porque a sua obra ficou inacabada, como “o estudo da dimensão simbólica da música, a relação entre a música e a ideologia, a receção musical ou o tema da contribuição social do valor estético” (Ruiz, 2012: 80).

É exatamente da relação entre a música e a ideologia de que nos fala Theodor Adorno, destacando duas premissas entrelaçadas em *Filosofia da Nova Música* de 1948 (primeira edição): «a obra musical é antissocial»; «a música contém ideologia». “O trabalho de Adorno representa o desenvolvimento mais significativo no século XX da ideia de que a música é uma «força» na vida social, uma construção material da consciência e da estrutura social” (DeNora, 2000: 2).

O autor parte dos efeitos gerados pela tecnologia e das consequências provocadas pela adoção do capitalismo para explicar a cultura e a audiência de massas, que irá ter as suas repercussões na arte e, sendo assim, no facto musical. Segundo ele, a música «verdadeira» tem de ser a “antítese da sociedade, conservando a sua verdade social” (Ruiz, 2012: 80), para conseguir evitar ser corrompida, deturpada. As indústrias culturais têm como propósito gerar lucro, transformando a música numa mera mercadoria, num simples objeto de troca comercial (Adorno, 2009). “A música perde toda a possibilidade de expressão e todo o poder de comunicação, uma vez que a sociedade de massas industrial comercializa toda a forma de comunicação, tornando-a trivial, alienando-a e transformando-a numa coisa, num produto de troca” (Ruiz, 2012: 80).

Para sobreviver e ser autêntica, ela tem de se afastar da sociedade:

Talvez o isolamento e o silêncio sejam as únicas armas do músico que queira conservar na sua obra o carácter de verdade ou, pelo menos, o testemunho da angústia em que vive o homem contemporâneo” (idem). Sendo assim, o isolamento permite conservar a sua veracidade, mas afasta-a da sociedade, terminando “restrita a pequenos grupos de mentalidade avançada. (idem)

Em Adorno, o valor estético ganha uma importância fundamental, uma vez que é ele que determina a autenticidade da música. “(...) quanto mais autêntico é o seu valor estético, tanto mais problemática, contraditória e complexa será a sua relação com a

realidade” (idem). Assim, Adorno vê a arte como arma de arremesso contra a ordem constituída, como forma de denunciar o que está por baixo da ponta do iceberg. “A arte não deve garantir e refletir a paz e a ordem, mas sim forçar o aparecimento daquilo que está debaixo da superfície, resistindo à sua opressão da fachada” (Ruiz, 2012: 82).

Em *Introdução à Sociologia da Música* de 1975 (primeira edição), o autor explica como a música não é ouvida da mesma forma por todos os indivíduos. Segundo ele, existem condicionantes sociais que determinam a sua percepção, o que o leva a estabelecer uma hierarquia dos ouvintes musicais. Existem os «especialistas» da escuta, numa escala descendente até às massas passivas e estandardizadas (Adorno, 2018). “O sistema capitalista acabou com a autonomia e a livre criatividade, no sentido de produzir uma estandardização que implicou a arte até degradá-la à categoria de produto comercial, sujeito às leis da oferta e da procura” (Ruiz, 2012: 82). Para ser autêntica, reitera Adorno, a obra musical paga o preço de ser ver marginalizada, excluída, entendida e apreciada apenas por uma minoria (Adorno, 2018).

Cada um destes três autores dá um passo em frente na constituição de uma disciplina que se ocupe de estudar a relação entre a música e a sociedade. Simmel sublinha as práticas musicais diferentes que se encontram em épocas e lugares distintos, evidenciando a sua dimensão social; Weber destaca a forma como o progresso tecnológico determinou a música ocidental e Adorno elogia a dimensão «antissocial» da música, característica da sua autenticidade, carregando-a de ideologia¹².

2.1.1.2. Contributos da Sociologia da Música contemporânea

Na sua obra *After Adorno: Rethinking Music Sociology* (2003), Tia DeNora refuta a ideia de que música e sociedade sejam dois elementos independentes, duas entidades separadas. Consagra a Adorno a contribuição de ir além de apenas se «tentar ver» o social na música, enquanto influência no estilo e nas formas que ela assume e na ideologia, que é revelada no seu conteúdo.

Segundo ela, o aspeto mais importante do legado do autor foi o facto de se encarar a música como “um ingrediente constitutivo da vida social” (DeNora, 2003: 151). A

¹² No entanto, e como veremos adiante, para os sociólogos musicais contemporâneos, o valor estético da música, ou seja, a formação de juízos de valor sobre o que é «boa» ou «má» música não fará parte do âmbito de estudo da Sociologia da Música.

música é uma manifestação do social e vice-versa. A diferença entre os dois torna-se então uma questão relativa ao ponto de vista analítico: “(...) dependente da prioridade espaço-temporal (...) e dependente de onde se inicia esse exercício analítico. A música não é portanto acerca, ou causada, pelo social; é parte de tudo o que consideramos ser evidência social em larga escala” (idem). DeNora (2003: 151,152) defende que esta abordagem foi uma contribuição de enorme importância, e sugere que não se fica pelo campo da Sociologia da Música, indo mais longe e permitindo “pensar acerca de como operamos enquanto seres humanos.”

Para estudar a música e o seu impacto no comportamento humano, a socióloga realizou estudos etnográficos, em diversos contextos sociais (por exemplo, aulas de aeróbica e noites de karaoke), recorrendo a entrevistas em profundidade, cujos resultados descreve em *Music in Everyday Life* (2000). Ela chega à conclusão de que a música não só está implicada na mudança social em larga escala, mas também na “transformação momento a momento, como alterações de humor e orientação social” (DeNora, 2003: 157).

Podemos dar como exemplo o facto das lojas ou das companhias aéreas não escolherem ao acaso a música de fundo. Essa música, mesmo que se pense que passa despercebida, produz sensações (pode ajudar a regular o humor social) e transmite uma mensagem (faz passar a imagem da empresa). “A música desperta a memória, proporciona um modelo para o pensamento ou a ação, atribui significados ao ambiente induzido e introduz parâmetros em relação aos quais o corpo reorganiza os seus processos de movimento ou energia” (idem).

São estabelecidas relações entre a música e as constituições sociais, por exemplo determinadas escolhas estéticas (vestuário, penteado, maquilhagem, etc.) que adquirem significados sociais, nos contextos em que são utilizados (DeNora, 2000: 6). A música gera valores e símbolos partilhados por aqueles que conhecem os seus códigos, cria «mundos» dentro do «mundo». Ela constrói realidade social e quem a constrói é a própria sociedade.

“O objeto central de estudo para o sociólogo da música não é a música em si mesma (...), mas a relação que esta música cria entre o indivíduo e a sociedade” (Ruiz, 2012: 83). O valor estético é também um valor social e, por isso, determinado pela socialização,

a experiência de vida dos indivíduos e os contextos sócio históricos em que estão inseridos. Desta forma, não fará sentido tentar argumentar, de um ponto de vista sociológico, «aquilo que é música» e «aquilo que não o é», que uma obra musical é «boa» ou «má», «bonita» ou «feia», já que os valores morais ou o conceito de beleza varia em cada sociedade, em cada cultura, e dentro destas, de pessoa para pessoa.

Howard Becker (2013: 132). diz tratar-se de uma questão filosófica que não compete ao sociólogo. “Os sociólogos podem descrever as formas de atividade coletiva necessárias para fazer música, mas não podem encontrar a solução para o quebra-cabeças seguinte: «esta peça é mesmo música, sim ou não?». Tão pouco pode resolver outra versão do mesmo problema: «esta obra é boa música ou não?»”.

Existem convenções musicais, tal como existem convenções sociais. “(...) os significados partilhados tornam a vida social possível, disto decorre que as convenções musicais tornam a atividade musical coletiva possível”, sublinha Becker (2013: 133). Dito de outra forma e na abordagem de Scruton (1983, referido por Campos, 2007: 84):

(...) o sentido atribuído à música surge fundamentalmente como consequência da atividade de grupos de pessoas, em determinados contextos culturais. A forma como se empresta sentido à música não é inata, mas depende da aquisição de conhecimentos comuns, de ideias tidas por certas relativamente a como devia soar. Em cada cultura, alguns padrões convencionais de som organizado tornam-se aceites como normais ou mesmo naturais.

Daí que, e voltando a Becker:

(...) é necessário que o sociólogo que faz uma pesquisa sobre a música aprenda esse sistema exatamente como faria um aprendiz. Senão ele não pode comunicar-se com as pessoas com as quais pesquisa e não pode compreender as ações que ele vê (...) A situação de um sociólogo da arte então parece-se com a de um pesquisador que faz o seu trabalho num país estrangeiro, onde as pessoas falam uma língua diferente e partilham uma cultura diferente da sua. (Becker, 2013: 134)

Sendo assim, o autor evidencia a necessidade de se aprender as convenções e os códigos da música que se pretende estudar, para se conseguir entrar no «mundo» dos indivíduos objeto de investigação; conseguir colocar as perguntas certas e entender comportamentos e atitudes.

Aprende-se a ouvir música. Existe um processo de socialização musical que permite partilhar noções e conceitos comuns, tornando possível a interpretação de forma coletiva. Todavia, esta “socialização musical não reside apenas no envolvimento direto com a

música (ouvindo ou praticando), mas em todas as formas de relacionamento com ela, designadamente as diferentes modalidades de interação social em que se ouve, pratica e também se discursa sobre música” (Campos, 2007: 85). Há uma partilha de culturas musicais. Essas culturas definem a realidade social, sendo que as convicções e as crenças ganham aqui um papel fundamental. Tendo por base a sociologia weberiana, Luís Melo Campos, no seu artigo *A Música e os Músicos como Problema Sociológico*, reitera o seguinte:

A sociologia da música não deverá, pois, preocupar-se com procurar algum verdadeiro significado de uma obra, mas sim interessar-se pelo que as pessoas acreditam que significa, porque é este significado que influencia as suas respostas, a forma como a praticam e com ela se relacionam. (Campos, 2007: 87)

Ou seja, deverá estudar-se o que as pessoas dizem sobre a música, o que elas reivindicam; o trabalho do compositor, mas também o papel ativo do ouvinte na atribuição de sentido a uma peça musical. Para Jaime Hormigos Ruiz (2012: 84), a música deve ser considerada como “uma esfera institucional (...) em condições de pôr em marcha processos de identidade social”. Abordar a música de um ponto de vista sociológico implica “averiguar quais são as formas essenciais da atividade musical num tipo de sociedade e num tempo determinados, e quais são os grupos sociais específicos que se reúnem em torno de uma forma musical concreta” (Ruiz, 2012: 83).

Na sua obra *A Distinção* de 1979, Pierre Bourdieu estabelece uma estratificação social dos gostos culturais, traçando uma relação direta entre os diferentes tipos de «gosto», os níveis escolares e as classes sociais. Expondo o que entende por «gosto legítimo», «gosto médio» e «gosto popular», interpreta resultados estatísticos, obtidos dos inquiridos representantes da sociedade francesa da época (Bourdieu, 2006: 21). O «gosto legítimo», por exemplo, seria, no caso da música, o apreço por obras como o *Cravo bem temperado* ou o *Concerto para a mão esquerda*.

Esta teoria da legitimidade cultural destaca o facto das classes sociais ditas superiores (com maior grau de instrução) desenvolverem o gosto pelas «artes sábias» e a rejeição das «artes populares» (Coulangeon, 2003: 4). “A robustez das ligações que unem a orientação das preferências estéticas às variáveis de estatuto, origem social e capital cultural é, empiricamente e largamente, atestada” (idem), explica Coulangeon referindo-se a Bourdieu.

Fala-se em sociologia da formação dos gostos baseada em dois conceitos fundamentais. Primeiro, que as preferências culturais são determinadas pelas disposições adquiridas ao nível da socialização primária, que moldam os comportamentos para a vida (*habitus*) (Coulangeon, 2003: 5). Desta forma, não se destaca o processo de aprendizagem, ainda mais quando se consideram os gostos musicais oriundos de processos «inconscientes».

(...) o efeito do *habitus* não ressalta propriamente de se falar num processo de aprendizagem, e esta propriedade toma um relevo particular no caso dos gostos musicais, domínio por excelência do inefável, em que a produção e a transmissão das disposições têm por base processos largamente implícitos e em grande parte inconscientes. (idem)

Por outro lado, Phillipe Coulangeon apelida de «homologia estrutural» para definir o modelo teórico desenvolvido por Bourdieu na *Distinção*. “A identidade social do sujeito de gosto está ligada, tanto à adesão positiva às preferências do seu meio, por estar de certa forma programado pelas suas disposições, como à aversão expressa pelas preferências atribuídas aos outros grupos sociais, estando estruturalmente condicionado pela sua posição no espaço social dos gostos” (idem). Há uma visão hierarquizada dos estilos de vida e, simultaneamente das preferências e práticas culturais. Essa visão manifesta-se sobretudo pela oposição entre as «artes sábias» e as «artes populares», (idem) num nível descendente das classes socioeconómicas superiores e consideradas «dominantes» para as classes menos abastadas e com menor capital cultural.

No estudo levado a cabo por Coulangeon, com base em dados estatísticos de 1997¹³, reavalia-se o modelo teórico proposto por Bourdieu, chegando-se a três grandes premissas. Acrescenta-se um modelo eclético, ou seja, de acordo com as suas conclusões, as preferências culturais e musicais das classes superiores são diversificadas¹⁴, ao contrário das classes populares que apresentam uma escuta exclusiva da música de variedades (Coulangeon, 2003: 28). No entanto, o autor sublinha que a nomenclatura para o género musical «variedades» poderia ser subdividida e dessa forma, trazer mais diversidade nos gostos das classes populares (idem).

¹³ Inquérito sobre as práticas culturais dos franceses, 1997, DEP/Ministère de la Culture.

¹⁴ Coulangeon chama-lhe «ecletismo esclarecido» que combina o gosto pela música clássica com o jazz por exemplo.

Salientam-se também as limitações que trazem consigo os estudos de natureza quantitativa nesta matéria, uma vez que não permitem distinguir verdadeiramente consumo e receção das obras (idem). “(...) o jogo das diferenciações sociais nas práticas culturais passa tanto pelos objetos consumidos quanto pelas formas de os consumir e pelas finalidades que se pretendem atingir com esse consumo” (idem). Por fim, destaca-se a importância que tem a transmissão das competências na formação dos gostos. Para o autor, a expressão dos gostos musicais não pode ser reduzida “nem a um recurso de comunicação e de marcação simbólica das identidades sociais, nem ao efeito de um esquema gerador transponível de uma ordem de práticas a outra” (Coulangeon, 2003: 29).

O que tem um papel fundamental na diferenciação social dos gostos não são apenas os jogos de domínio simbólico e de arbítrio cultural, mas mais simplesmente a repartição desigual de competências genéricas (capital escolar) e de competências socialmente orientadas (neste caso, competência musical). (idem)

Tendo em conta que na era da globalização, da informação e da sociedade em rede, que hoje vivenciamos no mundo ocidental, as sociedades tornaram-se muito mais diferenciadas e heterogêneas, teremos de considerar que esse fenómeno também se aplica no domínio musical. Sociedades mais heterogêneas levam à formação de grupos diferenciados de praticantes e ouvintes musicais. Pelo contrário, sociedades mais homogêneas terão certamente um entendimento da realidade e uma fruição musical menos diversificada. Por exemplo, pessoas que vivem anos a fio dentro de uma instituição, seguindo práticas diárias rigorosas, sem acesso a informação contraditória do que lhes é transmitido, sem manterem qualquer tipo de relações sociais fora daquele mundo: o mais provável será que os seus hábitos, práticas, valores (e percepção musical) sejam muito mais consistentes, não havendo espaço para a constituição de grupos e subgrupos de fruição musical.

Todavia, nas sociedades ocidentais atuais, e de acordo com Bernard Lahire (2001), a multiplicidade de contextos que os indivíduos vão encontrando ao longo da vida condicionam o agir, o pensar e o sentir dos seres humanos. Cada indivíduo é portador de uma pluralidade de disposições e atravessa uma pluralidade de contextos sociais (Lahire, 2001: 67). A música faz parte do agir, do pensar e do sentir dos indivíduos. Desta forma, iremos encontrar uma diversidade imensurável de «gostos musicais» que atravessa classes sociais, indicadores etários ou quaisquer outras variáveis sociodemográficas.

Para Lahire, os sociólogos apressam-se a deduzir na análise dos comportamentos observados em cenários no quadro de um domínio único de práticas (sociologia da família, da arte, da saúde, etc.) disposições gerais, *habitus* e visões do mundo. Para ele, só será possível estudar a pluralidade interna dos indivíduos, tendo em conta os contextos sociais, observando diretamente ou reconstruindo indiretamente a variação contextual dos comportamentos individuais (Lahire, 2005: 27).

Só esses dispositivos permitem julgar em que medida algumas disposições são transferíveis de uma situação para outra e outras não, ver como joga o mecanismo de inibição/ ativação/ operacionalização de disposições e avaliar o grau de heterogeneidade ou homogeneidade do património de hábitos incorporados no decorrer das suas socializações anteriores. (Lahire, 2005: 27,28)

Ele começa por considerar as diferenças internas de cada indivíduo: as variações intra-individuais “(...) o mesmo indivíduo faz isto e aquilo, gosta disto mas gosta também daquilo, gosta disto mas detesta em compensação aquilo, etc. (...)” (Lahire, 2005: 29). Ou seja, sem negar as diferenças entre classes sociais, a que ele chama de variações interclasses, evita-se uma caricatura dos grupos sociais. Dentro de quaisquer origem social, nível de escolaridade, idade ou sexo, um mesmo indivíduo terá grandes probabilidades de ter práticas e gostos diferenciados, em termos de música, cinema, literatura, televisão, etc. do ponto de vista da legitimidade cultural¹⁵. Esta nova metodologia implica então: “(...) reconstruir/ descrever as práticas, reconstruir e descrever as situações onde tais práticas se desenvolveram, reconstruir os elementos da história dos praticantes (a sua trajetória, biografia, rotina, etc.) que sejam (julguem ser) importantes” (Rodrigues, 2018: 42). Embora admita que seguir um mesmo indivíduo em todas estas situações nem sempre será possível, Lahire propõe sucessivas entrevistas e uma rigorosa análise documental.

Por exemplo, na sua obra *Retratos Sociológicos* de 2004, foram realizadas seis entrevistas de conteúdo biográfico, abordando seis temas diferenciados: escola, trabalho, corpo, lazer, sociabilidade e família, no sentido de apreender a esfera global da socialização. Para o autor, este tipo de metodologia permite identificar quando as disposições sociais são capazes de ser transferidas conforme a situação em causa, ao

¹⁵ A legitimidade cultural entendida aqui por Lahire como a distinção entre a “alta cultura” e ilegitimidade cultural (a “subcultura”, o “simples divertimento”) (Lahire, 2005: 29).

mesmo tempo que se avalia o grau de heterogeneidade ou homogeneidade dessas disposições (Lahire, 2004a).

Tomemos o exemplo da família, enquanto agente de socialização primária. Hoje em dia, ela está em concorrência com outros agentes pela legitimidade da sua educação. Um contexto familiar muito rigoroso e autoritário pode fazer face a uma pedagogia na escola mais liberal e, deste modo, sujeitar o indivíduo à apropriação de modos de pensamento e de agir diferenciados e, por vezes, mesmo contraditórios. Este exemplo pode ser transferido para outras esferas de socialização ao longo da vida como a sua socialização musical.

(...) os diversos géneros musicais não representam apenas diferentes opções num sentido meramente técnico (ou musical em sentido estrito), mas são gerados e reproduzidos por grupos de pessoas com diferentes propensões emocionais e comunicativas, diferentes gostos e interesses estéticos, diferentes projetos e distintas posições nos campos cultural e social, e, acrescente-se, com diferentes combinações destas dimensões. (Campos, 2007: 87)

Para dar mais um exemplo concreto, tomemos em conta a obra *La Raison des Plus Faibles*, de 1993. Aqui, Lahire vai tentar compreender a escrita nos meios populares, tendo em conta a profissão do indivíduo, mas também a escrita que existe para além dessas exigências profissionais (a escrita doméstica). Chega à conclusão que, dentro de uma mesma classe socioeconómica, neste caso operários e pessoal auxiliar, há indivíduos que escrevem e leem o menos possível e para quem essas práticas são vistas como um aborrecimento, mas que também existem outros que leem mais de 25 livros por ano, guardam dossiês de contabilidade, tomam notas durante chamadas telefónicas, etc. Esses indivíduos fogem dos hábitos e automatismos sociais. Porquê? Porque essa escrita e esses hábitos de leitura dependem da história familiar e da trajetória pessoal de cada indivíduo, em relação com as exigências, em termos de leitura e escrita no trabalho. São socializados dentro de uma classe socioeconómica, mas os seus hábitos diferem, devido a uma multiplicidade de contextos sociais (Lahire, 1993).

É seguindo esta linha de pensamento que procuramos desenvolver a nossa dissertação, dando por isso destaque à obra publicada pelo sociólogo em 2004: *La Culture des Individus – Dissonances Culturelles et Distinction de Soi*. Para a sua elaboração, Lahire (2004b: 741) põe em prática um procedimento metodológico complexo, a partir da investigação das Práticas Culturais dos Franceses- 1997 (DEP/ Ministère de la

Culture), conduzida a partir de uma amostra representativa da população francesa com 15 anos e mais, de três mil pessoas. Por outro lado, 1350 pessoas representativas da população, tendo assistido no curso dos doze últimos meses a um espetáculo ao vivo, foram interrogadas utilizando o mesmo questionário, nas mesmas condições e agregados aos três mil precedentes. Paralelamente ao tratamento desta investigação quantitativa, 111 entrevistas foram realizadas a pessoas com propriedades sociais diversificadas, segundo a idade, sexo, formação escolar, origem social e posição socioprofissional. Os perfis culturais foram construídos a partir de indicadores sobre os tipos de música, literatura, filmes, emissões de televisão preferidos e saídas/ visitas culturais e de lazer/ divertimento praticados. Alguns campos de investigação foram também abertos como a observação de noites de karaoke em bares, restaurantes e discotecas, análise dos convidados de emissões televisivas e o estudo de produções musicais misturando géneros rock, sucessos do momento e clássica e capas da revista *Les Inrockuptibles*. Lahire explorou ainda documentos escritos e audiovisuais, no âmbito da cultura, da televisão, bandas desenhadas, romances policiais e séries de televisão e da música.

No primeiro capítulo do livro, Lahire põe desde logo em evidência o facto de que vai colocar parcialmente em causa a teoria da legitimidade cultural, porque vai ter em consideração as variações intra-individuais dos comportamentos culturais. Deste modo, avisa também que esta abordagem terá interesse apenas para os investigadores que não são “(...) animados por um espírito de clã” (Lahire, 2004b: 33), ou seja, que o seu ponto de vista suscitará resistências intelectuais, uma vez que engloba uma reinterrogação crítica de uma tradição sociológica, que analisa as funções sociais da cultura, numa sociedade dividida em classes. Para Lahire, esta sociologia trata principalmente as desigualdades culturais e as funções sociais da cultura dominante e distinção cultural. Medem-se as grandes distâncias culturais, interpretadas como sendo desigualdades no acesso à cultura. Os inquiridos são postos em categorias, a multiplicidade das obras culturais é reduzida a um número limitado de géneros e, sendo assim, o sociólogo pressupõe que a noção de género, em termos culturais é pertinente para captar as preferências do inquirido.

Desta forma, é possível comparar obras em diversas áreas, uma vez que elas estão “(...) reduzidas essencialmente ao seu valor simbólico na hierarquia das legitimidades” (Lahire, 2004b: 36). O autor dá o exemplo de se comparar uma emissão de jogo popular

ou uma telenovela, no âmbito da televisão, aos romances de quiosque, na literatura, ou aos filmes comerciais no cinema.

Este colocar em ponto de igualdade produtos culturais e esta redução das práticas, das obras ou das instituições culturais ao seu «valor» não é um problema em si: trata-se de uma operação guiada por uma teoria que procura evidenciar factos de legitimidade e desigualdades sociais de acesso à cultura legítima dominante. (Lahire, 2004b: 37)

No entanto, esta metodologia acaba por eliminar as variações intra-individuais em matéria de legitimidade cultural. “Quando entramos no detalhe das práticas individuais e dos seus contextos, vemos aparecer a sua diversidade, enquanto que a lógica dos géneros e das categorias pode contribuir para estereotipar as culturas ao nível do grupo” (idem).

Lahire cita mesmo Laurence W. Levine que, no seu livro *Jazz and American Culture* de 1993, nos diz que a «condenação por analogia» foi uma das práticas favoritas dos críticos de música no início do século XX nos Estados Unidos, quando desqualificavam o jazz: “«O jazz, sublinhavam vários críticos, é para a música clássica aquilo que são os versos humorísticos para a poesia, o que uma quinta é, em comparação com uma catedral, ou o que um show burlesco é para o teatro legítimo»” (Lahire, 2004b: 38).

De facto, a legitimidade cultural só existe se um indivíduo, um grupo ou uma comunidade acredita nessa importância e mesmo, muitas vezes, na superioridade de certas actividades e de certos bens culturais, em relação a outros. Segundo Lahire, é porque certos produtos culturais e certas actividades detêm meios poderosos de imposição da sua legitimidade, referindo a escola como central neste contexto, que esta legitimidade pode ser:

(...) reconhecida largamente, integrando mesmo uma parte daqueles que não conseguem formar os gostos e os hábitos que lhes permitiriam estar conforme. É neste caso e apenas neste caso que surgem fenómenos de vergonha ou de sentimentos de culpa cultural, assinalando o desfazamento entre aquilo que julgamos importante (disposições para crer) e aquilo que estamos dispostos a fazer na realidade (disposições do agir). Nasce então um sentimento de indignidade ou de pequenez: «não valho nada», «sou estúpido», «sou ignorante», «inculto», «não gosto da grande música», etc. (Lahire, 2004b: 39)

Neste sentido, poderá haver, por parte do inquirido o que Lahire chama de «bluff cultural» que conduz à sobrevalorização das suas práticas legítimas ou à subvalorização das suas práticas ditas ilegítimas (Lahire, 2004b: 41).

O que ele tenta demonstrar é que “o mundo social nunca está unificado, ao ponto em que permitiria a existência de uma só e única escala de legitimidade cultural” (Lahire, 2004b: 53). Há várias, consoante os contextos sociais em que estamos inseridos e aquilo em que acreditamos, derivado das nossas experiências passadas, percursos de vida e capacidade crítica. Haverá «bom» ou «mau» em termos culturais e musicais?

Como sublinha Lahire, utilizando uma afirmação de Thorstein Veblen:

«as funções sociais de legitimidade não seriam nada se elas não trouxessem também um ganho psicológico ou moral suplementar: ter o sentimento relativo (isto é, em comparação com os outros que «somos mais felizes» (...) «que estamos no verdadeiro» e que temos «uma vida mais digna de ser vivida» do que a dos outros. (Lahire, 2004b: 671)

“«(...) aquele que está seguro da sua identidade cultural pode brincar com a regra do jogo cultural, pode brincar com o fogo, pode dizer que gosta de Tchaïkovski ou de Gershwin, ou mesmo, numa de descaramento, de Aznavour ou de filmes de série B»” (Lahire, 2004b: 252). Não sendo esta frase de Lahire, mas sim de Bourdieu, este último falha por falar em jogo ou brincadeira, na interpretação do primeiro autor e com a qual concordamos. De facto, segundo Bourdieu, os indivíduos com graus académicos superiores apenas utilizariam este tipo de discurso enquanto estratégia no seio das lutas simbólicas e um indivíduo dessa categoria social nunca poderia «realmente» gostar de rap, por exemplo, sem que «se minta a ele próprio». A atitude deste sociólogo não permite compreender esses gostos que são pouco legítimos, a não ser através da suspeita de afirmação fraudulenta ou inautenticidade.

No entanto, a estatística vem provar o contrário: “não há nada mais normal estatisticamente, para os membros dos diferentes grupos sociais, que de ter uma parte das suas práticas e das suas preferências culturais fora dos registos mais frequentemente associados aos seus grupos” (Lahire, 2004b: 255). Podemos por exemplo referir o caso de Aline (pertencente às classes ditas superiores), entrevistada pelo sociólogo, que tanto gosta de Patrick Bruel como de Pavarotti (Lahire, 2004b: 263) ou de Sandra, pertencente às classes populares, na sua paixão pela dança clássica e contemporânea (Lahire, 2004b:360). “Estes fenómenos não são, portanto, da ordem das exceções (que confirmariam a regra) mas mais a regra dos consumos culturais, no quadro de uma formação social diferenciada” (idem).

Neste contexto, vale a pena citar as interrogações de Luís Melo Campos (2007: 88).que estão diretamente ligadas à questão de partida desta investigação:

“Em que medida, por exemplo, os contextos sociofamiliares de origem desempenham um papel relevante na iniciação musical e mesmo na configuração das relações com a música? Como se constituem e desenvolvem essas relações e quais os elementos determinantes na opção por determinado género musical?”

Por seu turno, essas relações estão interligadas com a questão da identidade dos indivíduos, conceito que consideramos estruturante, no âmbito desta dissertação e que abordaremos de seguida.

2.2. Sobre o conceito de identidade

2.2.1. A identidade é social: identificação e diferenciação

Desde o seu nascimento, os seres humanos são «classificados» e «identificados». São do sexo feminino ou masculino; são portugueses, franceses, noruegueses; são chamados de Maria, Gérard, Alfhild; de facto, a própria identidade pessoal é socialmente construída. A identidade será sempre formulada em relação aos outros, uma vez que permite que nos situemos no conjunto social. Incluí-nos em determinados grupos e excluí-nos de outros (Berlato, 2009: 142).

Diz-nos Berlato (2009: 149)“(...) toda a identificação é ao mesmo tempo diferenciação (...)”, ou seja, num processo de identidade ou “identificação”, o que queremos é estabelecer uma fronteira, demarcarmo-nos dos «outros», sublinhando a diferença entre «eles» e «nós» (idem). Poderíamos igualmente considerar a identidade no sentido oposto e dizer que é a semelhança que procuramos encontrar no outro. Num processo de identidade, o que realmente queremos é identificar-nos com os outros e, desta forma, o «nós» ganharia importância, em relação ao estabelecimento de «fronteiras» com «eles».

Todavia, o ser humano parece sentir também uma necessidade constante de se reger pela diferença, embora os “deslocamentos de fronteiras” sejam constantes (Berlato, 2009: 150). Um único elemento do conjunto cultural pode incompatibilizar e, por vezes,

tornar hostil a relação entre grupos culturalmente semelhantes (Berlatto, 2009: 149). Como exemplo, Berlatto cita Norbert Elias num estudo que realizou sobre uma pequena comunidade inglesa¹⁶:

(...) era surpreendente (...) que os moradores de uma área tivessem a necessidade e a possibilidade de tratar os da outra como inferiores a eles e, até certo ponto, conseguissem fazê-los sentirem-se inferiores. Não havia diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, «cor» ou «raça» entre os residentes das duas áreas, e eles tampouco diferiam quanto ao seu tipo de ocupação, à sua renda e ao seu nível educacional – em suma, quanto à sua classe social. As duas eram áreas de trabalhadores. A única diferença entre elas era a que (...) um grupo compunha-se de antigos residentes, instalados na região havia duas ou três gerações, e o outro era formado por recém-chegados. (Elias, 2000: 21 citado por Berlatto, 2009: 150)

Os primeiros consideravam os segundos de «outsiders» e julgavam-se superiores (idem, 149).

Madureira Pinto fala-nos de «identificação» e «identização» (1991: 218). Segundo ele, a produção das identidades sociais é determinada pela sobreposição destes dois processos.

(...) o processo pelo qual os atores sociais se integram em conjuntos mais vastos de pertença ou de referência (...) e o processo através do qual os agentes tendem a autonomizar-se e diferenciar-se socialmente, fixando em relação a outros distâncias e fronteiras mais ou menos rígidas. (idem)

Existe uma ambiguidade presente na identidade: identificamo-nos e diferenciamos-nos a todo o momento. Sou um ser humano, mas sou mulher. Vivo na Europa, mas sou portuguesa. Tenho nacionalidade portuguesa, mas nasci em França e sou algarvia. Sou algarvia, mas do Sotavento e não do Barlavento.

(...) é importante não se perder nunca de vista que as identidades sociais se constroem por integração e por diferenciação, com e contra, por inclusão e por exclusão, por intermédio de práticas de confirmação e de práticas de distinção classistas e estatutárias, e que todo este processo, feito de complementaridade, contradições e lutas, não pode senão conduzir, numa lógica de jogo de espelhos, a identidades impuras, sincréticas e ambivalentes. (Pinto, 1991: 219)

As questões da identidade são complexas. Ela é dinâmica, não é estática, porque tanto o indivíduo como a sociedade não estão parados, quietos. São constituídos por milhares de variáveis. Nem todas se alteram ao mesmo tempo, nem ao mesmo ritmo, mas

¹⁶ ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 21.

estão sempre em constante «perigo» de volubilidade. Embora possamos dizer que a «estrutura» se mantém, ela só é estável até certo ponto. Caso essas variáveis se alterem consideravelmente, toda a «estrutura» pode mudar. Tal como nos dizem Berger e Luckmann: “a identidade é um fenómeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade” (2004: 230) e “toda a realidade social é precária” (2004: 141).

Para estes autores, a identidade é legitimada no contexto de um universo simbólico: “O universo simbólico é concebido como a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais” (Berger & Luckmann, 2004: 132).

Exemplos de universos simbólicos, referem, são a religião, a ciência ou um partido político. “Os deuses sabem, ou a ciência psiquiátrica, ou o partido” (Berger & Luckmann, 2004: 137). Os indivíduos absorvem os seus pressupostos, através da socialização.

Berger e Luckmann exemplificam com a contrariedade existente entre os termos «neurose» e «possessão demoníaca». Ambos são válidos para explicar o mesmo tipo de comportamento, mas

(...) é improvável que uma teoria psicológica, que admite a possessão demoníaca, seja adequada a interpretar os problemas de identidade de intelectuais judeus de classe média da cidade de Nova Iorque [e] (...) é improvável que a psicanálise seja adequada à interpretação de problemas de identidade, nas regiões rurais do Haiti, ao passo que algum tipo de psicologia vudu pode fornecer esquemas interpretativos com alto grau de exatidão empírica. (Berger & Luckmann, 2004: 233)

Cada interpretação da realidade só é válida nesses contextos sociais. Seja o nova-iorquino, seja o haitiano, ele não terá “(...) uma identidade capaz de produzir fenómenos que sejam interpretados de tal maneira (...) Os haitianos rurais *são* possessos e os intelectuais nova-iorquinos *são* neuróticos. A possessão e a neurose são assim constituintes de realidade objetiva e subjetiva nesses contextos” (idem). Desta forma, a identidade está intimamente ligada e é determinada pelos contextos sócio históricos em que vive o ser humano ao longo da sua vida.

2.2.2. Variabilidade e infinitude

Por outro lado, “a socialização [da qual resulta a identidade] nunca é total, nem está jamais acabada” (Berger & Luckmann, 2004: 184). Esta permite a interiorização da «realidade» mas, de acordo com os autores “nenhum indivíduo interioriza a totalidade

daquilo que é objetivado como realidade na sua sociedade” (Berger & Luckmann, 1966: 179). A realidade é filtrada. Na infância, pelos «outros» com os quais a criança se relaciona (pais ou indivíduos próximos) e existe um processo de identificação com esses «outros», que lhe é imposto. Não há uma consciência de que o mundo que ela está a interiorizar é um dos muitos mundos possíveis, para ela é o “único mundo existente” (Berger & Luckmann, 2004: 180). Todavia, ao longo da vida, o ser humano vai estar em contacto com ambientes sociais diversificados, o que lhe permitirá conhecer «outros mundos».

A construção de identidades faz-se a partir de trajetórias sociais incorporadas nos indivíduos e das posições que vão ocupando na estrutura social (Pinto, 1991: 220). Cada indivíduo assume diversos vínculos sociais e a sua identidade constrói-se a partir de uma fusão de elementos culturais diferenciados resultantes desses vínculos. Ele “(...) integra, de forma sintética, a variedade das referências identificadoras, que estão ligadas à sua história” (Berlato, 2017: 148). E o ator social tem consciência da variabilidade da sua identidade, utilizando-a mesmo enquanto uma «estratégia», tal como defende Denys Cuche em *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*:

(...) a identidade é vista como um meio para atingir um objetivo. Logo, a identidade não é absoluta, mas relativa. O conceito de estratégia indica também que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. Em função da sua avaliação da situação, ele utiliza os seus recursos de identidade de maneira estratégica. Na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação, que buscam a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação, a identidade constrói-se através das estratégias dos atores sociais. (Cuche, 1999: 184)

De facto, a identidade, que resulta da socialização, tem um carácter multidimensional e os atores sociais podem optar por “(...) ocultar a identidade pretendida para escapar à discriminação” (Cuche, 1999:186), em determinadas situações sociais.

(...) num determinado momento uma identidade é afirmada ou reprimida. Por conseguinte, a sua construção realiza-se no interior de contextos sociais, que determinam a posição dos agentes e, por isso mesmo, orientam as suas representações e as suas escolhas. (Berlato, 2017: 142)

De acordo com este conceito de estratégia, “a identidade constrói-se, desconstrói-se e reconstrói-se, segundo as situações de vida em sociedade. Ela está sempre em movimento; cada mudança social leva-a a reformular-se de forma diferente” (Cuche, 1999: 188).

2.2.3 A heteroidentidade

Por outro lado, existe uma relação de força entre grupos sociais, que conduz à estigmatização dos grupos minoritários e que é explicada pela «heteroidentidade»: “(...) [a] força dos atributos construídos pelos outros em relação ao indivíduo” (Berlato, 2009: 143), numa perspetiva de luta entre «dominantes» e «dominados». A autoridade dos «dominantes» impõe e detém o poder simbólico de legitimar as divisões da realidade social, consoante os seus próprios princípios (Bourdieu, 1980). Neste sentido, a única identidade legítima será a do grupo dominante, que marginaliza todos os grupos que forem classificados como diferentes.

Para Goffman, existem três tipos de estigma. O primeiro refere-se às deformidades físicas; o segundo poderá ser interpretado como qualquer conduta «socialmente inaceitável», como o distúrbio mental, o alcoolismo, o desemprego ou a homossexualidade; e o terceiro incorpora “(...) os estigmas tribais de raça, nação e religião (...)” (Goffmann, 2004: 7).

Berger e Luckmann relatam um exemplo da relatividade social associada a esses estigmas, que mais não são do que construções de uma realidade que pode sempre ser desconstruída. Falamos de «contra realidade»: indivíduos que «postos de lado» pela sociedade onde estão inseridos, formam uma nova sociedade e uma nova realidade, criando assim também uma nova identidade.

(...) os indivíduos podem ser definidos como leprosos desde o nascimento e esta definição afetará gravemente a sua socialização primária (...) Enquanto estes indivíduos (...) não formam uma contra comunidade própria, a sua identidade objetiva e subjetiva estará pré-definida de acordo com o programa institucional, que a comunidade estabelece para eles. Serão leprosos e nada mais. (Berger & Luckmann, 2004: 219, 220)

Para os autores, a situação pode alterar-se quando os «leprosos» se agrupam e constroem a sua própria estrutura de interpretação. Em vez de o facto de ser leproso significar estigma social, passa a ser considerado como um “sinal especial da eleição divina (...) os indivíduos impedidos de interiorizar completamente a realidade da comunidade podem então ser socializados na contra realidade” (Berger & Luckmann, 2004: 219, 220). Entretanto, a comunidade maior, que os pôs de lado “(...) não sabe que «realmente» são os filhos especiais dos deuses” (Berger & Luckmann, 2004: 220). “No caso máximo, [concluem os autores] não será mais coisa fácil reconhecer a identidade de

alguém, pois se os leprosos podem recusar ser o que se supõe que sejam, outros indivíduos também podem, e talvez nós mesmos” (idem).

Madureira Pinto (1991: 227) fala-nos na “arma da reinterpretação e do não reconhecimento seletivo de sentido” utilizados na luta de classes, em termos culturais, expressões que também poderíamos aplicar no exemplo de Berger e Luckmann, citado acima. Todavia, o autor defende que estas armas nem sempre podem ser utilizadas. Elas implicam a incorporação, por parte dos indivíduos, dessas estratégias de reinterpretação, o que por vezes não é possível, por terem absorvido durante os seus percursos de vida, códigos de autoavaliação, que impedem essa reinterpretação.

Excluídos (por razões objetivas e subjetivas) dos processos mais dinâmicos e mobilizadores de recursos intelectuais, tais grupos acabam por interiorizar inibições e sentimentos de vergonha cultural, que vão sobrepor-se às suas capacidades potenciais de criação e recriação de símbolos (...) [resultando na] produção social de identidades negativas. (Pinto, 1991: 228)

2.2.4 Construção identitária e subcultura

Uma forma de «renegar» o que nos é imposto como «certo» em termos culturais pode ser gerido, segundo Mike Brake e como veremos adiante, pela criação/ integração de uma subcultura. Serão “formas alternativas de expressão cultural, que refletem a pluralidade cultural (...) e que são distintas dos conjuntos de normas vigentes”, considera o sociólogo (1980: 8, 9). Serão uma resposta coletiva a problemas de ajustamento e um desvio à norma, desafiando a estabilidade do universo simbólico. A identidade será o resultado de todas essas influências, que vão aparecendo na nossa vida, mas que são, simultaneamente, criadas por nós, enquanto seres humanos.

Para o autor, as subculturas são “(...) tentativas para resolver problemas experienciados coletivamente, que resultam das contradições existentes na estrutura social e geram uma forma de identidade coletiva, que pode ser alcançada fora daquilo que é conferido pela classe social, educação e ocupação” (Brake, 1980: vii).

Ou seja, a partir do momento em que o indivíduo deixa de se rever plenamente nos «outros significativos» da sua socialização primária (e não só), ele procura uma solução para esse paradoxo. Esses «outros significativos» podem ser os pais, os empregadores, os professores, as instituições e organizações, que sustentam a ideologia económica e

política dominante, etc. É neste contexto que surgem as subculturas, consistindo um suporte fundamental para esse dilema «desviante». De acordo com o autor, a subcultura oferece uma identidade, que embora possa ser considerada um desvio, é externa; ultrapassa a classe social ou a atividade profissional/ ocupação do indivíduo e é suportada pela solidariedade de grupo da subcultura (Brake, 1980: 3).

2.2.5 Autores de si: identidade e experiência social

François Dubet evidencia na sua *Sociologia da Experiência* (1994), a identidade social enquanto uma experiência em curso. O autor recusa o paradigma segundo o qual o ator social se identifica totalmente com o sistema e que a sociedade é um organismo «natural» (Dubet, 1994: 14) “A unidade do ator e do sistema já não é concebível quando a unidade funcional e cultural deixou de ser reconhecida” (idem). O conjunto social já não se identifica com a homogeneidade das sociedades nacionais e industriais, uma vez que existem conflitos e movimentos sociais e: “os atores e as instituições deixaram de ser redutíveis a uma lógica única, a um papel e a uma programação cultural das condutas (...) as condutas individuais e conectivas [são] dominadas pela heterogeneidade dos seus princípios constitutivos” (Dubet, 1994: 14, 15). São os indivíduos que “(...) devem construir o sentido das suas práticas no meio desta heterogeneidade [do social]” (idem). Segundo ele, “tudo se passa como (...) se a identidade deles fosse apenas o jogo movediço das identificações sucessivas, como se outrem fosse alternadamente definido de múltiplas maneiras, aliado e adversário, vizinho e exótico...” (Dubet, 1994: 15, 16). Os indivíduos transportam dentro de si múltiplas orientações e, desta forma, “a identidade social não é um «ser», mas um «trabalho»” (Dubet, 1994: 16).

Isto porque existe um declínio da ideia clássica de sociedade no mundo contemporâneo, que deixa de ser entendida primordialmente como força integradora. De facto, com a internacionalização da economia e da cultura, o Estado-nação, entendido enquanto sociedade, deixa de o ser. “A sociedade como Estado-nação tinha a capacidade de articular um mercado e uma cultura, até mesmo a capacidade de os ligar numa comunidade”, reitera o autor (Dubet, 1994: 114). Todavia, atualmente, estes elementos encontram-se separados, uma vez que o Estado-nação vê serem postas em causa a sua soberania nacional e as suas identidades culturais (Wautier, 2003).

A unidade do ator e do sistema já não é concebível quando a unidade funcional e cultural das sociedades deixou de ser reconhecida (...) revela-se o esgotamento da representação do social que foi a da sociologia clássica e, de modo mais preciso, das sociedades nacionais e industriais que se constituíram com essa sociologia. (Dubet, 1994: 14)

Assim, para Dubet, a sociedade já não se define pela sua homogeneidade cultural e funcional, pelo que os indivíduos e as instituições não podem ser reduzíveis a uma única lógica (1994: 15). Para ele, existem três lógicas da ação que se combinam na experiência social. Apesar de continuar a existir uma lógica da integração, “os papéis, as posições sociais e a cultura não bastam já para definir os elementos estáveis da ação porque os indivíduos não cumprem um programa, mas têm em vista construir uma unidade a partir dos elementos vários da sua vida social e da multiplicidade das orientações que consigo trazem” (Dubet, 1994: 16). Devido a essa multiplicidade, há uma distância crítica que se pronuncia nos atores e que faz deles também sujeitos. “(...) a distância crítica e a reflexividade dos atores participam plenamente na sua experiência social (...) [e este processo] define a autonomia dos atores, que faz deles sujeitos”, explica Dubet (1994: 17). É a lógica da subjetivação. Pelo meio, o autor introduz ainda a lógica da estratégia, em que a sociedade é concebida como mercado e a competição que daí advém.

Para falar em termos mais concretos e necessariamente grosseiros, poder-se-ia dizer que uma formação social é composta de uma «comunidade», de uma economia e de uma cultura (...) cada experiência social resulta da articulação de três lógicas da ação: a integração, a estratégia e a subjetivação. Cada ator, individual ou coletivo, adota necessariamente estes três registos da ação que definem simultaneamente uma orientação visada pelo ator e uma maneira de conceber as relações com os outros. (Dubet, 1994: 113)

Todavia, cada indivíduo vai articular e combinar essas lógicas da ação de formas diversas, formando a experiência social¹⁷. “(...) eles [tipos da ação] estão inteiramente misturados na mesma experiência social e (que) os atores os abarcam todos. Há poucas probabilidades de que uma experiência social seja identificável com um tipo puro da ação”, sustém o autor (Dubet, 1994: 112). Assim, compreender a atividade do ator significa perceber a forma como ele combina e articula essas lógicas de ação (idem).

Do ponto de vista da integração, “(...) a identidade é vivida como uma *ascription*, uma atribuição social graças à qual o ator se constitui como ser social” (Dubet: 1994:

¹⁷ A experiência social é definida por Dubet como sendo a “noção que designa as condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade dos seus princípios constitutivos, e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido das suas práticas no próprio seio desta heterogeneidade” (1994: 15).

115). Há uma oposição entre «Eles e Nós», o *in-group* e o *out-group*, em que o primeiro “(...) não existe senão na afirmação constante da sua diferença e da sua distância para com o *out-group*” (Dubet, 1994: 116)¹⁸. Contudo, “a parte subjetiva da identidade (...) impede o indivíduo de ser totalmente o seu papel e a sua posição, de ser a sua personagem social” (Dubet, 1994: 131). O sujeito quer ser autor da sua própria vida, existe uma tensão com o que se passa à sua volta¹⁹, somente que esse será sempre um projeto inacabado. “Este empenhamento numa representação cultural do sujeito é vivido (...) como uma «paixão» impossível e desejada (...) ainda que seja na amargura ocasionada pela impossibilidade de realizar plenamente esse projeto” (idem).

Dubet refere “o sentimento de se ser apenas espectador da sua própria vida”, de “estar reduzido a um estereótipo” (1994: 134), como a experiência alienada, causada pelos papéis a que os atores estão sujeitos no seio do «sistema». Neste contexto, a cultura surge como um instrumento que permite “(...) uma crítica social constante, como experiência social banal do sentido comum” (Dubet, 1994: 135). Segundo o autor, o que importa é “(...) a perspectiva escolhida pelos atores que interpretam esses valores do ponto de vista da definição do sujeito” (idem)²⁰ e não tanto “o próprio conteúdo desses valores” (idem). Ou seja, embora não seja possível ao indivíduo ser apenas sujeito, é o facto de ser ator que lhe permite ser sujeito. É quando o Homem conhece os diferentes papéis sociais que «representa» que os pode criticar e gerar o curso da sua própria existência²¹.

Quanto mais se afasta a figura clássica da ação, mais os atores estão empenhados em experiências e mais «ativos» eles são, devendo percorrer um espaço de lógicas cada vez mais afastadas, vendo-se confrontados com identidades e com relações sociais cada vez mais diversificadas (...) as normas de justiça e de permuta que eles estabelecem entre si aparecem então ao sociólogo como verdadeiramente sociais, como «arranjos», como produtos das experiências sociais. (Dubet, 1994: 137)

¹⁸ Como exemplos concretos, Dubet afirma “a divisão dos sexos só existe na sua oposição. As nações só têm realidade nas suas diferenças e nos seus estereótipos.” (1994: 116)

¹⁹ Tensão essa que Dubet refere na conclusão como sendo “(...) entre a conceção da criatividade e da justiça, por um lado, e das relações de dominação, por outro lado” (1994: 259).

²⁰ Como exemplo, Dubet refere a religião: “(...) pode ser ao mesmo tempo o ópio do povo e o instrumento mais frequente da sua resistência e da sua libertação” (1994: 135).

²¹ Diz-nos Dubet na conclusão: “o indivíduo torna-se um sujeito autónomo na distância e no conflito (...) atores que recusam ser reduzidos às categorias do interesse e a da integração (...) os problemas sociais não se reduzem nem à anomia nem à exclusão, mas à destruição da capacidade de ser sujeito (...) é sobretudo pelo conflito que o ator se torna em sujeito, quando ele se opõe à dominação que obsta à sua autonomia e à sua «autenticidade», quando ele opõe a sua individualidade ao «sistema»” (1994: 261, 262).

Para além das teorias da identidade, outro conceito fundamental para a compreensão sociológica do nosso objeto de estudo é o conceito de cultura.

2.3 Um conceito «monstro»: a cultura

2.3.1 Um conceito polissémico e pluridimensional

2.3.1.1. De que falamos quando falamos de cultura?

Para o homem comum, a palavra «cultura» poderá representar algo, de certa forma erudito; uma pessoa culta é «aquela que tem estudos», é privilegiada em relação aos «outros» porque tem conhecimentos considerados «superiores» aos da maioria, é sinónimo do saber. Cultura também poderá ter a ver com as artes em geral: a música, a dança, o teatro, o cinema, etc. (por exemplo, quando ouvimos no telejornal, que lhe foi dedicada aquela mísera percentagem no orçamento do Estado). Cultura poderá ainda ser entendida como o conjunto das tradições, crenças e costumes de determinado grupo social, um património que engloba ainda conhecimentos, experiências, atitudes, valores, religião, língua, hierarquia e mesmo visões do mundo. E o que dizer dos factos geográficos e históricos de uma sociedade, não serão também cultura?

A complexidade deste conceito é tão grande que se poderia mesmo propor a hipótese de que ele só pode ser respondido se lhe acrescentarmos adjetivos, englobando todas as áreas e mais alguma, dando várias respostas. Mesmo assim, nunca estariam completas a cem por cento, como por exemplo: cultura de massas, cultura organizacional, cultura portuguesa, cultura erudita, cultura popular, cultura material, cultura corporal, etc.

Edward Tylor, antropólogo, foi dos primeiros a tentar construir uma definição geral para o termo. Segundo ele a cultura seria, “em seu amplo sentido etnográfico, este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou quaisquer outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Tylor, 1920: 1). Observemos as seis teorias de Duranti (1997), que propõe acerca do que é a cultura na obra *Linguistic Anthropology*, pelo olhar do académico Ebal Filho. Na primeira, encara a cultura como “tudo aquilo que o ser humano produz e que seria oposto à natureza” (Filho, 2012: 34). Para Franz Boas, por exemplo, “o ser humano apreende o mundo sob a ótica da sua cultura, a famosa «lente» (...) que de alguma forma molda a nossa visão de tudo o que vemos” (idem).

Utilizando a sintetização de Goodnough, denomina a segunda teoria de cognitiva, ou seja, são os conhecimentos partilhados pelos membros de uma sociedade e que lhes permitem interagir entre si e com o mundo (idem). Por seu turno, Lévi-Strauss, representante da terceira teoria, considera a cultura como uma forma de representar o mundo que nos rodeia e de compreendê-lo, “adaptações da mente humana aos vários ambientes em que os seres humanos vivem (...)” (idem). Na quarta teoria, Duranti refere-se a Marx, ou seja, a cultura “é tudo aquilo que o homem produz com o intuito de atingir os seus objetivos, seja material ou não” (Filho, 2012: 35). Bourdieu representa, na visão de Duranti, a quinta abordagem ao conceito, vendo-a como um sistema de práticas mediadas pelas relações, que se estabelecem dentro de uma sociedade, abarcando aquelas entre indivíduos e também entre indivíduos e instituições” (idem). O fruto das interações entre os indivíduos seria a interpretação de cultura na sexta teoria descrita por Duranti, ou seja, tudo deve ser entendido no quadro do seu contexto social (idem).

Fazendo uma análise do conceito de ciência da cultura em Max Weber, Diehl (2016:64), explica que “em tese, só seria possível expressar o fenómeno cultura através da experiência e isso passa por aquilo que é especificamente cultural da cultura”. Essa especificidade poderia ser compreendida segundo três lógicas:

- enquanto fenómeno sectorial da cultura: regulador de condutas, com funções de motivação, servindo para tomar uma posição em relação ao mundo e dando-lhe sentido;

- enquanto «passado», que faz parte da memória coletiva e da tradição, “(...) como uma espécie de reserva técnica do presente” (Diehl, 2016:65).

- enquanto possibilidade de “(...) libertação dos homens da sua experiência petrificada na vida quotidiana” (idem). Desta forma e segundo o autor “(...) a cultura assume basicamente três funções genéricas: de motivação de interesses, de orientação temporal e de regulamentação de ações” (idem).

Este autor apresenta ainda três possibilidades conceptuais para definir a cultura. Resumidamente, como um processo que propicia “(...) possibilidades de orientação tanto para objetivos individuais bem como coletivos de ação; cultura são ações direcionadas segundo “(...) modelos de explicação da experiência (...) [e integram a] multiplicidade e heterogeneidade da conduta de vida nas relações sociais” (idem); a cultura representa

princípios éticos e políticos para regular as experiências, levando à construção de modelos normativos (Diehl, 2016: 66).

Por seu turno, Roque Laraia, cientista social brasileiro, define a cultura como “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura” (2001: 68). Este antropólogo brasileiro dá-nos um exemplo *sui generis*: o do riso.

O autor de *Cultura- Um Conceito Antropológico*, diz-nos que “mesmo o exercício de atividades consideradas como parte da fisiologia humana podem refletir diferenças de cultura (...) Todos os homens riem, mas fazem-no de maneira diferente por motivos diversos (...) o riso é totalmente condicionado pelos padrões culturais, apesar de toda a sua fisiologia (Laraia, 2001: 68, 69). Para Laraia (2001: 93), um sistema cultural é composto por categorias e entender a sua lógica depende da compreensão das mesmas. A cultura serve de guia de comportamento e determina como nos vestimos, comportamos em relação aos outros, se o nosso pensamento, ação individual ou coletiva é adequada nos moldes dessa sociedade, enfim a cultura seria o resultado da socialização (Filho, 2012: 35).

Interessante é também o olhar de Herbert Marcuse (1967), que em *Cultura Y Sociedad*, (no capítulo: Acerca del Carácter afirmativo de la Cultura), acredita que existe um conceito de cultura que pode ser um instrumento importante para a investigação social, “porque através dele se expressa a vinculação do espírito com o processo histórico da sociedade” (1967: 49). No seu ponto de vista, esse conceito refere-se ao “todo da vida social”, na medida em que “tanto no âmbito da reprodução ideal (...) («mundo espiritual») como no da reprodução material («civilização») constituem uma unidade histórica diferenciável e apreensível” (1967: 49, 50 Cfr. Studien über die Autorität und Familie, Schriften des Instituts für Sozialforschung, t. V, París, 1936, p. 7 y ss). Todavia, explica o autor, há “outra aplicação muito difundida do conceito de cultura, segundo o qual o mundo espiritual é abstraído de uma totalidade social e desta maneira se eleva a cultura à categoria de um (falso) património coletivo e de uma (falsa) universalidade” (Marcuse, 1967: 50). Segundo ele, a cultura deve estar ao serviço da felicidade dos indivíduos. Porém: “os antagonismos sociais, que se encontram na sua base, só permitem que esta pretensão ingresse na cultura, internalizada e racionalizada” (Marcuse, 1967:

53), reduzindo o Homem ao trabalho material e à ganância, sendo as “(...) forças económicas aquelas que mantêm a vida do todo” (idem). Para Marcuse:

A cultura significa, mais que um mundo melhor, um mundo mais nobre: um mundo ao qual não se há de chegar no mediante a transformação da ordem material da vida, mas mediante algo que acontece na alma do indivíduo. A humanidade transforma-se num estado interno do Homem; a liberdade, a bondade, a beleza, convertem-se em qualidades da alma: compreensão de todo o humano, conhecimento da grandeza de todos os tempos, valorização de todo o difícil e de todo o sublime, respeito perante a história em que tudo isto se sucedeu. (Marcuse, 1967: 56)

De facto, existe uma multiplicidade de formas de definir e interpretar o conceito de cultura, no âmbito das ciências sociais, todas elas tendo sempre em conta os contextos em que estão a ser utilizadas. A visão do mundo está subordinada à cultura, ela intervém na própria existência do Homem, tem uma lógica intrínseca, mas não é de todo inerte, mantendo-se dinâmica. Por isso, a configuração dos seus componentes é extremamente complexa (Alves, 2014).

2.3.1.2 Haverá uma escala universal para «legitimar» a cultura?

Neste contexto, mobilizamos a análise sociológica da cultura de Bernard Lahire e a sua visão da teoria da legitimidade cultural. Em *La Culture des Individus – Dissonances Culturelles et Distinction de Soi*, ele põe parcialmente em causa a teoria da legitimidade cultural, uma vez que tem em consideração as variações intra-individuais dos comportamentos culturais: “quando entramos no detalhe das práticas individuais e dos seus contextos, vemos aparecer a sua diversidade, enquanto que a lógica dos géneros e das categorias pode contribuir para estereotipar as culturas ao nível do grupo” (Lahire, 2004b: 37).

Sendo assim, a legitimidade cultural só existe se um indivíduo, um grupo ou uma comunidade acredita nessa importância e na superioridade de atitudes, atividades e produtos culturais, em comparação com outros. A possibilidade da existência de “uma só e única escala de legitimidade cultural” é nula (Lahire, 2004b: 53). Desta forma:

(...) o fascínio da vida social não passa por tentar agrupar os indivíduos em caixas etiquetadas, criar estereótipos e julgar que, deste modo, entendemos perfeitamente a complexidade do social. Há que ter em conta as “(...) situações «mitigadas», «médias» ou de «meias tintas», intelectualmente menos satisfatórias, apesar de mais próximas do estado real das coisas. (Lahire, 2005: 21)

Daremos, de seguida, um conceito dos mais completos possíveis em relação à cultura e abordaremos a subcultura.

2.3.2. Cultura e o entendimento da subcultura

Para esta dissertação, e tendo em conta os pontos de vista enunciados acima, consideraremos o conceito «dito» dos mais completos, uma vez que resulta da análise de 160 definições retiradas de diferentes ciências sociais. Foi consultado no livro de Mike Brake *The Sociology of Youth Culture and Youth Subcultures*:

A cultura consiste em padrões, explícitos e implícitos de símbolos, constituindo os feitos distintivos dos seres humanos, incluindo a sua materialização em artefactos; o núcleo essencial da cultura consiste em tradicional (isto é, derivado historicamente e seleccionado) ideias e especialmente os valores que lhe são atribuídos; os sistemas culturais podem, por um lado, ser considerados como produtos da ação, e por outro, como elementos condicionadores de ações posteriores. (Brake, 1980: 6)²²

A cultura junta os indivíduos, faz a ligação entre eles, estabelece uma mesma «linguagem» para todos. No entanto, sustenta Mike Brake, numa sociedade complexa, a cultura divide, uma vez que, por definição, uma sociedade mais diferenciada e de maior complexidade “envolve vários subgrupos e subculturas em luta pela legitimidade do seu comportamento, valores e estilo de vida, em oposição à cultura dominante da classe dominante” (1980: 6). E mesmo dentro da classe dominante, podem existir divisões prossegue o autor (1980: 8). Desta forma, podem existir diferentes culturas de classe, dentro de uma mesma sociedade e subculturas que terão elementos partilhados com a cultura de classe a que pertencem, mas são, ao mesmo tempo, distintas (idem).

Como já vimos em Lahire, categorizar será sempre uma ambição perigosa da parte do cientista social, que quererá obter algum tipo de generalização. Contudo, se tivermos em linha de conta a cada vez maior complexidade das sociedades ocidentais ditas «desenvolvidas», sabemos que os indivíduos estão em contacto com uma pluralidade de situações sociais que geram comportamentos, atitudes, gostos que saem fora dessas estruturas e que condenam *a priori* essa sofreguidão dos investigadores sociais. Sem, no entanto, nos tornarmos radicais e perdermos o fio à meada; ou seja, inviabilizando totalmente a possibilidade de poder constituir generalizações, para estudar o mundo

²² Esta definição é da autoria de Kroeber A. L. e de Kluckhohn C. referenciados pelo autor, que sintetizaram esta definição de cultura, baseados na análise de 160 definições retiradas de diferentes ciências sociais.

social, explicadas e argumentadas no seu devido contexto e, sem nunca perder de vista a sociologia à escala individual à maneira do próprio Lahire.

A base de conhecimento disponível para a interpretação da realidade (ou mesmo para a «construção» desta) vai indubitavelmente ser diferente de indivíduo para indivíduo, mediante os contextos sociais com os quais ele contacta, o que vai condicionar os seus pensamentos e, por conseguinte, os seus comportamentos. E isto pode acontecer independentemente da classe socioeconómica a que pertence.

Assim sendo, não afirmaremos que cada subcultura está indubitavelmente ligada a uma «cultura de classe». Ela poderá ser transversal a várias «culturas de classe», mas “terá que desenvolver novos padrões de grupo e um aspeto essencial da sua existência é que forma uma constelação de comportamentos e valores, que apresentam profundo significado simbólico para os atores envolvidos” (Brake, 1980: 9).

As subculturas serão “formas alternativas de expressão cultural (...)” (Brake, 1980: 8). Isto tal como nos dizem Berger e Luckmann, embora numa perspetiva mais radical, com o exemplo dos leprosos. Assim, os indivíduos são atraídos pela subcultura pelo facto de esta oferecer uma imagem de si próprios adequada e consequentemente, uma solução para os seus problemas.

Deste modo, os atores entram em interpretações subculturais da hegemonia dominante, que lhes dá uma perspetiva diferente da realidade social e, por vezes, uma realidade social diferente. São importantes agentes de socialização secundária. Introduzem os valores do mundo fora do trabalho e da escola. (Brake, 1980: 18)

Alguns autores sugerem que esta «subculturização» provem do urbanismo. Grandes áreas urbanas com populações extremamente heterogéneas conduzem a diferenciações estruturais, com consequências que podem passar pela desorganização social, comportamentos desviantes e mesmo anárquicos (Brake, 1980: 10). As subculturas surgiriam nesse contexto, construindo subsistemas sociais, de modo a proteger e a acolher aqueles que não se reveem na «cultura mainstream». Isto não significa que elementos e características dessa subcultura não possam ser absorvidos por essa cultura «maior» (idem). Ou mesmo que a «cultura mainstream» não possa ela própria tentar engolir a subcultura.

Terá a subcultura ter que ser considerada como desviante? Mike Brake com Matza e Sykes (1961) sugerem que “os padrões desviantes dos comportamentos adolescentes são de facto versões não convencionais de tradições convencionais. A cultura *teenager* pode mesmo impedir a adoção de comportamentos e padrões desviantes por parte dos adolescentes” (1980: 89). O autor enumera três tradições juvenis que emergem da “(...) rebelião dominante, criando uma apetência especial para a juventude, uma rebeldia que é frequentemente estigmatizada como sendo imatura e irresponsável (...)” (idem) a delinquência, o «boemianismo»²³ e o radicalismo sumarizados por Brake. Defendendo que o «boemianismo» triunfou sobre o radicalismo, Brake contextualiza o cenário britânico e chega aos anos 50 e ao crescimento da *found generation*, “(...) educada, conformista, suburbana, orientada para o outro, pessoas perdidas na «solidão da multidão»” (1980: 91). No entanto e segundo o autor, o existencialismo já estava a desenvolver “(...) um movimento boémio, que se centrava no misticismo oriental, no jazz, na poesia e nas drogas” (idem).

Nos anos 60, as profundas transformações económicas e sociais, sofridas pela sociedade britânica, levam a uma transformação de pensamento nos agora adolescentes, em relação aos seus pais. Existe «coorte» nessas idades, ou seja, eles partilham uma base histórica comum, o que pode influenciar a consciência geracional (Brake, 1980: 92, 93). Formam-se “(...) grupos enquanto agentes de mudança social, com alternativas intelectuais e organizacionais perante as visões do mundo existentes, valores e estilos de vida”, explica Brake (1980: 93). Segundo ele, “quanto mais intensa é a experiência da subordinação (racismo, sexismo, exploração de classe, discriminação étnica) maior se torna essa continuidade [de pensamento alternativo] que ultrapassa as fronteiras da idade” (idem). Existe um questionamento profundo da ordem política estabelecida, o que conduz a uma identificação geracional e se torna fulcral para o processo de mudança social (idem). Forma-se uma consciência contra a “tecnologia descontrolada”, a “destruição do meio ambiente”, o “declínio da liberdade”, a “inutilidade do trabalho”, a “ausência de comunidade” e a “perda do «eu»” (Brake, 1980: 94).

Segundo Flacks (1971):

²³ Embora a palavra não exista em português adaptamos aqui de «boémio»: indivíduo que vive despreocupadamente. Fonte: boémio in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2021. [consult. 2021-04-02 01:46:01]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/boémio>

(...) a cultura que é necessária para comprometer o nosso estado de desenvolvimento tecnológico é incompatível com o capitalismo. Esta cultura que luta para nascer enfatiza a cooperação em relação à competição, a expressão em relação ao sucesso, o comunismo em relação ao individualismo, tornando a arte mais importante que o dinheiro e dando lugar à autonomia em oposição à obediência. (Citado por Brake, 1980: 94)

Tendo em conta vários autores (Distler 1970 Westhues 1972), Brake sublinha que a subcultura hippie dá uma “expressão imediata ao boemianismo” mais do que se forma enquanto movimento político ativo (idem), sendo que na maioria da literatura norte-americana, a subcultura hippie tem sido explicada enquanto contracultura, contra o «principal inimigo»: a tecnocracia (Brake, 1980: 92).

Falamos aqui do movimento *hippie*, como exemplo, mas sabemos que se desenvolveram inúmeros movimentos, que começaram a ser considerados subculturas, principalmente durante a segunda metade do século XX, como as subculturas *biker* ou a *punk*. Mike Brake evidencia que as “subculturas oferecem uma identidade coletiva, uma referência grupal, que permite desenvolver uma identidade individual «magicamente» libertos das funções atribuídas à casa, escola e trabalho” (1980: 166).

De acordo com o autor, “a cultura juvenil providencia material cognitivo para desenvolver uma carreira alternativa, que é mantida em segredo e em rebelião em relação ao mundo adulto”, sendo uma área livre de “controlo e autoridade” (idem). Para ele, os jovens necessitam de separar-se dos papéis que lhes são impostos pelas instituições sociais. Trata-se de uma “afirmação dramática” acerca da sua diferença e em relação às pressões de que são alvo, “(...) sentindo-se mais livres para explorar e desenvolver aquilo que são” (idem). Daí a imagem/ estilo de rebeldia, «delinquente», que traça a separação em relação ao que a família ou ao que os adultos esperam deles (idem).

Essa atracção pela subcultura, de acordo com Brake (1980: 167), dá-se “(...) naqueles que de certa forma se sentem rejeitados [desajustados socialmente], cuja vida reitera esse isolamento ou alienação, ele/ ela sentem-se *misfits*²⁴ e, dessa forma, os guiões que compõem as subculturas são altamente atrativos”.

²⁴ 1.(pessoa) inadaptado. Em Dicionário infopédia de Inglês - Português [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2021. [consult. 2021-04-04 22:00:31]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/misfit>; social misfits: excluídos sociais. Fonte: <https://www.linguee.pt/portugues-ingles/search?source=auto&query=misfits>

Finalizamos esta mobilização da obra de Brake, fazendo referência ao facto do autor nos falar de um “período temporário” nesta adesão e pertença à subcultura. Ou seja, segundo ele, a subcultura está intimamente ligada à juventude: “(...) fora das forças socializadoras do trabalho e antes daquelas que o casamento tornam importantes” (Brake, 1980: 166). Mas será que esta afirmação «dramática» da diferença não pode continuar além da juventude e ser conjugada com uma profissão, relações conjugais e parentalidade? No século XXI, verificamos que sim, que algumas subculturas se mantêm «vivas» em indivíduos em idade adulta e que nem por isso deixam de estar «integrados» na «sociedade». “Muitos desses grupos baseados na música e no estilo que eram antes referidos sem problemas enquanto culturas juvenis, são agora cada vez mais multigeracionais” (Bennet & Hodkinson, 2012: 2). O que não significa que os participantes da subcultura queiram recusar «crescer» ou assumir compromissos próprios da vida adulta (idem).

Não só os indivíduos continuam a participar no punk, gótico, [metal] (...) e para além dos 30 anos de idade, como muitos também têm paralelamente uma carreira substancial, família e outros compromissos e o desenvolvimento de outras facetas da idade adulta e do envelhecimento. (idem)

2.3.2.1. Subcultura, contracultura, «cena»

Falámos aqui de vários conceitos que podem ser confundidos ou por vezes mal interpretados. Existe, de facto uma tendência para confundir contracultura com subcultura. Segundo Gelain e Carlos, “assim como a contracultura, a subcultura tende a pressupor alguma forma de resistência à cultura dominante - ou seja, existem pontos em comum” (2020: 23). Todavia, as autoras mobilizam Edgard e Sedwick (2003), distinguindo-os:

Contracultura refere-se a grupos capazes de justificar e avaliar intelectualmente a sua posição - por exemplo, os hippies. Já as subculturas articulam a sua oposição servindo-se da exploração do significado de estilos de se vestir e de padrões de comportamento, como por exemplo, os punks, que utilizaram fortemente a sua vestimenta para expressar seu viés ideológico. (idem)

Mas as linhas de diferenciação são ténues. Por exemplo, sendo o metal, no seu sentido generalizado e, segundo a conceptualização de Hein (2019), considerado uma subcultura, isto não significa que dentro dessa imensa complexidade de géneros e subgéneros musicais, que o termo engloba, não existam movimentos “capazes de justificar e avaliar intelectualmente a sua posição” (Gelain & Carlos, 2020: 23).

Segundo elas, “a partir dos anos 1990, teóricos de Birmingham (...) direcionaram as suas análises para o conceito de «pós-subcultura» (Muggleton, 2000), na qual a questão de classe social (Ronsini, 2007) já não se apresenta de modo rígido ou imprescindível para refletir a questão do pertencimento à subcultura: jovens de diferentes classes sociais podem ter reações contrárias à cultura dos pais, contrariando a determinação de Hall e Jeferson (1976) que afirmavam que “(...) as culturas juvenis seriam referentes à cultura da classe social da qual o seu grupo era originário” (Gelain & Carlos, 2020: 21). Isto tal como já tínhamos visto em Brake e tendo em conta a visão de Lahire. Daí, não se optar pela utilização do termo (pós-subcultura) nesta dissertação, embora possamos concordar com a proposição de que “(...) a subcultura não é voltada, necessariamente, ao viés ideológico, mas, em muitos casos, para o estilo estético, onde os processos, anteriormente de resistência ou de justificativa de classe social, hoje também são de identificação (Muggleton, 2000; Amaral, 2006; Guerra, 2013) (idem).

Mobilizaremos mais abaixo o trabalho de Michel Maffesoli, em torno da criação do conceito de «tribo urbana», mas gostaríamos de evidenciar ainda a visão de Bennet (1999), que nos apresenta a conceptualização de «neo-tribo»:

(...) o pertencimento neotribal é relacionado a um leque de gostos, uma vez que o indivíduo pode sentir-se conectado a mais de um estilo musical (...) neotribos são grupos mais fluidos do que as subculturas, grupos contemporâneos e jovens, como por exemplo, o público jovem de dança urbana. (Gelain & Carlos, 2020: 22).

As autoras referem ainda o trabalho de Hesmondhalgh (2005) e o surgimento do conceito de «cena». Começou a ser disseminado e assumido nas pesquisas académicas

(...) com interesse em pesquisar espaços de produção e consumo essencialmente musicais (Guerra, 2010). As cenas seriam enquadramentos, que afirmam territórios sonoros, delineamento de experiências e consumos culturais estruturados por sonoridades, onde os sujeitos das cenas se organizam em diferentes circuitos culturais (Guerra, 2010; Janotti, 2012). O termo «cena musical» (Janotti, 2012; Pereira de Sá, 2013) também começa a ser utilizado para os estudos sobre música «e mais adequado do que o conceito de subcultura para expressar a existência de práticas expressivas e rituais em torno da música» (Guerra, 2010, p. 441). (Gelain & Carlos, 2020: 22).

Ao utilizar este termo, poderemos estar a abordar um espaço geográfico específico, como, dentro do metal, as «cenas» do thrash metal da Bay Area ou do death metal da Flórida. Porém, o termo também pode ser usado tendo em conta “um espaço cultural que transcenderia ao local” (idem).

2.3.2.2. Maffesoli e as «tribos urbanas»

Dentro deste capítulo que engloba a «cultura», não poderia aqui deixar de mobilizar Michel Maffesoli, autor do livro *O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massas*, cuja primeira edição data de 1988, dos primeiros a conceptualizar o termo «tribo urbana».

Na sua introdução, o autor sublinha que as suas considerações sociológicas se irão apoiar num paradoxo crucial: “o vaivém constante que se estabelece entre a massificação crescente e o desenvolvimento dos microgrupos que chamarei «tribos»” (Maffesoli, 1998: 8). Segundo ele, há uma “tensão fundadora” que parece caracterizar o final do século XX, em termos sociais (idem). Ele utiliza a metáfora da tribo para dar conta do processo de “desindividualização, da saturação da «função» que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (*persona*) é chamada a representar dentro dela” (Maffesoli, 1998: 9). Nem as massas, nem as tribos que “nelas se cristalizam” são estáveis (idem).

O «tribalismo» é, para Maffesoli precedido pelas noções de “(...) comunidade emocional, de potência e socialidade que a fundamentam” (1998: 10) e o policulturalismo e a proximidade seguem-se-lhe, enquanto as suas consequências (idem). Estas tribos diz-nos o sociólogo “(...) já fazem parte da paisagem urbana (...) [dando como exemplos] as «aparências» *punk, kiki* ou *paninari*”, sendo exemplos “(...) da nossa vida quotidiana que ilustram “a ambiência emocional que emana do desenvolvimento tribal” (Maffesoli, 1998: 16). Segundo ele, “(...) assistimos tendencialmente à substituição de um «social» racionalizado por uma «socialidade» com dominante empática” (Maffesoli, 1998: 17).

Ao longo da obra, Maffesoli revisita os clássicos e idealiza a comunidade contra a sociedade, sublinhando que “(...) a comunidade emocional é instável, aberta, o que pode torná-la (...) anómica em relação à moral estabelecida” (1998: 22). Todavia, admite o autor “ela não deixa de suscitar um conformismo estrito entre os seus membros” (idem) e expõe a noção de «grupismo» em que “(...) como membro do grupo, conscientemente ou não, se esforça, sobretudo para servir ao interesse do grupo ao invés de simplesmente procurar refúgio nele” (Maffesoli, 1998:23)²⁵.

²⁵ Com nota de rodapé, sendo esta citação de Berque, A., *Vivre l'espace au Japon*, Paris, PUF, 1982, pp. 167, 169.

Na visão do autor, há essa perspectiva «formista», ou seja, a comunidade vai caracterizar-se menos por um projeto de futuro e mais pelo presente: “(...) efetuação *in actu* da pulsão do estar junto” (idem). Situa ainda a importância do «ritual», é ele que lembra à comunidade que ela “«é um corpo» (...) assegura a perdurância do grupo” (Maffesoli, 1998: 25). O sentimento de pertença é indispensável a toda a vida social, prevendo mesmo, bem antes da difusão da Internet, a importância que viriam a ter as redes sociais: “Os bairros ou os prédios ligados por cabo vão talvez viver valores finalmente pouco distantes daqueles que animavam as tribos ou os clãs constituintes das sociedades tradicionais” (Maffesoli, 2000: 57)²⁶.

Tendo em conta Luiz Neves e em jeito de conclusão acerca da obra que dá origem às «tribos urbanas», em Maffesoli, examina-se a importância do político e do económico, reconsidera-se as diferenças entre «cultura» e «civilização», havendo uma “(...) fascinante proposição relativa ao papel da afetividade, da proximidade, do calor humano na constituição social (...) [e] pela significação corajosa atribuída aos aspetos culturais das sociedades humanas (...)” (Maffesoli, 1998).

2.4 O Metal como fenómeno social: Uma incursão pela literatura

2.4.1 A dimensão social do heavy metal e a valorização do seu estudo académico

“Nenhuma descrição única faz justiça à riqueza da dimensão social do heavy metal²⁷” (Weinstein, 2000: 6). Não raras vezes desprezado, mal visto e subestimado pela sociedade em geral, este género musical, envolve, de facto, uma enorme complexidade em termos de análise sociológica.

²⁶ Esta ideia está publicada num texto online da autoria de Jacques Bolo na revista *Exergue*, Outubro 2016, onde ele analisa a obra edição de 2000: *Le Temps des tribus : Le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes*, avec une préface à la troisième édition en juin 2000, coll. « La Petite vermillon », n° 125, éd. La Table ronde, Paris, 2000. Acessível em: <https://www.exergue.com/h/2016-10/tt/maffesoli-tribus.html>

²⁷ O termo «heavy metal» difere do termo «metal», uma vez que este último engloba vários subgéneros que foram surgindo, ao longo dos anos, a partir do heavy metal e do hard rock (Hein, 2019)

De acordo com Harris M. Berger²⁸, embora ainda não seja algo enraizado nas tradições acadêmicas ocidentais, é fundamental o entendimento de que a música é tão passível de análise como qualquer outro modo de expressão” (Walser, 2014: xi). Modos de expressão que são sempre esculpidos pelos contextos históricos, relações de poder em larga escala e “redes firmemente entrelaçadas de elementos sociais e ideológicos nas quais se situam” (idem). Não se trata aqui de usar uma análise formal para “legitimar o estudo do metal como boa música”, mas sobretudo de entender quais os significados, as razões que levam determinados indivíduos a construir as suas vidas à sua volta (idem).

Atualmente, existe mesmo uma entidade - a Sociedade Internacional para os Estudos sobre Música Metal²⁹ – que visa apoiar os estudos acadêmicos sobre o assunto e a sua interdisciplinaridade, organizando conferências, debates, palestras, a nível internacional, e integrando o seu próprio jornal, o *Metal Music Studies*. De facto, há cerca de 20 anos, começaram a desenvolver-se os chamados *metal studies* no âmbito académico, dando origem a uma verdadeira área de estudo. Uma das primeiras grandes obras sobre o assunto é da autoria de Deena Weinstein, socióloga e professora na Universidade DePaul, em Chicago. Em *Heavy Metal: The Music and its Culture*, de 1991, a autora propõe uma visão compreensiva do fenómeno, explicando o seu significado, as suas funções sociais e situando a música no coração de uma rede de relações.

Weinstein utiliza o conceito de Lévi-Strauss de *bricolage* para sublinhar a multiplicidade de elementos culturais que compõe este mundo social, distinguindo-os, tendo em conta alguns aspetos como o som, o visual e as dimensões verbais. Na rede de relações que este género musical engloba, a autora diferencia três componentes: os artistas, os adeptos e a indústria, em interdependência. Dando destaque ao evento estruturante deste movimento: o concerto ao vivo, a autora aborda ainda as controvérsias ligadas a este tipo de música, principalmente no final dos anos 80, com os discursos inflamatórios de certas personalidades no Senado Americano, que acusavam o heavy metal de incitar à violência e ao sexo promíscuo, de estar ligado ao satanismo, à perversão e ao sadomasoquismo. Diz-nos Weinstein, “para muitos dos seus detratores, o heavy metal representa um ataque desavergonhado aos valores centrais da civilização ocidental. Mas, para os seus adeptos, é a melhor música jamais feita” (2000: 3).

²⁸ Autor do prefácio de *Running with the Devil* na edição de 2014.

²⁹ International Society for Metal Music Studies: <https://www.metalstudies.org/>.

Dois anos mais tarde, Robert Walser, musicólogo e professor na Universidade de Case Western Reserve, em Cleveland, publica *Running with the Devil*, em que reitera que se trata de um género musical que pode suscitar reações extremas, podendo comprometer certos valores sociais e suscitar uma certa apreensão. Integrando métodos de análise musical, etnografia e crítica cultural, o autor considera a música heavy metal como um “sistema social significativo” (Walser, 2014: xxiv). Segundo ele, as especificidades harmónicas próprias do estilo formam uma linguagem poderosa e persuasiva (idem), causando um impacto emocional nos seus adeptos. A música proporciona aos seus fãs “um sentido de profundidade espiritual” e de “integração social” (Walser, 2014: xxvi). No mundo do metal, existe uma valorização do sentimento de pertença a uma comunidade, enquanto construção identitária alternativa, resultado da crítica a valores da sociedade ocidental e a uma necessidade de afirmação pessoal. O próprio clima social forneceu o contexto no qual o heavy metal se desenvolveu, tornando-se numa “prática cultural historicamente construída e socialmente contestada” (Walser, 2014: xxvii).

Embora ambas as obras tivessem sido escritas no início dos anos 90 e tenhamos já assistido a mudanças substanciais no mundo metálico e nas sociedades ocidentais contemporâneas, não deixam de ser livros de referência imprescindíveis para o trabalho em curso. Até porque o teor da investigação empírica será também diacrónico, englobando uma visão que se inicia nos finais dos anos 80, atravessa a década de 90, irrompe pelo século XXI e chega até ao momento presente. Período inicial que coincide com a adolescência dos indivíduos pertencentes à nossa população alvo e que marca o desenvolvimento do metal na sua fase de cristalização³⁰, enquanto género musical.

Na sua introdução, Walser compara ensaios de bandas de metal, que presenciou, às práticas rigorosas dos estudantes de música em salas de conservatório. “Existe um sentido paralelo de isolamento para o bem-estar da arte musical e da criatividade, uma busca semelhante de desenvolvimento técnico e precisão de grupo” (2014: xix). Diz-nos o musicólogo que muitos dos jovens que interrogou têm lições privadas, estudam teoria da música e praticam escalas e exercícios durante horas diariamente (idem). Acrescentaria mesmo que os que conseguiam ter essa oportunidade não hesitavam em estudar nas salas

³⁰ Seguindo a teoria de Byrnside *Formation of Musical Style*, p.161, citado por Weinstein, 2000: 7.

do conservatório. Não lhes eram avessos, pelo contrário. A técnica académica permitir-lhes-ia serem ainda mais virtuosos, quando regressassem à sala de ensaios.

Todavia, o heavy metal não gozava de prestígio institucional, nem recebia subsídios governamentais, como os géneros da música clássica associados ao conservatório. Pelo contrário, era objeto de críticas impiedosas e de uma profunda contestação social:

Heavy metal: (...) pútrido, deselegante, tosco, anti-intelectual (mas impossivelmente pretensioso), sombrio, deplorável, terrível, horrível, e música estúpida, por pouco se considera música mesmo, música da morte, música dos mortos, dança do espancamento, dança da derrota e da decadência (...) música feita por imbecis (...). (Ducan, 1984: 36, 37).

É desta forma que Robert Duncan, crítico de rock e autor do livro *The Noise: Notes from a Rock 'N' Roll Era* descreve o género musical em 1984. Se considerarmos que se trata de alguém que aprecia rock n' roll, só podemos imaginar o que pensariam e diriam os tentáculos mais tradicionalistas e conservadores da sociedade em geral.

“Contém os elementos do ódio, o espírito da maldade” (idem)³¹, alega Joe Struessy, um professor de música da Universidade do Texas, que foi também conselheiro do Parent Music Resource Center³². “(...) [tem] um respeito considerável pelos valores satânicos da crueldade, das drogas, da fealdade, da depressão, autoindulgência, violência, barulho e confusão e da tristeza” (Weinstein, 2000: 2)³³, pode ler-se num trabalho académico sobre satanismo acerca do heavy metal. De acordo com as conclusões do autor, o satanismo teria esmorecido depois dos anos 70, mas continuado vivo pela via deste estilo musical.

De facto, para a grande maioria da sociedade nos anos 80/90, o heavy metal traduz-se num “ataque desenvergonhado aos valores centrais da civilização ocidental” (Weinstein, 2000: 3). “(...) numa recente pesquisa de marketing, descobriu-se que dez milhões de pessoas nos EUA «gostam» ou «gostam bastante» de heavy metal – e que 19

³¹ Testemunho de Joe Struessy, Congresso dos EUA, *Record Labeling* (audiência do senado 99 – 529), 117 (nota da autora).

³² O *Parent Music Resource Center* foi um comité criado em 1985 nos EUA para «controlar» o acesso à música considerada violenta, de teor sexual ou com referência ao uso de drogas, pela rotulagem dos álbuns com o selo *Parental Advisory- Explicit Content*. Para mais informações, consultar: «You Ask, We Answer: 'Parental Advisory' Labels -- The Criteria And The History». NPR.org (em inglês). Disponível em: <https://www.npr.org/sections/therecord/2010/10/29/130905176/you-ask-we-answer-parental-advisory---why-when-how?t=1627868702995>.

³³ Jeffrey Burton Russel, *Mephistopheles*, p. 256 (nota da autora).

milhões «desgostam bastante [do género]» (Walser, 2014: xxi), enfatiza o autor de *Running with the Devil*. Isto significa que a posição que se toma em relação a este género de música é extrema, seja do lado positivo ou negativo, daí se concluir que «mexe» com valores sociais e é motor gerador de tensões (idem).

2.4.2. Contextualização histórica do Heavy metal

Historicamente e tendo em conta os EUA, país a que se referem os dois primeiros autores citados, este género musical nasce no seguimento de uma revolução juvenil fracassada. Tomando por base a descrição de Weinstein, a cultura juvenil atingiu o seu nível mais unificado entre 1966 e 1968 e a sua queda decorre sobretudo depois de 1969. Alguns eventos que conduziram a essa situação foram, por exemplo, as ações policiais decorridas em cidades dos EUA, em França e no México, os assassinatos de Martin Luther King e Robert Kennedy e o acontecimento de Altamont³⁴ (Weinstein, 2000: 13). A juntar a isto, e em termos económicos, ambos os EUA e a Europa atravessam um período de desindustrialização e é precisamente nas cidades industriais em transformação que surgem os primeiros grandes nomes do panorama metálico. “Se se pudesse dizer que o metal começou num único sítio, seria Birmingham, Inglaterra, a cidade industrial, cuja classe trabalhadora gerou o Ozzy Osbourne, Black Sabbath e Judas Priest nos finais dos anos 60 e inícios dos anos 70” (Walser, 2014: xx). Essas bandas ocupam precisamente o espaço das fábricas abandonadas pela indústria (idem).

De facto, não existe uma data ou um local precisos para determinar, no tempo e no espaço, o nascimento deste tipo de música. De acordo com Ronald Byrnside, existem várias fases pelas quais passam os géneros musicais: a formação, a cristalização e a decadência (Weinstein, 2000: 7). O heavy metal surge de um complexo cultural enorme, a que chamamos música rock, que por sua vez já tinha crescido do *rock and roll* dos anos 50 (Weinstein, 2000: 11). Durante o período de formação, já se vislumbram algumas das características do novo estilo que está a surgir, mas ainda não existe um código concreto, que permita distinguir o género novo daqueles que estão na sua génese. De acordo com Weinstein, para o heavy metal, essa fase ocorre entre 1969 e 1972 (2000: 14). A meio dos anos 70, cristaliza-se o género. O código concreto ao qual obedece aparece primeiro em

³⁴ Festival de música que decorreu em 1969, em que houve mortes e feridos e uma grande polémica pela contratação dos Hell's Angels enquanto seguranças. Para mais informações consultar a revista *Rolling Stone*: <https://www.rollingstone.com/feature/the-rolling-stones-disaster-at-altamont-let-it-bleed-71299/>.

músicas isoladamente e depois começam a surgir bandas e conjuntos de bandas que seguem esse código, em todo o seu trabalho. Quando esses conjuntos de bandas ganham consciência de que estão a obedecer a regras específicas que originaram um código concreto e este começa a servir de exemplo para outras bandas, podemos dizer que o género está cristalizado (idem).

De acordo com Tom Leão (1997: 12), é na banda sonora do filme *Easy Rider*, de 1969 que aparece, pela primeira a expressão «heavy metal thunder», na música *Born to be Wild* da banda Steppenwolf³⁵. Mas terá sido Lester Bangs³⁶ “que primeiro empregou o termo «heavy metal» para definir as bandas barulhentas” (Leão, 1997: 17). Segundo o autor, as bandas pioneiras e fundamentais, que contribuíram para este género musical, na viragem dos anos 60 para os anos 70, englobam Led Zeppelin, Steppenwolf, Iron Butterfly, as bandas obscuras dos anos 70 como Blue Cheer ou Vanilla Fudge e as bandas clássicas, como Black Sabbath (que mais reuniu todos os conceitos atribuídos ao género musical), Deep Purple, Kiss, AC/DC, Motörhead ou Van Halen (Leão, 1997 :16).

Existe uma certa polémica, quanto ao país que representa o verdadeiro berço deste género musical. Para Leão, há características em ambos os países - EUA e Reino Unido - que fazem deles pioneiros no género: “se levarmos em conta a nacionalidade de William Burroughs (...) bem como do crítico musical que primeiro empregou o termo «heavy metal» (...) os americanos levam para si a paternidade” (idem). “Mas se notarmos que foram bandas inglesas (...) em suas músicas, dos feedbacks e distorções característicos do metal (...), os ingleses levam a criança para casa sem conversa” (Leão, 1997: 17). Na parte do visual, diz-nos o autor, tanto os *rockers* e *teddy boys* ingleses como os motoqueiros norte-americanos usavam indumentária, mais tarde utilizada pelos metálicos, como os casacos de cabedal, as calças justas e as t-shirts pretas. Os americanos levam vantagem na parte dos instrumentos, já que foi nos EUA, segundo Leão (idem) que surgiram as primeiras «grandes» guitarras como a Fender Broadcaster. “Melhor fazer dos EUA o pai, e da Inglaterra a mãe” (idem).

³⁵ Embora, segundo o mesmo autor, o termo já tivesse aparecido no livro *Almoço Nu* de William S. Burroughs, publicado em Paris em 1959 e nos EUA em 1962.

³⁶ Crítico musical que publicou um artigo, empregando pela primeira vez o termo na revista *Rolling Stone* em 1971 de acordo com Leão (1997: 17).

Para Sam Dunn³⁷, em debate com Martin Popoff³⁸, no programa *Lock Horns* da BangerTV, no seu episódio 19³⁹, a corrente New Wave of British Heavy Metal (NWOBHM) pode representar o «nascimento» do heavy metal propriamente dito, “enquanto cultura com identidade própria em forma de música”⁴⁰. Segundo Martin Popoff, o surgimento desta corrente foi influenciado por bandas dos finais dos anos 60, mas existem elementos que estabelecem fronteiras. Por exemplo, o facto de não terem baladas nos seus álbuns, a música ser mais acelerada e mais técnica e usarem-se duas guitarras em vez de uma. As capas dos álbuns começam a surgir ilustradas com monstros e as bandas soam muito mais «violentas». Em relação ao estilo, os fãs e as bandas integradas nesta corrente começaram a adotar um novo look. “Mantêm os cabelos compridos dos anos 60/70 da cena *hippie* e *proggy*, mas havia um novo uniforme: casacos de cabedal ou de ganga, que incluíam adereços como picos e *patches* (algumas coisas tiradas ao punk), as calças de ganga justas, os ténis, os cintos de balas, uma mistura entre estilo punk e rocker”⁴¹.

Em termos de temas abordados, não podemos dizer que o heavy metal da corrente NWOBHM tenha um cunho político estabelecido como o Punk tinha na altura. No entanto, não nos podemos esquecer que a maior parte destas primeiras bandas evoluíram num contexto histórico conservador e que a crítica social estava bem presente nas letras de algumas destas bandas. Iron Maiden, por exemplo, aborda temas relacionados com a História, a literatura, a guerra, a mitologia, a sociedade ou a religião, muitas vezes de forma provocatória. Exemplo das letras das músicas *Bring your Daughter... To the Slaughter*, *The Number of the Beast* ou mesmo a capa do single de 1980 *Sanctuary* (em que temos o Eddie - mascote da banda - a assassinar Margareth Thatcher). Venom, outra banda da NWOBHM, formada em 1979, vai mais longe com letras satânicas e blasfémicas, como em *In League with Satan*.

A paixão por este género musical, por parte dos seus adeptos, é tão grande que foram eles que o mantiveram vivo, após as grandes editoras e os principais meios de comunicação social o terem «abandonado», no início dos anos 90. Foram os fãs/ bandas

³⁷ Antropólogo, baixista, cineasta, músico e pesquisador canadiano. Realizador de vários documentários sobre o heavy metal.

³⁸ Jornalista, crítico de música e autor de vários livros sobre heavy metal.

³⁹ https://www.youtube.com/watch?v=KKu6nUK9Y_k

⁴⁰ Traduzido do Inglês: “as self identified culture in forms of music”.

⁴¹ Afirmações retiradas do programa referido (Martin Popoff).

que criaram as suas próprias editoras, revistas, concertos locais, esforçando-se e fazendo de maneira a que ele sobrevivesse (Mirabella, 2017:3)⁴². “Desde os anos 70 que o metal conseguiu constantemente renovar-se a ele próprio durante cinco décadas até hoje, espalhando-se pelo mundo e ganhando fãs em todos os continentes, inspirando bandas em pelo menos 170 países no mundo” (idem).

O que nos diz Mirabella (e os administradores do site consultado - Metalarchives.com 2017) não deixa de ser verdade, principalmente se estivermos a falar de géneros mais *underground* e menos populares como o death metal, o black metal ou o grind core. No entanto, não nos podemos esquecer do sucesso incontornável de bandas como Metallica ou Iron Maiden, que continuam ativas com tournées internacionais, valendo milhões de euros. Mas, em relação ao apoio incontestável dos fãs para manter o estilo vivo, sobretudo em termos de subgéneros menos populares em relação ao *mainstream*⁴³, existe de facto uma espécie de apoio «comunitário» entre bandas e fãs, que por vezes não se distinguem. Isto acontece porque no metal, muitos «fãs» são também músicos e vice-versa, como veremos claramente no capítulo dedicado à apresentação e discussão dos resultados empíricos.

Podemos, de facto, falar em laços comunitários no mundo do metal, uma vez que os seus adeptos se apoiam uns nos outros para manter o estilo vivo. Desde o início do género, que a troca tem sido o veículo principal para espalhar a música, com amigos por correspondência de diferentes áreas do mundo.

Os metálicos têm um grande sentimento de «compromisso em relação à ideia de comunidade e músicos e fãs passam horas tocando e ensaiando, viajando para ver os shows, comprometendo-se em correspondência com outros e fazendo o trabalho necessário para criar e manter ambos: a rede local, mas também uma rede social difundida mundialmente - esta orientação é típica na maioria dos cenários de metal em todo o mundo. (Mirabella, 2017: 12)

Esta prática da troca de cassetes e de fanzines fotocopiadas esteve na base do desenvolvimento da comunidade do metal a nível global, uma vez que permitia ultrapassar distâncias geográficas, principalmente nos anos 80 e inícios dos anos 90. A partilha entre adeptos manteve-se ao longo dos anos, simplesmente com novas

⁴² Com referência à fonte: Metalarchives.com 2017.

⁴³ Utilizamos esta expressão em inglês para designar a corrente «dominante» em termos musicais conhecida pela sociedade em geral, em oposição ao *underground*, o que existe mais na clandestinidade e é desconhecido do público em geral.

ferramentas, como nos dizem os autores de *Metal Rules the Globe : Heavy Metal Music Around the World* Wallach, Berger & Greene, aqui citados por Mirabella: “«Agora usam o e-mail, sites de Internet, os blogs, o YouTube, o os MP3s para essas conexões»” (idem).

2.4.3. Como definir o heavy metal: um *melting pot* de significados

Deparamo-nos com várias dificuldades quando tentamos espremer o significado do heavy metal ou «metal»⁴⁴.

O Heavy metal não tem um significado único, nem mesmo uma descrição única. É um composto de diferentes elementos (...) uma coleção de elementos culturais (...) existem por si próprios tanto quanto existem para o todo (...) cuja coesão se mantém por interdependência, afinidade, analogia e similaridade estética. (Weinstein, 2000: 5)

Para Weinstein: o som, o visual e as dimensões verbais, estes três aspetos, que acabámos de mencionar resumidamente pela voz de Dunn e Popoff, têm contribuições cruciais para a definição do heavy metal, que é um género musical e que deu origem a uma subcultura (2000:7). Existem códigos sonoros que têm de ser respeitados para que determinada música esteja incluída no género. “Um género requer determinado som, que é produzido de acordo com convenções de composição, instrumentalização e performance” (Weinstein, 2000: 6). A dimensão visual de que fala Weinstein também pode estar relacionada com as capas dos discos e não apenas com a indumentária característica dos metálicos e, para a música que contém letras (existem músicas apenas instrumentais), vai conceder-lhe uma dimensão adicional de significado. Não nos podemos esquecer que a voz é mais um instrumento musical, integrado no conjunto e a sua força está no poder de comunicar emoções humanas. Para Simon Frith (2007), o tom da voz é crucial, tem mais importância do que as palavras em si. E isto é especialmente verdade quando falamos de heavy metal, diz-nos Weinstein (2000:126). A voz está centrada na transmissão de emoção, daí que não haja qualquer relutância em que as letras sejam gritadas e mesmo, principalmente em subgéneros mais extremos (como o death metal ou o grind core), em que as letras sejam «grunhidas», em vez de cantadas. Segundo Frith (2007), podemos de facto identificar-nos com uma música, mesmo que as letras sejam cantadas num idioma que não entendemos ou sejam «grunhidas», sendo que é à voz em si e não às letras que o ouvinte responde num primeiro instante.

⁴⁴ Termo que tomaremos na conceção de Fabien Hein (2004), como veremos adiante.

A música é primordial, está no topo quando se fala de metal. Ela está na base da formação e da legitimação desta subcultura. É, digamos, o motor, o coração sem o qual ela não funciona. De acordo com Weinstein, é também a música que injeta um orgulho inabalável nos seus membros. Evidencia a autora (2000: 143): “o orgulho mais profundo de um membro da subcultura do metal é o de ser um apreciador de boa música”. Por vezes, é mesmo vista como uma oferenda vinda dos deuses, «the metal gods». Não tanto num sentido mitológico, uma vez que os artistas são fãs, tais como quaisquer outros membros da subcultura, mas vendo-os como os criadores de algo que trespassa o real por ser apreciado de forma tão intensa, proporcionando experiências emocionais extremas, de catarse e euforia. Por isso, “a obrigação, tomada de forma voluntária, do apreciador é oferecer lealdade” (Weinstein, 2000: 143)⁴⁵.

Esta busca de sensações de prazer sensorial é, de acordo com Fabien Hein doutorado em Sociologia e professor na Universidade Paul Verlaine em Metz, uma das razões que leva à prática do metal. Em *Hard Rock, Heavy Metal, Metal – Histoire, Cultures et Pratiquants*, de 2004 e no capítulo dedicado aos adeptos, o sociólogo explica e enumera os contextos sociofamiliares que levam à descoberta e ao apego por este tipo de música, ao que ele chama *l’attachement*. Para Hein, o encontro do indivíduo com este tipo de música pode provocar um *coup de foudre*, um enamoramento repentino (Hein, 2019), o tal «clique» que os nossos entrevistados portugueses também mencionam, como veremos na exposição e interpretação dos dados empíricos. Este encontro decisivo transforma-se num apego passional. Como exemplos, o autor cita Noé de 33 anos: “É uma paixão da qual fazemos a nossa vida” e Jérôme de 27 anos: “Eu vivo só para isso” (Hein, 2019: cap. 6; 23, 24). O adepto deverá então “proclamar o objeto do seu amor”, “«metalar» a sua vida” (Hein, 2019: cap. 6, 48), o que daí advém a exteriorização em termos de vestuário, por exemplo.

Ou seja, Hein destaca que o contacto com o género musical pode despertar no indivíduo sensações de prazer sensorial, que conduzem a um apego, uma vez que ele procurará manter e repetir essas sensações. Sem esquecer, contudo, que esse apego

⁴⁵ Isto, desde que não ultrapassem certas fronteiras. “Por exemplo, quando Judas Priest tentou modificar o seu som, usando elementos associados com a música pop disco, os fãs denunciaram o álbum *Turbo*. Castigados, no seu esboço seguinte, *Ram it Down*, regressaram ao seu som original” (Weinstein, 2000: 137). Metallica foram e continuam a ser crucificados pelos membros da subcultura metálica pela mudança sonora ocorrida com o «black álbum» e Sepultura «nunca mais foram os mesmos» para milhares de fãs depois de lançarem o álbum *Chaos AD*.

passional é determinado pelo contexto social, como nos diz Deena Weinstein: “o amor por certo tipo de música não é algo inato, atemporal ou espontâneo; esse amor é nutrido pelas relações sociais” (2000: 121). Daí o engajamento, a dedicação e a lealdade à música, que dá origem a uma união social, aqui traduzida numa subcultura. Fazer parte de uma rede metal local e seguidamente de uma rede metal mundo traz ainda reconhecimento social aos praticantes, de acordo com o autor (Hein, 2019: conclusion, 9).

Igualmente interessante é o trabalho de Harris M. Berger e o seu artigo científico *Death Metal Tonality and the Act of Listening*, em que ele expõe os resultados do seu trabalho de campo sobre a comunidade de death metal de uma pequena cidade em Ohio, nos EUA (Akron). A subcultura é apontada como uma saída para a apatia, uma forma de ultrapassar sentimentos negativos e frustrações (Berger, 1999: 172,173).

Torna-se uma missão que roça o impossível descrever exaustivamente todos os aspectos, que fazem parte do mundo metálico. Tal como nos diz Deena Weinstein:

(...) a subcultura do heavy metal não é apenas um conjunto de significantes e práticas que se referem a uma prática musical. É muito mais um estilo de vida na sua totalidade, que inclui a música como o seu principal componente, mas usa a música para adotar e expressar um sentido de vida. (2000: 139, 140).

Todavia e, tendo em conta os objetivos desta dissertação, torna-se fundamental empregar o termo «metal», tal como o concebe Fabien Hein, enquanto “comodidade de linguagem” (Hein, 2019, introduction, 1). Segundo ele:

O que agrupamos hoje sob o termo «metal» é fruto de uma história musical, cujo início remonta há mais de 30 anos. Designa uma multiplicidade de géneros e subgéneros musicais provenientes do aparecimento do hard rock e do heavy metal e resulta de uma agregação semântica, em consequência da erosão e da interpenetração destes termos durante os anos 80. (Hein, 2019, introduction, 1)

Distinguimos aqui a relevância deste contributo linguístico que nos permite reunir todos os «géneros», «subgéneros» e «sub-sub géneros» atuais sob um único termo, sendo por isso mobilizado frequentemente ao longo desta investigação⁴⁶.

⁴⁶ Embora a autora Deena Weinstein (2000) empregue mais o termo heavy metal e faça uma subdivisão dentro do termo entre o lite e o thrash metal, hoje em dia o termo «metal» tornar-se-á mais adequado, tendo em conta a multiplicidade de subgéneros que foram surgindo ao longo dos anos (não nos esqueçamos que o livro de Weinstein foi publicado pela primeira vez em 1991, há já três décadas).

2.4.4 A subcultura metálica: aspetos ligados à exteriorização

Embora a música detenha um lugar privilegiado e seja a principal causa de existência do movimento, podendo mesmo concluir-se que não é a música que serve a subcultura, mas o contrário (Weinstein, 2000: 143), existem outros aspetos que o caracterizam. Como já vimos, trata-se de um conjunto em que todas as partes estão interligadas e são interdependentes. Fazem sentido no seu todo e têm explicações e causas que se prendem com significados intrínsecos, mas também com os contextos sócio históricos em que se desenvolveram. Têm que ver com a dimensão visual do heavy metal, mas também com atitudes e comportamentos associados a esta subcultura.

Deena Weinstein (2000: 127) defende que o heavy metal foi beber influências culturais a duas subculturas juvenis pré-existentes: a *biker* e a *hippie*. Absorveu a irreverência e a agressividade da primeira, traduzindo-se numa rejeição ao pacifismo «exagerado» da segunda, mas adotou também muitos *riffs* do rock/ blues que os defensores da paz já ouviam (e os cabelos compridos).

Os componentes do estilo servem funções sociais, psicossociais e simbólicas. O estilo diferencia «os que estão dentro» (insiders) daqueles que «estão fora» (outsiders), permitindo aos indivíduos criar identidades. Ao fornecer formas para expressar atitudes, valores e normas, o estilo assume o carácter de um texto legível. (Weinstein, 2000: 127)

Desde logo a indumentária: calças de ganga, t-shirts de bandas, botas ou ténis bota e casacos de cabedal ou de ganga, com cintos de balas ou de picos. As t-shirts são vestidas com orgulho e representam, não apenas uma forma de expressão individual, mas também podem ser um incentivo ao contacto verbal com outros membros da subcultura. Era comum, pelo menos até meados dos anos 90, discutir-se toda a discografia de uma banda por causa de um logotipo numa t-shirt de um desconhecido, que graças àquela camisola, passava a fazer «parte da família».

As t-shirts que fazem alusão a uma tournée, normalmente vendidas em concertos, são mais valiosas do que aquelas que são compradas nas lojas e aquelas que provêm de tournées antigas são as mais respeitadas (...) quanto mais antiga é a t-shirt, mais antigo é o compromisso [para com uma banda ou para com o metal enquanto género musical]. (idem)

No modo de vestir metal, há um elemento específico que merece uma atenção particular: o *battle jacket*. Trata-se de uma peça «confeccionada» pelo adepto com especial carinho e empenho.

Um battle jacket não é para qualquer um. É preciso amor, dedicação e desapego ao dinheiro (em favor da devoção). A peça existe nos mais variados tamanhos, formas, feitios. E para todos os gostos: os que só têm patches [motivos das bandas bordados coloridos ou a preto e branco], os que levam tachas ou spikes, os que levam correntes, os que levam pins (...) A matéria-prima é o casaco. Ou colete. Normalmente, de ganga preta ou azul, mas também os há em couro (...) Escolhido o casaco, vêm os patches. Aqui começa a paixão. E a miséria. Horas e horas são dedicadas à escolha das bandas cujos quadrinhos haveremos nós próprios de coser (...) o traje academicus metallicus de um thrasher que siga todas as regras da cena fica quase ao mesmo preço que vestir Lacoste da cabeça aos pés. (Silva, 2013)

Originário da subcultura dos *bikers*, é uma peça fundamental de qualquer metálico que se preze.

O uso de anéis e colares prateados, com símbolos da mitologia ocidental também podem ser usados, como caveiras, dragões, serpentes (representantes do caos e do perigo) (Weinstein, 2000: 128) e também são comuns os brincos de argolas e os piercings. Hoje em dia, embora, hajam variações na indumentária, tendo em conta o subgénero a que nos referimos, estas serão, em traços largos, as principais características visuais do *metalhead*⁴⁷. Além do cabelo comprido, claro, resgatado da subcultura *hippie*. “É muito comprido. O cabelo comprido é a característica distintiva mais crucial da moda metal” (Weinstein, 2000: 129). Tem significados próprios e funções importantes, não é apenas um aspeto estético. De acordo com Weinstein, pode ser considerado como “um estigma voluntário” (idem). Como é difícil de esconder, permite excluir os metaleiros de fim-de-semana, aqueles que não estão 100 por cento dedicados à causa, que têm “um compromisso em part-time com o heavy metal” (idem). Além disso, é o cabelo comprido que permite desfrutar do *headbanging*⁴⁸.

No metal, a dança existe, mas em moldes muito próprios⁴⁹. “A solução para o problema do movimento do corpo foi criar um código de resposta gestual à música que

⁴⁷ Adepto de metal.

⁴⁸ Significa mover a cabeça para a frente e para trás, ou mesmo fazendo-a rodopiar freneticamente ao som da música.

⁴⁹ De acordo com Weinstein (2000), a dança no seu sentido mais comum não poderia fazer parte do movimento metal, uma vez que este traduz uma certa continuação da contracultura dos anos 60, em que as pessoas assistiam sentadas aos concertos de música psicadélica e de intervenção política para se

poderia ser partilhado em comum” (Weinstein, 2000: 130). Mover a cabeça para a frente e para trás acompanha a batida da música e os cabelos compridos esvoaçam no ar.⁵⁰ Outra prática comum entre esta subcultura é a das tatuagens. “A tatuagem é uma marca especial de lealdade para com a subcultura do metal; é permanente” (Weinstein, 2000: 129) e quanto maior e mais difícil de esconder for, mais compromisso demonstra.

A socióloga sublinha que existe mesmo um andar próprio dos metálicos. “O termo «lumbering» [mover-se devagar, com um andar pesado e desajeitado]⁵¹ pode ser um adjetivo apropriado para um estilo de andar que se parece com o movimento de um levantamento de peso” (Weinstein, 2000: 132).

No que respeita às drogas, elas são vistas não apenas como «consumo», mas também como objetos simbólicos. Fazem parte da subcultura, principalmente a cerveja e a cannabis, a primeira «tirada» dos *bikers* e a segunda «emprestada» dos *hippies*. “(...) são materiais de mediação, fisicamente ou pelo menos psico farmacêuticamente, encontrando-se entre o consumidor e o mundo exterior” (idem). Para Weinstein, as drogas fazem parte da subcultura do metal, mas “(...) nunca ganharam a centralidade simbólica que tinham para a contracultura juvenil [*hippies*]” (Weinstein, 2000: 133). Ou seja, não são vistas como um meio de proporcionar uma viagem ao interior da mente, de autoconhecimento ou como uma experiência exótica, mas sim como uma forma de “(...) alcançar uma catarse física e emocional” (Weinstein, 2000: 134).

2.4.5 A importância dos concertos

Tal como já referimos, a exposição à música metal proporciona experiências emocionais intensas, de catarse e euforia por parte dos seus adeptos. E quando falamos de concertos ao vivo, estes potenciam essas experiências a atingir o seu máximo, uma vez que permitem a interação dos adeptos com os músicos e dos adeptos entre si fisicamente. É a consumação, a consecução plena da prática metálica: o êxtase.

concentrem nas letras; por outro lado a dança, invoca erotismo na cultura ocidental e os metálicos privilegiam as relações de amizade entre eles em oposição à «sedução» do sexo feminino.

⁵⁰ Além do *headbanging*, existem outros tipos de «dança» no metal, como o *mosh*, ou o *wall of death*, como veremos de seguida, na parte dedicada à importância dos concertos ou o *crowdsurfing* (quando os adeptos são transportados pela e por cima da multidão) ou o *stagediving* (quando os adeptos sobem para cima do palco para, de seguida, se lançarem para cima da multidão).

⁵¹ Com: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/lumbering> e descrição da própria autora.

De acordo com Weinstein (2000: 213), o concerto de heavy metal engloba uma imensa variedade de ações comunicativas, que produzem “três resultados distintos ou consumações”. As sensações de prazer são ampliadas pelo facto de se viver o momento. Aquele evento é único. Por outro lado, é no concerto que “(...) a constituição do metal enquanto forma cultural se torna concreta (...)” (Weinstein, 2000: 199). Isto porque, e seguindo a lógica da socióloga, todos os intervenientes se encontram: a audiência, os artistas e a indústria (idem).

“(...) [É] uma oportunidade de representar e afirmar os valores e as normas da subcultura do heavy metal, para concretizar esta subcultura em comunidade (Weinstein, 2000: 218). Segundo ela, o concerto é “um emaranhado semiótico” (idem). Além da música que engloba as letras e o som, há que ter em conta a linguagem corporal dos músicos, bem como a comunicação realizada através do design dos palcos ou do sistema de luzes (idem). Há um espetáculo visual subjacente que inclui, por exemplo, os monstros horríficos que adornam as capas dos discos⁵². “A cultura heavy metal identifica-se, ou pelo menos, é fascinada pelo monstro, que é temido e excluído da sociedade”, sublinha Weinstein (2000: 219).

Não menos importante são as ligações que se criam entre os membros da audiência durante o concerto. “Aquele comunidade é, com certeza, uma imagem de uma comunidade contínua, mas durante algumas horas, concretiza-se genuinamente (...)” (Weinstein, 2000: 224). Há uma partilha através de comportamentos reconhecidos dentro da subcultura, que geram harmonia e solidariedade. Para «quem vê de fora», um *mosh pit* (área em frente ao palco onde os adeptos dançam de forma desenfreada colidindo propositadamente uns com os outros) ou um *wall of death* (quando os adeptos formam duas alas e chocam violentamente uns contra os outros) podem parecer loucura, mas para os *metalheads* são formas de expressão e de coesão social. “Tais rituais sociais, quando eficazes, ajudam a carregar emocionalmente os interesses desses grupos comuns, elevando-os a direitos morais e cercando-os com uma espécie de «halo de retidão» simbólico” (Weinstein, 2000: 225).

⁵² Um bom exemplo são os concertos de Iron Maiden, onde o alter-ego da banda (Eddie) está sempre presente.

2.4.6 Questões de género no heavy metal

Embora os papéis de género nas sociedades sejam construções sociais e culturais em constante mutação, para Walser, “o heavy metal é, inevitavelmente, um discurso marcado pelo patriarcado” (Walser, 2014: 109). Os homens ocupam um papel central. De facto, a música, a linguagem, os códigos e os símbolos associados à subcultura foram inicialmente criados por homens e não por mulheres. A agressividade, presente no género musical não era de todo feminina e a masculinidade hegemónica dominante das sociedades capitalistas ocidentais estava bem mais presente há 40 anos atrás.

As grandes transformações sociais, ocorridas nestas últimas décadas, alteraram profundamente os papéis de género numa multiplicidade de dimensões. Por consequência, terão exercido as suas influências na «estratificação», em termos de diferenciação sexual, e do lugar das mulheres no seio da subcultura.

Weinstein entende que: “enquanto masculinizada e esmagadoramente constituída por grupos masculinos, com uma ideologia heterossexual extrema, a subcultura do heavy metal enfatiza a conexão entre homens e não o casal homem-mulher” (2000: 130). Segundo ela, o estilo é masculino e as mulheres que queiram fazer parte da subcultura terão de o fazer em termos «masculinizados» (2000: 134). A autora vai mais longe ao afirmar que “as mulheres são alienígenas na subcultura do heavy metal, por causa da sua alteridade. Os homens não se conectam com elas através da identificação” (Weinstein, 2000: 135). “Se quiseres chamá-lo sexista [heavy metal], estarias esquecendo algo: masculino na cultura ocidental significa liberdade e as mulheres estão sempre a tentar atá-los e domesticá-los; assim isso faz parte do aspeto da masculinidade”, assegura Weinstein⁵³.

Estas afirmações são questionáveis hoje em dia, mas também podem ser alvo de crítica, a partir do momento em que as mulheres começam a reivindicar o seu lugar no mundo metálico. Donna Gaines, socióloga norte-americana e autora de várias obras sobre cultura juvenil⁵⁴ afirmava em 2005 para o documentário *Metal, a Headbanger's Journey*⁵⁵: “na era clássica do heavy metal, as mulheres não participaram realmente, não

⁵³ No documentário *Metal, a Headbanger's Journey* (<https://www.youtube.com/watch?v=Mv-yrawbSgw>).

⁵⁴ Como por exemplo, o seu primeiro livro publicado em 1991: *Teenage Wasteland: Suburbia's Dead End Kids*, que a revista *Rolling Stones* considerou ser «o melhor livro sobre cultura juvenil». Fonte: <https://donnagaines.com/biography/>

⁵⁵ Da autoria de Sam Dunn, antropólogo canadiano: <https://www.youtube.com/watch?v=Mv-yrawbSgw>

criaram, não tiveram nenhum poder nisto. Simplesmente seguravam o casaco do namorado a um canto do *pit*. Até que algo aconteceu...”.

Em 1978, as *Girlschool* lançam o seu primeiro single, seguindo-se o álbum *Demolition* em 1980⁵⁶. Os preconceitos, em termos de papéis de género, não desapareceram de repente, mas foram abalados⁵⁷. O facto de surgir uma banda de heavy metal composta por mulheres, com um sucesso comercial considerável, abriu as portas para que outras se lhe seguissem. Em termos sociais, significou também uma abertura para a igualdade de género dentro da subcultura.

Outro exemplo é o de Doro Pesch, tendo sido a voz de Warlock de 1983 a 1989 e, liderando Doro desde essa altura até hoje⁵⁸. Relata no documentário de Sam Dunn: “Tentaram colocar-me numa imagem feminina sexy, mas sem poder e eu não gostei. As pessoas diziam-me: «não uses cabedal, sê mais feminina» e eu pensava: não quero fazê-lo, quero ser eu própria”. De facto, e tal como afirma Sam Dunn⁵⁹: “A partir das *Girlschool*, as mulheres tornaram-se muito mais visíveis no metal, não só liderando algumas das maiores bandas de metal do mundo, mas também a partir do momento em que começam a dominar a técnica vocal gutural, antes exclusiva dos homens”.

Angela Gossow, vocalista dos *Arch Enemy* de 2000 a 2014, é representativa disso mesmo. “Sinto-me forte em palco e quero dar isso às pessoas. Se recebes força e poder, queres devolvê-lo de igual forma às pessoas que te os deram”, afirma a artista, em entrevista para o documentário *Metal – a headbangers’ Journey*⁶⁰. Desta forma, não podemos dizer que a força e o poder que Weinstein repete como sendo características do metal não podem ser vividas, da mesma forma que os homens, pelas mulheres. Até porque, segundo Walser (2014: 110), o número de adeptas do género musical começa a

⁵⁶ *Girlschool* foi a primeira banda de heavy metal feminina a ter sucesso comercial. Fontes: <https://www.westword.com/>; <https://www.metal-archives.com/bands/Girlschool/1506>; *Metal, a Headbanger’s Journey* (<https://www.youtube.com/watch?v=Mv-yrawbSgw>)

⁵⁷ No documentário *Metal, a Headbanger’s Journey*, Jackie Chambers (vocalista e guitarra ritmo da banda sublinha que no mundo metálico, não se estava habituado a que uma mulher tocasse guitarra e que lhe tinham perguntado muitas vezes, no passado, quando estava em palco com outras bandas, se ela estaria só a afinar a guitarra para o «verdadeiro guitarrista». Comentários condescendentes confirmados por Lemmy Killmister dos *Motörhead* (que levou as *Girlschool* em tourné nos anos 80), em relação aos outros membros da banda que tinham comentários como: “para mulher, a Kelly é boa guitarrista”, ao qual ele respondia “ela é melhor do que tu”.

⁵⁸ Informações retiradas do site: <https://www.metal-archives.com/>.

⁵⁹ No documentário já referido: *Metal, a Headbanger’s Journey* (<https://www.youtube.com/watch?v=Mv-yrawbSgw>)

⁶⁰ Idem.

multiplicar-se exponencialmente, principalmente a partir de 1987, em que os concertos incluem nas audiências cada vez mais fãs femininas.

Todavia e pegando no trabalho de John Fiske, sobre a série televisiva *Os Soldados da Fortuna*⁶¹, o autor explica a necessidade de enaltecer a masculinidade no metal.

(...) a nossa sociedade nega, à maior parte dos homens, os meios adequados para que possam exercer o poder do qual a sua masculinidade aparentemente depende. Assim, a masculinidade é socialmente e psicologicamente insegura; e a sua insegurança é que produz a necessidade para a sua constante consolidação. (Fiske, 1987a: 202)

Neste contexto, a mulher é vista como uma ameaça para o homem. “Para jovens que amadurecem num mundo patriarcal, onde os homens dominam o mundo «real» enquanto as mulheres educam as crianças, crescer significa crescer longe das mulheres” (Walser, 2014: 115). É no ambiente entre amigos homens que se dão as conexões saudáveis, que não põem em causa a liberdade masculina. É aí que se cometem os excessos, as transgressões às regras, numa recusa à imposição de limites (idem). No sentido oposto, o relacionamento amoroso com uma mulher põe em causa a independência do homem:

A intimidade feminina centra-se na relação em si mesma e produz uma dependência no outro que ameaça a independência masculina... Pelo contrário, a conexão entre homens permite uma dependência interpessoal que é centrada em objetivos e não na relação em si mesma, servindo assim a performance masculina em vez de ameaçá-la. (Fiske, 1987b: 263)

Tal como relata Walser, em muitos videoclips ou letras musicais, nem sequer aparecem mulheres e quando aparecem são vistas como uma «perdição». “Quanto maior é [o poder de] sedução da imagem feminina, maior é a ameaça ao controlo masculino” (2014: 116). Exemplos da representação dessa vitimização do homem, em relação às mulheres, podem ser encontradas nas letras e nos videoclips de bandas como Mötley Crüe na música *Looks that kill*, Whitesnake com *Still of the Night* ou Dokken com *Heaven Sent* ou *Prisoner (Chained by Love)*. “As mulheres são apresentadas como sendo essencialmente misteriosas e perigosas; elas ferem simplesmente por existirem, pela sua atração que ameaça quebrar o autocontrole dos homens e a força coletiva da união masculina” (Walser, 2014: 118).

⁶¹ Série norte-americana *The A-Team*, transmitida pela NBC de 1983 a 1987. Fonte: <https://www.imdb.com/>

Nesse contexto, as mulheres identificam-se com a «mulher fatal» e a posição de poder que lhes é atribuída (Walser, 2014:119). Todavia, esta representação da mulher também serve, de acordo com Walser, para justificar a necessidade de um controlo patriarcal (idem).

Embora alguns discursos [do heavy metal] tenham presentes desafios e transformações em relação à ideologia hegemónica, alguns reproduzem muito diretamente as estratégias de controlo e repressão, em relação às mulheres, que permeiam a cultura Ocidental. (Walser, 2014: 118)

Paralelamente à imagética extremamente masculina, de músicos e metálicos musculados com barriga de cerveja, inspirados no estilo *biker*, surge uma corrente polémica, que ultrapassa as barreiras do preconceito. Weinstein (2000) integra-a no «lite metal», Walser toma a designação de «glam metal». “Há outra parte desta cultura em que os rapazes se parecem com raparigas”, sublinha Sam Dunn⁶². De facto, principalmente no início dos anos 80, surgem bandas como Poison, Twister Sister, Hanoi Rocks, Mötley Crüe e Skid Row, que atingem grande sucesso comercial e transgridem as regras da «masculinidade», pelo menos na aparência. “Nem sei como explicar, nunca questioneei a minha sexualidade e lá estava eu a usar renda e lingerie em palco. Vai chamar a atenção, vai meter-me em problemas, vai fazer zangar as pessoas? Ok, vamos fazê-lo!”, responde Dee Snider, vocalista dos Twisted Sister a uma pergunta realizada durante o documentário *Metal, a Headbanger's Journey*⁶³.

É a rebelião contra aquilo que se supõe que os homens devem parecer, valendo-te de acessórios, que normalmente estão ligados às mulheres: a maquilhagem, as vestimentas coloridas e brilhantes (...) O que vais fazer se queres revelar-te como homem? Vais vestir-te de forma ainda mais severa que o teu pai? Não se pode ir nessa direção, mas pode-se ir na direção oposta. Ter a coragem de ser «glam»: ser feminino é o mais masculino que se pode chegar a fazer.

explica Walser, no mesmo documentário. Segundo o musicólogo:

(...) os jovens adolescentes e jovens homens «irritam-se» sob o controlo patriarcal, tal como sob o controlo das mulheres e, muitas vezes, desenvolvem formas inovadoras de expressar o seu controlo sobre as mulheres como prova simultânea da sua conquista de masculinidade e a sua rebelião contra os homens dominantes. Esta tensão interna não é sempre inteiramente controlável ou previsível, e o heavy metal transgredir o controlo patriarcal de formas que, por vezes, enfraquece e outras vezes afirma a sua doutrina. (Walser, 2014: 129)

⁶² No documentário *Metal, a Headbanger's Journey* (<https://www.youtube.com/watch?v=Mv-yrawbSgw>).

⁶³ Idem.

Encontram-se frequentemente situações contraditórias, que comprovam esta afirmação. Como exemplo, encontramos no livro de Dave Marsh uma citação de David Lee Roth (ex-vocalista dos Van Halen) que, embora não tenha resistido à objectificação sexista das mulheres, como o comprova o videoclip do *remake* de *California Girls*⁶⁴, critica severamente o facto de não existirem mais mulheres guitarristas solo: “«Se não temos muitas mulheres como guitarristas solo, não é porque elas não têm a capacidade para tocar o instrumento, mas porque elas são mantidas enclausuradas, ensinadas a serem outra coisa. Eu não aprecio isso»” (Marsh, 1985: 165).

Desta forma, o metal parece replicar o sexismo dominante das sociedades contemporâneas, mas contradiz-se a ele próprio em inúmeras ocasiões. Por seu turno e segundo Walser (2014: 131), as adeptas mulheres identificam-se com um tipo de poder, que é normalmente entendido como sendo apenas do homem. Ou seja, também se torna numa forma da mulher se rebelar contra o que está tradicionalmente instituído. As características masculinas associadas ao heavy metal não têm necessariamente que pertencer exclusivamente aos homens. “Observei e entrevistei mulheres fãs [de metal] que se vestem, agem e interpretam igual aos fãs de metal homens, por exemplo, e particularmente nos concertos de Metallica” (Walser, 2014: 132).

De facto, em outros subgéneros como o thrash metal, e mais tarde, o death metal ou o grind core, o género não é visto como algo extremamente significativo. Ser homem ou mulher não é importante e essa alusão é simplesmente ignorada. Os temas abordados atravessam as fronteiras do género, visto que as experiências de alienação, medo e vontade de afirmação pessoal/ emancipação individual são transversais ao facto de se ser homem ou mulher.

“Pode ser mesmo que a participação das mulheres enquanto fãs de metal reflita a influência que o feminismo teve na naturalização, em grande extensão, da emancipação das mulheres” (idem). Segundo Walser, o metal pode ajudar a ir contra determinados tipos de opressão, vividos por homens e mulheres e a resolver ansiedades de formas diferenciadas (2014: 133). O musicólogo destaca ainda, como exemplo, o facto de todas as edições da revista *RIP* em 1989 conterem cartas dos fãs a protestar contra o sexismo, o racismo e mesmo contra a homofobia (idem).

⁶⁴ De 1985: <https://www.youtube.com/watch?v=-JpM7i0yaz0>.

No fundo, o heavy metal e as suas conceções estão em constante mutação, tal como o prova certas contradições que lhe são inerentes. As suas práticas culturais surgem num contexto determinado, “(...) mas a cultura, muitas vezes, transcende as definições hegemónicas do seu contexto” (Walser, 2014: 135) e a masculinidade será sempre algo criado pelos próprios indivíduos, uma construção social, consoante as relações e as negociações entre homens e mulheres (Walser, 2014: 136).

2.5 O heavy metal em Portugal

2.5.1 Os anos 70: primeiros indícios

Apesar do estrangulamento cultural, provocado pela ditadura em Portugal, o primeiro Festival Vilar de Mouros realizou-se em 1971, e nele já participariam bandas de rock pesado como os Pentágono ou os Beatnicks (Almeida, 2013: 52). Na década de 70, era no cinema Monumental, em Lisboa, que decorriam grande parte dos eventos musicais e o Pavilhão do Grupo Desportivo e Dramático de Cascais começa a receber os grandes nomes internacionais (Almeida, 2013: 53).

Principalmente antes do 25 de Abril, estes eventos significavam, não apenas uma oportunidade para se conhecer o que se fazia lá fora, mas também uma ocasião privilegiada para a contestação do regime totalitário. “É que no nosso país, aproveitavam-se estes momentos de grande ajuntamento de multidão para se distribuir propaganda antirregime, anticolonialista” (Rocha & Rodrigues, 1983: 20).

Os concertos fervilhavam de ideais revolucionários e traduziam-se em autênticos espaços para o debate contra a repressão que se vivia.

“O concerto associava-se a uma ideia de marginalidade (...) a partir do momento em que o próprio concerto se construía sobre polos de reivindicações específicas- luta contra a autoridade, contra a hierarquia, contra o conservadorismo, exigência da liberdade sexual; reivindicações de criatividade, de prazer, de direito ao imaginário; avanço da contracultura (...)” (idem).

É também nos anos 70 que surgem os primeiros coletivos de rock pesado, que interpretavam temas famosos das bandas internacionais do momento como Led Zepellin,

Black Sabbath ou Vanilla Fudge, mas também grupos que já tocavam originais como Petrus Castrus, Renovação, Hosanna e os já mencionados Beatnicks. Isto, apesar das enormes dificuldades encontradas no acesso à música e aos instrumentos musicais. “Na altura, havia um programa na Rádio Renascença em que ele ia buscar os discos a Londres, tipo o *Paranoid* [dos Black Sabbath], tinha ainda antes do 25 de Abril e o programa foi cortado pela censura”, explica Victor Matos, dos Web, no documentário *Heavy Metal Portugal*⁶⁵. No mesmo filme, Manuel Melo do programa radiofónico *Sinfonias de Aço* e Francisco Soares dos Xequete-Mate explicam que sintonizarem-se programas de rádio, a maior parte das vezes estrangeiros, era a única forma de se conseguir ouvir música rock. “Antigamente, para quem não sabe, só havia singles e EPs, o álbum era uma coisa rara”, reitera Zicca dos NZZN no mesmo documentário. “Era muito elitista, um artigo de luxo”, consideram também António Garcez (Arte & Ofício e Roxigénio) e Álvaro Azevedo (Arte & Ofício e Pop Five Inc.). “O país era muito pobre, não havia dinheiro (...) alguns generosos, que tinham poder económico, transformavam-se em *managers*. Embora não tocassem, tinham o amor à música e pagavam os instrumentos”, explicam⁶⁶.

2.5.2 O pós 25 de Abril e as primeiras bandas de peso

O 25 de Abril de 1974 pôs fim à ditadura em Portugal, mas fez-se acompanhar de um período de grande agitação política e social. No Verão Quente, o país esteve prestes a mergulhar num novo sistema ditatorial, mas finalmente em 1976 é eleito o primeiro presidente da República por sufrágio universal, consolidando-se um regime democrático no país (Almeida, 2013: 50, 51).

Segundo Almeida, os primeiros concertos de heavy/ hard Rock de artistas estrangeiros acontecem em 1979, com os espetáculos de Rory Gallagher em Cascais e no Porto e o concerto da Ian Gillian Band em Lisboa (2013: 54). Em Portugal, o rock mais pesado surgia através do prog rock, a partir de meados dos anos 70, com bandas como Petrus Castrus ou Tantra, que conseguem, na altura, atingir melhor qualidade técnica e de som, uma vez que a maior parte dos eventos musicais portugueses se realizavam em bailes populares ou em sociedades recreativas (Almeida, 2013: 54, 55).

⁶⁵ Longa-metragem do realizador João Mendes, estreada em 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fE7ZODk3KPU>

⁶⁶ *In* (idem).

Todavia, a Revolução dos Cravos não levou com ela os preconceitos imbuídos na sociedade portuguesa da época e os músicos e fãs de música pesada chegavam a ser expulsos de cafés e restaurantes por causa da sua aparência (Almeida,2013: 57). Neste contexto, Almeida cita Sérgio Castro, baixista do Rocka, Psico, Psicágono e Arte & Ofício:

«O rock era algo totalmente *alien* para o politicamente correto da altura, quer para os conservadores, quer para os progressistas. A malta de esquerda julgava que os músicos de rock eram uma tribo de pequenos-burgueses culturalmente colonizados pelo imperialismo yankee, enquanto a burguesia mais bem instalada na vida entendia o rock como uma «atividade» de *freaks* piolhosos e malcheirosos sem dinheiro para comprar roupa ou cortar o cabelo». (Almeida,2013: 58)

Estas hostilidades ideológicas afetavam não apenas o dia-a-dia dos jovens rockeiros, mas também qualquer pedido camarário para a realização de eventos, tornando raras as oportunidades de divulgação musical.

Apesar disso, o país estava em profunda transformação e é principalmente no final da década de 70 e inícios dos anos 80 que o rock volta à popularidade, com a reestruturação da Rádio Difusão Portuguesa e o surgimento de periódicos e revistas dedicadas ao estilo musical, como a revista *Rock em Portugal*, fundada em 1978 (Almeida, 2013: 60, 61, 62).

2.5.3 Gloriosos anos 80: o heavy metal português

A nova década abre as portas a inúmeros espetáculos internacionais, que incluem bandas de heavy metal propriamente ditas, como os Rainbow em 1983 ou os Iron Maiden em 1984 (Almeida, 2013: 107). Estes concertos que inspiram milhares de fãs, no nosso país, aliados a um novo contexto político-económico, que permite maior acesso ao género musical, desencadeia um autêntico boom do metal em Portugal, embora integrado num conceito *underground*.

No início dos anos 80, surge pela primeira vez o conceito de *underground*, que define um movimento musical alternativo oposto ao mainstream, muito menos visível na sociedade (...) ideologicamente oposto ao comercialismo e alimentado por nichos de mercado. (Almeida, 2013: 126)

Desenvolvem-se o *tape-trading*⁶⁷ o e *record-trading*⁶⁸, bem como “(...) a reprodução comercial maciça, embora ilegal e amadora, de concertos gravados em vídeo e posteriormente reproduzidos a pedido em cassetes VHS” (Almeida, 2013: 127). De acordo com Almeida, esta filosofia de troca e do *do it yourself* impulsionaram este movimento *underground* “(...) numa altura em que a Internet não passava de ficção científica para o cidadão comum (...)” (idem). Simultaneamente, o surgimento de «discotecas» (as lojas de discos) dinamiza a divulgação dos discos estrangeiros, antes de difícil acesso⁶⁹.

“Os Tarântula terão sido a primeira banda de referência na expressão entendida como o boom do NWOBHM”, distingue António Freitas, no documentário *Heavy Metal Portugal*. A banda nasce dos Mac Zac, grupo criado em 1981, passando a intitular-se Tarântula, já em meados dos anos 80. Também nessa altura, em 1984, realiza-se o primeiro festival de heavy metal em Portugal, em Santo António de Cavaleiros, nos arredores de Lisboa. Almeida (2013: 128). chama a esse período a “Primeira Vaga do Metal Português”.

De facto, entre 1984 e o início da década de 90 surgem inúmeras bandas de metal em Portugal, incluindo Morbid God que mais tarde dão origem aos Moonspell⁷⁰. Asgarth (pré-Ibéria), Bachterion (pré-Filii Nigrantium Infernalium), Dinosaur, Harum, Necrophiliac, Procycon, Ramp, Thormenthor, V12, WC Noise, entre muitas outras, todas elas aparecem neste período. Multiplicam-se o número de bandas do género e surgem os primeiros clubes de fãs e as fanzines⁷¹ bem como os programas de rádio, que ganham novo alento com o António Sérgio e o seu *Lança-Chamas*. “Formou-se toda uma nova escola radiofónica, independente, ousada e fervilhante de ideias. O *underground* nacional encontrava-se ao rubro em todas as suas vertentes” (Almeida, 2013: 134).

Por outro lado, as mudanças a nível económico, que ocorrem no país, depois da entrada de Portugal na então Comunidade Económica Europeia, em 1986, têm impactos

⁶⁷ Troca e gravação de registos de fita magnética.

⁶⁸ Troca e gravação de registos em vinil.

⁶⁹ “(...) as discotecas One-off e Bimotor em Lisboa constituíam os principais «santuários» para os fãs adquirirem vinis, demo-tapes, fanzines e bilhetes para concertos (...) era aí que os fãs passavam inúmeras tardes a olhar embevecidos para as novidades (...)” (Almeida, 2013: 135).

⁷⁰ Que se tornou na banda de metal portuguesa com maior sucesso comercial a nível internacional.

⁷¹ “Publicações amadoras fotocopiadas, escritas e montadas de forma artesanal, feitas por e para fãs numa lógica do *do it yourself* e de puro amor ao Metal” (Almeida, 2013: 132).

sociais marcantes, principalmente na década de 90. Portugal consegue melhorar o seu desempenho em indicadores como a taxa de emprego, a aquisição de casa própria, a redução do analfabetismo e o aumento do número de cidadãos com um curso superior. Maior poder de compra significa também mais possibilidades de comprar discos, ir a concertos e formar bandas.

2.5.4 Os anos 90 e o crescimento do *underground*

Afterdeath, Bizarra Locomotiva, Corrosão Caótica, Decay, Gangrena, Disgorged, Enforce, Filii Nigrantium Infernium, Infernal Dreams, Joker, Morbid Death, Moonspell, Necro Terror, Paranormal Waltz, Sacred Sin, Undertaker, Vera Cruz, inúmeras bandas aparecem no panorama do metal português, no virar da década (Almeida, 2013: 142). Aquelas que já tinham marcado presença em anos anteriores conseguem mesmo alguma visibilidade televisiva como os Dinosaur, os Iberia, os Procyon ou os Ramp. E, a partir de 1994, os fãs têm finalmente acesso ao programa televisivo de metal por excelência: o *Headbangers' Ball* da MTV, graças à implementação da televisão por cabo em Portugal (Almeida, 2013: 147).

Escolas de música, estúdios e salas de ensaio, dedicados ao género, permitem obter melhores condições técnicas e, conseqüentemente, um aumento substancial da qualidade sonora em termos de execução, produção e mistura (Almeida, 2013: 148, 149). *Darkside* dos Sacred Sin é o primeiro álbum nacional de metal com edição em CD, sendo também a primeira banda portuguesa a ter tempo de antena na MTV⁷² (Almeida, 2013: 150). Por seu turno, os Moonspell alcançam o prestígio de serem representados pela Century Media em 1995, o que lhes permite ter a tão desejada visibilidade (e disponibilidade de venda de discos) por toda a Europa. Almeida cita Renato Contreiro, jornalista musical, para descrever o fenómeno:

«Rapidamente, os Moonspell entraram na primeira divisão do metal europeu e mundial- e não desapontaram (...) Hoje, os Moonspell são uma das bandas mais importantes e requisitadas do circuito europeu; gozam de um estatuto fora de portas que os coloca definitivamente na galeria das grandes bandas mundiais». (Almeida, 2013: 151, 152)

⁷² Em 1993, no *Headbangers' Ball* com o tema *Darkside*.

É também durante os anos 90 que se vivem concertos lendários e que marcaram uma geração: Portugal passa a fazer parte do calendário das grandes digressões mundiais. O estádio de Alvalade, em Lisboa, recebe os Guns 'n Roses, os Faith No More e os Soundgarden em 1992 num mesmo evento e, no ano seguinte, os Metallica, os The Cult e os Suicidal Tendencies. Ao longo da década, também vêm ao nosso país Judas Priest, Manowar, Megadeth, Def Leppard, Pantera, Sepultura e Slayer, entre muitos outros (Almeida, 2013: 156, 157). Passam a existir bares dedicados à música pesada, como o Johnny Guitar, o Gingão ou o Lusitano e multiplicam-se os festivais dedicados à música do «demo».

2.5.5 O século XXI

A mudança de século traz consigo a massificação da Internet, reduzindo a segundos a disponibilidade de se ouvir qualquer banda, nacional ou internacional, cujas músicas ficam agora à distância de um clique. Além disso, a *world wide web* permitiu ainda um crescimento exponencial das redes de comunicação entre adeptos, que criam sites de divulgação, grupos de fórum online, *blogs* e mil e uma formas de suprirem as contingências, antes impostas pelos meios de comunicação social tradicionais, papel que era desempenhado pelas fanzines, distribuídas de mão em mão.

A Internet veio tornar as fronteiras entre o *mainstream* e o *alternative stream* muito mais difusas. O processo de acesso é o mesmo, deixou de haver limitações ou pressupostos físicos e sociais. O princípio é que, a partir do momento em que há acesso à rede, um metaleiro está no mesmo pé que um fã de Shakira. Ambos têm MySpace ou fóruns de discussão e ambos obtêm música e informação do mesmo modo. (Silva, 2010: 47)

De acordo com Silva, o advento da Internet permitiu uma verdadeira revolução na comunidade metálica. No inquérito por questionário realizado para este trabalho, em Ciências da Comunicação, 75 por cento dos entrevistados afirma, que além dos concertos (63 por cento), é no espaço virtual que os *headbangers* portugueses falam, ouvem, discutem e partilham o metal (Silva, 2010: 59).

Segundo o mesmo autor:

Ao estar presente permanentemente na Internet num sítio acessível a todos, a qualquer hora, a qualquer momento, a comunidade metálica deixou de estar dependente de uma rede de comunicação alternativa, feita apenas por alguns, limitada a uma distribuição ineficaz e produção medíocre e muito pouco flexível”. (Silva, 2010: 55) [...] A

comunidade habita no mesmo meio que os media tradicionais, usa as mesmas armas, não depende deles. (Silva, 2010: 58).

Apesar da desaceleração económica, que se vive em Portugal a partir do novo milénio, e da crise financeira que atingiu o país principalmente entre 2008 e 2014, as bandas de metal nacional continuam a nascer, seguindo as tendências internacionais e inspirando-se nas fusões musicais do momento ou, em sentido oposto, voltando às raízes do heavy metal tradicional. Neste último caso, alguns exemplos são Midnight Priest, Inquisitor, Ravensire, Wanderer, Prayers of Sanity; no domínio dos sons mais extremos, encontramos Analepsy, Serrabulho, Gaerea, Bleeding Display, Alcoholocaust, Besta, Cape Torment, entre muitos outros⁷³.

Em termos de concertos e festivais, realizam-se às centenas. Embora a maioria dos locais para espetáculos e bares dos anos 90 tenham fechado portas, como o mítico Johnny Guitar ou o Lusitano, surgem novos locais de «preservação da espécie». O RCA Club, o Stairway Club ou o Side B na zona de Lisboa, bem como o Metal Point no Porto são alguns locais de referência, onde se reúnem adeptos do género musical. O Festival da Ilha do Ermal, o Vagos Metal Fest ou o Moita Metal Fest ou mesmo o XXXapada na Tromba juntam centenas de bandas nacionais e internacionais e são locais de romaria metálica, ao longo das últimas duas décadas.

⁷³ Para ter uma noção do número de bandas de metal em Portugal, consultar: <https://www.metal-archives.com/lists/PT?fbclid=IwAR1UXGYvNQJbMtjwvyWUWM7snQe46LnluDwiMtDCxyxbG1mILQsc77Gmvy>

3. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DE INVESTIGAÇÃO E MODELO DE ANÁLISE

3.1 Principais escolhas do método científico

3.1.1 Coerência metodológica e epistemológica

Tendo em conta o nosso objeto de investigação - o estudo da cultura e identidade dos adeptos do metal em Portugal com 40 e mais anos de idade - uma investigação de teor quantitativo não seria pertinente, uma vez que não iria ao encontro dos objetivos traçados na nossa principal pergunta de partida: «Que razões levam à manutenção e à reprodução da subcultura metálica em Portugal por indivíduos com mais de 40 anos?».

No plano epistemológico, vamos de encontro ao paradigma construtivista em que se “(...) assume que a realidade não existe fora da consciência do sujeito, tratando-se ela mesma de uma construção social impregnada de significado” (Silva, 2015: 2). Com a nossa investigação empírica, pretendemos captar a representação da realidade através do olhar dos atores sociais, descrevendo e interpretando as suas experiências, procurando compreender os significados que se escondem por trás de determinados comportamentos.

Desta forma, a nossa escolha situa-se na sociologia compreensiva de Max Weber, em que o mundo social é percebido na sua dimensão intersubjetiva, como um emaranhado de ações e relações sociais recíprocas e dotadas de sentido. Por isso, o modelo científico a seguir será um modelo indutivo, em que, ao invés de se testar hipóteses, procura-se:

(...) gerar uma compreensão interpretativa do real no sentido de revelar uma realidade múltipla e dinâmica (...) uma modalidade de investigação cujo interesse reside na interpretação dos processos sociais com recurso à análise reflexiva e crítica das narrativas do real. (Silva, 2015: 3)

3.1.2 População-alvo e construção da amostra

De acordo com o nosso objeto de estudo, a população-alvo em análise é definida como o conjunto de indivíduos de nacionalidade portuguesa e/ ou residentes em Portugal (há mais de 20 anos)⁷⁴ com 40 anos de idade ou mais, que tenham aderido à subcultura

⁷⁴ Consideramos esta limitação para incluirmos na nossa população-alvo indivíduos que tenham passado uma parte considerável das suas vidas em Portugal.

do metal durante a adolescência e que mantêm as principais características que a define. É fundamental que o género musical tenha uma importância considerável nas suas vidas atuais e que nunca tenham abandonado completamente a subcultura. Tal como já referido na introdução, esta delimitação em termos de idade visa integrar indivíduos que acompanharam o desenvolvimento da subcultura em Portugal, ou seja, que foram adolescentes nos anos 80/ 90 e que se mantêm atualmente integrados na mesma.

Devido ao seu carácter imensurável, uma vez que não existem estatísticas oficiais que permitam quantificar o número de adeptos de metal em Portugal e pelo caminho interpretativo e não probabilístico pelo qual optámos, construímos uma amostra de 14 indivíduos, em bola de neve e de forma intencional, abrangendo membros pertencentes às várias dimensões sociais do metal: os artistas, a audiência e a indústria, tendo em conta a divisão feita por Weinstein (2000).

Em termos de características sociodemográficas e de forma a contribuir para a diversidade da amostra, tivemos em conta os seguintes aspetos:

- em relação à idade, os 40 anos são o limite crescente, mas garante-se alguma variedade, com membros que tenham entre 40 e 45 anos, 45 e 50 e assim sucessivamente;
- no que respeita ao género dos entrevistados, o objetivo foi ter um equilíbrio na amostra entre homens e mulheres, a fim de se obterem resultados diversificados nas óticas masculina e feminina;
- os níveis de habilitações literárias e as classes socioeconómicas a que pertencem são diferenciados.

3.2 Técnicas de recolha e de análise dos dados empíricos

3.2.1 Trabalho de campo: a entrevista

Pelos motivos mencionados no ponto 3.1.1, e com o propósito de compreender em profundidade, interpretar e decifrar as experiências dos atores sociais em estudo, privilegamos uma técnica em particular: a entrevista.

Instaura-se, assim, em princípio, uma verdadeira troca durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação,

as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objetivos da investigação e permite que o seu interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade. (Quivy & Campenhoudt, 1992: 193)

O tipo de entrevista mais adequado aos objetivos do estudo é a entrevista semiestruturada, uma vez que o entrevistado tem a possibilidade de desenvolver certos assuntos ou situações. Estas entrevistas semiestruturadas são:

(...) um conjunto de questões previamente definidas, mas ele [pesquisador] fá-lo num contexto muito semelhante ao de uma conversa informal (...) deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha «fugido» ao tema ou tenha dificuldades com ele. (Boni & Quaresma, 2005: 75)

Existe todo um planeamento prévio para a elaboração do guião da entrevista, que nos permite ter um fio condutor na conversa, levando o entrevistado a relembrar momentos, situações e a dar o seu ponto de vista sobre os assuntos em estudo. É o nosso instrumento de trabalho de campo e que nos ajudará a obter os dados de que necessitamos para avançar na pesquisa.

Pela ligação pessoal a este mundo social, não houve dificuldade no que respeita à obtenção de contactos de membros pertencentes à subcultura. Alguns entrevistados fazem parte do círculo de amizade da investigadora, enquanto outros foram referenciados pelos primeiros (com a exceção de Fábio), utilizando-se desta forma a amostra em bola de neve⁷⁵.

Devido à situação pandémica mundial, que começou a atingir o país a partir de fevereiro de 2020, apenas duas entrevistas foram realizadas presencialmente⁷⁶. As restantes foram realizadas através de videoconferências, utilizando a plataforma Zoom. As pessoas foram primeiramente contactadas via telefónica ou por Messenger e mostraram-se disponíveis e entusiasmadas pela participação no estudo. Foram agendadas datas e horas diferenciadas com cada um dos entrevistados. Antes do início de cada entrevista, os participantes foram informados dos objetivos do estudo em curso, com

⁷⁵ Rito, Laura, Joel, Sónia, Rui, Teresa, Tiago e Carlos fazem parte do nosso círculo de amizade. Mauro e Sara foram referenciados por Laura. Petra foi referenciada por Tiago. Rafael e Norberto foram referenciados por Rui. Fábio é uma figura pública no mundo social do metal português e foi contactado via Messenger.

⁷⁶ As entrevistas de Rito e Laura.

menção à área de estudo (Sociologia) e à instituição (Universidade do Algarve – Faculdade de Economia). Por outro lado, foram igualmente esclarecidos de que será mantida a respetiva privacidade, assim como o anonimato e a confidencialidade, com recurso a nomes fictícios⁷⁷. Também de referir que as entrevistas foram conduzidas de modo empático e num teor informal, no sentido de levar os interlocutores a sentirem-se «à vontade» para partilhar detalhes, por vezes, do foro pessoal.

Em termos de duração média, elas duraram cerca de uma hora e 30 minutos, o que conduz a um total de cerca de 21 horas de material sonoro transcrito manualmente. Essas transcrições foram efetuadas de forma integral e fiel ao discurso dos entrevistados e estão disponíveis nos anexos desta dissertação⁷⁸.

De mencionar ainda que estão incluídas em anexos as entrevistas exploratórias, realizadas por email, a um indivíduo privilegiado no âmbito deste mundo social, dados empíricos importantes, uma vez que nos permitiram uma primeira compreensão desta subcultura do ponto de vista dos seus membros.

3.2.2 Análise de conteúdo: análise temática sob a forma categorial

Passando à análise e interpretação do material sonoro transcrito, optámos, dentro da diversidade de técnicas existentes na análise de conteúdo, pela técnica de análise temática sob a forma categorial.

Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. (Bardin, 2020: 11)

É desta forma que Laurence Bardin, professora assistente de psicologia na Universidade de Paris V, explica de que forma se utiliza esta técnica. Segundo ela, há uma “atitude de *voyeur*”, ou seja, é preciso «ler nas entrelinhas», optar por uma “(...)

⁷⁷ Nas transcrições das entrevistas, procede-se também à eliminação de referências aos nomes de outros indivíduos (os nomes são substituídos por uma letra maiúscula), de forma a manter também o anonimato e a confidencialidade dessas pessoas, com exceção de personalidades públicas (por exemplo, autores de programas de rádio), cuja menção não fira esse pressuposto.

⁷⁸ As perguntas aos entrevistados estão a negrito e as nossas intervenções durante os discursos estão a itálico para uma melhor inteligibilidade do texto.

dupla leitura, onde uma segunda leitura se substitui à «leitura normal» do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião...”, descreve a autora (idem).

Susana Henriques dá-nos uma definição sumária, mas objetiva do que compreende a análise de conteúdo:

(...) a análise de conteúdo pretende descrever as situações, mas também interpretar o sentido do que foi dito – operações de descrição dos fenómenos (nível descritivo), descobrir as suas covariações ou associações (nível correlacional e grosso modo objectivo da análise categorial) e descobrir relações de causalidade / de interpretação das dinâmicas sociais em estudo (nível interpretativo e grosso modo correspondente à análise tipológica). (Henriques, 2014: 5)

Em termos de estudo de código, Bardin (2020: 78) diferencia as «convenções» (palavras presentes ou ocorrências, palavras diferentes ou vocábulos, a relação ocorrências/ vocábulos) e distingue as «palavras plenas» que são portadoras de sentido das «palavras-instrumento», palavras funcionais de ligação. A autora (2020:79) fala também das «possibilidades de comparação»: “as características de um discurso necessitam da comparação com outros discursos... (...)”. Segundo ela, há que haver um “(...) processo de *decifração estrutural* centrado em cada entrevista” (Bardin, 2020:92). “Trata-se de uma atitude que exige esforço – mas que não exclui a intuição -, na medida em que, em cada nova entrevista, é necessário fazer uma abstração de si mesmo e das entrevistas anteriores (...) contaminação provenientes de decifrações anteriores (...)” (idem), todavia, tendo-se em conta os conhecimentos adquiridos pela revisão da literatura efetuada anteriormente, passando-se depois à *transversalidade temática* (idem). Cada entrevista é construída de acordo com cada entrevistado, cuja subjetividade está intrínseca, ou seja, existirá uma “(...) aparente desordem temática [e] trata-se de procurar a estruturação específica, a dinâmica pessoal, que por detrás da torrente de palavras, rege o processo mental do entrevistado” (Bardin, 2020: 93).

Para a autora, não basta apenas «ler», temos de nos munir de várias questões como “(...) O que está a pessoa a dizer realmente? (...) O que poderia ter dito de diferente? Que diz sem o dizer? (...)” (Bardin, 2020: 94). Sublinhamos aqui outra questão pertinente de Bardin e da qual fazemos bastante uso, aquando da apresentação e interpretação dos dados empíricos nesta dissertação: “(...) «esta pessoa manifesta em tal sítio tal tema, onde é que já o vi noutra entrevista? Ou que outra pessoa encontrei num contexto equivalente? (...)»” (idem). Fazemos uma análise temática e delimitamos as características associadas ao tema

central e utilizamos critérios semânticos, organizando a sequência à volta de um tema que domine determinadas partes da entrevista (Bardin, 2020:96, 97). É também importante analisar palavras ou expressões aparentemente insignificantes porque “uma leitura da «maneira de dizer», separada da leitura temática, pode completar e aprofundar a análise (...) [a] variação estilística⁷⁹ fornece uma luz diferente sobre o modo como o entrevistado *sente* aquilo que exprime (...)” (Bardin, 2020: 101).

Pondo estas tarefas em prática, significa, ler, reler, fazer anotações, sublinhar, selecionar informação; tentar descobrir temáticas e problemáticas para depois poder agrupá-las e daí se retirarem significações. De acordo com Henriques, a “(...) análise categorial [é a] identificação das unidades pertinentes que influenciam determinado fenómeno em estudo «reduzindo o espaço de atributos» de forma a sacar apenas as variáveis explicativas pertinentes” (2014: 17).

Diz-nos Bardin que “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (2020:199). No fundo, a análise categorial é a:

(...) identificação das variáveis cuja dinâmica é potencialmente explicativa de um fenómeno (...) [sendo a] categoria [uma] rubrica significativa ou uma classe que se junta, sob uma noção geral, elementos do discurso (...) na mesma entrevista é normal existirem vários dos fatores explicativos encontrados e nenhum dos discursos dos entrevistados contém todas as variáveis; faz a mediação para uma explicação e para a construção ideal-típica. (Henriques, 2014: 20)

Tendo dado uma noção resumida acerca da técnica utilizada, veremos de seguida quais os conceitos que consideramos essenciais no modelo de análise que seguimos na descrição e interpretação dos resultados empíricos nesta dissertação. De referir ainda que durante a apresentação dos excertos significativos das entrevistas, nem sempre seguimos a ordem cronológica das mesmas para conseguirmos obter maior inteligibilidade nos seus discursos.

⁷⁹ De acordo com a autora, por exemplo, o comprimento, a conclusão ou não das frases, etc. (Bardin, 2020: 101).

3.3 Conceitos nucleares do modelo de análise

3.3.1 O Puzzle conceptual da análise

É preciso «mergulhar» no mundo social do metal, nas suas várias dimensões, ligadas aos contextos que giram à sua volta, para tornar possíveis a compreensão e a análise do objeto de estudo. Mas, para não nos «perdermos» na sua complexidade, estabelecemos alguns conceitos que nos vão guiar e que se constituem como o nosso modelo de análise.

Seguindo o pensamento de Hein (2019), utilizamos o termo «metal» para englobar o conjunto dos géneros e subgéneros que derivaram do hard rock e do heavy metal cujos primeiros indícios, tal como mencionamos no subcapítulo dedicado à sua contextualização histórica, surgem nos anos 70. Definimos ainda que se trata de um género musical que deu origem a uma subcultura (Weinstein, 2000). E que a subcultura é uma «interpretação» da hegemonia dominante, que concretiza uma realidade social diferente (Brake, 1980).

Para conseguir responder à pergunta de partida e às questões que foram formuladas a partir desta, teremos que tentar perceber o que orienta a ação destes indivíduos. Tendo em conta a interação entre a análise empírica que recolhemos de forma exploratória e a revisão da literatura, formulámos a primeira hipótese exploratória desta dissertação. A de que os membros do mundo social do metal orientam a sua ação a partir das seguintes lógicas:

- a busca de afirmação e da produção de si através de uma construção identitária, ou seja, a construção da sua individuação (Weinstein, 2000; Walser, 2014);
- a busca da pertença social e a sua integração numa subcultura, que partilha um conjunto de códigos simbólicos e valores sociais e musicais comuns, ou seja, âncora social (Weinstein, 2000; Walser, 2014);
- a busca de sensações de prazer sensorial (Weinstein, 2000; Hein, 2019);
- como resposta à apatia e ferramenta para ultrapassar sentimentos negativos e frustrações (Berger, 1999).

Verificámos assim, que as conclusões preliminares retiradas a partir da leitura das entrevistas exploratórias realizadas e da consulta das principais obras no âmbito dos *metal studies* vão ao encontro da teorização realizada por Dubet, na sua *Sociologia da Experiência* (1994). Vimos que o sujeito quer ser autor da sua própria vida (subjektivação), mas simultaneamente, é ator, desempenha «papéis» na sua vida em sociedade, que lhes restringem essa liberdade (integração). Assim sendo, a subcultura aparece como um «espaço de liberdade», em que o indivíduo tem a possibilidade de se afirmar enquanto sujeito e de se distinguir dos «outros», mas também de se integrar num conjunto social que partilhe dessas diferenças em relação aos «outros».

3.3.2 A análise empírica

Com o *mindset* estabelecido, considerando os conceitos teóricos fundamentais de análise já descritos, organizamos o nosso guião de entrevista por blocos temáticos e delineamos as questões a serem colocadas aos entrevistados, tendo em conta os objetivos de cada tema.

Para saber de que forma os nossos entrevistados tomaram contacto com o género musical e a subcultura em estudo, iniciamos com questões sobre a génese e a trajetória da ligação ao metal, dando destaque às «influências» que os nossos interlocutores possam ter tido e «puxando» pela memória dos mesmos, levando-os a fazer um historial da sua ligação à subcultura.

A música enquanto o coração da subcultura é o segundo tema posto em questão; de seguida, abordamos situações que nos permitem reconhecer (ou não) nas respostas dos entrevistados a construção da identidade (individual e de grupo) destes indivíduos pela sua ligação a este movimento musical. Questionamos também estes atores privilegiados em relação à exteriorização (indumentária e *look* associado ao metal) e à ideologia simbólica destas práticas culturais; por outro lado, decidimos ainda dar destaque ao lugar das mulheres no metal e descobrir qual a visão dos nossos entrevistados sobre o tema, uma vez que o mundo social do metal é reconhecido por ser fortemente masculinizado (Weinstein, 2000). Também englobamos questões que abordam as drogas, o álcool, o vandalismo e o satanismo, que são muitas vezes associados à subcultura (Weinstein, 2000; Walser, 2014); finalmente consideramos a complexidade e diversificação que o género musical tem vindo a sofrer ao longo dos anos, bem como a adaptação dos membros

deste mundo social à vida adulta, ao mesmo tempo que tentamos perceber de que forma o metal é “um estilo de vida na sua totalidade” (Weinstein, 2000:139).

No capítulo seguinte, expomos os resultados do nosso trabalho de campo, ao mesmo tempo que interpretamos e deciframos as questões que lhes estão subjacentes, mobilizando também os elementos teóricos desenvolvidos e a hipótese exploratória estabelecida.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS EMPÍRICOS

Expomos, desta forma, os resultados do nosso trabalho de campo, rigorosamente selecionados, devidamente analisados e interpretados em seis blocos temáticos, nomeadamente: a génese e trajetória da ligação ao metal; a construção da identidade pela ligação ao metal; a música no cerne do mundo metálico; as mulheres e o metal, álcool, drogas, satanismo, vandalismo; e a complexidade e fragmentação do mundo social do metal.

4.1 Génese e trajetória da ligação ao metal

Neste bloco temático, encontraremos algumas respostas, no que concerne os contextos sociais e familiares que terão levado os entrevistados a optar por este género musical em particular, veremos de que forma se dá o *coup de foudre* - o enamoramento pelo metal e qual o impacto que os primeiros concertos tiveram nos participantes deste estudo.

4.1.1 Antecedentes musicais e influências na infância

Quisemos verificar até que ponto o ambiente familiar, as memórias da infância e/ou uma eventual formação musical precoce podem ter algum tipo de ligação com a escolha pelo género musical em questão e a imersão na respetiva subcultura.

A partir das respostas dos nossos entrevistados, podemos dizer que a maior parte teve um contacto assíduo com música na infância devido ao ambiente familiar. No entanto, há exceções: casos de indivíduos em que o contexto familiar em crianças não esteve de todo conectado com a música, sendo as primeiras sonoridades apreendidas principalmente através dos media.

Podemos ainda distinguir «aqueles que sempre ouviram música em casa» e aqueles que além disso, «aprenderam a tocar um instrumento musical na infância/ pré-adolescência». Por outro lado, temos também uma entrevistada «que teve uma aprendizagem musical mais formalizada/ de Conservatório», desde a infância/ pré-adolescência.

Sónia e Joel são dois bons exemplos do primeiro caso. Diz-nos Sónia:

(...) em casa ouvia-se um pouco de tudo. Desde música clássica, fado, rock, sempre estive em contacto com a música, inclusive a minha mãe cantava fado. (Entrevistado 8, Sónia)

Já Joel refere-nos que:

O meu pai tinha uma aparelhagem com montes de discos de vinil (...) ajudou muito a ouvir música (...) aquele gosto e ânimo de estar sempre a ouvir música quase constantemente. (Entrevistado 3, Joel)

Por seu turno, Rui esteve também em contacto com música desde muito novo, através do contexto familiar, uma vez que o pai era proprietário de um bar e comprava discos por esse motivo:

(...) ouvia também algumas coisas que o meu pai tinha em casa já relacionada com rock, ele tinha uma coletânea que tinha Ramones (...) quando deixavam de passar no bar os discos voltavam para casa e eu ouvia em casa [mostra um desses discos: Happy Rock]. (Entrevistado 3, Rui)

Os pais de Sara ouviam sobretudo Julio Iglesias e música desse género em casa. Ela realça a influência que uma tia teve nos seus gostos musicais desde muito jovem:

O rock: tenho uma tia que me lembro perfeitamente desde os meus 10 anos dizer-me «se te perguntarem de que banda gostas, tu dizes Depeche Mode» e fui crescendo e ouvindo (...). (Entrevistado 9, Sara)

O contacto assíduo com música considerada «alternativa» parece assim provocar uma habituação do ouvido e, conseqüentemente, uma maior predisposição para «aceitar» sons inusuais, como nos indicam também os relatos de Tiago e Norberto.

(...) como muitos pais que nasceram pós segunda guerra mundial, muita gente gostava dos Beatles e a minha mãe por acaso não tanto. A minha mãe curti muito mais Pink Floyd e Pink Floyd acaba por ser daquelas bandas que são postas dentro de um contexto proto metal (...) além disso a minha mãe ouvia também música de intervenção (...) música de extrema esquerda ou de esquerda (...) acabou por ser uma grande influência (...) por ser uma ajuda para ouvir muito mais coisas, ser mais aberto em relação a muito mais coisas à minha volta. (Entrevistado 13, Tiago)

A minha irmã é mais velha que eu 10 anos, ela sempre ouviu Black Sabbath, Deep Purple, por essas ondas, eu era muito novo, mas a sonoridade para mim já era normal (...) era o som que ela ouvia no quarto dela. Nessa altura tinha os meus oito/nove anos, não era música que com essa idade me ficasse na cabeça. Estamos a falar de música complexa e que não era de fácil compreensão. (Entrevistado 14, Norberto)

Outros entrevistados começaram a saber o que era música sobretudo graças à rádio e não tanto devido ao contexto familiar e, no caso de Rafael, por exemplo, também no cinema:

Ouvia-se muita rádio durante o dia nos anos 70, só havia quatro canais de televisão⁸⁰ e era na rádio que íamos descobrindo as músicas que iam saindo. Depois saíram grupos de rock que passavam na televisão, os Ocean, mais hard rock e depois os Trust e depois toda aquela geração Satan Jocker e Nightmare, Warning (...). (Entrevistado 5, Rafael)

No seu testemunho, explica que os pais eram emigrantes em França, que trabalhavam em fábricas e que, muitas vezes, tinham os mesmos horários, ficando sozinho em casa já com 10 anos:

(...) ficar-se sozinho em casa, não era como hoje, havia muita independência. (Entrevistado 5, Rafael)

Rafael aproveitava assim para ir ao cinema com os amigos, onde viu os primeiros «filmes» de música como o *If You Want Blood You've Got It* com os AC/DC.

Em casa de Carlos, não se ouvia música e foi sobretudo a televisão que lhe deu a conhecer a primeira das artes, enquanto criança:

(...) eu vivia com a minha avó que não tinha aparelhagem (...) efetivamente não ouvia música, podia-se ouvir rádio, mas não era comum, normalmente tinha-se a televisão ligada (...) programas de TV, Top Mais por exemplo, lembro-me de alguns telediscos, como o do Live Aid (...) Quando era miúdo, lembro-me que me deram um gira-discos e era para ouvir um singlezito ou outro que às vezes ia lá parar a casa, o LP da Abelha Maia, mas não era normal eu sentar-me a ouvir música. (Entrevistado 12, Carlos).

Ao contrário dos restantes entrevistados, que não tiveram qualquer formação musical específica durante a infância⁸¹, Laura e Teresa distinguem-se nesse aspeto. Esse passado musical poderá ter tido influência na escolha do género musical atual:

Tive 10 anos de piano, dos 8 até aos 16/17 anos (...) e a música clássica é inspiração para muita gente [falando de bandas de metal], olha o Bach, o Wagner (...) O facto de teres educação [musical], não te satisfaz, música menos cheia e rica como é o metal⁸², precisas de algo mais, precisas de uma coisa mais orquestral. (Entrevistado 2, Laura)

⁸⁰ Rafael viveu em França dos três aos 14 anos.

⁸¹ A não ser aquela que era obrigatória na escola.

⁸² Aqui, a entrevistada precisa que talvez por isso tenha sido atraída por este género musical por ser mais «rico» e «cheio» na sua opinião.

Com pais ligados à música erudita⁸³, as sonoridades sempre fizeram parte da vida de Teresa. Embora restrita devido ao contexto familiar, a entrevistada fez carreira na área da música no Conservatório. Todavia, os sons mais pesados e a guitarra elétrica nunca deixaram de ser a sua «verdadeira» paixão.

(...) comecei a estudar piano aos 10 anos, mas sempre tive a «panca» pela guitarra elétrica e para aí aos 12 anos, eu queria aprender guitarra elétrica e deixar o piano, mas os meus pais não me deixaram. (Entrevistado 7, Teresa).

Um dos factos que podemos destacar deste subtema é que todos os nossos entrevistados estiveram em contacto assíduo com música na infância. Uns mais por via familiar, como é o caso de Joel, Sónia, Sara, Tiago e Teresa; outros como Fábio, Petra, Carlos e Mauro referem sobretudo os media (rádio e televisão) como sendo a via principal para ouvir música, enquanto crianças/ pré-adolescentes.

Tendo em conta a nossa amostra, apenas dois dos entrevistados tiveram uma educação musical «mais formalizada» enquanto crianças (Teresa e Laura). Interessante é ainda o facto de, apesar de não terem tido essa formação inicial na infância (com exceção de Teresa) oito dos nossos entrevistados, ou seja, mais de metade, fizeram parte ou estão neste momento em bandas, como veremos mais pormenorizadamente adiante no subtema dedicado a esta questão.

4.1.2 O encontro com o metal: influências e *coup de foudre*

Neste contexto, cremos ser importante referir que, tendo em conta os testemunhos dos nossos entrevistados, a influência não surge aqui no seu sentido de manipulação, mas mais como uma inspiração. Ou seja, o indivíduo não é «manipulado» para gostar de metal. Acontece porque se cruza com alguém que lhe apresenta o género musical, por circunstâncias sociais, de frequência de determinados locais ou até por causa da *World Wide Web*.

Os amigos são referidos pela maioria dos nossos entrevistados como sendo o primeiro e o principal meio de transmissão da música metal. Na maior parte dos casos, esse primeiro encontro provoca o chamado *coup de foudre* (Hein 2019), uma espécie de enamoramento repentino, o «clique» como lhe chamam nos seus testemunhos.

⁸³ Embora as suas profissões não tivessem a ver com música.

Rui, por exemplo, conta como esse encontro se deu aos 12 anos, graças a um amigo que era o único que estudava, fora do concelho de albufeira, em Loulé:

(...) ele teve o contacto com os sons mais pesados e trouxe para nós (...) emprestou-me e gravou-me uma cassete com Celtic Frost, Sodom e WASP (...) foi amor à primeira audição (risos), deu o clique mesmo. Quando ouvi Celtic Frost, pensei, é isto! (Entrevistado 4, Rui)

O som que criava uma atmosfera obscura com teclados foi o que mais atraiu o adepto num primeiro momento. Segundo ele, a maior parte dos adeptos que conheceu tiveram o «clique» com Iron Maiden, mas Rui começou por sons mais pesados, sendo que os britânicos só lhe despertaram interesse já nos anos 90.

Já o «enamoramento» de Joel deu-se aos 14 anos, também pela via de um amigo e é um dos exemplos que refere Rui no que respeita à banda que o iniciou:

Eu e esse meu amigo tínhamos o hábito de andar à procura de ouvir coisas novas e fomos uma vez a casa do primo dele para gravar coisas de Iron Maiden e foi aí, principalmente, quando estive a ouvir alguns temas, fiquei um bocado deslumbrado com aquilo (...) já tinha tido contacto com os Iron Maiden em 84 (...) e lembro-me da imagem que chama a atenção, mas na altura passou-me um pouco ao lado, mas dois ou três anos mais tarde, quando fui ouvir, foi com outra atenção e foi quando a coisa entrou e daí para a frente foi sempre. (Entrevistado 3, Joel)

O que o atraiu num primeiro momento foi a música em si, até porque estava a ouvir em cassete gravada, sem acesso às ilustrações das capas, mas admite que, no seguimento, as capas dos álbuns passaram também a ter um papel importante:

Iron Maiden foi a primeira banda, uma cena que nunca tinha encontrado e fez o clique, tanto que deixei logo uma cassete para ele me encher com aquilo, a partir daí foi devorar sem parar. (Entrevistado 3, Joel)

Confirmamos também a afirmação de Rui, em relação aos Iron Maiden, nos testemunhos de Rito e Sónia, que também tiveram o seu primeiro contacto graças a amigos:

Tinha 12 anos quando um amigo que encontrei, por acaso na camioneta de Pechão para Olhão, me mostrou Iron Maiden em cassete. Fiquei fascinado! E pedi-lhe logo que me emprestasse para que eu pudesse gravar para mim. Aquilo era diferente de tudo o que tinha ouvido até então (...) o que mais me atraiu num primeiro momento foi mesmo a melodia do som, o sentimento intemporal do que estava a ouvir. (Entrevistado 1, Rito)

Foi aos 13 anos, foi através de um amigo mais velho da escola, que estava a ouvir Iron Maiden. (Entrevistado 8, Sónia)

Sónia salienta a agressividade do som, as vozes e a atitude de rebeldia como sendo os principais fatores que a atraíram num primeiro momento:

(...) foi principalmente a curiosidade em ouvir aquilo que o meu colega estava a ouvir; ouvi e identifiquei-me (...) ouvir a voz do Bruce Dickinson⁸⁴ pela primeira vez, aquilo foi apaixonar-me de imediato por aquele canhão sonoro e depois claro, conheci Metallica e foi paixão! (Entrevistado 8, Sónia)

Carlos também teve o seu *coup de foudre* com Iron Maiden, mas de forma mais «solitária», sendo que foi a imagem da capa de um álbum que lhe traçou o resto da vida. Tinha 14 anos:

Fui a uma loja de discos que havia na minha rua, em Lisboa (...) chego lá e vi a capa do Live After Death, o LP estava pendurado na parede e pronto, foi um momento que mudou todo o meu futuro porque foi uma epifania, olhar para aquela capa, ver o Eddie a levantar-se da sepultura no meio das chamas a levar com um relâmpago na testa foi como eu próprio levar com um relâmpago na testa naquele momento! (Entrevistado 12, Carlos).

Já Rafael admite que:

(...) Iron Maiden foi espetacular a nível de som, porque na altura tinham uma composição musical que não existia (...) [mas] a nível de clique não posso dizer que foi com eles porque eu já ouvia anteriormente os Uriah Heep, os Deep Purple, os Balck Sabbath, já tinha aquilo no sangue, já me corria o hard rock no sangue, eu já tinha o clique dentro do meu corpo. (Entrevistado 5, Rafael)

Similar é a experiência de Mauro:

A primeira memória de algo que me tocou foi logo aos nove anos [AC/DC] (...) Eu não sabia inglês, estava o título da banda e o nome do álbum, que era o Highway to Hell, nunca mais me esqueci do Angus Young com uns corninhos a segurar no rabo do demónio e esse pormenor nunca mais me saiu da cabeça e até hoje em dia ouço com muito prazer AC/DC (...) foi realmente esse álbum que me fez trepar paredes! (...) Mais tarde e aí já foi influência de um primo, tive novamente acesso a AC/DC e Iron Maiden e toda a NWOBHM, aquela corrente com Judas Priest, Saxon, Diamond Head, uma série de bandas. (Entrevistado 6, Mauro)

AC/DC é também uma das bandas referidas por Fábio para o seu *coup de foudre*:

(...) terá sido por contacto na rua onde eu vivia, havia um indivíduo mais velho que era primo de um amigo meu, que ouvia Sex Pistols, Van Halen, AC/DC e coisas do género. Depois, descobri através da rádio os programas da altura que eram feitos pelo António Sérgio e pelo Luís Filipe Barros e partir daí comecei a minha descoberta pouco a pouco, digamos que por mim, acerca desse tipo de som. Terá sido por volta dos 10/ 11 anos. (Entrevistado 10, Fábio)

⁸⁴ Vocalista dos Iron Maiden.

Apesar de já estar em contacto com o punk desde os seus sete/ oito anos, Tiago conta a forma *suis generis* como se deu o seu primeiro encontro com o metal e qual a sensação que lhe provocou:

Descobri Black Sabbath em bobines, é engraçada a história. Foi em casa do meu avô (...) [que] tinha as tais bobines (...) e tinha um sistema de som instalado em toda a casa, até na casa de banho! (...) De repente começa a dar chuva, imensa chuva a ouvir-se por toda a casa, era o início de uma música de Black Sabbath, começa com uma cena de chuva omnipresente, os sinos a tocarem e depois os primeiros riffs (...) [e] a primeira coisa que ouvi mesmo metal. Mas sabes porquê? Porque a sensação foi como ver um filme de terror. E é isso que é o metal, é esse tipo de sensação que te traz. (Entrevistado 13, Tiago)

O percurso de Laura é distinto. Apesar de ter tido contacto com o género e a subcultura na adolescência através do seu irmão mais velho, admite que o seu «enamoramento» a sério se deu mais tarde:

(...) a partir dos 20, 21, foi quando comecei a entrar mesmo a sério na cena da música (...) ou a compreender melhor, já gostava, já ouvia, mas ainda não me tinha dado o «clique». (Entrevistada 2, Laura)

Sara também começou a ouvir metal um pouco mais tarde⁸⁵, em comparação com os entrevistados do sexo masculino e de uma forma muito peculiar. Tendo-se mudado para Crestuma, a cerca de 20 quilómetros de Vila Nova de Gaia, de onde é originária, começou a frequentar um bar, tal como nos explica:

(...) onde haviam muitos metaleiros. Na altura, não fazia parte do meio, tive assim um bocadinho de dificuldade na integração, até que quando já conhecia toda a gente, precisava de explicações de inglês. O que é que a minha explicadora de inglês punha? Metal. Comecei a pôr o ouvido mais para o metal do que para as explicações, lembro-me perfeitamente que ela dizia «eu vou ter que desligar a música porque tu não estás atenta» (risos). (Entrevistado 9, Sara)

Todavia, e ao contrário da maioria dos nossos entrevistados, o que a atraiu num primeiro momento não teve especialmente a ver com a música, mas sim com o *look*, o visual dos metaleiros:

Inicialmente o que me atraiu mais foi ver as pessoas vestidas de preto, de botas de biqueira de aço e ver o que era um metaleiro (...) identifiquei-me (...) Antes de ter explicações, nunca houve nada que eu dissesse assim: vou ouvir metal ou alguma amiga chegada que me dissesse: «eu gosto de metal, vamos ouvir». (Entrevistada 9, Sara)

⁸⁵ Aos 17 anos.

Norberto também admite que a imagem dos metálicos e uma t-shirt em particular fascinou-o:

(...) quando estava no oitavo ano e fui para a escola secundária, foi quando comecei a notar as t-shirts. A imagem mais antiga que eu recorro do heavy metal é a t-shirt do Killers⁸⁶, aquilo para mim era um misto de «isto não parece ser muito positivo», mas ao mesmo tempo é um fascínio (...) quem envergava essas t-shirts também mostrava, para além da ousadia, mostrava força e havia um respeito dos que não entendiam o heavy metal, mas olhavam com admiração para o pessoal que vestia essas t-shirts e tinha cabelo comprido e isso para mim era admirável. (Entrevistado 14, Norberto)

Desta forma, o contexto escolar⁸⁷ foi propício a que Norberto se interessasse pela subcultura e, aos 14 anos, um amigo que vivia na sua rua proporcionou-lhe o contacto com o som:

(...) no final da tarde, eu estava a estudar Matemática, e ele apareceu lá em casa com uma cassete e disse-me que eu tinha de ouvir aquilo. Era Iron Maiden: Somewhere in Time. Eu ponho a cassete a tocar e nunca mais estudei nessa noite. Achei uma força, achei a música escura. O Somewhere in Time tem uma forma fantasmagórica, todos os temas, achei fantásticos! No dia a seguir estava à porta dele a pedir-lhe mais música do género (...) E nunca mais fui o mesmo! (risos) (Entrevistado 14, Norberto)

A primeira vez que ouviu falar de metal, Petra tinha 11 anos. Explica que estava nas escadas da porta do prédio onde vivia em Lisboa e que um vizinho lhe mostrou um *picture disc*:

(...) eu achei aquilo (faz cara de espanto) uma coisa de outro mundo, parecia uma obra de arte, nunca tinha visto um picture disc e perguntei-lhe «o que é isso?» já não me lembro de que banda era (...). (Entrevistado 11, Petra).

Todavia, lembra-se perfeitamente do nome da banda pela qual teve o primeiro *coup de foudre*, começando a vestir-se de preto muito nova, desde os 12 anos, em comparação com as duas entrevistadas anteriores:

Comigo, foi mais com os Europe (...) aos domingos, dava sempre o top nacional e, entretanto, o Final Countdown dos Europe começa a subir nos tops à maluca. Para já, aquela música (faz gestos de grandeza) e depois eles eram bonitos «ai aquele baixista!», tão lindo, um dia hei de ir à Suécia. E fui! Cheguei a ir ao sítio onde eles vivem e tudo e temos amigos em comum, é engraçado (risos). (Entrevistado 11, Petra)

⁸⁶ Referente ao primeiro álbum de Iron Maiden.

⁸⁷ Conta-nos o entrevistado que nos anos 80, o Barreiro era das cidades mais metal do país e que a lista dos *heavies*, assim chamados na altura chegou a ganhar a presidência da associação de estudantes da sua escola secundária.

Confessa, tal como Sara, que o que a atraiu num primeiro momento foi a «imagem»

Eu acho que, por ser rapariga, a primeira coisa é a imagem de dureza. Os metaleiros, como tu sabes, têm assim um ar muito assustador mas são uns corações de manteiga, todos” (risos) (Entrevistado 11, Petra).

Já Teresa sublinha a importância que a Internet teve (já naquela altura - anos 90) no seu encontro com o metal.

Tem a ver com a abertura do espectro (...) como gostei sempre muito de música sempre partilhei muito com amigos, principalmente, se calhar o «boom» para mim, foi quando começou a Internet cá porque eu tive logo (...) quando houve aquela cena de todo o pessoal começar no IRC, e foi a partir daí que eu comecei a expandir (...). (Entrevistado 7, Teresa).

A adepta explica que entre os seus amigos ou vizinhos, ninguém partilhava dos seus gostos musicais e foi através dessas primeiras «redes sociais» que começou a ouvir sons mais pesados. Por outro lado, nota-se no discurso de Teresa uma exposição gradual, uma espécie de «metalização» do ouvido, no sentido de se gostar de sons e vozes cada vez mais agressivos:

Já conhecia aquelas bandas como Megadeth, Metallica, Pantera, mas estas são aquelas que toda a gente mais ou menos conhece (...) embora continuasse a ouvir rock progressivo, comecei a ouvir cenas mais pesadas e depois o limite vai sempre subindo um bocadinho; vozes que se calhar não conseguiria ouvir com 13 anos, como Carcass por exemplo, aquelas vozes de death metal, tem a ver com a abertura do espectro” explica. “(...) é como em tudo, como nas artes plásticas: aprendes a fazer a coisa direitinha, mas depois há que a desconstruir (...). (Entrevistado 7, Teresa)

Tendo em conta os testemunhos dos nossos entrevistados, podemos destacar o facto da grande maioria referir os círculos de amizade como o primeiro meio de transmissão para o *coup de foudre*. Os meios de comunicação social e a frequência de determinados locais também são referidos, embora em segundo plano na maioria dos casos.

No que respeita às idades com que se deu o encontro com o metal, na grande maioria esse encontro significou também o *coup de foudre*, acontecendo em idades precoces de pré-adolescência sobretudo nos indivíduos do sexo masculino e de idade mais avançada. Como exemplos temos Rafael que tem, à data da entrevista, 57 anos e que começou na subcultura aos nove anos e Fábio com 54 anos à data da entrevista que se «enamorado» pelo estilo aos 10 anos de idade. Verificamos ainda que essas idades variam entre os oito e os 21 anos, e que dois indivíduos do sexo feminino se iniciaram bastante mais tarde em comparação com os outros entrevistados: Laura com 21 anos e Sara com 17 anos.

Outro aspeto a ter em consideração é a importância que a banda Iron Maiden teve para a grande maioria dos entrevistados. Dos 14 testemunhos, cinco dizem ter-se apaixonado pelo género musical através do encontro com esta banda. Embora muitos se tivessem sentido atraídos desde o primeiro instante pela música em si, referindo a «agressividade do som», há também quem tenha sentido uma atracção irresistível pelo *look* dos artistas e dos metálicos, isto principalmente do lado das raparigas e/ ou pelas ilustrações das capas dos discos, como nos contaram Carlos ou Mauro.

4.1.3 Primeiras bandas, primeiros concertos - uma experiência apoteótica

Além dos Iron Maiden, que são referidos repetidamente pelos nossos entrevistados, as bandas mais citadas são AC/DC, Van Halen, Black Sabbath, Metallica, Slayer, Megadeth, Sepultura, Motörhead, Samael e Celtic Frost, não havendo grande discrepância se tivermos em consideração a idade, o sexo ou a localização geográfica dos adeptos nos anos 80/ 90.

Já em relação aos primeiros grandes concertos e às descrições que nos são feitas, podemos distinguir aqueles que foram aos primeiros grandes concertos de metal no nosso país⁸⁸ dos que não tiveram essa oportunidade, mas que foram por exemplo aos «míticos» eventos já nos anos 90. Neste contexto, a idade, as possibilidades económicas e a localização geográfica dos entrevistados são características a ter em conta.

Desta forma, podemos distinguir aqueles que foram aos primeiros grandes concertos de metal, daqueles que não tiveram essa oportunidade, por uma questão de idade, de situação financeira e/ ou localização geográfica.

⁸⁸ A estreia dos Iron Maiden em Portugal foi a 31 de Agosto de 1984 no Pavilhão Infante no Porto e a 1 de Setembro do mesmo ano, atuaram no Dramático de Cascais; fonte: <https://www.ironmaiden.com/tours/world-slavery-tour---1984>. Motorhead, Girschol e Destruction estiveram em Cascais a 3 de Abril de 1988; fonte: <https://rocknosotao.blogspot.com/2008/07/motorhead-em-cascais-1988.html>. Muitos entrevistados citam também dois grandes eventos: os concertos de Guns n' Roses, Faith No More e Soundgarden; a 2 de Julho de 1992 e de Metallica, The Cult e Suicidal Tendencies a 16 de Junho de 1993 no antigo estádio de Alvalade; fontes: fonte: <https://observador.pt/2016/12/08/guns-n-roses-em-1992-estive-la-e-sobrevivi/>; <https://www.metallica.com/events/event-10004.html>.

Por outro lado, denotamos uma descrição extremamente emotiva do concerto ao vivo: era «a realização de um sonho». Temos ainda testemunhos diferenciados, no que concerne drogas e violência durante os eventos.

Para aqueles que se situam na faixa etária dos 40 aos 45 anos, é bem pouco provável que tenham assistido ao primeiro concerto de Iron Maiden em Portugal, por exemplo. O que não foi o caso de Fábio, atualmente com 54 anos:

O primeiro grande concerto a que fui foi Ramones em Cascais, tinha 14 anos (...) Rainbow foi o meu segundo grande concerto e o primeiro de metal; Iron Maiden terá sido em 84, tinha 17 anos. (Entrevistado 10, Fábio).

Por seu turno, Joel confessa ter perdido o primeiro concerto de Iron Maiden em Cascais por falta de informação. Todavia, organizou-se antecipadamente para assistir ao seu primeiro grande concerto em 1988, tinha 15 anos. Nas suas palavras denotamos o entusiasmo e a euforia subjacente não apenas ao momento do evento em si, mas também aos períodos que antecediam os espetáculos:

(...) Vieram cá os Motörhead com Destruction e Girschool (...) e com o meu vizinho decidimos ir ao concerto: aquela coisa de começar a juntar dinheiro para ir ao concerto e depois estar à espera da data; e nesse mesmo ano em setembro, também vieram os Iron Maiden com os Halloween (...). (Entrevistado 3, Joel)

Por outro lado, o facto de se viver em Lisboa e arredores permitia um acesso mais facilitado a esses eventos, como nos transmite Laura:

(...) ou tinhas dinheiro para o bilhete ou tinhas dinheiro para a deslocação. Juntar as duas coisas era difícil. O primeiro grande concerto que eu fui lá acima, acho que foi a primeira vez que os Amon Amarth vieram a Portugal em 2005 ou 2006 e também vi Metallica no Rock in Rio (...). (Entrevistado 2, Laura)

Contudo, para quem vivia na «província», conseguir ir assistir a esses concertos ganhava uma dimensão ainda mais apoteótica:

Para já, havia a épica viagem de comboio. O comboio arrancava em Vila Real de Santo António, onde tinha grandes amigos do metal (...) apanhava uns malucos em Tavira, depois chegava a Olhão, mais uns malucos, a Faro, mais e depois em Tunes, vinha a malta de Lagos, Lagoa, Portimão. Ocupávamos umas duas carruagens e lá íamos nós para Lisboa, era fantástico! (Entrevistado 1, Rito)

Havia também a questão familiar que por vezes se impunha à vontade do(a) metaleiro(a):

(...) na altura, os meus pais não me permitiam. O meu primeiro concerto foi um festival, na Alfândega em 1995. Vi Cradle [of Filth], Moonspell, Megadeth, Anger, foi quando vi grandes bandas a sério! Ainda hoje tenho o bilhete guardado! (...) Foi brutal, foi uma coisa para mim na altura de outro mundo, ir assim a um festival, foi fantástico! Recordo-me perfeitamente da aventura que foi o caminho para lá (...) todo o momento foi uma festa. (Entrevistado 9, Sara)

O facto de ir regularmente a França visitar o pai permitiu a Mauro assistir ao seu primeiro concerto em setembro de 1989, duas bandas locais em La Rochelle. Todavia, esse foi também o ano em que o entrevistado entrou para a Faculdade no Porto, cidade onde se iniciaram as suas primeiras relações interpessoais e atividades ligadas à subcultura. Existia uma grande proximidade entre as bandas locais e os «fãs», que demonstravam a sua solidariedade:

Comecei a ir às discotecas, até um dia em que alguém meteu conversa comigo e as amizades começam assim, a falar e tal, comecei também na organização de concertos e vi o nascimento de muitas bandas que são seminais aqui do Porto, a maior parte já acabou, como WC Noise, Overhead, Raising Fear, Genocide (...) no início dos anos 90, havia um grande fervilhar de nascimento de bandas (...) o pessoal acompanhava as bandas e seguia-as por todo o lado, onde essas bandas tocavam, lá íamos nós atrás (...). (Entrevistado 6, Mauro)

No que respeita à descrição da experiência, todos concordam que o concerto, tal como refere Weinstein (2000) é a glorificação do metal em direto, ao vivo e a cores. É estar diante daquela banda que se tinha estado a ouvir em cassete, CD ou vinil durante horas a fio e finalmente poder estar frente a frente com aqueles que tinham provocado aquelas sensações:

Era um autêntico ritual, era uma coisa fora de série, era tu estares num mundo que nunca imaginarias estar ou terias noção do que era, ver aquela alegoria toda em palco dos próprios Iron Maiden, com a mudança de setups, as ilustrações que eles faziam para as próprias músicas e estares a sentir aquela energia e aquela força toda e estares rodeado de uma multidão de pessoas que gostavam igualmente desse tipo de som era uma cena absolutamente fora do normal! (Entrevistado 10, Fábio)

Com 47 anos à data da entrevista, Petra teve a «sorte» de ir ao seu primeiro concerto em 1989. Com 15 anos na altura, denota-se no seu discurso uma «deusificação» dos artistas e a apreensão que esses eventos causavam nos familiares mais próximos.

Nós éramos novíssimas⁸⁹ e lembro-me que, quando cheguei ao Dramático, havia aquele pessoal todo do metal e o meu pai ficou assustadíssimo, deixar lá aquelas meninas tão frágeis. Eu lembro-me que, quando ele nos deixou de carro, partiu-se logo uma garrafa ao pé de nós, o meu pai: «ai se calhar é melhor irem para casa» e

⁸⁹ Petra foi acompanhada por duas colegas de turma.

eu: «não» e depois então disse «vai-te embora, vai-te embora» e então aquelas meninas tão frágeis para a primeira fila e tiveram aquela primeira coisa que foi o tocar, «eu toquei no Bon Jovi! Meu deus!» e aí todo o mundo mudou!⁹⁰ (Entrevistado 11, Petra)

O rosto de Rito ilumina-se de felicidade, enquanto gesticula fervorosamente durante o relato que nos faz:

(...) o concerto que mais me marcou terá sido a primeira vinda de Slayer a Portugal, que foi um concerto absolutamente caótico e isso foi a apoteose total porque havia espanhóis, estava cheio, haviam pessoas que se esfaqueavam nas costas a escrever Slayer, gajos com os braços a pingar sangue por todo o lado, aquilo era um caos total (...) Slayer foi de uma brutalidade! Uma demência! Superou tudo o que eu poderia imaginar. O mosh foi uma espécie de erupção vulcânica, aquilo explodiu, irrompeu, era a plateia em pé toda completamente em mosh. Era surreal [suspira]. Aquilo era o apocalipse! (Entrevistado 1, Rito)

Da forma como nos expõe o evento, nota-se que o entusiasmo não se fixa apenas na música, mas também nas práticas dos adeptos durante o concerto. Embora a função socializadora das práticas culturais ligadas ao metal também se concretizasse em bares, lojas de vendas de discos, nas escolas ou noutros locais onde se pudessem juntar, a verdade é que nada superava a «magia» do concerto. Os festivais de metal, que também começam a surgir, principalmente nos anos 90, e que cumulam múltiplos concertos transformam-se em aldeias de socialização entre adeptos, que entram, como nos explica Laura “*num país encantado*” ou tal como relata Carlos juntam indivíduos que falam uma mesma língua, distinta dos apreciadores de outros géneros musicais:

(...) Wacken⁹¹ é enorme, é uma coisa impressionante, tens ruas e ruas, avenidas na área do campismo, todas as ruas têm nomes de bandas, tens uma área de merchandising, de bijuteria e roupa, é uma feira enorme, encontras lá de tudo. É uma aldeia do metal, durante aqueles cinco dias, entras ali, parece que entras num país encantado e, quando saís cá para fora, é bué estranho encarar o mundo. (Entrevistado 2, Laura)

(...) eu gosto imenso de estar em casa a ouvir música, com determinada qualidade e prestar atenção a determinadas coisas [mas] um concerto é um encontro com o teu próprio estilo de vida, com as pessoas que estavam efetivamente à parte da sociedade e da música e ainda hoje se verifica (...) há uma afinidade, o pessoal junta-se, conversa, fala uma mesma língua, é uma coisa um bocado à parte e nos anos 80 e

⁹⁰ Tal como refere Sónia Cabeça, “a idolatria representa assim uma forma de as adolescentes lidarem com novos sentimentos trazidos pela transição para uma vida sexual ativa: as estrelas são objetos sexuais preferenciais por serem inacessíveis, servindo para aceitar os novos sentimentos e permitindo às adolescentes desempenharem um papel de «gostar de alguém» e fantasiarem que são retribuídas” (Cabeça, 2005: 15).

⁹¹ Wacken Open Air – festival de metal que decorre anualmente na Alemanha. Fonte: <https://www.wacken.com/en/>

inícios de 90, eu ia a um concerto no Dramático e estava sempre a cumprimentar alguém; para o Bairro Alto, ia sozinho e encontrava imensa gente (...) os poucos que existem hoje em dia e os muitos que existiam na altura eram muito aguerridos e muito militantes, ou seja, isto não tinha nada a ver com o ouvinte casual de música, que tinha ouvido na rádio e comprava porque tinha gostado, isto era uma coisa e é ainda completamente diferente disso e na altura, isso marcava uma forte diferença entre os metálicos e outros ouvintes de música. (Entrevistado 12, Carlos)

Apesar de se estabelecer uma ligação emocional entre os adeptos durante os espetáculos, nem sempre os concertos eram pacíficos, principalmente nos anos 80. Agressivo, pesado e assustador são alguns dos adjetivos usados por Joel para descrever o ambiente desses primeiros concertos:

(...) havia rivalidades de alguns bairros e zonas dos arredores de Lisboa, nem se via muita confusão, mas depois dentro do pavilhão havia cenas de porrada (...) por vezes, via-se um gajo a correr e outros a virem ao pontapé nele, cenas um bocado agressivas para quem não estava à espera. Não era novo, conhecíamos essas situações aqui da linha de Sintra, mas assim daquela maneira, estar na bancada e ver o pessoal na fila da frente com uma colher a fazer uma sopa, foi um choque um bocado grande (...). (Entrevistado 3, Joel)

Norberto também confirma:

[Os concertos] eram muito violentos, a malta mandava-se lá para a frente e partia-se toda. Era o que eu estava a dizer essa necessidade de manifestação exacerbada. Havia porrada, assaltos, eram capazes de assaltar alguém para roubar o maço de tabaco e o dinheiro. Headbangers normalmente não faziam isso a headbangers, mas era um pouco assim. (Entrevistado 14, Norberto)

Já Fábio tem um testemunho diferente e afirma que os confrontos se davam sobretudo entre os adeptos e a polícia:

Eu, relativamente a drogas, assisti a pessoal muito bêbedo a cair para o lado; agora, caldos isso francamente nunca assisti. Acontecia era violência com a polícia a entrar para o próprio pavilhão em si. Houve situações em que eu próprio estive e que era realmente a lidar com gado: a polícia a empurrar as pessoas e não haver uma porta mínima para se poder entrar. Em Cascais, era a porta lateral e aí sim havia cenas de violência e a polícia a carregar sobre a malta e à saída também havia cenas de violência. Lá dentro, entre os metaleiros não me recordo assim de grandes cenas, havia uma situação ou outra, mas era pontual. (Entrevistado 10, Fábio)

Deste subtema, temos a destacar a influência das características sociodemográficas no acesso à música, principalmente em termos de ida aos concertos, sobretudo no que toca à idade, situação financeira e à localização geográfica. Dos 14 entrevistados, 10 passaram a adolescência na grande Lisboa ou no grande Porto, tendo, por isso, um acesso

mais facilitado no que concerne à assistência aos primeiros grandes concertos de metal e à frequência das lojas de discos e bares dedicados ao estilo.

Os mais velhos, como Rafael⁹² e Fábio, conseguiram ir a alguns dos primeiros concertos de renome, bem como Mauro e Joel, embora numa fase posterior. Os que viviam fora dos grandes centros urbanos como Rito, que é também mais novo, assistiram aos grandes espetáculos já na década de 90, mas todos os outros entrevistados mencionam as dificuldades financeiras e o facto de viverem fora dos grandes centros urbanos como impedimento para se deslocarem aos espetáculos.

Todavia, não se denotam grandes diferenças nas descrições «emocionais» dos entrevistados e na euforia que significava participar nesses eventos, sobretudo em relação aos concertos de «maior dimensão». Era a materialização de um sonho.

4.2. Construção da identidade pela ligação ao metal

4.2.1 Marginalização, estigma e preconceito

Tal como referenciámos, um dos aspetos que distingue o metal de outros géneros musicais (embora a música rock em geral sempre tenha sido associada à rebeldia) é a sua irreverência e o facto de provocar reações extremas. Talvez por se tratar de um «rock extremo» e tal como menciona Walser (2014), ou se ama, ou se odeia. É apontada como a música do diabo e significa “um ataque desavergonhado aos valores centrais da civilização ocidental” (Weinstein, 2000:3). E quando falamos do mundo social do metal, vimos que pertencer-lhe também significava querer demonstrar o amor pelo género, adotando o *look* dos artistas.

Ora, tendo em consideração o contexto político-histórico de Portugal no final dos anos 70, acabado de sair de um sistema ditatorial que vigorou mais de 40 anos consecutivos, as condições socioculturais da época não eram propriamente propícias à aceitação da subcultura metálica⁹³. De facto, todos os nossos entrevistados dizem ter-se sentido, de uma forma ou de outra, marginalizados pela sociedade em geral.

⁹² Embora Rafael tenha assistido aos seus primeiros concertos em França por circunstâncias familiares.

⁹³ Tal como vimos no subcapítulo dedicado ao heavy metal em Portugal.

Mas, muitas vezes, o primeiro choque dava-se no seio do ambiente familiar. Ligado também a um conflito geracional, era por vezes difícil afirmar-se como metálico perante os pais. Destacamos também a discriminação que se fazia sentir da parte dos pais dos amigos dos *headbangers*, o preconceito das forças de segurança pública e a desconfiança da sociedade em geral.

Ainda assim, e mesmo apesar de todos concordarem que a transformação societal que o país sofreu ao longo dos anos tenha atenuado estas situações, alguns entrevistados dizem sentirem-se, ainda hoje, alvo de estigmatização⁹⁴.

A atitude rebelde que significava pertencer à subcultura não agradava a todos os pais, mas era condição *sine qua non* para quem se apaixonava pelo género. Por vezes, contrariar essa exteriorização significava um passe para práticas ainda mais «ousadas».

Deixar crescer o cabelo foi a primeira grande «luta» que Joel teve de travar aquando do seu engajamento no mundo do metal:

(...) a guerra começava em casa, não era só na rua, era uma luta que se tinha que ir fazendo aos poucos até chegar uma altura, ao fim de não sei quantos anos, as pessoas já tinham aceite que aquilo era assim e que não ia voltar atrás. (Entrevistado 3, Joel)

Laura, confrontada com uma educação familiar “*muito tradicional e limitada*”, saiu de casa aos 17 anos. Teresa lembra as discussões parentais diárias; Sónia e Sara também se sentiram pressionadas pelas suas formas de vestir:

A minha mãe, ainda hoje, torce o nariz aos piercings, às tatuagens e às botas mas, muitas vezes, já ignora, acho que já se habituou. (Entrevistada 2, Laura)

(...) eram discussões permanentes, diárias com o meu pai por causa das botas da tropa, que me dizia «porque não andas com sapatinhos como as outras meninas?» e eu dizia «não quero!» (risos) e cada vez que ele dizia isso, eu ainda fazia pior, ainda andava mais rota. (Entrevistado 7, Teresa)

⁹⁴ Utilizamos aqui o termo estigma na conceção de Goffman (2004). Segundo ele, a sociedade estabelece de que forma se categorizam as pessoas e os atributos considerados «normais» para cada categoria e enquanto seres sociais «avaliamos» o indivíduo desconhecido de acordo com preconceções que transformamos em “expectativas normativas (...) Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser- incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída (...) O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso” (Goffman, 2004: 5, 6).

(...) quem é a mãe que quer ter uma filha sempre vestida de preto? Sempre refundida? Claro que não (...) ela dizia: «tu e as caveiras, os gatos pretos...» (risos). (Entrevistado 8, Sónia)

(...) o meu próprio pai, que tem uma mentalidade mais antiga, quando comecei a pintar as unhas de preto - isto é um bocadinho embaraçoso – (risos) virou-se para mim e disse-me assim: «ó filha tu sabes quem é que pinta as unhas de preto? São as meninas da rua». Eu tive assim uma certa discussão com ele na altura, porque não concordava obviamente, mas ao longo dos tempos, os meus pais viram que não havia hipótese de tirar-me daquilo, que era eu na mesma, mas com uns gostos um bocadinho diferentes. (Entrevistado 9, Sara)

Apesar da mãe de Petra “não ter achado piada nenhuma” a que se vestisse de preto, a entrevistada explica que os seus bons resultados escolares faziam «equilibrar a balança».

O vestir de preto diziam «parece que és viúva (...) A minha família é do Alentejo então era muito típico como a minha avó, então diziam «Ai se eu morrer e como é que as pessoas sabem que estás a deitar luto?» Eu nunca liguei muito ao que os meus pais me diziam sobre isso. Não liguei porque dizia: «achas que isso está a ter influência nos meus resultados na escola? Olha que eu continuo a ter excelentes notas!». Portanto cortava sempre a conversa. Como te disse, sempre tive a sorte de ter boas notas com muito pouco esforço portanto ia conseguindo salvar-me dessas situações em casa. «Não podes sair à noite!» «Porquê? Porque não mereço divertir-me?» (Entrevistado 11, Petra).

A situação de Norberto é semelhante à de Petra.

Quando comecei a usar calças elásticas pretas, cabelo grande, os meus pais não entendiam isso muito bem (...) [mas] por outro lado, eu era um excelente aluno, com boas notas, e eles ficavam tranquilos em relação a isso. (Entrevistado 14, Norberto)

Quanto ao que poderiam pensar as pessoas na rua, fazer parte da subcultura tornava-o numa espécie de «super-herói»:

(...) eu sentia-me intocável. Havia algum respeito, sabiam com quem eu me dava, a própria música dá um sentimento de força, o fazer parte do grupo também, mas os fãs do metal sentem que o metal lhes dá essa força, a imagem agressiva que se transmite pelo visual, passa-se uma falsa ilusão de força. (Entrevistado 14, Norberto)

Por seu turno, Rafael não menciona ter tido quaisquer problemas de âmbito familiar, por causa da sua ligação ao metal.

Eu ainda hoje em dia pergunto à minha mãe «como é que tu tinhas paciência para aturar a música?», porque púnhamos a música em alto som, que até se ouvia da rua (...) a minha mãe deu-me sempre a liberdade de eu escolher o que eu queria fazer desde que eu me portasse bem (...). (Entrevistado 5, Rafael).

Tiago também não teve problemas no seu ambiente familiar por causa da sua forma de vestir ou da música que ouvia.

Nunca tive problemas em casa com isso, o meu pai não gostava muito, mas como não vivia com ele tinha pouca voz na matéria. O meu avô e a minha mãe eram cool. (Entrevistado 13, Tiago)

Desta forma, o que podemos retirar dos testemunhos da grande maioria dos nossos entrevistados, é que no seio do ambiente familiar, poderia haver um primeiro choque, mas os pais acabavam por se «render» aos novos hábitos e *looks* dos filhos.

Contudo, o «olhar de lado», de desprezo ou mesmo o medo vinha sobretudo e principalmente da «rua» e alguns dos entrevistados mencionam os pais dos amigos, que os consideravam os «inimigos número um». No testemunho de Sónia, por exemplo, conseguimos notar a disparidade na «aceitação social» da diferença, tendo em conta duas zonas do país:

(...) principalmente na sociedade retrógrada do norte do país, vinha habituada de um sítio onde uma rapariga podia andar de calção ou de fato de banho na rua porque era uma terra piscatória e de praia [Peniche] para uma terra [Peso da Régua] em que uma rapariga era muito mal vista sair sozinha, quanto mais gostar da música do demo, do diabo (risos). Desde cuspirem-me, chamarem-me nomes, drogada, lésbica só pura e simplesmente por eu me vestir de preto e chegarem ao cúmulo de dizerem: «eu não quero que a minha filha ande com você» (...) eramos julgados somente pelo aspeto (...). (Entrevistado 8, Sónia)

Sónia explica que principalmente os rapazes, adeptos do movimento, eram muito mal vistos e chamados de gandulos e diz:

(...) supostamente aqueles que são gandulos foram aqueles que me trataram melhor em toda a minha vida (...). (Entrevistado 8, Sónia)

Gandulo é também uma das palavras empregues por Rui para se referir ao estigma que existia em relação aos rapazes de cabelo comprido que ouviam «barulho». Vivendo nas Ferreiras, um sítio de pequena dimensão, pertencente ao concelho de Albufeira, a vida de um metálico não era fácil:

Era um bocado complicado porque não era bem aceite, nem pelo meu pai, nem pelos vizinhos; cheguei a ter pais de amigos meus que os proibiram de se dar comigo por eu ouvir heavy metal e ter o cabelo mais comprido; havia aquele estigma do gandulo, do drogado. (Entrevistado 4, Rui).

Rui conta que também se sentiu bastante marginalizado pelas autoridades:

(...) juntávamo-nos à noite junto à estação dos comboios das Ferreiras e quando vinha o jipe da GNR, estamos 15/ 20 amigos e o único que era revistado era eu, porque tinha cabelo comprido e usava t-shirts pretas e com desenhos (...). (Entrevistado 4, Rui)

Rafael tem uma visão similar:

Nos anos 80 (...) à noite, havia muitas rusgas da polícia, ao início até eram os militares que faziam isso, depois a polícia de intervenção nos cafés à procura de droga. Onde é que eles iam logo direitinhos? Aos que tinham cabelos compridos, se bem que muitas vezes aqueles que traficavam droga não eram esses, esses eram os que consumiam; as pessoas começaram a meter na cabeça que os de cabelos compridos são uns drogados, uns bêbedos, até 85/86, foi assim dramático, uma pessoa andava com cabelo comprido e blusão negro e parecia que andava com uma marca. (Entrevistado 5, Rafael).

Por seu turno, Rito utiliza a expressão «pergunta retórica» quando se lhe pergunta se se sentia marginalizado e «olhado de lado» quando andava na rua.

É óbvio que uma pessoa que opta por se vestir de forma diferente tem que se sujeitar a um rancor social de quem ainda não está preparado para viver essa realidade. Agora, as conclusões que as pessoas tiravam, eu sabia, mas nada me interessavam porque eu sabia que eu era uma pessoa de bem, que estudava, não chumbava, tinha boas notas e o meu aspeto exterior, como o meu pai, homem de grande sabedoria empírica, dizia-me: “filho, tu podes ir com uma pena de avestruz enfiada no cu para a escola, o problema é teu, tu é que passas a vergonha. A única coisa que me interessa a mim é que tu passes o ano e que estejas bem. (Entrevistado 1, Rito).

E tal como Sónia e Rui, eram sobretudo os pais dos amigos que o conotavam como sendo *persona non grata*.

Haviam pais de amigos meus que diziam: “ai de ti que te veja com aquele maluco!”, porque eu era considerado drogado (...). (Entrevistado 1, Rito)

Mal vistos e desconsiderados pela sociedade em geral é o que nos relatam os entrevistados:

(...) sempre fomos vistos como drogados, que fazíamos distúrbios em todo o lado, éramos um bocadinho mal vistos por aqui, tínhamos rótulos de pessoas más, de pessoas ligadas ao oculto, a coisas negras, não foi muito fácil. Eu lembro-me perfeitamente de entrar em certas lojas e ser olhada de cima a baixo, aconteceu-me inúmeras vezes sentir os olhares, principalmente em 2000 e pouco, quando pintei o cabelo de rosa choque, eu ia na rua e os olhares eram todos postos em mim, mas o meu pensamento sempre foi: «eu sou assim, quanto mais olhares, pior eu vou fazer». (Entrevistado 9, Sara)

(...) éramos realmente olhados de lado e marginalizados, seja pelas t-shirts que tinham um outlook mais negro, com caveiras, monstros, cruzeiros invertidas, que, para nós, não nos causam qualquer tipo de terror, mas para as outras pessoas causam (...)

depois criavam aqueles mitos, o pessoal de cabelo comprido ainda pior, eram piolhentos, não tomavam banho (...) Eramos postos de parte e levávamos bocas. (Entrevistado 6, Mauro).

(...) as senhoras de mais idade, quando me viam aproximar, com o cabelo comprido, normalmente, mudavam de passeio. (Entrevistado 10, Fábio)

Havia um preconceito muito muito grande (...) Eu entrei na faculdade em 92, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (...) tinha uma professora de alemão (eu era a única pessoa com t-shirts de Deicide, Obituary) e ela pergunta-me: «Como é que você entrou na faculdade?» a duvidar da capacidade e eu disse-lhe «vim a andar, abri a porta e entrei na faculdade». E tinha também professores na faculdade que me chamavam Avis Rara, ave rara «ah é muito estranha» (...) então, na faculdade, havia muito isso que as pessoas do metal não tinham capacidade intelectual de estar ali (Entrevistado 11, Petra)

Por outro lado, o que transparece no conjunto dos testemunhos é que era esse mesmo estigma que os fazia juntarem-se uns aos outros, como veremos melhor adiante no subcapítulo dedicado à identificação de grupo, como nos diz Joel:

(...) quando se saía de casa, havia pessoal que mandava bocas, porque se deixava crescer o cabelo, a olhar de lado, no comboio a senhora a agarrar na carteira a pensar que vão roubar a carteira, aconteciam um bocado estas situações e isso fazia com que o pessoal tivesse aquela coisa de se concentrar um bocado mais e estar entre pessoas que se vestiam da mesma maneira, sentias-te mais à vontade. (Entrevistado 3, Joel).

Tiago relata uma situação semelhante e também de que forma a vontade de se manter fiel à subcultura fazia com que se alterassem percursos de vida.

(...) houve uma altura em que precisava mesmo de perguntar as horas a alguém e a senhora começou a afastar-se e a segurar a mala; [todavia] sempre prestei atenção em ser educado e cordial, sempre cedi o lugar no autocarro (...) Depois há a questão do cabelo, para arranjares trabalho ou seres aceite num curso, tinhas que cortar o cabelo, havia pessoal a tirar cursos técnico profissionais, havia pouca gente com o 12º ano feito⁹⁵. Em relação à discriminação não podemos esquecer que continua, apesar de já não ser como era. Para tu persistires dentro desse género, tens de ter a possibilidade de não ter de abdicar dessa liberdade de vestir. Para mim ter liberdade é uma das coisas mais importantes, consigo isso através da música. (Entrevistado 13, Tiago)

Também Laura viveu episódios caricatos pela sua forma de vestir.

(...) senti muita xenofobia relativamente à maneira de vestir e às tatuagens. Eu lembro-me que houve alturas em que eu estava a receber subsídio de desemprego e fiz questão de me vestir ainda mais hard core, mais maquilhada do que o habitual, e

⁹⁵ Subentende-se aqui que, muitas vezes, os metálicos preferiam optar por cursos técnico-profissionais ou terem profissões que não os impedissem de se manterem fiéis à subcultura.

consegui não ser contratada (risos) (...) houve uma vez que eu fui ao Fórum⁹⁶, entrei na Douglas⁹⁷ e comecei a reparar que o segurança vinha atrás de mim; às tantas virei-me para trás e disse: «tem algum problema senhor?», e ele: «não» e eu disse: «sabe: eu não sei se é pelo meu aspeto, mas eu se calhar ganho um bocadinho mais do que você, eu não preciso de vir aqui roubar nada e ele ficou super envergonhado (...). (Entrevistado 2, Laura)

Serem confundidos com ladrões era uma situação recorrente, como o confirma Petra:

(...) nessa altura era bem pior, entrava em sítios e tinha seguranças a vir atrás de mim, a ver se eu não roubava nada (...) Ainda tenho isso hoje, muitas vezes quando vou a Portugal (...) vou o com meu namorado, que também é do metal, que tem muitas tatuagens e piercings e possui um ar de Hells Angels zangado, eu depois agradeço: «muito obrigada por nos escutar»⁹⁸. (Entrevistado 11, Petra).

Teresa também tem um relato semelhante e faz prova que o preconceito continua bem vivo em pleno século XXI:

(...) tenho poucas t-shirts com nomes de bandas, uso mais como vestidos, mas não gosto de letras e floreados, preto sóbrio, mas mesmo assim, principalmente nos supermercados, andam sempre os seguranças atrás de nós [o namorado também se veste de preto], se calhar quando era mais nova não reparava ou por ser menina não reparava. (Entrevistado 7, Teresa)

Por seu turno, Fábio conta-nos uma situação caricata em que o facto de ter cabelo comprido teve o seu lado «positivo»:

(...) houve uma situação (...) estavam dois ou três meliantes a abordar alguém e eu percebi que aquilo eventualmente seria um assalto e quando me viram a aproximar de gabardine comprida e cabelo comprido, eles pura e simplesmente fugiram. Tinha o seu lado bom (risos) sem dúvida, sempre achei e por isso continuo a ter o cabelo comprido. (Entrevistado 10, Fábio)

Em relação a esta subdivisão, temos a destacar o facto da primeira «luta» se dar em casa; no entanto, na maior parte dos casos, os pais dos entrevistados acabavam por aceitar e tolerar a «diferença» dos filhos e os ataques mais duros vinham de fora do seio familiar.

Denota-se uma certa disparidade, tendo em conta as idades dos entrevistados e a sua localização geográfica. Um exemplo claro é o de Sónia, tal como vimos nos excertos do seu testemunho.

⁹⁶ Fórum Algarve, centro comercial em Faro.

⁹⁷ Loja de maquilhagem.

⁹⁸ Referindo-se aos seguranças das lojas.

Por outro lado, reparamos ainda que alguns dos entrevistados mencionam as forças de segurança pública e «os pais dos amigos» como os mais discriminadores em relação ao movimento.

4.2.2 Exteriorização da subcultura: uma forma de estar

Tal como vimos anteriormente, no capítulo dedicado aos *metal studies*, adotar a indumentária própria do metálico ou metaleiro⁹⁹ é uma forma de exteriorizar uma paixão e de prestar homenagem aos artistas, que tornam possíveis as sensações que lhe estão associadas. Existem *looks* associados ao género em geral, mas também aos diferentes subgéneros, principalmente nos dias atuais, pela diversificação ocorrida ao longo dos anos.

Principalmente nos testemunhos dos nossos entrevistados mais velhos, notamos que existia a vontade de exibir o amor à música, na forma de vestir e no facto de deixar crescer o cabelo, mas nem sempre era possível da forma que queriam, uma vez que o acesso a certo *merchandising* no nosso país nos anos 80 e princípios de 90 não era fácil. Daí que quem não «tivesse cão, caçasse com gato», o importante era a dedicação e os sentimentos que estavam associados a essa forma de vestir.

(...) em meados dos anos 80, eram tempos difíceis, ainda na recuperação do pós 25 de Abril, ainda havia muita pobreza naquela altura; eu por acaso nunca passei por dificuldades, mas não havia dinheiro para comprar discos ou roupa, então nós fabricávamos, por exemplo com um blusão de ganga, cortávamos, as nossas t-shirts, fazíamos nós a nossa indumentária, com o nome e os desenhos das bandas. Lembro-me de recortar os logotipos em cartão e usar lixívia para queimar a roupa com esses logotipos das bandas (sorrisos). (Entrevistado 4, Rui)

Além disso, o entrevistado conta-nos uma situação caricata que demonstra claramente o enamoramento pelo género.

Até para comprar cassetes para gravar; na altura, o dinheiro que eu levava para a escola era 20 escudos por dia, e uma cassette custava 100 escudos, o que acontecia era que quando queria comprar uma cassette, passava a semana sem comer; passei muitos dias sem almoçar! (Entrevistado 4, Rui)

Era muito difícil, havia uma loja em Lisboa, que se chamava os Porfírios e vendia uns blusões pretos tipo motard com correntes, na altura havia um filme muito em voga: o Mad Max e o Mel Gibson vestia um blusão preto, o resto tínhamos que andar a roubar as correntes dos guarda-chuvas das mães, às vezes até das malas com um

⁹⁹ Expressão que começa a ser utilizada sobretudo durante os anos 90.

alicate e era assim que a gente fazia (risos) (...) toda a gente tentava estar o mais parecido com as rock stars que apareciam nas revistas e nos videoclips ou eram blusões de ganga ou eram blusões de cabedal. Tive a sorte da minha mãe ser costureira, ela fez-me as minhas primeiras calças de ganga apertadinhas e também as primeiras calças de cabedal, que não eram de cabedal, mas de napa e lá andava eu de calças de napa todo contente. (Entrevistado 5, Rafael)

No testemunho de Mauro, também vemos a importância da exteriorização da subcultura pela indumentária, também nos dias atuais:

Continuo a vestir-me desta forma, sempre o fiz, à parte de uma fase em que trabalhei num hipermercado e tinha que vestir farda e à parte de ter que ir de fato e gravata para os exames orais, sempre me vesti com as t-shirts, de preto (...) é uma forma de identificação, a tal irmandade, o pertencer a um grupo, podemos não gostar das mesmas bandas, mas sabemos que estamos ali dentro da cena do metal. (Entrevistado 6, Mauro)

Quanto a Sara, denota-se que pertencer à subcultura poderia também significar a materialização de sentimentos de raiva e revolta interior:

(...) quando és adolescente e tens aquela fase em que não sabes bem quem és: «será que eu serei deste mundo? Não faço parte deste mundo». Aquelas paranoias, aquela depressão da adolescência. Eu gostava muito de ter essas conversas, não tinha medo da morte (...) eu era assim um bocadinho mórbida (...) tudo o que fosse obscuro, para mim era ótimo, era fantástico! (...) fui crescendo, fui evoluindo e comecei a ver as coisas de outra maneira, mas continuo a adorar caveiras, não sei bem porquê, sinceramente (...) eu não gostava de ser o centro das atenções, não fazia essas coisas para chocar, lá está por causa do meu problema de saúde¹⁰⁰, a revolta e a raiva que eu sentia, o porquê, aquela confusão toda na cabeça, foi um bocadinho se calhar o meu problema de saúde que me levou a ser assim, na altura, mórbida, revoltada, digamos. (Entrevistado 9, Sara)

De facto, podemos distinguir aqueles que adotavam o *look* metálico propositadamente para «chocar a sociedade» dos indivíduos que afirmam ter sido uma forma de expressão da sua afirmação enquanto pessoa e da sua identificação com o movimento. Laura, ao contrário de Sara é perentória:

Nós queremos chocar e o que choca a sociedade normal? Uma das coisas que choca mais é confrontá-los com um dos maiores medos que eles têm que é o medo de morrer (...) as caveiras estão relacionadas com a aceitação da morte. (Entrevistado 2, Laura)

¹⁰⁰ A entrevistada teve um problema de saúde e foi transplantada renal aos 14 anos.

Por exemplo, Sónia já tem uma opinião diferente em relação a esta questão, tal como Fábio, que compara as bandas de metal a clubes desportivos¹⁰¹ ou Petra, que enaltece a exteriorização da subcultura como forma de identificação de grupo em detrimento do «choque» provocado na sociedade em geral:

(...) eu usava as t-shirts das bandas para apregoar a banda e era um gosto (...) chocar? Mais depressa choca uma imagem de uma criança em África a morrer à fome do que uma caveira no meio da testa, é daquelas coisas que me passam ao lado. (Entrevistado 8, Sónia)

(...) as pessoas vestiam-se assim e trajavam-se assim porque estavam a imitar os seus ídolos, era a forma como se identificavam em termos de personalidade, é como tu tens a malta que gosta do Benfica, do Sporting ou do Porto, que vestem e têm os cortes de cabelo parecidos com os ídolos deles porque são jogadores que eles apreciam; na música é a mesma coisa. (Entrevistado 10, Fábio)

(...) é uma espécie de identificação da tribo. [vestia-me] obviamente com o ténis bota e com aquelas coisas que se usava preto, aquelas coisas de ginástica [pulseiras que se usam para limpar o suor] (...) não tinha nada de feminino o metal nessa altura (...) as t-shirts eram compradas no metro dos Restauradores (...) todos os tamanhos era também americano, já nem era vestido, era vestido de noiva quase (risos) (...) patches e crachás, comecei a pôr também nos casacos. A primeira vez que eu usei umas Dr. Martens ia quase morrendo de dor mas depois tem que ser porque isto é que é bom! (risos) (...) Os elementos de união da tribo são muito importantes, porque até, quando vais a andar, e vês alguém «o quê? Tem uma t-shirt de Judas Priest?» viras logo a cabeça e tudo, só pode ser boa pessoa! Obviamente que, com o tempo, muitas pessoas ou por causa da vida familiar deixam de usar a indumentária e a simbologia toda, não quer dizer que tenham deixado tudo, cada pessoa tem as circunstâncias que tem na vida, mas eu acho que é uma coisa que fica sempre. (Entrevistado 11, Petra)

Por outro lado, Sónia, tal como Joel admitem que as suas formas de vestir já eram influenciadas pelo cinema e pela literatura, muito antes de se dar o encontro com o metal:

Eu já gostava de caveiras e do macabro muito antes do metal, antes dos 13 anos (...) sou fã de filmes de terror e da literatura Edgar Allan Poe, é dos meus autores favoritos. (Entrevistado 8, Sónia)

Ainda me lembro, antes da música, tudo o que era por exemplo Conan o Bárbaro, as bandas desenhadas com os índios que tinham cabelo comprido, era uma coisa que eu já gostava (...) depois a música foi um empurrão (...) uma pessoa começa a

¹⁰¹ Existem termos de comparação no que se refere ao comportamento dos adeptos de música em relação aos adeptos de futebol, tal como nos diz Sónia Cabeça, no que respeita a estes últimos: “o comportamento da massa tem também semelhanças: os indivíduos expressam o seu fervor emocional através de uma intensa participação corporal que acompanham com palavras e cânticos. Existem gestos e atitudes codificadas, vestuário, materiais e vocabulários específicos” (Cabeça, 2005: 34). A autora utiliza o termo «mimetismo»: “as pessoas identificam-se através do assumir das mesmas práticas e por mimetismo, uma forma de aprendizagem e de adoção de uma personalidade” (Cabeça, 2005: 51).

comprar os discos e a ver aquela imagem, gosta-se daquela maneira de vestir. (Entrevistado 3, Joel)

Coincidência (ou não), Carlos também cita as bandas desenhadas de *Conan, o Bárbaro* como influência, mesmo antes de ter visto a famosa capa do *Live After Death*, para o seu fascínio pelo fantástico e realça novamente o «valor de choque» que o metal queria provocar na sociedade em geral:

(...) quando as bandas usavam cabelos compridos, pulseiras com picos e até cruzeiros invertidas, em certos casos e tinham um estilo de vida hedonista, mal visto sob o ponto de vista moral ou então tinham efetivamente letras satânicas que eram profundamente chocantes na altura, hoje em dia nem dá quase para imaginar o que aquilo era na altura, esse valor de choque tinha, na realidade, um objetivo que era chocar determinadas franjas e aspetos da sociedade e quando vais ver os telediscos, é óbvio. Eram os polícias, eram os professores, os padres e os papás, sobretudo estas quatro coisas, os políticos era uma sociedade opressiva (...) inclusivamente ter prazer em chocar essas pessoas «bem pensantes», os engravatadinhos, os papás e por aí fora, portanto havia aqui de facto um antiautoritarismo subjacente que não tem absolutamente nada a ver e que é contrário àquele black metal que se ligou depois a nazismos e fascismos, que não tem de todo na génese daquilo que é o heavy metal. (Entrevistado 12, Carlos)

Por seu turno, Rito encara o cabelo comprido nos homens como sinónimo de poder e outros acessórios que fazem parte da indumentária metálica como adornos inofensivos:

Em várias culturas pré-cristãs sempre simbolizou o poder. O cabelo e a barba são extensões do teu organismo, a partir do momento em que é saudável, não tem problema e tem a ver com o bem-estar, é uma certa vaidade, o homem também tem direito à sua vaidade! (...) “os picos, os patches são adornos, de decoração, é como uma árvore de Natal, só que é como uma árvore de Natal o ano todo. Um gajo está feliz com aqueles patches, deixa-o estar, é irrelevante (risos). (Entrevistado 1, Rito)

No testemunho de Teresa, também fica claro que a música foi uma grande influência na hora de escolher a roupa para vestir:

A história do começar a vestir de preto começou no 9º ano porque tinha a panca do rock progressivo (...) quando fui para o 10º, fui para artes e, na altura, havia muito essa cena do pessoal que ia para artes e vestia-se de preto, então a partir do 10º, foi quando comprei as minhas botas da tropa, tinha 15 anos e andava sempre um bocadinho rota. Era a cena de não querer ser igual ao resto do pessoal. (Entrevistado 7, Teresa)

Denota-se, ainda, uma certa tendência, no discurso dos entrevistados, para que haja maior tolerância da parte da sociedade em geral, em relação ao estilo metálico:

Sonho com um Estado em que as pessoas pudessem usar todas os seus cintos de balas e os seus metal jackets. Gosto do estilo, gosto dos cintos, dos casacos, dos cabelos compridos, existe um épico no estilo. (Entrevistado 14, Norberto)

Neste subtema, podemos então identificar quatro questões que nos parecem pertinentes destacar. A primeira tem a ver com a dificuldade, sobretudo da parte dos mais velhos em «trajarem-se a rigor», mas que era ultrapassada com imaginação e *o do it yourself*.

Gostaríamos ainda de reiterar que a grande maioria dos entrevistados continua a vestir-se da mesma forma que o faziam quando eram adolescentes; as exceções têm sobretudo a ver com motivos profissionais como no caso de Rafael, mas Joel, Rui, Sónia, Laura, Teresa, Rito, Mauro, Carlos, Tiago são exemplos cujas profissões não os impediram de exteriorizarem a subcultura no seu dia-a-dia.

Por outro lado, alguns entrevistados confessam que, para eles, manter a aparência metálica é também uma forma de chocar, não pela «adoração» à morte por exemplo no caso do uso de caveiras na indumentária, mas pela sua aceitação e querer «confrontar» a sociedade em geral com essa realidade, partilhando ainda uma tendência antidiscriminação, quando explicam que a caveira é igual em todos os seres humanos.

Todavia, outros não entendem que pretender chocar seja o objetivo, existindo uma certa indiferença em relação ao julgamento que «os outros» possam fazer, como no caso de Sónia ou Fábio.

Por fim, identificamos ainda que, além da música, a aparência também pode estar ligada ao cinema e à literatura, sendo que esses mundos acabam, de certa forma, por estar interligados. Sónia refere Edgar Allan Poe, conhecido pelas suas obras obscuras, de mistério e ligadas ao macabro, enquanto Carlos e Rafael citam o *Mad Max* como filme de culto e influenciador da vestimenta metálica.

4.2.3 Identificação de grupo *versus* afirmação pessoal, valores e ideologia¹⁰²

Neste subtema, diferenciamos três dimensões que, no entanto, estão intimamente interligadas, identificando uma relação de reciprocidade entre elas. Em cada um dos

¹⁰² Utilizamos aqui o termo ideologia enquanto um conjunto de crenças e atitudes culturais que servem de base e tornam legítimo o status quo (Johnson, 1997), mas em contraponto ao sentido marxista do termo, na medida em que “(...) logo que a ideologia é adotada pelo grupo em questão (mais exatamente, logo que uma determinada doutrina *torna-se* a ideologia do grupo em questão) modifica-se de acordo com os interesses que deve agora legitimar (...) não há razões para supor que estas modificações devam afetar a totalidade da doutrina adotada. Pode haver numerosos elementos numa ideologia que não têm relação com

pontos seguintes, damos maior enfoque a uma ou a outra nos termos que entendemos mais apropriados, embora como veremos, nos testemunhos, muitos consideram a própria «identificação de grupo» como um «valor» e, de certa forma, uma identificação com a mesma «ideologia».

4.2.3.1 Comunidade, solidariedade e camaradagem

A marcação da diferença é claramente garantida pela união de grupo, que a subcultura gera. A linguagem é a da música, interligada com o *look*, englobando uma certa forma de estar, que se reflete na própria linguagem corporal dos *headbangers* (Weinstein, 2000). A t-shirt, por exemplo, é vista como símbolo de homenagem prestada às bandas de que se gosta, gerando, simultaneamente, um flash desencadeador de fortes relações interpessoais. O metal existe indubitavelmente enquanto gerador de coesão social, sendo percebido no discurso dos entrevistados como atravessando classes socioeconómicas, proveniências étnicas, escolhas políticas e credos religiosos.

Podemos pegar nesta frase de Teresa para iniciarmos este ponto: “*era a cena de não querer ser igual ao resto do pessoal*”. Ou seja: a imagem não era assim tão irrelevante como nos diz Rito, embora num tom algo irónico. De facto, adquire uma função de identificação de grupo:

Ouvíamos aquela música e olhávamos para as capas e também queríamos ser assim, mas não era só os artistas, os amigos também se vestiam assim e era aquela coisa de estar de acordo (risos). (Entrevistado 3, Joel)

Depreendemos desta afirmação de Joel o quão importante era (e é) o aspeto visual, não apenas de forma a exteriorizarem o seu amor pela música, mas também como transmissão imagética de identificação de grupo e, por conseguinte, de integração:

Estar com pessoas que se vestiam da mesma maneira fazia-nos sentir mais à vontade”, confessa. “Nos anos 90, não era tão habitual [ver-se tanta gente na rua com t-shirts de bandas], quando vias alguém, metias conversa ou acenava-se era uma coisa que acontecia muito mais do que acontece hoje em dia. Há tanta gente que às vezes até é normal dizer-se um olá, mas muitas vezes nem isso, porque já se banalizou um bocadinho. (Entrevistado 3, Joel)

os interesses legitimados, mas que são vigorosamente afirmados pelo grupo «portador» porque este se abrigou sob a ideologia em causa (...) É importante ter em mente que a maioria das sociedades modernas são pluralistas. Isto significa que compartilham de um universo que é o seu núcleo, aceite como indubitável, e têm diferentes universos parciais, coexistindo num estado de mútua acomodação (...) O pluralismo encoraja tanto o ceticismo quanto a inovação, sendo assim eminentemente subversivo da realidade admitida como certa do status quo tradicional (Berger & Luckmann, 2004: 167, 168, 169)

O metal, principalmente nessa altura, era o motor social da construção de relações profundas:

(...) era o elo de ligação, tanto na escola com gente que gostava de metal e fora da escola aos fins de semana (...) um exemplo, fui a um concerto em 92 e quando estávamos à espera do comboio para voltar para Lisboa, conheci pessoas e ainda hoje em dia, até para ir a um concerto, pedimos boleia uns aos outros (...) ao longo dos anos vão-se mantendo com mais ou menos proximidade, tenho amigos de muitos anos que vêm daí. (Entrevistado 3, Joel)

É uma forma de identificação, mesmo que não conheçamos a pessoa, podemos ir a qualquer parte do mundo, já tive a felicidade de ir a muitos festivais lá fora, em vários países e nem digo no contexto do festival porque é normal, mas imagina que se vai um dia antes do festival e estar a visitar a cidade, se nós nos cruzarmos com alguém, podemos nem falar a mesma língua, mas se tem uma t-shirt, identificamo-nos com a pessoa, há ali logo uma afinidade. (Entrevistado 6, Mauro)

No seu testemunho, Carlos realça a importância das t-shirts ilustradas com os álbuns das suas bandas favoritas na interação social:

(...) o primeiro amigo com quem comecei a conhecer mais gente foi um vizinho que me viu com uma t-shirt de Slayer (...) disse-me «curto esse álbum, mas gosto mais do Reign in Blood e começamos a falar assim, porque isto era uma coisa típica. Na altura¹⁰³, se um gajo como nós via outro com uma t-shirt de Slayer ou assim, era normal começarmos a conversar no meio da rua (...) se visses um gajo com uma t-shirt, patches no blusão, cabelo meio comprido a tentar deixar crescer, já se sabia que era um gajo da cena (...) e depois, muito rapidamente, as pessoas conheciam-se. (Entrevistado 12, Carlos)

Nas conversas com os entrevistados, fala-se de comunidade e mesmo de «família». “Fundamentalmente és o irmão da minha outra mãe”. Esta é a resposta de Sónia quando se lhe pergunta o que é afinal essa filosofia do metal de que fala:

(...) uma irmandade porque em qualquer sítio que tu fosses, a partir do momento em que soubessem que tinha chegado um metaleiro à terra, era uma comunidade, todos se davam, todos gostavam do mesmo, independentemente dos géneros, falávamos, conversávamos (...) Unia-nos o gosto pelo metal e era ajudarmo-nos uns aos outros, estarmos uns para os outros (...) [em termos de valores] era fundamentalmente o amor à música, ao metal, não é amar uma banda, mas sim a música que é produzida, sem olhar a raças, credos, idades, sexo, porque era isso que nos unia. (Entrevistado 8, Sónia).

Notamos que Sónia fala no passado pois, para ela, hoje em dia, essa «irmandade» que antes existia está muitas vezes em xeque na sua perceção. Todavia, embora esse

¹⁰³ O entrevistado refere-se aos finais dos anos 80 e inícios de 90.

sentimento de «irmandade» seja mais duvidoso no século XXI, o metal continua a unir os indivíduos:

Se olharmos para o bigger picture, une. Depois, temos as nossas frutas estragadas (...) conheço os elitistas, os de cabeça dura, que só estão nisto porque se acham a melhor bolacha do pacote; há de tudo, não se pode dizer que, só porque se gosta de metal se é bom, é como em qualquer género musical (...) hoje em dia, até a H&M e a Primark vendem t-shirts¹⁰⁴ (...) se calhar se for num comboio e estiver alguém à minha frente a ouvir metal, eu digo: « hiii estás a ouvir metal? Qual é a banda, eu também curto bué essa banda» estabeleço conversa e vai daí saio dali com mais alguém que conheço, coisa que eu não faria se ouvisse alguém a ouvir os Coldplay¹⁰⁵, mas se for Cannibal Corpse¹⁰⁶ ... (Entrevistado 8, Sónia)

Fábio não tem dúvidas e fala no presente, tal como Rito:

(...) se tu vires uma pessoa no supermercado com uma t-shirt de metal, tu percebes que tens ali um irmão e, se o abordares, ele de certeza que é simpático para ti, mesmo que não tenhas nenhuma t-shirt, mas se tiveres ele, eventualmente te receberá de braços abertos por assim dizer. É uma autêntica irmandade. (Entrevistado 10, Fábio)

Ainda hoje em dia, estás todo contente quando vês um metaleiro na rua, não é preciso que a malta se dê beijinhos, mas dão de vaia, há sempre um olharzinho, um toque, uma simpatia. (Entrevistado 1, Rito)

A espécie de íman social de que nos fala Rito pela identificação com o outro por «ser do metal» também é referida por Laura, embora noutra perspetiva:

(...) há muita gente que se aproxima de ti por seres mais conhecida ou conheceres fulano ou beltrano (...) pela minha forma de vestir, já cheguei a ser seguida por turistas: aquela pessoa vai para o sítio que eu quero ir, aí eu percebo a cena de ver alguém do metal na rua; às vezes até ficas contente porque se tiveres numa cidade estranha, vais aproximar-te daquela pessoa e vais perguntar: «onde é que é o tasco do metal cá do sítio? Onde são as lojas?» (Entrevistado 2, Laura)

Camaradagem é outra das palavras usadas pelos entrevistados para descrever esta união de grupo no seio da subcultura:

(...) é completamente o oposto do que diziam antigamente: que eram só drogados, vândalos, são pessoas amistosas; claro que há exceções como em todo o lado, mas são pessoas amigas do amigo. Tu vais sozinha a um concerto de metal, o que acontece comigo, quando vou sozinha (...) mesmo que nem conheças as pessoas não te sentes

¹⁰⁴ Esta banalização torna também mais difícil a identificação de grupo.

¹⁰⁵ Banda britânica de rock alternativo (não faz parte do espectro do metal). Fonte: <https://www.coldplay.com/>

¹⁰⁶ Banda de death metal, originária dos EUA, formada em 1988 e activa até aos dias de hoje. Fonte: https://www.metal-archives.com/bands/Cannibal_Corpse/186

sozinha. Têm uma camaradagem: basta ver quando alguém se magoa, quando andam ao mosh, se alguém cai, eles param e amparam a pessoa (...). (Entrevistado 9, Sara)

O metal pode tornar-se numa alavanca social a vários níveis, também em termos profissionais, mesmo no mundo dos «colarinhos brancos»:

(...) durante uns anos eu tinha que negociar contratos com clientes a nível mundial, então trabalhava um dia em França, outro dia em Inglaterra, estava sempre a visitar empresas, lidava com CEOs das grandes empresas europeias, eu ia obviamente toda business, muito business, mas uma coisa que eu nunca retirei foi o meu piercing (apontando para a sobrancelha) (...) houve uma empresa em que o CEO vem ter comigo, nessas feiras em que se vai mostrar produtos, e ele tinha-me dito ao telefone: «eu não quero falar com vocês, estou satisfeito com o meu fornecedor» e eu disse «venha lá, só para tomarmos um café», era em Amsterdão e estava um calor horrível e ele aparece de mangas compridas e eu pensei este gajo deve estar tatuado até ao pescoço; reparei que ele olhou para o meu piercing e eu vi logo «este gajo é do metal» e ao falar de que parte da Dinamarca é que ele era, eu disse que engraçado que tenho lá uns amigos de uma banda e vou lá visitá-los e ele disse que também os conhecia e já está! O contrato já está feito! (sorrisos) (Entrevistado 11, Petra)

4.2.3.2 Afirmação pessoal e alteridade

Ao abordar esta questão, percebemos que todos os entrevistados não têm dúvidas em relação ao papel que o metal teve e continua a ter nas suas vidas, enquanto instrumento de socialização e na sua construção identitária.

Acreditam que tem algo que os outros géneros musicais não têm, enfatizando a sua importância ao compará-lo com os demais, quase como que «idolatrando» as suas características, que influenciaram fortemente os seus percursos de vida. Há quem destaque o ato de rebeldia que lhe está associado, mas também a força que daí advém.

Os entrevistados reforçam a diferença, usando a palavra militância, distinguindo-se dos demais fãs de música e traçando uma ponte geracional:

(...) é uma das características do pessoal do metal, que nos distingue de outros fãs: a militância de quem ouve heavy metal. Não é só uma questão de moda, é questão de gostar-se e mostrar que se gosta (...) O pessoal do metal ainda é um dos poucos fãs de música que se mantêm hoje em dia fiéis à compra do formato original, seja o vinil, a cassete, o CD, seja o merchandising (...) o rock e o metal sempre foram coisas que nos distinguiram das gerações anteriores, portanto esse ato rebelde era para marcar a diferença das gerações mais velhas, não quer dizer que eu com 50 anos (estava prestes a fazer anos na altura da entrevista), aparece na loja um jovem de 17/ 18 anos e temos o mesmo espírito (...) somos ambos fãs de música. (Entrevistado 6, Mauro)

Por outro lado, o metal tem um papel fulcral na afirmação do adepto enquanto pessoa, ganhando contornos que extravasam para a sua vida em sociedade:

(...) o metal transformou-me numa pessoa que tem que lutar, que é guerreira, que consegue ir para a frente, que não desiste (...) Não me vejo de maneira diferente. Às vezes, estou num concerto, paro para pensar e digo: «ainda bem que eu gosto disto!», não me estou a ver noutra estilo, é o meu mundo e penso que continuará a ser. (Entrevistado 9, Sara)

(...) dá-me força, aquela coisa do sei lá como se dizia nos anos 80 «ya! Vamos para a frente!» (...) eu já reconstruí a minha vida várias vezes e nunca baixei a cabeça e acho que o metal teve influência nisso, deu-me sempre forças para continuar, para bater a bola para a frente! (Entrevistado 5, Rafael)

Ao seguir o seu trajeto de vida no testemunho de Petra, reparamos que, de facto, esta subcultura teve um impacto fortíssimo em vários aspetos. Em termos profissionais, a entrevistada seguiu carreira nas línguas, porque queria aprender alemão, para poder ler a revista Bravo, onde vinham notícias sobre as suas bandas preferidas; em termos de amizade, rodeou-se de *metalheads*, tornando-se mesmo *manager* de algumas bandas e também nas próprias relações amorosas:

O amor da minha vida conheço-o graças ao metal porque eu conheci-o no Festival de Barroselas¹⁰⁷ e aqui estou eu (...) Tudo na minha vida foi influenciado pelo metal. (Entrevistado 11, Petra)

A explicação de Carlos não deixa dúvidas em relação à sua dedicação à subcultura e de que forma moldou a sua identidade e a sua afirmação enquanto pessoa:

A questão do metal não é um adereço, não é uma coisa que eu adote, é uma coisa que faz parte de toda a minha vida, da minha identidade. Faz parte de mim completamente! Eu só faço tatuagens de coisas de heavy metal, capas de álbuns. Seria absolutamente ridículo alguém dizer-me: «eh pá! Isso é para a vida toda!», agora já ninguém diria porque eu já estou quase com 50 anos. Eu nunca vou olhar para estas tatuagens e dizer se calhar não deveria de ter feito isto, está completamente fora de questão; isto é absolutamente eu. E, se for olhar para trás, de toda a minha vida, dos grandes momentos da minha vida, estiveram diretamente relacionados com o metal, seja concertos que fui, coisas que vivi, pessoas que conheci; se eu pensar nos últimos 15 anos, 95% das viagens que fiz foi por causa do heavy metal, não foram por motivos profissionais, nem sequer de lazer, familiares. Fui a uma série de países porque me pagaram para lá ir tocar e devo isso ao metal (...). (Entrevistado 12, Carlos)

¹⁰⁷ SWR Barroselas Metalfest: festival de metal que se realiza anualmente em Barroselas, perto de Viana do Castelo (Portugal).

Rito também expressa de que forma a subcultura moldou a sua forma de ver o mundo:

[O metal] ajudou-me a ser perseverante, a acreditar naquilo que penso, a ser fiel aos meus pensamentos (...) O metal foi um veículo, um autocarro que eu apanhei, que me tem levado nesta viagem fantástica, na qual eu me identifiquei porque tu tens bandas de metal que tratam de assuntos que me dizem respeito, de cenas pagãs, nórdicas, dos vikings [o pai era norueguês], dos grandes fascínios que eu [tenho] na música metal ligado ao thrash foi sempre a crítica social, criticar o mundo no qual estamos, de vivermos numa sociedade completamente corrupta, em que um por cento possui a riqueza do mundo e os outros 99 andam aqui subservientes, a trabalhar para dormir, a dormir para ter forças para trabalhar e assim sucessivamente. (Entrevistado 1, Rito)

A afirmação pessoal conduz à identificação grupal, mas é também ela que desperta uma «consciência» de se querer colocar à margem da sociedade *mainstream*.

(...) sentes que não queres fazer parte da manada, que queres ser diferente do normal (...) Havia uma moda qualquer que surgia e toda a gente andava com os mesmos sapatos, por exemplo, ou a mesma camisola e não seguir esse carneirismo todo, era uma forma de marcar um bocado a diferença, de dizer «eu não sou como aquelas pessoas» (...) o metal também teve sempre algo de contestação e crítica social (...) o grind core e o mesmo o thrash metal também tinha muita crítica e mesmo os Iron Maiden, apesar daquelas coisas mais épicas e históricas, também têm sempre um toque de crítica em relação a algumas coisas, surge essa vontade de marcar a diferença em relação a isso. (Entrevistado 3, Joel)

Uma das coisas que mais me atrai no metal é ser uma cultura in your face, tanto a nível de música, como a nível de quem ouve a música e de toda a comunidade do mundo do metal; é uma cultura que está aí para chocar e eu desde muito novita, comecei a vestir-me como vestia, para ser diferente porque não quero ser igual ao pessoal que vai comprar roupa à Zara, não quero andar na moda; é uma afirmação e a música em si é uma afirmação e é também um grito de revolta nalguns casos, é uma forma de expressão, de desagrado com o que se passa à tua volta (...) [a] estupidez humana (risos), as pessoas são um bocado parvas, na mesquinhez, na cena do consumismo, no querer parecer; na demasiada importância que se dá à aparência e ao estatuto social. (Entrevistado 2, Laura)

4.2.3.3 Valores e ideologia

Como já vimos anteriormente, embora o metal, nos termos em que o entendemos nesta dissertação¹⁰⁸, se tenha tornado ao longo dos anos tão diversificado, que gera à sua volta diferentes posições ideológicas e sistemas de valores distintos, os nossos

¹⁰⁸ Enquanto o conjunto dos géneros e subgéneros que apareceram a partir dos anos 70, derivados do heavy metal tradicional e do hard rock, incluindo estes dois também (Hein, 2019).

entrevistados, adeptos do movimento desde os seus inícios em Portugal, revelam algumas semelhanças nas suas formas de estar e de pensar o mundo.

O metal teve um papel decisivo no desenrolar das suas socializações, contribuindo de forma inequívoca para a sua afirmação enquanto indivíduos, embora os contextos sociais que cada um experienciou tenham também gerado as pessoas que são atualmente. Há quem fale em contestação social, embora muitos considerem a subcultura apolítica. Há também quem afirme perentoriamente que não são capazes de ouvir bandas que postulem valores contrários aos seus, embora outros entrevistados digam direcionar a sua atenção para o som e ignorar certas letras que não se coadunam com a sua maneira de pensar.

A ligação à extrema direita está fortemente ligada a um subgénero em particular: o black metal oriundo da Noruega, embora também se mencione Motörhead, pelas aparições em palco do vocalista com a cruz de ferro ou pelas suas coleções privadas de fatos militares e artefactos nazis. Menciona-se ainda o white metal ou metal cristão, profundamente antagónico na sua mensagem em relação aos outros subgéneros e de que forma essas pretensões ideológicas podem servir de arma de arremesso contra o «politicamente correto» e instituído, diluindo-se em sarcasmo e «show cénico», em atos de rebeldia. Antiautoritarismo, hedonismo e liberdade são outros dos termos utilizados, quando se trata de descrever a ideologia metálica.

Os entrevistados dão conta dos seus diferentes papéis sociais, mas reiteram que a música e, em particular, o metal faz parte da sua realidade pessoal:

Eu tenho uma amálgama demasiado grande (...) se formos pensar como adolescente sim, identificava-me como metaleira, mas eu ingressei para o serviço militar e basicamente foi o que me construiu o carácter, moldou-me, estive lá 10 anos (...) mas contribuí, se perguntarem se a música me definiu ou me define como pessoa, toda a gente vai dizer-te que sim (...) há um consenso nos milhares de pessoas que me conhecem, que é se há amor que eu tenha é à música, escrevo poemas, letras, oiço música o dia inteiro, vivo para a música, respiro música, por isso fundamentalmente a música pode definir-me como pessoa, mas sou mãe, sou filha, sou irmã, esposa, trabalhadora. (Entrevistado 8, Sónia)

(...) é uma coisa que começa a fazer parte de ti; depende das pessoas, há pessoas que se fartam e vão para outras coisas completamente diferentes; no meu caso, foi sempre aquilo que gostava e não tive hipótese, porque nem conseguia, acho que já está tão entranhado que mesmo inconscientemente, não sai (risos). (Entrevistado 3, Joel)

Na visão dos participantes no estudo, os principais valores e ideologias associados ao movimento têm a ver com contestação social, preocupações ambientais, proteção dos animais, antidiscriminação, liberdade, rebeldia, sentimento de pertença e solidariedade:

(...) ter uma atitude mais crítica e mais contestatária em relação a certas coisas (...) há muita malta que deixou de comer carne, uma propensão mais ativista em relação aos direitos dos animais, por exemplo os Carcass ou outras bandas que podiam ter imagens sanguinárias, mas depois eram vegetarianos e com essas preocupações ambientais até. (Entrevistado 3, Joel)

Diferença, tolerância, observar o próximo, proteger os que mais precisam e coisas desse género. Foi por aí que eu aprendi; quer dizer, eu já tinha esses valores inculcados pela minha mãe, mas aí encontrei mensagens contra o racismo, antinazismo, a famosa dor de corno e de separação (...) Sim, a maior parte das mensagens que estão inculcadas no metal eu absorvi-as (...) é [também] uma afirmação de rebeldia, sem dúvida nenhuma (...) eu tanto sou capaz de me rir com uns Kiss e o visual deles, como já não me rio tanto, eventualmente, com certas bandas de black metal. É necessário sentir essas diferenças e ter um certo sentido de humor ao lidar com elas. (Entrevistado 10, Fábio)

Liberdade é a palavra que Tiago repete vezes sem conta quando se lhe pergunta pelos valores e ideologias que associa ao metal, denotando-se ainda valores ligados à antidiscriminação:

(...) a meu ver, isto tem a ver com liberdade (...) aquilo que eu quero mesmo sentir em relação à música é essa forma de pura liberdade que não tenho em mais nenhum outro lugar (...) a ideologia do metal para mim deve ser assim (...) não há ninguém acima de ti, nem há ninguém abaixo de ti. O metal parte desse princípio (...) sem problemas em relação a alguém que seja diferente, porque tu és também. E passar isso aos mais novos. Então nestas situações em que apanhas pessoal a criticar ou a gozar com quem não sabe interpretar, há que educar e chamar a atenção. (Entrevistado 13, Tiago)

Laura critica a sociedade atual pela postura consumista na qual está direcionada e pelo culto da imagem que impulsiona, e simultaneamente a «falsidade» que esta gera:

[Dentro do metal] não se olha tanto àquilo que tu vestes ou à tua aparência, olha-se ao teu sentido de honra e ao teu conhecimento musical (...) A música, para mim, é uma coisa natural que faz parte da natureza, como uma floresta ou como o mar (...) eu identifico-me com a música pelos valores que parece defender em geral, pelo menos por quem a ouve (...) o sentido de amizade, de irmandade, de compreensão, de pertença, pertenceres a alguma coisa, de respeito pelo outro, seja ele quem for. (Entrevistado 2, Laura)

Irmandade é também a palavra utilizada por Petra, quando se lhe pergunta pelos valores e ideologias associados ao metal:

(...) é uma grande irmandade no sentido de união, mesmo que muitas vezes as pessoas se pareçam com as comadres zangadas, mas «se lhe acontecer alguma coisa eu sou a primeira pessoa a lá estar». (Entrevistado 11, Petra)

Outra característica da tribo metálica destacada pela entrevistada está relacionada com o hedonismo e uma «forma otimista» de se estar na vida, sem «mariquices»:

(...) «ai estou tão ofendido!», se estás ofendido, tchau! Das duas, uma: ou bazas - aí o pessoal do metal é muito duro, é como se fosse uma tribo à moda antiga (...) no metal, não é visto de bons olhos ser-se coitadinho porque se tens uma pessoa do grupo que está sempre a queixar-se, aquilo com o tempo... «Ó meu amigo! Põe-te a andar!». Tanto que, quando vais a um concerto, aquilo parece mais um encontro de comadres, as pessoas vão para beber cervejas e para falar umas com as outras, é mais uma desculpa social e a música é boa, pronto! (...) relacionado com coisas positivas, que é rir, divertir, sair, encontrar, sei lá! Essas coisas todas boas! ((Entrevistado 11, Petra)

Os comentários de Carlos seguem na direção do «divertimento» e do hedonismo, embora o entrevistado realce o antiautoritarismo, também ligado à «liberdade»:

havia uma identidade, uma série de marcadores culturais, quase étnicos, digamos assim, (...) neste caso, aquilo que ligava a malta toda era a música, não eram questões políticas, de idealismo, aliás, muitos deles nem tinham nenhum tipo de ideia, de nada. Muitas vezes, aquilo que eles queriam era curtir a vida, estar com o pessoal, beber copos, estar bem, sentir-se bem (...) o metal não era politizado, mas na realidade (...) tinha características que podem ser interpretadas dessa maneira, ao fim ao cabo, porque o metal era um estilo de música profundamente antiautoritário, era aquilo que estava subjacente a todo o movimento (...) o heavy metal era liberdade (...). (Entrevistado 12, Carlos)

O mundo social do metal é formado por indivíduos que podem estar ligados a fações políticas opostas, até pela sua composição heterogénea, no que toca às classes sociais, atividades profissionais ou outras características sociodemográficas:

É uma coisa que era transversal a gentes com diversos tipos de valores, até porque quando digo que havia muita gente dos subúrbios, de certeza que havia gente com muitos traumas, na altura a questão do racismo, entre os putos dos subúrbios, havia muito por causa dos assaltos, iam para a escola e eram assaltados e havia pessoas que tinham dificuldade em ver para além disso, em perceber the big picture. Longe de mim estar a dizer que a malta do metal era gente completamente impecável, que ninguém era racista ou machista, eram pessoas, havia de tudo, mas o movimento em si não tinha qualquer tipo de racismo associado e misoginia. (Entrevistado 12, Carlos)

(...) odeio políticos e bancos (...) Eu abstenho-me da política completamente, costumo dizer que os políticos são os inúteis da sociedade, porque ainda não apareceu nenhum partido político que defenda os meus interesses (...) eu não ligo o metal à política (...) “As pessoas gostam de Marduk e, de repente, só porque ele [compositor] tem letras nazis, deixaram de gostar (...) acho que isso são mais golpes

publicitários do que propriamente ideologias deles (...) Eu acho sinceramente que não devemos menosprezar o que eles dizem, não devemos é deixarmo-nos ir na conversa deles. Eu não deixo de ser amigo dos meus amigos porque um é comunista, outro socialista e outro do PSD (...). (Entrevistado 5, Rafael)

O que gosto no metal é justamente isso: é que por norma, tu podes ser antissistema, mas não deves ser metal político, eu sempre separei a política do metal (...) Eu sei que há metaleiros mais assim, mais assado, há pessoal extremista, há pessoal do black metal, do metal muito político (...) nacionalismos, racismos existe no metal, mas da minha parte é irrelevante, temos que respeitar as pessoas com laivos de direita, de esquerda, porque é como digo, é a asa do mesmo pássaro, extremismos de um lado ou de outro, é igual (...) Sou do metal, mas se não for da vertente daquele, não posso ser amigo dele? (...) o espírito é justamente o oposto, está-se a tentar separar e segregar as pessoas em grupos, é uma tentativa de sabotagem social! (Entrevistado 1, Rito)

No que toca às bandas e às mensagens que transmitem, notamos diferenças nos testemunhos dos entrevistados. Rito, por exemplo, atribui-lhes uma importância crucial, enquanto que Mauro assume uma posição justamente apolítica:

(...) imagina que vou gostar da musicalidade de uma banda, mas a mensagem veiculada nas letras não me diz nada ou vai contra os meus princípios, eu facilmente ponho essa banda de parte. (Entrevistado 1, Rito)

Eu não tenho limites, não tenho barreiras, obviamente que há muitas bandas que são conotadas com a esquerda, outras com a direita, algumas com a extrema esquerda, há bandas anarquistas (...) eu acho que tem a ver com a liberdade das próprias bandas, que acaba onde começa a das outras. Pegando por exemplo em Napalm Death (...), que são conotados com uma certa esquerda e sou também capaz de ouvir Graveland e há bandas piores que são abertamente de extrema direita, mas se a música é boa, porquê que vou deixar de ouvir?¹⁰⁹ (...). (Entrevistado 6, Mauro)

Por muito que a gente não queira houve sempre uma ligação ideológica com os nazis, se falarmos de Motörhead, o homem aparecia com a cruz de ferro e aquelas coisas, mas que saiba nunca vi o Lemmy¹¹⁰ impingir a ninguém ideologias nazis (...) acho que esquecer não é solução porque esquecer é a forma como vamos cometer os mesmos erros no futuro (...) Veja-se os punks, também usavam cruzeiros suásticas, mas na realidade não passou mais de um show, foi tudo um show cénico¹¹¹. (Entrevistado 5, Rafael)

¹⁰⁹ O entrevistado conta que foi bloqueado pela plataforma Facebook por partilhar o álbum Filosofem de Burzum (banda de Varg Vikernes, pseudónimo “Count Grishnackh”, que foi condenado em 1994 a 21 anos de prisão pelo assassinato premeditado de Øystein Aarseth, pseudónimo: “Euronymous”, três incêndios de igrejas e vários roubos a residências). Fonte: https://whiplash.net/materias/news_868/099457-burzum.html, <https://www.metal-archives.com/bands/Mayhem/67>.

¹¹⁰ Lemmy Kilmister, baixista e vocalista de Motörhead de 1975 a 2015). Fonte: <https://www.metal-archives.com/bands/Mot%C3%B6rhead/203>.

¹¹¹ Por exemplo, Sid Vicious, vocalista dos Sex Pistols, exibia o símbolo nazi como ato de rebeldia, não tinha a ver com os seus ideais, uma vez que a sua namorada, Nancy Spungen, era judia. Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/suastica-nazista-punk.phtml>

União de grupo com uma linguagem própria centrada num género de música específico: o metal. A subcultura é também alteridade, uma forma de distinguir o «eu» dos «outros», garantindo também um modo de estar na vida positivo, graças ao seu espírito hedonista. Temos os exemplos bem claros de Joel e Carlos. “(...) *é uma coisa que começa a fazer parte de ti (...) está entranhado (...)*”, diz Joel; “*Isto é absolutamente eu!*”, garante Carlos.

Liberdade, contestação social, militância, respeito, antidiscriminação são alguns dos outros termos constantemente repetidos pelos entrevistados neste subponto dedicado à construção identitária. Segundo eles, o metal ultrapassa barreiras políticas, religiosas, étnicas e une. Todavia, há exceções à regra. Sendo percebido como transversal a classes sociais diferenciadas, embora o significado do movimento seja contrário aos ideais de extrema direita, não significa que não existam minorias dentro da subcultura que apresentem tendências racistas, machistas, homofóbicas e nazis.

4.3 A música no cerne do mundo metálico

4.3.1 O amor à música

Independentemente de terem ou não preferência por um subgénero em particular, a lealdade à subcultura, por parte dos adeptos entrevistados, advém sobretudo de um enamoramento musical que atravessa décadas.

Neste contexto e de acordo com os testemunhos recolhidos, podemos distinguir diversos aspetos que conduzem a esse «amor pelo metal»: as sensações de prazer que produzem, um poder exacerbado que lhe é associado e, até mesmo, a mitigação de sentimentos de raiva e frustração.

4.3.1.1 Prazer sensorial ao rubro

Embora se note uma certa dificuldade da parte dos entrevistados em descrever o que sentem quando ouvem este género musical, todos concordam que o metal lhes transmite sensações de prazer e momentos de felicidade:

Traz emoções, enaltece as energias interiores (...) Ouves uma ópera, não consegues ficar surdo à emoção que aquilo te traz, independentemente de se gostar ou não, é algo majestoso. Nós encontramos isso dentro do metal: a música mexe com o nosso

sistema interior, com as endorfinas, com as hormonas de prazer, com o bem-estar. (Entrevistado 1, Rito)

É muita complicado. Não dá para viver sem música ponto. É a maneira que tu tens para te exprimires, sei lá, faz-te sentir viva! (Entrevistado 7, Teresa)

Eu posso dizer-te que vou a um concerto de uma banda que gosto e a minha adrenalina vai ao topo, é das melhores coisas que eu posso fazer, é ir a concertos. (Entrevistado 9, Sara)

Mauro e Fábio chegam a atribuir-lhe uma função de dissuasão em relação a pensamentos suicidas:

Sempre fui bastante introvertido e a música também ajudou nesse aspeto; lá está, se calhar a falta de amigos na adolescência, a música sempre teve esse efeito aconchegador, protegia, eu até costume, e não o digo de forma displicente: talvez me tenha salvo a vida muitas vezes (...) é algo que conforta, que aconchega (...) A música é uma linguagem universal e toca-nos, acho que pouca gente consegue viver completamente sem música, mas nós ainda mais. Eu tenho esse sentimento que era impossível viver sem música! (Entrevistado 6, Mauro)

(...) eu não consigo imaginar a vida sem eletricidade e sem música; se não fosse por isso, eventualmente já não estaria por cá, porque a música deu-me, efetivamente, um consolo e uma sabedoria que nada, que nenhuma outra coisa me deu (...) A música faz-me sentir tudo! Eu muitas vezes penso que, quando morrer, vou sentir imensa falta de não ouvir um Highway to Hell dos AC/ DC ou um Powerage (...) faz-me sentir uma espécie de nostalgia de quando eu já não estiver cá e, enquanto estou, efetivamente, abstenho-me de uma data de pensamentos eventualmente menos positivos, faz-me sentir celebrar a vida em comunhão com outras pessoas (...) é uma parte absolutamente integrante para mim. (Entrevistado 10, Fábio)

Por seu turno, Carlos destaca o facto deste tipo de música fazer parte integrante da sua vida, desenhando-o como uma espécie de «segredo» bem guardado - só eles sabiam que era o «melhor tipo de música do mundo»:

(...) a música desperta emoções (...) não gosto muito da palavra escape porque não é estar a fugir de nada no meu caso; há um transporte para uma realidade, para uma estética, para um tipo de emoção que é veiculado através da música, ou através das letras de uma maneira complementar e além disso, há também a emoção particular que é estares a ouvir algo que faz parte do teu estilo de vida, do teu meio, da tua opção de toda a tua vida (...) havia um atrativo especial que era curtir um tipo de música que tu sabias que era o melhor tipo de música que existia, não havia mais nenhuma música que se comparasse àquilo e todas as pessoas que estavam fora acharem que aquilo era só barulho, que era uma porcaria horrível e isso era muito fixe! (Entrevistado 12, Carlos)

A música (e o metal) pode ser e é vivenciada de formas diferentes consoante cada indivíduo e, além disso, também pode interagir com a pré-disposição do ouvinte:

As pessoas são diferentes: uma pessoa pode ouvir a mesma banda, a mesma música e ouvir aquilo de formas diferentes. (Entrevistado 3, Joel)

Depende do teu estado de espírito, se estás em emode, levanta-te mais, se estás em mood depre, faz-te pensar, estás só a curtir o som, sem dúvida que te vais sentir melhor do que se não tiveres som. (Entrevistado 2, Laura)

(...) no metal encontro a agressividade, para extravasar, mexe-te mais na adrenalina, dá mais pica. (...) Se estou chateada com alguma coisa, por exemplo, o trabalho correu mal, gosto de death core porque a música é agressiva, (...) dá para gritar, outras vezes estou mais melancólica, gosto de ouvir Linkin Park, (...) é conforme, mas o metal tem principalmente a ver com o poder da ferocidade da música, música épica dá empowerment por exemplo, parece que vais para uma batalha! (Entrevistado 8, Sónia)

4.3.1.2 O metal e *Empowerment*

No seguimento desta última afirmação de Sónia, podemos dizer que grande parte dos entrevistados mencionam a «força» que o metal lhes dá. Por se tratar de um som mais agressivo, enaltece a força interior a quem lhe está exposto, relacionada também com a afirmação pessoal de cada um.

Por exemplo, como vimos no discurso de Sara, aquando da sua descrição na influência que o metal teve no seu percurso de vida. Esta entrevistada menciona ainda uma banda em particular para explicar essa «sensação»:

(...) sou super fã de Amon Amarth, tem uma força incrível, é uma banda que eu já vi umas quatro vezes. A ideologia disso é mesmo: tornei-me mais forte, deixei a depressão, posso dizer que não deixei a raiva por completo, mas tornei-me guerreira! (Entrevistado 9, Sara)

Também Petra, Tiago e Norberto fazem claramente referência a esta sensação de *empowerment*:

[A música faz-me sentir] poderosa! (...) A música ajuda-nos a dar força, é como se fosse um conselho auditivo e sinto-me poderosa! Como não?! Por exemplo agora em teletrabalho, digo: «hoje tenho que acabar isto», meto ali um grind core, aquilo dá-me ali um poder! A mim, ajuda-me e eleva-me, é como se fosse uma espécie de um combustível extra que me ajuda a seguir em frente. (Entrevistado 11, Petra)

(...) é uma cena tipo a parte toda masculina, que normalmente não exponho tanto, do género isto é mesmo empowerment, é uma subida de testosterona, faz-te sentir com confiança, faz-te sentir com capacidade de enfrentar merdas. Acaba por ser uma coisa positiva, mesmo muito positiva, acho que as pessoas deviam ouvir metal mais vezes. (Entrevistado 13, Tiago)

Norberto fala de *empowerment*, mas mais durante a sua fase de adolescência:

(...) a própria música dá um sentimento de força (...). (Entrevistado 14, Norberto)

E, ao contrário de outros entrevistados, como veremos no subponto seguinte, não concorda que o metal sirva para canalizar sentimentos de raiva ou frustrações:

Nunca percebi isso, nunca me identifiquei com isso. Eu recordo-me de ter o heavy metal retratado num livro de inglês [dessa forma]. Não percebo, nunca fui agressivo. Adormeço a ouvir heavy metal (risos). (Entrevistado 14, Norberto)

4.3.1.3 Atenuador de raiva e frustrações

Além de funcionar como catapulta de poder, para a grande maioria dos entrevistados, o metal ajuda a lidar com as frustrações do dia a dia, mitigando sentimentos de raiva e cólera, funcionando mesmo, para alguns, como uma terapia.

Por exemplo Rui faz questão de nos descrever o seu «ritual terapêutico» ao chegar a casa do trabalho, enquanto Rito considera o death metal e o grind core como «escapatórias da nossa raiva interior»:

Para mim, é terapêutico, faz-me esquecer de tudo. Qualquer problema que tenha, chego a casa, ouço sempre aqui no meu covil [Rui tem uma sala dedicada ao metal com milhares de lps, cassetes e CDs]. Só o pegar no disco é terapêutico (risos), todo o processo de pôr a tocar, tem de ser limpo, tudo isso faz uma pessoa não se lembrar de mais nada e acaba por esquecer (...) Considero isto um ritual, tirar o disco, limpá-lo, pôr a tocar, voltá-lo para pôr o lado B, abrir as capas, lê-se bem, vê-se o artwork (...). (Entrevistado 4, Rui)

(...) ainda bem que isso apareceu na minha vida e na vida de toda essa gente. Imagina o que era toda esta gente que, em vez de fazerem mosh pits, walls of death, headbanging ou o que seja, não conseguissem canalizar toda essa energia de uma maneira fraternal, amigável e de bom e que começassem a andar na rua a matar pessoas. É porque a sociedade em que vivemos é dura de dogmas e leva-nos a muita raiva acumulada. Raiva, pode ser devido a frustrações pessoais ou sociais, relacionais ou afins e ter uma escapatória como o metal: ir a um concerto, viver aquela plenitude, acumulação de pessoas, aquele prazer de estarmos todos juntos e andarmos ali ao pontapé uns com os outros sem ninguém se magoar, pois até a minha mãe entende isso, ela diz: «ao menos não fazem mal a ninguém e exorcizam os vossos demónios». É uma forma de exorcizar os demónios e isso é fantástico! (Entrevistado 1, Rito)

Extravasas, acalmar, descarregar. O metal é para estas pessoas indispensável para manutenção da sua saúde mental:

(...) isto é dar voz a alguma coisa que é natural e que assim de alguma maneira é extravasada e lá está a coisa fica mais controlada, porque se tu estiveres sempre

*reprimido: «warrrr»; [tens que te libertar de alguma forma?] Ya, sim, claro!
(Entrevistado 7, Teresa)*

(...) é uma forma de desanuviar. Para mim, esse estilo mais agressivo, é aquele que me apetece ouvir porque dá-me - em vez de ouvir música calma para acalmar não - é ouvir música acelerada para descomprimir, deitar cá para fora certas coisas, descarregar. (Entrevistado 3, Joel)

(...) sinceramente é isso que me acontece, estou num momento de mais fraqueza e vou ouvir metal. Estou sempre a ouvir, mas num momento em que preciso de relaxar, para me recompor, para repor as minhas energias não há dúvida que o metal para mim serve. (Entrevistado 5, Rafael)

Por seu turno, Petra compara estar num *mosh pit* de um concerto de grind core a um spa de cinco estrelas:

(...) o grind core acalma. Eu, por exemplo, se tenho muito stress. Há duas ou três semanas, fui a um concerto de grind core, mas aqueles em que está toda a gente vestida de pijama, de galinha e não sei quê e pensei eu vou para o meio do pit porque isto vai-me fazer acalmar e saí de lá, parecia que tinha ido para um spa de cinco estrelas, massajada com 30 óleos porque estive ali (risos). (Entrevistado 11, Petra)

Emoção será das palavras mais repetidas pelos entrevistados quando se lhes pergunta o que sentem quando se encontram expostos ao género musical e às suas bandas favoritas. Rito menciona que mexe com as hormonas do prazer, Teresa evidencia que seria incapaz de viver sem música e Mauro e Fábio confessam mesmo que, se não fosse a música, talvez já não estivessem por cá.

Força, empoderamento, confiança e autoestima são outros dos aspetos a destacar dos testemunhos, principalmente da parte de Sara, Petra, Tiago e Norberto. Por outro lado, o metal aparece também como uma terapia, uma forma de lidar com os momentos menos agradáveis do dia-a-dia. Rui tem o seu «ritual terapêutico», Rafael repõe as suas energias, Rito menciona dois subgéneros em particular que são escapatórias para sentimentos menos positivos e Teresa expressa libertação através do extravasar enquanto que Joel utiliza a palavra «descarregar».

Por seu turno, Petra compara mesmo um concerto de grind core a um spa de cinco estrelas. Já Carlos destaca uma característica muito particular em relação ao metal, que fazem os seus admiradores sentirem-se «especiais»: só eles sabiam que esta era a melhor música do mundo.

4.3.2 Todos os metálicos querem ser músicos?

A resposta a esta pergunta parece ser afirmativa, pelo menos do que podemos retirar dos testemunhos dos nossos entrevistados. Já nos dizia Fabien Hein “o indivíduo deseja materializar a sua paixão, inscrevendo-se ele próprio no processo de criação” (Hein, 2019: cap. 6, 61); “o amor por certos discos, a focalização da atenção num instrumento em particular levou, muitas vezes, os indivíduos a «realizar» a sua paixão por um instrumento e/ ou instrumentista” (Hein, 2019: cap. 6, 71).

Das 14 pessoas que constituem a amostra, apenas três¹¹² dizem nunca terem aprendido a tocar qualquer instrumento ou terem sido vocalistas, oito já estiveram numa banda de metal e desses, quatro continuam atualmente inseridos numa ou em várias bandas como é o caso de Joel ou de Carlos.

Sara faz parte dos interlocutores que nunca aprendeu a tocar nenhum instrumento, mas confessa:

(...) o meu sonho sempre foi tocar bateria. [Ainda estás a tempo...] Sim as pessoas dizem-me isso, mas às vezes gerir o trabalho e descansar ao fim de semana. Eu já experimentei, mas não tenho queda (risos). (Entrevistado 9, Sara)

Embora Laura tenha tido formação musical em piano até aos 17 anos, admite que deixou de lado essa possibilidade e que já não toca há alguns anos, enquanto Mauro e Petra dizem nunca terem aprendido:

Não tenho voz, nem no duche e já tentaram ensinar-me bateria (...) já tentei aprender guitarra também, mas não tenho ouvido, sei seguir uma pauta, (...) mas improvisação não sei fazer. (Entrevistado 2, Laura)

Zero, eu até costumo brincar que respeito e gosto demasiado de música para ir tocar (risos). O meu pai ofereceu-me uma guitarra clássica quando ainda era adolescente e oh pá, nunca tive queda, ainda a tenho, mas nunca aprendi, ainda houve um amigo que me tentou ensinar uns acordes na altura da faculdade, mas nunca aprendi. (Entrevistado 6, Mauro)

Nós temos que deixar os talentos para quem tem realmente talento. (Entrevistado 11, Petra)

Já Fábio admite que aprendeu a tocar guitarra e que até participou num festival do Rock Rendez-Vous com uma banda, os Navan, mas garante:

¹¹² Sara (embora tenha o sonho de aprender bateria), Mauro e Petra.

Tentei, mas não correu bem e daí eu ter-me dedicado a perceber quem sabia fazer isso. (Entrevistado 10, Fábio)

Para o «verdadeiro» metálico, há de facto uma vontade de concretizar ao máximo a paixão que tem. E, para a maioria significa também aprender a tocar um instrumento ou ser vocalista de uma banda, passar à criação. Caso não seja possível, o ideal é escolher uma profissão ou ter um hobby que lhes permita estar o mais perto possível desse amor:

Todos nós queríamos fazer parte da cena. Quem estava a assistir nos concertos ou tinha uma banda ou estava a tentar formar uma. Toda a gente tinha de fazer alguma coisa. Tinha de fazer parte da cena. A cena construiu-se assim, o próprio underground é formado por toda a gente, por o pessoal que faz as fanzines, os logos, as capas, as fotos. Toda a gente tinha de fazer alguma coisa, o meu grupo de amigos é um bocado disso, é raro alguém que de alguma forma não estava envolvido. (Entrevistado 14, Norberto)

Além de Fábio, Sónia, Rito, Rafael, Rui, Joel, Tiago, Carlos, todos eles, em algum momento das suas vidas aprenderam a tocar um instrumento musical ou fizeram (e/ou fazem) parte de uma banda de metal. Sónia começou a aprender a tocar baixo há dois anos¹¹³, Rito foi vocalista de uma banda durante a escola secundária, Rafael formou a primeira banda de black metal portuguesa em 1985 (os Black Cross) e Rui começou a tocar baixo com 17 anos, formando os Sortilege¹¹⁴ em 1995.

Juntamente com Rui, Joel, Tiago, Teresa e Carlos fazem parte de bandas no ativo ainda hoje. Interessante é o facto de nenhum deles, à exceção de Teresa, terem tido aulas formais, aprenderam a tocar «de ouvido», com os amigos e «tentando» perceber pautas, o que prova mais uma vez o quanto os membros deste mundo social se comprometiam (e comprometem) na «metalização» das suas vidas. Carlos integra atualmente cinco bandas¹¹⁵:

No início dos anos 90, tive uma banda: os Necroterium (...) era para ser guitarrista, mas, entretanto, o rapaz que era para ser vocalista nunca aparecia e acabei eu por fazer a voz e passei para o baixo (...) saí e comecei a fazer os Theriomorphic (...). (Entrevistado 3, Joel)

Comecei a dar uns toques em casa com um amplificador barato, mas não sabia tocar, andava para ali a mexer nas cordas, a fazer barulho (...) Íamos para um estúdio que

¹¹³ E daqui também retiramos que a questão da idade não impede que se comece a aprender um instrumento musical, embora a maioria tenha começado a tocar ou a ser vocalista na adolescência.

¹¹⁴ Que ainda existem atualmente sob o nome de Sortilegiis, que editaram uma compilação em 2021.

¹¹⁵ Filii Nigrantium Infernalium, Hellspike, Els Focs Negres, Perpertretör e Rage and Fire.

existia perto da escola e dizíamos: «olha eu fico com a bateria, eu com o microfone!».
(Entrevistado 12, Carlos)

De todos os indivíduos que integram a nossa amostra, Mauro, Petra e Sara são os únicos que nunca aprenderam a tocar um instrumento musical ou a utilizar a voz. Todavia apenas duas pessoas, Laura e Teresa, tiveram uma formação musical mais formatada, embora não tenham tomado o mesmo rumo. Teresa dedicou-lhe a vida profissional e Laura abandonou por completo essa faceta.

Todos os outros entrevistados, apesar de não terem tido uma aprendizagem musical formal tocam ou tocaram (incluindo aqui a voz como instrumento) numa banda de metal¹¹⁶, ou seja, foram autodidatas e/ou aprenderam no interior do seu círculo de amigos.

Atualmente, metade daqueles que já tocaram, continuam ativos e fazem parte de bandas, conciliando a vida profissional com a de músico. Nos seus testemunhos, fica claro que a paixão desenvolvida pelo género fez com que houvesse essa vontade de «metalizarem» as suas vidas ao máximo, sendo que a forma mais próxima de o conseguirem era dedicarem-se à aprendizagem de um instrumento musical, a consequente formação/ integração numa banda e, em última instância fazer da música, enquanto artistas, profissão.

As vicissitudes dos seus percursos de vida fizeram com que esta última fase não se concretizasse por completo, embora lhe continuem a dedicar grande parte do seu tempo e aqui temos de realçar o exemplo de Carlos que, além de ser arqueólogo, participa em cinco bandas de metal no ativo.

4.4 As mulheres e o metal

Neste subcapítulo podemos distinguir dois subtemas que estão interrelacionados: a desproporção na quantidade de mulheres em relação aos homens na subcultura, referida na literatura consultada e nos testemunhos dos entrevistados e o sexismo/ machismo/ misoginia, associado ao movimento por autores como Deena Weinstein, que, como já vimos, afirma: “as mulheres são alienígenas na subcultura do heavy metal, por causa da sua alteridade” (Weinstein, 2000:135).

¹¹⁶ À exceção de Teresa que teve essa formação ao nível de Conservatório.

A partir dos testemunhos obtidos, podemos constatar que as opiniões diferem e são também distintas tendo em conta o espaço temporal a que se referem. As visões masculinas não são uniformes, tal como verificamos a existência de uma heterogeneidade nas experiências vividas do lado feminino.

Na sua grande maioria, os nossos entrevistados não concordam com esta afirmação de Weinstein. Todavia, alguns participantes no estudo, principalmente os que estão na faixa etária acima dos 50 anos, dão razão à autora. Por outro lado, vemos que as próprias mulheres se discriminam entre si, diferenciando-se das demais.

4.4.1 Mulheres num mundo de homens

No final dos anos 80 e inícios dos anos 90, a maioria masculina no mundo do metal era esmagadora. O que não significa que elas não existissem e não marcassem a sua presença:

Para já, era preciso vê-las porque era uma raridade (...) nem me lembro se haviam moças no cantinho lá da escola. Aos poucos, começaram a vir porque tínhamos uma banda e depois um amigo tem uma irmã que começa a vir (...). (Entrevistado 1, Rito)

Não havia tantas mulheres como há hoje em dia nos concertos (...) que também eram mais violentos, o que era capaz de influenciar um bocado, também tinham um bocado mais de dificuldade para sair, por causa dos pais, da família (...) não era tão normal ver raparigas em bandas, havia uma ou outra, porque também eram menos, lá está, mas na parte de organizações ou managers de bandas, havia várias raparigas bastante ativas. (Entrevistado 3, Joel)

O contexto sócio histórico do final dos anos 80 e inícios de 90, como acaba de referir Joel, influenciava de facto a presença feminina no mundo social do metal:

(...) quais mulheres? Não havia (...) efetivamente a sonoridade tem muito a ver com uma forma mais macho por assim dizer, mas depois começaram a surgir cada vez mais miúdas a gostar desse tipo de sonoridades e até mais violentas (...) hoje já é praticamente banal. (Entrevistado 10, Fábio)

Todavia, e no que se refere a essa altura, que corresponde também à proliferação do movimento no nosso país, as que estavam presentes eram «equiparadas» aos homens, até na forma de vestir:

Havia muitos mais homens, podias ter mil gajos num concerto e no meio deles 200 mulheres. Havia muitas mesmo assim e na altura geralmente nem se distinguiam muito dos metálicos na indumentária, também usavam as t-shirts de bandas, calças

elásticas (...) Havia várias miúdas que encontrava em concertos, encontrava no Jingão, algumas até tocavam (...). (Entrevistado 12, Carlos)

(...) da minha parte e em relação às pessoas com quem eu me dava mais, nunca houve aquela coisa de, por ser mulher ter um tratamento diferente, era só não serem tantas, mas de resto estavam tão à vontade como nós. Também quando combinávamos ir a qualquer lado, se viesse uma rapariga connosco não havia qualquer discriminação nesse aspeto, pelo menos da experiência que eu tenho. (Entrevistado 3, Joel)

(...) na minha altura, olhávamos para um metaleiro e uma metaleira e eles estavam de t-shirt, calças de ganga e bota tipo tropa, não havia distinção, até acontecia um gajo estar virado de costas e não se distinguir se era homem ou mulher (risos). (Entrevistado 8, Sónia)

Manas sempre, completamente integradas (...) da minha parte, se há esse tipo de comentários perto de mim, não têm muita sorte, porque eu não fui educado assim. Na minha educação, isso não existe [desigualdade de género, machismo, sexismo], as pessoas são o que são, independentemente do sexo. (Entrevistado 1, Rito)

Dos cinco indivíduos do sexo feminino entrevistados, três referem ter sentido algum tipo de discriminação, por motivos diferenciados. Teresa, por exemplo, realça de que forma as mulheres não eram bem vistas enquanto músicas:

(...) havia muito essa coisa super machista dentro do metal; eu conheci isso a tocar, ir com o resto do pessoal que eram todos gajos e o organizador cumprimentava todos menos a mim (eu tocava teclas) «Ah, és a namorada que vem ajudar a trazer material?» e eu: «não, faço parte da banda»; «ah então é preciso mais um microfone?» «Não» «backing vocals?» «Não...», a sério, nota-se bué! (Entrevistado 7, Teresa)

Já Petra denuncia a discriminação de que foi alvo, principalmente no início da sua entrada no mundo do metal, fazendo face aos rapazes para «merecer» o seu lugar:

(...) antes de sair à noite, juntava-me em casa dos amigos para ouvir os tape tradings, as cassetes (...) eu sabia que faziam isso em casa de diferentes amigos e não me convidavam e eu pensava: «porquê que não me convidam?» Nunca me tinha passado pela cabeça porque se calhar era rapariga (...) até que uma vez me convidaram e eu lembro de estarem a falar de uma banda e comecei a dizer: «o álbum não sei quê» e eles ficaram a olhar para mim do estilo: «como é que ela se atreve?» ou «quem é que mostrou a esta gaja “tipo” estas coisas?», tipo mulher não devia saber destas coisas (...) Demorou um tempo. Confesso que, muitas vezes, para ganhar o respeito deles eu tinha que lhes dar bofetadas (...) às vezes, recorria à violência para ser respeitada, se se virassem a mim, eu virava-me a eles (...) no início não me senti acolhida e, se calhar, tornei-me um bocadinho maria rapaz ao início para mostrar que merecia estar ali com os gajos do metal. (Entrevistado 11, Petra)

E Sónia refere sobretudo um certo preconceito nos dias atuais, no que toca à afirmação das mulheres enquanto comentadoras especialistas do género musical:

(...) Sabes a dificuldade que eu tenho em me impor e falar sobre metal? Analisar vídeos, fazer reviews, fazer fotorreportagens; analiso os instrumentos, a voz e não ser levada a sério, enquanto um amigo rapaz que diz exatamente o mesmo que eu, mas como é rapaz... Inverteu-se um bocado, quer dizer, na altura que era suposto acontecer o sexismo, eu era muito mais levada a sério do que agora, que há esta libertação, esta igualdade de direitos. (Entrevistado 8, Sónia)

Todavia e, apesar destes testemunhos no feminino que reforçam a ideia de um mundo social fortemente masculinizado, todas elas acabaram por sentir que faziam (e fazem) parte da subcultura¹¹⁷, integrando-se perfeitamente no «grupo dos rapazes». Reparámos que, de facto, Petra, por exemplo, que diz ter sentido na pele uma discriminação no seio da subcultura pelo facto de ser mulher ou Teresa, que sentia algum desconforto perante os indivíduos do sexo masculino enquanto música, são aquelas que desenvolveram relações de amizade profundas com mais homens do que mulheres, ao longo das suas vidas. Sara também se enquadra nesta situação, mas ao contrário das que acabámos de mencionar, afirma nunca ter sentido qualquer tipo de discriminação, o que poderá também ser explicado pelo facto desta entrevistada ter enveredado no mundo do metal um pouco mais tarde, quando comparamos com as outras três. Por seu turno, Sónia tem uma visão interessante e contrária relativamente aos outros participantes no estudo, afirmando existir nos dias atuais mais discriminação do que existia na altura da sua adolescência.

Eu diria que 98 por cento dos meus amigos são homens, acho que me entendo melhor com homens do que mulheres; se calhar, porque passei mais tempo com eles.. (Entrevistado 11, Petra)

Eu sempre estive em meios em que haviam mais rapazes, eu era das poucas raparigas, mas sempre fui igual a eles, nunca me senti... era de igual para igual, falávamos de música, nunca houve problemas, mesmo com as bandas (...) Desde pequenina gajas e gajos, homens e mulheres são exatamente iguais, ai de quem me venha dizer o contrário! (risos) (...) nem me passa pela cabeça ser de outra maneira (...) também andava no judo e por vezes ganhava-lhes! Eles não eram mais do que eu! (risos). (Entrevistado 7, Teresa)

(...) eu sempre tive mais amigos homens que mulheres, porque me identifiquei mais com a maneira de pensar deles. Eu recusava quando me diziam para sair com um grupo só de mulheres. Não, eu não quero ter conversas de mulheres com mulheres, eu quero ter conversas sobretudo com rapazes; eu era capaz de estar no grupo dos rapazes a falar de futebol, eu preferia falar de futebol do que de cabeleireiros” (risos) (...) Eu saía com quatro ou cinco rapazes sozinha, era como se fosse a única mulher aceite porque estava na boa com tudo (...) Ainda hoje em dia, amigas mulheres tenho

¹¹⁷ Com exceção de Sónia, que entende que essa aceitação acontecia mais facilmente nos anos 90 do que atualmente.

pouquíssimas (...) nunca fui «tchtch»¹¹⁸ de mulher, por isso nunca senti essa discriminação, nunca senti sexismo. (Entrevistado 9, Sara)

(...) nunca me senti discriminada por ser rapariga. Lá está: «curtes metal, és amante de metal? Queres abanar o capacete?»; chegar ao cúmulo de eu ir para um concerto de escola de hard core, estar a malta toda em tronco nu e eu tirava a minha também, ficava de soutien e realmente nessa altura ninguém tocava onde não devia (...) Era como se fosse, és a minha irmã, eu não te vou apalpar, não te vou diminuir, nem fazer menos do que és (...) [hoje em dia] por exemplo quando entro dentro de um RCA [sala de concertos em Lisboa] e eles estão a analisar-me da cabeça aos pés, apesar de eu me vestir modesta, ser analisada e julgada se sou bonita ou feia, quando dantes eu entrava num sítio qualquer e ninguém pensava sequer na minha imagem. Era tipo: «anda cá! Curtes que banda?». (Entrevistado 8, Sónia)

4.4.2 A mulher sexualizada e o domínio masculino¹¹⁹

Apesar de existirem indivíduos do sexo feminino completamente integrados na subcultura, a verdade é que a mulher em si mesma e o que representava, principalmente no início do movimento, não se coadunava com o espírito metálico. Como vimos na literatura consultada, ela é uma ameaça à continuação do coletivo masculino (Walser, 2014). A mulher seduz e conduz o homem à sua perdição e esse temor latente faz com que sejam subjugadas¹²⁰. Alguns testemunhos estão direcionados nesse sentido, notando-se uma distinção clara entre «as mulheres metálicas» e as «outras mulheres»:

Normalmente as namoradas dos metaleiros eram pessoas que não gostavam da sonoridade. Eram muito adversas e aconselhavam os namorados para que deixassem de gostar do som (...) agora metaleiras que tinham casacos com patches e que usavam t-shirts e que gostavam, elas normalmente eram acarinhadas porque eram raríssimas e eram super protegidas pelos grupos de amigos (...) as namoradas que não eram da cena faziam tudo para minar aquele espírito de camaradagem dos metaleiros (...) aquela onda da bebedeira, ouvir um disco, fazer figuras parvas (...) a pontos que chegavam [a confrontá-los]: «ou eu ou eles!» e isso acontecia, acontece e há de acontecer (...) eu conheço várias bandas que começaram e acabaram por causa das namoradas (...) elas não gostavam da cena, não gostavam do som, achavam que aquilo era uma perda de tempo, o dinheiro que se gastava nas guitarras, o fim de semana que não tinham para sair e namorar, porque eles iam para o ensaio (...) no dia a seguir estavam com uma grande ressaca e portanto ia o

¹¹⁸ Perguntei posteriormente à entrevistada o que queria dizer essa expressão e ela respondeu-me mulheres que estejam com fofuques, mesquinhices, bisbilhotices.

¹¹⁹ Não podemos deixar de referir Bourdieu e a obra *A Dominação Masculina* (2018), na qual o autor discute a «dicotomia sexual» e o contínuo enraizamento mental do comportamento dominante masculino existente nas sociedades atuais; entende que essa dominação não é biológica, mas uma construção arbitrária do biológico, que fundamenta as divisões sexuais.

¹²⁰ A mulher sedutora e perigosa, e por isso, subjugada, é retratada desta forma em inúmeras músicas sobretudo de hard rock e heavy metal tradicional.

fim de semana à vida, [e diziam] «não me deste atenção nenhuma, só estás com os teus amigos...» isso é a cena mais frequente. (Entrevistado 10, Fábio)

As mulheres eram vistas como um símbolo sexual, tanto que pelo em menos 90% dos telediscos dos anos 80/90 e se calhar ainda em 2000 das bandas de heavy metal e hard rock, as mulheres são sempre um símbolo sexual (...) mas até aos anos 90/2000, funcionava assim: mulheres que gostassem de heavy metal havia poucas, mas de alguma forma, havia alguma procura principalmente pelas mulheres que não eram do metal. Arranjávamos muitas namoradas que não tinham nada a ver com metal (...) infelizmente era esse o estereótipo das mulheres, como elas não ouviam metal, iam ao café, (...) ficavam ali à porta com o nosso blusão pendurado às costas à nossa espera, não faziam cara de frete, mas ficavam à espera que fôssemos com elas a algum lado que elas gostassem (...) (risos). (Entrevistado 5, Rafael)

(...) os homens do metal sempre tiveram uma visão mais objetificante da mulher, nas capas dos discos e tudo, eram sempre símbolos sexuais (...) também de uma certa agressividade para com as mulheres: em correntes ou numa posição de submissão, que enaltecia o poder do homem, do macho; míticas são as capas dos Manowar. (Entrevistado 6, Mauro)

(...) tenho amigos que dizem que o heavy metal não foi feito para mulheres, eu não tenho essa opinião (...) As poucas que vi [mulheres do metal], os namorados subjugavam-nas, eram mesmo machões, não deixavam as raparigas falar com ninguém, se calhar tinham medo que as roubassem porque havia poucas (risos). (Entrevistado 5, Rafael)”

Todavia há quem defenda que o movimento em si não tinha qualquer tipo de misoginia associado e que as temáticas em volta da mulher perigosa e subalterna não passavam de uma sátira, ligadas ao hedonismo, aos «prazeres da vida». De facto, nos subgéneros que sucedem ao hard rock e ao heavy metal tradicional, como o thrash ou o death metal abordam-se questões de maior seriedade:

(...) em grande medida, é um bocado satírico, não é para levar a sério. O pessoal queria divertir-se e estava-se um bocado nas tintas (...) no thrash metal, não tinhas muito essa coisa das gajas; hard rock, glam é que era mais a cena das gajas, do dinheiro, dos carros. Havia vários tipos de letras: as hedonistas, dos prazeres e do estilo sex, drugs and rock n' roll, depois tinhas as letras de consciência social, com características políticas, do medo da guerra atómica, que nos anos 80 era uma coisa muito comum, até esteticamente estavam muito ligadas a isso certas bandas e depois tinhas fantasia pura e dura: satanismos, que tinham a ver com espadas (...). (Entrevistado 12, Carlos)

Os discriminadores eram (e são) uma minoria dentro da comunidade metálica portuguesa, o que não significa que não existam:

Se estás a falar de mosh pit lá à frente, aí tens alguns tarados que se aproveitavam para estabelecer contacto direto com a anatomia das pessoas e esse tipo de situações acontecia; se estás a falar de mulheres em palco e a tocar, tens efetivamente uns quantos trogloditas lá à frente, que podem ser para aí uns 15, a dizer coisas como «mostra-me as tuas mamas!», «és

boa!» e coisas do género, isso existia, mas não caracteriza [va] a comunidade toda.. (Entrevistado 10, Fábio)

Por outro lado, há também quem considere que a forma como eram tratadas as mulheres dentro do grupo social estava intimamente relacionado com as habilitações literárias dos *headbangers* e que a subcultura acompanhou assim, as mudanças socioculturais acontecidas em Portugal durante estas quatro décadas:

A comunidade masculina metaleira tinha atitudes muito ridículas e estúpidas relativamente às mulheres (...) o pessoal não integrava as miúdas de forma alguma (...) Infelizmente as miúdas não eram levadas a sério. Ainda hoje se sente isso. Havia umas quantas, ou eram imensamente respeitadas, quase como irmãs. Mas a miúda tinha de ter uma personalidade muito forte. Na zona do Lumiar três miúdas, quatro/ cinco anos mais velhas que eu. Essas eram mesmo muito respeitadas (...) Havia muito pouca gente com formação superior nessa altura. Depois as coisas foram melhorando, também estando ligado à educação. Quando esse pessoal [com menos habilitações literárias] deixou de aparecer, a forma como a mulher era tratada nos grupos foi mudando. (Entrevistado 13, Tiago)

4.4.3 Mulheres ou homens: o que interessa é a música

Vimos então que, apesar de existir da parte dos homens algum tipo de discriminação em relação às mulheres neste mundo social, o preconceito foi sendo atenuado ao longo do tempo, sobretudo quando se tratam de «metálicas». Alguns entrevistados mencionam mesmo uma discriminação positiva em relação às mulheres do metal:

Não era uma questão de serem tratadas de igual para igual. As mulheres eram até super protegidas porque, normalmente, iam em grupos de amigos e os homens, não sendo namorados, protegiam-nas, acima de tudo, da violência de bêbedos de outros grupos. Comigo, isso acontecia com frequência, quase que me auto encarregava de proteger as miúdas; sei lá, poderia haver um gajo mais atrevido ou mais bêbedo que tentasse dar um apalpão ou coisa do género e era natural que levasse um chapadão de mim ou de outro gajo com quem as miúdas iam. (Entrevistado 10, Fábio)

Entre os amigos do metal não sentia isso [discriminação em relação às mulheres]. No meu grupo de amigos havia duas raparigas, iam aos bares, aos concertos. Nós, mais tarde, começámos a fazer fanzines e elas também eram empreendedoras no metal: uma das minhas grandes amigas fez um programa de metal durante muitos anos. (Entrevistado 14, Norberto)

Outra questão interessante tem a ver com facto de existirem mulheres que se querem integrar na subcultura por outros motivos que não a música, gerando desconfiança da parte dos homens, que aceitam mais facilmente no grupo social aquelas que demonstram ter algum conhecimento «metálico»¹²¹:

¹²¹ Com esta expressão, referimo-nos à paixão que existe pelo género musical e o conhecimento em termos de bandas e álbuns considerados «essenciais» dentro da subcultura.

(...) há muitas raparigas que só se aproximam dos rapazes do metal porque são giros e têm cabelos compridos e tatuagens e eles ficam naquela: «És ou não? És poserzita ou és true (...) quando eu cheguei ao Porto¹²², eu não conhecia lá ninguém, (...) na primeira noite que fui ao Fundo do Poço¹²³, o pessoal ficou naquela a olhar para mim «quem é esta gaja?» (...) comecei a pedir música, eles ficaram a olhar de lado (...) na segunda ou na terceira vez que eu lá fui, a aceitação foi completamente diferente (...) incluíram-me na família do Porto com uma rapidez incrível, portanto não sinto tanto isso, mas via-os a fazerem aquele olho de lado para algumas raparigas que não percebem nada de música e estão ali só a fazer olho gordo aos gajos (...). (Entrevistado 2, Laura)

Sempre fui muito observador disso e encontrava essa tendência sexista mais noutros estilos e isso mais me fazia gostar da escolha que tomei (...) Claro que se vieses ao pé de um bando de metaleiros, só porque te vestes de preto, armada em campeã e não percebes pataquina do assunto, olham para ti e dizem: «moce, vai-te deitar!». Agora, se disseses: «aquele álbum é fixe, aquela música, aí és parte integrante da cena e isso só conheci no metal. (Entrevistado 1, Rito)

Isto não significa que o género passe a ser completamente ignorado no seio da subcultura, tanto do lado dos homens, como do lado das mulheres, mas é remetido para segundo plano:

Não creio que houvesse nenhum tipo de discriminação, claro que havia sempre uma tensão sexual ou qualquer coisa, estamos a falar de adolescentes; havia umas mais malucas, outras menos, havia aquelas que também iam para os bares à noite e bebiam até cair como os homens (...) É natural que algumas se sentissem um pouco discriminadas por um gajo ou outro (...) claro que havia estúpidos em todo o lado, como continua a haver (...) mas pelo contrário, por nós até deveria de haver mais mulheres a ouvir aquele tipo de som! (Entrevistado 12, Carlos)

Não concordo de maneira nenhuma com essas observações e teorias sexistas sobre o metal. Eu tive a prova contrária disso, tenho amigas de Lisboa, um grupo de gajas às quais eu chamo as «arcanjas do caos», estão nos festivais todos, todas lindas, fixes, altamente e respeitadas por toda a gente. Há respeito, isso são pessoas mal resolvidas¹²⁴. (Entrevistado 1, Rito)

Este último entrevistado menciona ainda um aspeto curioso, que também referimos no enquadramento teórico e que está sobretudo relacionado com um subgénero em particular: o glam rock.

Os próprios homens objetificavam-se! Pintavam-se, desde os Kiss aos King Diamond ao Alice Cooper, aos Motley Criue, WASP, toda essa parafernália, com collants de leopardo, faziam permanentes, ou seja, houve uma desmistificação desse sexismo que realmente existia, na altura, muito forte na sociedade, principalmente nos EUA (...). (Entrevistado 1, Rito)

¹²² Laura esteve a viver no Porto entre 2015 e 2018.

¹²³ Bar de metal no Porto, que já fechou portas entretanto.

¹²⁴ Referindo-se ao sexismo que possa ainda existir no seio da subcultura, qualquer tipo de discriminação, embora haja uma desconfiança inicial, muito em parte devido a mulheres que querem fazer parte da subcultura por outros motivos que não a música.

Tendo em conta as suas quatro décadas de existência, as questões de género no mundo social do metal acompanharam também o evoluir da sociedade portuguesa em termos socioculturais.

Começando por ser uma subcultura constituída essencialmente por homens, essa tendência manteve-se até aos dias de hoje, mas isto não significa que as mulheres não marcassem a sua presença desde o início do movimento.

Há uma distinção entre «as mulheres do metal» e a «mulher sedutora e perigosa», cujo efeito leva a que se quebrem os laços de amizade do coletivo metálico. Todavia, três das cinco entrevistadas dizem ter sentido algum tipo de discriminação negativa, apesar da sua integração na subcultura.

Do lado masculino, dos nove entrevistados, apenas três afirmam convictamente que existia uma discriminação de género assumida na subcultura. Mas, para a maioria dos entrevistados homens, as mulheres são consideradas de igual para igual, apesar da diferença numérica substancial. Consideram que pudesse existir (e que possa existir) misoginia por parte de alguns elementos deste mundo social, mas não a associam à subcultura em si, ou seja, os protagonistas dessa discriminação são uma minoria que não representa a comunidade metálica em Portugal.

4.5 Álcool, drogas, vandalismo, satanismo?

4.5.1 Álcool e drogas

Já tínhamos visto em Weinstein (2000) que o álcool e as drogas fazem parte da subcultura e que são tidas como objetos simbólicos. Todavia, não tinham a centralidade que outras subculturas¹²⁵ lhes deram e serviam sobretudo para “(...) alcançar uma catarse física e emocional” (Weinstein, 2000:134).

Os testemunhos recolhidos vêm confirmar esta afirmação e principalmente os entrevistados na faixa etária dos 50 anos admitem «ter perdido muitos amigos para a droga». Isto não significa que não hajam adeptos que não consumam esse tipo de substâncias e que deixem, por isso, de fazer parte deste mundo social. É que não podemos

¹²⁵ Como, por exemplo, a *hippie*.

esquecer que o cerne desta subcultura está na música e tudo o resto acaba por ser secundário.

O álcool e as drogas servem essencialmente para potenciar ao máximo as sensações de prazer provocadas pela música. Daí que todos os entrevistados afirmem nunca terem enveredado por drogas mais pesadas, embora a maioria afirme beber álcool, em situações de socialização e ter experimentado alguma vez as chamadas drogas leves como a cannabis.

Era um trampolim para a juventude, para um rebelde, para ganhar coragem, para se sentir impulsionado, para a extroversão, abanar a cabeça, sentir-se alienado, perder a vergonha. (Entrevistado 1, Rito)

(...) nunca fui de tomar drogas, sempre gostei de beber um ou outro copo, talvez por volta do 10º ano tenha começado a beber, não por dependência, mas socialmente. (Entrevistado 6, Mauro)

Eu nunca fui de drogas, mas álcool sim. Eu sempre tive grupos de amigos que adoravam álcool e sair à noite e eu integrei-me muito bem nesses grupos (...) na altura (...) aquele bar era a nossa segunda casa. (Entrevistado 9, Sara)

Mais uma vez, o movimento acompanhou o contexto sócio histórico do país, cuja realidade em relação à heroína, por exemplo, era bem diferente nos finais dos anos 80, em comparação com os dias atuais:

(...) essa ligação ao álcool e às drogas acho que foi uma das faces piores dos anos 80. Deixei os estudos aos 17 anos e fui para a tropa voluntário, precisamente, porque comecei a perder os meus amigos; as drogas consumiam-se com muita facilidade. Naqueles anos, toda a gente experimentou drogas, pelo menos no grupo em que estava inserido, raparigas e rapazes (...) a taxa devia de ser muito perto dos 100 por cento (...) houve ali um trampolim das leves para as pesadas, alguns não tiveram controle e saltaram para as pesadas e eu comecei a perder amigos, deixavam de aparecer; na altura não haviam telemóveis, telefonávamos para casa deles e lá tínhamos a triste notícia: teve uma overdose, faleceu. (Entrevistado 5, Rafael)

(...) a Avenida de Roma é famosa por isso, aliás da minha geração, não existe ninguém vivo acho eu, terão sobrevivido com a minha idade ou com um bocadinho mais acima, a maior parte deles já foram todos dizimados, eram para aí 10, 15, filhos de famílias de alta sociedade e que efetivamente consumiam drogas pesadas e acabaram por sucumbir ao vício. (Entrevistado 10, Fábio)

Eu nunca tive nenhuma curiosidade, mas que era uma realidade, era (...) Antes, o consumo da heroína era banalizado, as pessoas não tinham noção da gravidade daquilo que faziam, eu vi coisas atroz, pessoas a terem overdoses, a injetarem-se. (Entrevistado 1, Rito)

Vi muita coisa, vi muita droga, vi malta perder-se. (Entrevistado 14, Norberto)

Posto de forma simples: metal não implica necessariamente o consumo de álcool e drogas, embora estas substâncias estejam presentes na subcultura, tal como estão na sociedade em geral:

(...) o álcool está sempre ligado às saídas noturnas, mas acho que isso não é típico da tribo do metal, acho que é uma normalidade para quem tem 16 anos ou 17 e, até agora, se sair, também bebo. (Entrevistado 11, Petra)

(...) eu não acho que a música fomenta o álcool e as drogas (...) Eu conheço muita gente que é completamente viciado em metal e que não consomem nem drogas nem álcool. Uma coisa não tem necessariamente de estar ligada, porque também nos outros estilos de música (...) nas discotecas, tens sempre álcool e drogas envolvidos, às vezes até mais que no mundo do metal. (Entrevistado 2, Laura)

O álcool, para mim, não tem nada a ver com a música; eu nunca fiz nada de errado que tenha a ver com o metal, não me meti em sarilhos, tudo que experimentava era pura curiosidade de adolescente. (Entrevistado 8, Sónia)¹²⁶

(...) Para mim era tudo acerca da música, mas esse [outro] grupo por exemplo paravam a música para ir fumar ou beber e isso eu não compreendia, porque o que me puxava a mim era a música. (Entrevistado 14, Norberto)

(...) nós também participámos [Black Cross] porque a televisão procurava bandas que tivessem uma grande identificação com o mundo da droga, mas que não fossem consumidores e nós tínhamos esse carisma (...) queriam dizer aos jovens podem ser rebeldes sem tomar drogas (...) [em relação a uma campanha da RTP contra o consumo de drogas]. (Entrevistado 5, Rafael)

O que de facto retiramos dos nossos testemunhos é que as drogas e o álcool sempre fizeram parte das culturas juvenis; no caso do mundo social do metal que se começou a construir em Portugal nos anos 80, é compreensível que a ligação estivesse presente.

Todavia, a música não poderia perder a sua centralidade e uma adição contrariava essa situação. Hoje em dia, os adeptos dizem beber álcool socialmente, em encontros da subcultura, principalmente em concertos, mas também há quem tenha deixado por completo o álcool de lado e se concentre naquilo que considera realmente importante: a música.

4.5.2 Metálicos: uns vândalos?

“Além da música, foram os atos de vandalismo que tornaram lendários os espetáculos no Dramático de Cascais” (Almeida, 2013:138). Nos finais dos anos 80 e

¹²⁶ A entrevistada refere, durante a entrevista, que perdeu aquela vontade de beber álcool e que até já deixou o tabaco há três anos.

princípios de 90, existiam mesmo avisos no verso dos bilhetes para os concertos como: “A vinda a Cascais dos Metallica e Judas Priest ficará dependente de como forem tratadas as plantas do jardim, os comboios da CP e todo o património público no trajeto estação-pavilhão” (Almeida, 2013:140)¹²⁷.

De facto, a euforia com que eram recebidos esses primeiros concertos de metal no nosso país, depois de longos anos de censura e ditadura, fazia extravasar os ânimos por vezes, com consequências menos positivas. Há quem aponte o dedo à falta de organização e à intimidação policial que existia na altura, à incompreensão do que significava estar num concerto de metal por parte dos seguranças, contratados para esses espetáculos, ou à «falta de bom senso» própria da adolescência.

Éramos marginalizados, mas também éramos mais marginais (...) o pessoal organizava excursões e rumávamos a Cascais, eu fui aos dois primeiros concertos de Sepultura em Portugal (...) a banda era uma religião e, realmente o pessoal, a esse nível, ainda era mais marginal: eu recordo-me de entrar nas casas de banho do Dramático de Cascais e estava tudo partido, não havia retretes, não havia portas, lavatórios, o pessoal destruía. (Entrevistado 6, Mauro)

(...) uma vez portaram-se mal (...) vandalizaram o comboio¹²⁸, teve que parar, foram expulsos e foram presos. Eu gosto de caos, mas não vandalizar o que é dos outros, uns, davam-lhes para a maldade (...) não tens nada que vandalizar o comboio! Já era o que era: estar ali de pé, a beber, a fumar, já ninguém dizia nada, mas vandalizar o comboio, não estava de acordo. (Entrevistado 1, Rito)

Lembro-me inclusivamente que cheguei ao concerto¹²⁹ e pensar: «eu só não me vou embora porque tenho o bilhete no bolso, estes gajos¹³⁰ sabem que eu tenho o bilhete e tenho vergonha de lhes dizer que vou para casa. Porque aquela merda era uma selvageria (risos) para um puto de 16 anos que chega ali, ver magotes de gajos de cabelos compridos cheios de picos, só a fazer merda, a partir tudo a meterem-se com as pessoas, irem para o café que havia na rua da Voz do Operário, a beber cervejas e a deitar as garrafas para o meio da estrada, gajos à pera, gajos com facas, foi uma coisa extremíssima (...) Eh pá! Era um ambiente do caraças! (...) havia muito roubo, muita pera, muitos problemas (...) o pessoal, muitos deles era uma cambada de vândalos! Muitos de nós, eu não porque até me portava bem (risos), mas realmente, havia de facto, quando as pessoas diziam que era uma cambada de putos bêbedos e drogados que só faziam merda, em grande maioria, isso aplicava-se, ou seja, muitos eram assim! (Entrevistado 12, Carlos)

¹²⁷ Este aviso estava no bilhete do espetáculo para Iron Maiden e Anthrax, que atuaram em 1990 (Almeida, 2013).

¹²⁸ O entrevistado refere-se às viagens de comboio do Algarve para Lisboa para ir assistir aos concertos.

¹²⁹ O primeiro concerto de Carlos, que se realizou em 1989, na Voz do Operário em Lisboa, com Massacre.

¹³⁰ Amigos com quem tinha ido para o concerto.

Todavia, Mauro e Rafael, por exemplo, realçam o reverso da medalha, no que respeita à incompreensão que existia em relação à «linguagem» metálica:

(...) a equipa que fazia segurança não respeitava o público (...) o pessoal estava no mosh e no crowsurfing e os seguranças apanhavam-nos e batiam-lhes (...) há um episódio em que o próprio Max Cavallera¹³¹ parou o concerto e atirou a guitarra contra um dos seguranças que estava a bater num fã. O concerto acabou quase numa revolução, as grades a saltarem e veio a polícia de choque. (Entrevistado 6, Mauro)

A entrada era tão mal organizada, era tudo ao monte e ninguém entrava, os concertos eram uma grande confusão (...). (Entrevistado 5, Rafael)

A euforia dessas primeiras experiências de jovens adolescentes, saídos de um sistema ditatorial cedeu lugar a comportamentos bem menos agressivos nos dias atuais. Laura, por exemplo, talvez também por ter começado a vivenciar o mundo do metal mais tarde (com 21 anos), retrata a conduta metálica de forma muito mais pacífica, tanto em festivais como nos bares em que trabalhou:

(...) os velhotes lá na estação começaram a olhar e disseram: «ena, tanta cangalheiro!» (risos) (...) e depois ficaram admirados do pessoal vestido de preto não ter destruído a aldeia, não ter feito mal nenhum e ter deixado lá muito dinheiro em bebida! (Entrevistado 2, Laura)¹³²

(...) eu criei amor à comunidade metaleira por ver o respeito com que tratam toda a gente (...) o metaleiro tem um respeito pela casa que frequenta, pelas pessoas que trabalham, pelo sítio em si e são incapazes de fazerem distúrbios lá dentro (...) quando alguém saía fora dos eixos, os outros todos abafavam, levavam para a rua, acalmavam lá fora, mas não deixam nada acontecer na sua casa, a casa onde ouvem música e onde se juntam todos (...) é uma lealdade porque não são todas as casas que dão um sítio para tu ires ouvir a tua música, portanto aquela casa é nossa igreja, é o nosso sítio de culto. (Entrevistado 2, Laura)

Diz-nos Fábio:

(...) a maior parte deles são exemplos de pessoas dentro da sociedade, cumpridores da lei, respeitadores da vida alheia, gostam e protegem os animais, preocupam-se com os mais frágeis, ajudam as velhinhas a atravessar a rua, mesmo que elas não queiram por vezes (risos). (Entrevistado 10, Fábio)

Depreendemos dos relatos e das afirmações dos nossos entrevistados que o contexto sócio histórico terá de ser tomado em consideração se queremos chamar vândalos aos adeptos do mundo social do metal.

¹³¹ Na altura, vocalista/ guitarrista de Sepultura

¹³² A entrevistada refere-se ao Festival Vilar de Mouros.

A verdade é que nos anos 80 e inícios de 90, aqueles que hoje têm 40 e mais anos estavam a passar pela adolescência, num país acabado de sair de uma ditadura de mais de 40 anos e havia quem passasse dos limites, mas também havia quem se mantivesse à parte de qualquer situação de destruição do património alheio e criticasse fortemente esse tipo de comportamento.

À parte dos míticos concertos no Dramático de Cascais, os concertos e festivais de metal nunca mais foram notícia por motivos menos positivos. Pelo contrário, em 2018, os participantes do Vagos Metal Fest foram mesmo elogiados por ter deixado o espaço em que se realiza o festival completamente limpo, arrumado e sem lixo.

4.5.3 Religião e satanismo

Vista de fora, a subcultura sempre teve a reputação de estar ligada ao satanismo (Weinstein, 2000). Além das caveiras, dos monstros e das cenas de horror, as ilustrações das capas e, por conseguinte, da vestimenta dos *headbangers* fazem, muitas vezes, alusão ao diabo, com cruces invertidas e pentagramas. Todavia, também já aqui mencionamos a existência do white metal, com letras pró-cristianismo.

Do que retiramos dos testemunhos dos nossos entrevistados é que, no que concerne a religião, o ateísmo é a «posição» mais referenciada; o «satanismo» surge, sobretudo, numa tentativa de contrariar certos valores e atitudes provenientes do cristianismo, representativo da grande maioria da sociedade portuguesa.

O «satanismo» surge, assim, como um «anticristianismo» ligado à contestação e à indignação dos adeptos, em relação aos pressupostos da igreja católica, que aniquilam o hedonismo e o antiautoritarismo, que o metal pressupõe. Isto, à exceção do white metal e de uma minoria de adeptos e músicos de algumas bandas de black metal, de origem escandinava¹³³.

¹³³ A polémica em torno de bandas como Mayhem e Burzum foi notícia internacional, quando Kristian «Varg» Vikernes, também apelidado de Count Grishnackh, incentivou os adeptos a queimarem igrejas norueguesas, ao lançar um EP chamado Aske (cinzas em norueguês) que ilustrava precisamente os destroços da primeira igreja queimada em 1992 e que trazia um isqueiro grátis. Dezenas de outras igrejas foram queimadas pelos fãs escandinavos de black metal. Macabro foi também o assassinato de Aarseth (outro dos membros de Mayhem) cometido por Vikernes em 1993. Antes disso Yngve Ohlin já tinha cometido suicídio e Aarseth havia utilizado a situação para promover a banda. Em 2019, foi lançado um filme intitulado *Lord of Chaos* que retrata estes acontecimentos e cujo realizador é era Jonas Åkerlund,

Para abordarmos este subtema, nada melhor do que começarmos pelo testemunho de um dos membros fundadores da primeira banda de black metal em Portugal: os Black Cross. Rafael responde-nos da seguinte forma, quando lhe perguntamos pelo «satanismo» no mundo do metal:

Foi tudo shows cénicos, usavam as imagens para tentar cativar (...) Eu ainda gosto, quando tenho oportunidade, de vestir umas t-shirts com uns pentagramas. (Entrevistado 5, Rafael)

Ouvir metal significava (e significa) também ir contra a religião católica:

(...) nós estamos numa sociedade marcada pelos valores católicos, a religião católica é dominante, tens nomes de escolas e hospitais com nomes de santos; um bocado antes da música começar a entrar, já não acreditava em religiões nem coisas do género; a forma como a religião manipula as pessoas e condiciona muita coisa e, aqui, a música também contribui: o anticristianismo, anti religião; não com a cena de rituais ou missas negras, mas ser um bocado contra, manter a diferença em relação a essas coisas, pelo menos a religião, acho que é daquelas coisas é uma das grandes doenças a nível mundial e se desaparecesse, acho que muitas coisas melhoravam a nível global. (Entrevistado 3, Joel)

Eventualmente e inicialmente, se perguntares porquê que se começa a ouvir esse tipo de música, pode ser um ato de rebeldia contra os pais, contra as normas que os pais tentam inculcar em termos de religião, por exemplo. Na minha altura, era muito tecnicamente isso, porque ainda havia muito um forte controlo, salvo seja, em que os pais tentavam impingir, às suas proles ou aos seus descendentes, a religião. Por exemplo, a mim, a minha mãe era uma pessoa religiosa e eu não havia coisa que detestasse mais e que percebesse que não fazia sentido nenhum. (Entrevistado 10, Fábio)

Sónia diz-se atea e dá pouca importância ao que se possa pensar sobre Deus ou sobre o Diabo, uma vez que não acredita nem numa coisa nem noutra; Teresa tem a mesma opinião que Rafael sobre este assunto:

Não professo religião nenhuma, fui obrigada a ir para a catequese por causa dos meus pais, não gosto de me rotular mas sou atea, nunca tive crença religiosa, mas respeito completamente; é normal que há 20, 30 anos atrás mais depressa associavam caveiras, punhais, sangue ao demo, mas isso é da mentalidade da sociedade (...) hoje em dia já ninguém acha estranho ter um diabo tatuado. (Entrevistado 8, Sónia)

Eu acho que é mais para chocar, é mesmo a irreverência, a não conformidade com o sistema como ele existe ou com a sociedade como ela se apresenta (...) para mim, é mais esse sentido de irreverência, descontentamento com aquilo que existe e o extravasar desse sentimento. (Entrevistado 7, Teresa)

também músico de black metal que descreve o filme como sendo «um filme sobre idiotas». Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-47675001>.

Por outro lado, não se sente nas conversas com os entrevistados quaisquer posturas mais radicalizadas em relação a este assunto, mas sim uma tentativa de entender a sua existência:

Eu sou completamente agnóstico. Mas tenho amigos crentes, e tenho inveja por eles conseguirem acreditar num deus, eu gostava de acreditar num deus, mas não consigo (...) muito do pessoal que acredita no diabo, mas depois não acredita em deus que é a maior palermice, porque não existe uma coisa sem a outra (...)” Para o entrevistado o uso da palavra de Satã é visto como uma forma de chocar e de contestação social. “(...) se formos ver os mandamentos do LaVey¹³⁴ são mais justos que os cristãos, certos princípios que a igreja cristã considera serem maus para os homens e reprime muitas coisas, que o satanismo diz que não (...) é como a política, são políticas diferentes, mas se formos ver bem o satanismo não tem nada de fazer mal, isso já foi construído depois, não tem nada a ver com o que algumas bandas que se dizem satânicas e apregoam como fazer o mal.

(...) o black metal fascina-me e fascinou-me muito nos anos 90. Mas começou a cansar-me o tema do anticristianismo. Nos anos 90, começaram a surgir visões diferentes e uma interpretação mais adulta, não tão bacoca como no início. (Entrevistado 14, Norberto)

Eu podia dizer que sou agnóstico, mas na prática no dia a dia, sou completamente ateu, ou seja, eu não faço ideia do que vem por aí a seguir e também acho que não vale minimamente a pena estar a preocupar-me com isso agora. Quando lá chegar logo vejo!, (Entrevistado 12, Carlos)

Laura tem uma história caricata no que respeita à religião:

Eu tive uma educação católica, segui o catolicismo até ao crisma e depois fui convidada a ser ajudante de catequista, tinha 16, 17 anos (...) eu gostava muito de ir às aulas de catequese porque havia uma catequista que me desafiava à discussão filosófica e eu divertia-me com aquilo. Para já, estava a aprender uma história, porque, para mim, era uma história e eu recordo-me que o último ano de catequese foi super interessante porque eu ia para lá dar a minha opinião, que às vezes era hard core, porque era um bocado contra aquilo que elas me estavam a tentar passar (...) Quando me convidaram para dar aulas aos putos de seis anos e foi quando passei a mensagem às criancinhas, que acreditam em todas as palavras que tu dizes, que eu me apercebi que não acreditava em nada do que estava a dizer e que não podia fazer aquilo. Foi aí que disse «não», igreja, missa, catequese nunca mais! (...).

De todos os nossos entrevistados Petra é a única que se assume como cristã, embora não deixe de ouvir bandas de black metal, em relação às quais diz o seguinte:

Eu lembro-me quando era aquele black metal de aspirador, gostava das músicas, mas pensava nem vou pôr esforço em tentar saber a letra, e depois de certeza que é contra Deus, portanto... (Entrevistado 11, Petra)

¹³⁴ “Anton LaVey fundou o satanismo ao formar a Igreja de Satã (IS) em 1960, na Califórnia, e ao escrever a Bíblia Satânica (1969)” (Harvey, 2002: 3).

Apesar de não ir à igreja regularmente, orgulha-se de praticar o jejum pascoal e não passa um Natal sem árvore, presépio e consoada:

(...) tanto que alguns dos meus amigos do black metal, falam de mim como sendo a «cristã», mas não me aquece nem me arrefece, acho que é mais importante para eles do que para mim, porque eu nunca vivi nada de religião que influenciasse alguma coisa. (Entrevistado 11, Petra)

A entrevistada conta mesmo como conheceu pessoalmente membros da «famosa» banda Mayhem e que, quando lhes falou da sua religião, não houve qualquer reação adversa da parte dos músicos, nem sequer de gozo ou provocação:

Então, se estes grandes do black metal não se importaram, porquê que outras pessoas se não de importar ou incomodar-me por esse facto? “(...) Esse pessoal, o que quer mais é chocar. (Entrevistado 11, Petra)

Desta forma, os aspetos a destacar desta temática têm principalmente a ver com o facto dos metálicos, na generalidade, terem uma posição neutra¹³⁵ no que respeita à religião.

Embora a contestação social inerente ao movimento faça com que haja um sentimento negativo em relação à igreja católica e à hipocrisia que esta representa para eles (com exceção do white metal e de Petra, embora não deixe de ouvir black metal), o que conseguimos identificar, através dos seus testemunhos, é que as letras dedicadas ao diabo, as cruzes invertidas e os pentagramas são, muitas vezes, sinónimos de provocação e não de seitas satânicas, que planeiam fazer o «mal».

Existem exceções como o caso dos acontecimentos trágicos ligados a determinadas bandas da cena de black metal norueguesa ou no caso português, o parricídio ligado a dois membros da banda Agonizing Terror em 1999. Segundo Almeida, esse acontecimento arrastou “o nome do Metal pela lama” (2013:164), com a ajuda dos media, que não hesitaram em «colar» o metal aos assassínios de Ílhavo (2013:167). Todavia, estes são casos excepcionais e não existem provas fundamentadas que liguem o metal enquanto subcultura a esses atos macabros.

Como diz Chris Kee, jornalista musical, acerca da cena norueguesa “«se pegar num grupo pequeno de homens jovens, um com problemas óbvios de saúde mental, outro um

¹³⁵ No sentido de que não praticam qualquer tipo de religião, incluindo o «satanismo».

líder carismático, todos tentando fazer parte de algo e insatisfeitos com a vida e joga um pouco de ocultismo ali, um nível baixo de fama e algumas brigas internas de poder... você tem O Senhor das Moscas»" [referindo-se ao romance de William Golding, Prémio Nobel da literatura em 1983]. O incêndio às igrejas, por exemplo...É fácil queimar uma igreja feita de madeira»" (Barber, 2019)¹³⁶.

4.6 Complexidade e fragmentação do mundo social do metal: que evolução?

Tendo em conta que a subcultura completou já quatro décadas de existência, tentámos perceber qual a visão que os nossos entrevistados têm das gerações mais jovens que atualmente se integram na subcultura, quais as mudanças estruturais que foram acontecendo ao longo dos anos e de que forma conjugam uma vida integrada em sociedade, enquanto adultos, com responsabilidades familiares e/ ou profissionais com a manutenção de um estilo de vida ligado ao metal.

4.6.1 As gerações mais jovens em 2021

A maioria dos entrevistados diz manter um contacto assíduo com as gerações mais jovens do metal, uma vez que esta linguagem comum ultrapassa as barreiras da idade e conduz a relações interpessoais pouco prováveis de acontecer noutro contexto. Proprietário de uma loja de discos no Porto, Mauro é um bom exemplo:

(...) aparece na loja um jovem de 17, 18 anos e temos o mesmo espírito, eu costumo dizer: «não me trate por você», há essa aproximação, «trata-me por tu»: nós somos ambos fãs de música. (Entrevistado 6, Mauro)

Vários entrevistados mencionam que, na geração Z¹³⁷, os jovens metálicos são numerosos. Mauro fala-nos de um caso em particular e de como acompanhou o seu percurso no mundo do metal, desde os seus 13 anos:

(...) já foi à loja com os pais, a avó (que não têm nada a ver) (...) começou a ir aos concertos (...) houve mesmo uma ocasião em que os pais me vieram pedir para dar um olho nele [durante os concertos] (...) entretanto o miúdo foi crescendo e já criou

¹³⁶ Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-47675001>

¹³⁷ geração de pessoas nascidas, em média, entre a segunda metade dos anos 1990 até o início do ano 2010.

uma banda editada pelo Blaspher da Helldprod¹³⁸ (...) entretanto já faz parte de outras duas bandas e com outros dois [rapazes] criou uma editora, cujo primeiro lançamento foi em formato cassete. Ele agora tem 18 anos (...) eu vejo esse fervilhar do pessoal que é incrível! (...) há uma nova geração: 18, 19, 20 anos que são muito, muito ativos: têm bandas, criam editoras (...). (Entrevistado 6, Mauro)

Sara, que também vive na zona do Porto, tem a mesma visão:

(...) há cada vez mais malta [jovem] a gostar de metal. É engraçado quando conheço algum jovem de 19, 20 anos e começamos a falar de músicas - vou ser um bocadinho gabarola (sorrisos) - às vezes, sinto que me põem num pedestal (risos) porque estamos a falar de bandas e eu digo, «já vi» e eles: «eh que inveja! tu já viste isto tudo!» e eu digo «tem calma, oxalá que passes por isso! Ainda vais ver!» (...) agora há dois anos que não se convive muito no Porto [pandemia], mas viam-se muitos jovens de 19, 20 e poucos que começaram a sair à noite, já são metaleiros, já querem ir a concertos, mesmo a festivais que ficam fora (...). (Entrevistado 9, Sara)

Por seu turno, Petra, apesar de não viver em Portugal atualmente, acompanha o movimento no nosso país e tem reparado que algumas bandas formadas por elementos jovens que até já saem de Portugal em digressão:

Há muitas bandas, o que é ótimo! O que significa que há muita criatividade. Sempre foi o problema do metal português: não conseguir sair de Portugal, não conseguir exposição; [e] há bandas que conseguem sair (...) por exemplo, os Serrabulho são uns excelentes embaixadores. (Entrevistado 11, Petra)

Já Rui vê o mundo do metal atual em Portugal de forma mais pessimista, embora concorde que a zona do Porto seja uma exceção à regra:

O metal, neste momento está vivo graças à nossa geração, àqueles que têm 40, 50 anos e quando esta geração desaparecer, o metal praticamente vai desaparecer (...) a maior parte dos miúdos que ouve metal hoje em dia é porque é moda, não há aquele fã como havia nos anos 80/ 90 em que é para a vida; 90 por cento do pessoal que ouvia metal nessa altura ainda ouve hoje em dia (...) No Porto reparei que havia pessoal de 20 e poucos anos mesmo fã e nestes últimos dois, três anos, apareceu aquele grande ressurgimento do «heavy metal tradicional dos anos 80». (Entrevistado 4, Rui)

Fábio concorda com a importância dada ao Porto, enquanto zona do país de destaque, no que respeita ao movimento *underground* metálico e salienta a importância de certos locais, que permitem que a subcultura não esmoreça:

(...) neste momento, em Portugal, tens cerca de mil bandas no ativo, a maior parte delas dentro das gerações mais novas (...) no Porto sobretudo, é onde surgem mais

¹³⁸ Pedro Blaspher é um dos fundadores da Helldprod, editora de metal criada em 1993. Fonte: <https://www.publico.pt/2012/03/21/jornal/na-ultima-fabrica-de-cassetes-so-aparecem-rockeirosactivismo-contra-o-mp3-24224458>

bandas, sobretudo também por causa do Centro Comercial Stop¹³⁹ (...) tens uns gajos a ensaiar ao lado e achas interessante e começam entre eles a trocarem ideias e a surgirem grupos novos (...) sempre tiveste grande tradição de bandas de metal [no Porto]. (Entrevistado 10, Fábio)

Também Tiago concorda com o fervilhar metálico português atual, acredita que o movimento evoluiu de forma positiva e, que apesar de muitos locais de reunião dos *headbangers* terem vindo a desaparecer na capital, fazem-se, contudo, mais concertos e mais festivais em Portugal nos dias de hoje:

Claro que estou em contacto com pessoal mais novo (...) Sou velho o suficiente para ter visto a cena antiga e vê-la morrer e transformar-se numa cena nova. Com melhores valores e foi crescendo, e de cinco em cinco ou dez em dez anos foram aparecendo pessoas novas. No início dos anos 2000, apareceu uma geração que fazia muito lembrar a geração mais antiga. Pessoal com bons valores, pessoal que não é racista, que não curte nazis (...) o Bairro [Alto] foi morrendo e deixou de atrair as pessoas. Tem a ver com a transformação de Lisboa como também está a acontecer no Porto. Entretanto há menos sítios para ir, mas há mais concertos, mais festivais (...) outras memórias irão surgindo, outras gerações terão os seus sítios. (Entrevistado 13, Tiago)

Já Norberto faz a distinção entre «aqueles que ouvem metal de velhos» e os jovens que ouvem «metal atual»:

Conheço pessoal mais novo que ouve metal de «velhos» de pessoal como eu. E conheço malta que ouve metal atual que eu não consigo entender. Mas o problema não é do metal de agora, o problema é nosso. Esta malta nova adora Sepultura novo por exemplo, nós não toleramos Sepultura novo, só ouvimos o antigo (...) há bandas que souberam evoluir para conquistar as gerações mais recentes. (Entrevistado 14, Norberto)

Outro dos aspetos relevantes, citados pelos entrevistados, em relação aos jovens metálicos do século XXI tem a ver com o acesso facilitado à música, principalmente com a massificação da Internet. Como consequência, os mais jovens valorizam de forma diferente o género musical, uma vez que não se deparam com os entraves que existiam nos anos 80, 90. Vivem a subcultura de acordo com o contexto sócio histórico em que se encontram, o que por vezes gera alguns comentários mais críticos da parte dos mais velhos:

(...) aquilo que eu vejo é que eles vivem muito das redes sociais, (...) têm acesso a uma panóplia de coisas que nós não tínhamos: quando eu tinha 18 anos tomara eu ter acesso a uma banda como eles têm agora (...) eu não quero curtir só a tua música, quero te curtir a ti, às pessoas da banda, saber o que estás a fazer na vida, eles querem ter a experiência toda, vão aos concertos e filmam, gravam e vai para o

¹³⁹ Centro comercial no Porto onde existem dezenas de salas de ensaio, um café e um espaço de concertos direcionados para o metal.

Instagram, mostram aos amigos, é assim que eles vivem a realidade (...) se perguntares a um puto de 18 anos se quer comprar um CD, ele fica a olhar para ti, «para quê que vou comprar um CD?», nem sequer leitor de CDs tenho porque é tudo «on the go» (...) é a geração consumista, eu vejo, tenho dois casos aqui [referindo-se aos seus dois filhos]. (Entrevistado 8, Sónia)

Obviamente que hoje em dia eles têm muito mais acesso a instrumentos, a aprender música mais facilmente, a tecnologia, os computadores, o estarem separados e ensaiarem à distância (...) Era mais difícil na altura: uma banda para gravar uma cassete, uma demo tape, era extremamente difícil, hoje em dia há mais facilidade. (Entrevistado 4, Rui)

(...) tens miúdos com 18 anos que já conhecem tudo o que levaste 20 ou 30 anos para aprender (risos) (...) nós temos miúdos a partir da adolescência a chegar e a dar-se com os quarentões e já a saber uma raridade de bandas, que eles têm um acesso agora diferente que nós não tínhamos, não havia internet; agora, vão e encontram tudo! (Entrevistado 2, Laura)

Joel e Fábio têm uma visão crítica e apontam o dedo ao lado negativo associado às novas tecnologias:

As coisas hoje estão mais fáceis: para descobrir bandas basta ir ao Youtube, enquanto que antigamente tinha que se procurar, falar com pessoas, escavar até chegar a elas; (...) não haver esse esforço, esse trabalho para chegar às coisas, acabam por ser mais banais (...) Nós tínhamos aquela coisa de ouvir um álbum de rajada e, hoje em dia, há muitas bandas que lançam singles, já não há aquela preocupação de trabalhar para fazer um álbum, para gravar e lançar, faz-se música em casa; antes havia aquela coisa religiosa de ensaiar e trabalhar juntos e hoje em dia, estás em casa, gravas para o computador e mandas para os outros, (...) é tão fácil fazer as coisas, que tu próprio não tens aquela paixão por algumas coisas, que ouves e desligas (...) a malta hoje em dia, acho que é tudo mais volátil. (Entrevistado 3, Joel)

Nos anos 80, 90, a música era tudo para nós e era um dos segredos, era uma das fontes mais preciosas que nós tínhamos para tudo: de boas sensações, de momentos para chorar, para rir, para fazer amor, (...) Agora, as novas gerações o que eu sinto é que não há attachment; para eles é tão fácil ter acesso a tudo, que facilmente descartam as coisas e não têm grande ligação (...) não há eventualmente um attachment emocional relativamente às coisas porque é demasiado fácil para eles. Para nós ter um álbum, tínhamos que estar para aí três meses a poupar dinheiro para conseguir comprar um disco. Quando o comprávamos, estávamos a curtir o resto do ano e tínhamos esse disco e outro mais nada. Tu, hoje em dia, tens uma porcaria como o Spotify que chegas lá, clicas, ouves, tens tudo à tua mão, não há aquele compromisso, aquela cena de ter de esperar para conseguires e teres, tens imediatamente. (Entrevistado 10, Fábio)

A destacar deste subtema, temos que mencionar o otimismo com que alguns quarentões, cinquentões veem o futuro do metal em Portugal, mas sobretudo quando se fala de uma zona do país em particular: o Porto. Tanto Mauro, como Sara e Fábio referem

esta cidade como sendo aquela em que os mais jovens continuam e perpetuam o movimento metálico.

Por seu turno Rui afirma que a situação na Invicta é uma exceção à regra e que, provavelmente, o metal «tal como o conhecemos» irá desaparecer com as gerações que agora estão na casa dos 40, 50 anos.

Neste contexto, vemos também a importância que determinados locais podem ter na manutenção desta subcultura, como a existência de espaços de ensaio, para a realização de concertos ou bares dedicados a este género musical. De facto, a especulação imobiliária de que o país¹⁴⁰ tem sido vítima nos últimos anos em nada tem ajudado na sobrevivência de locais que permitam dar continuação à «cultura *underground* metálica portuguesa».

A seu favor, como vimos nalguns testemunhos e na literatura consultada, a subcultura tem visto aparecer cada vez mais festivais dedicados ao género.

O surgimento da Internet fez aparecer novas formas de acesso à música que, na visão dos nossos entrevistados também tem o seu lado nefasto. Para Joel, Fábio ou Norberto, esse facilitismo poderá conduzir à banalização e à extinção progressiva da chama da «verdadeira» paixão pelo metal.

4.6.2 Mudanças no género musical e adaptação à vida adulta

Embora a subcultura faça parte da sociedade portuguesa, onde estamos inseridos e seja ela mesmo produto e reflexo dos contextos sócio históricos, tanto nacionais como internacionais, há da parte de alguns dos entrevistados uma necessidade de estabelecer uma distinção acentuada, ainda hoje, entre «eles» e o «resto do mundo».

Por outro lado, a passagem para a vida adulta acarretou responsabilidades, que não existiam quando entraram na subcultura. Alguns tiveram que se adaptar por motivos laborais, mas outros optaram por profissões que lhes permitissem continuar ativos na comunidade metálica. O contexto da vida familiar também se alterou para a grande maioria, mas todos dizem que o metal não poderia deixar de fazer parte das suas vidas.

¹⁴⁰ E, em especial, a capital, Lisboa.

Um dos aspetos referidos pelos entrevistados, no que toca à evolução do género musical e às mudanças que se verificaram ao longo dos anos, relaciona-se com a comercialização em massa de determinadas bandas que trouxeram o metal para o *mainstream*:

O que vejo é que já não há tanto, por exemplo, a cena do vestir, da parafernália, dos picos, dos coletes, a não ser quando vão aos concertos, só que continua a ser um movimento underground (...) Por mais mainstream que isto se tenha tornado, continua a ser um movimento outcast (...) já tentaram convencer as massas, já fizeram música para isso, só que não conseguem. Isto é demasiado obscuro, é preciso entrar dentro do movimento e entendê-lo. Se não o entenderes, serás sempre um outsider (...) Nos anos 80, eras um demónio e continuas de certa forma a ser, só que és um demónio controlado, desde que pagues impostos e trabalhes (...). (Entrevistado 1, Rito)

Todas as bandas que chegam à comercialização extrema ficam desamadas, odiadas pelos metaleiros, tudo o que é demasiado comercial perde o interesse. Porque toda a gente ouve e se calhar nem compreendem o que estão a ouvir verdadeiramente; se chegar ao ouvido do comercial é porque não são interessantes o suficiente para nós. (Entrevistado 2, Laura)

Militância é uma das palavras repetida várias vezes por Mauro ao longo do seu testemunho. Usa-a para distinguir os metálicos de fãs de outros géneros musicais, principalmente no que toca à compra de formatos físicos de música e à dedicação dada à subcultura:

O pessoal do metal ainda é um dos poucos fãs de música que se mantêm hoje em dia fiéis à compra do formato original, seja o vinil, a cassete, o CD, seja o merchandising (...) essa militância do pessoal do metal vê-se aí, a pessoa gosta, compra, gosta de ajudar as bandas e homenageiam as bandas assim (...), o espírito do metal também tem muito a ver com isso, não é que seja elitista, mas se calhar é até um bocado uma elite, no sentido de irmandade. (Entrevistado 6, Mauro)

Joel também faz questão de dizer:

(...) podem dizer uma pessoa para gostar de heavy metal não precisa de ter o cabelo comprido, mas o ter cabelo comprido e passar por muita coisa que passámos há uns anos (...) quem passou por isso tudo, acho que também desenvolve uma paixão um bocado diferente (...) Não é o cabelo comprido que faz gostar mais ou menos, mas a própria ligação à música vem um bocado por aí; aquela malta que ouvia as mesmas bandas que eu naquela altura, mas que nunca teve aquela coisa de vestir, de ter aquela imagem mais associada à música, se calhar muitos deles hoje em dia já não ouvem nada e desligaram-se das coisas. (Entrevistado 3, Joel)

Proprietário de uma loja de merchandising de música alternativa e designer gráfico, Joel nunca teve de mudar a sua aparência por motivos profissionais e já leva os filhos aos festivais de metal:

(...) o de sete anos já passou um fim-de-semana connosco em Vagos¹⁴¹, o outro ainda é muito pequeno só tem dois anos e já penso em levá-lo onde possa entrar: há salas em que se pode entrar a partir dos seis anos. Eles ficam a brincar uns com os outros e os pais ficam a ver os concertos. (Entrevistado 3, Joel)

Rui também afirma não ter tido de alterar o seu modo de vida com a entrada na vida adulta:

Em termos disso, não mudou nada, continuo a ser a mesma pessoa que era e a ir a concertos (...) Praticamente ocupa o espaço que sempre ocupou (...) todos os dias levo um disco diferente para o carro para ouvir, todos os dias ouço música. (Entrevistado 4, Rui)

Com uma filha de 16 anos, diz que ela própria já gostou de sonoridades mais pesadas, mas receia que o seu legado discográfico desapareça:

(...) agora já não, teve as influências da escola (risos) (...) só o que eu tenho pena é o que está aqui quando eu morrer deve ir parar ao lixo [falando da coleção de discos que tem] (...) se ela gostasse passava para ela, pode ser que arranje um namorado ou um marido que goste de metal. (Entrevistado 4, Rui)

Quando formou a banda, Rafael tinha um trabalho que não o impedia de continuar ativo na subcultura, mas mais tarde, diz ter deixado de frequentar assiduamente os locais de convívio metálicos. As responsabilidades profissionais e familiares passaram a ocupar muito do tempo que anteriormente era dedicado à música:

Na carreira que tive não podia andar de blusão negro, nem de cabelo comprido e durante a semana tenho que andar de fato e gravata (...) também vejo que a maioria das pessoas ligadas ao heavy metal são pessoas muito discretas porque a determinada altura tivemos que seguir uma carreira (...) fosse uma carreira musical que era o que eu gostava de ter seguido, mas aquilo não dava pão a ninguém (...) sem dívida, influencia, a pessoa tem outra postura, ter as crianças, a esposa, o nosso tempo é muito mais reduzido. (Entrevistado 5, Rafael)

Embora nunca tenha deixado de estar ligado ao mundo do metal, Norberto admite que durante algum tempo, esteve mais ausente socialmente, principalmente dos concertos, tal como Rafael, devido às responsabilidades familiares e profissionais. E, apesar de não poder usar as suas t-shirts durante a semana por motivos laborais, sempre que pode, ao fim-de-semana e nas férias, volta à indumentária:

Profissionalmente não posso usar, tenho de me vestir de outra forma (...) Todos os dias ouço metal. Tenho milhares de CDs, todos os dias pego num CD para levar no carro. Ouço música no trabalho, nas filas de supermercado. Estou sempre a tentar

¹⁴¹ Vagos Metal Fest é um festival que ocorre na cidade com o mesmo nome normalmente em agosto.

descobrir bandas novas (...) [e] tenho de ouvir sempre álbuns inteiros. (Entrevistado 14, Norberto)

No subtema anterior, descrevíamos de que forma as novas tecnologias do século XXI se tornam armas poderosas de propagação do estilo¹⁴², como ao mesmo tempo se podem tornar no seu inimigo número um. A forma de «ver» a música de um metálico não se coaduna com as tendências atuais da vida online. Os membros do mundo social do metal prezam a presença «ao vivo» e os formatos físicos e fazem parte dos fãs de música que continuam a comprar discos, tendo mesmo estado na origem do retorno da «histórica» cassette¹⁴³.

No que toca às mudanças que tiveram que efetuar nas suas vidas «metalizadas», pelas responsabilidades que acompanham a entrada na vida adulta, os entrevistados podem ser divididos em vários grupos. Por um lado, existem aqueles que nunca tiveram de abdicar da exteriorização e das suas práticas culturais, equilibrando a vida profissional e familiar ou mesmo unindo todos esses aspetos, como no caso de Joel, que nunca teve de cortar o cabelo ou mudar a indumentária. Continua a tocar, a fazer parte de uma banda e a participar em espetáculos ao vivo (como artista e como audiência) e até costuma levar os filhos aos concertos de metal.

Esta situação também é vivenciada por Rito, que teve a oportunidade de se tornar proprietário de um bar dedicado ao género musical; Mauro é proprietário de uma loja de discos e Teresa é professora de piano e canto, enquanto Carlos, como já vimos, vai alternando entre a arqueologia e o metal.

No entanto, já Rafael teve que abandonar a vida de músico, por motivos profissionais, e admite que a vida familiar não lhe permite estar tão próximo da subcultura. Norberto também admite não ter um «estilo de vida do metal», mas sempre que pode (ao fim de semana) volta à sua indumentária de eleição e nem por isso deixa de ouvir aquela que considera ser a melhor música do mundo todos os dias.

¹⁴² Devemos acrescentar que a Internet também veio facilitar a «globalização» do metal, facilitando contactos e impulsionando as relações interpessoais a nível mundial.

¹⁴³ “A Edisco - a única fábrica do género na Península Ibérica - fica dentro da zona residencial de Águas Santas, na Maia, e tem duplicado anualmente a produção na última década (...) O entusiasmo dos «metaleiros» tem permitido a recuperação de um hábito que está em contraciclo com a revolução digital: ouvir música em cassette”. Fonte: <https://www.dinheirovivo.pt/empresas/fas-de-metal-levam-a-recorde-na-fabrica-de-cassetes-da-maia-12912409.html>

4.6.3 Um estilo de vida

Ao longo dos testemunhos, apercebemo-nos que a subcultura se transforma num estilo de vida para grande parte dos entrevistados. Embora se movimentem noutros mundos sociais paralelos, a grande maioria não a considera um escape. Negam tratar-se de uma fuga do «mundo real»; é a sua própria realidade, é o que vivenciam no seu dia-a-dia, é algo que faz parte do seu «eu».

Carlos é um dos entrevistados que mais refere a subcultura como um estilo de vida. Ao longo do seu testemunho, faz questão de sublinhar a diferença entre o «nós» e os «outros», ligando a emoção que advém da música à sua opção de vida. Desde as tatuagens relacionadas com metal, às viagens que faz para tocar com as suas bandas, há «implicações metálicas» em tudo. Embora tenha uma profissão paralela – Carlos é arqueólogo – afirma ter a sorte de nunca ter tido de mudar a indumentária e conseguir manter-se fiel, também nesse aspeto. Por outro lado, admite que o tempo que consome em música poderá, em certa medida, prejudicar outros aspetos da sua vida social, mas não se arrepende:

Lembro-me de chegar uma vez com um dorsal do Hell Awaits¹⁴⁴, com os demónios a comerem o gajo no inferno e a diretora do museu diz-me: «mas o que é isto?» e eu respondo: «é um ganda álbum!» e ficou por aí (...) É a melhor música que existe de longe, eu não oiço mais nada neste momento (...) Quando me costumavam dizer: «eh pá há tanta música para ouvir além do metal!», eu respondia: «mas há tanta música para ouvir no metal!(...) não faz qualquer sentido estar a desperdiçar tempo e estar a ouvir tipos de música menores que não me interessam(...) O tempo que eu gasto nisto às vezes prejudica outras coisas que até poderiam ser teoricamente mais importantes para mim, mas na prática não são (...) «há que metalizar o máximo possível! Qualquer dia estamos mortos e já não dá para fazer mais nada!». (Entrevistado 12, Carlos)

Nos comentários de Laura também depreendemos a importância que a subcultura ganhou na sua vida:

É um estilo de vida, transformou-se num estilo de vida (...) Os livros para mim são um escape, a literatura, a arte, a pintura sim; a música é uma parte da minha vida, não é um escape, é algo que está sempre ali, como comer, beber, é uma necessidade fisiológica¹⁴⁵ (...) eu não trabalho para ir de férias, para comprar um carro novo, para juntar dinheiro; eu trabalho para gastar em música (...) para ir a concertos,

¹⁴⁴ Álbum de Slayer.

¹⁴⁵ Interessante é a visão de Sónia Cabeça que refere o fanatismo neste contexto: “assim, o fanatismo seria como que uma pulsão, que impele os indivíduos para os seus objetos de interesse (que permitem a satisfação da pulsão), como se de uma necessidade básica como a fome ou a sede se tratasse” (Cabeça, 2005:31).

festivais, comprar música, comprar t-shirts, para manter esse estilo de vida.
(Entrevistado 2, Laura)

A paixão pelo género musical continua a ser tão forte aos 40 e mais anos como quando os adeptos tinham 13 ou 14 anos e, desta forma, a subcultura deixou claramente de ser juvenil para se tornar multigeracional:

(...) normalmente quando se gosta mesmo é para a vida (...) Eu tive amigos nos anos 80 que só ouviam, não era por gostarem, era por quererem fazer parte do grupo, tanto que esses hoje em dia não ouvem metal. No fundo, não tinham aquela paixão. Os outros com 40, mesmo cinquentões continuam a ouvir e a ir a concertos. (...)
“Não é um escape. (Entrevistado 4, Rui)

Cada um de nós é que sabemos o que sentimos por este tipo de música... falo da minha experiência... Nunca deixei de ouvir ou de ser, mas aconteceu que tive problemas de saúde (...) a forma que eu arranjei de agradecer o facto de estar viva foi embrenhar-me numa coisa que tanto gosto: participo em blogs (...) webzines, fanzines (...) descobri o RCA, cenas no Algarve, no Norte, descobri os Ho Chi Minh e à pala deles andei a viajar pelo país¹⁴⁶ (...). (Entrevistado 8, Sónia)

Ao contrário dos restantes que não falam em «escape» ou negam essa função atribuída à música e por conseguinte ao metal, Fábio explica o seu ponto de vista:

(...) nunca fui muito de pegar em livros (...) então a compensação que eu tenho em termos de escapismo será a música e ficar absorvido pelas mensagens e pelas capas e por todos esses imaginários que eu consigo ter em termos musicais (...) Para as pessoas que é um estilo de vida, a música é um escape e é uma fantasia (...) é a essência disso ...). (Entrevistado 10, Fábio)

Apesar de afirmar não ter uma «atitude heavy metal» na vida, Norberto fala em «forma de estar», enquanto Rito sublinha que o que era suposto ser «só» uma fase não o foi:

Para mim o metal é a suprema celebração do rock n' roll de uma forma intensa. É rock n' roll intenso, não se vai embora com a adolescência (...) É mais que música, é uma forma de estar! (Entrevistado 14, Norberto)

(...) há uma procura de identidade, de ser diferente, mas dentro de algo construtivo e foi isso que eu desde o início senti: isto é mais do que um movimento. Eu ouvia os professores dizerem à minha mãe: “isto é uma fase, isso passa (...). (Entrevistado 1, Rito)

Joel tem uma forma bastante singular para descrever de que forma o metal faz parte de si; Sara confirma que continua a ser o seu mundo:

(...) a cabeça está sempre a pensar em música, é como o sangue que corre nas veias, como o ar que estás a respirar, já faz parte do organismo. Querendo ou não, vais

¹⁴⁶ Sónia é promotora da banda.

dormir, estás a tentar adormecer e estás a ouvir música, acordas a ouvir música; já desde o início foi assim; a não ser que um dia qualquer me farte e não me apeteça ouvir nada, o que acho impossível acontecer, é daquelas coisas que vai sempre ficando. (Entrevistado 3, Joel)

Não me vejo de maneira diferente, às vezes estou num concerto e paro para pensar e digo: «ainda bem que eu gosto disto», não me estou a ver noutro estilo, é o meu mundo e penso que continuará a ser. (Entrevistado 9, Sara)

Apesar de não ter podido seguir a desejada carreira na música e ter deixado o blusão negro de lado por motivos profissionais, sempre que pode Rafael enverga no exterior o que sente o interior:

(...) é uma espécie de afirmação: eu sou um gajo do metal! Estou aqui com os meus picos, as minhas correntes. (Entrevistado 5, Rafael)

Todos confirmam: o metal é parte inequívoca das suas vidas:

O que me faz feliz é a mesma coisa desde o início, não há diferença entre o antes e o agora (...) Eu não consigo ver de outra maneira as coisas, porque sempre gostei, não vou deixar de gostar, não faz sentido mudar para mim! (Entrevistado 7, Teresa)

Vai continuar até ao fim. Sempre! (Entrevistado 11, Petra)

O que é que eu gosto mais na vida? É a música não há hipótese! (Entrevistado 6, Mauro)

Poderá o metal ser um escape e simultaneamente um estilo de vida? Talvez a pergunta não esteja formulada da melhor forma, pois a conclusão a que chegamos é que existem diferentes graus de envolvimento na subcultura e diferentes maneiras de a viver.

Certo é que cada um destes indivíduos é prova viva de que a subcultura metálica em Portugal deixou de ser uma «cultura juvenil», sendo atualmente multigeracional e integrando adeptos que nunca abdicaram do seu «amor de adolescência».

5. PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Com base na revisão da literatura e na análise e interpretação dos dados empíricos recolhidos, vimos que o metal é um género musical que deu origem a uma subcultura com quatro décadas de existência, cuja complexidade está intimamente ligada, não apenas a essa longevidade, mas também à multiplicidade de elementos socioculturais que engloba.

Essa complexidade reflete-se na altura de responder à nossa principal questão de investigação, na medida em que na origem da reprodução e da manutenção desta subcultura por indivíduos com mais de 40 anos, estão razões de ordens diferenciadas.

Se pensarmos em termos macro, a primeira é, sem dúvida, a do contexto sócio histórico e cultural que levou à consolidação deste género musical em Portugal, influenciada pelo panorama internacional, imprescindível para explicar o desabrochar e a continuidade do movimento no nosso país.

Por outro lado, se voltarmos o nosso olhar para o indivíduo, podemos dizer que há uma verdadeira aprendizagem musical, subjacente à adesão à subcultura. O seu elemento central, e sem o qual ela deixa de fazer sentido, é a própria música. É a música que conduz ao êxtase e ao prazer sensorial dos seus adeptos. A subcultura resulta dessa «admiração» e «homenagem» à música.

Todavia, é também inegável a íntima relação existente entre uma necessidade de afirmação pessoal dos indivíduos, conjugada com a vontade de pertença a um grupo, uma «comunidade», sendo o género musical gerador de profundas relações interpessoais. Para os seus membros, contém, de facto, a «receita para a felicidade», pelo prazer que proporciona individual e coletivamente.

Por seu turno, essa subcultura é um mundo social que fala a sua própria linguagem, com códigos, normas e práticas, embora a «liberdade» lhe esteja subjacente. Desta forma, essa linguagem é apreendida pelos seus membros de forma «intuitiva», «natural». Há também uma experiência individual e de grupo, que se afasta de certos valores da sociedade ocidental judaico-cristã e procura ser um protesto, utilizando por vezes, a «afronta» como arma de arremesso.

Creemos ser importante reter as principais conclusões ligadas a cada tema criado no âmbito da apresentação e discussão dos resultados empíricos. No que respeita à génese e

trajetória da ligação ao metal, todos os nossos entrevistados tiveram um contacto regular ou mesmo assíduo, nalguns casos, com música na infância, fosse pelo contexto familiar ou através dos media. Todavia, apenas dois indivíduos tiveram formação musical na infância/ pré-adolescência. Ainda assim, mais de metade dos participantes no estudo fizeram parte ou estão, atualmente, em bandas de metal, o que significa que uma aprendizagem musical formalizada não condiciona a escolha pelo género musical em causa, sendo mais de ressaltar o contacto com a música desde crianças e, como veremos adiante, o enamoramento que o metal provoca nos indivíduos.

A atividade profissional dos pais dos entrevistados é um dos dados que nos ajuda a ter uma noção da classe socioeconómica em que cresceram (quando se deu o primeiro contacto com a música) e passaram a adolescência (quando se deu o «clique» para o metal). Tendo em conta as características sociodemográficas dos entrevistados, verificamos que a maior parte cresceu num ambiente de classe média, média/ alta, o que se reflete também na quantidade de indivíduos com grau académico de nível superior. Destacamos este aspeto, na medida em que consideramos que o fator económico é crucial no acesso à música, seja na compra de discos e *merchandising*, seja no acesso aos concertos e festivais.

No que respeita ao primeiro encontro com o metal e conseqüente enamoramento, temos de destacar uma banda em especial: Iron Maiden, que no espectro de milhares de bandas que existiam na altura, foi esta que alterou o percurso de vida de cinco dos nossos entrevistados, sendo uma referência para a grande maioria. Esse primeiro contacto deu-se sobretudo através de relações interpessoais: era um amigo ou familiar, muitas vezes mais velho, que «apresentava» o género musical, sendo este o principal modo de transmissão para o *coup de foudre*.

A música em si, a agressividade do som, os solos de guitarras e o som que cria uma atmosfera obscura são algumas das expressões utilizadas pelos nossos entrevistados para descrever essa «atração fatal». Todavia, e em menor número, há quem destaque o visual, a imagem dos metálicos, que também estava ligada às ilustrações das capas dos discos através das t-shirts, um marcador cultural de exteriorização fundamental nesta subcultura.

O concerto ao vivo é fulcral, uma vez que permite vivenciar ao máximo toda a experiência metálica. Desta forma, contextualizamos historicamente o metal em Portugal

através dos primeiros grandes concertos, que começam em meados dos anos 80, principalmente no Dramático de Cascais.

A questão da idade, das possibilidades económicas e da localização geográfica dos entrevistados faz toda a diferença no que concerne esta participação. No entanto todos os envolvidos no estudo estiveram presentes em grandes eventos de metal ao longo das suas vidas e descrevem a experiência de forma apoteótica. Além do «assistir ao concerto», é principalmente graças aos espetáculos ao vivo que se estabelecem relações interpessoais profundas e círculos de amizade, reforçando o sentimento de pertença ao grupo.

Vimos que “(...) as identidades sociais se constroem por integração e por diferenciação (...)” (Pinto, 1991: 219) e que “a identidade social não é um «ser», mas um «trabalho»” (Dubet, 1994: 16), ou seja, as identidades estão em permanente construção, evolução, mutação. Não é algo que esteja parado no tempo, sincrónico.

Na subcultura do metal em Portugal há o delinear de uma fronteira, embora inclua áreas cinzentas, que marcam um «antes» e um «depois». Os indivíduos que constituem a amostra explicitam claramente essa realidade, sendo que o «antes» corresponde à fase da sua adolescência e do surgimento do movimento em Portugal, que engloba os anos 80 e os inícios de 90. O «depois» começa sobretudo em meados dos anos 90 até à atualidade com o alargamento de subgéneros e sub subgéneros, incluindo a fusão com outros géneros musicais completamente distintos.

Uma vez que esta subcultura se centra na música e, sem ela, deixa de haver metálicos; para a grande maioria dos nossos entrevistados, os indicadores culturais que marcavam a diferença no «antes» continuam a existir no «depois» da mesma forma. Isto significa que, de certa maneira, os membros do mundo social do metal com mais de 40 anos em Portugal procuram garantir que a identidade que existia no «antes» se mantenha fiel no «depois».

A imagem, o *look* continua a ter uma função de identificação de grupo e a música representada nessa exteriorização é geradora de relações sociais profundas, havendo uma crítica negativa subjacente em relação a quem «veste a camisola», mas não faz ideia do que está a envergar, pondo em causa essa identificação de grupo, que existia de forma mais acentuada no «antes» através dessa exteriorização. Torna-se, assim, mais difícil distinguir o «nós», o «*in-group*» do «*out-group*» (Dubet, 1994).

Por outro lado, sabemos que a maioria dos nossos entrevistados têm atividades profissionais que não estão diretamente ligadas à subcultura, embora quase todos eles queiram ter sido músicos em algum momento nas suas vidas. Eles são arqueólogos, gestores de empresas, executivos, consultores, agentes imobiliários, pais e mães de família. Ou seja, apesar de nunca terem deixado de estar ligados ao movimento, cada um desses indivíduos teve um percurso de vida que envolve uma multiplicidade de outros contextos socioculturais (Lahire, 2005) e estão comprometidos com as responsabilidades da vida adulta.

Desta forma, embora a «liberdade», o antiautoritarismo, a rebeldia e a provocação estejam na base desta subcultura, verificamos que os indivíduos entrevistados estão integrados socialmente em sentido lato. Isto não significa que o estigma e o preconceito tenham desaparecido no «depois», como vimos nos seus testemunhos.

De qualquer forma, o que era suposto ser uma cultura juvenil deixou de o ser, uma vez que acompanha o percurso de vida cada um destes indivíduos, agora na fase adulta. De facto, a famosa frase: «isso é uma fase, isso passa!» não se aplica no caso do metal, se tivermos em consideração os testemunhos dos nossos entrevistados, que passa a ser uma subcultura multigeracional (Bennet & Hodkinson, 2012).

Voltando à questão identitária e da existência de uma ideologia subjacente ao movimento metálico, entendemos, com base nos testemunhos obtidos, que está centrada no antiautoritarismo, ao mesmo tempo que prima pelo hedonismo. Indo ao cerne da questão, vimos que o principal elo de ligação entre os adeptos é simplesmente a música, daí considerarem o movimento no seu todo apolítico, transversal a diversas classes sociais, etnias ou credos religiosos. Algo que consideramos estar por comprovar cientificamente e que pensamos que se constituiria como um bom objeto de estudo sociológico. E o mesmo se passa em relação às mulheres. São aceites, tal como os homens se demonstrarem o seu amor e dedicação à subcultura, apesar de uma minoria ainda fazer parte das franjas da sociedade portuguesa com laivos machistas. Não nos podemos esquecer que a subcultura faz parte integrante da sociedade, não se encontra isolada e acompanhou a lenta evolução cultural de um país saído de mais de 40 anos de sistema ditatorial, paralelamente à emancipação feminina.

Atualmente, a discriminação negativa em relação às mulheres na subcultura em Portugal existe, mas de forma incipiente. Elas podem ser desconsideradas, tal como os homens, caso demonstrem não conhecer a «linguagem metálica». E isto não significa passar por cima da feminilidade das mulheres, pelo contrário. A mudança na imagem da mulher do metal, nos últimos anos, permitiu-lhes também marcar a sua posição num mundo de homens¹⁴⁷. Por outro lado, vários testemunhos referem a existência de uma discriminação «positiva» e, até mesmo, de admiração do lado masculino em relação às mulheres do metal.

Em relação à controvérsia da conexão do metal com álcool e drogas, vimos que todos os nossos entrevistados, principalmente os mais velhos, dizem ter conhecido metálicos que se envolveram em drogas ditas «pesadas»; todavia, e de acordo com os seus testemunhos não é uma característica que represente a subcultura. O álcool e as drogas «leves» são utilizados socialmente, potenciando o carácter hedonista do movimento. Por outro lado, o vandalismo existia, mas principalmente no final dos anos 80 e inícios de 90, sendo atualmente uma característica inimputável aos metálicos.

Quanto ao satanismo de que o heavy metal é acusado desde as primeiras capas de álbuns alusivas ao demo, aparece mais em termos de anticristianismo e como mais uma forma de chocar a sociedade no geral. A figura do diabo é geralmente utilizada de forma irónica e enquanto provocação, à exceção dos acontecimentos dramáticos que ocorreram na Noruega. Nenhum dos nossos entrevistados se assume como satânico e a maior parte diz-se agnóstica ou atea, à exceção de Petra que, mesmo ouvindo black metal (o género mais conotado com o satanismo) é cristã.

Sensações de prazer, de poder, de força e de mitigação de sentimentos de raiva e frustração e pensamentos negativos. São vários os aspetos que encontramos nos testemunhos dos entrevistados, quando abordamos a questão do «amor» ao metal. Sublinhamos, repetindo uma frase em especial da autoria de Carlos:

(...) havia um atrativo especial que era curtir um tipo de música que tu sabias que era o melhor tipo de música que existia (...) todas as pessoas que estavam fora

¹⁴⁷ Referimo-nos aqui à exteriorização da subcultura, em termos de indumentária nos últimos anos, que permitiu às mulheres não negar a sua feminilidade. Por exemplo, já existem as chamadas t-shirts «girlies», que se ajustam às formas femininas.

acharem que aquilo era só barulho (...) e isso era muito fixe! (Entrevistado 12, Carlos)

É esta a resposta mais simples e direta que encontramos para uma das nossas questões secundárias de investigação a que nos propomos responder no início deste estudo: «porquê ser fã de um género musical que é mal visto pela grande maioria da sociedade?». De facto, o anticonformismo inerente às perspetivas e práticas sociais e culturais da maior parte dos subgéneros metal acaba por torná-las extremamente atrativas, em termos de contestação em relação às normas sociais e culturais dominantes.

Vimos também que para alguns dos nossos entrevistados, o metal é elevado à categoria de «anti suicídio» e que para outros, influenciou todas as escolhas que foram efetuando ao longo da vida, sendo um exemplo claro o de Petra. Desde a sua opção académica, passando pela atividade profissional que exerce até às relações interpessoais e familiares que mantém. Todos estes aspetos foram, de uma forma ou de outra, consequência do seu enamoramento de adolescência por este género musical. E, neste sentido conseguimos também responder a outra das perguntas colocadas no início da investigação: «O que representa esta subcultura para estas pessoas?».

Várias transformações ocorreram no mundo social do metal ao longo das suas quatro décadas de existência. Verificamos que existem jovens que continuam a propagar o movimento, mas que existe uma distinção clara entre duas épocas: a década de 80 e o início dos anos 90 e o período que se lhe sucede. Há uma nostalgia presente nos testemunhos dos nossos entrevistados, embora encarem o futuro da música extrema no nosso país com otimismo.

Concluimos ainda que, apesar das responsabilidades e compromissos que acompanham a vida adulta, os nossos entrevistados encontram formas de perpetuar a subcultura, dedicando-se com maior ou menor intensidade à «causa» e encarando-a como uma forma de estar na vida. Da parte dos entrevistados, há uma apropriação emocional em relação ao género musical, o que envolve as suas práticas culturais, os seus códigos linguísticos e as suas simbologias. E isto reflete-se nas expressões que utilizam para o definir:

(...) é como o sangue que corre nas veias (...). (Entrevistado 3, Joel)

(...) é como comer, beber (...). (Entrevistado 2, Laura)

(...) quando se gosta mesmo é para a vida (Entrevistado 4, Rui).

Todos eles continuam «apaixonados». E há mesmo quem diga que «nunca mais foram os mesmos» depois daquele *coup de foudre* que aconteceu há décadas. O metal mudou as suas vidas, colocando-os em caminhos que nunca teriam seguido se não entrassem em contacto com este tipo de sonoridade e imagética. Daí que muitos o considerem um estilo de vida, principalmente aqueles que primam por continuar a envergar a indumentária identificadora da tribo.

É uma sensação única e é uma honra fazer parte deste universo. Sinto-me um agente para a preservação do Metal enquanto modo de vida, enquanto estilo vivo, e penso que à minha diminuta escala contribuo com o que posso. (Entrevista exploratória 2, Carlos, 48 anos)

No âmbito desta investigação, conseguimos então traduzir a visão dos participantes no estudo e compreender vários aspetos ligados ao mundo social do metal em Portugal. Obviamente que as limitações temporais e financeiras não nos permitiram consultar toda a literatura existente no âmbito do tema em questão, tendo que fazer opções no que concerne autores e obras a mobilizar, bem como na escolha dos excertos significativos das entrevistas a salientar na apresentação e discussão dos resultados empíricos. Uma limitação importante tem a ver com o facto de se tratar de um estudo sociológico de carácter qualitativo, que procura compreender a realidade em profundidade a partir de um número reduzido de entrevistados, o que não permite a generalização dos resultados à escala nacional, uma vez que a nossa amostra não é representativa estatisticamente.

Ainda tendo em conta as limitações inerentes à produção desta dissertação, principalmente no que respeita aos prazos previstos para a sua entrega e discussão, existem várias questões que poderão vir a ser desenvolvidas mais aprofundadamente em oportunidades futuras.

Como exemplo, destacamos as questões de género no interior desta subcultura e a forma como esta prática cultural as remete para lógicas de diferenciação e de desigualdade social.

Pensamos que também seria interessante a realização de estudos empíricos localizados num cenário de concertos ao vivo e festivais de metal, através da observação

etnográfica, o que poderia trazer elementos de compreensão importantes sobre o fenómeno social do metal.

Também uma análise mais pormenorizada acerca da sociedade portuguesa e os contextos sociopolíticos que levaram à proliferação deste tipo de música e as suas práticas culturais atuais no nosso país poderá ser tida em consideração em investigações vindouras.

BIBLIOGRAFIA

Adorno, T. W. (2009). *Filosofia da Nova Música*. (M. França, Trad.). São Paulo: Perspetiva.

Adorno, T. W. (2018). *Introdução à Sociologia da Música*. (F. R. M. Barros, Trad.). São Paulo: Unesp.

Almeida, E. (2013) *Breve História do Metal Português*. Lisboa: Edição do autor.

Alves, L. (2014, 8 outubro). O que é cultura? Antropologicamente falando... . *Ensaios e Notas*, 2014. Disponível em: <https://wp.me/pHDzN-hm>

Amaral, A. (2006). *Visões perigosas: uma arque-genealogia do cyberpunk*. Porto Alegre: Sulina.

Amândio, S. (2014). O Fio Constitutivo da Sociologia Empírica de Bernard Lahire. *Sociologia, problemas e Práticas*, 76, 33-49. doi: 10.7458/SPP2014763384.

Bardin, L. (2020) *Análise de Conteúdo*. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). Lisboa: Edições 70.

Becker, H. (2013) Uma Carreira como Sociólogo da Música. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, 3 (1), 131-141. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/129>

Bennet, A. & Hodkinson, P. (2012) *Ageing and Youth Cultures. Music Style and Identity*. Londres e Nova Iorque: Berg Publishers.

Berger, H. M. (1999) Death Metal Tonality and the Act of Listening *Popular Music*, 18 (2), 161-178. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/853599>

Berger, P. L. & Luckmann, T. (2004). *A Construção Social da Realidade. Tratado de Sociologia do Conhecimento*. (F. S. Fernandes, Trad.). Petrópolis: Vozes.

Berlato, O. (2009). A Construção da Identidade Social. *Revista do Curso de Direito da FSG*, 3 (5), 141-151. Disponível em: <https://docplayer.com.br/32581507-A-construcao-da-identidade-social.html>

Boni, V. & Quaresma, S. J. (2005) Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2 (3), 68-80. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288882472_Aprendendo_a_entrevistar_Como_fazer_entrevistas_em_Ciencias_Sociais

Bourdieu, P. (1980) L'identité et la représentation. Éléments pour une réflexion critique sur l'idée de région. *Actes de recherche en sciences sociales*, 35, 63-72. doi : <https://doi.org/10.3406/arss.1980.2100>.

- Bourdieu, P. (2006). *A Distinção. Crítica Social do Julgamento*. (D. Kern & G. J.F. Teixeira, Trad.). Porto Alegre: Editora Zouk.
- Bourdieu, P. (2018) *A Dominação Masculina. A Condição Feminina e a Violência Simbólica*. (M. H. Kühner, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brake, M. (1980). *The Sociology of Youth Culture and Youth Subcultures: Sex, Drugs and Rock 'n' roll?*. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Cabeça, S. (2005) *Feitiços sem feiticeiros: modernos objectos de culto e novos paganismos?* (Dissertação de mestrado). Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/15595>
- Campos, L. (2007) A Música e os Músicos como Problema Sociológico, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 71-94. ISSN: 0254-1106. doi: 10.4000/rccs.756. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272430403_A_musica_e_os_musicos_como_problema_sociologico
- Coulangeon, P. (2003). La stratification sociale des goûts musicaux: Le modèle de la légitimité culturelle en question. *Revue française de sociologie*, 44, 3-33. doi: <https://doi.org/10.3917/rfs.441.0003>.
- Couto, A. C. (2017). A Representação da Música como Conhecimento nas Obras de Adorno, DeNora e Elias. *DEBATES | UNIRIO*, 19, 1-19. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/revistadebates/article/view/6985>
- Cuche, D. (1999). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. (V. Ribeiro, Trad.). Bauru: EDUSC.
- DeNora T. (2003). *After Adorno. Rethinking Music Sociology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DeNora, T. (2000). *Music in Everyday Life*. Cambridge: University Press.
- Diehl, A. A. (2016) Max Weber: Ciência da Cultura e História. *Revista de Teoria da História*, 16 (2), 60-89. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/article/download/PDF/CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE CULTURA EM ...> Universidade Federal de Goiás, ISSN: 2175-5892
- Dubet, F. (1994). *Sociologia da Experiência*. (F. Tomaz, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Duncan, R. (1984) *The Noise: Notes from a Rock 'N' Roll Era*. New York: Ticknor and Fields.

- Duranti, M. (1997) *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Edgard, A. & Sedwick, P. (2003). *Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo*. (M. Rollemberg Trad.). São Paulo: Contexto.
- Filho, E. B. (2012). O Conceito de Cultura. In Filho, E. B. (Eds.), *Humor Contrastivo: Brasil e Alemanha: Análise de Séries Televisivas de uma Perspectiva Intercultural* (pp. 34-51). (Tese de doutoramento). doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.20657>. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20657/20657_4.PDF.
- Fiske, J. (1987a). *Television Culture*. London ; New York : Methuen.
- Fiske, J. (1987b). *British Cultural Studies*. London: Routledge.
- Frith, S. (2007). Towards an Aesthetic of Popular Music. In S. Frith (Eds), *Taking Popular Music Seriously. Selected Essays*. Farnham: Ashgate.
- Gelain, G. C., Carlos, G. S. (2020) Subcultura ou fandom? Apontamentos introdutórios para início de pesquisa. *Temática*, (8), 18-33. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/54427>.
- Goffman, E. (2004). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (M. Lambert, Trad.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. Versão digital disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobrea-manipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf
- Guerra, P. (2010). *A instável Leveza do Rock. Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010) - Volume I* (Dissertação de doutoramento). Disponível em : <http://paulaguerra.pt/wp-content/uploads/2017/06/Indice-Tese-Doutoramento-Paula-Guerra.pdf>
- Hall, S. & Jefferson, T. (1976). *Resistance Through Rituals. Youth Subcultures in Post-War Britain*. London: Hutchinson.
- Harvey, G. (2002). Satanismo: realidades e acusações. (L. P. Seixas, Trad.). *Rever-Revista de Estudos da Religião*, (3), 1-18. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv3_2002/p_harvey.pdf
- Hein, F. (2019) *Hard rock, heavy metal, metal : Histoire, cultures et pratiquants*. Edição online disponível em: <http://books.openedition.org/ms/729>. doi: <https://doi.org/10.4000/books.ms.729>. Versão original (2004) Guichen: Éditions Mélanie Seteun.
- Henriques, S. (2014). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Ed. Autor. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/4860>
- Johnson, A. G. (1997) *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica*. (R. Jungmann, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

- Lahire, B. (1993). *La Raison des Plus Faibles : rapport au travail, écritures domestiques et lectures en milieux populaires*. Lille: Presses Universitaires de Lille.
- Lahire, B. (2001). *O Homem Plural: as Molas da Acção*. (J. L. Godinho, Trad.). Lisboa, Instituto Piaget.
- Lahire, B (2004a) *Retratos Sociológicos. Disposições e Variações Individuais*. (D. Martin & P. Reuillard, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Lahire, B. (2004b). *La Culture des Individus: Dissonances Culturelles et Distinction de Soi*. Paris: La Découverte.
- Lahire, B. (2005). Patrimónios Individuais de Disposições: Para uma sociologia à escala individual, *Sociologia, problemas e Práticas*, 49, 11-42 (tradução de Jussara Rowland e revisão científica de António Firmino da Costa).
- Laraia, R. (2001) *Cultura. Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Leão, T. (1997). *Heavy Metal: guitarras em fúria*, São Paulo: Editora 34.
- Maffesoli, M. (1998) *O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massas*. (M.L. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Marsh, D. (1985) *The First Rock & Roll Confidential Report*. New York: Pantheon.
- Marcuse, H. (1967). Acerca del Carácter Afirmativo de la Cultura. In Marcuse, H. (Eds), *Cultura y Sociedad* (pp. 45-79). (E. Bulygin, E. G. Valdés, Trad.). Buenos Aires: Editorial Sur.
- Matza, D.& Sykes, G. (1961), Juvenile delinquency and subterranean values. *American Sociological Review*, 26 (5), 712-719. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5807641/mod_resource/content/1/MATZA%2C%20David%3B%20SYKES%2C%20Gresham.%20Juvenile%20Delinquency%20and%20Subterranean%20Values.pdf
- Mirabella, M. (2017) *Heavy Metal and Globalization- Reception study on the Metal community in the Global South* (dissertação de mestrado). Disponível em:
<http://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A1107093&dsid=-8206>
- Muggleton, D. (2000). *Inside Subculture. The Postmodern Meaning of Style*. Oxford: Berg.
- Pinto, J. M. (1991). Considerações sobre a Produção Social de Identidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 32, 217-231. Disponível em:
<https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/32/Jose%20Madureira%20Pinto%20-%20Consideracoes%20Sobre%20a%20Producao%20Social%20de%20Identidade.pdf>

- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (J. Marques & M. A. Mendes, Trad.). Lisboa: Gradiva.
- Rocha, A & Rodrigues P. F. (1983). *Rock Stars- Cinco Anos de Rock em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Rodrigues, R. (2018). A Sociologia de Bernard Lahire e suas Críticas à Sociologia de Pierre Bourdieu. *Sinais*, 22/1, 28-47. doi: <https://doi.org/10.25067/s.v22i1.18654> .
- Ronsini, V. M. (2007). *Mercadores de Sentido. Consumo de Mídia e Identidades Juvenis*. Porto Alegre: Sulina.
- Ruiz, J. H. (2012). La Sociología de la Música. Teorías Clásicas y Puntos de Partida en la Definición de la Disciplina. *Barataria- revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales*, 14, 75-84. doi: <http://dx.doi.org/10.20932/barataria.v0i14.102>.
- Salturi, L. A. (2016). A música na abordagem de Georg Simmel - Resenha de Estudos psicológicos y etnológicos sobre música, de Georg Simmel, *Revista Sociologia em Rede*, 6, (6), 326 -328. Disponível em: https://www.academia.edu/30167922/A_m%C3%BAsica_na_abordagem_de_Georg_Simmel_Resenha_de_Estudios_psicol%C3%B3gicos_y_etnol%C3%B3gicos_sobre_m%C3%BAsica_de_Georg_Simmel
- Simmel, G. (2004). *Estúdios Psicológicos y Etnológicos sobre Música*. (E. Vernik, Trad.). Buenos Aires: Gorla.
- Silva, A. E. (2015) As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. *Revista Angolana de Sociologia* (online), 12, 1-23. doi: <https://doi.org/10.4000/ras.740>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ras/740>
- Silva, E. (2013, 28 março) Os custos de ser da cena: o battle jacket. *Vice*. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/wnqwggn/os-custos-de-ser-da-cena-o-battle-jacket>
- Silva, H. (2010) *A Comunidade Metálica Portuguesa no Ciberespaço. Da Comunidade Física à Comunidade Online* (Dissertação de mestrado). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/5448>
- Tylor E. B. (1920). *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art, and custom*. London: John Murray Albemarle Street, W. Consultado em: <https://archive.org/details/primitivculture01tylouoft/page/n7/mode/2up>
- Waizbort, L. (2020). Música e Racionalismo em Weber. *Revista Cult*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/musica-e-racionalismo-em-weber/>

Walser, R. (2014) *Running with the Devil: Power, Gender, and Madness in Heavy Metal Music*. Middletown: Wesleyan University Press.

Wautier, A. M. (2003). Para uma Sociologia da Experiência. Uma Leitura Contemporânea: François Dubet. *Sociologias*, 5 (9), 174-214. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/Q9GcWWyTPdqfnqgGDbQQsDF/?format=pdf&lang=pt>

Weber, M (1995). *Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música*. (L. Waizbort, Trad.). São Paulo: Edusp.

Weber, M. (2018) *Conceitos Sociológicos Fundamentais*. Coimbra: Almedina.

Weinstein, D. (2000) *Heavy Metal: The Music and Its Culture*. Boston: Da Capo Press.

ANEXOS

ANEXO 1 - Entrevista exploratória 1 Carlos

(recebida a 21 de dezembro de 2019)

[esta entrevista foi realizada por email e também foi utilizada no âmbito da unidade curricular Globalização e Mobilidades]

Para ti, existe uma sociedade heavy metal global, formada por subculturas que geram comunidades espalhadas pelo mundo?

Existe uma sociedade Heavy Metal global que é hoje bastante subdividida, mas que mantém pontos de intersecção. No entanto, esta sociedade só é realmente ativa e reconhecível no que podemos designar underground, ou seja, entre elementos que mantêm um elevado grau de militância e de identificação cultural com o movimento. As faces mais visíveis e mainstream do metal foram-se diluindo e alterando ao longo do tempo até ficarem irreconhecíveis (Nu Metal e etc.); as camadas mais jovens têm uma cultura de fruição musical completamente diferente, por exemplo não comprando álbuns em qualquer formato físico. Apenas grupos mais ou menos conservadores mantiveram marcadores distintivos próprios da cultura metálica. Se antigamente o panorama era genericamente bastante mais unido, hoje em dia há uma tendência a uma certa polarização: o underground do Black Metal, o underground do Heavy Metal, por exemplo, mas com elementos de contacto. Há festivais temáticos que são organizados, ano após ano, por aguerridos apreciadores, como por exemplo o Up the Hammers, na Grécia, que congrega bandas de todo o mundo mas muito ligadas a um espectro de Heavy metal clássico, com alguma deriva para o Doom ou Hard Rock. Aqui em Portugal a coisa é, regra geral, muito menos identitária, com bandas que quase nada têm em comum num mesmo evento (Heavy Metal com Grind, com Metalcore, com Rock gótico, por exemplo) - passando este por um festival "de Metal" quando já muito pouco Metal está realmente representado.

Dentro deste cenário, quando vou tocar em eventos pela Europa fora sinto que realmente existe ainda uma rede de metálicos que mantêm um campo de referências comum, uma atitude forte e uma grande dedicação a uma causa. É como uma família à escala global. Portanto, e apesar das intrusões espúrias, a minha resposta é afirmativa.

Na tua opinião, existia uma identidade cultural na cena metal dos anos 80/90, que ultrapassavam qualquer diferença étnica, de género, de idade, etc.? Se existia, essa identidade continua a existir hoje em dia?

Existia uma identidade cultural marcada que se centrava no som mas também numa forma de estar, desafiante perante a sociedade e os seus elementos opressores, alimentada pelo fulgor próprio da juventude. Apesar de ser um movimento maioritariamente de jovens brancos do sexo masculino, conheci então diversos indivíduos negros ou mulatos que

faziam parte da cena e que não eram alvo de discriminação. Havia também diversas jovens mulheres, por vezes mais desconfortáveis com certas abordagens e que, por isso, eram tendencialmente assertivas e de personalidade forte. Depois dos primeiros anos da década de 90 os elementos mais rebeldes e, porque não dizê-lo, marginais da cena foram se esbatendo enquanto ela própria se diluía. A cena metálica dos anos 80/90 não era intolerante, era sobretudo não tolerada, o que era aliás um dos pilares da sua força, uma vez que a reação antiautoritária era um dos seus elementos definidores por excelência.

Essa identidade continua a existir sobretudo nos resistentes que provêm dessas épocas, com algumas exceções. Sem dúvida muita gente espalhada pelo mundo ainda mantém um grande grau de dedicação ao Metal enquanto movimento, apoiando bandas, comprando lançamentos, indo a concertos, criando publicações online e em papel, etc. Mas passaram-se décadas e as coisas são forçosamente diferentes. Mesmo assim, é impressionante a quantidade de bandas recentes, muitas vezes com integrantes bastante jovens, que atualmente editam trabalhos profundamente alicerçados nos anos de ouro do Heavy metal - os anos 80. Este corrente ano que ora finda, por exemplo, assistiu a um enorme número de lançamentos com grande qualidade de bandas destas. Os festivais proliferam e multiplicam-se. Assim, apesar de haver hoje muito menos metálicos que nos anos 80, muitos dos que ainda existem mantêm a sua identidade cultural bastante sólida, e é de presumir que nos anos imediatos assim se venha a manter.

ANEXO 2 - Entrevista exploratória 2 Carlos

(recebida a 12 de maio de 2020)

[esta entrevista foi realizada por email e também foi utilizada no âmbito da unidade curricular Sociedade, Conhecimento e Organizações]

Como começaste a ouvir metal e iniciaste a tua socialização no interior da «tribo»?

Falando da minha experiência pessoal, devo dar-te um contexto temporal e geográfico. Tenho agora 47 anos e tomei contacto a fundo com o Metal em 1987, quando tinha 14 anos.

Foi uma epifania estritamente pessoal: entrei numa loja de discos, vi o 'Live After Death' dos Iron Maiden exposto, achei a capa extraordinária e comprei o álbum por causa disso. Em 1988 comprava e devorava as revistas de Metal que havia à venda (quase só a Metal Hammer). Durante 1989, por via do "Blitz Metálico" do Pedro Cardoso (uma publicação no então muito popular jornal semanal de música "Blitz") descobri o Underground: havia bandas em Portugal, concertos, fanzines.

No princípio de 1989 mando vir pelo correio o número zero da Hard 'n' Heavy fanzine, do Cameraman Metálico. Até então não tinha quaisquer amigos que ouvissem Heavy Metal, nem no liceu nem em lado nenhum.

Comecei a conhecer metálicos de uma maneira muito corrente na altura: víamo-nos casualmente na rua e começávamos a falar uns com os outros. No meu caso foi um vizinho meu que me viu com uma t-shirt do 'South of Heaven' em 1989 e começou a falar comigo: "Grande álbum, mas gosto ainda mais do 'Reign in Blood'" e por aí fora. Encontrávamo-nos na rua com frequência e um dia falou-me num concerto que ia haver ali em cima na zona da Graça, com Massacre, Mantron e Massive Roar. Chegado o dia lá fomos e passámos por casa de um amigo dele que também ia, com o irmão (que tinha uns 13 anos na altura). Esse amigo era o B..

Chegados ao concerto, só não voltei para casa apesar de ter o bilhete no bolso (tinha-o comprado na Motor) porque ia com mais pessoal e tive vergonha. Tinha chegado à aldeia dos bárbaros. dezenas, centenas de gajos, quase todos a rondar os 17-18 anos, quase nenhum com mais de 20, a chegar em autocarros, com cabelos compridos, pulseiras com picos, uma cambada de vândalos, todos a fazer merda, a meterem-se com as pessoas e deixando em pânico os condutores dos carros que desciam a rua. A casa dos frangos em frente completamente cheia, com uma média de duas,-três garrafas vazias de mini por minuto a voarem porta fora e a estilhaçarem-se na estrada. Porrada, pessoal com facas... foi isto o que vi.

A Motor era a loja de discos nos Restauradores onde podíamos comprar LPs (e, mais tarde, CDs) mas que também tinha à venda demo-tapes de bandas portuguesas e por vezes estrangeiras, e imensas fanzines... muitas comprei por lá.

Atualmente, porquê que continuas na subcultura?

O que me atraiu na subcultura a ponto de dedicar toda a minha vida a ela desde aí? Tenho 47 anos e gasto imenso tempo do meu quotidiano com o Heavy Metal. A ouvir álbuns, a ensaiar, a fazer críticas a álbuns, a gravar, a ler, a ir a concertos, a ver vídeos. Tenho de arranjar tempo para isto enquanto mantenho um emprego exigente e uma namorada.

Gasto muito dinheiro em CDs e LPs... não gasto mais porque não tenho. Faço-o porque tem de ser, é o que sou. E sou-o ininterruptamente desde os 14 anos. No meu caso, estar a fazê-lo com mais de 40 anos é um mero acidente de percurso... eu não mudei, mas o tempo passou. Como dizia o velho aforismo, nunca foi minha intenção chegar a velho, mas foi a única maneira que arranjei para não morrer entretanto. Ou aquela tira do Níquel Náusea: "É incrível como o tempo muda as pessoas... Antigamente eu era um jovem tolo. Agora eu sou um velho tolo."

Em relação à ideologia, o movimento hippie, por exemplo, era muito mais politizado... O que me dizes em relação ao metal?

Tens razão quando dizes que ao contrário do Punk, ou do movimento Hippie, que eram muito mais politizados, o Metal girava sobretudo à volta da música. Havia muitos integrantes do movimento que nem queriam saber das letras, não as percebiam ou nem as liam.

Porém, eu nunca achei que o Metal fosse realmente destituído de ideologia, mas neste caso implícita. Havia obviamente uma fortíssima identidade de grupo, muito estanque, que vivia não só nos seus marcadores culturais próprios - que permitiam o habitual reconhecimento na rua que referi e um rápido estabelecimento de contacto sem necessidade de mais apresentações ("um dos nossos") - mas também de uma coisa que tinha uma verdadeira aura mágica: nós que cá estávamos dentro sabíamos que este som era a melhor música que já tinha sido criada na história da humanidade. Os outros que estavam fora achavam que era um horror, só barulho, música de drogados e marginais.

Essa marginalidade era muitas vezes real, uma vez que muitos dos jovens atraídos pelo Metal eram suburbanos e provenientes de famílias de classes baixas. Mas havia excepções. A oposição nós-eles, metálicos-resto do mundo, era muito forte, e o Metal era de facto uma música à parte de todo o resto da música. As fronteiras eram evidentes. Só mais tarde se foi diluindo no mainstream, em fusões que o adulteraram e descaracterizaram.

E curiosamente nos anos 80 havia um fortíssimo mainstream metálico... todas as grandes bandas de hoje em dia que ainda existem são as mesmas de então; foram grandes nos anos

de ouro, a década de 80. Mas esse mainstream metálico era sempre uma coisa à parte do resto da música, do Rock e Pop dos anos 80.

Mas o que era realmente a ideologia subjacente ao Metal era o hedonismo e o antiautoritarismo. Por um lado, a vontade de "curtir". Viver a vida ao máximo: havia uma cultura de sexo, drogas e rock 'n' roll que vinha da contracultura do fim dos anos 60; por outro, a vontade de chocar as figuras autoritárias: os pais, os professores, os polícias, os padres. Havia uma posição antimoral (e observemos a diferença entre ética e moral: moral vem de uma base latina que quer dizer "usos e costumes", ou seja, a tradição, os hábitos impostos pela sociedade independentemente dos valores éticos subjacentes). Daí o valor de choque da indumentária, as caveiras, o cabelo comprido (muito mal visto nos jovens do sexo masculino na sociedade portuguesa e não só dos anos 80), os símbolos satânicos. Havia a atração pelo que era maldito e escandaloso.

Eu gostava da estética... os filmes de terror não tornam, por si, as pessoas violentas; até podem ajudar a libertar a violência que as pessoas tenham. Da mesma maneira, as letras de horror que muitas bandas metálicas tinham desmistificavam os tabus ao mesmo tempo que chocavam os outros. Os cabelos compridos e as pulseiras remetiam para os mundos fantásticos idealizados do passado, tão populares nos anos 80 (como o 'Conan o Bárbaro' e muitos outros). Essa imagética foi sempre recorrente no Heavy Metal. Costuma dizer-se que a arte é um escape da realidade... para mim é uma realidade aumentada. E tal como a literatura, o Metal era uma extraordinária forma de aumentar a realidade.

E a música em si?

Acima de tudo, o melhor seria talvez mesmo a música. A força das batidas em conjunto com a distorção das guitarras fazia com que o Metal fosse realmente uma coisa perfeitamente distinta de toda a restante música. É lícito, embora algo redutor, dizer que o centro da identidade metálica era efetivamente, e sobretudo, a música. Era aí que todos os caminhos iam dar. Não havia metálicos sem música. E daí uma das mais distintivas características do movimento: uma percentagem imensa de metálicos quis ser ou foi músico. quase todos compraram um instrumento musical numa certa altura, mesmo que logo depois o tenham abandonado. Quase todos sonharam estar em palco a tocar Metal para um público entusiasta. Presumo que este seja um reflexo da fixação do movimento na música, com uma intensidade que não creio que se verifique em outros movimentos.

Muitos dos que fizeram parte do movimento na adolescência sentiram a necessidade em certa altura de "crescer", cortar o cabelo, tornarem-se pais de família e membros responsáveis da sociedade... mas conheci muitos deles mais tarde que falavam sempre dos tempos do Metal com nostalgia.

Ainda ontem fui aos correios de Mafra levantar uma encomenda de meia-dúzia de CDs e o funcionário que me atendeu, de camisa branca e cabelo curto já grisalho, sorriu a olhar para o logotipo no meu casaco e disse: "Destruction. Vi-os com Motörhead e Girlschool aí há mil anos." Alguma da forte identidade daqueles tempos subsiste, e um logotipo numa peça de roupa ainda pode pôr as pessoas daqueles tempos a falar.

Outros, porém, como eu e uns quantos resistentes, nunca mudámos. A não ser por envelhecermos. Quando penso nos momentos altos da minha vida ao longo das décadas, está lá sempre no top os concertos cá e no estrangeiro, o sentimento de família à escala global, ver bandas ao vivo que admiro há anos e anos e conhecer pessoalmente os integrantes. É uma sensação única e é uma honra fazer parte deste universo. Sinto-me um agente para a preservação do Metal enquanto modo de vida, enquanto estilo vivo, e penso que à minha diminuta escala contribuo com o que posso. Recentemente fiz uma entrevista gigante ao Mantas dos Venom e publiquei-a no website da Voices from the Darkside. Muita gente a leu e apreciou; teve muitas reações. Poder fazer a entrevista foi inesquecível. É só um exemplo.

Agora estou em teletrabalho devido ao confinamento. Passo o dia a ir às estantes e a ouvir inúmeros álbuns, com enorme prazer. Passo o dia a ouvir horas e horas de Metal. É das coisas que mais gosto de fazer. Por tudo isto não me parece arrojado dizer que daqui a dez, daqui a vinte anos estarei a fazer a mesma coisa. Portanto o Metal na minha vida diária e nos meus comportamentos é de facto essencial. E sem dúvida moldou a minha personalidade, como toda a arte de que gosto. Na fruição do Metal há toda uma catarse, termo usado por Aristóteles para designar a "purificação" sentida pelos espectadores durante e após uma representação dramática. Aplica-se perfeitamente à experiência metálica e foi determinante para moldar a minha personalidade.

Outra coisa relacionada com a tua pergunta... nos anos 80 o pessoal metálico tinha um gosto amplo. Os estilos também não eram tão estanques e ainda se estavam a definir na sua extensão e nas suas fronteiras. Claro que havia muita variedade, e muita coisa cabia no interior. Eu adorava (e adoro) desde Led Zepellin até Carcass. Mas os "subgéneros" de que falas e as "linhas de pensamento" não eram tão distintas. Nos anos 80 praticamente só havia a oposição entre, por um lado, o Heavy e o Thrash Metal, e por outro o Glam Metal (o "false Metal" de que falavam os Manowar... e o Dave Mustaine dizia que Glam queria dizer Gay L. A. Metal). Coisas como o nazismo são excrescências cancerosas que só surgiram com os débeis mentais da Noruega pós-1992.

ANEXO 3 - Guião da entrevista

Apresentação dos objetivos da entrevista ao entrevistado:

“Trata-se de uma entrevista, cujas respostas vão ser utilizadas na elaboração de uma tese de mestrado em Sociologia (Universidade do Algarve). Os seus principais objetivos incluem enumerar e explicar as motivações que levam à adesão ao conjunto de práticas culturais englobadas pelo metal e à lealdade dos seus adeptos ao longo do tempo”.

1- Génese e trajetória da ligação ao metal

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- Com que idade começaste a ouvir?
- Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?
- O que te atraiu num primeiro momento?
- Quais foram as primeiras bandas (subgéneros), os teus primeiros concertos?

- Como era viver o metal nessa altura e em Portugal? (*referindo zona onde passou a adolescência*)

- O seu dia-a-dia na escola;
- se formou um grupo de amigos com as mesmas práticas;
- de que falavam (música, ideologia, aspirações, mulheres/ homens, pais);
- como se vestiam (aspetos ligados à exteriorização da subcultura);
- as saídas à noite, se existiam ligações ao álcool e às drogas; histórias que queiram contar;
- como eram as experiências dos concertos (A importância dos concertos);
- Sentias-te marginalizado quando andavas na rua? Olhado de lado? O que pensavas disso? *se se sentiam marginalizados ou não (se queriam/ gostavam de sentir-se «outsiders» ou se isso lhes era imposto ou não), como eram vistos pela família, pelos pais, pela sociedade em geral- histórias que queiram contar (crítica social/ cultural em relação ao movimento)*
- As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual ou sentia-se uma diferença? Tinhas amigas do metal: mulheres que iam convosco aos concertos e aos bares? (*para homens*) Havia algum tipo de estigma? Se sim, como explicas

isso? Sentiste-te alguma vez discriminada ou posta de lado pelos homens num ambiente de metal (concertos, bares, amigos) (*para mulheres*)

2- A música no cerne do mundo metálico

- Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

- Como é ou o quê que a música te faz sentir? *Subgéneros, bandas favoritas vs emoções (tentar confirmar/refutar a teoria do Berger e de estudos científicos que servirá para canalizar sentimentos de raiva, angústia, depressivos)*

- Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Tens ou tiveste ma banda? *Se é ou foi músico (profissional, não profissional, ligações à indústria, etc.)*

- O que é que este tipo de música tem que não encontras noutros géneros musicais?

- A música em si mesma, o som, tem um papel preponderante para ti? Por exemplo, sabes do que tratam as letras de todas as bandas que ouves? Achas que o conjunto é que faz sentido ou valorizas a música acima das letras?

3- Construção da identidade pela ligação ao metal (identidade individual vs de grupo)

- O que representa para ti o metal? (*individual*)

- Achas que te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa?
- Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes?
- Crês que o metal contribuiu para seres quem és hoje em dia?

- E em termos de união de grupo? (*coletiva*)

- O metal une as pessoas? Qual a tua experiência em relação a isso? *(os fãs mantêm o movimento vivo, principalmente quando se tratam de subgêneros menos populares)*
- Na tua opinião, essa identificação que parece existir entre metálicos tem a ver essencialmente com a música ou também com certos valores partilhados?
- Existe aquela sensação de que «é do metal só pode ser boa pessoa?», que faz parte da família?

4- Ideologia simbólica do metal

- Porquê o cabelo comprido, as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos?
- O que significa vestires-te dessa forma? Que tipo de adereços utilizas? O que significam?
- Tal como no cinema ou na literatura, crês que pode ser um escape para outro mundo? Um mundo de fantasia? Ou uma forma de enfrentar o real?

5- Complexidade e fragmentação do mundo social do metal (evolução progressiva, diversificação de géneros e práticas)

- Porquê que nunca te desligaste completamente deste tipo de música?
 - Qual o significado que tem para ti hoje em dia?
 - Ao longo destes anos, nunca deixaste de ouvir metal porquê?
 - o que te faz feliz ao continuar a viver o metal?
 - Continuas a viver a «cena» em grupo ou mais individualmente? Continuas a assistir a concertos (agora escassos)? A comprar de discos/ Merchandising?
 - Continuas a vestir-te da mesma maneira no dia-a-dia ou existem compromissos profissionais que te «obrigaram» a mudar de estilo? (Ou sentiste que querias mudar de estilo por ti próprio?)
 - E em termos de ideologia/ mentalidade, mantiveste o mesmo pensamento que tinhas quando adolescente? O que mudou?
 - O panorama do mundo do metal em Portugal e no mundo alterou-se bastante, como vês essas mudanças? (em termos de multiplicidade de

subgêneros musicais, o aparecimento do nu-metal, a forma como as novas gerações vivem o metal?)

Em termos de características sociodemográficas foram pedidas as seguintes informações aos entrevistados:

(Nome fictício), idade, sexo, naturalidade, nacionalidade, habilitações literárias, atividade profissional, profissão pai/ mãe (para entender o contexto familiar e ter uma noção da classe socioeconómica) e localização geográfica. No que concerne a divisão de Weinstein (2000), fizemo-la retirando as informações dos relatos dos entrevistados.

ANEXO 4 - Transcrição de entrevista – Entrevistado 1: Rito

(realizada a 11 de novembro de 2020)

Entrevistado 1: Rito

Idade: 43 anos

Sexo: masculino

Naturalidade: italiana

Nacionalidade: francesa

Habilitações literárias: 12º ano

Atividade profissional: proprietário de um bar de metal e restauração de casas

Profissão pai/ mãe: marinheiro/ artesã

Localização geográfica: Pechão (meio rural)/ Olhão/ Algarve/ Sul

Divisão de Weinstein: faz parte das três dimensões (artistas, audiência e indústria)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

Com que idade começaste a ouvir?

Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?

Tinha 12 anos quando um amigo que encontrei, por acaso na camioneta de Pechão para Olhão, me mostrou Iron Maiden em cassette. Fiquei fascinado! E pedi-lhe logo que me emprestasse para que eu pudesse gravar para mim. Aquilo era diferente de tudo o que tinha ouvido até então.

O que te atraiu num primeiro momento?

O que mais me atraiu num primeiro momento foi mesmo a melodia do som, o sentimento intemporal do que estava a ouvir.

Quais foram as primeiras bandas (subgéneros), os teus primeiros concertos?

- Como era viver o metal nessa altura e em Portugal? (referindo zona onde passou a adolescência)

- **O seu dia-a-dia na escola;**
- **se formou um grupo de amigos com as mesmas práticas;**
- **como se vestiam (aspectos ligados à exteriorização da subcultura);**

Sempre fui um liderzinho à minha maneira e consegui fazer interessarem-se por este estilo alguns amigos que eram da minha turma. Os meus grande amigos «A» e «H» a partir daí, fizemos um grupinho na escola [em Olhão], reuníamo-nos num cantinho, haviam vários cantinhos de vários pequenos mundos na escola, haviam os vanguardas, que a malta chama agora de góticos e havia o cantinho dos metaleiros, que éramos nós. E a malta independentemente da turma encontrava-se ali e falava.

Depois, a nível vestimentar, eu era o único que me vestia mesmo dentro do estilo, com coletes com estampas, tinha uma estampa do Beneath the Remains dos Sepultura, num casaco de ganga feito pela minha mãe, cujas mangas se podiam tirar depois do Inverno... daí eu ser um pouco diferente [refere-se ao facto da mãe lhe costurar as roupas]. Era o único porque os pais não deixavam, até haviam pais que diziam aos filhos para não me frequentarem porque eu frequentava o tal grupo fora da escola do bairro dos índios [referido na primeira parte a regravar] e aquilo tudo eram drogados, bandidos, com má reputação e então, na escola, nessa altura 7º, 8º ano, mas ao longo dos anos, as pessoas já foram comprando uma t-shirt, mas aparatos como coletes bicos ou afins, era o único.

- **as saídas à noite, se existiam ligações ao álcool e às drogas; histórias que queiram contar;**

Eu comecei a sair muito cedo, com 13, 14, 15 anos porque nunca tive um problema com os meus pais em relação a isso. Não tinha nenhum constrangimento da parte dos meus pais nesse sentido. Quando havia um concerto, puf lá íamos estar batidos, de resto também não havia grande movimento noturno que me interessasse. Onde também passava os fins-de-semana era na Ilha do Farol porque praticava surf e bodyboard e também comecei a infiltrar o metal nesse outro grupo que eu frequentava ao fim-de-semana na Ilha do Farol. Corrompi essa gente toda a ouvir Ratos de Porão e Sepultura, quando eles eram malta dos Doors e da guitarrinha na duna e eu meti essa gente toda a ouvir thrash [com orgulho]. *Porquê que achas que eles se deixavam influenciar?* Eles viam-me muito focado na minha cena e que era muito genuíno e gostava muito daquilo e eu apresentava aquilo de forma tão veemente, tão poderosa, que eles ficavam curiosos e da mesma maneira que eu fiquei vidrado quando ouvi aquela cassete de Iron Maiden de um amigo que me emprestou na camioneta para Olhão, da mesma maneira emprestei e eles chegavam a casa e ouviam aquilo e também ficavam vidrados.

Álcool, drogas? Era tremenda essa ligação, principalmente nessa altura ainda havia em Olhão a maldita castanha e todo esse grupo consumia. Quando conheci o «S» ele vinha de uma cura, tinha cometido um assalto, foi preso e cumpriu pena em regime disciplinar nos fuzileiros e veio de lá forte e poderoso e foi quando o conheci. Para mim, era uma espécie de ícone, uma pessoa muito poderosa e muito protetora para comigo e ele dizia-me sempre: “coisas que cheirem a erva podem dar um tirinho, mas qualquer merda em pó que vejas que é estranho, que é químico, não toques!” e estavam todos proibidos, era uma regra, ele era o chefe daquela banda toda e sempre houve essa regra e sempre foi respeitada e eu nunca tive nenhuma curiosidade mas que era uma realidade, era. Ainda hoje em dia, embora diferente, Olhão sempre foi uma terra muito pesada, muito ligada à droga, havia um grave flagelo a nível de heroína, fumada e injetada. Desse grupo de amigos, por exemplo, só há um sobrevivente. *Todos eles ouviam metal?* Sim, eram mais velhos, eu era tipo a «mascote», thrash, não tinham a cultura do «S», eram seguidores, ele era o elo fulcral desse mundo. Na nossa altura, nos finais dos anos 80, inícios de 90, as pessoas que eu via com problemas com drogas eram relativas a situações anti-sociais, problemas familiares graves, famílias desconectadas, caóticas. Antes, o consumo da heroína era banalizado, as pessoas não tinham noção da gravidade daquilo que faziam, eu vi coisas atroz, pessoas a terem overdoses, a injetarem-se...

E em relação a drogas como diversão falando de drogas «ditas» leves, como o álcool ou a cannabis, marijuana? Era um trampolim para a juventude, para um rebelde, para ganhar coragem, para se sentir impulsionado, para a extroversão, abanar a cabeça, sentir-se alienado, perder a vergonha. De uma maneira mais despenalizada, fumávamos e bebíamos.

• **como eram as experiências dos concertos – ida a Lisboa neste caso-(A importância dos concertos);**

Era uma epopeia, juntar dinheiro para o bilhete, para a viagem, às vezes, mentir aos pais, porque eles não podiam concordar que fôssemos a Lisboa para ver um bando de malucos, como fui ao Dramático de Cascais ver Sepultura, Anthrax, bandas míticas da altura, mas eu nunca tive esse problema com os meus pais, graças a Deus, os meus amigos sim.

Grandes concertos de que te lembres? Fui ver Sepultura com o Arise e com o Chaos AD, em 92, 93 ou 94. Foi um ano antes de eu ir para a tropa em 95, mas o concerto que mais me marcou terá sido a primeira vinda de Slayer a Portugal, que foi um concerto absolutamente caótico e isso foi a apoteose total porque havia espanhóis, estava cheio, haviam pessoas que se esfaqueavam as costas a escrever Slayer, gajos com os braços a pingar sangue por todo o lado, aquilo era um caos total, houve uma efervescência quando o concerto começou, acho que quem abriu foram os Machine Head, ninguém conhecia, tocaram na parte da frente do palco com um som miserável e hoje em dia são quem são! Mas Slayer foi muito bom o concerto e o maior de todos foi Metallica com Suicidal e Cult e aí foi uma dimensão gigantesca e eu tive a sorte de fazer parte dos primeiros 1500 a entrar lá para dentro, vi as pessoas a correr e eu também corri e deram uma pulseira e fiquei na meia lua à frente do concerto, com espaço, com bares, podíamos estar no mosh,

separados e olhávamos para trás e estava o corredor das grades e o pessoal todo ensardinado ali, as pessoas estavam espremidas pela multidão, foi surreal.

Foste com amigos teus? Fui com um grande amigo meu do tempo de escola: o Carlos Ferreira e uma amiga de outra turma que era a Ana Boss, os nossos outros amigos não podiam ir e fomos só os três- o pessoal do bairro nunca tinha dinheiro para se meter nessas aventuras, a realidade deles era muito local.

Durante esses concertos, como era o contacto com outros adeptos do movimento?

Para já, havia a épica viagem de comboio. O comboio arrancava em Vila Real de Santo António, onde tinha grandes amigos do metal, os antigos Corpse, que era uma das bandas de peso da altura e depois Putrefaction, eu chegava a ir lá para os ensaios e passávamos lá o fim-de-semana e era brutal. Apanhava uns malucos em Tavira, depois chegava a Olhão, mais uns malucos, a Faro, mais e depois em Tunes, vinha a malta de Lagos, Lagoa, Portimão. Ocupávamos umas duas carruagens e lá íamos nós para Lisboa, era fantástico! O pica completamente ostracizado, ninguém lhe dava bilhetes, ninguém ligava, o homem não sabia o que fazer, uma vez portaram-se mal e era essa malta de VRSA que era fodida: vandalizaram o comboio, teve que parar, foram expulsos e foram presos. Eu gosto de caos, mas não vandalizar o que é dos outros.

Também as idades eram diferentes... Uns, davam-lhes para a maldade e eu sempre fui apaziguador, tanto nos conflitos humanos quando havia garreias, sempre tentei apaziguar e também quando é para fazer mal a alguma coisa que não fez nada, não. O comboio: não tens nada que vandalizar o comboio, já era o que era: estar ali de pé, a beber, a fumar, já ninguém dizia nada, mas vandalizar o comboio, não estava de acordo.

O concerto era a apoteose. *Aquela banda que tinha estado a ouvir em cassette, CD, vinil e finalmente ver e ouvir ao vivo?* Slayer, para mim, foi mais mágico do que Metallica porque sou mais fã de Slayer do que de Metallica. Slayer foi uma espécie de golpe de canhão, foi de uma brutalidade! Uma demência! Superou tudo o que eu poderia imaginar. O mosh foi uma espécie de erupção vulcânica, aquilo explodiu, irrompeu, era a plateia em pé toda completamente em mosh. Era surreal (suspira). Aquilo era o apocalipse. *Qual a tua opinião em relação à destruição de jardins, o conhecido evento em que se não se portassem bem naquele concerto, não haveria o que viria a seguir?* O pessoal tinha a mania quando era putó e era do metal, tinha que ser mau, tinha que ser vândalo, tinha que fazer judiarias e estragos e isso acabei de dizer [não concordava com esse tipo de comportamentos].

Não imaginas isso a acontecer hoje em dia...?

É preciso pôr as coisas no contexto: aquilo n altura era um fenómeno aqui em Portugal ainda novo, era recente, mesmo meados anos 80 e início dos 90, era centrado em cidades maiores como Lisboa e Porto, aqui no Algarve, nós não tínhamos praticamente nada, não tínhamos meios de comunicação nem redes sociais [como há hoje em dia] e o maior rock que se conhecia eram os blockbusters: Iron Maiden, Scorpions, Metallica, agora os movimentos das bandas mais pesadas não havia, as pessoas ainda estavam muito nos Xutos, na música e rock português. O pessoal estava muito in vitro, virado para dentro de si, não se sabia que isso existia, não tinham consciência; depois, nós aos poucos é que começámos, com o René por exemplo que foi um grande influenciador do metal no

Algarve porque ele ia à Alemanha e trazia de lá material: CDs, vinis, t-shirts, vendia, trocava e a gente acabava por ter acesso a algum material, mas se não, um zero absoluto. Tínhamos que ir à procura, mas para já, tinhas que saber o que querias, o que gostavas [era difícil quando nem sequer havia o conhecimento da existência], depois como? Tinhas que ir à Bimotor a Lisboa, havia uma lojinha de vinis em Faro, em que volta e meia tinhas ali algumas coisas de metal, [mas muito pouco].

• **Sentias-te marginalizado quando andavas na rua? Olhado de lado? O que pensavas disso?** se se sentiam marginalizados ou não (se queriam/ gostavam de sentir-se «outsiders» ou se isso lhes era imposto ou não), como eram vistos pela família, pelos pais, pela sociedade em geral- histórias que queiram contar (crítica social/ cultural em relação ao movimento)

É uma pergunta retórica. É óbvio que uma pessoa que opta por se vestir de forma diferente tem que se sujeitar a um rancor social de quem ainda não está preparado para viver essa realidade. Agora, as conclusões que as pessoas tiravam, eu sabia, mas nada me interessavam porque eu sabia que eu era uma pessoa de bem, que estudava, não chumbava, tinha boas notas e o meu aspeto exterior, como o meu pai, homem de grande sabedoria empírica, dizia-me: “filho, tu podes ir com uma pena de avestruz no enfiada no cu para a escola, o problema é teu, tu é que passas a vergonha. A única coisa que me interessa a mim é que tu passes o ano e que estejas bem, o resto estou-me a borrifar, eu quero é o resultado”. O meu pai sempre foi assim, pragmático, reto, correto [não lhe interessava o que os outros podem pensar, o que acontece na maioria das famílias]. Haviam pais de amigos meus que diziam: “ai de ti que te veja com aquele maluco!”, porque era considerado drogado, pernona non grata que, na altura nem era longe da verdade; toda a gente ligado ao mundo do metal, de uma forma ou de outra, praticava alguma ilegalidade, nada de ilegalidades graves, mas fumavam, bebiam, esse tipo de coisas, nada a ver com cenas de banditismo, isso era mais a malta do rap, aqueles gang, aquele histerismo, era outro mundo do qual não fazíamos parte.

• **As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual ou sentia-se uma diferença? Tinhas amigas do metal: mulheres que iam convosco aos concertos e aos bares? Havia algum tipo de estigma?**

Para já, era preciso vê-las porque era uma raridade. Lembro-me nos primeiros tempos de ser metaleiro, fins dos anos 80, inícios de 90, nem me lembro se haviam moças no cantinho lá da escola. Aos poucos, começaram a vir porque tínhamos uma banda e depois um amigo tem uma irmã que começa a vir, mas de uma maneira geral, e muitas vezes eram raparigas em graves crises existenciais, pessoas com problemas de família, com ressentimentos, com crises a tentar solucionar dentro dessa catapulta da imagem. Muitas vezes, não entraram no mundo do metal por paixão genuína pela música, entraram primeiro por um golpe de rebeldia, um pontapé no caixote do lixo: “sou assim e quero que me aceitem como sou!” E é verdade que dentro deste mundo, as pessoas eram aceites

independentemente de como eram e depois acabavam por se adaptar e se integrar dentro do mundo do metal e muitas vezes até hoje.

Achas então que existem duas formas de se entrar no mundo do metal? Pelo amor à música, o «tilt», o flash musical; pela rebeldia que representava- hoje em dia menos porque até o metal é mais mainstream hoje em dia, mas na altura haviam pessoas e também rapazes, não só raparigas que, se calhar nem gostavam da música, mas tinham que dar um peido mais alto que os pais, fazer algo diferente, manifestar-se, apresentar a sua discórdia. E essa era uma forma de o fazer, além da droga. Eu tenho amigos que não entraram no mundo do metal, mas entraram no mundo da droga e uns morreram, outros estão na merda, outros passaram mil e uma curas de desintoxicação e volta e meia caem lá dentro.

Às vezes, uma coisa leva à outra, podes entrar por rebeldia dentro de um grupo ou por atracão a esse grupo e depois vir a partilhar e a entender os ideais desse grupo, que não tinhas conhecimento, aconteceu a imensas pessoas e depois há pessoas que realmente descobriram antes de virem a fazer parte do grupo, mas podem vir a fazer parte dos dois fenómenos. No meu caso, foi de uma parte devido à cassete dos Iron Maiden e de outra, porque estava farto de ser ostracizado e mal tratado por mil e uma pessoas porque era diferente. A partir do momento em que entras numa engrenagem de grupo, esses fenómenos param de acontecer porque já estás integrado num grupo e aí já é um movimento de grupo; há uma solidariedade, aquele já sabe que me fazia mal no passado, agora sabe que se me fizer mal, leva galheta. Uma coisa tempera a outra.

Forma de pertencer a um grupo que serve de âncora? Era uma questão permanente: “um metaleiro, onde estás?”. Ainda hoje em dia, estás todo contente quando vês um metaleiro na rua, não é preciso que a malta se dê beijinhos, mas dão de vaia, há sempre um olharzinho, um toque, uma simpatia. Não queremos estar sozinhos porque o Homem é um animal social e, se reparares 80, 90% das pessoas que começaram a ouvir metal nos anos 80/90, hoje em dia, continuam a ouvir e isso é um fenómeno interessante porque há uma procura de identidade, de ser diferente, mas dentro de algo construtivo e foi isso que eu desde o início senti: isto é mais do que um movimento. Eu ouvia os professores dizerem à minha mãe: “isto é uma fase, isso passa”. Eu vi mil fases passarem: a fase dos ponperops, a fase do techno, do rap- essas coisas desapareceram completamente e quando existem, são residuais, são inexistentes como movimento. Nós temos fenómenos planetários como festivais como o Wacken, como o Hellfest, que movimentam muita coisa.

Voltando às mulheres, era raro, mas quando estavam convosco eram tratadas de igual para igual? Sim, manas sempre. Completamente integradas. Mulheres que iam convosco aos concertos, aos bares? Com certeza, completamente, vivíssimas da silva e muito interessadas, como o caso da Laura, que conheci mais tarde. Algum tipo de estigma? Eu, da minha parte, se houve esse tipo de comentários perto de mim, não têm muita sorte porque eu não fui educado assim. Na minha educação, isso não existe [desigualdade de género, machismo, sexismo], as pessoas são o que são, independentemente do sexo, da

orientação sexual? Antigamente, era considerado tabu. Eu, na minha juventude quase até hoje em dia, raramente conheci tanto rapazes ou raparigas que tivessem uma orientação sexual diferente do clássico, ou porque não a têm ou porque não a divulgam. É preciso ter em consideração o ambiente em que vivíamos, a cidade de Olhão, de pecadores e de macaféus, em que a escolaridade nunca foi a prioridade, são pessoas ligadas ao mar, à terra e tudo o que se ouve é pejorativo nesse sentido. Ou seja, qualquer pessoa que pudesse ter uma tendência para o outro lado, a melhor coisa que fazia era escondê-lo para não ser estigmatizada.

- Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

É o thrash. E o Death. É uma dualidade, sou bipolar (risos). O que me catapultou para fora do heavy foi o thrash, mas o género que eu ouço com mais frequência é o death: Malevolent Creation, Obituary, Bolt Thrower, mas é geral porque depois uma pessoa ouve em função do seu estado de espírito. Não se precisa de sair de dentro do metal para ouvir as mais variadíssimas coisas: celtic metal, pirate metal, industrial- há pessoas que não gostam, eu gosto e ouço.

Muitos do metal tornaram-se fundamentalistas? Eu acho isso triste, mas cada um é como é. [Para mim,] é tão variado: tens symphonic metal, cenas com vozes femininas, não é a minha praia, mas se calhar e se me apetecer até ouço. Tens cenas técnicas, menos técnicas, guturais, abomináveis, pessoas que gostam de black metal, eu por exemplo, não gosto de black metal e não julgo ninguém; eu gosto de industrial metal: gosto de Ministry, Combichrist porque dá-me um ritmo diferente, por exemplo para varrer (risos).

- Como é ou o quê que a música te faz sentir?

Traz emoções, enaltece as energias interiores. *Achas que dá poder?* Claro! A música sempre foi um enaltecedor de poder interior. Ouves uma ópera, não consegues ficar «cego» [indiferente] e surdo à emoção que aquilo te traz, independentemente de se gostar ou não, é algo majestoso. Nós encontramos isso dentro do metal: a música mexe com o nosso sistema interior, com as endorfinas, com as hormonas de prazer, com o bem-estar.

Alguns estudos apontam para a canalização de sentimentos negativos, de raiva?

Com certeza, no grind core por exemplo. Se o death e o grind core são scapegoats, escapatórias para a nossa raiva interior, sim e ainda bem que isso apareceu na minha vida e na vida de toda essa gente. Imagina o que era toda esta gente que, em vez de fazerem mosh pits, walls of death, headbanging ou o que seja, não conseguissem canalizar toda essa energia de uma maneira fraternal, amigável e de bom e que comesçassem a andar na rua a matar pessoas. É porque a sociedade em que vivemos é dura de dogmas e leva-nos a muita raiva acumulada. Raiva, pode ser devido a frustrações pessoais ou sociais, relacionais ou afins e ter uma escapatória como o metal, ir a um concerto, viver aquela

plenitude, acumulação de pessoas, aquele prazer de estarmos todos juntos e andarmos ali ao pontapé uns com os outros sem ninguém se magoar, pois até a minha mãe entende isso: “ao menos não fazem mal a ninguém e exorcizam os vossos demónios”. É uma forma de exorcizar os demónios e isso é fantástico!

Às vezes, o death tem as letras muito guturais, fundas, macabras, falam de morte-*representação da realidade*? É uma representação da frustração social. Todas as bandas do universo metal têm uma mensagem a passar, é por isso que sempre me liguei ao metal, muito pela musicalidade, mas, no meu caso, essencialmente pelas letras, pela mensagem, tentar entender o que é que aquilo veicula.

- Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Tens ou tiveste ma banda? Se é ou foi músico (profissional, não profissional, ligações à indústria, etc)

Fui vocalista de uma banda: os Hecatombe nos meus tempos de escola, mas não demos assim concertos relevantes, era uma banda de escola, de garagem e fizemos um mini concerto numa festa de skate em Moncarapacho, mas depois fui para a tropa muito cedo em 95.

• **A música em si mesma, o som, tem um papel preponderante para ti? Por exemplo, sabes do que tratam as letras de todas as bandas que ouves? Achas que o conjunto é que faz sentido ou valorizas a música acima das letras?**

Sabes do que tratam as letras de todas as bandas que ouves? Na maioria sim. Para mim, é imprescindível e impensável aliás ouvir uma banda e não ir ao papelinho. Antigamente era na cassete, a gente desdobrava aquilo tudo, ficava enorme, parecia um acordeón, depois vieram os vinis que eram mais agradáveis porque eram maiores, porque uma pessoa lia melhor, depois os CDs... *Havia muita gente que, se calhar não percebia inglês?* A mim, ajudou-me a perceber o inglês. O meu pai e a minha mãe falavam línguas e eu nunca tive problemas, mas eu utilizava as letras e principalmente de Iron Maiden porque toda a minha adolescência fui fanático de Iron Maiden e eu queria descodificar palavra por palavra, frase por frase o que estava ali transmitido. E pedia ajuda ao meu pai e eles diziam-me sempre, só pedia ajuda quando o dicionário não respondia àquilo que eu queria e aquilo era uma forma de exercitar o inglês.

Sem desdenhar as pessoas que não percebiam inglês... Mas gostavam da música, a música em si já é forte, já tem power, já tem uma energia fortíssima, que é cativante.

O que é que valorizas mais: a música em si, as letras, o conjunto? É o conjunto dos dois para mim, eu respondo o que penso: imagina que vou gostar da musicalidade de uma banda, mas a mensagem veiculada nas letras não me diz nada ou vai contra os meus princípios, eu facilmente ponho essa banda de parte.

- **Achas que o metal te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa?**

Com certeza, desde pequenino, a minha mãe é prova disso, aos 16 anos já lhe tinha dito que, no futuro, o meu sonho era ter um bar de metal. E ela sempre teve de viver com isso até a prova se concretizar e vivemos aqui numa dualidade, ela nunca entendeu o nosso mundo, mas aos poucos, ela agora está a começar a entender, está a abrir os horizontes. Toda essa atitude sociológica, essa curiosidade sociológica relativamente ao movimento, porque ela diz assim: “vocês não podem ser todos malucos!” e ela vive em França e sabe que há lá o Hellfest que é o maior da Europa e aquilo realiza-se perto da zona onde ela, de verão, faz uma exposição de artesanato e é uma curiosidade porque ela sempre pensou que era uma nóia, qualquer deficiência entre aspas, qualquer coisa que não correu bem e apercebe-se que, afinal, não é bem assim. Ela interessou-se em relação ao assunto e começou a pesquisar e curiosamente encontrou muitas coisas engraçadas que, afinal, não é bem assim porque, como tu disseste há pouco e bem, há estudos sociológicos sobre isso em França e que afinal os metaleiros, curiosamente, é tudo malta orientada, é tudo malta com estudos, que trabalha, responsável, pais de família e afim, não somos uma espécie de escória humana.

- **Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes?**

Por exemplo, pelo que percebi, para ti a igualdade de géneros é importante? Sempre o presenciei, foi um movimento que sempre foi aceite nesse sentido, tirando as bandas de glam metal dos anos 80, os Motley Crüe e afins. *Mas eles também se reviam na parte feminina...* Nunca houve na minha maneira de ver dentro do metal, antes pelo contrário [em relação à diferenciação de género] *Objetificação da mulher?* Os próprios homens objetificavam-se!: pintavam-se desde os Kiss aos King Diamond ao Alice Cooper, aos Motley Crüe, WASP, toda essa parafernália, com collants de leopardo, faziam permanentes, ou seja, houve uma desmistificação desse sexismo que realmente existia na altura muito forte na sociedade, principalmente nos EUA, muito mais do que aqui na Europa e que existia muito noutros estilos de música paralelos, como no rap em que há uma objetificação e uma certa degradação da imagem da mulher, tem que ser sempre a bitch de cu para o ar...

Motley Crüe não é absolutamente nada sexista, é happy metal, nunca de uma forma degradante, enquanto que em outros géneros de música da altura, sim (anos 80/90). Sempre fui muito observador disso e encontrava essa tendência sexista mais noutros estilos e isso mais me fazia gostar da escolha que tomei.

Mulher ou homem, tem mais a ver com o conhecimento musical que se tem? Claro que se vieres ao pé de um bando de metaleiros, só porque te vestes de preto, aramada em campeã

e não percebes patafina do assunto, olham para ti e dizem: “moço, vai-te deitar!”. Agora, se disseres: “aquele álbum é fixe, aquela música, aí és parte integrante da cena e isso só conheci no metal.

Não concordo de maneira nenhuma com essas observações e teorias sexistas sobre o metal. Eu tive a prova contrária disso, tenho amigas de Lisboa, um grupo de gajas às quais eu chamo as «arcanjas do caos», estão nos festivais todos, todas lindas, fixes, altamente e respeitadas por toda a gente. Há respeito, isso são pessoas mal resolvidas [sobre as teorias de Weinstein em relação ao facto dos adeptos masculinos de metal não se identificarem com mulheres do metal]

O metal, em termos de ideologia propriamente dita, não vou dizer que trouxe algo que me faltava porque os meus pais em termos ideológicos formaram-me e eu depois, com o tempo, só fui desenvolvendo. O metal foi um veículo, um autocarro que eu apanhei, que me tem levado nesta viagem fantástica, na qual eu me identifiquei porque tu tens bandas de metal que tratam de assuntos que me dizem respeito, de cenas pagãs, nórdicas, dos vikings [o pai era norueguês], dos grandes fascínios que eu na música metal ligado ao thrash foi sempre a crítica social, criticar o mundo no qual estamos, de vivermos numa sociedade completamente corrupta, em que 1% possui a riqueza do mundo e os outros 99 andam aqui subservientes, a trabalhar para dormir, a dormir para ter forças para trabalhar e assim sucessivamente.

O sistema capitalista não funciona? Ele funciona de certa maneira porque se não funcionasse, nós não estaríamos aqui, não haveria metal, não haveria nada porque num sistema comunista por exemplo, não há. Temos de ver as coisas numa big picture: há coisas erradas no capitalismo, na democracia, em todo o lado.

Nós, a nível ocidental, chegamos tão longe no nosso bem-estar desde a Segunda Guerra Mundial até ao final da Guerra Fria, chegamos a uma situação em que já estamos tão bem que agora tem que vir uma coisa para destabilizar isto, para ver se nos matamos todos outra vez [referindo-se à pandemia]. Porque guerra mundial, já ninguém quer fazer muito, enão estão a ver se nos emborregam, se nos moldam de alguma forma a seguir umas diretrizes- é o mundo de hoje em dia – seguir coisas completamente patetas e ridículas e aí eu critico o metal porque eu acho que aquilo que eu sempre valorizei no metal, que era a crítica social e ser contra o sistema, tudo e todos e agora de repente, está tudo calado. Está tudo cheio de medo, de nada, porque não se passa nada. É tudo uma fantochada e não há um movimento e sinto-me frustrado hoje em dia, em que por exemplo, a nível ideológico, eu sempre me identifiquei com o metal por ser uma luta social, contra o excesso de poder das partes dominantes e agora que era a hora H para podermos mais ainda... Bom, ainda falta ver o que é que os álbuns de 2020, que vão sair em 2021 vão dar e a malta tem-se resguardado, tudo bem, espero pelo melhor, mas está aqui um ponto de luta.

Como vês o mundo, por exemplo, em relação a uma alternativa em termos de sistema económico? Eu fui educado numa família do contra, numa família antissistema: eu vivi

num veleiro toda a minha vida até aos 10 anos de idade. *Antissistema?* Eu critico a obsessão do consumismo, a demasia relativa à facilidade de acesso a tudo, o fim da meritocracia, a escolaridade em que por exemplo, hoje em dia, tens uma mochila com 10 kg, já não é uma labuta, já não trabalhos manuais, de mecanotecnia, de carpintaria, já não há trabalhos de nada. Hoje em dia, é tudo intelectual, é tudo puxado sobretudo para não fazer nada, há um excesso de facilitismo da parte do Estado, em França e na Alemanha, há pensões para tudo, não fazes nada e as pessoas não trabalham, vivemos numa sociedade preguiçosa, desprovida justamente de ideologias, de ideais, de vontades, de necessidades. As pessoas ficam felizes se recebem o mínimo, tão bem que estou aqui a ver televisão, Netflix, e contentam-se e o estado nutre esse cancro, não leva os jovens à descoberta, à dificuldade, à vontade de aprender uma profissão, à cena de ser um aprendiz, depois ser um servente e depois um mestre e assim por aí adiante. A própria escolaridade não te leva a isso, a escolaridade forma teólogos, já não forma profissionais, queremos todos ser doutores, engenheiros, é o trauma da sociedade latina, portuguesa hispânico-italiana, em que vivemos num obscurantismo nos anos 60/ 70 e agora toda a gente diz: “sou pescador, o meu filho vai ser doutor!” e agora temos uma catrefada de doutores e hoje já ninguém quer ser calceteiro, canalizador, pedreiro, sapateiro, já ninguém quer fazer nada, ninguém quer trabalhar.

Profissões ligadas ao «prestígio social»? Ligado a uma frustração anterior, uma frustração dos pais leva a que eles sejam capazes de guardar um filho na universidade sem passar, sem fazer um cu e anda ali a ser um parasita. Isto choca-me, não tem nada a ver com metal, isto é a minha visão, porque eu desde tenra idade trabalhei, aos 14 anos. Nem o meu pai nem a minha mãe me compraram um skate “queres um skate, trabalha, durante as férias!” e trabalhava e dava valor ao meu skate, enquanto que tinha amigos, que partiam um skate e ficavam-se a rir. Quando alguma coisa acontecia ao meu skate, eu reparava o meu skate porque lhe dava valor. Quem diz um skate, diz uma prancha de surf, diz um carro, uma casa. Quando é dado, as pessoas perdem o valor das coisas. Quando tu tens que lutar por elas e dar de ti, aí é diferente. Vivemos num facilitismo, em França, tens subsídios para tudo.

Aqui em Portugal, não acontece tanto porque não é um país rico, mas é rico para pagar as mordomias classe política que nos corrompe e nos trata como nos trata e vivemos num país com dois pesos e duas medidas. Com o salário mínimo vergonhoso, antigos países de leste recém-chegados à Europa têm salários mínimos maiores que os nossos, temos um parlamento com mais deputados do que em França. Vivem de mordomias de luxos, com chauffeurs, gente incapaz, nunca viveram a nossa realidade, não sabem o que é trabalhar, pois nunca trabalharam na vida e vêm dar-nos lições de moral? Isso sim, para mim, é o fundamento do mal que existe por aí. A disparidade entre quem nos governa e o esforço que nos exigem a nós. A nós, é sempre exigido mais, que seja com a austeridade, que seja com o covid, são sempre desculpas para nos sacrificarmos nós, mas eles nunca se sacrificam, eles nunca dão um unha de um salário deles, nunca entregam uma mordomia ou deixam de ir a algum lado e isso depois leva às pessoas a ficarem no estado em que ficam, ficam irritadas e começam a meter minhocas na cabeça, mas o metal

sempre foi ligado a isso. Desde o punk, o rock, as origens do metal sempre foi o desassossego social, o desentendimento com as elites.

Esquerda, direita? Hoje em dia já não representa nada, são as duas asas do mesmo pássaro. O pássaro tem duas asas, a esquerda e a direita, é igual. Um bocadinho menos, as elites baixarem um bocado. *Uma sociedade mais igualitária?* Pessoas que trabalhem e tenham o fruto do seu trabalho e isso identifica-se tanto com a esquerda tanto com a direita, não voto porque não me identifico, vou votar para esta cambada de abutres?

O sistema está corrompido? O sistema está corrompido pela raiz. Há solução? A solução para os males da Humanidade é sempre uma e uma só: a guerra. As crises resolvem-se sempre através de guerras (...) e estamos neste momento no auge de uma situação próxima disso, do fim deste mundo como o conhecemos. (à 1h15- faz a descrição de esquerda e direita, hegemonia mundial, globalização...) Globalizar o mundo como um tudo, o fim do dinheiro, estamos a atravessar tempos muito importantes.

- **Crês que o metal contribuiu para seres quem és hoje em dia?**

Ajudou-me a ser perseverante, a acreditar naquilo que penso, a ser fiel aos meus pensamentos. *E conseguiste realizar o teu sonho dos 16 anos!* Também com muita luta, muito trabalho, muita dedicação. Abri a 25 de Abril de 2007, no meu dia de aniversário.

Não comecei logo a ter concertos, comecei como bar e depois, aos poucos começou a evoluir, começou por haver um, depois, dois, três e [antes da pandemia creio que teria 3/4 concertos por mês]

E em termos de união de grupo? (coletiva)

- **O metal une as pessoas? Qual a tua experiência em relação a isso? (os fãs mantêm o movimento vivo, principalmente quando se tratam de subgéneros menos populares)**

O metal une as pessoas definitivamente. [anticovid...] *Tem a ver com a música, mas também com certos valores partilhados? Sabes que aquela pessoa, dá a sensação que é do metal, só pode ser boa pessoa, faz parte da «família»?*

À partida sim, mas devido à crise atual, tenho vindo a descobrir que não. Eu sei que há metaleiros mais assim, mais assado, há pessoal extremista, há pessoal do black metal, do metal muito político. *Nacionalismos, racismos?* Não, existe no metal, mas da minha parte é irrelevante. [fala do Cesário e não é partidário e de Raposo que é contra tudo e com segregação e ódio] mas temos que respeitar as pessoas com laivos de direita, de esquerda, porque é como digo, é a asa do mesmo pássaro, extremismos de um lado ou de outro, é igual. O que gosto no metal é justamente isso: é que por norma, tu podes ser antissistema, mas não deves ser metal político, eu sempre separei a política do metal, é por isso que eu

adoro Iron Maiden, ou outras bandas que fazem crítica, Iron Maiden não, é poesia, mas Slayer ou Sepultura por exemplo têm umas músicas muito impactantes; Sepultura por exemplo seria mais numa vertente esquerda, mas não misturam propriamente a política, é crítica social. Sou do metal, mas se não for da vertente daquele, não posso ser amigo dele? Toda a gente agora tem de desgostar do Trump porque é moda? Tenho que escolher entre um lunático e um pedófilo? Mas que mundo é este? Não temos liberdade de escolha? Acho que o metal evoluiu mal nesse sentido... *Por exemplo, não se poder ir vestido de cor de rosa para um concerto de black metal se te apetecer?* E podes. Se fores, vou tirar muitas fotos, pela ousadia e esse é que é o espírito e não justamente o oposto que está a tentar separar e segregar as pessoas em grupos, é uma tentativa de sabotagem social. E mesmo dentro do nosso fundamento do metal, eles estão a tentar separar-nos através disto.

- Porquê o cabelo comprido, as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos?

- O que significa vestires-te dessa forma? Que tipo de adereços utilizas? O que significam?

(- Tal como no cinema ou na literatura, crês que pode ser um escape para outro mundo? Um mundo de fantasia? Ou uma forma de enfrentar o real?)

O cabelo comprido, em várias culturas pré-cristãs sempre simbolizou o poder. Para mim, sempre quis ter cabelo comprido desde pequeno e tive, entretanto estive 10 anos como militar e tive cabelo rapado, agora tenho cabelo comprido novamente. O cabelo e a barba são extensões do teu organismo, a partir do momento em que é saudável, não tem problema e tem a ver com o bem-estar, é uma certa vaidade, o homem também tem direito à sua vaidade. As caveiras: sempre achei piada porque no fundo, é o desrespeito ao dogma existente na sociedade moderna e ocidental em que a caveira é obrigatoriamente associada ao mal. A caveira é o teu entendimento de como tu acabarás um dia. Uma caveira é igual a qualquer outra: de um preto, de um chinês, tiras a pele, tiras os olhos é uma caveira. É uma forma de entender a igualdade e o entendimento da nossa insignificância como carcaça humana. Os picos, os patches são adornos, de decoração, é como uma árvore de Natal, só que é como uma árvore de Natal o ano todo. Um gajo está feliz com aqueles patches, deixa-o estar, é irrelevante.

• Ao longo destes anos, nunca deixaste de ouvir metal porquê? (Nunca te desligaste completamente deste tipo de música)

Porque depois de a teres conhecido e minimamente teres entrado dentro dela, é fisicamente, diria mesmo, impossível. Muito poucas pessoas (teria de pensar muito para encontrar uma) que ouviram metal durante a fase da adolescência e depois já não ouvem. É muito marcante, pois continuas a ouvir, mesmo que o faças discretamente, que sejas

médico, doutor, advogado e que estejas todo de fato e gravata e chegas a casa e ouves um Bolt Thrower. É que o metal é tão variado e tão variável que não atinge nenhuma classe social em específico. Antigamente, sim, hoje em dia não, antes pelo contrário; a «classe social» é a classe média, média-alta; antigamente era a ralé dos bairros sociais, a ralé dos bairros sociais hoje em dia ouvem cu duro, aquelas aberrações de música, funks, aquelas coisas sexualizadas, horríveis, desprovidas de qualquer bom senso musical.

As novas gerações, como achas que ouvem metal hoje em dia, transformou-se? (englobando a questão: • O panorama do mundo do metal em Portugal e no mundo alterou-se bastante, como vês essas mudanças? (em termos de multiplicidade de subgéneros musicais, o aparecimento do nu-metal, a forma como as novas gerações vivem o metal?))

Tenho aqui o caso de dois rapazes, o Bruninho que conheci quando tinha 17 anos e que vem ao bar desde que teve idade para sair, já trabalhou comigo nas obras e são fiéis amigos e ouvem se calhar certos tipos de metal aos quais eu não acho grande piada, mas isso é normal, eu não lhes posso pedir para gostarem daquilo que eu gosto, lá por achar que o meu metal é que é true. E respeito-os e eles respeitam o que eu gosto. O que vejo é que já não há tanto por exemplo a cena do vestir, da parafernália, dos picos, dos coletes, a não ser quando vão aos concertos, só que continua a ser um movimento underground. Os amigos deles não são do metal, eles são considerados outcasts, por mais mainstream que isto se tenha tornado, continua a ser um movimento outcast por uma coisa que é uma espécie de invenção minha. Perguntam-me: “nunca tens problemas no bar?” às vezes aparecem criaturas mal dirigidas que aparecem e pedem quizomba, eu meto um Bolt Thrower ou Obituary e 4 ou 5 minutos e eles estão fora, é o melhor segurança que existe. Porque para eles é tipo motosserra. Quando as pessoas são chatas, meto um bocadinho de brutal death metal e passa-lhes logo a vontade de ficarem aqui muito tempo.

Somos outsiders e queremos sê-lo? Somos underground e queremos sê-lo? Isso não é preciso cultivar, isso é inerente à própria situação. Já tentaram com o Nu Metal, com o hard core moderno, de toda a maneira e feitio e não conseguem!

Mudanças de paradigma: tatuagens, piercings? Agora, qualquer criatura em Olhão está toda tatuada, com piercings. O sistema engoliu o que era para ser rebeldia? O sistema é isso mesmo, é criticado por isso, porque ele engole-te, é uma espécie de garganta gigante, ele engole-te!

T-shirts à venda nas grandes superfícies de Iron Maiden, Slayer? Mesmo que eles tentem, isto não se vai tornar, já tentaram convencer as massas, já fizeram música para isso, só que não conseguem. Isto é demasiado obscuro, é preciso entrar dentro do movimento e entendê-lo. Se não o entenderes, serás sempre um outsider, não será entendido pelos restantes, não funciona, não consegues ser um «cola», fazer de conta, és logo topado! Ostracizado e posto de parte. Quem lhe dera à sociedade entender o que nós

representamos! Daí que estão curiosos e que te autorizam a fazer um trabalho destes porque eles até gostariam de entender, para saber por onde nos podem atacar, sabotar...

A rebeldia do metal sempre foi muito mal entendida pela casta dominante e política. Nos anos 80, eras um demónio e continuas de certa forma a ser, só que és um demónio controlado, desde que pagues impostos e trabalhes, mas para eles é um mistério.

ANEXO 5 - Transcrição de entrevista de – Entrevistado 2: Laura

(realizada a 14 de novembro de 2020)

Entrevistado 2: Laura

Idade: 43 anos

Sexo: feminino

Naturalidade:

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: Licenciatura em Línguas – Português/ Francês

**Atividade profissional: agente imobiliário/ líder de equipa em contact centres/
tradutora**

Profissão pai/ mãe: área financeira/ professora

**Localização geográfica: Pechão (meio rural)/ Olhão/ Tavira Algarve/ Sul/
Alemanha; Porto atualmente**

Divisão de Weinstein: faz parte das três dimensões (artistas, audiência e indústria)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

A primeira influência foi o meu irmão, foi das primeiras pessoas a ouvir e a trazer metal para a cidade (Tavira) e comecei a ouvir por aí, em casa, não sei de onde vêm as influências dele porque ele ficou conhecido na altura como um dos primeiros metaleiros em Tavira; na família fomos os primeiros e os únicos até agora (risos). Talvez alguém que tenha passado por aqui no Verão, de férias, como era rapaz começou a sair mais cedo do que eu à noite, ia para um bar que era o Talabriga e talvez tenha sido lá que começasse a aparecer esse som.

As primeiras bandas me lembro de ter ouvido terão sido Manowar, Iron Maiden, Metallica e logo a seguir a isso Sepultura e Slayer, é o que tenho memória de ter ouvido primeiro. *E ouvias música antes disso, que género?* Guns n´Roses, Bon Jovi, Europe, eu tive muita

influência do meu irmão desde a escola primária, comecei pelo hard rock, porque ele ouvia em casa, eu e a rua toda (risos) acho que ainda hoje.

- **O que te atraiu num primeiro momento?**

O som, o instrumental, porque a letra ainda não compreendia, o meu nível de inglês ainda não tinha chegado lá; eu não acho que o som seja agressivo, acho que o som é rico, completo, cheio, é mais por isso.

- **os teus primeiros concertos?**

Que eu tenha completa memória foram aqui no Algarve: Moonspell, Primordial, Mindlock, bandas algarvias, não me lembro de todas.

- Como era viver o metal nessa altura e em Portugal? (referindo zona onde passou a adolescência)

- **O seu dia-a-dia na escola;**
- **se formou um grupo de amigos com as mesmas práticas;**
- **como se vestiam (aspetos ligados à exteriorização da subcultura);**

Indumentária, como surgiu? Surgiu porque comecei a gostar de preto logo muito cedo, o meu irmão usava t-shirts, mas não se vestia completamente, mas eu comecei a ter uma atracão pelo preto logo desde muito cedo e mais tarde quando me mudei para Faro, tive também um bocado a influência do «gótico» (como género musical) e aí ficou até hoje. *Achas que tinha a ver com alguma influência por causa dos videoclips, dos artistas?* Não, é entrares nas lojas e não gostares de mais nada, a não serem as peças pretas, não há mais nada que te atraia aos olhos.

Escola, eras uma rapariga diferentes das restantes? A única coisa que eu fiz mesmo questão, lembro-me que na altura nem conhecia que existiam t-shirts de bandas, acho que a primeira t-shirt que eu comprei impressa foi quando surgiu a primeira loja de impressões para t-shirts e sweats e foi uma cena com caveiras e rosas choque bué foleira e eu andava com isso quase a semana inteira e com leggings pretas sempre, com botas fora das leggings, com 14/ 15 anos lembro-me que fiz uma grande birra, porque os meus pais tinham comprado um blusão de cabedal ao meu irmão e eu também tinha que ter um blusão de cabedal que tinha visto numa loja e fui a primeira miúda lá na escola a ter um e começou a partir daí e depois o estilo ficou e já não me sentia bem com mais nada, nem com cores, nem com sainhas... Grupo de amigos, amigas? Amigos principalmente, rapazes, nunca me dei muito bem com raparigas, eram pouco interessantes a maioria delas no meu entender. Com rapazes, chegava mais à música e aprendi muito sobre motas e carros e filmes e cenas que as raparigas não acompanhavam ainda. O meu grupo de amigos era maioritariamente rapazes e era pessoal do campo, em Tavira. Nós tínhamos um grupo que se reunia num cantinho da escola, tínhamos um rádio daqueles gigante, que levava umas 12 ou 20 pilhas e passávamos horas a ouvir som e a discutir as cenas.

Do que falavam? Música, filmes, que começaram a surgir na altura o Terminator, o Predador, o Alien.

Como se vestiam os rapazes? O pessoal na altura não ligava muito a isso, não se vestiam à metaleiro, *eram os mais rebeldes?* Era pessoal que não era peneirento, pessoal simples, sincero e honesto, não eram posers nem betinhos. *Raparigas?* Havia 3 ou 4 ,mas nada ligado à música, aliás eu só comecei a prestar mais atenção na música mais tarde, a partir dos 20, 21, foi quando comecei a entrar mesmo a sério na cena da música, Slayer, Sepultura, foi a partir dos 13/ 14, mas porque o meu irmão punha toda a casa e toda a rua a ouvir o que ele ouvia, mas não era uma escolha minha, eu não ia procurar; só a partir dos 20, 21 anos é que começo a entrar mesmo, ou a compreender melhor, já gostava, já ouvia, mas ainda não me tinha dado o «click». *Influências góticas, vanguarda?* Sisters of Mercy, Bahaus- secundário pessoal mais velho já conhecia, vim estudar para Faro em 1995, mas só vim em 96, 97, 18, 19 anos, comecei a ir ao Gótico e ao Tal Bar e a conhecer muitas pessoas ligadas à música, transformou-se no meu grupo de amigos aqui, trabalhei no Góthic Bar e comecei a conhecer música tanto através do Ralph, como dos clientes do bar, o pessoal trazia CDs para a malta ouvir, quando mais tarde tive o meu bar, aí é que comecei mesmo a sério, comecei a passar som também, comecei a conhecer muito mais coisas, deram-me muito mais coisas a conhecer e tive convites – *Controversos, ghotic metal?*, nessa altura, eu já ouvia de tudo, tanto metal old school, como gótico, como o metal core aqui do Algarve, já ia a concertos de Mindlock, Punkekas, coisas do género, foi aí que eu comecei a perceber que o metal era um mundo riquíssimo e que podes gostar de vários estilos também. Não me fixei num estilo singular.

• as saídas à noite, se existiam ligações ao álcool e às drogas; histórias que queiram contar;

Nesse aspeto, os concertos estão sempre ligados ao álcool, mas a minha perspetiva disso é um bocado diferente porque como eu trabalhei à noite, tenho a perspetiva de dentro, eu não acho que a música fomenta o álcool e as drogas, eu acho que a música complementa, eu conheço muita gente que é completamente viciado em metal e que não consomem nem drogas nem álcool. Uma coisa não tem necessariamente de estar ligada porque também nos outros estilos de música, tens sempre, nas discotecas, tens sempre álcool e drogas envolvidos, às vezes até mais que no mundo do metal. Agora, quando vais a um concerto é para te divertires, se passa pelo teu género de diversão consumires álcool e drogas, é a minha visão. *Potenciar o êxtase?* À extravasão sim; é o mesmo que saíres à noite e ires para uma festa de quizomba, não vão para lá beber água.

Foste aos grandes concertos da altura: Guns n´Roses, Metallica?

Não nessa altura, não tinha possibilidade nem idade; para já os meus pais não me deixariam ir, antes dos 17, 18 anos e depois quando cheguei a essa idade, não tinha como; era caro deslocares-te, ou tinhas dinheiro para o bilhete ou tinhas dinheiro para a deslocação, juntar as duas coisas era difícil. O primeiro grande concerto que eu fui lá acima, acho que foi a primeira vez que os Amon Amarth vieram a Portugal (2005, 2006)

e também vi Metallica no Rock in Rio, mas não faz daqueles concertos do início dos anos 90.

Terminei o curso (Português/ Francês ensino) e já trabalhava à noite e quando o Gothic Bar fechou em Faro, convidaram-me para fazer a gerência do Controversus e depois é que eu tive o meu próprio bar que foi a Capelinha que tive mais um ano. Nessa altura, comecei a entrar mesmo a sério e a viciar-me em metal (20 – 25 anos). Foi aí que começou o vício, foi aí que comecei a ouvir música a sério por causa do bar porque passava lá as noites inteiras e o bar era dedicado só a ouvintes de música alternativa, porque é também a música que eu tenho paciência para ouvir porque não tenho paciência para muito mais estilos a não ser metal e comecei a aprender a passar música; comecei a conhecer cada vez mais, deram-me a conhecer muito e quando fui para a Alemanha, já ia viciada em concertos e logo no primeiro ano fui ao Wacken, fui a muitos concertos underground.

Wacken experiência: o primeiro foi brutal, talvez o melhor, acabei por ir a 3 mas o primeiro foi aquele woah! O primeiro festival de música que fui aqui em Portugal foi o GDL, ainda quando tinha a Capelinha que era em Grândola (2006/7) e eu ia com a perspectiva do festival pequenino do Alentejo e Wacken é enorme, é uma coisa impressionante, tens ruas e ruas, avenidas na área do campismo, todas as ruas têm nomes de bandas, tens uma área de merchandising, de bijuteria e roupa, é uma feira enorme, encontras lá de tudo. É uma aldeia do metal, durante aqueles 5 dias, entras ali, parece que entras num país encantado e, quando saís cá para fora, é bué estranho encarar o mundo. A experiência de sair de Wacken é bué hard core. Para já começas a ouvir os ruídos do mundo normal, são completamente diferentes.

A minha mãe não percebe até onde vai a extensão da ligação com a música. *Mas nunca te proibiram, nunca tiveram reacções mais aversas?* Eu saí de casa com 17 anos, até aos 17 anos tive uma educação muito tradicional e limitada e não podia sair tão abertamente como o meu irmão porque ele era rapaz e também não havia nada aqui. A partir daí sempre fiz aquilo que me apeteceu. A minha mãe ainda hoje torce o nariz aos piercings e às tatuagens e às botas mas, muitas vezes, já ignora, acho que já se habituou. *E a sociedade em geral? Normalmente há sempre aquela ligação, vestida de preto, tatuagens ...* Eu tenho a experiência de viver em duas sociedades diferentes, tanto aqui no Algarve como na Alemanha e, enquanto eu vivi cá até 2007, senti muita xenofobia relativamente à maneira de vestir e às tatuagens. *Histórias que te lembres?* Eu lembro-me que houve alturas em que eu estava a receber subsídio de desemprego e fiz questão de me vestir ainda mais hard core mais maquilhada do que o habitual e consegui não ser contratada (risos), chamavam-me para cafés e se eu não quisesse trabalhar lá era muito fácil e lembro-me depois de ter ido para a Alemanha, onde eu conheci uma sociedade diferente e lá não te olham de lado, lá é completamente aceite, eles ligam mais a cérebros e a educação do que à aparência que tu tens. Quando voltei cá de férias, houve uma vez que eu fui ao Forum, entrei na Douglas e comecei a reparar que o segurança vinha atrás de mim, às tantas virei-me para trás e disse: «tem algum problema senhor?», e ele: «não» e eu disse: «sabe: eu não sei se é pelo meu aspeto, mas eu se calhar ganho uma bocadinho mais do que você, eu não preciso de vir aqui roubar nada e ele ficou super envergonhado

e foi lá para fora (risos). Essa situação foi um bocado marcante. Depois também tenho o inverso: a primeira vez que fui a Paris, que deve ter sido em 2002/03, levei a minha roupa mais gótica e fui a um bar gótico e o segurança quase que não me deixava entrar, olhava para mim e para o meu namorado na altura e dizia, vocês sabem que é um bar gótico e que têm que estar vestidos a rigor e nós a pensarmos «estamos com o nosso melhor traje», quando eu entrei lá dentro, eu percebi que não estávamos vestidos para estar ali, eles estavam mesmo vestidos a rigor, um simples vestido não era vestimenta para ali. *Qual a tua opinião em relação a isso, porque este tipo de movimentos alternativos é um bocado ir contra aquilo que está estabelecido na sociedade, então a partir do momento em que estás no movimento e és mal recebido porque não estás vestido... Já te estão a impor regras...* Na minha opinião, os góticos não são metaleiros, há o gothic metal, mas eles são um bocado elitistas e a tal coisa, não estás vestido a rigor, não és aceite: um metaleiro não é assim, chega aqui um gajo, um exemplo: o Cesário (fez parte dos Harum, uma das primeiras bandas metal no Algarve): ele não se vestia metaleiro nem tinha o cabelo comprido ainda, ele usava roupas como o meu pai, as camisinhas de risquinhas, nem sequer tinha uma única t-shirt, tinha uma coleção de metal em casa do caraças, da qual ninguém sabia porque ele não mostrava as cores cá fora, mas quando ele se deu a conhecer à comunidade metaleira, ninguém o marginalizou pela forma como ele se vestia. Ele foi completamente aceite pelo conhecimento musical que ele tinha, é a diferença entre o metaleiro e o gótico na minha opinião. *Normalmente, dentro do metal, não se olha tanto à aparência?* Não se olha tanto àquilo que tu vestes ou à tua aparência, olha-se ao teu sentido de honra e ao teu conhecimento musical, [para ela sentido de honra está relacionado com metal].

• **As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual em relação aos homens ou sentia-se uma diferença?**

Não sei muito bem. *Mas tu sempre foste muito bem aceite no grupo dos rapazes?* Sempre fui o one of the boys (risos). *Eras incluída?* Sim *Não havia qualquer tipo de estigma?* Não, nunca fui marginalizada. *Nunca sentiste «ah é gaja e tal»?* Quando não me conhecem, à primeira, podem olhar assim porque também há muitas raparigas que só se aproximam dos rapazes do metal porque são giros e têm cabelos compridos e tatuagens e eles ficam naquela, és ou não, és poserzita ou és true? *Há essa diferença entre o poser ou és mesmo assim, a sério?* Sim.

Há sociólogos (Weinstein) que diziam que os homens nunca se identificavam com as mulheres porque ser mulher já era algo diferente, que o metal tem a ver com a masculinidade, o poder, a força? Eu não concordo, eu vejo que eles são assim antes de te conhecerem, eu neste momento, já nem sinto isso porque conheço tanta gente que já toda a gente sabe quem eu sou [dentro do mundo metal em Portugal], mesmo que ainda não me conheçam. Mas por exemplo, quando eu cheguei ao Porto, eu não conhecia lá ninguém, conhecia só uma ou duas pessoas [estive a viver no Porto entre 2015 e 2018]. Quando cheguei na primeira noite ao Fundo do Poço, o pessoal ficou naquela a olhar para mim «quem é esta gaja», *e chegaste sozinha?* Com a minha filha [tem uma filha com 25

anos que também é metaleira em produção] no dia do seu aniversário, como era o aniversário dela fomos jantar fora e eu já estava um bocado extrovertida e assim que comecei a ouvir som que conhecia, comecei a pedir música, eles ficaram a olhar de lado, depois estive a falar com o bacano do bar, disse que tinha tido um bar no Algarve; não sei se foi na segunda ou na terceira vez que eu lá fui, a aceitação foi completamente diferente. *Já fazias parte da família?* Incluíram-me na família de uma forma incrível, apoiaram-me bué, tudo o que precisei à chegada, ajudas com casa, conhecer canalizadores, eletricitas, coisas que eu precisei para instalar-me no Porto. Indicaram-me os melhores sítios, convidaram-me para concertos e sítios que não conhecia, incluíram-me na família do Porto com uma rapidez incrível, portanto não sinto tanto isso, mas via-os a fazerem aquele olho de lado para algumas raparigas que não percebem nada de música e estão ali só a fazer olho gordo aos gajos, eles sentem isso. *Há essa diferença?* Há, eu acho que sim.

Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

O que me toca mais neste momento é que conforme fui entrando devagarinho, também fui progredindo em termos de gosto musical, neste momento são brutal death e black metal. Tanto nacionais como internacionais, eu conheci mais o black metal na Alemanha, conhecia aqui mais do Algarve, há os casos de Penitência e Lux Ferre que é Algarve/Porto. Deep Odium e In tha Umbra e depois no underground alemão, há uma banda de que gosto muito cujo nome significa « o caminho de uma liberdade», Belphegor, Behemot, Burzum, a nível nacional Ominous Circle, Gaerea, de relevância; de BD: Pestifer e uma banda que está aí a surgir Necrochaos, Morbid Angel (death), Carcass, Death e as bandas tradicionais que fazem parte do old school, também gosto de ouvir progressivo, gosto de bandas como Cynic, Dream Theater;

Além do metal ouves mais algum género musical? Música clássica, rock. Também gosto de algum Nu metal, por exemplo System of a Down é uma banda que eu adoro, depende do mood, do mood em que estás, do que me apetece ouvir. *Porque há muita gente que diz que o Nu metal nem sequer faz parte do metal...* Eu adoro System, adoro as letras, há bandas que oiço pela sonoridade, independentemente da letra que tenha por trás, até porque às vezes se não fores ao livrinho, não consegues entender nada do que dizem, agora há outras bandas em que eu ligo à mensagem e System é um dos casos

- Como é ou o quê que a música te faz sentir?

Depende do teu estado espírito, se estás em emode, levanta-te mais, se estás em mood depre, faz-se pensar, estás só a curtir o som, sem dúvida que te vais sentir melhor do que se não tiveres som. *Estudos death metal- canalizar sentimentos de raiva, mitigar?* A mim, o que me acalma por exemplo é o headbanging, aí tens que ir para bandas que proporcionem um bom headbanging e terás que ir para o death.

- Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Tens ou tiveste uma banda? Se é ou foi músico (profissional, não profissional, ligações à indústria, etc.)

Não tenho voz, nem no duche e já tentaram ensinar-me bateria. Eu tive formação musical sim, tive 10 anos de piano, desde os 8 até aos 16/17. *Daí pode vir o estímulo pela música?* Também porque foi fomentado bastante, mas para o clássico; no meu caso, não havia escola de música em Tavira, o professor dava aulas em casa, davam solfejo e prática e havia duas salas, do órgão e do piano e eu detestava o órgão, eu só gosto mesmo do som do piano. Gosto, mas não tenho ouvido, já tentei aprender guitarra também, mas não tenho ouvido, já não toco há muitos anos, mas sei seguir uma pauta, mas improvisação não sei fazer; o facto de teres educação [musical] não te satisfaz música menos cheia e rica como é o metal, precisas de algo mais, precisas de uma coisa mais orquestral. A música clássica é inspiração para muita gente, olha o Bach, Wagner...

Estavas a dizer que numas bandas, as letras são mais importantes, noutras o som é que é mais importante... Temas que mais atraem... Uma das coisas que mais me atrai no metal é ser uma cultura in your face, tanto a nível de música, como a nível de quem ouve a música e de toda a comunidade do mundo do metal; é uma cultura que está aí para chocar e eu desde muito novita, comecei a vestir-me como vestia, para ser diferente porque não quero ser igual ao pessoal que vai comprar roupa à Zara, não quero andar na moda; é uma afirmação e a música em si é uma afirmação e é também um grito de revolta nalguns casos, é uma forma de expressão, de desagrado com o que se passa à tua volta. *O que desagrada, é a cultura de massas? Em quê que não te revêes nesta sociedade em que vivemos?* Para começar na estupidez humana (risos), as pessoas são um bocado parvas, na mesquinhez, na cena do consumismo, no querer parecer. Na demasiada importância que se dá à aparência e ao estatuto social; *são valores que não te caracterizam?* Não.

• **Achas que te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa?**

Sim, aliás faz parte da minha vida. *O metal e as pessoas à volta, que te fizeram seguir o caminho pelo qual seguiste que te fizeram ser a pessoa que és hoje?* Sim, sem dúvida nenhuma.

• **Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes?**

Por exemplo, no BM norueguês, há os neonacionalismos, identificas-te com isso, o que pensas em relação a isso? Eu não vejo a música nem numa perspectiva política, nem numa perspectiva religiosa. A música, para mim é uma coisa natural que faz parte da natureza, como uma floresta ou como o mar, não vejo nessa perspectiva; eu não identifico noutro sítio é verdade, agora identifico-me com a música pelos valores que parece defender em geral, pelo menos por quem a ouve; *que são?* O sentido de amizade, de irmandade, de compreensão, de pertença, pertenceres a alguma coisa, de respeito pelo outro, seja ele quem for; não te identificas por isso com esse nacionalismo dessa parte do BM? Não, compreendo perfeitamente porquê que eles queimam igrejas porque isso tem a ver com

um valor histórico, com uma influência cultural e é uma mágoa que vem do passado. A cultura deles foi invadida por uma religião e eles já tinham um e essa foi subjugada e daí eles acharem-se no direito de subjugar a quem os invadiu; não apoio, mas compreendo de onde vem, de resto não me identifico.

Em relação à religião, qual a tua opinião, BM fala de satanismo por exemplo? Eu tive uma educação católica, segui o catolicismo até ao crisma e depois fui convidada a ser ajudante de catequista, tinha 16/ 17 anos e comecei em Fevereiro; *acreditavas?*, eu gostava muito de ir às aulas de catequese porque havia uma catequista que me desafiava à discussão filosófica e eu divertia-me com aquilo, para já estava a aprender uma história porque para mim era uma história e eu recordo-me que o último ano de catequese foi super interessante porque eu ia para lá dar a minha opinião, que às vezes era hard core porque era um bocado contra aquilo que elas me estavam a tentar passar, era um espaço onde podia discutir. Quando me convidaram para dar aulas aos putos de 6 anos e foi quando passei a mensagem às criancinhas que acreditam em todas as palavras que tu dizes que eu me apercebi que não acreditava em nada do que estava a dizer e que não podia fazer aquilo. Foi aí que fiz «não», igreja, missa, catequese nunca mais! Como me tinha comprometido ainda fiquei até junho, mas depois disse que não, não me apanham cá mais, só se for a algum funeral que eu tenha mesmo que vir (risos) ou um casamento. Só quando passei isso a alguém é que me apercebi que não acreditava numa palavra daquilo que estava a dizer. Atualmente, não me revejo em nenhuma religião, a única coisa que eu vejo como Deus, Deus é a natureza, uma visão mais celta.

- **Crês que o metal contribuiu para seres quem és hoje em dia?**

Sim, sem dúvida, teve muita influência e continua a ter todos os dias

- **O metal une as pessoas? Qual a tua experiência em relação a isso? (os fãs mantêm o movimento vivo, principalmente quando se tratam de subgéneros menos populares)**

Sim, a música une as pessoas...

Identificação, tem a ver essencialmente com música ou também com certos valores? Há aquela sensação que é do metal, só pode ser boa pessoa? Não, tens mostrar se és boa pessoa ou não; vou na rua e vejo pessoal do metal, já ficas toda contente (como o Ragn refere por exemplo)? Nem sempre porque também há muita gente que se aproxima de ti por seres mais conhecida ou conheceres fulano ou beltrano, nem sempre, mas já fiz isto e já me aconteceu; quando eu vivia em Faro, há alguns anos, pela minha forma de vestir, já cheguei a ser seguida por turistas. Aquela pessoa vai para o sítio que eu quero ir, aí eu percebo a cena de ver alguém do metal na rua; às vezes até ficas contente porque se tiveres numa cidade estranha, vais aproximar-te daquela pessoa e vais perguntar: «onde é que é o tasco do metal cá do sítio?» «Onde são as lojas, onde é o underground, onde posso ir?»; *porque aí identificas-te?* Porque aí identificas-te, *pode ser que tenham a ver contigo...*

- Porquê as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos?

Eu acho que as caveiras estão relacionadas com a aceitação da morte, com a aceitação de que somos todos iguais e mesmo, relacionado com o medo ou não; é uma forma de encarar a morte. *Por outro lado, é também uma forma de chocar, porque a maior parte das pessoas tem medo da morte? Toda a gente tem medo da morte; ser do contra? mas não tem o «mal» associado...* Nós queremos chocar e o que choca a sociedade normal? Uma das coisas que choca mais é confrontá-los com um dos maiores medos que eles têm que é o medo de morrer.

- Tal como no cinema ou na literatura, crês que pode ser um escape para outro mundo? Um mundo de fantasia? Ou uma forma de enfrentar o real?

Não. Os livros para mim são um escape, a literatura, a arte, a pintura sim, a música é uma parte da minha vida, não é um escape, é algo que está sempre ali, como comer, beber, é uma necessidade fisiológica.

- **Ao longo destes anos, nunca deixaste de ouvir metal porquê?** (*Nunca te desligaste completamente deste tipo de música*)

É um estilo de vida, transformou-se num estilo de vida. Eu trabalho para ir a concertos, festivais, comprar música, comprar t-shirts, para manter esse estilo de vida. *Que é onde te sentes bem?* Exatamente, eu não trabalho para ir de férias, para comprar um carro novo, para juntar dinheiro, eu trabalho para gastar em música.

- **O que te faz feliz ao continuar a viver a cena? São as pessoas que conheces? O ambiente?**

Tudo o que tu falaste, o conjunto em geral faz-me sentir bem

- **Continuas a viver a «cena» em grupo ou mais individualmente? Continuas a assistir a concertos (agora escassos), discos, festivais?**

Se não houvesse isto (Covid), fosse aqui fosse no Porto, onde eles venham, depende das bandas, sim; eu já tive o desgosto do mês que foi saber que Barrocelas no próximo ano já está cancelado, tenho receio que Vagos e Laurilus, também venham a ser cancelados, vamos ver como isto volta; mas por exemplo quando eu vivia no Porto, eu ia a concertos todas as semanas, aliás havia fins-de-semana em que tinha dificuldade em escolher a qual deveria de ir.

- **Continuas a vestir-te da mesma maneira no dia-a-dia ou existem compromissos profissionais que te «obrigaram» a mudar de estilo?**

Tenho roupa de escritório, depende daquilo que estou a fazer; neste momento continuo a fazer; quando trabalhei em suporte ao telefone, ia para o trabalho como queria, em cal centres na Alemanha, depois quando mudei de posição, comecei a ter mais atenção com o vestuário de escritório, mas sempre preto, sempre.

- **E em termos de ideologia/ mentalidade, mantiveste o mesmo pensamento que tinhas quando adolescente? O que mudou?**

Eu não me recordo, nem sequer conhecia, quando eu era adolescente o mundo do metal ainda não era o que é hoje, não tinha crescido, quando eu era adolescente, estava o pessoal de Wacken a fazer o primeiro festival e deveriam ser só umas mil pessoas. A coisa tem vindo a crescer ao longo dos anos de uma forma, que é difícil rever isso desse prisma. Eu nunca pensei que fosse tão global e tão grande como é.

- **O panorama do mundo do metal em Portugal e no mundo alterou-se bastante, como vês essas mudanças? Há quem diga que os anos de ouro foram os 80 que a partir daí começou a descambar...**

É como o punk, is not dead, tem sempre músicos ascendentes, aliás os bons músicos têm que ir parar ao sítio onde a música é trabalhada ao seu expoente máximo, que às vezes noutros estilos não se consegue, não está morto, continua e acho que vai continuar, há seguidores, nós temos miúdos a partir da adolescência a chegar e a dar-se com o quarentões e já a saber uma raridade de bandas que eles têm um acesso agora diferente que nós não tínhamos, não havia internet, agora vão encontram tudo e tens miúdos com 18 anos que já conhecem tudo o que levaste 20 ou 30 anos para aprender (risos); *sentem a cena da mesma forma?* Alguma coisa eles têm para virem ali parar a ouvir aquilo, há sempre um chamamento.

Novas gerações, vai continuar? Continua, não vai continuar. Mas sempre mais underground? Continua a ser; *e se calhar queremos que seja?* É uma forma de afirmarmos a diferença. Todas as bandas que chegam à comercialização extrema ficam desamadas, odiadas pelos metaleiros, tudo o que é demasiado comercial perde o interesse. Porque toda a gente ouve e se calhar nem compreendem o que estão a ouvir verdadeiramente, mas se chegar ao ouvido do comercial é porque não são interessantes o suficiente para nós. *Socialização musical?* Elitismo, educação de ouvido que se vai apurando, *aprendizagem, conhecimento que não é da sociedade em geral?* Aliás de quiséssemos ser iguais à sociedade em geral, não eramos diferentes. Não marcávamos a diferença de alguma forma.

Recordo-me que fui uma vez a Vilar de Mouros há uns anos e era Anathema, tudo gótico progressivo, Nightwish e Within Temptation e quando chegou o comboio lá acima, aquilo é também uma aldeia e começa a sair uma mancha negra do combóio, os velhotes lá estação começaram a olhar e disseram: «ena, tanta cangalheiro!» (risos) que é como eles veem a cena e depois ficaram admirados do pessoal vestido de preto não ter destruído a aldeia, não ter feito mal nenhum e ter deixado lá muito dinheiro em bebida.

Se não houver vandalismo, há essa compreensão?

Eu trabalhei em bares muitos anos e criei amor à comunidade metaleira por ver o respeito com que tratam toda a gente, eu enquanto barmaid e dona de uma casa aberta a toda a gente, entra toda a gente, o metaleiro tem um respeito pela casa que frequenta, pelas pessoas que trabalham, pelo sítio em si e são incapazes de fazerem distúrbios lá dentro; há casos? É raro, nos meus bares, isso nunca aconteceu. É triste quando acontece e muito poucas vezes vi isso num festival ou num concerto de metal. Alguém que bebeu demais e virou a boneca ao contrário, mas é muito raro veres cenas de porrada; antigamente... era uma coisa mais de macho, quando tive o meu bar, quando alguém saía fora dos eixos, os outros todos abafavam, levavam para a rua, acalmavam lá fora, mas não deixam nada acontecer na sua casa, a casa onde ouvem música e onde se juntam todos, eles têm um respeito incrível, tanto nos meus bares, como noutros, eu vi isso acontecer, é uma lealdade porque não são todas as casas que dão um sítio para tu ires ouvir a tua música, portanto aquela casa é nossa igreja, é o nosso sítio de culto.

ANEXO 6 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 3: Joel

(realizada a 12 de dezembro de 2020)

Entrevistado 3: Joel

Idade: 48 anos

Sexo: masculino

Naturalidade: angolana (veio para Portugal com 10 anos)

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: 12º ano (ainda frequentou a licenciatura em Engenharia Geográfica); curso profissional de design gráfico (paginação)

Atividade/ ocupação profissional: designer gráfico (também foi proprietário de uma loja de merchandising)

Profissão pai/ mãe: técnico de contas / despachante oficial da alfândega (Luanda)

Localização geográfica: Queluz (grande Lisboa) - urbano

Divisão de Weinstein: faz parte das três dimensões (artistas, audiência, indústria)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

Na altura, já tinha um certo gosto pela música, mesmo quando ainda não tinha descoberto a música mais pesada; aquela música normal que se ouvia nos anos 80, que tinha alguma qualidade naquela altura, já tinha esse gosto e gravava cassetes, havia aquelas músicas que eu estava sempre a ouvir e desde pequeno também porque o meu pai, apesar de ser música diferente (música clássica, brasileira, jazz) e estava habituado a ouvir música em casa, por isso sempre tive esse gosto em ouvir música e ter sempre música na cabeça. O meu pai tinha uma aparelhagem com montes de discos de vinil, apesar de serem coisas completamente diferentes daquelas que oiço hoje em dia, mas ajudou muito a ouvir

música; *aprendizagem musical, de ouvido?* Sim e aquele gosto e ânimo de estar sempre a ouvir música quase constantemente.

Depois, foi um bocado em conjunto com amigos meus, principalmente um vizinho que morava aqui no meu prédio. Houve uma altura em que o hard rock esteve um pouco mais na moda aqui em Portugal e estava nos tops de vendas, os Scorpions, Whitesnake, Bom Jovi, essas bandas ouviam-se num meio mais mainstream e apesar de não ser grande fã de hard rock, naquela altura, aquele estilo mais pesado já despertou algum interesse, tinha 14/ 15 anos. Em 88, comecei a ver os primeiros concertos em Cascais: Iron Maiden, Motörhead, Destruction. Esse meu amigo tínhamos o hábito de andar à procura de ouvir coisas novas e ele tinha um primo que mora aqui relativamente perto e fomos uma vez a casa dele para gravar coisas de Iron Maiden e foi aí principalmente quando estive a ouvir alguns temas, fiquei um bocado deslumbrado com aquilo, deixei logo uma cassete para ele me gravar e foi a partir daí que surgiu o interesse pelo heavy metal mais em geral, foi assim uma coisa, ir gravar umas coisas e ser apanhado de arrasto (risos); já tinha tido contacto com os IM em 84, uma amigo que tinha um single e lembro-me da imagem que chama a atenção, mas na altura passou-me um pouco ao lado, mas dois ou três anos mais tarde, quando fui ouvir foi com outra atenção e foi quando a coisa entrou e daí para a frente foi sempre.

- **O que te atraiu num primeiro momento?**

Na altura, achei a capa interessante, mas mais tarde quando ouvi, nem era com capa porque estávamos a ouvir cassetes e foi a partir da música mesmo e depois comecei à procura dos discos em que as capas também tiveram um papel, ajudaram um bocado, mas Iron Maiden foi assim a primeira banda que me puxou a sério, além de andar a ouvir aquelas coisas de hard rock, Bon Jovi, mas as capas deles não eram por aí além, foi mais a música.

IM: foi a primeira banda, uma cena que nunca tinha encontrado e fez o clique, tanto que deixei logo uma cassete para ele me encher com aquilo, a partir daí foi devorar sem parar.

- **Quais foram as primeiras bandas (subgéneros), os teus primeiros concertos?**

Moras na grande Lx? Queluz, estando na capital tinham acesso privilegiado aos concertos, como foram os teus primeiros concertos, mais pequenos, maiores?

Naquela época não havia muitos concertos do género, quando comecei a ouvir Iron Maiden, quando vi que vinham cá em 1986, foi quando comecei a descobri-los, vi a notícia uns dias depois do concerto ter acontecido, não estava a par... *A informação também não circulava como hoje em dia...* Informação até ia havendo no Blitz, mas não havia ainda as fanzines da cena underground daquele meio mais complexo. Os Iron Maiden, por exemplo, até iam aparecendo nos jornais nacionais e foi aí que eu vi uma noticiazita deles virem cá que já foi depois do concerto e eu até fiquei um bocado frustrado. Depois em 88, vieram cá os Motörhead com Destruction e Girschol e nessa altura, já vinham a Cascais e com o meu vizinho decidimos ir ao concerto, aquela coisa de começar a juntar dinheiro para ir ao concerto e depois estar à espera da data e nesse mesmo ano em setembro, também vieram os Iron Maiden com os Halloween, com 16 anos foram assim os dois primeiros concertos que apanhei, de resto também haviam aqueles concertos de escola, com bandas mais para o punk ou pesadotas... Os mais pequenos já vieram mais tarde.

- **como eram as experiências dos concertos?**

O que eu me lembro mais é do primeiro concerto de Motörhead nos anos 80, a malta que ouvia heavy metal, havia um ambiente muito forte, muito pesado, muita droga pelo meio. Foram os pais desse meu amigo que nos deram boleia e lembro-me que quando chegamos a Cascais, na rua do pavilhão, estava a rua cheia de gente a apareceu um gajo, não sei se estava bêbedo ou outras coisas em cima e subiu para cima do capô do carro, todo torto, nem se conseguia pôr em pé e lembro-me dos pais do meu amigo a perguntarem, «você querem mesmo ficar aqui?» e nós com a pica toda, «claro que sim» e saímos do carro e sentimos que aquele ambiente era um bocado agressivo. Fomos tentar descobrir onde era a fila para entrar para o pavilhão e lá vamos nós os dois sozinhos, eu ainda tinha 15 e ele era um ou dois anos mais novo que eu, estávamos a aproximarmo-nos do grupo que estava à nossa frente para dar a ideia que estávamos com eles (risos), porque estávamos ali os dois sozinhos um bocado assustados, era um bocado agreste, havia rivalidades de alguns bairros e zonas dos arredores de Lisboa, nem se via muita confusão, mas depois dentro do pavilhão havia cenas de porrada; nós fomos logo para as bancadas e por vezes, via-se um gajo a correr e outros a virem ao pontapé nele, cenas um bocado agressivas para quem não estava à espera, não era novo, conhecíamos essas situações aqui da linha de Sintra, mas assim daquela maneira, estar na bancada e ver o pessoal na fila da frente com uma colher a fazer uma sopa, foi um choque um bocado grande, misturado com aquela coisa de estar no concerto, mas quando o concerto começou já não se ligava a mais nada era só o concerto, esse primeiro não sabíamos bem ao que íamos e estávamos os dois sozinhos ali. Até havia malta do Lumiar um rapaz tinha o braço em gesso ao peito e com quem metemos conversa, houve também uns amigos com quem estivemos a conversar, foi assim um choque, também o concerto, uma coisa que uma pessoa nunca tinha visto, no dia a seguir não conseguia mexer o pescoço (risos) por estar o concerto todo a abanar a cabeça *Nível de idades?* Havia aquela malta também mais perto dos 20, 20 e tais, até aos 30 seria a maior parte.

- **O seu dia-a-dia na escola;**

- **se formou um grupo de amigos com as mesmas práticas;**

Um amigo do meu vizinho também gostava e formou-se uma espécie de trio em que andávamos aí a descobrir várias bandas e quando comprávamos discos tínhamos aquela coisa de um comprava um disco e o outro comprava outro para podermos trocar para tentar ter mais variedade, não havia muita oferta, muitas vezes eram importadas pelas lojas e não se encontravam em todo o lado, apesar de aqui num centro comercial havia uma lojinha que tinha algumas coisas de heavy metal, na altura era a Motor, depois abriram no Porto e no Algarve, mas na altura só havia nos Restauradores e era onde havia mais quantidade de discos, cassetes, demos, fanzines, catálogo maior para procurar e descobrir muitas vezes a adivinhar se era bom ou não pela capa, às vezes corria bem, outras não (risos), havia capas horríveis que pensávamos que não eram boas e que hoje em dia descubro que afinal eram boas. *Bimotor: ponto de encontro?* A malta durante a semana tinha aulas e alguns já trabalhavam e era mais ao Sábado e ao fim de semana que íamos à procura a ver se comprávamos discos e era normal encontrar malta que estavam à procura das mesmas coisas, nem era combinado, mas normalmente quando lá se ia havia sempre malta com quem se metia conversa e por vezes perguntar uma opinião, se era bom, se não... *E formavam-se amizades também?* Isso aconteceu porque era aquele ponto

onde havia maior oferta para se ir procurar qualquer coisa e mesmo aquela curiosidade de saber o que se deveria comprar ou não, também criava aquele gosto de partilhar sobre a música de que se gostava, as pessoas estavam ali deixavam-se ficar, às vezes não era intencionalmente mas era normal ficar ali uma tarde na conversa até à hora de ir para casa, as pessoas não tinham pressa de ir para casa porque as pessoas tinham gosto em estar a viver aquilo tudo.

- **de que falavam (música, ideologia, aspirações, mulheres/ homens, pais);**

Normalmente, há sempre alturas em que calha a falar-se de outras coisas como filmes, mas nessas situações era maioritariamente da música porque nós íamos à procura e era o assunto que despertava maior interesse, descobrir bandas e saber de concertos acabava por dominar sempre as conversas, porque havia sempre bandas novas a aparecerem e coisas novas, havia sempre várias coisas a acontecer e havia essa curiosidade de estar a par. *Informação mais no boca a boca?* Nessa altura, lembro que havia pessoas que se conheciam num concerto ou no bairro alto ou numa dessas tardes, havia malta que morava fora da zona de Lisboa, em zonas mais afastadas e trocávamos os números de telefone, fixo que era o que havia na altura, mas havia pessoal que pedia para telefonar a avisar se houvesse um concerto porque eles não tinham tanta informação. Havia flyers que o pessoal arranjava mas muitas vezes não havia nada e então arranjava-se um bocado de papel e escrevia-se para não esquecer porque era importante (risos); havia aquela coisa de ligar a avisar... *E haviam menos concertos, então não se podia perder a oportunidade...* Se havia alguma coisa, era quase uma festa e a malta ia toda para lá em peso.

- **como se vestiam (aspetos ligados à exteriorização da subcultura);**

As t-shirts, não havia uma variedade muito grande, às nem eram de bandas de que se gostava muito. Começaste a vestir-te assim, porquê? Desde que comecei a ouvir a música, uma pessoa começa a comprar os discos e a ver aquela imagem, gosta-se daquela maneira de vestir. Ainda me lembro, antes da música, tudo o que era por exemplo Conan o Bárbaro, as BDSos índios que tinham cabelo comprido, era uma coisa que eu já gostava, não vem só da música, *vem também do cinema, literatura?* Sim, depois a música foi um empurrão, com a música havia aquele interesse maior e depois na escola, havia essa aproximação pela vontade de se querer descobrir mais música, porque haviam esses laços, pensava «se calhar aquele gajo é capaz de saber de coisas que eu não conheço e era natural por aí. E depois quando comesas, o preto nem era muito normal na altura, já é mais dos anos 90, era mais as calças de ganga azuis, t-shirts brancas era muito normal, até umas cores, os Anthrax que andavam com aqueles calções de praia, bermudas cheias de cores, não havia tanto a coisa do preto; nos anos 90, começaram a surgir umas bandas da onda mais obscura e começou a entrar mais na moda o traje preto, é mais dos anos 90, nos 80, não era bem, as camisas de flanela aos quadrados também se usavam, os ténis bota brancos de basket, t-shirts Onslaught brancas; quando comesas a vestir e a deixar crescer o cabelo, comesas a sentir um bocado as reações das pessoas à volta, a maneira como olham para ti, aquela separação na altura, era algo que se notava muito. Uma pessoa saía de casa para ir ter com aqueles amigos que gostavam daquele som, mas depois fora da escola e pessoal que morava em zonas mais abastadas; e aqui num café havia um grupo de amigos fora da escola e na escola, mas já havia um bocado essa função sempre com malta que gostava de ouvir a mesma música; quando se saía de casa, havia pessoal que mandava bocas, porque se deixava crescer o cabelo, a olhar de lado, no comboio a senhora a agarrar na carteira a pensar que vão roubar a carteira, aconteciam um bocado estas

situações e isso fazia com que o pessoal tivesse aquela coisa de se concentrar um bocado mais e estar entre pessoas que se vestiam da mesma maneira, sentias-te mais à vontade. Havia aquela coisa depois do verão quando deixavas crescer o cabelo e voltavas à escola, colegas que já não falavam da mesma maneira, isso também desenvolvia uma aproximação maior não só em relação à música, fazia com que o pessoal se concentrasse um bocado mais, porque estar com pessoas que se vestiam da mesma maneira fazia-nos sentir mais à vontade.

É uma identificação grupal também, não é? Não é só a música em si, mas depois quando se começa a vestir e a ter aquela maneira de estar, também acaba por ser uma reação natural, as pessoas fecharem-se um bocadinho, também pela reação das outras pessoas à volta. *As pessoas não entendiam?* Sim, por exemplo em casa, quando comecei a deixar crescer o cabelo, era aquilo que eu queria, era aquilo que eu gostava e os meus pais diziam «ah deixar estar que depois passa-lhe», havia guerra aqui em casa, havia alturas em que a minha mãe dizia para eu ir cortar o cabelo ou quando ia com ela a qualquer lado, sentia as pessoas à volta a olhar, aqui em Portugal havia muito isso. Era uma luta, até com as t-shirts, às vezes aquelas t-shirts com umas imagens mais fortes, era uma guerra para poder usá-las porque a guerra começava em casa, não era só na rua, era uma luta que se tinha que ir fazendo aos poucos até chegar uma altura, ao fim de não sei quantos anos, as pessoas já tinham aceite que aquilo era assim e que não ia voltar atrás, em casa havia logo ali um choque porque as pessoas achavam que aquilo não era maneira de estar, o normal era ter cabelo curtinho e vestir a roupinha como toda a gente e depois quando vais trabalhar o fato e gravata. O facto dos meus pais não serem umas pessoas muito fechadas também ajudou muito, mas sente-se um bocado isso a começar pela própria família, há sempre aquele choque de ideias. *Esta exteriorização era inspirada nos artistas e era uma forma de se identificarem?* Ouvíamos aquela música e olhávamos para as capas e também queríamos ser assim, mas não era só os artistas, os amigos também se vestiam assim e era aquela coisa de estar de acordo (risos)

Statement, afirmação pessoal, não querer ser igual aos outros? A rebeldia ligada à cena do metal? Há essa rebeldia também, mas o pessoal também era rebelde por ser rebelde e a música rock em geral e o metal também teve sempre algo de contestação e crítica social e isso também faz surgir a ideia de que não queres fazer parte da manada, que queres ser diferente do normal. Havia uma moda qualquer que surgia e toda a gente andava com os mesmos sapatos, por exemplo ou a mesma camisola e não seguir esse carneirismo todo, era uma forma de marcar um bocado a diferença, de dizer «eu não sou como aquelas pessoas» e de crítica também através da letra das músicas, o grind core e o mesmo o thrash metal também tinha muita crítica. Mesmo os IM, apesar daquelas coisas mais épicas e históricas também tem sempre um toque de crítica em relação a algumas coisas, surge essa vontade de marcar a diferença em relação a isso.

E com 15, 16 anos, já tinham essa noção do que estaria mal na sociedade e do que gostariam de alterar? Nessa altura, comesas a ter essa noção, o que acaba por ajudar um bocado a seguir uma certa maneira de estar, exatamente quando comesas a ter a perceção dessas coisas todas, de políticas e o que está bem e o que está mal, uma noção e às vezes também desperta aqueles ativismos, nós naqueles encontros na Motor, muitas vezes essas conversas acabavam por acontecer apesar da música ser o interesse maior, normalmente o pessoal queria era falar de música e descobrir coisas novas, mas era normal debaterem-se certas coisas, na altura havia as manifestações em relação às propinas, também entras em coisas de contestação, como quando foi da PGA, vais vendo a participação em certas coisas porque acho que a própria música também desperta esse interesse e acho que

também ajuda a puxar pela música, são as duas coisas juntas. *A música também te ajuda a perceber certas coisas que talvez não percebesses se não ouvisses este tipo de música?* Sim, nessa altura principalmente em que haviam as letras que falavam de coisas mais reais e sociais; hoje em dia a música é um bocadinho sobre coisas mais fantasiosas, mas naquela altura era muito normal haver aquela componente mais crítica e mais activista nalgumas coisas.

• **As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual ou sentia-se uma diferença? Tinhas amigas do metal: mulheres que iam convosco aos concertos e aos bares? Havia algum tipo de estigma? Se sim, como explicas isso?**

Na zona de Lisboa haveria mais mulheres, há muita crítica do metal ser sexista, machista, objetificar as mulheres no hard rock, heavy metal... Qual a tua opinião em relação a isso? Não havia tantas mulheres como há hoje em dia nos concertos, a maior parte eram rapazes, não havia tantas mulheres nos concertos, que também eram mais violentos, o que era capaz de influenciar um bocado, também tinham um bocado mais de dificuldade para sair, por causa dos pais, da família.

A rapariga era aquela que segurava no casaco do namorado (como diz a socióloga ...). Aí da experiência que apanhei, pelos menos nos arredores de Lisboa, não eram muitas, mas as que havia falavam connosco normalmente; quando estávamos numa mesa com malta conhecida, qualquer rapariga sentava-se ali com a malta, completamente à vontade. *Eram tratadas de igual para igual?* Sim, no Jingão, no Lusitano, sempre achei isso [tratadas de igual para igual] da minha parte e em relação às pessoas com quem eu me dava mais, nunca houve aquela coisa de por ser mulher ter um tratamento diferente, era só não serem tantas, mas de resto estavam tão à vontade como nós. Também quando combinávamos ir a qualquer lado, se viesse uma rapariga connosco não havia qualquer discriminação nesse aspeto, pelo menos da experiência que eu tenho. Em relação às músicas e às capas, por exemplo, Manowar tem essa parte mais sexista se calhar. Quando comesas a ir para o Bairro Alto comesas a conhecer pessoas de outras zonas, a malta concentrava-se no Jingão, no Lusitano, eram os sítios onde a malta de se encontrava, vinham da margem sul, de Odivelas, Loures, linha de Sintra de Cascais e as raparigas naquela altura muitas delas tinham fanzines; não era tão normal ver raparigas em bandas, havia uma ou outra, porque também eram menos lá está, mas na parte de organizações ou managers de bandas, havia várias raparigas bastante ativas nessas coisas, não estavam envolvidas tanto. O primeiro concerto no ?? eram duas raparigas que estavam envolvidas na organização, nesse aspeto havia um pé de igualdade em tudo o que havia ali à volta.

- Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

Bandas favoritas desde Iron Maiden, Motörhead, são aquelas que ficam sempre marcadas e hoje em dia são das minhas bandas preferidas; mas os estilos vão surgindo e vão evoluindo e às vezes uma coisa que soa um bocadinho diferente dá um certo interesse, apareceu aquela onda do thrash metal principalmente da Bay Area, os Exodus, os Testament, houve uma altura em que eu ouvia muito bandas desse género, Overkill de NY, Megadeth também das minhas bandas de eleição. Mais tarde, à medida que fui ouvindo estilos mais pesados, que era o que me despertava também mais interesse, inicialmente o death metal quando apareceu gostei bastante, mas depois há montes de

bandas a fazerem quase a mesma coisa e soam todas um bocado ao mesmo, os estúdios e os produtores são os mesmos e chega uma altura em que soa quase tudo muito igual, depois apanhei um enjoio grande, apanhei depois aquela onda do doom death: Paradise Lost, My Dying Bride, aquele death metal um bocado mais arrastado com violinos que faziam a diferença porque eram coisas que não estavas à espera de ouvir, entrei um bocado por essa onda e também At the Gates, Dark Tranquillity, quando começou a surgir aquele death metal melódico da Suécia, foi uma coisa que eu também comecei a ouvir muito e depois comesas a perceber que aquilo apesar de ser mais melódico, não deixa de ser death metal; depois passou-me o enjoio da altura, comecei a ouvir os álbuns que tinha deixado de ouvir e voltei a gostar e voltei a acompanhar bandas que já não ouvia e que ainda oiço. O death metal para mim, mesmo com estas fases diferentes, é o meu estilo de eleição, mas também oiço bandas de heavy metal Iron Maiden, Judas Priest, WASP, também são dos meus álbuns favoritos de sempre, dentro do thrash metal, também tem coisas, como os Testament ainda hoje em dia que oiço com bastante gosto e gosto de acompanhar. Desde coisas mais leves a mais pesadas, não tenho aquela banda favorita, tenho sempre meia dúzia delas. *Há pessoas que dizem que depende um bocado do estado de espírito...* não há muita necessidade [de fugir do metal], porque há bandas que fogem àquele metal normal e mais agressivo, há sempre bandas que têm uma onda mais ambiental ou álbuns, pode haver uma banda que tem um álbum um pouco diferente do normal e pode-se ouvir consoante o estado de espírito, pode-se ouvir desde um grind core do Napalm Death, aquela brutalidade que sempre tiveram e contestatária e depois ouvir um My Dying Bride mais melódica, é daquelas bandas que posso ouvir dias a fio. Géneros fora do metal, ouves? Não há aquela necessidade, porque acabo por encontrar dentro do metal consoante o estado de espírito como dizias, mas Mão Morta por exemplo, bandas portuguesas na onda do punk ou mais hard core, dentro do rock mais alternativo, gosto muito daquela onda de bandas sonoras de filmes como da Guerra das Estrelas ou do Senhor dos Anéis, Drácula, que também gosto de ouvir de vez em quando... *Géneros completamente diferentes como Jazz ou música clássica não?* Não, não que se tiver a passar não deixe estar, mas não vou procurar para ouvir

- Como é ou o quê que a música te faz sentir? Subgéneros, bandas favoritas vs emoções (tentar confirmar/refutar a teoria do Berger e de estudos científicos que servirá para canalizar sentimentos de raiva, angústia, depressivos)

As pessoas são diferentes, uma pessoa pode ouvir a mesma banda, a mesma música e ouvir aquilo de formas diferentes. Parte um bocadinho de cada um, para mim às vezes com o trabalho, o cansaço, é uma forma de desanuviar. Para mim, esse estilo mais agressivo, é aquele que me apetece ouvir porque dá-me, em vez de ouvir música calma para acalmar não, é ouvir música acelerada para descomprimir, deitar cá para fora certas coisas, descarregar.

- Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Tens ou tiveste ma banda? Se é ou foi músico (profissional, não profissional)

No início dos anos 90, tive uma banda: os Necroterium, desafiaram-me para fazer uma banda quando comprei uma guitarra, ainda nem sabia tocar praticamente, um amigo que fazia parte daquele grupo de amigos da secundária. *E aprendeste a tocar sozinho, tiveste aulas?* O pessoal amigo que já tocava noutras bandas com quem eu combinava até foi o guitarrista dos Sacred Sin no início, ele é que me dizia quando eu comprei a guitarra, se quiseres aparece lá em casa e eu pegava num amplificador pequeno e na guitarra e ele

ensinava-me umas escalas; foi mais com essa primeira banda [Necroterium] que a coisa foi desenvolvendo em conjunto com outras pessoas, era para ser guitarrista, mas entretanto o rapaz que era para ser vocalista nunca aparecia e acabei eu por fazer a voz e passei para o baixo, mas como queria ser guitarrista, mas como pensava que o baixo era mais fácil de tocar passei para baixo para conjugar com as vozes e foi por aí que a coisa foi evoluindo; começou sem um estilo bem definido, uma espécie de speed thrash metal, com vozes mais para o death metal que era o que eu gostava mas depois chegou a um ponto em que eu já estava com a direção musical daquilo que queria fazer; quando achei que não estava a ir a lado nenhum, saí e comecei a fazer os Theriomorphic, comecei a falar com pessoas para fazermos coisas de músicas anteriores, partes de letras que também já tinha. Só tivemos um local de ensaios em 98/99 foi quando começámos a ensaiar mais a sério e começámos a dar os primeiros concertos. Para mim foi continuar as ideias que já tinha antes, já tinha uma ideia definida; na minha maneira de ver o death metal não tenho essas restrições [de sair muito do género, neste caso death metal], podemos pôr um riff a puxar mais para o heavy metal ou para o thrash, mesmo dentro do death metal vamos buscar elementos dos vários subgéneros, vertentes, mais agressivo e mais melódico. *E Theriomorphic até hoje?* Sim, apesar das obrigações que se tem hoje em dia, trabalho, família, tem de se conjugar de outra maneira, há alguns dias em que se calhar estou com um bocadinho menos de paciência, motivação, mas depois volta a vontade e até hoje. *Em termos profissionais, também tens uma loja?* Já tive uma loja em Lisboa e depois outra com um sócio com sala de ensaios em baixo, de merchandising, ligada ao metal. *Em termos profissionais, os teus trabalhos sempre estiveram ligados à música?* Nem sempre, em finais do ano passado, comecei a trabalhar em design gráfico, paginação de revistas há uns anos e entretanto comecei com uma marca que eu criei a Metalwear e a Little Headbanger mais para crianças, [ver perfil de Facebook]; o metal nunca deixou de fazer parte da tua vida? Não, mesmo se a loja também tivesse coisas ligadas à música alternativa em geral, não só metal.

• **Achas que o metal te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa?**

Acho que sim, desde aquela fase inicial, pela maneira de estar, é uma coisa que começa a fazer parte de ti; depende das pessoas, há pessoas que se fartam e vão para outras coisas completamente diferentes; no meu caso, foi sempre aquilo que gostava e não tive hipótese, porque nem conseguia, acho que já está tão entranhado que mesmo inconscientemente, não sai.

• **Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes?**

Ter uma atitude mais crítica e mais contestatária em relação a certas coisas, desde o início, um bocado aquela coisa de não ir atrás do dito normal, uma pessoa olha em volta o quê que as pessoas fazem; por exemplo, nos festivais de música como os Alive e essas coisas e há muitas pessoas que se queixam que querem ver um concerto e não conseguem estar a apreciar porque há montes de gente que vai para o festival só para estar a conversar e nem deixam ouvir a música, vão lá só para porem fotografias e receberem os brindes das empresas; não vão pela música, vão só para dizerem que estiveram lá, para porem fotos e mostrarem aos amigos e é um bocado o não ser assim, o olhar um bocado crítico para certas coisas; nunca entrei tanto mas ao início, há muita malta que deixou de comer carne,

uma propensão mais ativista em relação aos direitos dos animais, por exemplo os Carcass ou outras bandas que podiam ter imagens sanguinárias, mas depois eram vegetarianos e com essas preocupações ambientais até. Hoje em dia também, há muitas bandas ligadas à defesa ambiental; é um bocado não ir atrás de tudo, lembro-me das manifestações por exemplo, ou das greves por causa dos direitos no trabalho e há muita gente que acha que fazer greve não interessa ou que chateia e como o mundo vai ficando hoje em dia, em que as pessoas já nem sabem bem o que as coisas importam e faz diferença haver essa luta pelos direitos que temos para não os deixarmos desaparecer assim sem mais nem menos. Claro que hoje em dia com a família, tens outras preocupações... [Tem dois filhos rapazes]

• **O metal une as pessoas? Qual a tua experiência em relação a isso? (os fãs mantêm o movimento vivo, principalmente quando se tratam de subgéneros menos populares)**

Acho que sim, nessa altura era o elo de ligação, tanto na escola com gente que gostava de metal e fora na escola aos fins de semana essas ligações todas. Um exemplo, fui a um concerto em 92 e quando estávamos à espera do comboio para voltar para Lisboa, conheci pessoas e ainda hoje em dia até para ir a um concerto pedimos boleia uns aos outros, a caveira foi desenhada por ele («N») da minha marca; ao longo dos anos vão-se mantendo com mais ou menos proximidade, tenho amigos de muitos anos que vêm daí.

• **Existe aquela sensação de que «é do metal só pode ser boa pessoa?», que faz parte da família?**

É um bocado geral, há idiotas em todo o lado (risos), não é uma regra, mas no geral, a maioria das pessoas uma pessoa vai aos concertos e conhece as pessoas e também amizades novas; nos anos 80, havia pessoal mais avariado da cabeça, uns já nem cá estão exatamente por essas avarias- *muitas histórias ligadas às drogas também?* Exatamente; eu comecei a frequentar o Bairro Alto um bocado tarde porque o pessoal que lá ia era um bocado avariado da cabeça, com as drogas, porrada, a andar a roubar pessoas, comecei a ir mais tarde com pessoal mais calmo íamos para nos divertirmos e não andar nisso. Tudo boa gente, nessa altura, não era bem assim, havia muita coisa que eu não fazia como algumas pessoas; mesmo aqui em Queluz, num café, onde às vezes íamos, um rapaz levou um tiro numa perna, havia pessoal avariado na cabeça; naquela época não era bem assim; *vês essas coisas a acontecerem hoje em dia a acontecerem?* Hoje em dia, se calhar essa frase já se aplica mais, embora também se apanhe às vezes aqueles cromos, pessoas que não têm nada na cabeça e com as quais não vale a pena grandes amizades, mas no geral em relação às pessoas que vou conhecendo ao longo dos anos, pelo menos aqueles que foram ficando e continuaram a acompanhar a música com gosto – *a idade também influencia, a adolescência-* há muita gente que são também diferentes do que eram quando tinham menos 10 ou 20 anos, mas não é nenhum certificado de que as pessoas são boas ou não, mas no geral. *Se vires alguém na rua com uma t-shirt com uma banda da qual gostas muito, se calhar há um olhar, se calhar até se falam?* Antigamente havia muito isso, hoje em dia, há mais gente e é mais normal ver pessoas, andares na rua, nas compras, mas nos anos 90, não era tão habitual. Quando vias alguém, metias conversa ou acenava-se, era uma coisa que acontecia muito mais do que acontece hoje em dia. Há tanta gente que às vezes até é normal dizer-se um olá, mas muitas vezes nem isso, porque já se banalizou um bocadinho.

- Porquê o cabelo comprido, as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos? Vamos buscar aquilo que a sociedade mais odeia para chocar?

É capaz de ter um bocado a ver com isso. Aquela imagem começa também pelas capas dos discos, pelo menos da parte das bandas vem daí. Eu, no meu caso, nós estamos numa sociedade marcada pelos valores católicos, a religião católica é dominante, tens nomes de escolas e hospitais com nomes de santos, um bocado antes da música começar a entrar, já não acreditava em religiões nem coisas do género; a forma como a religião manipula as pessoas e condiciona muita coisa e aqui a música também contribui, o anticristianismo, anti religião, não com a cena de rituais ou missas negras, mas ser um bocado contra, manter a diferença em relação a essas coisas, pelo menos a religião, acho que é daquelas coisas é uma das grandes doenças a nível mundial e se desaparecesse, acho que muitas coisas melhoravam a nível global ; das minhas bandas nem sou muito de usar pentagramas, sou mais das caveiras, os símbolos para provocar não uso muito, pode acontecer se gosto muito de uma banda, mas também para trabalhar, tenho a preocupação de não levar aquelas t-shirts mais violentas, que poderiam chocar mais, também pelo respeito pelos colegas. tem a ver com o facto da malta gostar de banda desenhada, filmes de terror, acaba por estar ligado à música, essa imagem toda ligada à música também passa por gostar de filmes de zombies, de demónios, então essa estética toda vem um bocado por arrasto dos outros gostos, quando se gosta de cinema, se vais a ver a malta dentro do metal em termos de cinema também gosta assim de filmes do horror, das caveiras. Para mim, a cena da caveira, no logotipo de Theriomorphic, aparece metade de uma caveira; quando vês uma caveira, não vês cor da pele, não vês sexo, não vês o que por está fora da pessoa, por um lado essa coisa de toda a gente ter essa cara interior igual e por outro, essa coisa da religião que tem uma obsessão com a morte, tudo o que tem a ver com morte é uma coisa horrível e acho que se as pessoas vivessem um bocadinho mais com a ideia da morte que é uma coisa natural e que mais cedo ou mais tarde vai acontecer, queiras ou não. Aquela coisa do morrer, ir para o céu ou ir para o inferno, aceitar a morte que é uma coisa natural e que vai acontecer e a caveira é um bocado o simbolismo de uma coisa de que ninguém vai fugir e que toda a gente no interior é assim, não é tanto para chocar alguém, mas para lembrar às pessoas que a morte existe. *E que somos todos iguais?* Exactamente, pelo menos para mim sim, por isso uso como logotipo da banda, em termos gerais, acho que é a ideia que prevalece; hoje em dia muita gente usa caveiras que não têm nada a ver com metal de forma normalíssima.

Roubaram-nos aquilo que fazia de nós rebeldes? As tatuagens, os cabelos compridos, hoje em dia já bastante «normal» o capitalismo absorve o que não lhe convém, transformando-o e integrando-o? A Internet também ajuda, em termos de bandas ou concertos, nós tínhamos que pedir a alguém para avisar quando havia um concerto, hoje em dia, a informação está acessível a todos, mesmo em termos de concertos; antes quando havia um concerto, toda a gente ia, até fazia confusão não ir.... Adolescentes vivem a cena da mesma forma? As coisas hoje estão mais fáceis, para descobrir bandas basta ir ao Youtube, enquanto que antigamente tinha que procurar, falar com pessoas, escavar até chegar a elas; por isso não lhe dão tanta importância? Exatamente, era isso que eu ia dizer, não haver esse esforço, esse trabalho para chegar às coisas, acabam por ser mais banais, uma pessoa acaba por não ter tanto interesse. Nós tínhamos aquela coisa de ouvir um álbum de rajada e hoje em dia há muitas bandas que lançam singles, já não há aquela preocupação de trabalhar para fazer um álbum para gravar e lançar, faz-se música em

casa; antes havia aquela coisa religiosa de ensaiar e trabalhar juntos e hoje em dia, estás em casa, gravas para o computador, mandas para os outros, podes ter projectos com gente de várias partes do mundo; é tão fácil fazer as coisas, que tu próprio não tens aquela paixão por algumas coisas, que ouves e desligas. Para quem já ouve há mais anos, acho que ainda está um bocado aquela coisa que está entranhada e aquela ligação, a militância que também se foi desenvolvendo. Chegas a um ponto em que aquilo está tão dentro de ti que já nem pensas em fazer as coisas de outra maneira, nem vestires-te de outra maneira, nem cortar o cabelo. A malta hoje em dia acho que é tudo mais volátil, também há muitos que começaram a entrar e a fazer bandas e foram vingando, mas em termos gerais, havia uma identificação maior com a música e lá está podem dizer uma pessoa para gostar de heavy metal não precisa de ter o cabelo comprido, mas o ter cabelo comprido e passar por muita coisa que passámos há uns anos, em 90/ 91, fui a Londres com os meus pais e uma coisa que eu notei, estás a andar na rua que ninguém olha para ti, chegas a Portugal, saís no aeroporto e entras numa sala com gente e vês logo gente a virar a cabeça; sente-se a diferença de um país para o outro; havia polícias com cabelo comprido e brinco na orelha o que em Portugal era impensável; quem passou por isso tudo, acho que também desenvolve uma paixão um bocado diferente; a malta que veste sempre roupa aos outros todos e que não sente essa discriminação, acho que não consegue ter uma ligação tão grande como as pessoas que levam a coisa mais a fundo e que sentiram aquilo na pele de outra maneira. Não é o cabelo comprido que faz gostar mais ou menos, mas a própria ligação à música vem um bocado por aí; aquela malta que ouvia as mesmas bandas que eu naquela altura, mas que nunca teve aquela coisa de vestir, de ter aquela imagem mais associada à música, se calhar muitos deles hoje em dia já não ouvem nada e desligaram-se das coisas. *Mas não tem de ser? É verdade que está ligado, mas se aparecer uma pessoa vestida de outra forma; se fosse a concerto de black metal vestida de cor de rosa, como era? Há discriminação da parte do pessoal do metal?* (risos) A Juke Box e o Limbo, havia isso que pessoal queria entrar e ficavam escandalizados por não os deixarem entrar por terem uma t-shirt azul normal, é uma certa discriminação, mas explica-se porque é assim, naquela época, é um bocado evitar que pessoas que não fazem parte daquele meio e entram e começam a gozar com as pessoas e a criar mau ambiente. É um bocado porque as pessoas que vêm de fora também não conseguem ter respeito por pessoas com gostos diferentes e têm que estar ali a gozar. Nas Docas, se quisessem entrar também não os deixariam entrar se não estivessem vestidos de acordo, a mim também não me deixariam entrar vestido de preto e com cabelo comprido. *Não deixar entrar porque esta pessoa não vai compreender e acaba por gerar conflito?* Quando as pessoas começam a ficar mais alteradas, com os copos, começam a meter, nomeadamente com as raparigas e a forma de vestir ou tentativas de engate e às tantas podiam surgir situações complicadas. Havia mais essa situação na cena gótica, porque a roupa é mais elaborada; no caso do jingão ou de outros sítios mais metal não era bem assim.

No metal a aparência não tem tanta importância? Cesário quando começou a ouvir não tinha a imagem, há maior aceitação quando as pessoas vêm com honestidade e simplicidade e têm amor à cena, há maior aceitação no metal?

Maneira diferente de vestir do dia-a-dia (pessoal gótico), mas no metal a roupa com que trabalho ou vou sair para o bairro é a mesma, não há uma indumentária especial. No trabalho, algumas vezes é um bocado para mostrar dia-a-dia, é vestido à betinho e depois quando vai a um concerto, vai vestido trajado a rigor, é diferente de quem se veste assim por norma; Eu só tenho aquilo para vestir, não tenho camisinha ou gravata.

- O que significa vestires-te dessa forma? Que tipo de adereços utilizas? O que significam?

- **o que te faz feliz ao continuar a viver o metal?**

Primeiro, a paixão que vem da própria música, quando estou a trabalhar ou outras situações em que não estou em casa, estou sempre mentalmente, estou a cantarolas coisas de álbuns de bandas ou coisas que gostava e usar para a minha banda e depois esqueço (risos); a cabeça está sempre a pensar em música, é como o sangue que corre nas veias, como o ar que estás a respirar, já faz parte do organismo. Querendo ou não, vais dormir, estás a tentar adormecer e estás a ouvir música, acordas a ouvir música; já desde o início foi um bocado assim; a não ser que um dia qualquer me farte e não me apeteça ouvir nada, o que acho impossível acontecer, é daquelas coisas que vai sempre ficando.

Costumas levar os miúdos aos concertos? Sim o de sete anos já passou um fim-de-semana connosco em Vagos, o outro ainda é muito pequeno só tem dois anos e já penso em levá-lo onde possa entrar, há salas em que se pode entrar a partir dos 6 anos. Eles ficam a brincar uns com os outros e os pais ficam a ver os concertos. Vai ter aulas de bateria, para a coordenação é bom e também a ver se cria gosto, mas não andamos a impingir nada; quando ouvem coisas mais barulhentas, andam aos saltos todos contentes.

ANEXO 7 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 4: Rui

(realizada a 27 de abril de 2021)

Entrevistado 4: Rui

Idade: 48 anos

Sexo: masculino

Naturalidade: portuguesa

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: 9ºano

Atividade profissional: técnico de eletrónica e faz parte da Assembleia Municipal de Albufeira

Profissão pai/ mãe: proprietário de café; bar/doméstica

Localização geográfica: Paderne (meio rural) Algarve/ Sul

Divisão de Weinstein: faz parte de duas dimensões (artistas, audiência)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

O primeiro contacto que tive foi através de um amigo meu, que me emprestou e gravou uma cassette com Celtic Frost, Sodom e WASP; foi o primeiro contacto que tive em '85. Éramos colegas de infância, conhecíamos-nos desde os três anos; eu vivi em Vale Cerros Ferreiras, nunca vivi noutra sítio sem ser no concelho de Albufeira. O amigo arranhou a cassette através de outros amigos, porque ele era o único que estudava fora do concelho, em Loulé e foi aí que ele teve o contacto com os sons mais pesados e trouxe para nós.

- **O que te atraiu num primeiro momento?**

Gravaram-me a cassette; ouvias o quê antes? O que passava na rádio, não tinha aquele gosto pela música que se ganha depois, ouvia por ouvir, ouvia também algumas coisas que o meu pai tinha em casa já relacionada com rock, ele tinha uma coletânea que tinha Ramones, *o teu pai já ouvia um género um pouco diferente o que não era comum no Algarve...* O meu pai ouvia, mas era porque tinha um restaurante com bar, comprava para passar no bar porque era o que as pessoas gostavam, não era por ele gostar; já tinha contacto então através dessa situação, quando deixavam de passar no bar os discos voltavam para casa e eu ouvia em casa [mostra um desses discos- Happy Rock].

A partir do momento em que ouviste essa cassete com Celtic Frost, Slayer e WASP, foi diferente?... Sim, foi amor à primeira audição (risos), deu o clique mesmo. Quando ouvi Celtic Frost, pensei é isto! A maior parte do pessoal que conheci curiosamente foi com Iron Maiden. Eu comecei com sons mais pesados e até Iron Maiden só me despertou interesse já nos anos 90 porque a primeira vez que ouvi foi também em 85/ 86, e não deu o clique até me lembro de dizer para um amigo na altura, «isto é música para meninas». A partir daí de CF o que comecei a ouvir foi Sdom, Destruction, Kreator, o thrash europeu

- **O que te atraiu num primeiro momento?**

Foi o som, a atmosfera, Celtic Frost tem um atmosfera obscura, porque aqueles teclados davam aquele som mais negro, mais escuro e pesado e isso atraiu-me.

- **Quais foram as primeiras bandas (subgêneros)- então podemos dizer que as tuas primeiras bandas foram CF, Sodom, Destruction, Kreator, WASP, mas aquele meu amigo começou a fazer desportos radicais skate, BMX e foi com ele que comecei a ouvir sons mais lentos hard core, mas que era mais pesado que o hard core de agora. Tinha aquele som a puxar mais para o heavy Gorila Biscuits. Comecei a ouvir a partir dos 12 anos aquela cassete.**

- Como era viver o metal nessa altura e nas Ferreiras que é um sítio pequenino? (referindo zona onde passou a adolescência) era um bocado complicado pq não era bem aceite, nem pelo meu pai, nem pelos vizinhos; cheguei a ter pais de amigos meus que os proibiram de se dar comigo por eu ouvir heavy metal e ter o cabelo mais comprido; havia aquele estigma do gandulo, do drogado... Comecei logo a deixar crescer o cabelo a partir dos 13, 14 anos; *e começaste também a vestir, a comprar merchandising, t-shirts, a vestir-te de preto?* Nessa altura era complicado, nós fabricávamos a nossa própria vestimenta porque meados dos anos 80, eram tempos difíceis, ainda na recuperação do pós 25 de Abril, ainda havia muita pobreza naquela altura, eu por acaso nunca passei por dificuldades, mas não havia dinheiro para comprar discos ou roupa, então nós fabricávamos, por exemplo com um blusão de ganga, cortávamos, as nossas t-shirts, fazíamos nós a nossa indumentária, com o nome e os desenhos das bandas, lembro de recortar os logotipos em cartão e usar lixívia para queimar a roupa com os logotipos das bandas. Até para comprar cassetes para gravar, na altura, o dinheiro que eu levava para a escola era 20 escudos por dia, e uma cassete custava 100 escudos, o que acontecia era que quando queria comprar uma cassete, passava a semana sem comer; passei muitos dias sem almoçar. *Isso é que é amor à música!...* Nessa altura, todos fazíamos isso, pq se fôssemos pedir dinheiro para cassetes, os pais não davam então a diária para o almoço era posta no bolso, não se gastava para comprar cassetes (risos).

- **O seu dia-a-dia na escola;**

- **se formou um grupo de amigos com as mesmas práticas;**

Havia um grupo de quatro ou cinco que ouviam metal, não mais que isso, era o grupo dos «inadaptados», postos de lado pelos outros todos.

- **de que falavam (música, ideologia, aspirações, mulheres/ homens, pais)- sentiam-se diferentes porquê?**

Sentíamos-nos diferentes porque éramos discriminados, só pelo facto de ouvirmos sons mais pesados que era conotado com os drogados e na cabeça das pessoas, quem ouvia som pesado era drogado, mesmo entre os mais jovens na escola.

- **as saídas à noite, se existiam ligações ao álcool e às drogas; histórias que queiram contar;**

Nessa altura, em meados dos anos 80, não havia nada para sairmos, só finais anos 80 e princípios anos 90 é que se começou a ter mais liberdade para sair; *juntavam-se em casa?* Sim, nas casas uns dos outros; *meados anos 90 foste aos grandes concertos a Lisboa?* Não, era impossível, em termos económicos era muito complicado, se para comprar uma cassete tinhas que passar 5 dias sem comer... (risos), o mais longe que nós íamos e mesmo assim sem os pais saberem era ir à Bimotor a Portimão para comprar discos e era muito bem escolhido aquilo que se ia comprar; íamos quatro ou cinco de comboio sem os pais saberem (só muito recentemente é que a minha mãe soube dessa história- risos) e eram daqueles discos que passavam para todos, «olha eu compro este tu compras aquele e gravamos para cassetes». *Mesmo fenómeno que em Lisboa?* Sim, era semelhante, muitos dos discos eram comprados pelas capas porque não havia informação nenhuma nem maneira de ouvir antes de comprar porque muitos discos vinha só uma cópia e eles não iriam estar a abrir um disco para ouvir porque era para vender. 17/ 18 anos comecei a sair com restrições, não é como hoje, 19/20 onde iam? Juntávamos em grupos e íamos para um bar, onde os nossos amigos iam e estávamos na esplanada a falar de música e das nossas coisas; passavam as músicas que estavam nos tops como os Scorpions, os Europe, também fui ao Eddie's Bar muitas vezes quando já tínhamos transporte, conheci todos os membros dos Iron Maiden, menos o Bruce Dickinson.

- **os teus primeiros concertos?**

Eram concertos de bandas underground, os primeiros concertos que eu vi aqui foi em Silves com Bowlrot (primeira banda dos In the Umbra- banda algarvia) em escolas, bares, o Inox em que havia concertos, depois mais tarde o Indians. O primeiro grande foi aquele em Faro com Ratos do Porão, Exploited, Hate Over Grown foi o primeiro festival a que fui- Super Bock Super Rock; não foste aos concertos de Motohead, no dramático fui ver Manowar, já nos 90, Fui a Metallica em 93 com Suicidal e The Cult. Ia tb a Almada às feiras do metal, onde haviam sempre concertos. Conheci o Gunter *Havia uma grande proximidade entre público e músicos?* Existia, só em relação aos grandes é que acontecia e felizmente acho que isso está a voltar agora novamente, a mania do rock star vai-se perdendo os fãs interagem com os músicos, antes ou depois dos concertos vêm ter com o público para falar com o pessoal. *Depende também do género ou das pessoas em si? Essa coisa do rock star...* Posso dizer que estivemos quase duas horas a falar com membros dos Venom Inc, antes do concerto, o Mantas foi acordar o outro para vir falar connosco sem manias nenhuma e até agradeceram o interesse e por termos estado ali a falar com eles- isso é que é bonito- e é o que eles dizem; e eles dizem nós é que agradecemos pq temos a vida que temos graças a vocês. *Somos nós que mantivemos o movimento vivo ao longo destes anos todos...*

- **como eram as experiências dos concertos ?** Ouvir ao vivo, quem estava habituado a ouvir em cassete, vê-los. Eu nunca fui de idolatrar nem bandas nem pessoas, sempre os encarei como pessoas normais; são músicos como poderiam ser pedreiro, eletricitas, são pessoas como nós; não é por serem conhecidos que deixam de ser pessoas normais. *Exteriorizar o amor pela música é comprar o merchandising, usar as t-shirts,*

mas não quer dizer que seja idolatração como fala a Deena Weinstein em relação «metal gods»... Por exemplo eu já estive com muitos músicos famosos e nem tirei uma foto como eles.

• **Sentias-te marginalizado quando andavas na rua? Olhado de lado? O que pensavas disso?** se se sentiam marginalizados ou não (se queriam/ gostavam de sentir-se «outsiders» ou se isso lhes era imposto ou não), como eram vistos pela família, pelos pais, pela sociedade em geral- histórias que queiram contar (crítica social/ cultural em relação ao movimento)

A minha mãe levou sempre na boa, o meu pai ao início custou-lhe mais a aceitar porque eram os seus próprios amigos que comentavam «ai o teu filho tem cabelo comprido», mas depois acabou por aceitar, ele dizia: «isso é passageiro, é coisa de adolescente». *A verdade nessa altura existia a ligação ao álcool e às drogas sempre existiram, queres contar algumas histórias, há pessoas que me contam coisas pesadíssimas que se passavam nos concertos nessa época...* Pessoal a fumar charros de erva e haxixe havia, mas drogas mais pesadas por incrível que pareça nem foi em bandas de metal, nem pessoal de metal, pessoal mais do hard core e do punk.

Encomendavas t-shirts? Botas da tropa, dou o meu exemplo... Achas que é porque vemos isso nos videoclips, avançando no tempo que influências tiveste, que programas ouvias?

Eu tive sorte em relação ao resto do pessoal porque eu comecei a trabalhar cedo e na instalação de antenas parabólicas e sistemas de satélite e tive desde muito cedo antena parabólica e tinha acesso aos programas internacionais como o Headbanger's Ball, princípios de 90, um programa alemão que era o Metal, mas via-se os videoclips e os concertos, tive contacto mais cedo que o resto do pessoal.

Marginalizado? Pelas pessoas e pela própria autoridade porque juntávamo-nos à noite junto à estação dos comboios das Ferreiras e quando vinha o jipe da GNR, estamos 15/20 amigos e o único que era revistado era eu, porque tinha cabelo comprido e usava t-shirts pretas e com desenhos... Aconteceu várias vezes.

• **As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual ou sentia-se uma diferença? Tinhas amigas do metal: mulheres que iam convosco aos concertos e aos bares? Havia algum tipo de estigma?**

Nessa altura, aqui não havia nenhuma mulher a ouvir metal, só a partir dos 90, nem hard rock nem nada, lembro-me na escola, o que elas ouviam eram as boys band. *A partir dos anos 90, comesas a conhecer mais raparigas e achas que elas eram consideradas de igual para igual ou sentia-se uma diferença?* Havia o mesmo estigma que havia com os rapazes; mas relação aos rapazes do metal para as raparigas do metal? Isso não; *pergunto isto porque sabemos que há muitas letras machistas, sexistas e a maioria do pessoal é do género masculino, embora hoje em dia também já hajam bastantes mulheres a gostar e nos concertos...* Esta socióloga- Weinstein- dizia que a rapariga era aquela que segurava no casaco do namorado que andava no mosh, o que me interrogo também é porquê que não há mais bandas mistas, com mulheres guitarristas, bateristas, há uma tendência para serem ou baixistas ou vocalistas em bandas masculinas ou então só banda feminina... Também não percebo porquê, eu acho que normalmente as bandas nascem de grupos de amigos que foram aqueles porque andávamos sempre juntos e como não havia nenhuma rapariga nesse grupo, não teve. Amigas do metal nos anos 90, cheguei a ir a concertos aqui em meados anos 80 e princípios 90 sem uma única rapariga. *Eram desprezadas por*

serem mulheres, isto é uma coisa masculina, vocês não percebem nada disto... Não, não, saiam connosco iam aos bares e aos concertos connosco de igual para igual. Dou o exemplo da Teresa, que fazia parte de uma banda e quando chegava nem a cumprimentavam e pensavam sempre que ela era a namorada de um deles e que não fizesse parte da banda... Será que é também porque reflete a nossa sociedade que nesse aspeto também se foi alterando? As mulheres eram mais protegidas, os pais não deixavam tanto sair à noite... Sim, sim

- Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

O black thrash, Destruction no início, para mim foram eles que criaram esse subgénero, os Disaster que pegaram naquilo que os Destruction deixaram, aliás o próprio nome De veio, gosto de death metal, gosto muito de glam dos anos 80, Cinderella, Poison, LA Guns, Twister Sister- falamos do que se passou no Congresso com o vocalista desta banda.

- Como é ou o quê que a música te faz sentir?

Para é terapêutico, faz-se esquecer de tudo, qualquer problema que tenha, chego a casa, ouço sempre aqui no meu covil [Roberto tem uma sala dedicada ao metal com milhares de LPs, cassetes e CDs]. Só o pegar no disco é terapêutico (risos), todo o processo de pôr a tocar, tem de ser limpo, tudo isso faz uma pessoa não se lembra de mais nada e acaba por esquecer; *é como uma meditação?* Considero isto um ritual, tirar o disco, limpá-lo, pôr a tocar, voltá-lo para pôr o lado B, abrir as capas, lê-se bem, vê-se o artwork todo, tens uma coleção enorme? Só oiço CDs no carro, em casa só ouço ou vinil ou cassette. Devo ter por volta de uns mil discos, entre discos, CDs, cassetes, tenho à volta de três mil. *Também serve para canalizar sentimentos de raiva de angústia?* Há toda uma aprendizagem até chegarmos aos sons mais pesados... O metal é exatamente como a música clássica, tem de se aprender a gostar; a música clássica também é difícil de se gostar à primeira, com o tempo vai-se aprender a gostar. *Tens algum background de educação musical?* Na escola, aprendi solfejo, aprendia-se muito mais do que hoje em dia, a minha filha ainda teve, mas não aprendem as notas.

A maior parte dos fãs de metal acabam por se ligar tanto à música que querem aprender a tocar um instrumento, também te aconteceu? Aprendi a tocar baixo com 17/18 anos, ainda toquei numa banda de música tradicional portuguesa que foi uma excelente experiência e uma boa aprendizagem. *Foste autodidata...* Ainda tive umas aulas numa escola de música para aprender o básico (6 meses) e depois foi em casa mesmo sem haver youtubes na altura. *Crês que o facto de o teu pai ter tido o bar também te influenciou a gostar de outros sons?* Se calhar inconscientemente sim.

Quando se formou os Sortilege, eles precisavam era de um vocalista porque já tinham baixista, aliás os Sortilege nasceram dos Masmorra na escola, eu era o mais velho já não estudava, eu ia assistir aos ensaios e um dia surgiu a ideia de formar uma banda de metal a sério, em 1995. Editámos em 97 a primeira demo, depois um mini D em 99. Continuam a ensaiar hoje em dia? Agora não por causa da pandemia, mas também porque o nosso guitarrista principal é major na Força Aérea então esteve destacado na Roménia, todos do Algarve e de Albufeira.

- O que é que este tipo de música tem que não encontras noutros géneros musicais?

A parte lírica, a maior parte das bandas trata de assuntos sérios, mesmo no death metal, que o pessoal acha que aquilo é só grunhidos e barulho, se formos ver toca em assuntos do dia-a-dia e mesmo políticos e sérios, não são letras do «peace and love» e eu aprendi muito com as letras nos finais dos anos 80/ inícios 90. Na altura, muitos dos álbuns eram inspirados neste ou naquele tema ou neste ou naquele livro, o que me fez interessar mais por ler [influência positiva do metal para a leitura], por exemplo, lembro-me de um disco do Sabbath Dreamriver este [e mostra o livro] «The Way of Wyrð» de Brian Bates; tem a ver com o paganismo, tem a ver com a entrada do cristianismo na Inglaterra que foi aos poucos destruindo o paganismo. *Partilhas de alguma religião, qual a tua opinião em relação a este assunto?* Eu sou completamente agnóstico. Mas tenho amigos crentes, e tenho inveja por eles conseguirem acreditar num deus, eu gostava de acreditar num deus, mas não consigo. BM- demónio- essa é outra de muito do pessoal que acredita no diabo, mas não acredita em deus que é a maior palermice, porque não existe uma coisa sem a outra, aliás o diabo era o braço direito de deus, mas o satanismo ligado ao metal, não será tb uma forma de contestação? Será uma forma de chocar? Pôr em causa? Sim, por se formos a ver o diabo revoltou-se contra o próprio deus porque não concordava com o que deus queria para os seres humanos. Satanás não tem nada de mal, a igreja é que criou... Os princípios são melhores do que os cristãos, se formos ver os mandamentos do La Vey são mais justos que os cristãos... *ligados à anarquia?* Certos princípios que a igreja cristã considera serem maus para os homens e reprime muitas coisas que o satanismo diz que não, é como a política, são políticas diferentes, mas se formos ver bem o satanismo não tem nada de fazer mal, isso já foi construído depois, não tem nada ver com o que algumas bandas que se dizem satânicas apregoam como fazer o mal, etc. É uma forma de contestação? Sim, de revolta, de picar, chocar... Dar uma facadinha para fazer pensar as pessoas. Se forem ouvir as letras deste álbum de Sabbath, as letras são mais satânicas do que certas bandas que se dizem satânicas; recordo-me de uma passagem: «leve uma vida a servir a deus e no fim o que recebo é a morte, deveria eu aceitá-lo como um amigo?»

Ouves outros géneros além de metal? (respondeu depois)

Ouçó por exemplo, sou grande fã do Zeca Afonso, adoro, faz-me arrepiar...

- **A música em si mesma, o som, tem um papel preponderante para ti? Por exemplo, sabes do que tratam as letras de todas as bandas que ouves? Achas que o conjunto é que faz sentido ou valorizas a música acima das letras?**

Inglês que não percebíamos quando éramos mais novos por exemplo... Mesmo aí eu interessava-me: pegava no dicionário e fazia a tradução palavra a palavra, queria saber o que estavam a dizer; o instrumental é muito importante, tenho que gostar mesmo e fazer-me sentir; é o conjunto das duas coisas.

- **Achas que te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa?**

Influenciou-te a ler certos livros, no teu crescimento enquanto pessoa... Até pelo interesse que eu tenho por política foi graças ao metal; o metal a mim só me trouxe coisas boas. Fez-se querer participar mais e não ficar só pela crítica no café com os amigos e por isso neste momento sou deputado da Assembleia Municipal de Albufeira. *Quais as principais contestações que te levaram a querer participar, sistemas económicos, políticos?* Eu sempre acreditei e acredito que nós quando estamos na política estamos

para servir e não para nos servirem e o que acontece de há umas décadas para cá é que os políticos se servem e não servem e a minha luta e o tentar querer mudar alguma coisa, tentar mudar esse paradigma dos políticos de se servirem das pessoas. Quando se vai para um cargo político, vai para servir as pessoas e não para se servir das pessoas. Se uma pessoa tiver princípios, não vai passar por cima dos outros para enriquecer à custa dos outros.

• **Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes?**

Dou o meu exemplo, fui bastante discriminada na escola e nunca hei de discriminar ninguém abriu-me os horizontes e para certos problemas como causas ambientais já nessa altura com Obituary por exemplo. As letras falam de assuntos sérios e atuais, muitos deles dos anos 80 infelizmente continuam a ser atuais hoje, como letras de Sodom ou de Kreator, foram feitas sobre o que se passava nos anos 80 e continuam-se a verificar os mesmos problemas. *Desigualdades sociais?* Sim e também discriminação racial, etc.

• **Crês que o metal contribuiu para seres quem és hoje em dia?**

Sim, bastante. *Faz parte de ti?* Sim; *e nunca deixaste de ouvir ao longo de todos estes anos?* Não. *Parece que guardas sempre um tempinho ao fim do dia para ouvir música [vê-se pelos seus posts no Facebook]...* Sim, sempre.

• **O metal une as pessoas? Qual a tua experiência em relação a isso?**

Une, apesar de ser uma tribo que felizmente hoje em dia já é mais aceite. *Poderíamos pegar pelo «infelizmente»?* *Era aquela coisa de chocar por exemplo em relação às tatuagens, aos piercings e confrontar a sociedade com certas coisas, eu costumo dizer que o capitalismo conseguiu engolir isso tudo e hoje está na moda, banaliza-se...* O problema é que as editoras começaram a ver que tinham ali um nicho de mercado para ganhar dinheiro, as próprias editoras que rebaixavam o metal por ser pesado, foram aquelas que pegaram em certas bandas; infelizmente o dinheiro põe-se à frente de tudo e as pessoas acabam por cair e se deixar levar por essa parte do capitalismo; as bandas, a maior parte delas, sabemos que há bandas que se venderam porque deixaram de fazer aquilo que gostavam para começar a fazer aquilo que as editoras queriam, tinham que fazer algo que vendesse e muitas delas deixaram de ser livres, temos vários exemplos, aqui em Portugal, os Moonspell começaram a fazer aquilo que a editora queria e não o que eles queriam. O underground vai existir e existem bandas que não subiram para essa carruagem do mainstream e continuam.

Embora hoje em dia hajam milhares de bandas, quando o movimento decaiu, saiu dos tops, os fãs é que mantiveram o movimento vivo, principalmente quando são géneros menos populares como o death metal ou o grind core, os apaixonados é que continuam a ir aos concertos e a comprar... O metal, neste momento está vivo graças à nossa geração, àqueles que têm 40/ 50 anos e quando esta geração desaparecer, o metal praticamente vai desaparecer... Dizem que há muitos miúdos a ouvir metal, mas daqui a dois/três anos já não ouvem... *Dou exemplo dos Prayers of Sanity de Lagos, esse pessoal não vai continuar...* Apesar de serem mais novos, já estão cá há mais anos, eu falo dos fãs, a maior parte dos miúdos que ouve metal hoje em dia é porque é moda, não há aquele fã como havia nos anos 80/ 90 em que é para a vida; 90% do pessoal que ouvia metal nessa altura ainda ouve hoje em dia. *Pode ter a ver pelo acesso facilitado às coisas? Antigamente tínhamos que ir à procura das coisas, até o teu exemplo que deixavas de*

*comer para comprar cassetes para gravar... Já não há essa busca, come-se aquilo que a indústria nos quer dar, já não há o trabalho de procurar, muitas vezes os jovens ouvem aquilo que está na moda, nem se dão ao trabalho de ir procurar outras coisas fora do mainstream, felizmente um ou outro vão. No Porto reparei que havia pessoal de 20 e poucos anos mesmo fãs; nestes últimos 2/3 anos, apareceu aquele grande ressurgimento do «HM tradicional dos anos 80» [ele faz as aspas com os dedos]; miúdos a fazerem esse género como os Toxikull, os Midnight Priest e até já inventaram um nome para isso: New Wave Of Traditional Heavy Metal. *E esta wave está consignada a uma região ou é mundial? É mundial. Sim, porque antigamente havia o thrash que vinha de Nova Iorque, bem diferente daquele europeu germânico... Antes, só de se ouvir o som dava para perceber se eram da Europa ou dos EUA... Teutónico thrash metal germânico muito diferente daquele que vinha da Bay Area (EUA), isso hoje em dia já não se nota porque já houve tantas influências e cópias uns dos outros; muitas bandas não se consegue perceber de onde são.**

- **Na tua opinião, essa identificação que parece existir entre metálicos tem a ver essencialmente com a música ou também com certos valores partilhados?**

Há de tudo dentro do metal mais de direita de esquerda, há quem diga que é apolítico embora algumas bandas assumam algum carácter político... A grande maioria, mesmo não assumindo são pelos ideais de esquerda; os da direita começaram a aparecer com as bandas do black metal da Noruega e de outros países que vão buscar a ideologia nazi-acho um absurdo misturar black metal com ideologia nazi e fascistas mas enfim...

- **Existe aquela sensação de que «é do metal só pode ser boa pessoa?», que faz parte da família?**

*Não, existem más pessoas no metal também. Mas, por exemplo, antigamente não havia uma certa identificação... Sim consegue-se ver quem está por gosto ou quem está por moda. Eu tive amigos nos anos 80 que só ouviam, não era por gostarem, era por quererem fazer parte do grupo, tanto que esses hoje em dia não ouvem metal. No fundo, não tinham aquela paixão. *É um amor para a vida?* Sim, normalmente quando se gosta mesmo é para a vida. Os outros com 40, mesmo cinquentões e continuam a ouvir e a ir a concertos.*

É uma coisa da adolescência vai passar? Pois, para quem gosta mesmo não passa.

*O metal tem uma coisa, tal como o punk, tem uma coisa que é visível, mesmo que no trabalho não ande vestido, depois ao fim de semana mete uma t-shirt, o seu metal jacket, as suas calças, botas. *Por vezes também foram ao longo da vida escolhendo profissões que estivessem de algum modo ligadas à música...* Sim, muitos é. No teu trabalho, podes andar vestido como quiseres? Sim, posso.*

- Porquê o cabelo comprido, as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos?

(- O que significa vestires-te dessa forma? Que tipo de adereços utilizas? O que significam?)

*É a identificação com o estilo de música, é identidade; *os monstros? Gostas de filmes de terror, gore por exemplo?* Gosto. *Será que atrai porque é algo repugnante aos olhos dos outros?* Talvez... *Dizias-me no festival*¹⁴⁸: sempre me recusei a ser mais uma ovelha no rebanho e é isso que eu passo para a minha filha, não queiras ser mais uma ovelha no rebanho; *ou seja tentar ver as coisas por outros prismas?* Sim e ser diferente, não ser uma cópia dos outros.*

¹⁴⁸ Festival de metal em Faro em Setembro 2019

- crês que pode ser um escape para outro mundo? Um mundo de fantasia? Ou uma forma de enfrentar o real?

Não é um escape. *Faz parte? Está cá dentro?* Sim.

- Porquê que nunca te desligaste completamente deste tipo de música?

Já me falaste do ritual de pegar nos discos, etc., ir aos concertos, és fotógrafo também, tens gosto em fotografar os concertos e publicar as fotos... Qual o espaço que ocupa na tua vida neste momento? Praticamente ocupa o espaço que sempre ocupou, todos os dias ouço, todos os dias levo um disco diferente para o carro para ouvir, todos os dias ouço música; *o facto de teres família, das responsabilidades da vida adulta?* Em termos disso, não mudou nada, continuo a ser a mesma pessoa que era e ir a concertos. A tua filha gosta? Gostava, agora já não, teve as influências da escola (risos), mas também ela ouve o que ela quiser, só o que eu tenho pena é o que está aqui quando eu morrer deve ir parar ao lixo [falando da coleção de discos que tem] Porque não pensas em criar um museu ou doar? Sim; se ela gostasse passava para ela, pode ser que arranje um namorado ou um marido que goste de metal; e a tua mulher gosta? Gosta de hard rock como Bon Jovi, Def Leppard, etc.

Continuas a viver a «cena» em grupo ou mais individualmente? Continuas a assistir a concertos (agora escassos)? A comprar de discos/ Merchandising?

Agora em contexto de pandemia, que remédio temos que viver mais a cena individualmente, não é? Pois... mas antes da pandemia continuava a ir aos concertos aqui no Algarve ou mesmo a concertos em Lisboa.

- **E em termos de ideologia/ mentalidade, mantiveste o mesmo pensamento que tinhas quando adolescente? O que mudou?**

Em termos de ideologia política, uma pessoa amadurece, muitas vezes quando somos jovens temos aquele ideal de vida e sociedade e depois vamos vendo que as coisas não funcionam como nós pensamos; politicamente sp fui de esquerda, mas mudei muito em relação àquilo que pensava, quando somos jovens, as coisas são utópicas, por exemplo nisto da política, eu criticava muita coisa e agora, desde que estou lá dentro vejo que as coisas não são assim tão lineares como nós pensamos; o generalizar de que os políticos são todos corruptos, eu conheço montes de políticos que não o são e pensam como eles e se formos ver bem são meia dúzia deles e depois são todos catalogados por causa dessa música.

- **O panorama do mundo do metal em Portugal e no mundo alterou-se bastante, como vês essas mudanças? (em termos de multiplicidade de subgéneros musicais, o aparecimento do nu-metal, a forma como as novas gerações vivem o metal?)**

Em Portugal hj em dia, temos muitas bandas que estão ao mesmo nível senão a um nível superior de muitas bandas internacionais; o que tenho pena é que em Portugal, ainda continua a haver aquela cultura de que o que vem de fora é que é bom, nós temos cá bandas tão boas ou melhores do que as internacionais, só que não lhes é dada a chance de serem promovidas e serem conhecidas lá fora. Temos o exemplo dos Moonspell graças a um contrato como a Osmose que lhes deu projeção; a maior parte das bandas cá conseguem contratos com editoras portuguesas em que a única coisa que fazem é editar os discos e a promoção é zero. Compro revistas internacionais e não se vê publicidade de bandas portuguesas; as editoras fazem o dinheiro dos discos e a promoção da banda não a fazem. Por isso, as bandas não saem do circuito nacional e é pena porque temos muita

qualidade e muitas delas bem superiores àquelas que estão nos tops por aí (mais underground).

ANEXO 8 - Transcrição de entrevista de - Entrevistado 5: Rafael

(realizada a 4 de setembro de 2021)

Entrevistado 5: Rafael

Idade: 57 anos

Sexo: masculino

Naturalidade: portuguesa

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: Licenciatura em Gestão de Empresas/ MBA executive manager

Atividade profissional: executivo para uma empresa francesa, gestor de conta

Profissão pai/ mãe: alfaiate/ costureira

Localização geográfica: Setúbal/ adolescência no Barreiro (grande Lisboa)

Divisão de Weinstein: faz parte de duas dimensões (artistas, audiência)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

Os meus pais eram emigrantes, eu estava em França e apanhei precisamente o boom, a explosão da New Wave, mas aquela em que apareceram imensas bandas de metal em França. Embora já ouvisse algumas bandas de hard rock como os Uriah Heep, os Deep Purple. Houve um momento em que surgiram uma série de filmes lançados no mercado, em que havia uma música (the song remains the same) dos Led Zeppelin, o vídeo live dos Queen que era o Live Killers, que era um rock já bastante pesado, os AC/DC com if you want blood you've got it, houve uma série de filmes que saíram, em que vendo visualmente aqueles grupos de rock pesado em cinema com aquelas orquestrações todas que fizeram visualmente, aquele impulso, aquele arrepio no corpo, começou-se a sentir que o rock tinha algo para além daquilo que se ouvia no usual. São filmes que saíram entre 78 e 81 e toda esta encenação e depois com o rock francês fez-me ingressar no hard rock e no HM. Nasci em Portugal mas fui para lá muito pequenino (três aos 14 anos estive em França, em Amiens, norte de França). Começou a ver os filmes entre os 10/ 12 anos, fui ao cinema.. *E foste com quem, os teus pais?* Eu por acaso tive a sorte de ter uns pais que tinham uma mente bastante aberta, havia uma altura em que eles trabalhavam os dois de dia, eles trabalhavam em fábricas e havia um período de duas semanas seguidas em

que eles calhavam nos mesmos turnos e eu ficava sozinho, na altura ter 10 anos e ficar-se sozinho em casa, não era como hoje, havia muita independência. Os meus pais sempre confiaram muito em mim e sempre disseram o mal que fizeres é para ti. Eu também tive sorte porque nunca enveredei por caminhos mais estranhos, ia sozinho com uns amigos com 12 anos. Na altura, os únicos meios de propaganda que existiam eram a TV e a rádio. Ouvia-se muita rádio durante o dia nos anos 70, só havia quatro canais de televisão e era na rádio que íamos descobrindo as músicas que iam saindo. Depois saíram grupos de rock que passavam na televisão, os Ocean, mais hard rock e depois os Trust e depois toda aquela geração Satan Jocker e Nightmare, Warning, os guitarristas eram muito jovens e assim que ganhavam alguma fama criavam as suas próprias bandas e então começou assim a ouvir toda essa pujança e deixar correr.

Sentiste algum clique? O clique já existia desde o tempo em que ouvia hard rock, o ouvir bandas como Deep Purple ou Uriah Heep é que não lá já tínhamos acesso muito antes de 74 aos sons das bandas, já se ouvia Black Sabbath, Deep Purple na rádio, havia emissões de rock; os miúdos foram-se integrando como um meio ambiente que já existia e eu lembro-me que quando vim para cá trouxe imensos discos e eu lembro-me que as pessoas ouviam aquilo e dava-lhes assim um clique, estávamos no início. Às vezes costumo dizer às pessoas em tom de brincadeira, postam muito no Facebook coisas de Iron Maiden, para mim Iron Maiden é com o Paul Diano (primeiro vocalista) e as pessoas ficam um pouco ofendidas porque para elas é o Bruce Dickinson, tem a ver com o tal clique. Eu, quando ouvi IM pela primeira vez, os dois primeiros álbuns com o Paul Dyano é que me deu o clique na cabeça, o restante já foi um seguimento, uma continuação da máquina a vapor que já estava nos carris. *Para muitos dos meus entrevistados o clique deu-se com Iron Maiden, para ti também?* Não, mas foi espectacular a nível de som porque na altura tinham uma composição musical que não existia, principalmente a nível de baixo, o Steve Harris que foi um grande impulsionador, a nível de som foi espantoso, a nível de clique não posso dizer que foi com eles porque eu já ouvia anteriormente os Uriah Heep, os Deep Purple, os Balck Sabbath, já tinha aquilo no sangue, já me corria o hard rock no sangue, eu já tinha o clique dentro do meu corpo.

- **O que te atraiu num primeiro momento?**

Duas coisas extremamente fortes: o aparecimento dos telediscos, aquela potencialidade toda que eles apresentavam, aqueles cabelos compridos, os blusões negros, principalmente na altura do David Coverdale quando ele cantava, as guitarras e a secção rítmica que é o baixo e a bateria potente por trás daquelas guitarras distorcidas, aquela secção rítmica do hard rock, que no heavy metal foi mais explorada, que dá aquela batida toda e foi o que me ficou na cabeça, aquela batida que é o que nos faz bater o pé. Quando eu tinha os meus 12/ 13 anos em França, íamos ver bandas ao vivo e eles às vezes até começavam a bater com o pé em cima do palco, antes de começarem as músicas para entusiasmarem o público- isso foi o clique que me levou para o hard rock e para o heavy metal porque achava aquilo impressionante. Ainda hoje quando ouço uma banda, a primeira coisa logo que vejo quando meto o disco é a potência rítmica da banda em si.

- **Os teus primeiros concertos?**

Eram essencialmente bandas francesas porque as grande como Black Sabbath ou Deep Purple só davam concertos em Paris e Lyon e onde eu estava apanhava então mais essas bandas mais pequenas davam concertos para 200/ 300 pessoas e por incrível que pareça também algumas bandas de baile que na altura reproduziam o som daqueles êxitos, por

causa também das baladas, havia muitas bandas de baile que reproduziam as baladas do heavy metal e aproveitámos para ter ali algum feedback de algum som.

- **O seu dia-a-dia na escola; vieste para Portugal aos 14 anos... Transição, grupo de amigos...** Vim para o Barreiro que era uma espécie de Liverpool portuguesa e quando vim, já trazia um bichinho de criar uma banda rock, obviamente não era fácil, saem entretanto os Van Halen aquele som aquela revolução que o Eddie Van Halen faz nas guitarras e as pessoas ouviam aquilo e ficavam adeptas. Fui para a escola industrial e comecei a criar uma legião de amigos em que todos gostavam de heavy metal e uma meia dúzia inscrevemo-nos num concurso que se chamava Só Rock Coimbra em 1981, promovido pela Furacão (fabricantes nacionais de som), correu bem, ficámos em terceiro lugar Air Force, tínhamos 16 anos, toda a gente ficou satisfeita mas ficou por ali, acabei por ir voluntário para a tropa...

Nesse grupo de amigos já se vestiam de preto, já tinham t-shirts?

Era muito difícil, havia uma loja aqui em Lisboa, que se chamava os Porfírios e vendia uns blusões pretos tipo motard com correntes, na altura havia um filme muito em voga: o Mad Max e o Mel Gibson vestia um blusão preto, o resto tínhamos que andar a roubar as correntes dos guarda-chuvas das mães, às vezes até das malas com um alicate e era assim que a gente fazia (risos). Toda a gente tentava estar o mais parecido com as rock stars que apareciam nas revistas e nos videoclips ou eram blusões de ganga ou eram blusões de cabedal; tive a sorte da minha mãe ser costureira, ela fez-me as minhas primeiras calças de ganga apertadinhas e também as primeiras calças de cabedal, que não eram de cabedal, mas de napa e lá andava eu de calças de napa todo contente.

- **se formou um grupo de amigos com as mesmas práticas;**
- **de que falavam (música, ideologia, aspirações, mulheres/ homens, pais)-sentiam-se diferentes porquê?**
- **as saídas à noite, se existiam ligações ao álcool e às drogas; histórias que queiram contar;**

Estávamos nos anos 80, era algo que fazíamos sempre porque só existiam dois canais de televisão, não íamos muito para Lisboa, ficávamos pelo Barreiro porque havia uma série de cafés, onde nos reuníamos e passavam IM; AC/DC, glam rock como Twisted Sister, Motley Crüe, Van Halen, uns bebiam cerveja. Crescer o cabelo? Sim deixei crescer, essa ligação ao álcool e às drogas acho que foi uma das faces piores dos anos 80, deixei os estudos aos 17 e fui para a tropa voluntário precisamente porque comecei a perder os meus amigos; as drogas consumiam-se com muita facilidade, naqueles anos, toda a gente experimentou drogas, pelo menos no grupo em que estava inserido, raparigas e rapazes, toda a gente experimentou, a taxa devia de ser muito perto dos 100 por cento. Drogas leves como o haxixe, a cocaína era coisa de rico, mas houve ali um trampolim das leves para as pesadas, alguns não tiveram controle e saltaram para as pesadas e eu comecei a perder amigos, deixava de aparecer, na altura não haviam telemóveis, telefonávamos para casa dele e lá tínhamos a triste notícia: teve uma overdose, faleceu. *Já nessa altura aos 15/ 16 anos?* Sim. Na altura, era uma pandemia, estava minado, de 78 a 82 era uma pandemia as drogas nas escolas, quantas raparigas e rapazes se perderam (...) Quando regresssei da tropa, vim com a ideia fixa de formar uma banda: os Black Cross, houve uma publicidade nos anos 82/83, Diz não à dependência, em que participavam bandas como os Xutos e Pontapés, havia o Herman José, a Adelaide Ferreira e nós também

participámos porque a televisão procurava bandas que tivesse uma grande identificação com o mundo da droga, mas que não fossem consumidores, nós tínhamos esse carisma, posso dizer-te que Peste e Sida por exemplo não quiseram participar, mas nós tínhamos na nossa mente que éramos contra as drogas, a pub deu nas horas principais na RTP1, no intervalo das notícias e do Dallas porque queriam dizer aos jovens *podem ser rebeldes sem tomar drogas*, porque havia aquela coisa de não tomas drogas, não és homem não és nada, havia essa pressão psicológica, muitos acabaram por querer imitar e deixaram-se cair naquilo.

E como era a experiência dos concertos nessa altura em Portugal?

os teus primeiros concertos?

Os concertos mais difíceis foram os que aconteceram nos estádios, lembro-me dos Police, íamos ver tudo... O controlo policial não era apertado, mas era muito violento, para já havia logo um grande consumo de drogas, muito antes de chegar ao estádio, quando chegavam já iam drogadas ou alcoolizadas; os polícias poucos na altura não encaravam aquilo como um trabalho fácil, acabavam por chamar as brigadas de intervenção e eram elas que punham ordem, conclusão quando conseguíamos entrar no estádio, o concerto já levava 30m. A entrada era tão mal organizada, era tudo ao monte e ninguém entrava, os concertos eram uma grande confusão.

Em Cascais, para mim foram todos brilhantes, havia aqueles incidentes, ainda hoje acontece, quando eu vou ver um concerto grande, continuo a ver o mesmo tipo de incidentes que aconteciam naquela altura porque as pessoas, muitas vezes vão para lá com a cabeça noutro lado. Mas depois de estar lá dentro, os concertos eram brilhantes, há alguma em particular que te tenha marcado. Tirando os IM, que foi dos concertos que mais gostei com o Paul Dyano 83 e depois com o Bruce, foram dois grandes concertos, aquele que me ficou na memória foram os Telephone, foi um grande espetáculo, como era uma banda desconhecida, vieram mais para ouvir, talvez por ser francesa, deu para desfrutar a 100% mesmo ali, enquanto nos outros fiquei nas bancadas. Havia muita violência por causa das pessoas que iam lá para abandalhar e isso é que fazia os concertos violentos, mas sem dúvida os Iron Maiden, aquele espetáculo visual, as cores, as luzes, o som, o Eddie, o Bruce que subia para cima das colunas, descer, intervir com o público, tenho que admitir que Iron Maiden forma os melhores concertos.

• Sentias-te marginalizado quando andavas na rua? Olhado de lado? O que pensavas disso?

Eu, como sou mais velho, apanhei os anos mais antigos digamos assim, ao princípio, havia alguma marginalização mas isto porque as pessoas não tinham conhecimento, não eram informadas. Eu lembro-me nuns anos posteriores quando houve aquele rapaz que matou os pais lá para os lados de Aveiro que as pessoas relacionaram logo aquilo com a música porque ele pertencia a uma banda de black metal, na realidade é que não teve nada a ver com música, o que as televisões na altura faziam eram relacionar isto com os adoradores do diabo e com a música... Nos anos 80, primeiro, havia o problema das drogas que era um facto, depois havia o desconhecimento do público em geral, à noite havia muitas rusgas da polícia, ao início até eram os militares que faziam isso, depois a polícia de intervenção nos cafés à procura de droga. Onde é que eles iam logo direitinhos? Aos que tinham cabelos compridos, se bem que muitas vezes aqueles que traficavam droga não eram esses, esses eram os que consumiam; as pessoas começaram a meter na cabeça que os de cabelos compridos são uns drogados, uns bêbedos, até 85/86, foi assim dramático, uma pessoa andava com cabelo comprido e blusão negro e parecia que andava

com uma marca. Eu penso que as escolas tiveram aqui um papel importante porque a forma como se combateram as drogas, começaram a ensinar aos miúdos que não eram positivas e nessa altura, as pessoas começaram a consciencializar que as pessoas que consumiam drogas nem sempre são aqueles mais mal vestidos, começaram a aperceber-se que nos colégios privados havia muito tráfico de droga, éramos marginalizados, quando havia uma rusga e que a polícia entrava ia logo direita à gente e levava-nos a todos para a esquadra (chamar os pais era vergonhoso, caso não tivessem consigo o bilhete de identidade), verificavam que não tínhamos antecedentes e acabavam por nos deixar ir embora.

Pais, mente aberta e liberdade, como encararam o facto de teres cabelo comprido, vestido assim, ouvires esse tipo de música? Eu ainda hoje em dia pergunto à minha mãe «como é que tu tinhas paciência para aturar a música, porque púnhamos a música em alto som que até se ouvia da rua, mas a minha mãe deu-se sempre a liberdade de eu escolher o que eu queria fazer desde que eu me portasse bem, de facto, nunca dei à minha mãe dores de cabeça, a minha relação com as drogas foi de experimentação, não passou disso, nunca fui um indivíduo de chegar alcoolizado a casa, a minha mãe nunca teve de ir buscar-me a uma esquadra de polícia ou a um hospital; em troca desse bom comportamento, deu-me liberdade e voto de confiança e foi assim que eu tive a minha juventude, regulei a minha juventude pelo bom senso, embora fosse rebelde, mas pelo bom senso e as pessoas que acompanhavam comigo também eram assim, nunca fui de provocar os polícias ou as pessoas na rua, desde que me deixassem estar na minha onda, eu não chateava ninguém... *Havia esse tipo de provocação?* Havia, ninguém gosta da polícia, ainda hj ninguém gosta. Havia aqueles gangs que se criavam e davam maus resultados

• **As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual ou sentia-se uma diferença? Tinhas amigas do metal: mulheres que iam convosco aos concertos e aos bares? Havia algum tipo de estigma?**

Anos 80 em Portugal eram muito poucas? Há uma grande crítica em relação ao hard rock e heavy metal em que as mulheres eram objetificadas, postas à parte de um mundo masculinizado? As mulheres eram vistas como um símbolo sexual, tanto que pelo em menos 90% dos telediscos dos anos 80/90 e se calhar ainda em 2000 das bandas de heavy metal e hard rock, as mulheres são sempre um símbolo sexual, mas também trouxe muitas mulheres para serem conhecidas, no panorama musical e cinematográfico, foram depois modelos sobejamente conhecidos e estrelas de cinema. Dos ano 90 para a frente tive que seguir uma carreira profissional e deixei de andar tanto na rua, mas até aos anos 90/ 2000, funcionava assim: mulheres que gostassem de heavy metal havia poucas, mas de alguma forma, havia alguma procura principalmente pelas mulheres que não eram do metal. Arranjávamos muitas namoradas que não tinham nada a ver com metal porque elas olhavam para a gente e elas tinham aquele feeling rebelde dentro delas, mas não o queriam admitir; viam-nos com botas de cowboy, aquelas calças apertadinhas e cabelões grandes e elas aproximavam-se pela rebeldia que a gente transmitia. De facto, eu tive muito mais namoradas que não tinham nada a ver com heavy metal do que aquelas que tinham a ver com metal.

Eu acho que o impacto visual da rebeldia as atraia, se calhar ao mesmo tempo elas não podiam andar assim porque se calhar os pais não deixavam ou porque socialmente também se sentiam constrangidas e postas de lado, elas acabavam por sentir uma atracção por nós. Eu já vejo hoje em dia muito mais mulheres ligadas ao heavy metal, embora por aquilo que eu vejo no Facebook, como viajo muito.. não frequento locais de convívio, também vejo que a maioria das pessoas ligadas ao heavy metal são pessoas muito

discretas porque a determinada altura tivemos que seguir uma carreira. *Depende da carreira também...* fosse uma carreira musical que era o que eu gostava de ter seguido, mas aquilo não dava pão a ninguém, como sabes poucas bandas tiveram sucesso, fala-se nos Moonspell; hoje é mais fácil, os pais já sustentam os filhos em casa até aos 30 porque antigamente aos 18 tínhamos que decidir para onde íamos.

Era eletricista, a banda terminou em 87, a maioria tiveram que seguir as suas carreiras, casei tenho quatro filhos, um rapaz e três miúdas e a partir daí, quando larguei a banda, tive a sorte de enveredar por um trabalho que me levava muito tempo para fora, abria uma empresa nesses países e ia para lá para dar formação, essa sorte tive nos EUA, percebe-se que o rock tem um grande peso, tens concertos todos os dias, em qualquer cidade, foi onde eu vi mais grupos Guns n' Roses, Bon Jovi; não é fácil mas consegui manter. A vida familiar influenciou as práticas que tinhas ligadas ao metal? Sim, sem dúvida, influencia, a pessoa tem outra postura, ter as crianças, a esposa, o nosso tempo é muito mais reduzido... se estava a dizer isto porque há pessoas que levam os filhos para os concertos, para os festivais, exemplo de um entrevistado que não teve de abdicar... Na carreira que tive não podia andar de blusão negro, nem de cabelo comprido, durante a sem tenho que andar de fato e gravata. Eu nunca influenciei a carreira musical dos meus filhos, tenho um filho com 36 anos que gosta e ouve mas seguir como eu sigo, não posso dizer isso, mas gosta e ouve; já as minhas filhas não têm nada a ver, dizem que é barulho. No metal, tem que ser: ou se gosta ou não se gosta, não se pode forçar as pessoas. Ao princípio, não se imagina, por exemplo o Filipe continuou a usar cabelo comprido, mas teve que abdicar de muita coisa. Eu hoje não teria construído o que construí na minha vida pessoal, nem sei o que teria feito. Em Itália e na Holanda, nos momentos livres ia às discotecas (lojas de discos) e estava de fato e gravata a desfolhar os discos de Metallica, etc. e ao meu lado tb estavam indivíduos de fato e gravata a fazer o mesmo e vim a descobrir que havia imensos empresários de grandes empresas, banqueiros que ouvem metal e outra coisa que me espantou fui a um cocktail da empresa e na altura havia os walkmans e tinha um bocado do auscultador de fora eu na altura tinha uns 30 e veio um senhor que deveria ter uns 40 e tal, era Motley Crüe e ele começou a ouvir e disse isto é heavy metal, ou seja, ele captou logo o que era, não teve a reação de dizer ah isto é só barulho, por exemplo.

As mulheres eram tratadas de igual para igual? *Falo de Deena Weinstein em relação à não identificação com o sexo oposto e falo do meu caso e de que já tínhamos algum conhecimento de música e deixava de haver um fosso entre rapaz e rapariga...* Eu sempre tratei as mulheres como os homens por uma razão muito simples: é que na minha casa quem mandava era a minha mãe e por isso eu sempre encarei as mulheres como um ser igual, para mim, não havia diferença. Não sou machista, mas tenho amigos que dizem que o heavy metal não foi feito para mulheres, eu não tenho essa opinião.

A Tarja por exemplo é uma mulher do metal, não vem com correntes usa vestidos brancos, não há mais se calhar porque não lhes são dadas as oportunidades; eu pessoalmente sp tratei o sexo oposto da mesma forma, quando sou machista é na brincadeira. *As ms iam convosco aos bares, eram tratadas de igual para igual ou era mais a namorada que segurava no casaco quando o rapaz ia para o mosh pit, se havia aquele estereótipo da mulher como «adorno»?* Infelizmente nos anos 80, até aos 88, foi quando a banda acabou e estava noutro tipo de trabalho: infelizmente era esse o estereótipo das mulheres, como elas não ouviam metal, iam ao café, disseste exatamente aquilo que eu me lembro de ver: ficavam ali à porta com o nosso blusão pendurado às costas à nossa espera, não faziam cara de frete, mas ficavam à espera que fôssemos com elas a algum lado que elas gostassem porque elas queriam (risos). Era nós vamos gramar contigo duas horas no café,

mas a seguir vais ao cinema comigo e vais ver o filme que eu quero. Muito bonitas, muito arranjadinhas, com o nosso blusão às costas à porta do café, a olhar e a gente lá dentro na cavaqueira e depois dizia-se «vou andando que agora tenho que dar um pouco de atenção à namorada», mas isso por culpa delas porque ninguém as proibia de entrar lá dentro, só que elas não se integravam, achavam aquilo um bando de bárbaros, maljeitosos, cabeleirosos (risos). *As mulheres que eram do metal eram desconsideradas?* As poucas que vi, os rapazes, os namorados subjugavam-nas, eram mesmo machões, não deixavam as raparigas falar com ninguém, se calhar tinham medo que as roubassem porque haviam poucas (risos), era uma realidade enquanto que a gente que tínhamos uma namorada que não tinha nada a ver com metal ficavam ali a conversar umas com as outras. Assisti a algumas cenas de pancadaria nos concertos porque eles iam para o meio do público, mas não queriam que a malta se encostasse, é claro que tinham que se encostar porque o indivíduo supostamente encostou-se muito a ela, ao rabo dela, e eles diziam desencostate, até cheguei a pensar que os marinheiros tinham razão que as mulheres traziam azar quando iam para o barco... Elas acabavam por não serem donas delas próprias, estavam subjugadas, isto é meu, não toca! *Não eram do metal então porque supostamente o metal era conta isso a subjugação...* naquela altura era assim, hoje em dia já é diferente.

- **A música no cerne do mundo metálico**

- **Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?**

Eu acho que toda a gente primeiro começar por gostar do heavy metal em si, há uma fase em gostamos muito de speed metal, e depois thrash e depois black e depois às vezes andamos a variar, passei por essas fases todas, hoje em dia gosto de tudo um pouco, eu não critico o glam rock e eram bandas pesadas só que tinham aquela maneira de se apresentar, não critico o HR, nem o black, nem o thrash nem qualquer subgénero porque já puseram muitos subgéneros no meio de isto tudo, eu quero é ouvir uma coisa bem tocada que eu goste de ouvir e que me diga algo. Atualmente, gosto muito dos Gojira, um metal bastante elaborado e com qualidade, sou uma pessoa muito do metal dos anos 80/90, tudo o que é desse época, esses foram, para mim os melhores anos na cena do heavy metal. *Entraste no death metal?* Gosto de ouvir, mas Kreator, Metallica, Sanctuary, todas as de 80/90, e vou desde o glam até ao speed thrash, gosto de Slayer, Venom. *Ouves géneros musicais além do metal?* Se calhar porque fui músico e porque ainda não desisti de alguns projetos que tenho na cabeça, estou à espera de me reformar para lhes dar aso. Gosto de ouvir outros estilos à procura de sons que me digam alguma coisa, por exemplo: Eros Ramazotti e a guitarra que está por trás é distorcida e gosto de ouvir coisas que não têm nada a ver com metal mas que possam ter algo, uma ideia para eu aproveitar, mas não vou comprar um disco, oiço por curiosidade e por às vezes me diz algo.

Servirá também para canalizar sentimentos de angústia, raiva, para ti também sentes esse empowerment, relação com a violência de forma positiva, dou exemplo de Rito: “ainda bem que há o metal para não se andarem a matar uns aos outros, andam à porrada no mosh de forma amigável”... Há muita gente com muitas teorias, eu lembro-me de mostrar a uma religiosa uma banda de metal de White metal Stripper e ela disse esta banda é mesmo pesada, no metal encontra-se de tudo e a mensagem que transmitiam tinha a ver com Deus e até distribuía bíblias nos concertos deles--- Satanismo?!--- e tinham muito público que os seguiam. Ela ficou espantada e disse quer dizer que a gente pode transmitir a nossa raiva, ou o nosso bom senso até por um meio mais duro, sinceramente é isso que me acontece, estou num momento de mais fraqueza e vou ouvir metal. Estou

sempre a ouvir, mas num momento em que preciso de relaxar, para me recompor, para repor as minhas energias não há dúvida que o metal para mim serve.

- **A música em si mesma, o som, tem um papel preponderante para ti? Por exemplo, sabes do que tratam as letras de todas as bandas que ouves? Achas que o conjunto é que faz sentido ou valorizas a música acima das letras?**

*Há pessoas que valorizam mais as letras numa banda, mas o som noutra, há até pessoas que deixam de ouvir uma banda porque não concordam com a mensagem embora até pudessem gostar do som... Como é para ti? Isso é quando começamos a meter política no meio da música. As pessoas gostam de Marduk e de repente só porque ele tem letras nazis, deixaram de gostar então isto faz lembrar os nazis que gostavam das mulheres e descobriram que elas tinham ligação aos judeus e deixaram de gostar delas, é um contrassenso, adoravam a banda então não percebiam nada do que a banda transmitia, de repente e acho que isso são mais golpes publicitários do que propriamente ideologias deles, obviamente que eu vou ouvir as letras e ver o que eles dizem porque também percebo inglês porque há muita gente e não percebem nada, ouvem pela música e pelo ritmo... Mas também é importante, quando eramos miúdos ainda não sabíamos inglês... Em relação ao death metal, por vezes eles vão buscar aqueles trechos religiosos e as pessoas dizem isto tem muita cultura, musicalmente é inaudível, mas tem muita cultura na forma como eles se exprimem e vão buscar aqueles pentagramas. Eu acho sinceramente que não devemos menosprezar o que eles dizem, não devemos é deixar-nos ir na conversa deles. Eu não deixo de ser amigo dos meus amigos porque um é comunista, outro socialista e outro do PSD. Eu acho que são mais golpes publicitários do que outra coisa. Por muito que a gente não queira houve sempre uma ligação ideológica com os nazis, se falarmos de Motorhead, o homem aparecia com a cruz de ferro e aquelas coisas, mas que saiba nunca vi o Lemmy impingir a ninguém ideologias nazis, isto às vezes são tendências que as pessoas têm de um tempo ainda em que as coisas eram muito diferentes dos dias de hoje; hoje em dia não podes aparecer com uma cruz suástica, eu sinceramente, como eu cresci na minha infância num país que odeia os alemães, não me faz diferença, convivi com isso, mas também acho que esquecer não é solução porque esquecer é a forma como vamos cometer os mesmos erros no futuro, agora que as pessoas se deixem encaminhar por isso, é preciso explicar às pessoas o que aconteceu, se as pessoas querem ser nazis, aquelas que vão ter tendência para isso vão sempre ser e quanto mais a gente criticar a pessoa e mais for contra ela, mais ela vai indo. É uma forma de rebeldia também, para chocar? Veja-se os punks, também usavam cruces suásticas, mas na realidade não passou mais de um show, foi tudo um show cénico. *Tudo o que chocasse, o satanismo também?* Foi tudo shows cénicos, usavam as imagens para tentar cativar.*

- O que representa para ti o metal? (individual)

- **Achas que te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa?**

- **Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes? Há quem fale no antiautoritarismo... Para mim por exemplo significa liberdade, gostares do que gostas sem julgamentos...**

Eu costumo ter uma imagem de marca minha, no face e assim, a ideia que eu tenho da política é esta: odeio políticos e bancos. Eu costumo dizer que depois de velho é que sou anarquista, nunca fui em novo quando devia de ter sido e sou agora em velho e porquê? Primeiro porque nunca conheci um político pobre, já conheci médicos, engenheiros que tiveram azares na vida e ficaram pobres sem nada, eu não conheço um único político pobre e depois é o que a gente vê quando liga a televisão: é corrupção, corrupção, corrupção e passamos ao lado disto como se nada fosse porque toda a gente se preocupa com coisas banais e ninguém se preocupa com quem nos limpa o nosso dinheirinho, que custa tanto a pagar nos impostos. Eu abstenho-me da política completamente, costumo dizer que os políticos são os inúteis da sociedade porque ainda não apareceu nenhum partido político que defenda os meus interesses; é lógico que os pequeninos vêm com tudo porque sabem que nunca vão chegar ao poder. Quando chegam ao poder, eles não defendem aos nossos ideais, eles defendem os ideais deles, do partido. Eu acho que criticar alguém pelo estilo musical que ouve não faz sentido. *Para ti, achas que o metal transmite alguns valores e ideologias, tem valores subjacentes?* Eu, ideologia não direi pq como acabei de dizer eu não ligo o metal à política, mas aquilo que transmite sim, **dá-me força, aquela coisa do sei lá como se dizia nos anos 80 «ya! Vamos para a frente!»** Eu **ao longo da minha vida, já reconstruí a minha vida várias vezes e nunca baixei a cabeça e acho que o metal teve influência nisso, deu-me sempre forças para continuar, para bater a bola para a frente** e a minha maneira de ser: eu sou um indivíduo de princípios, há aqueles que dizem: «amanhã vou aí ao Algarve ver-te e digo então não vieste? Ah não pude e tal, inventa uma história, e eu se prometer tento cumprir; obviamente que às vezes, a gente não consegue, sou um indivíduo de princípios e gosto de pessoas com princípios. As pessoas que vêm dizer sim, sim e depois cortam-se às coisas, essas pessoas corto logo com elas, eu acho que o metal tem muito isso também: o princípio, eu entendo que as pessoas do metal são pessoas de princípios, pessoas de bem.

- **O metal une as pessoas?**

Acho que já uniu mais, da experiência que eu tenho, nos anos 80 como haviam menos bandas, as pessoas tão depressa ouviam Bon Jovi, como Def Leppard, como ouviam Slayer, Venom, Metallica, Iron Maiden, Judas Priest e hoje ouve-se «Manowar, isso não presta! Judas Priest: isso é para velhos!» Ah Metallica é que é bom bom, há dois grupos de quem toda a gente gosta: Metallica e Iron Maiden e parece que o metal acabou ali e não, eu gosto de ouvir tudo porque gosto de descobrir coisas novas; acho que hoje em dia há muitos subgrupos e as pessoas dividem-se muito nisso, eu acho que as pessoas deviam de abrir a mente, precisamente aquilo que não fizemos nos anos 80, abrimos a mente para ouvir metal, hoje as pessoas têm a sorte de poder ouvir metal porque têm internet, têm o Youtube e deveriam tentar descobrir por exemplo porquê que o Alice Cooper tem esta música assim, hoje ninguém gosta de Alice Cooper, ok mas ele começou em 73 e 74, naquela altura aquilo era muito pesado: ir para o palco e cortar a cabeça a bebés que eram bonecos, agora parece tudo de gente velha, ninguém gosta de Manowar, de Twisted Sister, de Motley Crüe: ah isso é coisa do passado, não prestava. Mas eu creio que há uma nova onda (falei com o Manel da Bunker) e ele diz que há toda uma nova leva de miúdos que foram buscar o HM antigo e que há bastante bandas a formarem-se, revivalismo dos anos 80/90, eu sinceramente não fico admirado, mas sinceramente o Porto, bandas que apareceram são quase todas do Porto: Xequê Mate, Tartântula, mesmo bandas de rock, Rui Veloso, GNR, o Porto teve uma grande influência, talvez porque o Porto é uma cidade de empresários e eles tivessem dado aos filhos mais liberdade financeira e aqui houvesse menos porque antigamente para comprar um instrumento era uma tortura. Eu costumo dizer para mim Metallica é o Kill em All, mas todos os outros álbuns são bons, gosto tudo

o que é de Metallica, mas o Kill em All quando aquilo apareceu: aquele «tnannan», aquilo bateu na cabeça de uma maneira, aqueles riffs que eles fizeram, aquilo é que me deu o clique, como os Destruction foi o primeiro álbum. Para mim, os anos em que melhor metal se fez foram os anos 80/90. Hoje em dia já se fez tanta música, já se inventou tantos riffs, que as pessoas acabam por ter de voltar um bocadinho ao antigamente

- **Existe aquela sensação de que «é do metal só pode ser boa pessoa?», que faz parte da família?** (*estavas a dizer que as pessoas do metal são pessoas de bem...*)

Bandidos há em todo o lado, mas eu costumo dizer ao contrário das pessoas que acham que as proibições servem para transformar os maus em bons, eu não tenho essa ideia porque as pessoas que tenho conhecido que são maus, são por natureza, são maus sempre. Há uma coisa no metal que acontece que é o seguinte: estava a conversar com uma pessoa no outro dia e dizia aquela pessoa gosta de música mas não é do metal, porque se fosse logo que ouvisse a tocar ele aparecia; as pessoas do metal quando ouvem, pelo menos vão ver quem é que está a tocar e normalmente por norma cumprimentam-se e até são capazes de pagar um copo, obviamente que a partir daí se é uma pessoa boa ou má, isso há em todos os sítios. Mas o metal tem esta característica, tu se ouvires uma música disco, ninguém passa cartão porque as pessoas que gostam ouvem e as que não gostam não ouvem, mas assim que estás no carro a ouvir metal e passa um gajo ao lado e ele vai-te cumprimentar, nem que seja a dizer eh pá fixe (faz o gesto de positivo com o dedo) e se for uma banda desconhecida, aparece logo alguém a perguntar, que banda é esta? Eu acho que isto só acontece no metal, eu não vi isso em mais nenhum estilo musical que aproxime tanto as pessoas. No metal acontece muito isto, assim que ouvem, aproximam-se.

4- Ideologia simbólica do metal

- Porquê o cabelo comprido, as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos?

(- O que significa vestires-te dessa forma? Que tipo de adereços utilizas? O que significam?)

Eu ainda gosto quando tenho oportunidade de vestir umas t-shirts com uns pentagramas ou com umas bandas, até tenho algumas coisas com picos que uso quando vou de férias, ainda hoje sou um grande adepto das calças apertadas. Eu acho que é uma espécie de afirmação: eu sou um gajo do metal: estou aqui com os meus picos, as minhas correntes e no fundo será a mesma afirmação dos gajos que vão para a H&M comprar t-shirts dos Metallica ou dos Iron Maiden, mas não ouvem. Não ouvem mas afirmam-se com aquilo, mas é estranho aparecer com uma t-shirt dos Metallica e nem sequer conhece Metallica, estão ali a aproveitar-se do metal para se afirmarem.

- **O panorama do mundo do metal em Portugal e no mundo alterou-se bastante, como vês essas mudanças? (em termos de multiplicidade de subgéneros musicais, o aparecimento do nu-metal, a forma como as novas gerações vivem o metal?)**

Desde que aconteceu isto do Corona vírus, ficamos muito limitados. Mas antes ia a concertos, sim. De certa forma estou quase a reformar-me. Uma das coisas que eu pretendo fazer é adquirir vídeos das bandas ao vivo para não perder o contacto com elas, algumas já desapareceram ou já não dão concertos, hoje arranja-se com facilidade para relembrar aquilo que eu fiz e ver o que é que o futuro nos reserva a nível de bandas.

ANEXO 9 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 6: Mauro

(realizada a 5 de agosto de 2021)

Entrevistado 6: Mauro

Idade: 49 anos

Sexo: masculino

Naturalidade: francesa

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: Licenciatura em Relações Internacionais

Atividade profissional: proprietário de loja de discos

Profissão pai/ mãe:

Localização geográfica: Porto (Norte)

Divisão de Weinstein: faz parte de duas dimensões (audiência, indústria)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

Influências pelo menos diretas familiares não, mas quando tinha 9 anos, o primeiro contacto na casa onde vivia na altura, havia lá um rapaz mais velho, em que os pais gostavam de AC/DC, na altura não sabia quem eram mas nunca mais me esqueci da capa, era o álbum Highway to Hell e foi realmente esse álbum que me fez trepar paredes na altura, é essa expressão que costumo usar, abanar a cabeça furiosamente e trepar paredes, não sabia inglês, mas ficou a referência da capa. Obviamente na altura não havia acesso a informação que não na rádio ou televisão e aí era música mais comercial pop dos anos 80, cresci nos anos 80 e sofri alguma influência da pop e hoje em dia ainda se mantém, gosto de alguma de boa qualidade, dá uma certa nostalgia. Mais tarde e aí já foi influência de um primo, tive novamente acesso a AC/DC e Iron Maiden e toda a NWOBHM, aquela corrente com Judas Priest, Saxon, Diamond Head, uma série de bandas. A partir daí, na altura, teria uns 13 anos e já comecei a ter acesso e depois na escola secundária, recordo-me perfeitamente, isto é um episódio caricato, lembro-me que na altura, comprava a revista Bravo, especificamente porque trazia duas páginas relacionadas com o heavy

metal, para poder fazer recortes e colar nos cadernos, fazer as minhas colagens. Depois começou também com a Blitz, apesar de ser um jornal eclético, também tinha uma área do metal e depois a rádio também foi muito importante. Especificamente dois programas: o Rock n Stock do Luís Filipe Barros, e ao sábado o Lança Chamas do António Sérgio, extremamente importantes os dois para poder ter acesso a outro tipo de sons, comecei a fazer algumas gravações em k7 na altura e a partir daí, fui sempre procurando cada vez mais coisas. O primeiro disco original que comprei foi em formato k7 foi o Seven Son of a Seven Son (Iron Maiden) em 89 em França porque estava lá de férias, originalmente é de 88. Entretanto, vim para a faculdade para o Porto e então aí é que se deu o grande clique porque cá já havia algumas tribos, havia discotecas (agora diz-se lojas de música de música) onde o pessoal se encontrava ao sábado de manhã, que tinham já uma secção relacionadas com o hard rock e o heavy metal. Inicialmente explorar um bocadinho isso e começar a conhecer as pessoas. *Achas que o clique se deu logo aos nove anos ou mais tarde?* A primeira memória de algo que me tocou foi logo aos 9 anos.

- **O que te atraiu num primeiro momento?**

Eu não sabia inglês, estava o título da banda e o nome do álbum que era o Highway to Hell, nunca mais me esqueci do Angus Young com uns corninhos a segurar no rabo do demónio e esse pormenor nunca mais me saiu da cabeça e até hoje em dia ouço com muito prazer AC/DC. Há pessoal que quando passa por fases deixa de ouvir completamente as coisas anteriores, no meu caso, modéstia à parte, gosto de ir buscar sempre a parte de trás e ouço com prazer as coisas que já ouvi no passado, não sou do género de me desfazer de coisas, só porque a banda já não está na moda ou porque já acabou, ouço com prazer tudo o que fui adquirindo ao longo do tempo; por um motivo, fui obrigado a vender parte da minha coleção, como uma forma de investimento, tudo aquilo que vou ouvindo e comprando, toca-me e marca-me, deixa-me uma marca na memória. Tenho coisas penduradas na loja que me dizem muito, eu costumo dizer «prefiro passar fome a vender aqueles discos». Há coisas que eu tenho que têm um valor sentimental tão grande, fosse pela dificuldade que eu tive em comprá-los ou pelos sítios onde os comprei, em festivais ou em feiras ou nos concertos das bandas que estão autografados alguns, também há essa carga emocional agarrada ao disco. Por isso, é difícil desfazer-me das coisas, até costumo dizer que sou um acumulador, nem só os discos, as revistas, às vezes pequenos recortes. Acho que é uma das características do pessoal do metal, que nos distingue de outros fãs: a militância de quem ouve heavy metal: não é só uma questão de moda, é questão de gostar-se e mostrar que se gosta... *É como que uma homenagem que se presta? Sim Forma de agradecer pelo que eles [músicos] nos dão?* Sim, eu sou suspeito porque tenho uma loja de discos, para mim é bom que os formatos físicos não desapareçam e essa militância do pessoal do metal vê-se aí, a pessoa gosta, compra, gosta de ajudar as bandas e homenageiam as bandas assim. O pessoal do metal ainda é um dos poucos fãs de música que se mantêm hoje em dia fiéis à compra do formato original, seja o vinil, a K7, o CD, seja o merchandising e nas outras coisas, Por exemplo, os Kiss, além de venderem milhões de discos têm uma parafernália de objetos, desde caixões; os Behemoth têm biscoito para cão, da marca da banda, às vezes chega ao exagero (risos).

• **Quais foram as primeiras bandas (subgêneros)-** *então podemos dizer que as tuas primeiras bandas o teu primeiro contacto foi hard rock, HM, com AC/DC, Saxon , IM...* Vou citar-te 5 nomes de bandas que marcaram realmente transições: AC/DC, IM toda a discografia é genial, os Metallica, Samael da Suíça que actualmente considero a minha banda favorita, o meu gato chamava-se Samael, o meu disco favorito de todos os tempos é o Passage de Samael. A quinta é noutra linha foge ao metal Puissance (banda sueca), são os nomes que marcam as minhas transições, obviamente que adoro muita coisa mesmo podia citar dentro e fora do metal; a banda que eu mais coleciono e que mais itens tenho chama-se Sopor Aeternus and the Ensemble of Shadows (dark wave).

- **os teus primeiros concertos?** *Foste àqueles míticos de Motorhead, Girschool, no Dramático de Cascais por exemplo?* Antes disso, eu nasci em França, vim para cá muito cedo, com 5 anos, mas ia muitas vezes a França visitar o meu pai que continua a viver lá e o meu primeiro concerto foi em setembro de 89 duas bandas locais em La Rochelle. Foi o ano em que entrei para a faculdade 89/ 90 (relações internacionais) e fui para o Porto (liceu em Marco de Canaveses, mas também já tinha estado a viver quatro anos no Porto-aquela fase de AC/DC foi no Porto) onde não conhecia ninguém e comecei a informar-me se haviam boas discotecas (lojas de música); eu andava com uma irmã mais velha, estava entregue a ela e para onde ela ia estudar ou trabalhar eu também ia. Comecei a ir às discotecas, até um dia em que alguém meteu conversa comigo e as amizades começam assim, a falar e tal, comecei também na organização de concertos e vi o nascimento de muitas bandas que são seminais aqui do Porto, a maior parte já acabou como WC Noise, Overhead, Raising Fear, Genocide, talvez o que se mantêm dessa fase são os Tarântula ou antes, são os bastiões do HM nacional , no início dos anos 90, havia um grande fervilhar de nascimento de bandas, inicialmente de garagem, gravaram demo tapes míticas e a posteriori, algumas lançaram mesmo álbuns em vinil com muito sucesso e que conseguiram singrar durante algum tempo e conseguiram fazer uma ou outra tournée, algumas datas esporádicas pela Europa. Uso novamente o termo militância, o pessoal acompanhava as bandas e seguia-as por todo o lado, onde essas bandas tocavam, lá íamos nós atrás e o ponto de encontro era no centro do Porto onde estava a Tubitek e a Bimotor.

- **Como era viver o metal na altura da adolescência? Formaste um grupo de amigos com os mesmos gostos?** Nem por isso, eu estive numa escola do interior e obviamente quanto mais interior, menos população, menos gente nova e pessoal a gostar de metal. Lembro-me de um que estudou comigo que também gostava de Iron Maiden, não havia muita gente para partilhar isso e eu como já era do género de usar uma ou outra t-shirt, era do género já discriminado, havia sempre ali uma ostracização, um olhar de lado, nunca fui de tomar drogas, sempre gostei de beber um ou outro copo, talvez por volta do 10º tenha começado a beber, não por dependência, mas socialmente. *Nessa altura já usavas algumas t-shirts, mas eras o único, não tinhas amigo com quem pudesses partilhar esses gostos...* Nessa altura, não, eu saía da escola e ia para casa para ouvir os programas de rádio; durante a adolescência também não tiveste oportunidade de sair à noite, só depois quando foste para o Porto... Na altura vivia numa casa particular, estava entregue a uma

família, não tinha liberdade, nem dinheiro por aí além. O meu pai ajudou-me durante os estudos, mas estava dependente daquela família, não tinha meios para comprar muita música ou t-shirts, só quando estava de férias com o meu pai, as minhas primeiras compras foram em França; comecei a fazer umas gravações em cassete, comprar umas revistas, mas o boom foi mesmo quando vim para o Porto, já com mais liberdade, embora estivesse sob a dependência financeira do meu pai.

A partir daí começaste a ter mais acesso aos concertos, organizavam-se para ir ao Dramático ou já havia concertos no Porto? A partir dos anos 90, 91, já haviam pequenos concertos daquelas bandas que citei há bocado e não só, também haviam outras bandas que vinham ao Porto, recordo-me perfeitamente de ver Thormentor e Sacred Sin, Inquisição, havia locais pequenos e o pessoal mobilizava-se, juntavam-se junto à Tubitek, já se começavam a ver os cartazes, mas o passa a palavra ainda era o melhor, era muito importante, muito antes das redes sociais e nem sequer telemóveis. Era por sorte também, o calhar de conhecer alguém que te emprestasse para gravar... Também cheguei a pagar para fazerem gravações, havia pessoal que tinham listas e faziam gravações e distribuía em mão, quando nos juntávamos a cada sábado. Aquele fenómeno do tape trading, eu nunca tive bandas, nunca estive envolvido em música à parte do consumo, mas o pessoal começou a ter bandas e começou a fazer trocas de k7s das próprias bandas e de álbuns de bandas estrangeiras, as fanzines também. Identificação com uma pessoa com outro lado do Atlântico meu exemplo do correspondente...

• **Sentias-te marginalizado quando andavas na rua? Olhado de lado? O que pensavas disso?** se se sentiam marginalizados ou não (se queriam/ gostavam de sentir-se «outsiders» ou se isso lhes era imposto ou não), como eram vistos pela família, pelos pais, pela sociedade em geral- histórias que queiram contar (crítica social/ cultural em relação ao movimento)

Sim , era um sentimento comum. *Eramos outsiders mas também queríamos sê-lo, mas também queríamos ser aceites... Somos diferentes mas Não queríamos que a senhora atravessasse para o outro lado da rua para não se cruzar connosco...* Por um lado, eramos realmente olhados de lado e marginalizados, seja pelas t-shirts que tinham um Outlook mais negro, com caveiras, monstros, cruces invertidas, que para nós não nos causam qq tipo de terror, mas para as outras pessoas causam. *Seria por isso mesmo que se usava?* Sim, mas depois criavam aqueles mitos, o pessoal de cabelo comprido ainda pior, eram piolhentos, não tomavam banho e não tinha nada a ver, podia haver um ou outro (risos). Eu, infelizmente nunca tive o cabelo comprido, tentei deixar crescer o cabelo, mas o meu cabelo crescia como o do Marco Paulo nos anos 80, encaracolado e em volume (risos). Eramos postos de parte e levávamos bocas; na universidade também? Também eu notei bastante porque era de uma família humilde, o meu pai era pedreiro e a minha mãe era doméstica e trabalhava na agricultura e eu não consegui entrar no ensino público e depois candidatei-me ao privado e entrei na Universidade Lusíada e digamos que era pessoal de famílias mais abastadas e eu nunca escondi as minhas origens e acho que isso ainda piorava um pouco as coisas. Além de poucas pessoas ouvirem o som que eu ouvia, também havia uma certa discriminação por isso. De qualquer maneira, as amigas iam

acontecendo, a minha licenciatura teve cinco anos e criou-se uma forte ligação dentro da turma e mesmo fora e eu acompanhava para todos os ambientes, discotecas e bares mesmo que não fosse do metal. Não quer dizer que um ou outro não gostasse de algumas coisas, como as baladas do metal que sempre foram conotadas como das melhores, eu ia de t-shirts para as aulas, só fui mesmo obrigado de ir de fato e gravata aos exames orais, (acabou o curso em 94).

Ligações ao álcool e às drogas; histórias que queiram contar; *sempre se associou muito o metal a drogados e gandulos...* Também haviam. Eramos marginalizados, mas ao mesmo tempo queríamos criar a nossa própria comunidade, o espírito do metal também tem muito a ver com isso, não é que seja elitista, mas se calhar é até um bocado uma elite, no sentido de irmandade. Imagina que estávamos na rua e víamos alguém do outro lado que não conhecíamos e havia uma identificação, havia aquela cena de (faz movimentos com a cabeça como que de cumprimento e de aprovação) e depois a partilha desses momentos, os primeiros concertos, havia esse espírito de pertencer a alguma coisa e isso era extremamente importante. Eu também fui sempre um bocado introvertido, quando te conto que no liceu ia logo para casa, na universidade ainda também, por exemplo, isto que estou a fazer agora [dar a entrevista] antigamente era impossível; a faculdade abriu-me um bocado, a maturidade também e a loja... era impossível estar a falar com alguém que não conhecesse com este à vontade. Então, falar em público, para mim sempre foi um quebra cabeças, passava por todas as cores! Sempre fui bastante introvertido e a música também ajudou nesse aspeto, lá está se calhar a falta de amigos na adolescência, a música sempre teve esse efeito aconchegador, protegia, eu até costume e não o digo de forma displicente: talvez me tenha salvo a vida muitas vezes. Coisas da vida, coisas familiares, a música sempre foi uma companhia e acho que o pessoal do metal também se identifica muito com isso, é algo que conforta, que aconchega; não quer dizer que quem gosta de música clássica ou assim também não tenha o mesmo tipo de sentimentos. A música é uma linguagem universal e toca-nos, acho que pouca gente consegue viver completamente sem música, mas nós ainda mais. Eu tenho esse sentimento que era impossível viver sem música.

Tem uma grande importância na nossa vida e outras pessoas nem tanto...

• **As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual ou sentia-se uma diferença? Tinhas amigas do metal: mulheres que iam convosco aos concertos e aos bares? Havia algum tipo de estigma? É uma questão polémica, dou o exemplo da Deena Weinstein, as mulheres eram vistas como outsiders, heavy metal muito masculinizado e que a mulher não tinha espaço para existir na subcultura...** Inicialmente até sou do tempo em que nem sequer haviam mulheres, no sentido de que eram raras, escassas as miúdas que apareciam nos ajuntamentos e nos primeiros concertos, havia sempre duas ou três, obviamente que agora as coisas mudaram e já é quase 50/ 50, nem tanto talvez, mas houve uma fase em que aquilo era só homens literalmente. Gradualmente, as coisas foram-se alterando, lá está também por causa da opinião que as pessoas tinham sobre o pessoal do metal. Os rapazes não deixavam que elas fossem tanto, mantinham-nas mais... também era uma questão cultural portuguesa das mulheres terem

menos liberdade; também houve uma grande evolução quanto a isso, mas com o estigma que havia sobre os rapazes, se calhar não havia tanta liberdade para as mulheres irem e elas próprias não se sentiam tão atraídas pelo som. Começaram a haver algumas artistas como a Rita Ford que vinha das Runnaway, Girschool, Godess, mas eram raros e mesmo os homens do metal sempre tiveram uma visão mais objetificante da mulher, nas capas dos discos e tudo, eram sempre símbolos sexuais, as capas transmitiam um bocado disso, a parte da sensualidade, da sexualidade, como também de uma certa agressividade para com as mulheres: as mulheres em correntes ou numa posição de submissão, que enaltecia o poder do homem, do macho, míticas são as capas dos Manowar. As coisas foram também mudando, há um pormenor que eu gosto também de realçar e que me esqueci de dizer é que antigamente não havia mesmo misturas entre tribos, o pessoal do gótico não se misturava com o pessoal do metal... *Mas isso acontecia mais nas grandes cidades, porque por exemplo, aqui no Algarve, como eramos tão poucos, todos os que eram alternativos fossem góticos ou punks, dávamo-nos todos bem...* Aqui não, aqui muita rivalidade e mesmo violência e falei no jornal Blitz porque a minha primeira perceção disso, havia uma secção de pregões e declarações e aí havia um destilar de ódio entre as várias tribos, o pessoal atacava-se mutuamente, mandavam-se mensagens de ataque uns aos outros. *Gangs- identificação e solidariedade de grupo?* O tal sentimento de pertença a algo faz acicatar da rivalidade para com os outros. Eu presenciei cenas muito más, mesmo o pessoal do metal juntava-se para ir a um concerto a dois ou três km do centro da cidade, iam em grupo e quem aparecesse de tribos diferentes, levava porrada (rockabillics, punks, góticos era tudo o que aparecia, com os skinheads ninguém se dava, na altura havia uma grande violência entre skinheads e metálicos. Tu, agora, nos concertos, vês uma mistura de todos os géneros... *Terá também a ver com a idade? Porque o pessoal na altura, tinha 16, 17, 18 anos...* Sim, mas já posterior, mesmo com alguma idade. Mas alterou-se bastante a esse nível... O pessoal nos anos 90 era muito mais... Éramos marginalizados, mas também éramos mais marginais. Eu recordo-me, havia drogas, se calhar extravasavam as suas inseguranças e todo esse aquilo que era apontado indevidamente através dessa violência, se calhar o consumo de álcool e drogas também levava a isso. Eu presenciei cenas de parte a parte, um ou dois metaleiros, metálicos, eu prefiro dizer metálicos eram apanhados por um grupo de rockabillics, skinheads eram espancados na mesma, era comum. Falaste há pouco das idas a Cascais, o pessoal organizava excursões e rumávamos a Cascais, eu fui aos dois primeiros concertos de Sepultura em Portugal, antes disso já tinha isso a Manowar. Mas Sepultura, a banda era uma religião e realmente o pessoal, a esse nível ainda era mais marginal, eu recordo-me de entrar nas casas de banho do Dramático de Cascais e estava tudo partido, não havia retretes, não havia portas, lavatórios, o pessoal destruía. No primeiro concerto, a equipa que fazia segurança não respeitava o público, batia no público e há um episódio em que o próprio Max Cavalera parou o concerto e atirou a guitarra contra um dos seguranças que estava a bater num fã. O pessoal estava no mosh e no crowsurfing e os seguranças apanhavam-nos e batiam-lhes... O concerto acabou quase numa revolução, as grades a saltarem e veio a polícia de choque. No segundo concerto, já estava a polícia de choque a controlar o pessoal para entrar. Começaram a aparecer algumas mulheres, não só aquelas que gostavam verdadeiramente de metal, mas começou a haver um cruzamento

de géneros, bandas como Type O Negative, um exemplo clássico, já havia uma certa atracção, a nível musical, o pessoal do metal gostar de algumas coisas góticas e o pessoal do gótico gostar de certas coisas de metal, antes disso ainda houve o pessoal do punk e do hard core, mas quando houve esse cruzamento já houve uma certa harmonização, aceitação mesmo e já se começaram a ver mais mulheres nos concertos por essa cross polination, cruzamento de géneros que fez com que o pessoal do metal fosse a cenas de gótico e vice-versa. E mulheres nas bandas, cada vez mais, no metal sinfónico foi muito importante. Porque não houve mais bandas heterogéneas no thrash e no death... com algumas excepções.

- Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

Desde AC/DC, Iron Maiden, a partir da corrente NWOBHM, talvez por uma questão de rebeldia, sempre procurei um som mais pesado, mais extremo. Primeiro o thrash metal importantíssimo, Metallica foi importantíssimo, Megadeth, Slayer, Testament, Anthrax, sempre procurando mais pesado, mas no meu caso nunca deixei de ouvir as bandas anteriores e depois do death metal para o black, do black para o grind core, daí já fui para o noise, que era o mais extremo que havia. Como eu era bastante introvertido, sempre fui de ler muito e se calhar preferia ficar a em casa a ouvir música, o que não quer dizer que não saísse ou fosse a concertos. Eu assinei as revistas a Terrorizer, a Heavy Rock, a Metalhammer e eu era do género: dissecava as revistas, o que foi importante para conhecer muitas bandas e outros géneros porque as próprias bandas citavam outras bandas que eu não conhecia e ia procurar, não só dentro do metal mas também noutros géneros e então depois do noise fui para coisas mais experimentais, dark ambiente, neo-clássico, neo-folk, mas não deixo de ouvir as outras coisas, eu ouço com tanto prazer um disco de death ou black metal extremos como heavy tradicional ou uma cena neo-folk e atualmente não tenho limites mas isto sou eu, o pessoal do metal sempre foi um bocado conotado por ser mais narrowminded... Ouço com prazer discos antigos e reaviva-me memórias excelentes, é a parte nostálgica da coisa, é a parte emotiva porque a música tem a ver com as emoções até Samael, houve uma evolução.

- Como é ou o quê que a música te faz sentir?

Eu não consigo viver sem música, a música sempre me acompanhou nos bons e nos maus momentos, especialmente nos maus. *Acabaste por dedicar a tua vida à música tendo a loja, não é?* Sim, eu nunca estive envolvido nem em bandas nem em fanzines, nem em programas de rádio

- Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Tens ou tiveste ma banda?

Zero, eu até costumo brincar que respeito e gosto demasiado de música para ir tocar (risos). O meu pai ofereceu-me uma guitarra clássica quando ainda era adolescente e oh pá, nunca tive queda, ainda a tenho, mas nunca aprendi, ainda houve um amigo que me tentou ensinar uns acordes na altura da faculdade, mas nunca aprendi. *Todos os metálicos querem ser músicos?* Sou sincero que nunca fui o caso, sempre vi do ponto de vista do

consumidor, comprar discos, ajudar as bandas, ir a festivais, ver concertos, esse lado da barricada e por incrível que pareça, depois a minha vida mudou completamente, a música é mesmo uma paixão, não consigo viver sem música e numa fase da minha vida em que a nível do trabalho, as coisas estavam a correr bastante mal, estive na área de higiene e segurança no trabalho, a empresa onde estava há 15 anos, nunca arranjei trabalho a nível dos meus estudos, foi contratado por saber francês e in, era uma empresa familiar e tínhamos que ser polivalentes, o meu trabalho era desde descarregar camiões, conferir, guardar, atender os clientes ,as também ia a feiras internacionais importação e exportação, por erros de gestão a empresa foi abaixo e comecei a entrar numa depressão por mil e um motivos mas principalmente por causa da empresa (...) afetou a relação que eu tinha com a minha companheira.... [Fala do seguimento que se despediu]... Dei o tilt completamente e apesar de me esforçar não conseguia apresentar resultados. Das 22 edições de Barroelas foi a 19, nesse ano não quis ir... estava tão afetado mentalmente... A questão da loja foi dei um murro na mesa, de não confiar em mim, tem que fazer alguma coisa por mim, um projeto meu e qualquer coisa que eu goste. O que é que eu gosto mais na vida? É a música não há hipótese, só poderia ter a ver com a música, não toco nenhum instrumento, não tenho editoras, tenho que vender música. Abriu oficialmente no dia 13 de Maio de 2014- Bunker Store- uma necessidade, um escape e querer fazer algo dentro daquilo que eu gostava que era a música. No coração da cidade do Porto, no CC Invictus e consigo uma boa relação qualidade/ preço. Consigo ter o negócio aberto graças a isso porque em relação à localização, a renda é relativamente baixa (começou com um sócio). *Consegues ter aí um ponto de encontro para os apreciadores deste género musical?* Obviamente que é um negócio, mas desde o princípio a filosofia da loja... Nessa altura tive que abdicar de parte da minha coleção para começar a empresa, colocada na loja como forma de investimento, foi um sacrifício em prol de algo melhor e maior.

- Ouves outros géneros além de metal¹⁴⁹? Sim, ouço música clássica por exemplo... **O que é que este tipo de música tem que não encontras noutros géneros musicais? É a música em si mesma, o som, as letras ou o conjunto?** Eu acho que é o conjunto das coisas, obviamente que o som é a base das coisas. Há pessoas que não compram formatos físicos e ouvem em streaming, por exemplo, eu ainda sou da velha guarda, gosto do formato físico, sou suspeito por ter a loja... *o ritual de ouvir o vinil...* Sim, sim, nós pertencemos a grupo de colecionadores no Facebook 70 ou 80 membros que passa muito por mostrar aquilo que se ouve, mas sobretudo se temos um artigo raro e partilha desses momentos, o tal ritual de se estar a pôr o discos, às vezes até se põem pequenos vídeos disso, tanto pode ser Samael como black metal extremo ou Sopor Aeternus ou Dead Can Dance ou Death in June que adoro....

• Achas que te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa?

Sim... *Faz parte de ti?* Sim...

¹⁴⁹ Explico que quando falo de metal englobo o conceito de Hein, englobando tudo desde o hard rock e HM dos anos 80

• **Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes?** *Quais os valores e ideologias que associas aos géneros musicais que ouves?* O rock e o metal sempre foram coisas que nos distinguiram das gerações anteriores, portanto esse acto rebelde era para marcar a diferença das gerações mais velhas, não quer dizer que eu com 50 anos (estava prestes a fazer anos na altura da entrevista), aparece na loja um jovem de 17/ 18 anos e temos o mesmo espírito, eu costumo dizer: «não me trate por você», há essa aproximação, trata-me por tu: nós somos ambos fãs de música Eu considero a loja uma casa de amigos, é um negócio, tem que ser sustentável, mas ao mesmo tempo é um ponto de encontro de pessoas; eu recebo sempre as pessoas com agrado, mais para o final do dia se for possível, bebe-se um copo, conversa-se, põe-se os discos em formato físico, ouvem-se, há clientes que levam discos para ouvirmos na loja, há essa partilha também e serve de contacto entre os vários intervenientes: os músicos (costuma fazer meet and greet das bandas), as editoras, há pessoal ligado aos media e todos nós temos o nosso papel na divulgação. A cena é pequena, se bem que há bandas grandes mas no underground há bandas pequenas que precisam de toda a divulgação. Esse cruzamento entre essas pessoas todas é que faz a cena avançar, mais uma vez uso a palavra militância, nós somos mesmo militantes. *Então os principais valores que associas tem a ver com uma certa irmandade?* Sim, sem sombra de dúvida. E em termos de posição política? Eu não tenho limites, não tenho barreiras, obviamente que há muitas bandas que são conotadas com a esquerda, outras com a direita, algumas com a extrema esquerda, direita, há bandas anarquistas, eu vendo de tudo na loja, tento agradar pelo lado musical, há bandas que têm símbolos anarquistas nas capas, outras símbolos de extrema direita, Che Guevara, eu acho que tem a ver com a liberdade das próprias bandas, que acaba onde começa a das outras. Pegando por exemplo em Napalm Death ou Dead Kennedys, que são conotados com uma certa esquerda e sou capaz de ouvir Graveland, há bandas piores que são abertamente de extrema direita, mas se a música é boa, porquê que vou deixar de ouvir? [conta que foi bloqueado no Facebook por partilhar o the philosopher de Burzum] da mesma forma que vou a concerto punk, hard core que é pessoal de extrema esquerda. Nesse aspeto, desde que as pessoas se respeitem, uma coisa é defenderem ideias contrárias, outra coisa é partirem para a violência.

• **O metal une as pessoas? Qual a tua experiência em relação a isso? (os fãs mantêm o movimento vivo, principalmente quando se tratam de subgéneros menos populares)** Sim, sem sombra de dúvida e acho que cada vez mais, o fã do metal ainda consegue ser mais eclético e aceitar outros géneros que um fã de pop.

Em 91, em Paris, vi pela primeira vez Metallica, mas melhor que isso vi AC/DC foi o meu primeiro grande festival. O meu 1º concerto foi em Set de 89, a minha prova de fogo foi o Masters of Rock em Paris em 1991. Eu fui ver Metallica no estádio José de Alvalade, a primeira vez que eles vieram a Portugal e estavam 50 60 mil pessoas, mas nessa fase a quase totalidade gostava mesmo de Metallica, obviamente os concertos dessa altura são completamente diferentes dos de agora, como o pessoal que vai ao Rock in Rio ver Metallica, é algo mais pela moda, não quer dizer que não muito pessoal fã da banda que

vá, eu continuo a respeitar a banda, mesmo não sendo fã dos últimos discos, mas muita gente vai pela moda e o fã do metal consegue ser mais eclético e mais permissivo ou aceitar mais a influência de outras coisas e ouvir outros géneros e não ter vergonha de o admitir, antigamente eram guilty pleasures, atualmente já não, são capazes de partilhar uma cena extrema e a seguir [uma coisa mais soft], mas ainda há pessoal que gosta muito de criticar, tenho muito pessoal amigo assim e alguns da minha idade... O pessoal continua a ser militante, a ir aos concertos, a comprar o merchandising, a comprar os formatos físicos (...) já há uma certa mistura das tribos...

*Eu acho que aí no Porto há mais jovens a ouvirem metal, pessoal de 20 e poucos anos, mas normalmente aqueles que se foram mantendo são os que estou a entrevistar aqueles que começaram na adolescência e que se mantiveram até hoje ou achas que já há outra camada jovem que vem fazer o seguimento? Por experiência própria, estou ligado por causa da loja, comunico com muitas pessoas e sou desta geração em que a maior parte estão casadas, têm filhos e tudo mas continuam a acompanhar a cena e continuam a comprar, dependendo do poder de compra de cada um e se calhar ainda é do pessoal que compra mais, a faixa dos 40/ 50, mas tenho clientes de todas as faixas etárias e também há uma nova geração 18, 19, 20 que são muito muito ativos: têm bandas, criam editoras. Recordo-me perfeitamente de um miúdo que tinha 13 anos a primeira vez que entrou na loja, chegou à thrasher, t-shirt de Megadeth, calça justinha e sapatilha bota mesmo à anos 80 e o pormenor caricato é que tinha um poster com a figura de SA e ele diz tens aí um póster de SA e eu disse estás a fazer-me ganhar o dia!, ele diz uma prima minha também gosta, eu acompanhei o crescimento dele, já foi à loja com os pais, a avó e os pais não têm nada a ver e depois ele começou a ir aos concertos com a prima mais velha e houve uma ocasião em que os pais me vieram pedir para dar um olho nele. Em Barrocelas também, já tinha uma banca no festival que acabou por ser um ponto de encontro e os pais também deixavam os casacos e entretanto o miúdo foi crescendo e já criou uma banda editada pelo B. da LD Prod aí do Algarve. Entretanto gravaram uma música e puseram no Youtube, eu achei brutal e mandei a pessoas do meio: Vectis baterista e o mais novo (som tipo Sodom), eu mostrei o tema ao B. e ele adorou e editou a primeira cassette e um CD entretanto já faz parte de outras duas bandas e com outros dois criou uma editora, cujo primeiro lançamento foi em formato cassette. Ele agora tem 18 anos, criaram uma pequena editora e lançaram uma banda brasileira dentro daquela linha do black thrash e eu vejo esse fervilhar do pessoal que é incrível. Obviamente que hoje em dia eles têm muito mais acesso a instrumentos, a aprender música mais facilmente, a tecnologia, os computadores, o estarem separados e ensaiarem à distância... *Mas antigamente havia mais, não?* Era mais difícil na altura, uma banda para gravar uma cassette, uma demo tape, era extremamente difícil, hoje em dia há mais facilidade. *Mas em termos de quantidade, havia muito mais pessoal a criar bandas ou não?* Talvez não (sorrisos), na minha opinião não, vejo as movimentações e tento ajudar e há cada vez mais.*

- Porquê o cabelo comprido, as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos?

(- O que significa vestires-te dessa forma? Que tipo de adereços utilizas? O que significam?)

Continuo a vestir-me desta forma, sempre o fiz, mas há parte de uma fase em que trabalhei num hipermercado e tinha que vestir farda e à parte de ter que ir de fato e gravata para os exames orais, sempre me vesti com as t-shirts, de preto. *Tem a ver com a homenagem que se quer prestar às bandas?* Sim e é uma forma de identificação, a tal irmandade, o pertencer a um grupo, podemos não gostar das mesmas bandas, mas sabemos que estamos ali dentro da cena do metal. É uma forma de identificação, mesmo que não conheçamos a pessoa, podemos ir a qualquer parte do mundo, já tive a felicidade de ir a muitos festivais lá fora, em vários países e nem digo no contexto do festival porque é normal, mas imagina que se vai um dia antes do festival e estar a visitar a cidade, se nós nos cruzarmos com alguém, podemos nem falar a mesma língua, mas se tem um t-shirt, identificamo-nos com a pessoa, há ali logo uma afinidade.

• **Existe aquela sensação de que «é do metal só pode ser boa pessoa?», que faz parte da família?**

Não tenho razões de queixa, pode ter havido um ou outro episódio mais desagradável, mas nada de especial. *Provavelmente aquela pessoa terá uma forma de pensar semelhante?* Sim ... destilar de ódio no Facebook... mas eu tanto ouço Napalm Death como ouço Burzum, desde que não me incomodem, eu também não incomodo ninguém.

Também tem a ver com a multiplicidade de géneros que foram surgindo?... Há entrevistados que me dizem que a cena já não é igual... Eu confio mais depressa nalgum vestido à metaleiro do que nalgum engravatado. Quem vê notícias, vê que muito do mal do mundo são causados pelos políticos, as falcatruas são de pessoal de fato e gravata. Identifico-me muito mais depressa com pessoal com piercings e tatuagens. Posso dizer que tirei o curso com uma pessoa que está na Assembleia da República e continua a ser o meu melhor amigo, apesar de ser político e usar fato e gravata.

[O entrevistado foi respondendo às questões do último grupo temático durante a entrevista]

ANEXO 10 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 7: Teresa

(realizada a 31 de março de 2021)

Entrevistado 7: Teresa

Idade: 45 anos

Sexo: feminino

Naturalidade:

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: licenciatura em arquitetura; conservatório em piano, canto lírico e contrabaixo

Atividade profissional: professora de piano e de canto

Profissão pai/ mãe: engenheiro mecânico naval / professora de matemática

Localização geográfica: Lisboa / meio urbano

Divisão de Weinstein: faz parte de duas dimensões (artistas e audiência)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

Eu estudei música desde pequenina, comecei a estudar piano aos 10 anos, mas sempre tive a panca pela guitarra elétrica e para aí aos 12 anos eu queria aprender guitarra elétrica e deixar o piano, mas os meus pais não me deixaram. Eu comecei a ouvir música pelo rock progressivo psicadélico e só para aí... O meu percurso é um bocadinho esquisito e depois como sempre ouvi música clássica porque aprendia piano (os meus pais estavam muito ligados à música erudita). Para aí com 16, 17 anos também comecei a ouvir muito jazz e música erudita e só aos 18 anos é que comecei, embora continuasse a ouvir rock progressivo, comecei a ouvir cenas mais pesadas, e depois o limite vai sempre subindo um bocadinho, vozes que se calhar não conseguiria ouvir com 13 anos, como Carcass por exemplo, aquelas vozes de death metal, tem a ver com a abertura do espectro. *É uma aprendizagem também?* A pouco e pouco, tu vais abrindo o teu espectro porque não é comum, normal, na escola, quando cantas, os meninos cantam tudo certinho e também

tem a ver com a compreensão; eu, às vezes comparo um bocadinho, é como em tudo, como nas artes plásticas: aprendes a fazer a coisa direitinha, mas depois há que a desconstruir, cubismo, expressionismo, em que as coisas são desconstruídas, depois tem é que haver a compreensão do porquê.

A partir dos 17, 18 anos, influências de grupo de amigos, irmãos? Eu sou a mais velha e a minha irmã ouvia o Black álbum na altura e o Nevermind dos Nirvana e os Ugly Kid Joe, eram quatro ou cinco CDs que o pessoal ouvia, como gostei sempre muito de música sempre partilhei muito com amigos, principalmente, se calhar o «boom» para mim, foi quando começou a Internet cá porque eu tive logo, convencemos logo o meu pai a comprar um modem e quando houve aquela cena de todo o pessoal começar no IRC, no MIRC e foi a partir do IRC que eu comecei a expandir, porque das pessoas que viviam ao pé de mim, do meu bairro ou dos meus amigos, não havia ninguém que partilhasse e foi a partir de grupos que se começam a juntar a partir dos gostos que eu comecei e a pouco e pouco, tu comesças a estruturar porque tens acesso a muito mais coisas, porque nós gravávamos cassetes do que tínhamos em casa, dos nossos pais de alguns programas de rádio em que estávamos ali com a cassete à espera e era esse o acesso que tínhamos, era bastante reduzido. *Alta Tensão do Freitas ouvias?* Mas antes do António Freitas em 90 e qualquer coisa, tinhas bocadinhos das coisas gravadas ou porque o homem já tinha falado (risos).

Já conhecia aquelas bandas como Megadeth, Metallica, Pantera, mas estas são aquelas que toda a gente mais ou menos conhece. Eu gosto de muitas coisas, eu adoro guitarristas, por exemplo, das coisas que me puxaram mais foram os solos de guitarra lá está, a panca que eu tinha, mesmo os solos do black álbum de Metallica, eu gosto à mesma, quero lá saber, adoro Testament, é brutal adoro os solos. Mas é isso, comecei muito mais a estender os meus tentáculos para coisas que não conhecia a partir dessa altura, 96, 97.

E em termos de grupos de amigos, começaste a conhecer mais gente ligada ao metal? Começaste a sair à noite? Eu já saía à noite, e há pessoas dessa altura que conheci através do IRC que ainda são meus amigos hoje. *Encontravam-se? Combinavam encontrar-se?* Havia aquelas coisas tipo «Portugal», «Lisboa», «Heavy Metal» e daí começavam a fazer pub aos próprios canais, vai lá ouvir tal banda, não te queres juntar ao death metal? E a partir daí o pessoal ia partilhando coisas, eram ficheiros que demoravam não sei quanto tempo até chegar mas pronto esperávamos e ouvíamos aquilo.

- **O que te atraiu num primeiro momento?**

Aquilo que atraiu num primeiro momento foram as guitarras e sobretudo os solos.

- **As primeiras bandas?**

É uma paixão o metal para ti? Sim, (apesar de ela também gostar de outros géneros musicais). Consideras o metal o teu género favorito? Depende do estado de espírito e o metal é uma cena bué grande se incluíres rock pesado, é muito difícil estabelecer o que é metal metal... *Primeiras bandas?* A primeira terá sido Metallica, mas era daquelas coisas

que ouvias sem teres uma categoria escolhida na tua cabeça, com 12, 13 anos ouvias o Master of Puppets ... *Mas o Master of Puppets não era para todos... Se calhar já tinhas essa abertura em termos musicais, como estudaste música...* Sim, primeiras bandas Metallica, Testament, Megadeth, Pantera...

- Como era viver o metal nessa altura e em Portugal? (referindo zona onde passou a adolescência)

- **O seu dia-a-dia na escola;**

Eu nunca pertenci a grupo nenhum, sempre me dei bem com toda a gente, mesmo em pequenina, lembro-me que haviam grupos de meninas que tinham umas líderes e que rivalizavam, eu nunca fiz parte de nada disso, sempre estive à parte com dois ou três gatos pingados.

- **como se vestiam (aspetos ligados à exteriorização da subcultura);**

A história do começar a vestir de preto começou no 9º ano, porque tinha a panca do rock progressivo, tinha a panca dos anos 60 então até para aí ao 9º ano andava um bocado esquisita, e a partir do 9º, sendo o preto associado a uma cena um bocado mais pesada, quando fui para o 10º, fui para artes e na altura, havia muito essa cena do pessoal que ia para artes e vestia-se de preto, então a partir do 10º, foi quando comprei as minhas botas da tropa, tinha 15 anos, eu andava sempre um bocado rota que era a cena de não querer ser igual ao resto do pessoal e depois foi-se acentuando, eram discussões permanentes, diárias com o meu pai por causa das botas da tropa que me dizia «porque não andas com sapatinhos como as outras meninas?» e eu dizia «não quero!» (risos) e cada vez que ele dizia isso, eu ainda fazia pior, ainda andava mais rota.

- **se formou um grupo de amigos com as mesmas práticas;**

Essas três quatro pessoas não eram do metal, na escola dela também não havia, andou no externato, no 7º escola pública e Alfragide até ao 9º e depois no 10º vim para o Pedro Nunes e 12º D. Pedro Quinto, Alfragide durante a adolescência. Em Alfragide, para além das gravações, havia um programa que dava na RTP2, antes da Internet, via durante o almoço, Nino Fireto programa de rock (MusicBox) que dava na hora de almoço Whistnesnake, Bon Jovi e foi também por aí. Tinha uma única colega na minha turma no 7º e 8º e era a única pessoa com quem falava de metal, mas falava com outros colegas sobre outros géneros como Pink Floyd, Dire Straits...

Começaste a sair à noite para o Bairro Alto, o Jingão, etc e foi aí que conheceste mais pessoas ligadas ao metal?

Era o tal pessoal da net, combinávamos e encontrávamo-nos lá.

- **as saídas à noite, se existiam ligações ao álcool e às drogas; histórias que queiram contar;**

Na boa, não sei, nunca houve sim nada extraordinariamente pesado, estava mais no Jingo e o Marão, o Apolo por causa das pipocas e o sr. tinha lá uma cassete e o pessoal do metal parava lá e conversávamos, havia o Rookie e depois íamos todos para um sítio ao pé do largo do Calvário e passava metal, o Rockline...

- **os teus primeiros concertos?** *E explico que para mim, por exemplo era toda uma aventura quando ia a Lisboa para os primeiros grandes concertos, pergunto-lhe como foi para ela que vivia perto da capital?*

O primeiro concerto de metal que me ficou marcado foi o de Slayer, foi em 98 ancho eu, no Dramático com Sepultura e foi quando apareceram os System of a Down e fizeram a primeira parte.

- **Sentias-te marginalizada quando andavas na rua? Olhada de lado? O que pensavas disso?** *se se sentiam marginalizados ou não (se queriam/ gostavam de sentir-se «outsiders» ou se isso lhes era imposto ou não), como eram vistos pela família, pelos pais, pela sociedade em geral- histórias que queiram contar (crítica social/ cultural em relação ao movimento)*

Final anos 80, anos 90, piercing no nariz, as pessoas olhavam muito... Estilo sóbrio ou patches? Eu andava e ando tenho poucas t-shirts com nomes de bandas, uso mais como vestidos, mas não gosto de letras e floreados, preto sóbrio, mas mesmo assim, principalmente nos supermercados, andam sempre os seguranças atrás de nós (o namorado também se veste de preto), se calhar quando era mais nova não reparava ou por ser menina não reparava. *Mas hoje em dia sentem um bocadinho...* Sim, sim. Estavas a falar das discussões por causa das botas da tropa, *como eram vistos pela família, pelos pais?* Sem contar com o meu pai, o resto da família aceitou na boa, mas também tem a ver com a esquemática familiar, quando rapei o cabelo de um lado, só passado um ano é que o meu pai reparava, quando pintava também dizia ah estás diferente- pai: engenheiro mecânico naval e a mãe prof de matemática, nada a ver com música, mas o meu pai aprendeu guitarra clássica, a minha mãe também aprendeu piano e o meu pai sempre teve facilidade para tocar instrumentos, piano, violino eles sempre estiveram em coros, faziam viagens e adoravam. *Já teriam por isso outra abertura?* Na minha cabeça, o que eu penso é que, tal como os pais deles quando eles começaram a ouvir os Beatles, eles pensariam que seriam os «novos Beatles», lembro-me de falar com o meu pai sobre rock progressivo e ele dizia, ah daqui a uns anos vais ver, isso passa...

- **As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual em relação aos homens ou sentia-se uma diferença?**

Deena Weinstein refere sobretudo a cena dos anos 80 e há a coisa das groupies, movimento masculinalizado, machista até, se bem que eu nunca senti isso, quando falava com os rapazes era de música e sempre fui tratada de igual para igual. E tu?

Eu sempre estive em meios em que haviam mais rapazes, eu era das poucas raparigas, mas sempre fui igual a eles, nunca me senti... era de igual para igual, falávamos de música, nunca houve problemas, mesmo com as bandas, mas que notava isso com outras pessoas, havia muito essa coisa super machista dentro do metal; eu conheci isso a tocar, ir com o resto do pessoal que eram todos gajos e o organizador cumprimentava todos menos a mim (eu tocava teclas) «Ah, és a namorada que vem ajudar a trazer material?» e eu: « não, faço parte da banda»; «ah então é preciso mais um microfone?» «Não» «backing vocals?» «Não...», a sério e nota-se bué. *Reflexo da sociedade em que vivemos, género de música agressivo, as meninas não podiam sair tanto de casa, eram muito protegidas, meados anos 90 eu nunca senti isso da minha parte e acho que no thrash e no death já não se fala tanto disso, enquanto que no hard rock fala-se muito da mulher sedutora, bruxa, etc...* O hard rock é totalmente machista.

Desde pequenina gajas e gajos, homens e mulheres são exatamente iguais, ai de quem me venha dizer o contrário! (risos) *Ambiente familiar foste educada dessa forma?* Desde pequeninos, nem me passa pela cabeça ser de outra maneira. Os grupos em que estive, talvez por serem amigos do meu namorado, serem mais homens, mas nem pensar, também andava no judo e por vezes ganhava-lhes! Eles não eram mais do que eu! (risos).

- Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

Atualmente, eu gosto de alguns subgéneros, death metal, mas principalmente de death metal melódico, mas também gosto de thrash. Arch Enemy , tudo o que tem a ver com o Michael Amott (Carcass, Entombed, Arch Enemy) e o Christopher Ammot (Carcass, Arch Enemy, Dark Tranquillity); Spiritual Begers; também gosto muito de rock blues, mas prefiro death metal melódico, mas também as origens Black Sabbath, bandas ligadas ao rock mas a origem de muita coisa como Deep Purple, houve uma altura em que adorava In Flames, mas a partir de um certo álbum deixei.

- Como é ou o quê que a música te faz sentir?

É muita complicado. Não dá para viver sem música ponto. É a maneira que tu tens para te exprimires, sei lá, faz-te sentir viva... *Alguns autores falam de canalizar sentimentos de raiva... acalma...o que pensas sobre isso?* Sim libertar as frustrações, tenho a opinião que o pessoal do metal é sempre o pessoal mais bonzinho, é o pessoal que gosta dos cãesinhos e ajuda; se fores ver o pessoal das raves, é pessoal muito mais agressivo; *mas antigamente, não era bem assim...* Muito era fogo de vista porque fazia parte da publicidade, a cena, mas é mais um bocado fachada do que outra coisa, toda a gente tem uma parte mais agressiva e menos agressiva, coisas boas e más; mas isto é dar voz a alguma coisa que é natural e que assim de alguma maneira é extravasada e lá está a coisa fica mais controlada, porque se tu estiveres sempre reprimido «warrrr»; *tens que te libertar de alguma forma?* Ya, sim, claro.

- Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Tens ou tiveste uma banda? Se é ou foi músico (profissional, não profissional, ligações à indústria, etc)

Comecei a aprender piano aos 10, guitarra só acústica, mas não toco especialmente bem, toco baixo, contrabaixo que estudei no Conservatório, também tirei canto lírico. Estudo sempre dentro da música? Na escola, aos 15 conservatório, faculdade (arquitetura), 3º ano, estava a ficar muito complicado estudar arquitetura e piano porque já estava no 6º ano e precisava de estudar 6 horas por dia e não estava a conseguir ter as aulas nos dois sítios (via os amigos irem de fim de sem e eu tinha que ficar a estudar piano), então mudei para canto. Ficar sem estudar música era uma cena que me era impensável porque como tinha sempre tido isso a vida inteira, apesar de me tirar muito tempo, era uma coisa que eu não conseguia pensar que poderia viver sem isto, terminei o curso todo de teóricas em piano, fiz o canto lírico, acabei arquitetura; depois fui estudar contrabaixo e baixo e guitarra sempre por autoaprendizagem.

Bandas: quando tinha 12 anos, fiz a minha primeira banda que se chamava «Ketchup», mas depois mudámos para «Lunaticodependentes», no 12º também tentamos fazer outra banda, mas andava com o baterista, acabamos e acabou a banda (risos); toquei muito em grupos de baile para ganhar dinheiro, no Santo António, no largo do castelo, na Voz do operário, fazíamos os arraiais por aí e câmara pagava bem.

«Walk the Line»: rock alternativo e toquei tb com o «Adamastor», «Ivo Bastardo»; depois fui embora de Portugal; em Barcelona, tive uma de covers dos anos 70 com amigos, tive outra de versões de «metal» que há pessoal que diz que não é metal tipo Mastondon, há pessoal que chama groove rock, é um doom mais, vai buscar muito a Black Sabbath a nível de riffs e de feeling e curto bué, Blues Pills, blues doom, tem um quê de anos 70. Entretanto esqueci-me de outra banda: «Creamson Parker», em que tocava teclas ainda em Barcelona. Agora tenho uma banda com pessoal que vive no Algarve: «Venusta»

- O que é que este tipo de música tem que não encontras noutros géneros musicais?

É diferente, é como se a música clássica, é tudo muito certinho, é um bocadinho mais libertador, o facto de poderes berrar à vontade, é uma liberdade.

• A música em si mesma, o som, tem um papel preponderante para ti? Por exemplo, sabes do que tratam as letras de todas as bandas que ouves? Achas que o conjunto é que faz sentido ou valorizas a música acima das letras?

Se há uma letra que me possa dizer muito, se calhar vou sabê-la de uma ponta à outra, mas eu valorizo mais a música: riffs, os solos de guitarras (risos) sei os solos de cor, mas se calhar as letras não sei, as que sei foram sobretudo das bandas onde estive e era vocalista então tinha que sabê-las (risos). Pergunto isto também porque se calhar *quando eramos miúdos, ainda não sabíamos tão bem inglês...* Ah mas eu quando era mais nova, fazia questão de saber as letras de uma ponta à outra e eu tive inglês desde os 5 anos, *davas importância à mensagem que eles tentavam transmitir?* Com a velhice é que isso agora...

- **Achas que te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa?**

Sim, acho que é um pau de dois bicos, isto fez em certa parte aquilo que eu sou, lá está pelo facto de ouvir também outras coisas, mas sem eu ser o receptáculo que sou não teria feito a ponte para esse lado, *é uma certa interdependência?* Sim.

- **Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes?**

Estavas a dizer que o pessoal do metal são uns bonzinhos... aqueles que conheces, quando vais aos concertos, claro que há vários subgéneros, mas no geral? Tem muito a ver com a exteriorização de sentimentos e que, se calhar, eu não sendo, apesar de ser algo tímida, eu preciso de sentir as coisas e acho que tem a ver com isso. Valores e ideologias como honestidade, sentido de amizade? *Embora se diga que o metal é apolítico, mesmo havendo bandas de thrash com certas tendências, antiautoritarismo, satanismo, mas mais anti, embora haja pessoal que segue o Satanismo (Black metal, mas à parte disso)?* Eu acho que é mais para chocar, é mesmo a irreverência, a não conformidade com o sistema como ele existe ou com a sociedade como ela se apresenta, é mais por aí, valores é uma palavra bué forte, eu não sei, para mim, é mais esse sentido de irreverência, descontentamento com aquilo que existe e o extravasar desse sentimento.

- **Crês que o metal contribuiu para seres quem és hoje em dia?**

Sim, sim, sim.

- **O metal une as pessoas? Qual a tua experiência em relação a isso? (os fãs mantêm o movimento vivo, principalmente quando se tratam de subgéneros menos populares)**

Sim, eu acho que sim, mas penso que tem a ver com o grupo, independentemente de ser música ou outro gosto qualquer, é uma coisa que une as pessoas a nível de gosto comum, elas vão sentir-se mais próximas. Havia aquela coisa de identificares-te logo e hoje em dia talvez já não seja bem assim quando falamos de metal porque alterou-se um bocado... *Fazes parte da família, os fãs mantiveram o estilo vivo, compram o merchandising, os discos, apoiam as bandas mais pequenas, nota-se que eles têm essa ideologia de apoiar porque senão poderá desaparecer...* Sim, mas por acaso tb noto isso um bocadinho, quando estás a passar férias, com pessoas nada a ver, por exemplo e estás num bar e vês o cabeludo e sentes automaticamente uma identificação e vês que o coitado está perdido no meio dos outros como tu também estás; é aquela identificação, mas hoje em dia como tudo já é mais uma mescla; *mas na generalidade e tendo por princípio aqueles valores que interiorizámos na adolescência como o aceitarmos quem é diferente (dou a minha experiência: como fui muito discriminada, decidi que nunca discriminaria ninguém), algumas pessoas encontraram nessa subcultura uma forma de se enquadrarem, âncora social? Sentem-se diferentes, mas sentem ali um aconchego?* Sim (*ali são aceites, ali podem ser como quiserem que ninguém vai julgar ou apontar o dedo*) para mim o

princípio deveria ser esse, embora saibamos que por vezes não é bem assim... Vestida de cor de rosa, como quiseses? Apesar de estarmos contra as regras, acabamos por nos impor as nossas regras? O vestida de cor de rosa, se calhar há uns anos atrás as pessoas olhariam assim, mas agora se calhar já não... Sim também há aquela situação em que as pessoas vão vestidas de pijama para o grind core (grind core alegre- risos) vestidos de unicórnios, vacas, lançam confettis em Serrabulho por exemplo no Xxapada na Tromba (risos).

- **Na tua opinião, essa identificação que parece existir entre metálicos tem a ver essencialmente com a música ou também com certos valores partilhados? Se calhar é um conjunto? Sim, mas mais com a música. A música é o coração disto tudo? A subcultura só existe por causa da música, é o cerne? Sim, sim.**

- **Existe aquela sensação de que «é do metal só pode ser boa pessoa?», que faz parte da família?**

Hoje em dia já não, acho que não, se calhar se fosse mais nova responderia diferente, mas não sei, há pessoal muito maluco (risos) e assim sem falar, não consigo julgar alguém só pelo aspeto, *mas sabendo que gosta mesmo?* Infelizmente, tens aquela onda do pessoal do metal que é de direita com conversas xenóforas, por isso é que eu digo, «ser do metal, depende». *É uma fação mínima, não existia nos anos 90 por exemplo.* Talvez por causa dos sítios onde eu ia no bairro, eu sempre, senti esse lado, essas pessoas estavam lá, eram uma seca (risos).

- Porquê as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos?

- O que significa vestires-te dessa forma? Que tipo de adereços utilizas? O que significam?

Pode ser um escape ou não, é um estilo de vida?

Em relação a adereços, não gosto de muitos floreados, uso cintos e pulseiras, grandes com picos de couro e é a única coisa que uso, faz parte do meu estilo, é a minha cena, não faço isso para estar colada a nada, é o que eu gosto, é assim que me sinto bem e também não me importo de o fazer e sei que o faço também às vezes de uma forma consciente para marcar a diferença porque eu nunca quis ser igual a toda a gente, se calhar sou não sendo. *Mas depois há regras de vestir no metal? Mas o aspeto exterior no metal não tem tanta importância em comparação com o gótico por exemplo, forma de identificar com bandas que ouves?* Nem por isso, é difícil que as pessoas me cataloguem. O pessoal do metal pensava que eu era do punk, o pessoal do punk pensava que eu era do metal. Eu não pertença a lado nenhum e pertença a todos os lados (risos). *Nunca somos uma única coisa...* Sim, sim, concordo.

- Porquê que nunca te desligaste completamente deste tipo de música?

- **Qual o significado que tem para ti hoje em dia? E o que te faz feliz**

O que me faz feliz é a mesma coisa desde o início, não há diferença entre o antes e o agora. Às vezes pode haver uns períodos em que posso ouvir mais, há pouco fui reouvir uns CDs e adoro aquilo, mas vais ouvindo tanta coisa, a oferta também é tão grande, que não consegues acompanhar tudo; agora tenho estado os dias todos com aquelas músicas na cabeça que é um projecto do Christopher Amett que é o irmão mais novo, do Michael Amett de Carcass, esses sei as letras e os solos todos e já não ouvia aquilo há para aí 20 anos e de repente; há tempos em que estás mais centrado nalguma coisa porque descobriste que é novo e a partir daí tens ramificações e acabas por não ouvir tanto, mas acaba por ser metal ou rock à mesma. *Em termos de evolução do mundo social que nos rodeia, responsabilidades que surgem na vida adulta, financeiras, crianças, o porquê de se manter ali e ter aquele tempinho para ouvir música e sair para ir ver um concerto?* Eu não consigo ver de outra maneira as coisas, porque sempre gostei, não vou deixar de gostar, não faz sentido mudar para mim, não sei o que se passará no futuro. *É assim que te sentes bem?* Sim, sim.

Continuas a vestir-te da mesma maneira no dia-a-dia ou existem compromissos profissionais que te «obrigaram» a mudar de estilo? *No teu caso, não se põe, como és professora de música...* Mas olha que eu era bué olhada de lado, quando eu dava aulas aqui numa escolinha no Rato, as mães falavam comigo ao telefone; quando eram adultos eles viam logo e achavam piada, por exemplo tive uma senhora de 78 anos e adorava-me por eu ser diferente, era bué fixe, porque é artista... Os pequeninos- os pais e mães dos pequeninos, eles imaginavam talvez uma professora velhota com o tutu e os oculinhos e depois de repente, quando me conheciam pessoalmente eles ficavam tipo, era um bocadinho como no supermercado, também me sentia... Mas eu nunca mudei por causa disso, também já dei aulas ao 11º e 12º e ando sempre igual com os cintos e as cenas e o pessoal ficava; *faz parte de ti?* Quando me apresentava no Conselho Diretivo, diziam-me «a menina não pode estar aqui» e eu respondia, «porquê? Venho apresentar-me ao serviço...» «Ah, é professora!» (risos).

O panorama do mundo do metal em Portugal e no mundo alterou-se bastante, como vêes essas mudanças? (em termos de multiplicidade de subgéneros musicais, o aparecimento do nu-metal, a forma como as novas gerações vivem o metal?)

Eu não tenho muito contacto com gente muito mais jovem, tive contacto com gerações bem mais jovens que as nossas foi em Barcelona, aquelas duas bandas de Stoner doom e de rock mais pesado eram rapazes bem mais novos e eu não notei grande diferença se calhar porque apesar de serem bem mais novos tinham gostos muito parecidos com os meus, mas para além disso, não sei o que se passa em Portugal. *Estou a lembrar-me dos Midnight Priest, bandas, que também são público?* Não estou muito a par. *Nesta situação de confinamento e isolamento social, não é muito favorável a novas interações...* Sim.

ANEXO 11 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 8: Sónia

(realizada a 15 de janeiro de 2021)

Entrevistado 8: Sónia

Idade: 45 anos

Sexo: feminino

Naturalidade: angolana

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: 9º ano

Atividade profissional: neste momento doméstica, mas esteve no serviço militar 10 anos e trabalhou em call centers

Profissão pai/ mãe: guarda fiscal/ doméstica

Localização geográfica: Cacém atualmente, embora tenha vivido a adolescência entre Peniche e o Peso da Régua

Divisão de Weinstein: faz parte das três dimensões (audiência e indústria- na medida em que é fotógrafa de concertos e participa em webzines, e foi/ é promotora de uma banda)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

Foi aos 13 anos, foi através de um amigo mais velho da escola, que estava a ouvir Iron Maiden e foi o primeiro contacto que eu tive com o heavy metal, NWOBHM que estava a chegar ao nosso país. Sempre ouvi música desde música, já gostava de rock. Com influência dos pais? O meu pai sempre ouviu música, mas não influenciou os meus gostos musicais, em casa ouvia-se um pouco de tudo desde música clássica, fado, rock, sempre estive em contacto com a música inclusive a minha mãe cantava fado. Esse colega falou-me dos Metallica, dos Manowar, foi-me dando bandas para conhecer isto em 80 e tal, não era «pega aí o link do Youtube», não, era ouvir na rádio Rock in Stock, o Lança Chamas...

Gostei da filosofia do metal, que agora já se perdeu um bocado, porque agora deixou de ser uma forma de estar na vida e passou a ser um gosto musical; na altura, era uma forma de estar, pertencias a uma irmandade, a um grupo, os «marginais» da sociedade, porque as letras e as músicas polémicas, ritmos agressivos, a própria ideologia à volta: cabelos compridos, infelizmente o *sex, drugs and rock n' roll* porque era o que aparecia na televisão... Sim, foi aí que comecei a ouvir e adotei como filosofia de vida, de estar, conheci algumas pessoas, lembro-me na altura que o movimento era mais pequenino, era mesmo underground, inclusivamente o meu primeiro concerto de metal foi aos 14 anos, com uma banda portuguesa chamada Vá de Retro (era punk hard core), cantado em português.

És da zona de Lisboa? Veio em 1975 para Portugal ainda bebé, vivi 5 anos no Algarve depois nos Açores, depois vivi em Peniche, depois para a Régua, daí para Lisboa e entretanto em 97 fixei-me aqui no Cacém.

Aos 13 anos eu vivia em Peniche e a comunidade metaleira era um bocadinho maior, quando passei para o Peso da Régua, que é em Trás-os-Montes (Alto Douro) em 1990, a comunidade metaleira lá era muito mais pequenina, não havia sequer raparigas a gostar; mesmo em Peniche na altura as raparigas que abraçavam o metal eram muito poucas; vamos ser honestos: o metal não era para as «meninas» na altura, qual era a rapariga que queria ir para um concerto onde: as bandas em cima do palco estavam quase nuas, basicamente só tinham as calças, a malta no meio do mosh, não é como agora, era mais agressivo, porrada, pontapés, mas lá está caíamos ao chão, havia sempre alguém que nos levantasse, mas era muito másculo, primitivo; as raparigas não tinham tanta apetência pelo som agressivo, não compreendiam, agora não, agora já é mais normal. Eu lembro-me que quando cheguei à Régua e conheci um colega da turma que era fã de metal ele ficou parvo a olhar para mim porque não conhecia nenhuma rapariga que gostasse e depois foi a partir daí que conheci o resto da comunidade que eram pouquinhos. Íamos para as garagens ouvir música, levávamos os lps, ainda era vinil! E cassetes, fora a roupa.

- **O que te atraiu num primeiro momento?**

Disseste que o que te atraiu num primeiro momento foi o facto de ser diferente, os cabelos compridos, o que te atraiu, o som, a imagem, a estética? Dado eu ser uma pessoa que sempre gostou muito de música desde que sou gente, muito especialmente do instrumental, nem tanto das vozes... Eu cresci numa altura completamente diferente daquela que um filho meu por exemplo está agora a crescer e às vezes era também um pouco a atitude de rebeldia, de ir contra o sistema e encontramos na sonoridade metal e quando se fala de metal na altura era HM, death metal, o hard core e o thrash, não haviam grandes complicações e o que me atraiu sempre no metal desde que comecei a ouvir foi a agressividade do som, mais contundente, mais power, poder no som e depois claro juntavam-se vozes que eram uma maravilha,

- **Quais foram as primeiras bandas (subgéneros), (os teus primeiros concertos?)**

eu ainda hoje em dia continuo a ouvir Metallica, Iron Maiden, Manowar que são as bandas que sempre tive como referência no metal e são fundamentalmente as bandas que me levaram a continuar a ouvir metal, daí depois passa-se para os gigantes para os Slayer, Megadeth, para o death metal, Morbid Angel, é uma escalada, vais por aí a fora. Dos 13 aos 15 foi em Peniche, mas depois conheceu mais pessoas através desse amigo. Em Peniche, não era muito difícil os pescadores, eram putos novos 16, 17, 18 anos, gostarem de metal e do hard rock, lá está, era a agressividade do som, era libertar, era uma libertação da raiva, da frustração, das injustiças; em vez de andarmos à porrada uns com os outros extravasávamos na música e claro quem é que não gosta de berrar? (risos) só os padres acho eu...

- Como era viver o metal nessa altura e em Portugal? O seu dia-a-dia na escola;

- **se formou um grupo de amigos com as mesmas práticas;**

E esse grupo de amigos também se formou na escola? Não todos; a minha turma tinha dois que gostavam de metal, dentro da escola deveriam ser para aí 4 ou 5 e depois era a comunidade piscatória que eram pessoas que nem sequer andavam na escola; hoje em dia estamos sempre enfiados em casa, mas naquela altura eu andava sempre na rua e tinha que ir ouvir música para algum lado. *Davas-te mais com rapazes do que com raparigas então?* Se não há nenhuma rapariga que queira ouvir connosco, claro são mais rapazes. *O que é que achas que te tornou diferente, que te levou ao metal? Frustrações em casa?* É a rebeldia da idade, temos o rei na barriga, nunca estamos satisfeitos e comigo funcionou. O facto de eu ser às vezes uma pessoa simpática, doce, às vezes para lidar com a frustração seja do que for, escola, família, arranjam uma forma de extravasar sem magoar ninguém. Eu podia ter optado ir para as drogas, ladroagem, é uma revolta com a vida em si; nem sei se foram essas coisas que me levaram ao metal, foi principalmente a curiosidade em ouvir aquilo que o meu colega estava a ouvir; ouvi e identifiquei-me. *Fez um clique?* Eu apaixono-me por vozes e ouvir a voz do Bruce Dickinson pela primeira vez, aquilo foi apaixonar-me de imediato por aquele canhão sonoro e depois claro, conheci Metallica e foi paixão. Mas também gosto de outros géneros musicais, não costumo ouvir fado nem quizomba, mas sou uma pessoa que adora música; claro que da adolescência até me casar, ouvi muito mais metal do que outra coisa; quando me casei, o meu marido não era tão fã de sons agressivos e continuei a ouvir mas num lado mais soft, mas fundamente, quem me conhece desde os 13 anos rotula-me de metaleira, do metal.

- **como se vestiam (aspetos ligados à exteriorização da subcultura);**

Conseguiam arranjar merchandising na altura? Dificilmente, mas conseguíamos. *Mesmo no Peso da Régua?* Em Peniche havia mais facilidade porque era um porto piscatório, zona de mercado e de chegada de grandes barcos e aí conseguia-se comprar, no Peso da Régua, adotava-se quem vai ao Porto traz para a gente ou por catálogo. *Gostavas de te vestir assim porque era uma maneira de te identificares com aquilo que ouvias ou era uma maneira de prestar homenagem às bandas?* Na altura fazia muita confusão os góticos e os metaleiros, porque já na altura havia góticos que se vestiam todos de negro, o metaleiro da altura seria, a rapariga tinha sempre cabelo comprido, os rapazes tinham o ato para marcar a diferença, depois a roupa seria sempre as t-shirts com as caveiras, as capas dos álbuns, daí falarem dos satânicos, tínhamos caveiras, revólveres,

tudo alusivo, calcinha preta ou de ganga azul justinha, bota tipo tropa, sapatilha bota; *vestias-te assim também?* Claro que sim, inclusivamente de preto, por isso é que às vezes me confundiam com uma gótica (risos).

- **as saídas à noite, se existiam ligações ao álcool e às drogas; histórias que queiram contar;**

Viver em 1990 no nosso país é uma diferença abismal do norte para o sul, quando eu vivia em Peniche, Tinha 13, 14m 15 anos, a minha mãe permitia-me que eu saísse sozinha, à noite, aos concertos em associações de estudantes, nos ginásios da escola; em Peniche havia uma grande liberdade, ir para o interior do país era quase como retroceder no tempo, uma rapariga não deveria sair sozinha, sendo a minha mãe de lá, as pessoas não gostam dos falatórios, mas eu tinha vizinhos e amigos meus do metal e acabávamos por ir para a garagem da rua onde eu morava, eles até fizeram uma banda de garagem e íamos para lá curtir o som e ouvir música ou então íamos para casa de um amigo que tinha um anexo, ouvir música, falar, ler a Blitz (que agora não tem nada a ver), ler a Bravo e discutíamos as guitarras, fazíamos recortes (mostra um recorte de Iron Maiden Piece of Mind) e era a forma que tínhamos de saber as discografias, na altura quando saiu este famoso álbum And Justice For All [e vai mostrando mais recortes que foi guardando], como arranjávamos as letras: revistas, recortes; no diário que mostra, apontava nomes de bandas e músicos, AC/DC, o metal entrou na minha vida

1º grande concerto: o primeiro maior que eu me lembro foi Xutos e Pontapés, mas eu nunca fui de ir muito a concertos, os da escola ainda ia

Metal ligado ao álcool e às drogas? Histórias? Acho que é o que toda a gente sabe, a cena nos hotéis, overdose, eu era uma metaleira até bastante sossegada. O Álcool para mim não tem nada a ver com a música e gostava de beber cerveja mais no 10º ano e a fumar mas agora já não fumo há 3 anos; eu nunca fiz nada de errado que tenha a ver com o metal, não me meti em sarilhos, tudo que experimentava era pura curiosidade de adolescente, porque há muita gente que diz isso, chamaram-me drogada, bêbeda, etc.

Ia perguntar-te se foste aos grandes concertos da altura como o de Guns n' Roses, Metallica? Aí está porque quando eu vim da Régua para Lisboa foi para entrar para a tropa, eu fui militar, a partir dos 17 anos e também quando estava no norte era difícil arranjar dinheiro para a viagem e para o bilhete. Depois quando estava na tropa em 93 (Trafaria e colocada em Belém) quando os Metallica vieram cá, concertos no Dramático nunca entrei, mas já estava no Estado Maior e ouvia o concerto; para ser honesta nunca fui de concertos, mas agora vais, depois parei muito e depois houve ali uma altura em que me desconectei um bocado, não procurava novidades e depois continuei nunca deixei de ser metaleira e de gostar da filosofia do metal, fui dando atenção às bandas maiores, desconectei-me um pouco do underground nacional, começou a haver muitos subgéneros, muita divisão, é uma coisa que ainda hoje me custa ver porque dividiram-se muito em tribos e deixamos de ser uma irmandade do metal e passou a ser, já não é a mesma coisa. *O que é para ti essa filosofia do metal?* Fundamentalmente és o irmão da minha outra mãe, you are my brother from another mother, uma irmandade porque em qualquer sítio que tu fosses, a partir do momento em que soubessem que tinha chegado um metaleiro à

terra, era uma comunidade, todos se davam, todos gostavam do mesmo, independentemente dos géneros, falávamos, conversávamos.

Achas que haviam valores em comum? Sim, era fundamentalmente o amor à música, ao metal, não é amar uma banda, mas sim a música que é produzida, sem olhar a raças, credos, idades, sexo, porque era isso que nos unia. *Isso pressupõe a não discriminação?* Coisa que hoje em dia já é impossível. *Viesses de onde viesses, desde que provasses o teu amor à música, eras de imediato aceite?* Unia-nos o gosto pelo metal e ajudarmo-nos uns aos outros, estarmos uns para os outros. Eu cresci numa altura em que aqui em Portugal e quando eu digo metal (engloba power, thrash, speed, etc.) *é difícil hoje em dia porque aquilo que considero metal agora pode não o ser para outra pessoa...* [Daí recorrer a Hein para a definição generalizada e que está em constante mudança] Exatamente mas se nós pensarmos há 30 anos atrás, éramos uma minoria, éramos as franjas da sociedade, marginais.

- **Sentias-te marginalizada quando andavas na rua? Olhada de lado?**

O que pensavas disso? se se sentiam marginalizados ou não (se queriam/gostavam de sentir-se «outsiders» ou se isso lhes era imposto ou não), como eram vistos pela família, pelos pais, pela sociedade em geral- histórias que queiram contar (crítica social/ cultural em relação ao movimento)

Também, muitas vezes, principalmente na sociedade retrógrada do norte do país, vinha habituada de um sítio onde uma rapariga podia andar de calção ou de fato de banho na rua porque era uma terra piscatória e de praia para uma terra em que uma rapariga era muito mal vista sair sozinha, quanto mais gostar da música do demo, do diabo (risos). Desde cuspirem-me, chamarem-me nomes, drogada, lésbica só pura e simplesmente por eu me vestir de preto e chegarem ao cúmulo de dizerem: «eu não quero que a minha filha ande com você» e no entanto eu era um doce de pessoa; lá está éramos julgados somente pelo aspeto e isto mais os rapazes, eram os gandulos, mas foram sempre rapazes impecáveis comigo, conclusão, supostamente aqueles que são gandulos foram aqueles que me trataram melhor em toda a minha vida em relação àqueles que são os «atinadinhos», chamávamos os «betinhos», agora já não há tanto esta distinção. Agora, dentro do metal, marginalizam-se uns aos outros e depois reparo no país porque conheço, tive essa oportunidade de conhecer de uma ponta à outra, o norte é muito virado para o death e o black metal, o centro é mais virado para o heavy metal, thrash, sonoridade «normal» [mais tradicional] e o sul do país é muito virado para o nu-metal, para o metal core, para o hard core porquê? Porque se formos até analisar pelo ponto de vista demográfico de idades, vamos ver que a larga maioria da geração abaixo dos 40 foram aqueles que se iniciaram no metal com que bandas? Linkin Park, Limp Bizkit, com a geração do nu metal, apesar de não serem exclusivos, mas apanharam essa fase e daí se calhar catapultaram-se para outros géneros.

Pais, família, aceitavam bem? (risos) o meu pai virava-se para mim e dizia: «quem me dera deixar crescer o cabelo, fazer rabo de cavalo e usar brinquinho», o meu pai nunca teve esses problemas, é angolano, está a milhas, quando eu lhe disse que gostava de metal e inclusivamente quando lhe pedi as t-shirts dos Iron Maiden, além dos posters gigantescos, ele deu-me o rádio que tinha no quarto, para o meu pai era completamente

normal eu gostar de metal, de música pesada e ele também gostava, já na Régua o meu pai tinha uma aparelhagem, muitas vezes punha metal a tocar, industrial através dos Fear Factory em 93 e ele descia as escadas e vinha abanar a cabeça, a minha mãe olhava para mim, quem é a mãe que quer ter uma filha sempre vestida de preto, sempre refundida, claro que não, não ligava ao género de música, mas adotamos uma forma de vestir e ela dizia: «tu e as caveiras, os gatos pretos...» (risos), mesmo os meus irmãos que gostavam de metal apesar de não serem metaleiros, ele tem 37 gosta muito de Korn, System of a Down por ser under 40.

- **As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual ou sentia-se uma diferença? Ias aos concertos e aos bares com os rapazes? Havia algum tipo de estigma? Se sim, como explicas isso? Sentiste-te alguma vez discriminada ou posta de lado pelos homens num ambiente de metal (concertos, bares, amigos) ?**

Também jogava muito eu ser atlética, ter jeitos masculinos, mas é assim: na adolescência, pelo menos até aos 18, 19 anos, nunca me senti discriminada por ser rapariga, lá está «curtes metal, és amante de metal? Queres abanar o capacete?» chegar ao cúmulo de eu ir para um concerto de escola de hard core, estar a malta toda em tronco nu e eu tirava a minha também, ficava de soutien e realmente nessa altura ninguém tocava onde não devia, fazia experiência de crowsurfing, eu acho que não havia... *Havia esse respeito?* Era como se fosse és a minha irmã, eu não te vou apalpar, não te vou diminuir, nem fazer menos do que és. Aquilo que eu vejo agora, porque há três anos para cá reintroduzi-me mais no meio da comunidade underground, infelizmente, banalizou-se, entre raparigas, o facto de repararem que se se derem como metaleiras, têm uma atenção masculina maior e infelizmente se nós pensarmos numa comunidade em que homens olham para nós como iguais, mas de repente começam a aparecer pessoas, «ai eu sou muito linda» e começa a haver muito a parte sexista, o tal diferenciar o sexo, inclusivamente os rapazes que arranjavam namoradas que não curtiavam metal e queriam ir a um concerto e elas diziam não gosto eles ficavam com essa paranoia «tenho que arranjar uma rapariga que goste de metal» para poder ir aos concertos, etc., para poder ter esse intercâmbio com uma mulher porque é verdade, eu com o meu marido não posso pôr metal aqui em casa aos altos berros e ele diz «ai Sabena pelo amor de Deus!» (risos) *tens o problema ao contrário, papéis invertidos (risos)* tanto que inclusivamente quando comecei a ir aos concertos ao RCA¹⁵⁰, eles vinham falar com ele e ele respondi, desculpem mas a amante do metal é ela (risos); e eles diziam «ai eu pensava que era a tua namorada que tinhas arrastado para aqui» e o que acontece, na minha altura, olhávamos para um metaleiro e uma metaleira e eles estavam de t-shirt, calças de ganga e bota tipo tropa, não havia distinção, até acontecia um gajo estar virado de costas e não se distinguir se era homem ou mulher (risos). Eu podia dizer coisas e passar por ter «dor de cotovelo», invejosa, mas agora há uma sexualização tão grande da imagem feminina no metal que até já há gírlies nas t-shirts,

¹⁵⁰ Sala de concertos de referência em termos de metal underground situada em Lisboa (Alvalade).

elas começam a ter cada vez mais decotes, etc. e os homens deixam de olhar para uma metaleira como uma irmã, mas como um pedaço de carne.

As vocalistas são extremamente sexualizadas pelos seus fãs e inclusivamente distinguir «female frontal metal band» what?!. *Porquê que as mulheres nunca foram integradas nas bandas de forma mais heterogénea, na tua opinião?* Pode-se ir cuscar páginas na net de comunidades metal, vai lá ver o que publicam, gajas que nem sequer gostam de metal, mas com t-shirts super sexy, etc, parte da groupie, tal e qual como há groupies masculinos; o que me estou a referir é por exemplo quando entro dentro de um RCA e eles estão a analisar-me da cabeça aos pés, apesar de eu me vestir modesta, ser analisada e julgada se sou bonita ou feia, quando dantes eu entrava num sítio qualquer e ninguém pensava sequer na minha imagem. Era tipo: «anda cá! Curtes que banda?» Sabes a dificuldade que eu tenho em me impor e falar sobre metal? Analisar vídeos, fazer reviews, fazer fotoreportagens; analiso os instrumentos, a voz e não ser levada a sério, enquanto um amigo rapaz que diz exatamente o mesmo que eu, mas como é rapaz... Inverteu-se um bocado, quer dizer, na altura que era suposto acontecer o sexismo, eu era muito mais levada a sério do que agora, que há esta libertação, esta igualdade de direitos... Riff, Groove do baixo, e a voz, eu dizer isto é porque quero ter um caso com o guitarrista... Vem um amigo qualquer rapaz diz a mesma coisa e já é um super conhecedor. Na situação, em que o marido dizia que quem gostava de metal era ela [na situação de concertos no RCA], eles depois não metiam conversa com ela... Mas também não terá a ver com a idade? Essas pessoas não seriam mais novas que nós por exemplo? [há gatinha de nariz empinado, senti isso no RCA, digo-lhe], aqueles que se consideram melhor que os outros.

Eu posso dizer que adoro o metal, ele é mesmo o «marido» do metal, dentro da comunidade que conheço, ele teve contacto com realidades do metal nacional underground que eu nunca tive contacto, porque eu estava na Régua; quando ele começou a conversar comigo ele apercebeu-se que eu já conhecia há muitos anos, ele nem sequer por um momento foi sexista, machista, me tenha diminuído pelo facto de ser mulher, inclusivamente tem um orgulho tremendo que ainda hajam mulheres ao fim de tantos anos a levar o metal, porque ele viu quando reingressei na comunidade underground a nível nacional que devem ser para aí uns 300 mil metaleiros. Quando os grandes vêm, falamos do concerto de Iron Maiden no Altice e eu não senti um ambiente metal. Sabes onde se vê quem é amante ou não do metal, amante a sério, é quem vai aos concertos underground; não é quem vai a Moonspell, a Iron Maiden, a Metallica, é quem vai ao underground nacional.

Cada um de nós é que sabemos o que sentimos por este tipo de música... falo da minha experiência... Nunca deixei de ouvir ou de ser, mas aconteceu que tive problemas de saúde (um tumor) e dado a isso, estamos casados com alguém que não é particularmente fã do género, vais-te limitar a não fazer as coisas que gostas? E assim descobri o RCA, cenas no Algarve, no norte, descobri os Ho-chi-Minh e à pala deles andei a viajar pelo país (promotora/ agente da banda- verificar) a ir aos concertos, aos festivals, fui tomando contacto com essa realidade, gosto de fotografar, escrever, analisar; há quem faça caridade, voluntariado e forma que eu arranjei de agradecer o facto de estar viva foi embrenhar-me numa coisa que tanto gosto, participo em blogs, ainda agora escrevi uma

review sobre os Gwydion, participar com as webzines, as fanzines, há gente que gosta de falar sobre metal, mas nem toda a gente vai comprar bilhete para assistir a um concerto underground, comprar merchandising, para escrever sobre um álbum, para dares o teu tempo sem teres que receber nada em troca. *O movimento só existe graças a isso, a pessoas como tu, comprar a t-shirt para ajudar a banda, etc...*

- Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

Eu mantive-me sempre equilibrada no que respeita a géneros, desde que entrei no metal, oiço de tudo até posso dizer que o Spotify deu-me aquelas estatísticas e disse que escutei 487 bandas a nível do metal, mas sou muito fã de death core e metal core, neste momento são os géneros que mais curto ouvir principalmente o death core por causa da agressividade, mas não me coíbo de ouvir o meu HM normal: Metallica, Iron Maiden, Slayer, dentro do death core: Fit For An Autopsy, Crystal Lake, Carnifex, Ho-Chi-Minh embora seja mais metal core, tenho uma gama muito grande que eu escuto; *foste um pouco por essa via então...* Eu ouço qualquer género de metal inclusivamente nu metal que dizem que não é metal e hard core que não é metal mas que não deixa de estar interligado com o metal, depois também tens o punk... *Por vezes, as linhas são ténues...* Oiço folk metal, viking metal, mas tenho um carinho especial pelo género core, o coração, há umas as métricas breakdowns, etc. Pantera era transgénero, extreme metal, são debates de horas; alguém juntou sinfónico, piano, lírica com metal e vamos chamar symphonic metal e alguém que decide inserir um acordeão, vamos chama-lhe folk, é a necessidade de categorizar. Será a necessidade de que fala Hein de quando já está tudo muito igual introduzires um elemento novo. Van Halen, Black Sabbath, Iron Maiden (NWOBHM) deram um novo toque ao HM; Judas Priest, Venom... tem muito a ver com o aparecimento das guitarras eléctricas e dentro do Reino Unido começaram a surgir bandas como Iron Maiden, puro heavy metal, nos anos 80 ser amante de metal era ser amante de heavy. Metaleiro, metálico é aquele que escuta, ouve heavy metal ponto final, mas dentro das sonoridades pesadas, agressivas e extremas, é a evolução natural da música, não podemos esperar que um género fique parado no tempo, mas que se vá desenvolvendo, sei que há malta da minha idade que não consegue ouvir música de bandas mais recentes e dizem «isto não é metal», pois claro porque para eles é aquilo que ouviam nos anos 80; *depende da concepção e do percurso de vida de cada um...? Aprendemos a ouvir música, não se ouve Cannibal Corpse de repente e vais interiorizando certas normas na tua cabeça, mesmo em termos musicais que te fazem associar... Para ti, é aquilo, porque até a forma como ouvimos a mesma música pode ser diferente...* Há bandas que mudam de género ou têm álbuns que são de géneros diferentes: sim os Metallica até são um grande exemplo disso, porque quem conhece a banda desde o início, vai ver que muita gente parou no black álbum porque se tornou «comercial», se venderam, parece que não permitem às bandas experimentar e sair da sua sonoridade. *As bandas são muito criticadas...* Os Moonspell que são a nossa banda nacional mais internacional com o lançamento deste último single foi uma desgraça total porque para quem curte Moonspell, diz «isto não é Moonspell». É uma banda que evoluiu, apesar de andarem no gothic metal, essas quezílias que começaram a dividir a comunidade, a fragmentar, já chegamos ao

cúmulo haver malta que curte black metal e não pode com a malta que curte heavy metal; chega ao cúmulo de dentro do mesmo género andarem à porrada (risos) se dividirem. *Malta mais nova?* 25 aos 35 acho, que apanharam a amálgama do metal; *dou o exemplo no Algarve em que todos os «alternativos» se juntavam.* Ela diz que o Punk e o metal não se juntam [discordo] refiro-me à comunidade em si, diz que estavam 200 pessoas num concerto no RCA. Como metaleira fisicamente foi entre os 15 e os 18 e regresssei agora há 2/3 anos, da sua experiência identifica que as pessoas estão ligadas aos sítios que frequentam, por exemplo o RCA ou o Metrópolis, são as comunidades que vivem à volta desses sítios distintos, depois há uma comunidade mais pequena que vai aos festivais, o Moita, Vagos. *Sabena explica que pretende criar uma plataforma online que dê espaço ao metal mas não se restrinja a isso, pretende dar espaço aos fotógrafos, aos que querem publicar vídeos, aos promotores, está em fase embrionária, mas inclusivamente gostaria de ter uma sede e já tem contactos internacionais com comunidades na Suécia, Normandia, Inglaterra...* O que eu sempre quis foi unir as fações, coisa que me têm dito que é um bocado irrealizável porque há um circuito, as pessoas, as comunidades, porque os fotógrafos do norte não se dão com os do sul, há uma rivalidade aqui e ali, entre as bandas, os promotores, as causas... Comecei a dar-me muito com a malta do Algarve para fazer a ponte com lá em cima e cá em baixo, chamaram-me «maluca», mas deu resultado, conectaram-se, arranjar uma ponte entre todos, terra de ninguém, onde toda a gente pode entrar, mas é complicado.

- Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Tens ou tiveste ma banda?

Sou fã de baixo, tenho, comecei a aprender a tocar há dois anos, mas tenho um problema na mão por isso toco para mim.

- Como é ou o quê que a música te faz sentir?

- O que é que este tipo de música tem que não encontras noutros géneros musicais?

Principalmente, dentro do metal o que seja mais agressivo, ventilar frustrações, quando nos apetece berrar, mas uso música para tudo, para meditar, para trabalhar, para dançar, raramente oiço rádio, tenho as minhas playlists, tudo menos fados e quizomba, rock electrónico, drum and bass; no metal encontro a agressividade, para extravasar, mexe-te mais na adrenalina, dá mais pica. *Dá algo que outro géneros não dão ou não, há quem diga que depende do estado de espírito também* Se estou chateada com alguma coisa, por exemplo, o trabalho correu mal, gosto de death core porque a música é agressiva, não tem tanto a ver com as letras, embora às vez também tenha, dá para gritar, outras vezes estou mais melancólica, gosto de ouvir Linkin Park, outras vezes quando me apetece pular dançar e saltar, meto tecno-dance, é conforme, mas o metal tem principalmente a ver com o poder da ferocidade da música, música épica dá empowerment por exemplo, parece que vais para uma batalha.

- Sabes do que tratam as letras de todas as bandas que ouves? Por vezes quando somos miúdos ainda não percebemos bem inglês...

Eu aprendi inglês muito cedo, tenho uma particularidade, eu sei que há malta que não liga às letras e curte, por exemplo no death metal, com o gutural quase que não percebes o que a pessoa diz, mas quando compro um álbum eu tento ir ver as letras de todas as músicas

ou mesmo na net, tentar saber se o álbum tem alguma história, porque muitas vezes os membros da banda passaram por algum problema e refletem nas letras por aquilo que passaram e é uma forma de me identificar, a passar por uma depressão ou um altura mais deprimida e aquelas letras tocam-nos, porque sentimos como se fossem nossas ; por outras vezes em death metal e death core, há uma banda que adoro Cannibal Corpse e um dia decidi ir ler as letras: amei: decapitações, violações rasgar órgãos e há muita gente que não consegue ler aquilo e dizem «que horror Sabena!». *É um choque que provoca também não?* Nem tem a ver com o choque a lermos uma coisa mesmo bruta, eu própria escrevo letras assim (risos). *É o conjunto que faz sentido ou valoriza a música acima das letras?* Sim, mas tenho uma particularidade em 95 por cento das bandas eu posso arrancar as letras, esquecer a voz e adoro o instrumental, nem sequer preciso das vozes, mas também acontece o contrário em que são as vozes que me atraem e depois o conjunto, mas adoro principalmente o instrumental, posso estar a ouvir só instrumental o dia todo e há pessoas que não conseguem. Eu oiço a conversa entre os instrumentos, a melodia está a contar-te uma história.

- **Achas que te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa?**

Se formos pensar como adolescente sim, identificava-me como metaleira, mas eu ingressei para o serviço militar e basicamente foi o que me construiu o carácter, moldou-me (estive lá 10 anos), eu tenho uma amálgama demasiado grande mas contribuiu, se perguntarem se a música me definiu ou me define como pessoa, toda a gente vai dizer-te que sim porque há muita gente; há um consenso nos milhares de pessoas que me conhecem que é se há amor que ela tenha é à música, escrevo poemas, letras, oiço música o dia inteiro, vivo para a música, respiro música, por isso fundamentalmente a música pode definir-me como pessoa, mas sou mãe, sou filha, sou irmã, esposa, trabalhadora. *Contribuiu de alguma forma, até pela vontade que tens em voltar a unir o pessoal, pq no fundo todos nós amamos este género de música e não faz sentido haver estas divisões e querelas ainda mais num país tão pequeno como Portugal?* Temos a tendência de pensarmos no panorama nacional ouvem Moonspell, Ramp, Bizarra Locomotiva, mas fundamentalmente o nosso underground são bandas mais pequenas, como os Gwydion, os Iberia (menos conhecidas), vês irem em massa a um concerto de Moonspell e depois parece que enxovalham os outros e os piores de todos são os próprios músicos das bandas, que compõem a pensar no que é que a outra banda vai achar... Como estavas a dizer por vezes, vão aos concertos para ver os pregos que o colega da outra banda dá. Não vão lá para apreciar a música. Conheço músicos... o som distorceu por causa da compressão e depois vão gozar... A malta está-se sempre a avaliar uns aos outros, segregam-se, em vez de se unirem mais e de quem é a culpa? De quem está por trás dos promotores, das editoras, porque o gajo do norte quer puxar a brasa à sua sardinha arranja três ou quatro bandas.... Há um circuito e está a ir abaixo, com o covid estão a fechar e a cair que nem tordos.

- Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes?

Fundamentalmente o amor às sonoridades pesadas e à irmandade, mas eu sou metaleira da cepa antiga.

E em termos de união de grupo? (coletiva) O metal une as pessoas?

Fundamentalmente sim, no final das contas, une. Se olharmos para o bigger picture, une. Depois, temos as nossas frutas estragadas porque vais a um Vagos e vês isso.

- Existe aquela sensação de que «é do metal só pode ser boa pessoa?», que faz parte da família?

Conheço os elitistas, os de cabeça dura, que só estão nisto porque se acham a melhor bolacha do pacote; há de tudo, não se pode dizer que só porque se gosta de metal se é bom, é como em qualquer género musical, há sempre fruta podre. Quando vais na rua, ou estás noutra cidade e vês alguém com uma t-shirt? Mas hoje em dia até a H&M e a Primark vendem t-shirts, mesmo hoje em dia homens com cabelo comprido já não são exclusivos do metal [apesar de que nunca foram]; se calhar se for num comboio e estiver alguém à minha frente a ouvir metal, eu digo: « hiii estás a ouvir metal? Qual é a banda, eu também curto bué essa banda?» estabeleço conversa e vai daí saio dali com mais alguém que conheço, coisa que eu não faria se ouvisse alguém a ouvir os Coldplay; mas se for Cannibal Corpse...

- Porquê as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos?

- O que significa vestires-te dessa forma? Que tipo de adereços utilizas? O que significam?

Porque a caveira representa a morte e as pessoas têm medo da morte e pôr-lhes isso à frente serve para chocar? Eu já gostava de caveiras e do macabro muito antes do metal, antes dos 13 anos, sou mais fã de tudo o que tenha a ver com o terror do que o metal; eu usava as t-shirts das bandas para apregoar a banda e era um gosto. Uma homenagem? Mas sou fã de filmes de terror e na literatura Edgar Allan Poe é dos meus autores favoritos; para chocar prefiro pintar o cabelo amarelo.... *Mas hoje em dia já não choca...* *Eu costumo dizer que o capitalismo absorveu tudo aquilo que tínhamos para chocar, as tatuagens, os piercings, cabelos de cores diferentes...* As tatuagens que eu tenho são todas de homenagem, por isso acho que não as tenho para chocar ninguém.

Qual a tua opinião em relação à religião? Não professo religião nenhuma, fui obrigada a ir para a catequese por causa dos meus pais, não gosto de me rotular mas sou ateia, nunca tive crença religiosa, mas respeito completamente; é normal que há 20/ 30 anos atrás mais depressa associavam caveiras, punhais, sangue ao demo, mas isso é da mentalidade da sociedade; *para acreditares no Diabo, tens que acreditar em Deus também...* Exacto; isso também tem a ver com o famoso e Sabena faz o gesto da mão chifrada, isso não tem nada a ver com o satã; são tudo coisas da sociedade, que vai evoluindo, hoje em dia já ninguém acha estranho ter um diabo tatuado, chocar? Mais depressa choca uma imagem criança em África a morrer à fome de que uma caveira no meio da testa, é daquelas coisas que me passam ao lado.

- Porquê que nunca te desligaste completamente deste tipo de música?

- **Qual o significado que tem para ti hoje em dia?**

Somos todos uns saudosistas, a maneira de estar dentro da comunidade, uns escrevem, outros compõem, etc.

- O panorama do mundo do metal em Portugal e no mundo alterou-se bastante, como vês essas mudanças? (em termos de multiplicidade de subgéneros musicais, o aparecimento do nu-metal, a forma como as novas gerações vivem o metal?)

Eu tenho tido contactos, há esta diferença: malta do metal acima de 40, malta do metal abaixo dos 40 e o que é que a malta de 20 anos pensa do metal, tenho conhecido bastantes rapazes fãs de metal, aquilo que eu vejo é que eles vivem muito das redes sociais, eles seguem as bandas, eles têm acesso a uma panóplia de coisas que nós não temos; quando eu tinha 18 anos tomara eu ter acesso a uma banda como eles têm agora porque se pensares agora, uma banda vive nas redes sociais; tens de estar constantemente a dar coisas, a falar com eles; eu não quero curtir só a tua música, quero te curtir a ti, às pessoas da banda, saber o que estás a fazer na vida, querem ter a experiência toda; eles vão aos concertos e filmam e gravam e vai para o Instagram, etc. e mostram aos amigos, é assim que eles vivem a realidade, inclusivamente se perguntares a um puto de 18 anos se quer comprar um CD, ele fica a olhar para ti, «para quê que vou comprar um CD?» nem sequer leitor de CDs tenho porque é tudo «on the go». Dantes nós apreciávamos a música em casa, eles agora apreciam a música em qualquer lado, é a música portátil *-também tínhamos os walkmans-* mas não tem nada a ver os meus putos um com 24 outro com 15 anos já ouviram mais música do que eu ouvi e é tudo on the go, no spotify, Youtube, é tudo em streaming, nenhum dos meus filhos quer CDs. A realidade é que caminhamos cada vez mais para que a música seja consumida de forma digital, mas isso em qualquer género. Hoje em dia é mais fácil uma banda lançar um single a cada dois meses e fazer render o peixe com isso do que lançar um álbum a cada dois anos porque não dá, em relação aos putos tu não podes lançar um álbum e estar três anos sem lançar um novo, o puto perde logo o interesse, é a geração consumista, eu vejo, tenho dois casos aqui. É um paradigma que tenho reparado é que malta acima dos 35 anos tem dificuldade em engolir esse conceito. Esta é a realidade da juventude hoje em dia, eu ia para o café e eu pergunto-lhe «então não vais sair?» e ele diz «não, então estamos em casa, todos aqui a jogar online» e a maior parte dos amigos, um é da Alemanha, outro é da França. *É uma realidade completamente diferente...* O meu filho mais novo esteve 5 semanas sem sair à rua, nem para deitar o lixo, mas ele nem se apercebeu... Arrancar qualquer um dos meus filhos de casa é um castigo, antigamente os pais tinham dificuldade em trazê-los para casa e agora é ao contrário. A malta que não tenha filhos nem conheça a realidade dos miúdos de 15/ 16 anos vai achar muito estranho eu dizer isto, mas é a realidade. Agora crescem numa redoma (pedófilos, ladrões, então aqui no Cacém é um horror)- *também depende do sítio onde se vive*, nem é que eu queira que os meus filhos não saiam de casa, mas eles vivem online, eles optaram por viver online.

ANEXO 12 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 9: Sara

(realizada a 3 de outubro de 2021)

Entrevistado 9: Sara

Idade: 44 anos

Sexo: feminino

Naturalidade: portuguesa

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: 12º ano e curso profissional de técnica de acção educativa

Actividade profissional: técnica de acção educativa (à altura da entrevista, está em sala de aula com um menino com autismo)

Profissão pai/ mãe: motorista/ auxiliar de educação

Localização geográfica: Vila Nova de Gaia (Norte)

Divisão de Weinstein: faz parte de uma dimensão (audiência)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

Eu comecei a ouvir metal, tinha para aí 17 anos, não foi muito cedo e foi engraçado porque vivia perto do rio Douro, aqui em Vila Nova Gaia, entretanto fui para mais longe para Crestuma, onde não conhecia ninguém, então através de uma amiga soube que havia um bar e comecei a frequentar esse bar onde haviam muitos metaleiros. Na altura, não fazia parte do meio, tive assim um bocadinho de dificuldade na integração, até que quando já conhecia toda a gente, precisava de explicações de inglês. O que é que a minha explicadora de inglês punha? Metal. Comecei a pôr o ouvido mais para o metal do que para as explicações, lembro-me perfeitamente que ela dizia «eu vou ter que desligar a música porque tu não estás atenta». Na altura, ela punha bandas do género de Smael, de quem ainda hoje em dia sou fã, Megadeth e eu, a partir daí comecei a pedir CDs para gravar k7s na altura, comecei a juntar-me mais àquele grupo que ouvia metal e nunca mais saí. *Foi uma forma engraçada de começar a ouvir? Foi (risos). Quando falo com as*

peessoas sobre isto, muitas dizem que houve um clique, um enamoramento repentino por este tipo de música, achas que te aconteceu também?

• **O que te atraiu num primeiro momento?**

Inicialmente o que me atraiu mais foi ver as pessoas vestidas de preto, de botas de biqueira de aço e ver o que era um metaleiro, não por ouvir falar em Iron Maiden, nunca tive curiosidade (*na minha pergunta, refiro que muitas pessoas falam nessa banda como aquela que lhes fez o «clique»*). Antes de ter explicações, nunca houve nada que eu dissesse assim: vou ouvir metal ou alguma amiga chegada que me dissesse, eu gosto de metal, vamos ouvir.

Que género de música ouvias antes? Ouvias mais rock, ainda hoje em dia sou fã de Depeche Mode, comecei por aí, mais calmo, o grunge, era fã de Nirvana, foi mesmo quando iniciei as explicações e quando começaste a frequentar o bar... Sim e foi quando pedi à minha mãe umas botas de biqueira de aço. Mas o que te atraiu num primeiro momento foi então o look, o estilo, fascinou-te um bocado ver aquelas pessoas vestidas de preto, com as botas, os picos, os patches? Sim, sim, identifiquei-me.

Porquê que achas que aconteceu, por exemplo em termos de literatura ou de cinema, já te interessavas por coisas do género, como filmes de terror, monstros, o gosto pelo obscuro? Sempre me interessou o paranormal, não propriamente os filmes de terror, não sou fã de filmes de terror, mas antes de frequentar o bar, na escola onde eu andava, já havia alguns grupinhos que vestiam de preto e eu sempre adorei tudo o que era diferente e nos anos 90, aquilo era muito diferente, eu gostava de tudo o que era extravagante, fora do normal, eu era muito rebelde e aquilo, para mim também significava rebeldia: «quero ser assim», mas não te posso dizer que foi através de filmes, foi o ver mesmo.

E em termos do contexto familiar, os teus pais ouviam música em casa, já tinhas digamos o ouvido habituado para outros géneros musicais, ou nem por isso? Outros géneros completamente diferentes, os meus pais são fãs de Julio Iglesias, aquelas bandas mais portuguesas, ou seja, em casa, nunca fui habituada ao rock. O rock, tenho uma tia que me lembro perfeitamente desde os meus 10 anos dizer-me «se te perguntarem de que banda gostas, tu dizes Depeche Mode» e fui crescendo e ouvindo, mas em casa não. Então a grande influência para começar a ouvir com ouvidos de ouvir foi a tua tia que te introduziu numa onda mais dark e depois com as explicações e quando ouviste Smael e pensaste wow o que é isto? Sim e lembro-me de me emprestarem um CD de Cradle of Filth e disseram-me «tu não vais gostar», o primeiro impacto é que ninguém gosta à primeira e eu sempre que tinha um CD, sempre que ouvia a música, tinha que ler, tinha que saber o que é que a música significava, se tinha a ver comigo e gostei, gostei à primeira de Cradle. Foi assim que comecei a identificar-me, foi ao ler as letras, ao comprar CDs. Isto tem tudo a ver comigo, é disto que eu gosto, é assim que eu quero ser até hoje.

- Como era viver o metal nessa altura e em Portugal? (referindo zona onde passou a adolescência)

Eu passei da cidade para uma vilazinha. *E mesmo assim, essa vila tinha um bar de metal?* Sim que foi conhecido durante muitos anos, chegou a ter grandes bandas como Ratos do Porão. *Apanhaste ali os anos 90, como foi:*

- **O seu dia-a-dia na escola;**
- **se formou um grupo de amigos com as mesmas práticas;**

Tanto tinha grupos de amigos do metal, como sem ser do metal, mas quando eu iniciei nessa altura, eu não tenho rótulos, mas eu era do meio metaleiro, chamavam-se metaleira, mas sempre fomos vistos como drogados, que fazíamos distúrbios em todo o lado, éramos um bocadinho mal vistos por aqui, tínhamos rótulos de pessoas más, de pessoas ligadas ao oculto, a coisas negras, não foi muito fácil. Eu lembro-me perfeitamente de entrar em certas lojas e ser olhada de cima a baixo, aconteceu-me inúmeras vezes sentir os olhares, principalmente em 2000 e pouco quando pinte o cabelo de rosa choque, eu ia na rua e os olhares eram todos postos em mim, mas o meu pensamento sempre foi: «eu sou assim, quanto mais olhares, pior eu vou fazer». Eu tinha mesmo aquela rebeldia do diferente. Não era o gostar de chocar, mas era-me indiferente que as pessoas me olhassem como se fosse drogada ou como se fosse... eu posso dizer que o meu próprio pai, que tem uma mentalidade mais antiga, quando comecei a pintar as unhas de preto - isto é um bocadinho embaraçoso – (risos) virou-se para mim e disse-me assim: «ó filha tu sabes quem é que pinta as unhas de preto? São as meninas da rua». Eu tive assim uma certa discussão com ele na altura, porque não concordava obviamente, mas ao longo dos tempos os meus pais viram que não havia hipótese de tirar-me daquilo, que era eu na mesma, mas com uns gostos um bocadinho diferentes.

- **como se vestiam (aspetos ligados à exteriorização da subcultura);**

Eu recusava-me a usar t-shirts de bandas, não sei o que me passava pela cabeça na altura, eu pensava «não, eu não vou gastar dinheiro para fazer publicidade a uma banda, tinha essa ideia e não havia quem me a tirasse, então para mim tinha que ser tudo preto. Eu comecei a usar t-shirts de bandas muito mais tarde, há cerca de 10 anos que agora olho para o meu guarda fato e digo «eh, tantas t-shirts de bandas!», mas não sei se te recordas ou já ouviste falar das city jeans, as calças elásticas, era fã dessas calças, coladinhas às pernas, depois com uma grande bota de biqueira de aço nos pés, gostava de correntes também. O que te fez mudar de ideias e começar a comprar t-shirts de bandas? Comecei a namorar com um rapaz que tinha uma banda e comecei a perceber que se gosta de uma banda e se compra uma t-shirt se ajuda a banda e ainda comecei a comprar mais agora com o Vítor (namorado), ele diz «vou comprar esta t-shirt desta banda para ajudar» e eu digo «olha pede duas», foi assim que comecei a perceber que estava a ajudar a banda e que não fazia mal nenhum. Não é fácil as bandas vingarem em Portugal... É uma questão interessante porque muitas pessoas me dizem que era pelo amor à música.

- **as saídas à noite, se existiam ligações ao álcool e às drogas; histórias que queiram contar;**

Eu nunca fui de drogas, mas álcool sim. Eu sempre tive grupos de amigos que adoravam álcool e sair à noite e eu integrei-me muito bem nesse grupo. Na altura, Crestuma fica muito longe da baixa, não tínhamos carro e então aquele bar era a nossa segunda casa. Mais tarde, conheci uma rapariga que tinha carro e que tinha um amigo que era dj, que começou a pôr música no Ferrugem¹⁵¹. Ela não tinha nada a ver com metal, mas ela acompanhava-me, era amiga do DJ, sabia que eu gostava e íamos as duas. Começamos as duas a sair à noite sozinhas para o Porto e aí sim comecei a conhecer muita gente ligada ao metal, a fazer muitas amizades. Entretanto, cheguei ao ponto de apanhar a camioneta e de só ir para casa de manhã, passava a noite no Porto e depois, vim morar para Gaia, eu vivo mesmo perto do Porto e como já conhecia muita gente, comecei a ir para as noites do Porto, a frequentar os bares de metal

Foste aos primeiros grandes concertos de metal em Portugal? Ao Dramático, aos primeiros, não deveres ter ido porque ainda não estavas a gostar de metal... Concertos de Alvalade Guns e Metallica? Não, na altura, os meus pais não me permitiam. O meu primeiro concerto foi um festival, na Alfândega em 1995. Vi Cradle, Moonspell, Megadeth, Anger, foi quando vi grandes bandas a sério! Ainda hoje tenho o bilhete guardado!. Para ti que nunca tinhas ido a concerto e de repente ir logo assim a um grande festival, como foi? Foi brutal, foi uma coisa para mim na altura de outro mundo, ir assim a um festival, foi fantástico! Recordo-me perfeitamente da aventura que foi o caminho para lá, tudo foi uma festa, todo o momento foi uma festa. A partir daí, abriu o Hard Clube em Gaia, comecei a ir a muitos concertos (96, 97). A partir daí as bandas que iam a Lisboa também iam ao Porto? Exatamente.

Sentias-te marginalizada quando andavas na rua? Olhado de lado? O que pensavas disso?

[A entrevistada falou da discriminação de que era alvo durante a conversa acima e retomamos o assunto, agora mais direcionado para os pais]

Em relação aos teus pais foi difícil? Não, vou comentar uma coisa da minha vida pessoal, eu comecei muito cedo a ter um problema de saúde, eu fazia diálise, fui transplantada renal e isso criou dentro de mim com 14 anos, muita raiva, muita revolta, daí eu também identificar-me mais com isso, eu conversava com os meus pais sobre a música o vestir-me de preto e, embora eles achassem que não era o melhor caminho, eles sabiam que eu não me iria meter na droga, que eu nunca iria frequentar mesmo aqueles caminhos obscuros. Tirando uma coisita ou outra, tanto é que eu comecei a ir fazer os piercings muito cedo (aponta para a orelha), nunca tive... A minha dizia «ah quando é que paras de fazer furos? Fica mal», mas nunca tive aquele: «não podes fazer isso, não podes ser assim». Saídas à noite, começaste a sair cedo. Quando estava a falar do bar lá em Crestuma, eu tinha certas restrições, às sextas tinha que estar em casa à meia noite e ao sábado à 1 da manhã. E depois comecei a dizer, porque como ainda tinha que percorrer

¹⁵¹ Bar de metal no Porto

um caminho até casa, comecei a dizer aos meus pais que, para não ir sozinha tinha que esperar por alguém que me acompanhasse e não podia obrigar as pessoas a ir embora, então comecei a esticar a corda (risos).

Há pessoas que referem que os pais dos amigos eram adversos: os pais dos amigos diziam-lhes para eles não andarem com eles, também te aconteceu? Aconteceu-me uma situação com uma amiga. Ela convidou-me várias vezes para ir a casa dela almoçar ou jantar e os pais dela começaram-lhe a dizer para ela não sair comigo, que eu tinha mau ar, ar de drogada, podia andar por maus caminhos, foi a única situação que eu me recordo com pais de uma amiga.

Achas que hoje em dia, continua a haver esse estigma? Não se compara, as coisas evoluíram muito, tanto é que posso dizer que trabalho numa escola com crianças do primeiro ciclo e não tenho que tirar os brincos, esconder as minhas tatuagens e uma delas tem cornos; os miúdos já me vêm dizer »ah o meu pai também tem uma tatuagem aqui, um piercing ali, ou seja, se fosse há 10 anos trás provavelmente, eu teria que tirar os brincos, tapar as tatuagens, mas posso dizer que na minha experiência evoluiu muito, ainda há algumas lacunas, mas evoluiu muito.

• **As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual em relação aos homens ou sentia-se uma diferença? O metal em geral está sempre muito conotado com o masculino.**

Posso dizer que tive imensa sorte, eu sempre tive mais amigos homens que mulheres, pq me identifiquei mais com a maneira de pensar deles. Eu recusava quando me diziam para sair com um grupo só de mulheres, não, eu não quero ter conversas de mulheres com mulheres, eu quero ter conversas sobretudo com rapazes; eu era capaz de estar no grupo dos rapazes a falar de futebol, eu preferia falar de futebol do que de cabeleireiros (risos), sempre fui muito mais virada para os rapazes e posso dizer-te que tenho amigos desde essa altura, há 20 e tal anos, um dos meus melhores amigos é dessa altura, era com ele que eu saía sozinha e depois vinham os amigos dele e ele dizia «olhem a Sofia vai connosco, ah a Sofia é na boa!», respondiam. Eu saía com 4 ou 5 rapazes sozinha, era como se fosse a única mulher aceite porque estava na boa com tudo; se eles os dois me dissessem assim «eh Sofia, aquela rapariga é mesmo linda, não é?» eu era capaz de entrar na conversa, nunca fui ttxttx de mulher. Ainda hoje em dia, são raras, por exemplo a Laura [que a recomendou para entrevista] é a minha onda, não é cá de ceninhas e eu dou-me bem com mulheres assim; amigas mulheres tenho pouquíssimas, mas amigos homens tenho muitos, por isso nunca senti essa discriminação. Nunca senti sexismo.

Fala-se em mulheres que não percebem nada de música e estão ali só a fazer olho gordo aos gajos, eles sentem isso. *Há essa diferença?* Há, eu acho que sim.

- Há algum subgênero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

Eu continuo a gostar de muita coisa de rock e de Depeche Mode, por exemplo, depois, *Cradle?* não tenho nenhum preferido, tão depressa oiço black metal como death core, eu ouço, gosto, não me importo que seja death ou doom.

- Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Tens ou tiveste uma banda? Se é ou foi música?

Infelizmente não, mas o meu sonho sempre foi tocar bateria. *Ainda estás a tempo...* Sim as pessoas dizem-me isso, mas às vezes gerir o trabalho e descansar ao fim de semana. Eu já experimentei, mas não tenho queda (risos)

• A música em si mesma, o som, tem um papel preponderante para ti? Por exemplo, sabes do que tratam as letras de todas as bandas que ouves? Achas que o conjunto é que faz sentido ou valorizas a música acima das letras?

O mais importante para mim são as letras, mas também te posso dizer que há bandas que ouço em que posso não perceber tudo mas que entram no ouvido, mas quando são bandas das quais eu realmente gosto, dou-me ao trabalho de ler tudo, ver o que significa. Por exemplo eu gosto de Ramstein que é alemã e dei-me ao trabalho de perceber o que é que eles queiram dizer, é importante para mim a letra. *E quando gostas de uma banda pelo som, mas depois apercebes-te que as letras não vão de encontro à tua maneira de pensar, achas que irias continuar a ouvir essa banda?* Se a letra não for nada daquilo em que sou contra.

• Achas que te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa?

Em certa parte, sim. Foi crescendo dentro da subcultura. Não me vejo de maneira diferente, às vezes estou num concerto e paro para pensar e digo ainda bem que eu gosto disto, não me estou a ver noutra estilo, é o meu mundo e penso que continuará a ser. Já me tentaram tirar disto, na altura tinha amigos que começaram a gostar de música de discoteca, e diziam, tu estás errada... (eu era metaleiro, mas não sabia o que fazia). E eu não, acho que isso foge um bocadinho à personalidade; gosto tantos anos de metal e a seguir vou enveredar para música de discoteca?!

• Para ti, quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Ao mundo que tu conheces? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes? (No início ela responde mais à questão: - Como é ou o quê que a música te faz sentir?)

Um valor que eu ganhei com várias bandas de metal é ser forte. É assim: dentro do metal também já passei por várias fases, passei por aquela fase mais deprimida em que ouvia muito doom, mas a mim o metal transformou-me numa pessoa que tem que lutar, que é guerreira, que consegue ir para a frente, que não desiste, aprendi isso tudo com muitas

bandas do metal. Também sou super fã de Amon Amarth, tem uma força incrível, é uma banda que eu já vi umas quatro vezes. A ideologia disso é mesmo, tornei-me mais forte, deixei a depressão, posso dizer que não deixei a raiva por completo, mas tornei-me guerreira.

Valores partilhados pela comunidade, há quem diga que tem a ver com o espírito de camaradagem, concordas? Sim, também, é completamente o oposto do que diziam antigamente: que eram só drogados, vândalos, são pessoas amistosas, claro que há exceções como em todo o lado; mas são pessoas amigas do amigo. Tu vais sozinha a um concerto de metal, o que acontece comigo, quando vou sozinha, o Vítor não gosta por exemplo e eu vou ver, eu no fundo não me sinto sozinha, acabas sempre por conhecer muitas pessoas, mesmo que nem conheças as pessoas não te sentes sozinha. Têm uma camaradagem: basta ver quando alguém se magoa, quando andam ao mosh, se alguém cai, eles param e amparam a pessoa, se empurram alguém que está mais para o lado, sem dúvida e depois não acho que seja só aquele espírito obscuro, não. O pessoal é alegre, lá está, gosta de sair de se divertir, de estar na boa, para sair é para estar bem, eu acho que sim, é muita camaradagem.

- **Crês que o metal contribuiu para seres quem és hoje em dia?**

Em muita parte sim.

- **O metal une as pessoas? Acabamos de falar nisso quando falamos em camaradagem, não é?**

Sim.

- **Existe aquela sensação de que «é do metal só pode ser boa pessoa?», que faz parte da família?**

Não concordo a 100 por cento porque não somos todos iguais. Eu já conheci muita gente boa, mas também já conheci muita gente que só quer é armar estrilho, confusão, por isso não garantidamente, há exceções.

- **Porquê as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos? Atração que tiveste desde miúda, não é?**

Não sei explicar concretamente, quando és adolescente e tens aquela fase em que não sabes bem quem és: «será que eu serei deste mundo? Não faço parte deste mundo», aquelas paranoias, aquela depressão da adolescência. Eu gostava muito de ter essas conversas, não tinha medo da morte. As caveiras, eu não gostava de caveiras mexicanas porque eram coloridas, hoje em dia gosto. Mas eu era assim um bocadinho mórbida, eu comecei numa fase em que tudo o que fosse mórbido, tudo o que fosse obscuro, eu enterrei-me um bocadinho no mal, no pensamento mau. Depois, fui crescendo, fui evoluindo e comecei a ver as coisas de outra maneira, mas eu e os meus amigos, lá em

Crestuma, havia muitos montes, à noite levávamos uma manta, velas pretas e estávamos ali a conviver, tudo o que fosse obscuro, para mim era ótimo, era fantástico! Mas mudei muito, a nível desse aspeto, muito mesmo. Mas continuo a adorar caveiras, não sei bem porquê, sinceramente... *Há quem diga que é isso mesmo, um pouco confrontar a sociedade com a realidade da morte, há pessoas que dizem que é para chocar? Para ti, era para chocar?* Não, era uma coisa minha, eu não gostava de ser o centro das atenções, não fazia essas coisas para chocar, lá está por causa do meu problema de saúde, a revolta e a raiva que eu sentia, o porquê, aquela confusão toda na cabeça, foi um bocadinho se calhar o meu problema de saúde que me levou a ser assim, na altura, mórbida, revoltada, digamos.

- **O que é que a música te faz sentir?**

Falaste aqui do «empowerment», da força que a música te dá... eu posso te dizer que vou a um concerto de uma banda que gosto e a minha adrenalina vai ao topo, é das melhores coisas que eu posso fazer, é ir a concertos.

- **Continuas a vestir-te da mesma maneira no dia-a-dia ou existem compromissos profissionais que te «obrigaram» a mudar de estilo?**

Estavas a dizer que na tua profissão, não precisas de tirar os piercings, em termos de vestuário também, podes ir vestida como queres, têm farda?

Temos uma bata, ponho-me algumas restrições, sou capaz de ir toda vestida de preto, mas tento, é como se que eu não quisesse que na escola conheçam o meu verdadeiro eu, quero ter o meu mundo preservado. Algumas colegas minhas já toparam, mas eu tento sp preservar esse meu lado. *Mas no dia a dia, continuas a vestir-te de preto e com as t-shirts?* Sim; também me visto de branco: tenho uma t-shirt de Serrabulho.

- **E em termos de ideologia/ mentalidade, mantiveste o mesmo pensamento que tinhas quando adolescente? O que mudou?**

Disseste-me que na adolescência estavas num mundo assim mais obscuro e que agora, ao longo do tempo, começaste a ver as coisas de outra forma, não é? Também evolui a nível psicológico em relação ao meu problema de saúde, logo, evolui em relação a outras coisas. Algumas bandas mais deprimidas que eu gostava na altura, por exemplo, eu gostava muito de My Dying Bride, aquela banda mesmo deprimida e hoje em dia não ouço da mesma maneira que ouvia na altura e comecei também a ouvir bandas que falam de batalhas celtas, das guerras, foi havendo bandas que conheci que comecei a gostar e outras que deixei de gostar tanto.

- **O panorama do mundo do metal em Portugal e no mundo alterou-se bastante, como vês essas mudanças? Alterou-se bastante desde os anos 90? Como vês essas diferenças, sei que aí no Norte há muitos jovens a aderir ao movimento, como vês estas mudanças tendo em conta a tua experiência dos festivais, achas que os jovens apreciam da mesma forma, dão o mesmo valor? É engraçado quando conheço algum jovem de 19, 20 anos e começamos a falar de músicas, vou ser um bocadinho gabarola**

(sorriso) às vezes, sinto que me põem num pedestal (risos) porque às vezes, estamos a falar de bandas e eu digo, «já vi» e eles «eh que inveja, tu já viste isto tudo!» eu digo «tem calma, oxalá que passes por isso, ainda vais ver», mas acho que cada vez há mais jovens a aderir ao metal, agora há 2 anos que não se convive muito no Porto (pandemia), mas viam-se muitos jovens de 19, 20 e poucos que começaram a sair à noite, já são metaleiros, já querem ir a concertos, mesmo a festivais que ficam fora, acho que tem bastante aderência, que há cada vez mais malta a gostar de metal. *Mesmo apesar do mundo sem rumo, tribos urbanas desaparecidas... agora parece que isso desapareceu do mapa...* Acho que está tudo mais misturado.

ANEXO 13 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 10: Fábio

(realizada a 15 de setembro de 2021)

Entrevistado 10: Fábio

Idade: 54 anos

Sexo: masculino

Naturalidade: portuguesa

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: 12º ano

Actividade profissional: radialista

Profissão pai/ mãe: comerciante/ doméstica

Localização geográfica: Lisboa

Divisão de Weinstein: faz parte de duas dimensões (audiência, indústria)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

Sinceramente, terá sido por contacto na rua onde eu vivia, havia um indivíduo mais velho que era primo de um amigo meu, que ouvia Sex Pistols, Van Halen, AC/DC e coisas do género. Depois, descobri através da rádio os programas da altura que eram feitos pelo António Sérgio e pelo Luís Filipe Barros e partir daí comecei a minha descoberta pouco a pouco, digamos que por mim acerca desse tipo de som. Terá sido por volta dos 10/ 11 anos. *Houve uma banda em especial que te despertou?* Sim, os AC/DC, Van Halen , bandas de hard rock Led Zeppelin, geralmente eram pessoas mais velhas, vivia em Lisboa.

- **O que te atraiu num primeiro momento?**

Era a música porque eu com 10 anos não tinha noção, não falava inglês, não conseguia entender o que se falava nas letras, foi a música em si, os sons. *O que te chamou mais a atenção em relação a outros géneros musicais que existiam na altura?* Eventualmente a energia que as próprias músicas transmitiam e o facto dos vocalistas serem diferentes da maior parte da música pop que passava na rádio na altura. Na altura, era o veículo divulgador do que era música, era música mainstream que se ouvia e essas bandas eram desmarcadamente diferentes de tudo o resto e a energia que aquela própria música transmitia.

Quais foram os teus primeiros concertos? O primeiro grande concerto a que fui foi Ramones em Cascais, tinha 14 anos se não estou em erro. Falo dos concertos de Motorhead com Girschol e ele diz que antes disso houve outros concertos míticos: Rainbow, que foi o meu segundo grande concerto, o primeiro de metal, IM terá sido em 84- a estreia dos IM em Portugal foi a 21 de Agosto de 84, tinha 17 anos- fazer as contas...

Ir a esses concertos, qual era a sensação de ir ver as bandas que se ouviam em casa e cujo acesso era limitado principalmente nos anos 80, qual é a descrição que fazes desses primeiros concertos? Era um autêntico ritual, era uma coisa fora de série, era tu estares num mundo que nunca imaginarias estar ou terias noção do que era, ver aquela alegoria toda em palco dos próprios Iron Maiden, com a mudança de setups, as ilustrações que eles faziam para as próprias músicas e estares a sentir aquela energia e aquela força toda e estares rodeado de uma multidão de pessoas que gostavam igualmente desse tipo de som era uma cena absolutamente fora do normal. Não gosto obviamente de comparar com religião porque não gosto muito de religiões, é praticamente como uma ida ao templo e observar e «levitar» em termos do que se absorve ali em termos de mensagem e era aquela energia toda absolutamente incrível e teres à frente os teus ídolos que tu apreciavas ao longe fechado no teu ou no teu cantinho, era um momento de celebração muito intenso e extremamente único. Lembro-me de estar durante as duas semanas a seguir a rever na minha imaginação o que se passava em palco, a forma como os músicos se expressavam e andavam de um lado para o outro e os sons das guitarras e lembro-me de comentar isso com os poucos amigos que eu tinha na altura e falávamos acerca desses momentos absolutamente mágicos. O meu primo é que me levava, eu ainda era menor e só assim é que a minha mãe deixava ou depois com um amigo que tivesse carro.

E o ambiente desses concertos? Muitas vezes, fala-se muito nos episódios que aconteceram antes e depois dos concertos no Dramático de Cascais, em termos de violência, agressividade, de drogas durante os concertos, achas que o ambiente era mais agressivo do que é hoje em dia num concerto de metal? Eu relativamente a drogas, assisti a pessoal muito bêbedo a cair para o lado, agora caldos isso francamente nunca assisti. Acontecia era violência com a polícia a entrar para o próprio pavilhão em si, houve situações em que eu próprio estive e que era realmente a lidar com gado, a polícia a empurrar as pessoas e não haver uma porta mínima para se poder entrar; em Cascais era a porta lateral e aí sim havia cenas de violência e a polícia a carregar sobre a malta e à saída também havia cenas de violência. Lá dentro, entre os metaleiros não me recordo assim de grandes cenas, havia uma situação ou outra, mas era pontual.

E como é que era viver o metal nessa altura em Portugal, o dia-a-dia na escola, formaste um grupo de amigos com as mesmas práticas? Já se vestiam conforme a subcultura? Não, eu andava numa escola que era a D. Rainha Leonor em Lx e era uma zona conhecida por betos, a maior parte deles, portanto era muito difícil encontrar nessa escola malta que gostasse de metal. Lembro-me de um episódio em que vi um dos fundadores dos Sétima Legião com um álbum dos AC/DC debaixo do braço e eu aí falei com ele, mas nem sabíamos o nome um do outro. Era mínima a cena de metal na av. De Roma nesses anos. Lembro-me de andar lá a circular uma lista, alguém que tinha um gravador de cassetes e nessa lista, pagavas 50 escudos e ele gravava-te uma cassete cromo dióxido, com o álbum dos Cramps the songs that the lord though us ou Psichedelic Jungle, nessa lista também estavam os Van Halen, AC/DC, eram entre ele e outro amigo e quem quisesse comprava uma cassete e ele fazia a gravação. Fora da escola também não, sempre fui um puto um bocado mais para o isolado, na rua havia um primo de um amigo meu que gostava de metal e depois havia outro muito mais velho do que eu, já terias 20 e tais anos e foi esse que eu conheci por exemplo Frank Zappa, Doors, Santana- eu gostava de música e gravitavam em torno de pessoas que gostassem de música e normalmente eram pessoas mais velhas de uma diferença de cinco, seis anos. Nunca tive esse tipo de associação, nem depois mais tarde; aos 19 anos já trabalhava em rádio e não me vestia de metaleiro típico, nunca me vesti, nunca gostei assim muito de estereótipos, tinha algumas t-shirts, mas usava-as pontualmente. Tens aquela imagem estereotipada de calças justas pretas com a t-shirt de Iron Maiden ou Motörhead com caças de ganga ou cabedal, em relação a essa imagem típica, eu nunca me comportei assim.

Marginalizados pelos outros e acabavam-se por se juntar, começou com 18, 19 anos a trabalhar em rádio, tinha t-shirts e o cabelo deixei crescer mal a minha mãe me deixou.

E em relação às saídas à noite, sempre houve também o estereótipo não só do metal mas do rock em geral de estar ligado ao álcool e às drogas, há algumas histórias que te lembras que queiras contar? Pois a malta com quem me dava da av. Da igreja não eram do metal e sim tínhamos as nossas cenas de bebedeiras, drogas não havia, sempre fui um gajo absolutamente contra isso, conhecia quem consumisse e às vezes estava em sítios onde alguém fumava uns charros, mas nunca gostei, experimentei uma vez ou duas e achei a sensação absolutamente horrível.

Sentias-te marginalizado, olhado de lado na rua? Sim, sim, as senhoras de mais idade normalmente quando me viam aproximar com o cabelo comprido normalmente mudavam de passeio. Até houve uma situação, para aí às duas da manhã junto ao estádio 1º de Maio eu percebi que estavam dois ou três meliantes a abordar alguém e eu percebi que aquilo eventualmente seria um assalto e quando me viram a aproximar de gabardine comprida e cabelo comprido, eles pura e simplesmente fugiram. Tinha o seu lado bom (risos) sem dúvida, sempre achei e por isso continuo a ter o cabelo comprido.

Achas que de certa forma o pessoal até «queria» ser marginalizado, queria marcar um statement com a maneira de vestir e o cabelo comprido ou faziam isso por inspiração daquilo que viam nos concertos e nos videoclips? Não, as pessoas vestiam-se assim e

trajavam-se assim porque estavam a imitar os seus ídolos, era a forma como se identificavam em termos de personalidade, é como tu tens a malta que gosta do Benfica, do Sporting ou do Porto, que vestem e têm os cortes de cabelo parecidos com os ídolos deles porque são jogadores que eles apreciam; na música é a mesma coisa. Eventualmente e inicialmente se perguntares porquê que se começa a ouvir esse tipo de música, pode ser um acto de rebeldia contra os pais, contra as normas que os pais tentam incutir em termos de religião por exemplo. Na minha altura, era muito tecnicamente isso, porque ainda havia muito um forte controlo salvo seja em que os pais tentavam impingir às suas proles ou aos seus descendentes a religião. Por exemplo, a mim, a minha mãe era uma pessoa religiosa e eu não havia coisa que detestasse mais e que percebesse que não fazia sentido nenhum, mas não era por causa disso que eu me vestia dessa maneira, comigo era essencialmente um escape, uma forma de let go, era terapia, eu ouvia Motörhead e sentia, ficava sossegado, descansava-me a mente (o mesmo acontecia quando ouvia Supertramp, são opostos musicais mas ao mesmo tempo conduziam em mim esse tipo de reacção.

Como é que os teus pais reagiram quando começaste a deixar crescer o cabelo, querias ir para esses concertos; eu só cresci com a minha mãe, não tive a figura paternal masculina, ela não gostava era do barulho, do ruído (risos), ela queixava-se do AC/DC «ai esses gritos! Ó meu filho» e eu depois ouvia a música em auscultadores para não a incomodar. A ida aos espetáculos, ela não se opunha, eventualmente só pela falta de dinheiro para comprar os bilhetes; não sei se ela alguma vez tivesse receio que eu me dedicasse às drogas, a Av. de Roma é famosa por isso, aliás da minha geração, não existe ninguém vivo acho eu, terão sobrevivido com a minha idade ou com um bocadinho mais acima, a maior parte deles já foram todos dizimados, eram para aí 10, 15, filhos de famílias de alta sociedade e que efetivamente consumiam drogas pesadas e acabaram por sucumbir ao vício.

• **As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual ou sentia-se uma diferença? Tinhas amigas do metal: mulheres que iam convosco aos concertos e aos bares? Havia algum tipo de estigma? Se sim, como explicas isso?**

A primeira pergunta é quais mulheres? Não havia. Sim, efetivamente a sonoridade tem muito a ver com uma forma mais macho por assim dizer, mas depois começaram a surgir cada vez mais miúdas a gostar desse tipo de sonoridades e até mais violentas; eu como radialista pude aperceber-me disso e ficava realmente admirado porque na minha altura, a década toda de 80 e princípios de 90, eu não conhecia nenhuma metaleira por assim dizer. Havia naquele grupo com quem eu me dava na Av. De Roma, as miúdas gostavam sobretudo das baladas e aí reinavam os Scorpions, e por isso podia conquistar alguma simpatia com o tipo da sonoridade, mas não havia mulheres e então nos espetáculos muito menos, era raríssimo apercebermo-nos que havia uma miúda ou outra inserida no meio. Mais tarde começaram a surgir e hoje em dia já é praticamente banal, praticamente fifty fifty, estou a exagerar será 40% de mulheres e o resto homens. *Uma questão que me ponho é por exemplo em relação às bandas, as mulheres são sempre ou baixistas ou vocalistas...* Não estava a falar em bandas, estava a falar no público; *comparando mesmo*

hoje em dia nunca houve uma banda de thrash por exemplo com duas mulheres e três homens... Nas bandas a percentagem é menor sem dúvida. Tem a ver com um certo reflexo da sociedade em que vivemos? Nos anos 80, as mulheres eram muito mais protegidas, não podiam sair à noite... Se fores comparar a cena de bandas metal com elementos femininos, será semelhante no mundo do alternativo ou do rock, a percentagem é tecnicamente a mesma; no pop, as grandes divas são efetivamente femininas, se descontarmos o Elton John (risos), mas dentro do rock, tens algumas até só com mulheres, dentro do hard rock são raríssimas, tinhas as Runaways , a Rockgoddess, hoje em dia também não tens bandas 100% feitas e constituídas por mulheres. Tens um movimento entretanto nos anos 90 e implantou-se nos 2000 que a cena do metal sinfónico, com vocalistas com influências clássicas e voz de ópera, começou a surgir o female fronted band e por aí tens um movimento mais feminino; no punk quantas bandas tens de punk só com miúdas?

O que penso é que poderia ter havido uma maior heterogeneidade... As miúdas não tinham apetência para tocar instrumentos e serem exímias a tocar guitarra, bateria ou o baixo e por isso elas não surgiam com tanta frequência; não é que tenham menos capacidades ponto. Elas é que nunca se mostraram eventualmente tão interessadas em evoluir no estudo desses instrumentos ou não. Como tu sabes nas bandas de metal, a brincar, a brincar, tu encontras grandes músicos, virtuosos; atenção que existem, agora são em muito menor escala porque eventualmente as miúdas não têm tanta pachorra para se disciplinar a fazer não sei quantas vezes ou a tocar oito horas por dia os mesmos riffs e os mesmos solos, achas que é por causa disso? Acho porque se não existiriam muito mais bandas e muito mais miúdas com atitudes virtuosas a tocar esses instrumentos. Mas se fores comparar numa orquestra clássica e sinfónica, grande parte dos elementos são femininos, até chega a ser fifty fifty, mas no rock, não há tanto a tendência para isso, é o que tenho observado e não é uma questão de sexo, é a disciplina do ser humano em se dedicar a tocar e a ser exímio nessa arte. Tenho a certeza que qualquer mulher que se predisponha a isso consegue fazê-lo, não haverá nenhuma incapacidade. Estavas a dizer que eventualmente tinha a ver com uma questão de educação, não sei se será.

A partir do momento em que as mulheres começam a participar nos concertos, etc., sentiste que havia algum tipo de estigma dos homens em relação às mulheres ou não ou eram tratadas de igual para igual? Não era uma questão de serem tratadas de igual para igual, as mulheres eram até super protegidas porque normalmente iam em grupos de amigos e os homens, não sendo namorados protegiam-nas acima de tudo, da violência de bêbedos de outros grupos, comigo isso acontecia com frequência, quase que me auto encarregava de proteger as miúdas, sei lá poderia haver um gajo mais atrevido ou mais bêbedo que tentasse dar um apalpão ou coisa do género e era natural que levasse um chapadão de mim ou de outro gajo com quem as miúdas iam e era assim com outras miúdas que iam com outros grupinhos; normalmente elas não iam sozinhas pq existia sp esse risco de teres algum gajo mais armado em parvo que se atrevesse a fazer essas coisas. Se estás a falar de mosh pit lá à frente, aí tens alguns tarados que se aproveitavam para estabelecer contacto direto com a anatomia das pessoas e esse tipo de situações acontecia;

se estás a falar de mulheres em palco e a tocar, tens efetivamente uns quantos trogloditas lá à frente que podem ser para aí uns 15 a dizer coisas como «mostra-me as tuas mamas!», «és boa!» e coisas do género, isso existia, mas não caracterizava a comunidade toda.

- Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

Não, eu gosto de muitas coisas dentro do metal em geral, se for uma banda que me apraz, fico fã, não vou gostar ou deixar de gostar porque pertence a um subgénero. Atualmente, estou a ouvir muito o novo tema dos Animals as Leaders que muita gente considera que não é metal, mas para mim tem francas influências de metal, embora também tenha muito de jazz e de rock progressivo, nunca fui grande fã de grind, de black metal, de metal moderno, gosto muito de Fear Factory. Eu baseio-me essencialmente pela singularidade das obras e dos artistas, aqueles que eu acho que são realmente fora de série e que não sejam uma mera imitação de outros, eu tenho tendência para respeitar e gostar; também gosto muito de Emperor por exemplo, depois bandas que surgem muito baseadas e muito coladas noutras, eu já perco o interesse, sou muito assim infelizmente ou felizmente e estou sempre a procurar algo que tenha uma personalidade mais forte, que seja um bocadinho diferente e que não seja uma cópia colada de qualquer outra coisa: Quando ouço uma banda que chapada de Manowar, eu já não tenho pachorra, não tenho muito interesse em ouvir outras bandas a copiar tecnicamente os Manowar e o imaginário deles. Se vejo bandas a copiarem os Pantera, eh pá já chega os Pantera fizeram e está perfeito, prefiro ir pegar nos álbuns deles e ouvi-los n vezes até à exaustão, é um defeito meu ou uma qualidade.

- Como é ou o quê que a música te faz sentir?

Imensas coisas... *É uma pergunta... íntima? Um pouco.* A música faz-me sentir tudo, eu muitas vezes penso que quando morrer, vou sentir imensa falta de não ouvir um Highway to Hell dos AC/ DC ou um Powerage, o Crime of a Century dos Supertramp ou o The Wall dos Pink Flyod ou o segundo álbum do Charlie Sexton, é isso que a música me faz sentir, faz-me sentir uma espécie de nostalgia de quando eu já não estiver cá e enquanto estou efetivamente abstenho-me de uma data de pensamentos eventualmente menos positivos, faz-me sentir celebrar a vida em comunhão com outras pessoas de quem eu gosto obviamente, é uma parte absolutamente integrante para mim, eu não consigo imaginar a vida sem eletricidade e sem música; se não fosse por isso, eventualmente já não estaria por cá porque a música deu-me efetivamente um consolo e uma sabedoria que nada, que nenhuma outra coisa me deu; atualmente foi a música que me proporcionou uma série de outras coisas, em termos profissionais, que não era no início e fez toda a diferença, foi precisamente a música. *Gostas de outros géneros musicais além do metal?* Eu não entendo a vida assim, não sou um fanático fundamentalista, nada contra quem é, só estou contra quando se manifestam de forma negativa relativamente a pessoas que gostam e que ouvem outros tipos de música. Para mim, a música é um sinónimo de liberdade, eu oiço aquilo que eu quero, que me apetece porque está aí pode ser ouvida, escutada.

- Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento?

Tentei, mas não correu bem e daí eu ter-me dedicado a perceber quem sabia fazer isso. Guitarra, cheguei a fazer ensaios numa banda que participou naquele festival do Rock Rendez-Vous que eram os Navan.

• **A música em si mesma, o som, tem um papel preponderante para ti? Por exemplo, sabes do que tratam as letras de todas as bandas que ouves? Achas que o conjunto é que faz sentido ou valorizas a música acima das letras?**

É a música, é o som, é a mensagem, é o visual, é tudo combinado, é o que é música para mim; eu tanto sou capaz de me rir com uns Kiss e o visual deles, como já não me rio tanto eventualmente com certas bandas de black metal. É necessário sentir essas diferenças e ter um certo sentido de humor ao lidar com elas; sou capaz de apreciar um Limp Biskit (confirmar), embora não venha para casa e esteja a ouvir constantemente, mas entendo e aproveito para dissecar aquilo em termos de sonoridade e de virtuosismo, as brincadeiras e a forma malandra como o Fred Dust expressa as suas letras, tudo isso para mim é um divertimento absolutamente incrível, tal e qual como passo a descobrir aquilo que o Sr. Tom J. Warrior diz nas músicas dos Celtic Frost, é um mundo que não acaba, tal como os Halloween que são mais divertidos, também têm algumas músicas mais sérias. Eu não leio livros, gosto muito de cinema, mas nunca fui muito de pegar em livros nas obras que toda a gente pega neste meio que é Tolkien, pronto então a compensação que eu tenho em termos de escapismo será a música e ficar absorvido pelas mensagens e pelas capas e por todos esses imaginários que eu consigo ter em termos musicais.

- *Achas que te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa? Teve um papel preponderante? Sem dúvida alguma*

Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes?

Diferença, tolerância, observar o próximo, proteger os que mais precisam e coisas desse género. Foi por aí que eu aprendi, quer dizer eu já tinha esses valores inculcados pela minha mãe, mas aí encontrei mensagens contra o racismo, antinazismo, a famosa dor de corno e de separação e coisas do género que tu ouves constantemente cantada em todas as músicas cada vez que ligas a rádio, essa é a mensagem preponderante em todos os géneros musicais, desde Beethoven até aos Little Mess ou como se chamam esses gajos do rap. Sim, a maior parte das mensagens que estão inculcadas no metal eu absorvi-as, escutei grande parte delas, pelos menos nos grupos a que eu dava mais atenção.

Também terá a ver com algum tipo de antiautoritarismo, rebeldia? Sim, o metal baseia-se no rock n' rol dos anos 30, 40, é uma afirmação de rebeldia, sem dúvida nenhuma.

O metal une as pessoas?

Sem dúvida que sim, por isso é que tu tens uma comunidade tão forte em vários países do mundo, também em Portugal, embora seja mais pequena, não tão volumosa, mas sim,

tens uma filosofia comum, como tu tens nos motards que partilham de um sentimento de liberdade e andar de mota e sentir a natureza e a vida dessa maneira, no metal é algo semelhante dentro desse género.

Existe aquela sensação de que «é do metal só pode ser boa pessoa?», que faz parte da família?

Sim, no geral sim, se tu vires uma pessoa no supermercado com uma t-shirt de metal, tu percebes que tens ali um irmão e, se o abordares, ele de certeza que é simpático para ti, mesmo que não tenhas nenhuma t-shirt, mas se tiveres ele, eventualmente te receberá de braços abertos por assim dizer. É uma autêntica irmandade. *Eu acho que antigamente mais, hoje em dia menos, não é, nos anos 90 é uma das coisas que recordo enquanto adolescente e por isso também nunca senti esse estigma por ser mulher...*

Normalmente as namoradas dos metaleiros eram pessoas que não gostavam da sonoridade e eram muito adversas e aconselhavam os namorados para que deixassem de gostar do som portanto o estigma de que estás a falar só poderá ser esse; afora metaleiras que tinham casacos com patches e que usavam t-shirts e que gostavam, elas normalmente eram acarinhadas porque eram raríssimas e eram super protegidas pelos grupos de amigos. Agora um estigma contra as mulheres dos metaleiros? Possas, os metaleiros que eu saiba adoram mulheres. Há é eventualmente falta de mulheres com essa ligação musical. *Falo da Deena Weinstein e dos seus comentários em relação às mulheres no livro Heavy Metal, the music and its culture:* eu acho que as pessoas vivem só num microcosmos e depois não são capazes de observar o resto. Eu posso te dizer que no meu caso, na adolescência, metaleiro ou não metaleiro, todos os putos queriam conhecer uma miúda, queriam curtir, é uma filha da mãe de uma atracção, magnética.

Muitas vezes, o que estou a dizer, há aquela amizade entre os homens e a mulher é vista como alguém que vem quebrar essa amizade... É o que eu te estou a dizer em relação às namoradas que não eram da cena e eventualmente faziam tudo para minar aquele espírito de camaradagem dos metaleiros que como tu sabes é aquela onda da bebedeira, ouvir um disco, fazer figuras parvas, mas que não passa muito mais disso, então as namoradas normalmente desaconselhavam e minavam tudo e mais alguma coisa a pontos que chegavam «ou eu ou eles» e isso acontecia, acontece e há de acontecer, é da natureza da humanidade e numa vertente eventualmente mais feminina. Não é só neste walk of life, é em vários outros. Eu conheço várias bandas que começaram e acabaram por causa das namoradas ponto. Variadíssimas e isso acontecia porque elas não gostavam da cena, não gostavam do som, achavam que aquilo era uma perda de tempo, o dinheiro que se gastava nas guitarras, o fim de semana que não tinham para sair e namorar porque eles iam para o ensaio e depois vinham de lá jorcadas e depois já chegavam tarde e depois no dia a seguir estavam com uma grande ressaca e portanto ia o fim de semana à vida, «não me deste atenção nenhuma, só estás com os teus amigos...» isso é a cena mais frequente. É interessante esse teu ponto de vista... Lá está Noélia é que não é um ponto de vista, é um testemunho, não te estou a dar isto como opinião, eu estou a basear-me em vários factos e situações, foram vários ao longo de vários anos. Podes é dizer aquelas bandas do glam de L.A., os Motley Crüe, aí retratam as mulheres como objetos, sim porque efetivamente elas eram e são algumas são assim, não são todas e se te fores reportar àqueles tempos

realmente o que se vivia era sexo, drogas e rock n' roll e aqueles que viviam isso ao máximo efetivamente tratavam e falavam das mulheres como objetos, tal e qual como se fores buscar algumas bandas poucas que têm mulheres; se fores pegar no caso das Runnaway, elas falam também como objetos. A Lita Ford, por exemplo, é alta assumida na sua biografia como uma sex maniac e gostava de homens, bom para ela, qual o problema? Eu só não entendo é que há esta onda de «ai coitadas das mulheres», não somos seres humanos e agimos de forma física; tens efetivamente gajos que são umas autênticas bestas, mas esses aí consegues assentar-lhes com um barrote em cima e eles são capazes de ir ao lugar naquele momento, fazem asneira mais tarde, eventualmente em termos familiares, mas há sempre maneira de corrigir essas coisas.

- Porquê o cabelo comprido, as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos?

O que te atrai nesse tipo de coisas? A mim não me atrai nada; a mim e à maior parte dos metaleiros não lhes atrai o fator morte, mas nós temos efetivamente consciência disso; os cintos de balas, pulseiras com tachas e coisas do género reportam-se a feitos heroicos, a guerreiros, a imaginários vikings e não só, imaginários de guerra, por exemplo, na minha geração havia muito essa ideia e esse sofrimento de termos de ir para a tropa e de sermos obrigados a lidar com situações extremamente desagradáveis e eventualmente nalguns casos poderíamos ser recrutados para ir para combate e morrer em combate, eram cenas que não faziam grande sentido para a minha geração, estas agora eventualmente até se deixarem cair um lápis no chão, o lápis parte-se e é uma desgraça. É e faz parte do imaginário do metal. Se pegares num álbum dos Nuclear Assault que se chama Game Over, em que eles debatiam o medo das guerras nucleares, imagina o que é volvidos 40 anos, 50, meio século ainda continuamos subjugados por isso e tivemos aí há 2 anos atrás um gajo completamente maluco como o Trump a falar de um gajo que também era maluco e que ia pôr a Europa em perigo ao lançar mísseis atómicos que agora está novamente nas notícias, eh pá é de uma gajo ficar um bocado parvo, mas o tema continua infelizmente atual.

Crês que pode ser um escape? ou não, é um estilo de vida? Há pessoas que me dizem é mesmo um estilo de vida, não é um escape, para mim é isto... Para as pessoas que é um estilo de vida, a música é um escape e é uma fantasia. *Também...* Não é também é a essência disso. O estilo de vida que eles têm coaduna-se com o facto de para eles a música foi e é um escape e uma fantasia (*discordo porque a realidade somos também nós que a fazemos à nossa volta e podemos realmente encarar o metal como o real e não um escape-exemplo do pessoal que vive para ir a concertos, em que toda a sua vida gira à volta deste mundo...*) e mesmo para aqueles que não têm isso como um estilo de vida, a música, mesmo não sendo metal, é um escape e uma fantasia. A música é aquilo que despoleta em ti pensares numa situação, imaginares imagens que tens no teu léxico de experiências vividas, em que tu ao ouvires a letra de uma música ou a música dos Iron Maiden, aquilo desperta alguma coisa em ti, portanto isso é uma fantasia, é uma forma de tu interpretares a música à tua maneira... *Até porque os metaleiros integram-se muito bem na sociedade em termos profissionais e familiares...* Sem dúvida alguma, a maior parte deles são exemplos de pessoas dentro da sociedade, cumpridores da lei, respeitadores da vida

alheia, gostam e protegem os animais, preocupam-se com os mais frágeis, ajudam as velhinhas a atravessar a rua, mesmo que elas não queiram (risos) por vezes.

Como é que vêes o panorama do mundo do metal em Portugal hoje em dia? Alterou-se bastante ao longo dos anos... Como vêes essas mudanças, em termos de multiplicidade de géneros musicais, mas também em termos dos adolescentes hoje em dia, quais as grandes diferenças que notas em relação a estas gerações actuais para as gerações dos anos 80, 90?

Nos anos 80, 90, a música era tudo para nós e era um dos segredos, era uma das fontes mais preciosas que nós tínhamos para tudo: de boas sensações, de momentos para chorar, para rir, para fazer amor, qualquer coisa desse género. Agora, as novas gerações o que eu sinto é que não há attachment; para eles é tão fácil ter acesso a tudo que facilmente descartam as coisas e não têm grande ligação... *emocional?* Sim, um sentimento de posse ou de pertença, acho que não existe tanto porque eles eventualmente vêm de gerações de pais que sofreram e que tiveram na música o seu escape e a sua escola e eles são super protegidos nesses termos e é por isso que eu acho que como têm tanto e de forma tão fácil, não há eventualmente um attachment emocional relativamente às coisas porque é demasiado fácil para eles. Para nós ter um álbum, tínhamos que estar para aí 3 meses a poupar dinheiro para conseguir comprar um disco. Quando o comprávamos, estávamos a curtir o resto do ano e tínhamos esse disco e outro mais nada. Tu, hoje em dia tens uma porcária como o Spotify que chegas lá, clicas, ouves, tens tudo à tua mão, não há aquele compromisso, aquela cena de ter de esperar para conseguires e teres, tens imediatamente. Uma coisa que me choca é por exemplo, estar a falar com pessoas mais novas e elas dizem: «ai eu sou grande fã de Shakira e Cradle of Filth e eu fico «ai Jesus, a sério?» «Então diz-me lá o segundo álbum dos Cradle of Filth» «ah, isso não sei, e conheço é as músicas; para eles, ser fã, é dizeres que já ouviste pelo menos duas ou três vezes, para impressionar. Nós tínhamos que ter a cassete, o pin porque senão nem nos sentíamos elegíveis para dizer que eramos fãs, estaríamos a exagerar e não seríamos dignos. Hoje em dia o nível de attachment é esse, roça o fútil, é banal porque não há aquela necessidade de pertencer e encontram o seu safe heaven, eles só têm a música como uma forma de entretenimento, mais nada; para eles, se calhar é mais importante jogar online do que ouvir e pegar num disco e estar na cama a olhar para a capa ou de luzes apagadas só a ouvir os sons. Isso já não acontece e eu tive oportunidade de ... se pusesse o disco à frente e dissesse «agora ouve», eles não sabiam emocionalmente ligarem-se à coisa, só quando viam os videoclips é que ficavam atraídos por uma imagem, um passo ou qualquer coisa do género, só isso é que fazia vibrar e ter algum commitment.

Todavia, há miúdos que foram pegar nas raízes do HM como os Midnight Priest... Tens sempre excepções, estou a dizer as novas gerações refiro a malta mais nova do que os de MP, neste caso 2 ou 3 ovelhas ranhosas (risos) Mas há imensas bandas de garagem no Porto... Sim é verdade, neste momento em Portugal tens cerca de mil bandas no ativo, a maior parte delas dentro das gerações mais novas e dentro de todo, desde o stoner ao death thrash, grind, sinfónico e no Porto sobretudo, é onde surgem mais bandas, sobretudo também por causa do Centro Comercial Stop. Os locais também têm uma grande influência não é? Sim, acabas por influenciar porque tens uns gajos a ensaiar ao lado e

achas interessante e começam entre eles a trocarem ideias e a surgirem grupos novos. *Por isso é que atualmente o movimento no Porto é muito maior do em Lisboa?* Eventualmente poderás dizer que sim, mas Lisboa é muito grande, se vais incluir Almada também tens o Hub e uma data de salas de ensaio; no Porto é muito concentrado e sempre tiveste grande tradição de bandas de metal.

ANEXO 14 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 11: Petra

(realizada a 28 de novembro de 2021)

Entrevistado 11: Petra

Idade: 47 anos

Sexo: feminino

Naturalidade: portuguesa

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: Licenciada em Português/ Alemão

Actividade profissional: consultora de empresas internacionais

Profissão pai/ mãe: bancário/ administrativa

Localização geográfica: Lisboa / meio urbano, viveu em Portugal até 2002; actualmente está a viver na Bélgica, em Antuérpia há cerca de um ano.

Divisão de Weinstein: faz parte de duas dimensões (audiência e indústria)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

A primeira vez que eu ouvi falar do metal foi através de um vizinho meu que nós, à noite, nos anos 80, era assim nós estávamos na rua sem pais, à porta das escadas e um vizinho meu apareceu com um picture disc e eu achei aquilo (cara de espanto) uma coisa de outro mundo parecia uma obra de arte, nunca tinha visto um picture disc e perguntei-lhe «o que é isso?» já não me lembro de que banda era. E esse foi o meu primeiro contacto. *E que idade tinhas?* Para aí 11 anos, era mesmo muito nova. E moravas onde? Buraca [Lisboa]

No teu contexto familiar, estavas em contacto com música, mesmo que não fosse metal? Música era só a Rádio Cidade nessa altura e rádios piratas. Os teus pais ou assim não tinham qualquer ligação com música? Não e depois nessa altura começou nas rádios

piratas a haver programas de metal então ficava acordada até uma/ duas da manhã para ouvir programas e gravar, onde havia sempre o drama sem gravar sem ter voz [do locutor].

Eu comecei a vestir-me de preto já a com ligação ao rock/ metal tinha para aí 12/ 13 anos. E pronto comecei a ouvir todas aquelas músicas mais de rockalhada que dava. *Lembraste de quais as primeiras bandas que ouvias?* Bon Jovi, Europe, Guns n' Roses foi um bocadito mais tarde, que agora é chamado por quase Rock FM, naquela altura... *Era o mais pesado que nós tínhamos...* Tinha guitarras, também já havia antes Led Zeppelin, mas não conhecia nada disso, porque não passava nas rádios piratas. Entretanto, eu penso que tinha 13 ou 14 anos e os Bon Jovi vieram a Cascais apresentar o primeiro álbum. *O Sleepy when Wet?* Sim. E então eu- a graça é que sempre fui muito boa aluna sem me esforçar muito tive essa coisa boa e pedi ao meu pai para ir e o meu pai «não, não vais, és tão nova» e eu tinha mais duas colegas na turma (eu estava no oitavo ou nono ano) e nós cada um em sua casa e prometemos mundos fundos e mostrámos que estudávamos e que tínhamos 5 a tudo e que merecíamos e conseguimos ir. Nós éramos novíssimas e lembro-me que, quando cheguei ao dramático, havia aquele pessoal todo do metal e o meu pai ficou assustadíssimo, deixar lá aquelas meninas tão frágeis. Eu lembro quando ele nos deixou de carro, partiu-se logo uma garrafa ao pé de nós, o meu pai: «ai se calhar é melhor irem para casa» e eu: «não» e depois então disse «vai-te embora, vai-te embora» e então aquelas meninas tão frágeis para a primeira fila e tiveram aquela primeira coisa que foi o tocar, «eu toquei no Bon Jovi! Meu deus!» e aí todo o mundo mudou. Pronto. Então essa foi a primeira [experiência], como o passo de adesão, existe! E o pessoal que foi ver o concerto foram todos muito simpáticos de ver aquelas meninas que éramos umas miúdas e nos protegerem porque até com Bon Jovi se fazia moshada. *Isso foi em que ano?* eu tinha 13/ 14 anos no máximo penso eu. Esse foi o meu primeiro concerto.

Mas assim aquele primeiro... Cassetes, normalmente comprava cassetes nas feiras ou nas áreas de serviço. *Há um momento em que parece que há um clique, aconteceu contigo?* Sim, mas talvez tenha sido um bocadinho antes, aos domingos, dava sempre o top nacional e entretanto o Final Countdown dos Europe começa a subir nos tops à maluca. Para já aquela música (faz gestos de grandeza) e depois eles eram bonitos «ai aquele baixista!», tão lindo, um dia hei de ir à Suécia. E fui, cheguei a ir ao sítio onde eles vivem e tudo e temos amigos em comum, é engraçado.

Comigo, foi mais com os Europe porque também ao passar na TV, de certa maneira, há uma espécie de aceitação, aceitação, ou seja, mesmo que não gostassem o resto das pessoas reconhecia. A minha mãe não achava piada nenhuma a eu me vestir de preto, que eu comecei a vestir-me com 12/13 anos.

Na escola, já começavam a formar aqueles grupinhos que se refugiavam no cantinho para ouvir música com o rádio das 12 pilhas? Sim, sim, íamos porque tínhamos este plano fantástico que era: eu ia me casar com o baixista de Europe, a Marisa ia se casar com o vocalista e a Carla com o baterista, portanto já estava tudo decidido (sorrisos) e depois também como nos vestíamos um bocadinho diferente e tudo não ficávamos do lado dos fixes, ficávamos na parte de trás dos pavilhões, com o pessoal esquisito e

comprávamos a Bravo e depois tenho que explicar a importância que a Bravo vai ter na minha vida. Porque saía a Bravo em alemão, não percebia nada daquilo e tinha os pósteres. *Comprávamos por causa dos pósteres e também fazíamos recortes, eu também fazia isso...* Sim e eu decidi mas «o que isto? mas eu não sei nada do que vem aqui?» e quando tinha estava no nono ano consegui convencer colegas a começarmos a ter alemão na escola. A minha motivação era ler a Bravo. Então arranjei um grupo de 10/ 15 pessoas que não gostavam do francês e fomos à direção da escola. Eles ficaram surpreendidos, reuniram-se e chamaram me disseram que não, não vai haver a turma de alemão. Eu achei incrível quer dizer nós não estamos a pedir educação e vocês não estão a dar, achei isso muito estranho. Pronto houve turma de alemão e eu estudei alemão, eu formei-me em alemão, eu trabalho com clientes na Alemanha portanto... *Isso tudo por causa da música porque querias saber o que dizia a Bravo?* Exatamente (risos) O tal caminho de frequência na minha vida.

E o que te atraiu num primeiro momento? Foi o som? Foi o disco que viste? Eu acho que, por ser rapariga, a primeira coisa é a imagem de dureza. Os metaleiros, como tu sabes, têm assim um ar muito assustador mas são uns corações de manteiga todos (risos).

Eu tenho duas bandas preferidas: uma é Napalm Death e a outra é Depeche Mode (que não tem nada a ver) há muitos mais problemas nos concertos de Depeche Mode do que nos concertos de Napalm Death. Em Napalm, está tudo a curtir, a beber cerveja, a falar com os amigos e em Depeche Mode, está tudo cheio de substâncias.

Fala-me um bocadinho mais dessa primeira experiência do concerto do Bon Jovi como é que foi ir de repente para o Dramático ver um concerto, ver os músicos ao vivo que ouvias em casa em cassette e de repente estar lá mesmo. O facto de estar lá e cantar as músicas, porque também uma das coisas que as rádios piratas nos davam era ouvíamos muito inglês e então tornamo-nos muito destros em falar inglês. Então escrevia as músicas e tudo. Eu conseguia cantar as músicas que tinha aprendido através ouvir a rádio das cassetes, portanto materializava-se se ali uma coisa que eu tinha ouvido e depois ver ao vivo aqueles «tão giro pá!», «é mesmo bonito e tocou-me!» essa cena do toque também me marcou. *Vocês ficaram mesmo à frente nas grades?* À frente a frente sem nos matarem eu penso que o Bon Jovi tenha até nos tenha vindo tocar, pensou coitada destas miúdas, vamos lá fazer aqui uma caridade (risos). Foi muito engraçado porque eu lembro de, apesar de haver lá pessoal mais velho do que nós, tudo muito metido ao pingarelho «na boa», «tudo bem», «não te preocupes» as pessoas foram todas muito simpáticas, portanto o meio também ajudou a sentir algo de familiar. Mas foi muito impressionante claro. Eu acho que os únicos concertos que eu tinha visto seria talvez nos bairros das aldeias, de resto nunca tinha ido a nenhum concerto.

Já falamos então de um grupinho que formaste na escola e nessa altura também te comesas a vestir de preto. Por influência da música e dos artistas, para fazer homenagem ou porque queriam vestir-se de maneira similar ou porquê? Eu acho que de maneira similar porque é uma espécie de identificação da tribo. Obviamente com o ténis bota e com aquelas coisas que se usava preto, aquelas coisas de ginástica [pulseiras que se usam

para limpar o suor]. Portanto não tinha nada de feminino o metal nessa altura. O metal agora tem muita coisa feminina. As t-shirts eram compradas no metro dos Restauradores; havia um indiano que tinha uma loja e todos os tamanhos era também americano, já nem era vestido, era vestido de noiva quase (risos). A minha roupa começou a ser comprada aí e ele também vendia patches e crachás, comecei a pôr também nos casacos. Portanto, aquilo para mim tornou-se o meu centro comercial onde eu ia comprando tudo. *E as calças justas?* Obviamente. *E as botas também?* A primeira vez que eu usei umas Doc Martins ia quase morrendo de dor mas depois tem que ser porque isto é que é bom! (risos)

Depois, mais tarde, se calhar, começaste a sair à noite, fala-se muito da ligação ao álcool e as drogas. Claro que não só em relação ao heavy metal mas em relação ao rock, mas há algumas histórias que te lembres e que queiras contar, há algumas situações que que tenhas vivido, experienciado que queiras falar? Eu quando comecei a sair mais à noite foi quando talvez no ano antes de ter entrado na faculdade foi em 91. Ia para o Jingão e depois no final da noite ia para o Lusitano e sim o álcool está sempre ligado às saídas noturnas mas acho que isso não é típico da tribo do metal, acho que é uma normalidade para quem tem 16 anos ou 17 e até agora, se sair também bebo.

Na altura, havia muito pessoal que se deixava ir pela heroína... Sim mas não era por causa do metal porque nos anos 90 havia um grande problema de heroína. Tanto que no Casal Ventoso era um supermercado de droga. Eu acho que cruzou muito a sociedade não era só aí e sim é verdade eu perdi muitos amigos. Mas não há é essa ligação direta a este género musical? Não, pode muitas vezes ter acontecido era às vezes nas saídas à noite para mostrar que eu sou merecedora de estar aqui com os durões de fumar uma ganza ou qualquer coisa. Também pode ser que as pessoas que se tenham influenciado mais de uma adição muitas vezes deixa de ser racional. Eu nem gosto do sabor das ganzas então aquilo, para mim, nunca se tornaria uma adição. *Há quem me fale que no dramático, nos concertos aquilo era bastante violento...* Ui, sim era, raras eram as vezes que não me tentavam assaltar a caminho do Dramático. *Pessoal do metal?* Sim, para comprar droga, já nem era o bilhete do concerto. Não sei porquê, tive sorte e nunca me roubaram. *Era um contexto muito mais agressivo, a partir de meados dos anos 90, se calhar, isso já não era tão tanto assim...* era, era Kreator foi tocar com Shrine, esse ambiente foi violentíssimo e também muitas vezes quando se ia ao Johnny Guitar naquelas escadinhas, passava-se muita coisa. Eu tive bastantes amigos que tiveram problemas de drogas complicados nessa altura.

Ok minha a minha próxima pergunta tem a ver com o facto de nos vestirmos dessa forma se te sentias marginalizada quando andava na rua, olha de lado? Primeiro no contexto familiar como é que isso foi aceite? O vestir de preto diziam «parece que és viúva»... *Havia esses comentários?* A minha família é do Alentejo então era muito típico como a minha avó, então diziam «Ai se eu morrer e como é que as pessoas sabem que estás a deitar luto?» Eu nunca liguei muito ao que os meus pais me diziam sobre isso. Não liguei porque dizia: «achas que isso está a ter influência nos meus resultados na escola? Olha que eu continuo a ter excelentes notas!». Portanto cortava sempre a conversa. Como te disse, sempre tive a sorte de ter boas notas com muito pouco esforço

portanto ia conseguindo e salvar-me me dessas situações em casa. «Não podes sair à noite! Porquê porque não mereço divertir-me?» Devias ter uns pais com uma mentalidade mais aberta para te levarem a um concerto... O meu pai sim, a minha mãe não, beata essas coisas, mas meu pai foi mais cool e é capaz de ter tido ali a influência «deixa lá a rapariga!». *Então tiveste essa liberdade?* Sim

Mas fora o fora de casa era diferente, sabes que ainda hoje, nessa altura era bem pior, entrava em sítios e tinha seguranças viria atrás de mim a ver se eu não roubava nada. Ainda tenho isso hoje, muitas vezes quando vou a Portugal, há determinadas lojas no Colombo ainda tenho seguranças atrás de mim. Mas nessa altura era bastante pior.

Eu entrei na faculdade em 92 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi engraçado esse ano de faculdade eu entrei e o F., o vocalista dos Moonspell também entrou. Entramos nesse mesmo ano passamos os dois 74 eu fui para Línguas e ele foi para a Filosofia. O J. entrou no mesmo ano para a Faculdade de Ciências que perto. No mesmo ano entrou o C.C. portanto eu acho que em 92 entrou muita gente do metal na faculdade. E quando entrei na faculdade eu lembro que tinha uma professora de alemão; eu era a única pessoa com t-shirts de Deicide, Obituary e ela pergunta-me: «Como é que você entrou na Faculdade?» a duvidar da capacidade e eu disse-lhe «vim a andar, abri a porta e entrei na Faculdade». E tinha também professores na Faculdade que me chamavam Avis Rara, ave «ah é muito estranha». Pronto. Pronto. Então na faculdade havia muito que as pessoas do metal não tinham capacidade intelectual de estar ali. Havia um preconceito muito muito grande, mas depois das lutas das propinas e o pessoal do metal sempre foi muito reivindicativo e então deixava de ser aquela coisa estranha na faculdade para os meus colegas porque reivindicava as mesmas coisas, portanto a aceitação. As pessoas julgavam muito pelo «ar» porquê que se vestiam de preto? *E agora quem é agora está na moda...* Eram viúvas e ciganos e pessoal do metal. E agora é moda.

Há pessoas que me dizem também que até os próprios pais dos amigos os proibiam de andar com eles. Havia essa discriminação por parte dos pais dos amigos? Na Buraca? Não (risos).

Falaste-me dos seguranças, hoje em dia quando vens a Portugal ainda sentes isso? Sim vou o meu namorado, que também é do metal, que tem muitas tatuagens e piercings e possui um ar de que ele tem um ar de Hells Angels zangado, eu depois agradeço: «muito obrigado por nos escoltar»

Em relação às mulheres, há muita crítica em relação ao movimento principalmente nos anos 80 ser machista e sexista, fala-se um bocado em misoginia, uma socióloga até diz que as mulheres eram alienígenas no mundo heavy metal, que os homens não se identificavam com elas, muitas vezes tinham namoradas fora do metal, que as mulheres não entravam ali porque era um grupo muito masculino. Sentiste isso?

Sim, no princípio, sim. Eu, antes de sair à noite juntava-me em casa dos amigos para ouvir os tape tradings, as cassetes e essas coisas todas. Então eu sabia que faziam isso em casa de diferentes amigos e não me convidavam e eu pensava: «porquê que me convidam?»

Nunca me tinha passado pela cabeça porque se calhar era rapariga. Era muitas vezes nas garagens, onde também ensaiavam, até que uma vez me convidaram e eu lembro de estarem a falar de uma banda e comecei a dizer: «o álbum não sei quê» e eles ficaram a olhar para mim do estilo: como é que ela se atreve ou quem é mostrou a esta gaja tipo estas coisas, tipo mulher não devia saber destas coisas.

Demorou um tempo. Confesso que, muitas vezes, para ganhar o respeito deles eu tinha que lhes dar bofetadas, literalmente. Não sei se é alguma coisa no cérebro masculino que faz o reset ou qualquer coisa ou que que mostra calma lá que esta se calhar até é gaja para estar aqui conosco a ouvir música.

Mas então era preciso ganhar-lhes o respeito? Sim, eu às vezes, recorria à violência para ser respeitada. Se se virassem a mim virava-me a eles, mas sim no início, sim que eram encontros tão inocentes. Nós só íamos ouvir músicas e falar de bandas e depois recebíamos flyers e depois falávamos daquilo e sim, no início não me senti acolhida e, se calhar, tornei-me um bocadinho maria rapaz ao início para mostrar que merecia estar ali com os gajos do metal. Tanto que, para grande parte dos meus amigos, sou a tipo a «mãe» deles, eu muitas vezes dizia: «estás a namorar com essa gaja? Larga já essa gaja!» Essa casa não vale a ponta de um corno ou então sim senhora grande gaja, quem fica com ela!». Então eu não tinha muito o lado feminino. Houve um ano que no Festival de Penafiel no Ultra Brutal por exemplo, veio um rapaz ter comigo e disse-me: «minha senhora, não sei se já reparou mas está rodeada de homens», eu olhei e disse: «obrigada pela informação, mas eles são todos meus amigos». *Então depois a situação alterou-se...* Sim, comecei a ter mais amigos. *Disseste que saias à noite, ias ao Lusitano, com amigas também?* Não. Eu diria que 98 por cento dos meus amigos são homens, acho que me entendo melhor com homens do que mulheres se calhar porque passei mais tempo com eles.

Mas não é a única a dizer isso. Por acaso, outras entrevistadas também disseram isso. Por vezes, até parece que há uma discriminação entre mulheres...

Como sou uma pessoa que comunica com facilidade de contacto com outras pessoas, fui arranjando contactos e fui manager de várias bandas, então posso dizer que muitas das namoradas dos meus meninos (das bandas) não gostavam de mim, pelo simples facto de eu ser também uma mulher.

Mas então foi isso passaste a fazer parte do grupo e eras considerada de igual para igual ou havia algum tipo de distinção?

Eu acho que sempre houve porque também nunca deixei que me faltassem ao respeito. Entre grupo de amigos, muitas vezes, eles diziam «vê lá, está aqui a Petra» acautelar para por exemplo não era uma de discriminação, mas mais de cavalheirismo.

- Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

Agora falando um bocado mais da música, há alguns subgéneros pelos quais tens preferência hoje em dia? Já disseste que tens duas bandas preferidas que são bem diferentes uma da outra...

Sim porque eu também quando era mais nova, antes de ir para o Gingão, ia para a Juke Box¹⁵² onde passavam os Depeche Mode e essas coisas e então gosto também muito de New Wave as músicas mas nunca fui, aquele estado maníaco depressivo não tem nada a ver comigo, mas gosto muita música em casa. Mas sim, os subgéneros eu continuo muito fiel ao death metal, grind core. *Grind core é o teu subgénero favorito?* Sim.

E as bandas favoritas? Temos várias fases ao longo dos anos... Sim mas é uma de cada canto dentro do metal: Napalm Death, Type O Negative, Carnivore, Carcass, Death

Vais buscar também as bandas mais antigas dos anos 90, ficaram no coração... Gosto muito também dos clássicos dos anos 80... *Iron Maiden?* Quem não gosta de Iron Maiden, não é boa pessoa, ponto final.

- Como é ou o quê que a música te faz sentir?

Eu sei que depende dos géneros... Poderosa! Um empowerment? Sim

Muitas vezes acho que nos refugiamo-nos muito na música quando precisamos de um conselho. A música ajuda-nos a dar força, é como se fosse um conselho auditivo e sinto-me poderosa! Como não?! Por exemplo agora em teletrabalho, digo «hoje tenho que acabar isto», meto ali um grind core, aquilo dá-me ali um poder! A mim, ajuda-me e eleva-me, é como se fosse uma espécie de um combustível extra que me ajuda a seguir em frente.

Também há quem diga que serve para canalizar alguns sentimentos de raiva, algumas angústias, há pessoas que ouvem grind core porque dizem que os acalma... Sim, exatamente, o grind core acalma. Eu, por exemplo, se tenho muito stress... Há duas ou três semanas, fui a um concerto de grind core mas aqueles em que está toda a gente vestida de pijama, de galinha e não sei quê e pensei eu vou para o meio do pit porque isto vai-me fazer acalmar e saí de lá, parecia que tinha ido para um spa de cinco estrelas, massajada com 30 óleos porque estive ali (risos). Acalma-me.

- Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Tens ou tiveste uma banda?

Nada. Nunca experimentaste sequer? Não. Nós temos que deixar os talentos para quem tem realmente talento. Pergunto porque normalmente é quase como o passo a seguir apaixonas-te pela música e também queres tocar... Nem qualquer formação musical assim mais... Não, nada.

¹⁵² Discoteca de música alternativa em Lisboa, que já não existe.

Ouves outros géneros musicais então como falaste em New Wave: Depeche Mode. Muse, muita coisa que passa na rádio, mas aqui em casa nós ouvimos 98 por cento metal.

A música em si mesma, o som, tem um papel preponderante para ti? Por exemplo, sabes do que tratam as letras de todas as bandas que ouves? Achas que o conjunto é que faz sentido ou valoriza a música acima das letras?

Pessoalmente, é a música em si. Nem é bem a música, é o turbilhão de sentimentos que aquela música me faz sentir, tem a ver com o feeling, é mais o feeling da música. A letra: eu acho que nós só nos interessamos pela letra quando gostamos muito da música. Eu sei muitas letras muitas letras e muitas músicas não sei. E também não me incomoda não saber. Eu lembro quando era aquele black metal de aspirador, gostava das músicas mas pensava nem vou pôr esforço em tentar saber a letra, e depois de certeza que é contra Deus, portanto... Enquanto as bandas death metal, sim, por exemplo, os Obituary, também são mais perceptíveis. A letra pode ser importante se essa música for muito importante ti. Há determinadas frases em algumas letras que digo «vou fazer assim como diz esta letra», mas é o feeling, como não sei tocar, eu não sei dizer ai granda guitarrista, granda baterista, para crítica instrumental não estou lá, mas se aquela música me der o turbilhão, está ótimo!

Achas que influenciou que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa, acompanhou-te ao longo destes anos todos, nunca deixaste de ouvir metal... Nunca nunca. O amor da minha vida conheço-o graças ao metal porque eu conheci-o no Festival de Barrocelas e aqui estou eu.

Até sua profissão foi influenciada pelo metal, ou pelo menos a tua licenciatura por causa do alemão porque querias saber o que vinha na Bravo... Exato. Tudo na minha vida foi influenciado pelo metal. Eu acho que quem tem amigos do metal conseguiu passar muito melhor que estes lockdowns. Porquê? Porque a música fala muito entre si «eh pá! Não te vou ver no concerto mas a gente troca aqui umas mensagens pelo Messenger ou ligo-te e vamos tomar café. E depois quando tu vês, por exemplo, no Facebook algumas músicas ou seleção de músicas que as pessoas põem, tu sabes se a pessoa está bem ou não. Sabes, então se calhar vou ligar a fulanos tal porque sabes que qualquer coisa que não está bem com ele. Mas os lockdowns também foram muito negativos por não haver concertos, porque o concerto é aquela coisa... Obviamente, ressacadíssimos de concertos, vai ser como nos anos 80 que quando vinham uma banda por ano ia toda a gente tipo romaria... Agora sentiu-se isso um bocadinho outra vez, não é? Claro.

Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Se achas que existem... estou a falar do metal em geral que engloba tudo a partir de um conceito de um sociólogo francês que acabou por englobar tudo desde as bandas que surgiram do hard rock e do heavy metal todas passando pelo thrash e os subgéneros todos. Mas, para ti, há alguns valores e ideologias que lhe estejam associados?

Sim. Não há mal nenhum estar-se numa tribo. Hoje em dia ninguém quer estar em gavetas em ser catalogado, toda a gente quer ser eu, eu e o próprio eu. Isso não existe. Nós só

conseguimos sobreviver em sociedade se tivermos em tribos em tribos ou em gavetas ou em grupos. Portanto sim existe a tribo do metal, existe tanto que tu como consegues reconhecer as pessoas e entrevistar, porque se não existisse, nem conseguias fazer a distinção. O que é que junta as pessoas? A primeira é uma grande irmandade no sentido de união, mesmo que muitas vezes as pessoas se pareçam com as comadres zangadas, mas se lhe acontecer alguma coisa eu sou a primeira pessoa a lá estar. Uma coisa muito comum dos homens do metal; atenção agora vou falar mal dos homens do metal: eles quando chegam aos 40 anos parecem as comadres zangadas, ninguém fala com ninguém. «Esse gajo? Eu não falo com esse gajo» parecem as comadres zangadas pronto. As raparigas ao contrário continuaram as amizades. Foi uma coisa engraçada enquanto que as raparigas no início quase que sentiam aquela rivalidade «ai porque ele é giro, vai ser para mim» e whatever; são muito mais ligadas no sentido de amizade. Há uma grande irmandade. Mesmo que duas pessoas do metal estejam tipo “zangadas”, se acontecer alguma coisa de mal na vida da outra pessoa está-se lá pronto. outro não está lá. A segunda é que não se importar de ser visto de maneira diferente por outras pessoas. Não me parece que quando te disseram nas entrevistas que eram vistos de outra forma, que seja algo que os incomoda, ao ponto de nem conseguirem funcionar.

Há pessoas que me disseram que até acabavam por se juntar mais porque sentiam se discriminados pelos outros, então isso ainda fez com que se unissem mais... Claro, exato, não nos incomoda. Apesar de ser visto de mal pelas outras pessoas não temos essas mariquices ou paneleirices, é do estilo: não interessa. É isso que também vai ajudar a essa tal união, à irmandade. *O chocar também era importante?* Obviamente. Em tudo na vida, qualquer situação que tenhas na vida. Por exemplo, no meu trabalho eu ajudo empresas principalmente multinacionais a organizarem-se, quando as empresas não funcionam, chamam-me e eu vou ajudar a essa organização, seja em que país for, crio processos, procedimentos e organizo uma empresa toda. No negócio, tu tentas tudo e quando nada resulta, tu chocas (sorriso), portanto, chocar obviamente, é importantíssimo, é abanar.

Há bocadinho dizias que não me vou dar ao trabalho de saber certas letras de bandas de black metal porque de certeza é contra Deus. Tens algum tipo de religião? Cristã, sou. E tenho imensos amigos meus do black metal que depois têm aqueles nomes maléficos, como «Nocturnus Horrendus», não és português, se és português foste baptizado, qual é o teu nome de baptismo? Não me venhas cá com essas paneleirices de um nome em latim. *A cena do satanismo, embora mesmo o Tom Araya diga que é cristão, será para ti mais um show cénico para chocar?* Exato. Há uma reportagem da TVI sobre o ano em que Mayhem eram para vir tocar a Barrocelas e depois não vieram, 22 de abril de 2001 lembro-me perfeitamente porque foi o dia em que conheci o meu namorado e os amigos disseram deveriam de entrevistar a Petra porque ela é cristã e eu continuo com a mesma linha de pensamento que é esse pessoal, o que quer mais é chocar. *Costumas mesmo frequentar a igreja?* Não, mas por exemplo, eu faço o jejum antes da Páscoa, eu obriguei o meu namorado quando vim viver para aqui, porque ele disse que aqui não se celebrava o Natal e eu disse «não, não, nascimento de Jesus, vai haver uma árvore de Natal, vai haver um presépio, vai haver uma consoada e na Páscoa também. É interessante porque

és a primeira pessoa que assume ser cristã... Sim, tanto que alguns dos meus amigos do black metal, falam de mim como sendo a «cristã», mas não me aquece nem me arrefece, acho que é mais importante para eles do que para mim, porque eu nunca vivi nada de religião que influenciasse alguma coisa. Passados muitos anos, eu vim a conhecer alguns dos membros dos Mayhem e quando os conheci disse que era cristã e eles na boa! Então se estes grandes do black metal não se importaram, porquê que outras pessoas se hão de importar ou incomodar-me por esse facto?

Então crês que o metal contribuiu para seres quem és hoje em dia? *Faz parte da tua vida?* Claro!

Nunca tiveste profissões que te obrigassem a vestir de outra forma? Agora graças a deus menos, mas durante uns anos eu tinha que negociar contratos com clientes a nível mundial, então trabalhava um dia em França, outro dia em Inglaterra, estava sempre a visitar empresas, lidava por exemplo com o CEO da Volkswagen, das grandes empresas europeias, eu ia obviamente toda business, muito business, mas uma coisa que eu nunca retirei foi o meu piercing (apontando para a sobrancelha), eu muitas vezes, consegui fechar contratos mundiais com empresas por causa do metal. Porque houve um que me disse «ah tem piercing!» e eu disse «eu sou do heavy metal» e começamos a falar, houve uma empresa em que o CEO vem ter comigo nessas feiras em que se vai mostrar produtos e ele tinha-me dito ao telefone eu não quero falar com vocês, estou satisfeito com o meu fornecedor e eu disse venha lá, só para tomarmos um café, era em Amsterdão e estava um calor horrível e ele aparece de mangas compridas e eu pensei este gajo deve estar tatuado até ao pescoço; reparei que ele olhou para o meu piercing e eu vi logo «este gajo é do metal» e ao falar de que parte da Dinamarca é que ele era, eu disse que engraçado que tenho lá uns amigos de uma banda e vou lá visitá-los e ele disse que também os conhecia e já está! O contrato já está feito! (sorrisos). Muita gente do metal está nos sítios mais inesperados e isso também ajuda a desmistificar aquelas coisas dos anos 80 em que as pessoas são vistas de lado e dizem «o que é que você faz na Faculdade?» *embora os estudos não façam diferença, nos anos 80 o heavy metal era muito associado à classe operária...* faz com que exista aceitação em diferentes vertentes da sociedade.

- **O metal une as pessoas?**

Completamente. *Esse exemplo é claro...* Eu consegui fazer negócios graças ao metal e, quando deixei de fazer os contratos, se eu estava numa determinada cidade telefonava a esse antigo cliente e dizia amanhã à noite tocam os não sei quê na tua cidade, bora? E ele dizia bora!

- **Existe aquela sensação de que «é do metal só pode ser boa pessoa?», que faz parte da família?**

Não, claro que não, todas as famílias têm ovelhas ranhosas, mas uma coisa boa do metal é que não há cá essas mariquices do complexo do mito, «ai estou tão ofendido!», se estás ofendido, tchau, das duas um, ou bazas, aí o pessoal do metal é muito duro, é como se fosse uma tribo à moda antiga que é: «tás mal? Baza!», ou então levas umas verbetadas

«o que se passa caralho?!» para a pessoa acordar. Eu acho que há outras tribos em que propiciam em que as pessoas sejam coitadinhos, por exemplo, na parte da new wave, aí está cheio de coitadinhos por que faz parte, quando lê Depeche Mode, é só dor de corno, é dor de corno non stop, então nessas tribos encontras muitas pessoas com depressões porque dentro da unidade é aceitável o ser-se coitadinho; no metal, não é visto de bons olhos ser-se coitadinho porque se tens uma pessoa do grupo que está sempre a queixar-se, aquilo com o tempo «meu amigo, põe-te a andar!». Tanto que quando vais a um concerto, aquilo parece mais um encontro de comadres, as pessoas vão para beber cervejas e para falar umas com as outras, é mais uma desculpa social e a música é boa, pronto! Se eu gostar mesmo muito da banda é que eu vou ver a banda, estou a ver mas *é um encontro social*, sim e muito positivo, tem um carácter muito mais positivo e relacionado com coisas positivas, que é rir, divertir, sair, encontrar, sei lá! Essas coisas todas boas.

- **o cabelo comprido, as caveiras, os monstros, a cor preta, os cintos de balas, as pulseiras de picos, as t-shirts que têm uma importância enorme, que são como que ferramentas de conexão social...** Os elementos de união da tribo são muito importantes porque até quando vais a andar e vês alguém «o quê? Tem uma t-shirt de Judas Priest?» viras logo a cabeça e tudo, só pode ser boa pessoa. Obviamente que, com o tempo, muitas pessoas ou por causa da vida familiar deixam de usar a indumentária e a simbologia toda, não quer dizer que tenham deixado tudo, cada pessoa tem as circunstâncias que tem na vida, mas eu acho que é uma coisa que fica sempre.

Como é que vês hoje em dia a cena em Portugal?

Há muitas bandas, o que é ótimo! O que significa que há muita criatividade. Sempre foi o problema do metal português: não conseguir sair de Portugal, não conseguir exposição; há bandas que conseguem sair, talvez não sejam as melhores que representam o metal português (risos), são os que conseguem e há quem goste, por exemplo, os Serrabulho são uns excelentes embaixadores. Agora vou fazer uma comparação com a cena belga: em Portugal, as bandas mais antigas não querem sobreviver excetuando Sacred Sin e Grog que são os que estão mais ativos; de resto, não sei se foi a zanga das comadres, as bandas decaíram muito, fragmentaram-se. Eu tentei convencer os Extreme Unction por exemplo e disse-lhes que se quisessem tocariam em Barrocelas, lá estou eu com a cena de manager. «Voltar a ensaiar e não sei o quê, é tudo muito trabalho...». Tenho pena que as bandas mais antigas vejam isto com tudo muito trabalho, o que é mau porque são bandas que como Sacred que quando chegam a um palco ou até Grog, conseguem elevar e até ajudar as bandas mais novas a tornarem-se ainda melhores. A tradição é uma coisa que ajuda muito as novas coisas. Aqui, vejo muitas bandas mais antigas ainda a sobreviverem e que vão ajudando a que as novas bandas se tornem cada vez melhores e vão dando dicas. Uma coisa boa que vejo é que há muitos concertos, dantes não havia tanto concerto e muito bem organizados.

E em relação às novas gerações, não sei se tens contacto com pessoal mais novo... Hoje em dia eles têm outras ferramentas, um acesso muito mais facilitado à música, a Internet veio revolucionar isto tudo... Mesmo em termos de bandas para gravarem conseguem fazê-lo à distância que era uma coisa impensável nos anos 90, ensaios... Sim, têm esses luxos, é um luxo que nos ajuda a gravar a e a pôr coisas cá fora muito mais rápido e tudo o que seja excesso de informação, muitas vezes, pode-se virar contra nós, não é e muitas vezes, eu vejo algumas bandas a quererem lançar muita coisa seguida num curto espaço de tempo, só para mostrar trabalho feito. Isso também não é bom porque não deixam as coisas fermentarem ou crescerem.

Neste momento, continuas então ligada a algumas bandas e à organização de Barrocelas? Digamos que aconselho a organização de Barrocelas em relação a determinadas bandas; manténs o contacto então... Sim, eu fazia tape trading com eles no final dos anos 80, são amigos, que por acaso começaram a ter um festival.

Panorama do mundo do metal modificou-se muito, com tantos subgéneros, as querelas... Isso sempre existiu, porque depois cada um vai depois defendendo a sua tribo; e os gostos de cada um... Sim, eu não gosto de tudo do metal, não gosto daquele Viking metal, acho que é música para festival da canção (risos), mas são pessoas que têm influências e têm a sua ramificação. Essas picardias vão sempre existir, não é? Claro que quanto mais novo se é, mais radical se é ou mais se opina, se eu tivesse menos 20 anos, dizia isto não presta! (levanta os braços)... Passados 20 anos relativizamos mais as coisas, pronto não gostamos mas é o que há filho! Não sei se vais entrevistar pessoal mais jovem...

Não porque pretendo entender o porquê deste continuar por isso só entrevisto acima dos 40... Vai continuar até ao fim. Para ti, vai? Sempre!

ANEXO 15 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 12: Carlos

(realizada a 21 de novembro de 2021)

Entrevistado 12: Carlos

Idade: 48 anos

Sexo: masculino

Naturalidade: portuguesa

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: Licenciatura em Arqueologia

Atividade/ ocupação profissional: arqueólogo

Profissão pai/ mãe: diretor em empresas de segurança/ directora de hotel

Localização geográfica: Grande Lisboa (Lisboa)

Divisão de Weinstein: faz parte de duas dimensões (artistas, audiência)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

Sabes que hoje em dia, olho para trás e as coisas parecem cada vez mais distantes porque o tempo não para e parecendo que não, 87 já lá vão muitos anos, 30 e tal anos de maneira que, o mundo tem estado sempre a mudar e a verdade é que, com esta distância toda mais me apercebo como aquilo teve muito a ver com o contexto, contexto que está cada vez mais distante e que era muito marcado naquela altura. Portugal tem vindo a mudar muito, o mundo também mas Portugal sobretudo. Naquela altura, era uma coisa um bocado diferente, que estava em evolução, eu nasci em 73 portanto nasci no fim da ditadura e lembro-me do Portugal quando tinha 10 anos, depois 14 quando comecei a ouvir HM, por aí fora, foi uma coisa em constante mutação, evolução de maneira que naquela altura ainda havia um país em construção, sobretudo, não só, mas m muito culturalmente e isso é uma questão que se refletiu m muito na questão da música. Nos anos 80, em Portugal, as bandas tinham uma dificuldade extrema hoje em dia até muito difícil de imaginar em

gravar qualquer coisa, comprar instrumentos, arranjar um estúdio. Gravar uma demo tape, uma cassete com dois ou três temas era um autêntico feito, uma conquista e eu não estou incluído aí enquanto músico, é uma fase um bocadinho anterior a eu começar a tocar e a ter bandas, mas lembro-me de ler as entrevistas nas fanzines e como a coisa era. Lembro-me de um guitarrista comentar recentemente que é verdade que hoje em dia há muitos miúdos que tocam muito bem, têm jeito e tal mas hoje é diferente. Se tu quiseses tocar bem guitarra, tens um milhão de tutoriais e vídeos no Youtube, tens tudo à mão. Claro que tens de trabalhar muito e ter jeito, mas comparar isto com o que existia na altura em que se andava a comprar os livros da Flauta Mágica para se tentar perceber alguma coisa, de escalas ou de música em geral, depois estar a comprar uma guitarra barata e estar a tentar fazer alguma coisa com aquilo enquanto se ouviam os LPs das bandas grandes, é um cenário completamente diferente.

Obviamente, os meios de com e de divulgação das coisas eram muito menos e muitos menos imediatos do que agora. Havia um canal e meio de televisão, porque a RTP2 começava a meio da tarde. No meu caso específico, ao contrário de muita gente da altura que começou a ouvir porque na escola, havia quem ouvisse ou tinha um irmão mais velho ou tinha um amigo, foi uma coisa absolutamente casual e eu lembro-me de dizer muitas vezes, muita pena tenho eu de não ter descoberto este som antes que houvesse alguém que me tivesse inclusivamente mostrado isto antes. Fui a uma loja de discos que havia na minha rua, em Lisboa, para comprar uma k7, era a Grande Feira do Disco na rua do Forno do Tijolo, aquela tinha várias coisas de rock, metal, Iron Feast, Motörhead, era coisas que se punham mesmo na vitrine, eu entrei para comprar qualquer coisa devia de ser Billy Idol, que na altura ouvia porque não sabia que havia HM, comprava cassetes porque tinha um walkman, eu vivia com a minha avó que não tinha aparelhagem e chego lá e via a capa do Live After Death, o LP estava pendurado na parede e pronto, foi um momento que mudou todo o meu futuro porque foi uma epifania, olhar para aquela capa, ver o Eddie a levantar-se da sepultura no meio das chamas a levar com um relâmpago na testa foi como eu próprio levar com um relâmpago na testa naquele momento e comprei o álbum por causa da capa. Era um sr. de óculos com camisa e gravata, simpático e eu perguntei-lhe: «este álbum é bom?» e ele: «ah, se gosta do estilo» com certeza irá gostar, eu posso pôr aqui a tocar. Eu era um miúdo de 14 anos que ouvia a música que dava na televisão, nos programas gerais, já gostava de umas coisas de rock, mas não tinha qualquer conhecimento de nada. Eu sabia lá qual era o estilo, ouvi aquilo, gostei, gostei do som agressivo, levei para casa em cassete dupla. *Então foi aí? Com IM? O clique?* Sim, eu não tenho dúvidas que se não fosse aqui, era mais tarde, ou seja, quando eu fosse exposto a este tipo de música, tenho a certeza que era para ali que eu iria. Foi uma coisa absolutamente espontânea, não foi para seguir ninguém ou seja, não tive qualquer tipo de pressão para me ligar a isto. Eu levei o álbum para casa, lembro-me que ouvi do princípio ao fim e que era grande, isto é sempre a abrir do princípio ao fim, continuei a ouvir e passado uns dias já distinguia as músicas umas das outras, aquela sensação de identificar as músicas todas, eu lembro-me que nessa altura, eu ouvia o álbum duplo duas, três vezes por dia. Ainda hoje tenho as músicas todas na cabeça, ouvi aquilo muitas centenas de vezes.

Nessa altura, não conhecestes mais ninguém que ouvisse? Na escola por exemplo?

O processo foi rápido, ou seja, eu apercebi-me que aquilo era um estilo chamado HM porque pouco depois de ter ouvido falar ou lido sobre a banda porque eu costumava comprar o Blitz, o jornal de música, até porque aquilo na altura tinha os pregões e declarações e havia uma página que era o Blitz Metálico do Pedro Cardoso, à qual eu não ligava muito então fui recuperar essas páginas e foi por essa altura que vi que ia sair uma fanzine em janeiro de 1988 do Cameraman Metálico que era a Hard n' Heavy nº 0, quem quiser mande um selo ou escudos, já não me lembro e isso foi o primeiro contacto com o underground. Descobri então que havia fanzines.

No teu seio familiar, já se ouvia música em casa? Formação musical em criança? Não, o meu pai cantava bem, tinha muito melhor voz que eu; os meus pais separaram-se quando eu tinha três anos e despejavam-me em casa da minha avó que me adorava completamente, tive uma infância super mimada até, só que a minha avó efetivamente não ouvia música, podia-se ouvir rádio, mas não era comum, normalmente tinha-se a televisão ligada, tive música no liceu porque era obrigatório, mas também nunca liguei.

O contacto que tiveste então era mais pela rádio? Eram os programas de TV, Top Mais por exemplo, lembro-me de alguns telediscos, como o do Live Aid. *Posso dizer que o primeiro contacto é através dos media?* Quando era miúdo, lembro-me que me deram um gira-discos e era para ouvir um singlezito ou outro que às vezes ia lá parar a casa, o lp da Abelha Maia, mas não era normal eu sentar-me a ouvir música.

Eu, quando era miúdo não apreciava música particularmente, comecei a ouvir mais quando tinha 12/ 13 anos por causa da TV, foi aí que eu comecei a prestar mais atenção à música, nem nunca tive aulas.

Então e depois, como se processa, se calhar começaste a encontrar pessoal na escola que também ouvia? Ou ias à Motor, que depois foi a Bimotor, que se encontravam lá ao sábado à tarde, começaram a gerar-se muitas amizades a partir daí também... Sim, mas isso foi mais tarde, ou seja, a Motor eu descobri também através do Blitz; o primeiro amigo com quem comecei a conhecer mais gente foi um vizinho que me viu com uma t-shirt de Slayer, comecei também a começar a Metalhammer, no fim dos anos 80, ainda era um a revista bastante interessante, todos os meses comprava aquilo como um maníaco. Um gajo ia à Motor para ver os vinis, os LPs, às vezes tinham lá demo tapes à venda e fanzines e comecei a comprar, comecei a perceber o que era o movimento underground, que havia bandas portuguesas e concertos de bandas portuguesas, que havia um movimento, lentamente, comecei a perceber e havia uma loja no metro dos Restauradores que tinha toneladas de t-shirts, camisolas, anéis com caveiras, patches aos baldes, quem me dera hj em dia voltar atrás no tempo e ver o que eles lá tinham, mas agora há net, tudo isso já desapareceu e eu comprava lá t-shirt e comprei essa de Slayer do South of Heaven e então um vizinho meu disse-me «curto esse álbum, mas gosto mais do Reign in Blood» e começamos a falar assim, porque isto era uma coisa típica; na altura, se um gajo como nós via outro com uma t-shirt de Slayer ou assim, era normal começarmos a conversar no

meio da rua. Hoje em dia, vês um gajo com uma t-shirt de Slayer na rua, eu nem sei se comprou na H&M, se conhece a banda, se é um gajo do metal core, eh pá tudo isso desapareceu, as coisas mudaram muito, porque naquela altura, este movimento era uma coisa mesmo à parte e isso desapareceu, hoje em dia está tudo diluído; era uma coisa completamente à parte. Mas não achas que se consegue perceber as pessoas, pelo olhar, pelo estilo, maneira de estar... Sim, mas na altura era diferente porque era evidente que era um tipo que estava minimamente no meio, até porque isto era um altura em que todos nós tínhamos entre 15 a 20 anos; não havia absolutamente ninguém com 30 ou 40 anos que ouvisse este tipo de som. Mas se visses um gajo com uma t-shirt, patches no blusão, cabelo meio comprido a tentar deixar crescer, já se sabia que era um gajo da cena. *Havia essa identificação, não é?* Havia, evidentemente e depois, muito rapidamente, as pessoas conheciam-se. Esse amigo apresentou-me a outro que também morava um bocadinho acima de nós (que era o B., na altura com 14 anos), depois um dia ele diz-me: «olha vai haver um concerto ali na Voz do Operário, com os Massacre, Mantron e os Massive Horror (confirmar), não queres ir?» Fui compra o bilhete à Bimotor, acho que era 500 paus na altura. Foi o meu primeiro concerto em 89 então fomos para lá os três mais o irmão do B., mas na altura tinha 16 anos. Lembro-me inclusivamente que cheguei ao concerto e pensar eu só não me vou embora porque tenho o bilhete no bolso, estes gajos sabem que eu tenho o bilhete e tenho vergonha de lhes dizer que vou para casa. Porque aquela merda era uma selvageria (risos) para um puto de 16 anos que chega ali, ver magotes de gajos de cabelos compridos cheios de picos, só a fazer merda, a partir tudo a meterem-se com as pessoas, irem para o café que havia na rua da Voz do Operário, a beber cervejas e a deitar as garrafas para o meio da estrada, gajos à pera, gajos com facas, foi uma coisa extremíssima. *Era um ambiente bastante violento, agressivo?* Eh pá! Era um ambiente do caracas! Vi muita coisa a acontecer naquela altura; também é preciso ver que era visto pelos olhos de um miúdo de 16 anos que nunca tinha tido contacto com qualquer coisa deste tipo, mas mesmo assim, havia muito roubo, muita pera, muitos problemas; havia porrada com skins às vezes no fim dos concertos; aquilo realmente era uma coisa lixada e alguns anos depois passou a ser absolutamente inofensivo, mas mesmo aqueles grandes festivais que havia no Dramático de Cascais, o pessoal, muitos deles era uma cambada de vândalos! Muitos de nós, eu não porque até me portava bem, mas (risos) realmente, havia de facto, quando as pessoas diziam que era uma cambada de putos bêbedos e drogados que só faziam merda, em grande maioria, isso aplicava-se, ou seja, muitos eram assim, de facto. Mas isso também tinha a ver com a característica do metal apelar àquele pessoal suburbano, muitos deles com problemas em casa, familiares, encontravam ali uma rebeldia e uma maneira de estar. E sim para o nosso ponto de vista hoje em dia eram miúdos de facto. Havia uma identidade, uma série de marcadores culturais, quase étnicos, digamos assim, é esta questão dos subgrupos, das tribos e neste caso, aquilo que ligava a malta toda era a música, não eram questões políticas, de idealismo, aliás, muitos deles nem tinham nenhum tipo de ideia, de nada. Muitas vezes, aquilo que eles queriam era curtir a vida, estar com o pessoal, beber copos, estar bem, sentir-se bem e no fundo faziam parte de um movimento; havia uma outra característica: para mim era óbvia, havia um atrativo especial que era curtir/ discutir um tipo de música que tu sabias que era o melhor tipo de música que existia, não havia mais nenhuma música

que se comprasse àquilo e todas as pessoas que estavam fora acharem que aquilo era só barulho, que era uma porcária horrível e isso era muito fixe! Porque tu fazias parte, efetivamente ali de uma coisa diferente; hoje em dia isso deixou, o metal como todos estes movimentos acabam por ser normalizados, são absorvidos; a contestação social, mesmo quando eu digo que os metálicos, os putos não tínhamos grandes idealismos. *Houve alguém que me disse tiras a ideologia punk ao metal e ficas sem ideologia...* na altura, o metal podia ser uma coisa sem ideologia e centrada só na música porque o punk era muito mais politizado, o metal não era politizado, mas na realidade... *(depois surgiram bandas...* Bastante mais tarde, na minha perspetiva a partir de 92 por aí) tinha características que podem ser interpretadas dessa maneira, ao fim ao cabo porque o metal era um estilo de música profundamente antiautoritário, era aquilo que estava subjacente a todo o movimento. Ou seja, quando as bandas usavam cabelos compridos, pulseiras com picos e até cruces invertidas em certos casos e tinham um estilo de vida hedonista, mal visto sob o ponto de vista moral ou então tinha efetivamente letras satânicas que eram profundamente chocantes na altura, hoje em dia nem dá quase para imaginar o que aquilo era na altura, esse valor de choque tinha, na realidade, um objetivo que era chocar determinadas franjas e aspetos da sociedade e quando vais ver os telediscos, é óbvio. Eram os polícias, eram os professores, os padres e os papás, sobretudo estas 4 coisas, os políticos era uma sociedade opressiva e o que o HM era, era liberdade: estás-te nas tintas por aquilo que as outras pessoas achavam mal, inclusivamente ter prazer em chocar essas pessoas «bem pensantes», os engravatadinhos, os papás e por aí fora, portante havia aqui de facto um antiautoritarismo subjacente que não tem absolutamente nada a ver e que é contrário àquela cristência do black metal que se ligou depois a nazismos e fascismos que não tem de todo na génese daquilo que é o heavy metal. Isso foi um fenómeno à parte, um fenómeno diferente.

O que te atraiu num primeiro momento? Foi então a capa do disco?

Eu sempre tinha gostado de livros de fantasia, de Conan o Bárbaro, ainda tenho ali revistas aos quadrinhos, aí umas 200 dessa altura, só vi o filme mais tarde quando o meu pai o gravou de uma televisão pirata que havia em Santo António dos Cavaleiros. Já tinhas então um interesse especial por esses mundos do fantástico e veres aquela capa... E coisas que sempre tinha gostado de arqueologia da Idade do Ferro, os bárbaros essas coisas portanto sob o ponto de vista visual é claro que o álbum de Maiden, ainda por mais é uma capa magnífica. *E na música, o que te puxou?* É a melhor música que existe de longe, eu não oiço mais nada neste momento, ou seja, posso ouvir outras coisas casualmente, mas eu sou conhecido por ser muito... Há quem me chame nazi do metal (risos), muito ortodoxo; eu sou conservador só no metal, sou libertário em tudo, menos no metal (risos). Eu costumo dizer eh pá está bem há música muito boa noutros estilos, mas eu nunca vou ter tempo para ouvir todo o heavy metal que se fez mesmo só nos anos 80, portanto não faz qualquer sentido estar a desperdiçar tempo e estar a ouvir tipos de música menores que não me interessam. Além disso, o heavy metal não é só música, para pessoas como eu. *Para ti, é um estilo de vida? Acaba por ser?* O tempo que eu gasto nisto às vezes prejudicam outras coisas que até poderiam ser teoricamente mais importantes para mim,

mas na prática não são; agora acaba de sair o novo álbum de HellSpike e havia um gajo que comentava no Facebook, »bolas! Tu não paras!» e eu dizia: «isto há que metalizar o máximo possível! Qualquer dia estamos mortos e já não dá para fazer mais nada!»

Na tua escola nunca formaste aquele grupinho de amigos que tivessem as mesmas práticas? Havia aquele cantinho dos metálicos ou nem por isso? Havia um ou outro gajo que começou a falar comigo e que comecei a encontrar em concertos e houve um grupinho que se juntou, mas fora da escola, ele apresentou-me a amigos que tinha e até depois foi com essa malta que fizemos uma fanzine; ao sábado de manhã íamos para a feira da ladra, encontrávamos outras pessoas, havia muitas pessoas que lá iam ver o vinis e beber copos; eu todas as sextas e sábados ia para o Bairro Alto beber copos, comecei a sair aos 17 anos, a minha avó ficava chateada de eu voltar para casa tarde, mas paciência!

*Há muita crítica, não só em relação ao heavy metal , mas em relação ao rock em geral em termos de álcool e drogas... **se existiam ligações ao álcool e às drogas; histórias que queira contar;***

Qual a tua visão nesse aspeto no mundo do metal? Eu sou atípico porque nunca tive contacto com drogas, nunca foi a minha cena; uma vez fumei um charro, mais tarde num concerto de Filii em Vigo, escorreguei e dei cabo do ombro, eu estava cheio de dores e houve um que diz fuma um destes que é bom para dor e eu até disse: «vocês vão ver uma coisa histórica, eu estou tão à rasca (risos) e não teve efeito nenhum... Mas que existia, que fez bem parte dos anos 80 [drogas] Eu conheci muito gajos que morreram, outros que estiveram agarrados, um ou outro que se recuperaram, que tiveram presos; a droga era de facto um flagelo; isto era efetivamente um grupo que era em grande medida permeável a esse tipo de sensações, a esse tipo de intoxicação, era uma coisa que efetivamente era comum e alguns caíam mesmo no cavalo e depois adeus!

A experiência do concerto: o que significou para ti, quando foste a primeira vez? o som, a maior parte das pessoas já ouvia em casa ou no walkman mas depois quando se vai ao concerto ao vivo, é o êxtase... *completamente diferente, eu gosto imenso de estar em casa a ouvir música, com determinada qualidade e prestar atenção a determinadas coisas. Um concerto é um encontro com o teu próprio estilo de vida, com as pessoas que estavam efetivamente à parte da sociedade e da música e ainda hoje se verifica. Em Portugal, tens muitos poucos gajos ligados ao verdadeiro heavy metal, os festivais, é tudo muito diluído, mas há malta muito ligada àquele som mais antigo e há uma afinidade, o pessoal junta-se, conversa, fala uma mesma língua, é uma coisa um bocado à parte e nos anos 80 e inícios de 90, eu ia a um concerto no Dramático e estava sempre a cumprimentar alguém; para o BA ia sozinho e encontrava imensa gente, tinha sempre alguém com quem beber com quem conversar porque este meio na altura e ainda hoje em dia entre esses poucos resistentes de que falei, é um nicho e os poucos que existem hoje em dia e os muitos que existiam na altura eram muito aguerridos e muito militantes, ou seja, isto não tinha nada a ver com o ouvinte casual de música, que tinha ouvido na rádio e comprava porque tinha gostado, isto era uma coisa e é ainda completamente diferente disso e na altura, isso marcava uma forte diferença entre os metálicos e outros ouvintes de música, embora houvesse outros subgrupos muito ligados ao tipo de música que ouviam; havia os*

rockabillys, a malta do punk, mas no metal a cena era mesmo a música, não havia tanto uma ideologia. A música é que deu origem à subcultura... Sim é verdade, não era um grupo que tivesse determinadas coisas em comum e que desenvolvesse um tipo de música própria, *mas sim o tipo de música é que fez com que se desenvolvesse tudo à volta?* Exatamente.

Sentias-te marginalizado quando andavas na rua? Olhado de lado? O que pensavas disso? se se sentiam marginalizados ou não (se queriam/ gostavam de sentir-se «outsiders» ou se isso lhes era imposto ou não), como eram vistos pela família, pelos pais, pela sociedade em geral- histórias que queira contar

Eu quando era miúdo, tinha 16/ 17 anos havia pessoas que ficavam um bocado a olhar para mim na rua, porque eu também em certas alturas, aquilo das pulseiras com picos e patches por todo o lado, os fios com caveiras era uma coisa que chamava um bocado a atenção, mas nunca me senti particularmente marginalizado até porque, no meu caso, eu fazia parte de uma família de classe média, sem grandes problemas, não tinha problemas de dinheiro nem nada do género. Eu ia para uma escola, que eu nem gostava daquilo porque tinha imensos betos, ou seja, não vivi aquela vida de gajo de muita malta do metal que vinham de sítios com grandes criminalidades; no meu caso não havia esse contexto. Quanto às pessoas na rua, sim havia essas coisas do pessoal que mudava de passeio ou as senhoras que tinham medo de serem roubadas, mas depende porque como te digo quando o pessoal se juntava e quando havia concertos, havia efetivamente ali um fator de bando que podia ser um bocado complicado; às vezes, os gajos metiam-se mesmo com as pessoas, às vezes havia assaltos, claro que podia ser meia dúzia de elementos no meio daquilo tudo. *As pessoas acabavam por generalizar...* Sim, por exemplo, havia um concerto de heavy metal e o pessoal ia-se embora e estava tudo partido, por exemplo.

Falam-me também das rusgas que se faziam, que as autoridades iam sempre ao gajo de cabelo comprido e vestido de preto, não é? Sim, podia acontecer com frequências, mas muitas vezes iam, entravam pelos bares adentro no Bairro Alto, eu no meu caso nunca tive assim problemas. Lembro-me de estar a voltar para casa do bar Palmeiras, havia muita malta do punk, do hard core e straight edge e alguns metaleiros que costumavam ir a esse bar que era do Partido Socialista Revolucionário e havia concertos e caí numa rusga no Intendente e apanhei um polícia porreiro porque nem identificação tinha sequer.

As mulheres: na tua opinião, como eram vistas em Portugal as mulheres que eram fãs de metal nessa altura? Eram consideradas de igual para igual ou sentia-se uma diferença? Tinhas amigas do metal: mulheres que iam convosco aos concertos e aos bares? Havia algum tipo de estigma? Se sim, como explicas isso?

Havia muitos mais homens, podias ter mil gajos num concerto e no meio deles 200 mulheres. *Mesmo assim (tantas)?* Havia muitas mesmo assim e na altura geralmente nem se distinguiam muitos dos metálicos na indumentária, também usavam as t-shirts de bandas, calças elásticas, claro que havia umas que podiam ser mais femininas, mas geralmente era isto. Não creio que houvesse nenhum tipo de discriminação, claro que

havia sempre uma tensão sexual ou qualquer coisa, estamos a falar de adolescentes; havia umas mais malucas, outras menos, havia aquelas que também iam para os bares à noite e bebiam até cair como os homens no Lusitano até às 4 da manhã. É natural que algumas se sentissem um pouco discriminadas por um gajo ou outro, mas não creio, também era homem, lembro-me por exemplo uma vez de estar no Jingão há muitos anos e aparecem duas estrangeiras loiras muito giras, todas com ar de rocker, sentaram-se numa mesa e o Jingão estava cheíssimo e ninguém teve coragem de se sentar na mesa delas porque era uma mesa para quatro e o pessoal olhava e ficava naquela «que cena!» porque era uma coisa atípica, loiras, claramente estrangeiras, estar ali a beber um copo, lembro-me que estávamos em mesas cheias de pessoal e dizíamos então não te vais sentar ali? Eh pá, não! (risos). Ninguém foi chatear as raparigas, pelo contrário, claro que havia estúpidos em todo o lado como continua a haver e podia acontecer de tudo, mas pelo contrário, por nós até deveria de haver mais mulheres a ouvir aquele tipo de som! Porque acabava por ser uma coisa muito de sexo masculino, branco, sempre foi assim, lembro-me de falar com malta que conheço negros e perguntar, mas como é que não há mais negros a ouvir isto? Tem tudo a ver, vem do blues, vem do rock, as guitarras e tal, não percebo porquê que não há mais negros a ouvir heavy metal; também nunca houve nenhum tipo de barreira a que eles entrassem muito pelo contrário, aliás havia dois ou três que faziam parte da cena e eram gajos perfeitamente aceites. *A música acabava por unir? fosse género, etnia... Tínhamos uma linguagem própria?* Mas se olharmos para Mothley Crüe por exemplo, a mulher era sempre muito objetificada... Mas eram mulheres que estavam nesses videoclips como objetos efetivamente, é como estares a ver uma obra de ficção, as mulheres que apareciam ali não eram as miúdas com quem estavas a beber copos no Jingão, tinhas amigas, amigos... *Saiam com elas à noite, iam para o Jingão, tudo sempre normalíssimo?* Havia várias miúdas que encontrava em concertos, encontrava no Jingão, algumas até tocavam... *Porquê que não há maior heterogeneidade nas bandas? Elas são sempre ou vocalistas ou baixistas ou então é uma banda só de mulheres... pode ter a ver com o reflexo da sociedade em que estamos inseridos, as coisas levam o seu tempo... As mulheres sempre foram mais protegidas pelos pais, não saiam tanto à noite...* Também se calhar tem a ver com outra coisa que é o seguinte: comprares uma guitarra elétrica e pões-te a tocar quando ainda por cima não tens amigos ou amigas que façam isso. O heavy metal sempre teve essa característica, praticamente toda a gente que se punha a ouvir heavy metal comprou um instrumento, havia esse chamamento de ir para o palco, tocar gravar coisas e tal. Claro que havia exceções, mas as mulheres tendencialmente gostavam de música mesmo dentro do metal, mais de «gaja», heavy metal mais tipo Bon Jovi (que nem metal era) de W.A.S.P.; as miúdas que ouviam de Kreator para cima não eram muitas mas a maior parte das miúdas que iam aos concertos, a cena delas eram bandas mais calmas e se calhar nesse tipo de som não havia tanto o apelo de ir tocar e fazer uma banda... Não sei.

- Há algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas?

Sei que passamos por várias fases ao longo dos anos... Nós naquela altura ouvíamos desde Led Zeppelin até Carcass, eu tinha muitos amigos meus que adoravam Iron Maiden, Death, Slayer e marchava tudo desde Saxon até às coisas mais pesadas Napalm Death e por aí fora. Era um tempo de descoberta, até onde é que estilo podia ir, quais eram os limites. Eu gostava imenso de Candlemass, lembro-me quando saiu o primeiro de Cathedral, o Forrest of Equilibrium e nunca se tinha ouvido nada assim, era ainda mais lento; lembro-me quando comprei o primeiro álbum de Obituary, quando saiu, nunca se tinha ouvido uma coisa assim, aquela voz era inacreditável! Era tudo uma novidade e estava-se a testar os limites do género, até onde é que as coisas podiam ir; era um tempo muito diferente: tu ainda estavas sujeita a ser surpreendida por qualquer coisa dentro da cena que nunca tinhas ouvido. Foram tempos muito entusiasmantes. Aquilo que hoje em dia ouço e gosto em grande medida são as coisas que ouvia e gostava naquela altura, há bandas modernas de quem eu gosto muito, bandas de putos que tocam mt bem, mas o que me interessa são bandas que estão a fazer aquele tipo de som, ou seja, o que eu gosto é heavy metal clássico tipo Iron Maiden, gosto muito de thrash metal, se calhar é aquilo que eu até ouço mais tipo Slayer, Kreator, gosto muito de uma parte do thrash que era o princípio do black metal, uma espécie de subdivisão da cena: Venom , aliás eles deram origem a tudo o que é metal extremo, seja death, Black, saiu tudo dali porque quando os gajos lançam aqueles primeiros dois álbuns, não havia nada que soasse àquilo. A NWOBHM tinha uma série de bandas e Venom destoava completamente *da sonoridade dos outros* não havia nada como Venom, Celtic Frost, Sodom, Bathory e gosto de death metal estudo aquele fim anos 80 princs 90, mas há bandas recentes que eu gosto muito como Vomitory, Necrophobic...

- Como é ou o quê que a música te faz sentir? Subgéneros, bandas favoritas vs emoções; servirá para canalizar sentimentos de raiva, angústia, depressivos)

Eu sempre fui um gajo muito calmo, nunca precisei propriamente de extravasar grandes raivas. Às vezes, podia sentir-me mais deprimido com determinadas coisas da minha vida, com relacionamentos ou assim e se calhar havia músicas específicas para esse tipo de emoções, mas hoje em dia sinto-me extremamente em paz com a minha vida, as coisas correm-me bem, ou seja, não é por aí. Agora, a música desperta emoções, gosto muito de ler, de ver filmes, embora não tenha tempo em muito por causa do metal. Em grande medida, é essa questão, há um certo escape, há um transporte, não gosto muito da palavra escape porque não é estar a fugir de nada no meu caso; há um transporte para uma realidade, para uma estética, para um tipo de emoção que é veiculado através da música, ou através das letras de uma maneira complementar e além disso, há também a emoção particular que é estares a ouvir algo que faz parte do teu estilo de vida, do teu meio, da tua opção de toda a tua vida. A questão do metal não é um adereço, não é uma coisa que eu adopte, é uma coisa que faz parte de toda a minha vida, da minha identidade. Faz parte de mim completamente, eu só faço tatuagens de coisas de heavy metal, capas de álbuns. Seria absolutamente ridículo alguém dizer-me: «eh pá! Isso é para a vida toda!», agora já ninguém diria porque eu já estou quase com 50 anos. Eu nunca vou olhar para estas tatuagens e dizer se calhar não deveria de ter feito isto, está completamente fora de

questão; isto é absolutamente eu! E, se for olhar para trás, de toda a minha vida, dos grandes momentos da minha vida, estiveram diretamente relacionados com o metal, seja concertos que fui, coisas que vivi, pessoas que conheci; se eu pensar nos últimos 15 anos, 95% das viagens que fiz foi por causa do heavy metal, não foi por motivos profissionais, nem sequer de lazer, familiares. Fui a uma série de países porque me pagaram para lá ir tocar e devo isso ao metal, à minha dedicação, mas é assim tu dás e também recibes e não é uma coisa que eu faça com esse objetivo, se calhar há um certo fanatismo relativamente a isto; a verdade é que também faço uma série de outras coisas; neste momento estou a acabar de escrever um longo trabalho que tenho que mandar para publicação por causa da minha vida arqueológica, é uma coisa que eu gosto muito de fazer.

O caso dos meus pais não foi um caso muito problemático, eu tinha 14 anos e eles diziam: «pois ele está nesta fase, ouve esta música, quer deixar crescer o cabelo», mas na realidade nunca me chatearam particularmente. Eu tinha a sorte de viver com uma avó muito ligada ao catolicismo e eu pensava sempre «ela não sabe ler inglês», no caso era uma sorte porque ela não faz a mínima ideia do que está nas letras dos álbuns, quais são os títulos (risos), mas eu lembro-me de amigas dela dizerem-lhe: «ah mas o seu neto anda metido em cultos satânicos!» e eu respondia: «elas sabem lá do que falam!»; isto é um estilo de música.

Posso perguntar-te em termos de religião, se segues alguma coisa ou és ateu?

Eu podia dizer que sou agnóstico, mas na prática no dia a dia, sou completamente ateu, ou seja, eu não faço ideia do que vem por aí a seguir e também acho que não vale minimamente a pena estar a preocupar-me com isso agora. Quando lá chegar logo vejo.

- Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Tens ou tiveste ma banda? Se é ou foi músico (profissional, não profissional, ligações à indústria, etc.)

Eu comprei uma guitarra elétrica, o costume! Devia ter 16 anos- a minha avó comprou-me a guitarra baratinha, mas até era porreira. Lembro-me que quando tinha 15 anos, fui com o meu pai à Valentim de Carvalho e ele diz: se quiseres comprar um LP, escolhe que eu compro e eu saco o Obsessed by Cruelty de Sodom, com a capa da caveira a desfazer-se em sangue e digo-lhe: «quero este!» (risos) e eles olha e diz «é isto que queres levar?». Ele, no fundo, acho que sabia que é pior contrariar estas coisas.

Comecei a dar uns toques em casa com uma amplificador barato, mas não sabia tocar, andava para ali a mexer nas cordas, a fazer barulho, comprei um pedal de distorção que eu queria era fazer barulho, depois fiz uma banda que não o era com colegas de liceu, que nem eram do metal e fizemos uma coisa hard core. Íamos para um estúdio que existia perto da escola e dizíamos: «olha eu fico com a bateria, eu com o microfone!» eu comecei a fazer letras e a tentar fazer músicas, letras imbecis, mas a ideia era essa saímos do liceu e íamos para lá fazer barulho e divertir-nos. Nessa altura, o B sabia que eu tinha uma

guitarra elétrica e um membro da banda dele ia sair, primeiro era Bacterion, depois Filii e precisamos de um baixista, então fui comprar um baixo para entrar para Filii. Larguei a guitarra e comecei a tocar baixo, gravámos a Era do Abutre no fim de 94, eu saí e fiquei sem tocar um bom tempo. Só voltei a pegar em 98. Nunca tiveste aulas, foi tudo de ouvido? Sim, ainda devia de ir aprender... Comecei a tocar com um gajo que conheci na Expo e acabámos por fazer os Axe Murder que durou 3 meses, gravámos uma demo e dps acabou. Essa demo fez com que eu entrasse para Iron Sword, entretanto o B. também quis voltar com Filii e a partir daí nunca mais parou. E actualmente estás em quantas bandas? Eh pá, nem sei bem, estou em Filii, em Els Focs Negres, Hellspike (saiu o novo álbum há dois dias); há uma parada mas que pode surgir a qualquer momento que é Perpertretör e depois tenho uma nova banda de heavy metal com a qual gravei uma demo muito recentemente e à qual me pretendo dedicar mais porque temos um álbum para gravar que é Rage and Fire, que nasceu um bocado das cinzas de Ravensire (tocámos muito lá fora). (é vocalista também por exemplo em Perpertretör).

A música em si mesma, o som, tem um papel preponderante para ti? Por exemplo, sabes do que tratam as letras de todas as bandas que ouves? Achas que o conjunto é que faz sentido ou valoriza a música acima das letras?

Valorizo tudo, mas infelizmente hoje em dia eu raramente consigo sentar-me a ouvir um álbum e a ler as letras; oiço nos headphones e estou a fazer outra coisa ou estou a ir para o trabalho. Aquela cena de chegar a casa e estar sentado a ler as letras e a ouvir um álbum é uma coisa que acontece mas hoje em dia é raro; neste imediatismo todo eu ouço mais música do que leio letras, tenho pena que assim seja mas é assim.

- **Achas que o metal te influenciou, que teve um papel na tua afirmação enquanto pessoa?** *Como estávamos a falar há bocado, o metal teve um papel importantíssimo na tua afirmação enquanto pessoa, não é?*

Acho que não há ninguém que me conheça minimamente que não saiba que sou um metálico completamente ferrenho. Ainda por cima, tenho a sorte de trabalhar num museu como arqueólogo, em que vou vestido para lá assim (apontando para a t-shirt de Venom). *Não tiveste que alterar o teu visual por causa da tua profissão...* Absolutamente nada. Lembro-me de chegar uma vez com um dorsal do Hell Awaits, com os demónios a comerem o gajo no inferno e a diretora do museu diz-me: «mas o que é isto?» e eu respondo: «é um ganda álbum!» e ficou por aí. *Não houve qualquer tipo de ...* Não

- **Quais os principais valores e ideologias que lhe estão associados? Partilhas desses valores e ideologias? Quais são, para ti, os mais importantes?**

Há bocado estávamos a falar da questão do racismo e da discriminação, era uma coisa que não existia no metal, mas é preciso ver que em que a única coisa que liga as pessoas á a música na realidade tem um bocado de tudo, ou seja, havia muitos gajos racistas, homofóbicos como haviam outros que não tinham nada a ver com isso e todos se encontravam naquele tipo de som. É de facto o antiautoritarismo que acaba por ser a pedra toque de todo o movimento, embora mais tarde tenha acontecido o que sabemos com a

nazizada do balck metal. Acaba por ser um movimento ideologicamente demasiado vago *ou demasiado complexo*? É uma coisa que era transversal a gentes com diversos tipos de valores, até porque quando digo que havia muita gente dos subúrbios, de certeza que havia gente com muitos traumas, na altura a questão do racismo entre os putos dos subúrbios havia muito por causa dos assaltos, iam para a escola e eram assaltados e havia pessoas que tinham dificuldade em ver para além disso, em perceber the big picture. Longe de mim estar a dizer que a malta do metal era gente completamente impecável, que ninguém era racista ou machista, eram pessoas, havia de tudo, mas o movimento em si não tinha qualquer tipo de racismo associado e misoginia, embora houvesse a tal questão da objetificação da mulher, mas isso também acaba por ter a ver com as temáticas dentro do metal. *E é uma encenação?*... É o que se chama tang and chic em inglês ou seja, em grande medida, é um bocado satírico, não é para levar a sério. O pessoal queria divertir-se e estava-se um bocado nas tintas; hj em dia vivemos num tempo muito particular em toda a gente se ofende com tudo e mais alguma coisa, deixas de ter concertos, bandas, porque uma vez alguém viu que escreveram uma letra que pode ser interpretada de uma maneira não sei quê, é uma exagero extremíssimo. Efectivamente existem exemplos de misoginia, de racismo e de homofobia que devem ser combatidos, mas não é nisto, não piadas, humor, parvoíces; é preciso saber separar o que é sério, o que é grave do que não é. Tu no thrash metal, não tinhas muito essa coisa das gajas, hard rock, glam é que era mais a cena das gajas, do dinheiro, dos carros. Havia vários tipos de letras, as hedonistas, dos prazeres e do estilo sex, drugs and rock n' roll, depois tinhas as letras de consciência social, com características políticas, do medo da guerra atómica que nos anos 80 era uma coisa muito comum, até esteticamente estavam muito ligadas a isso certas bandas e depois tinhas fantasia pura e dura: satanismos, que tinham a ver com espadas. Quando me costumavam dizer: «eh pá há tanta música para ouvir além do metal, eu costumava dizer mas há tanta música para ouvir no metal, tão diferente, seja no tem, seja na música. Dentro das fronteiras do heavy metal, tu tens coisa extremamente diferentes para ouvir, das mais lentas às mais rápidas às mais melódicas, às mais barulhentas, é um universo!

• **O panorama do mundo do metal em Portugal e no mundo alterou-se bastante, como vês essas mudanças? (em termos de multiplicidade de subgéneros musicais, o aparecimento do nu-metal, a forma como as novas gerações vivem o metal?)**

Acho que o metal tinha determinadas características que são as características que eu considero que o definem porque a partir do momento em que as palavras percam os seus significados, deixa de haver comunicação e identificação. Hoje em dia, há pessoas que se chateiam com pessoas como eu por acharem que oh pá o metal é o que a gente quer e querem à força que determinadas bandas sejam metal e claramente não são, só porque têm uma guitarra com distorção... Há aí bandas de indie rock, meio grunge meio pop, sobretudo neste país que o pessoal quer que seja metal, aquelas bandas de metal core, death core, todos aqueles estilos que começaram a desenvolver-se e a confundirem-se com coisas que estavam claramente fora do metal. Por exemplo, quando eu me apercebi da existência de Nightwish, há 20 anos se calhar, eu lembro-me de comentar se tu tens

uma banda e mostras à tua avó e ela diz «isto é muito bonito!» não pode ser metal (risos). Há aí uma distorção total daquilo que é suposto ser o metal, eu estou a falar daquela altura porque hoje já há muitas gajas do metal que já são avós porque os anos passaram. Chega a uma altura em que é um bocado arbitrário e se calhar já ouvem aquilo como ouvem outra merda qualquer e toda aquela questão que era fortíssima na altura de tu fazeres parte de um movimento que estava completamente à parte do resto da música e que era forte e tinha milhares de seguidores, tinha revistas próprias, programas de rádio próprios e hoje em dia há pessoas que ouvem qualquer merda e querem que seja metal e há bandas que são uma fusão completa com pop e outros estilos, aí para mim há uma linha claríssima que há de continuar a existir enquanto eu estiver vivo e outros como eu.

Para ti, há certas normas em termos de som que têm de ser cumpridas para ser definido dentro do género? Tem de haver porque se não por exemplo uma banda como os Wham não dizes que aquilo é blues ou jazz, as palavras existem para definir determinadas coisas. Evidentemente para mim, o metal que eu vivi é uma coisa que tem um significado que está muito bem definido, sou eu que defino e sinto eu vivi isto a minha vida toda! E isso que tu estás a ouvir não é metal, porquê? Por que eu digo (risos) há pessoas que ficam muito chocadas com isto. Há pessoas que ficaram chateadas comigo por eu dizer essa banda que tu curtes é uma ganda merda, mas eu digo isto sem qualquer problema porque eu passei a minha vida toda a apreciar que as pessoas que estavam fora do metal me dissessem que aquilo que eu estava a ouvir era uma merda por isso é naturalíssimo e é desejável, só que há pessoas que ficam ofendidas; na altura havia metálicos, eu sabia quem eles eram e quais eram os valores musicais que eles tinham, hoje em dia ainda os reconheço e nós efetivamente definimos, nós sabemos o que é o metal.

Para mim, não é só música, é um movimento; eu tenho uma certa dificuldade com os conceitos que hoje são usados, mas este país também é particularmente mau no que concerne isso porque por exemplo eu vou lá fora a festivais, com death, thrash, heavy metal clássico, mas é tudo metal; cá tu tens de tudo, tens a banda sinfónica, black metal sinfónico, metal core, é uma salada total com coisas que já estão completamente fora daquilo que eu reconheço como metal.

E em relação às gerações mais jovens, o que me têm dito é que no Porto há uma série de bandas novas e há movimento e maior facilidade no acesso à música... É um mundo completamente diferente... O porto tem uma cena underground melhor que Lisboa, com malta mais nova e com bandas mais ligadas àquilo que eu gosto thrash anos 80 e black metal mais bruto à anos 80; aqui em baixo, houve um movimento heavy metal clássico que teve várias bandas fixas, Midnight Priest, mas também não são de cá, Almada sempre esteve mais ligada ao hard core, embora Thomentor sejam da margem sul ou Brain Dead. *No Barreiro, também havia muita gente...* Sim, lembro-me de ir beber copos para lá.

Achas que estas novas gerações vivem o metal da mesma forma? Não sei, da mesma forma, é impossível... O contexto histórico é completamente diferente? Histórico e mesmo metálico.

ANEXO 16 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 13: Tiago

(realizada a 16 de outubro de 2021)

Entrevistado 13: Tiago

Idade: 45 anos

Sexo: masculino

Naturalidade: portuguesa

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: Licenciatura em História

Atividade/ ocupação profissional: agente de atenção ao cliente em empresa de import/ export

Profissão pai/ mãe: professor de Sociologia / administrativa

Localização geográfica: Lisboa- urbano; atualmente vive na Holanda desde 2017

Divisão de Weinstein: faz parte de duas dimensões (artistas, audiência)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

Por acaso é uma conversa recorrente que eu tenho comigo próprio, lá está é um bocadinho reminiscência, eu faço imenso isso, portanto tocaste num ponto engraçado. Pensei muitas vezes como é que comecei e ocasionalmente falo sobre isso com os amigos ou com quem perguntar. Porque acaba por ser uma conversa que já vai longa um bocadinho, já começa a ser uma data de anos, uma história comprida. Estou com 45, quase 46. Sou de 75. Aliás a minha idade até tem eventualmente um bocadinho um fator mais tarde num subgénero do metal que surgiu com pessoal da minha idade que não tinha para onde cair. Basicamente, e isso não se fala muito até, é pena! Mas a génese, como é que eu comecei. Eu acho que muita gente da minha idade ou mais velhas do que eu eventualmente...vou saltitando entre o passado e mais à frente para contextualizar. Quando comecei a estar

mesmo, a frequentar sítios e a ir a concertos já tinha uma certa idade, mentira tinha 16 anos. Mas até chegar aquele à vontade e estar no meio daquele pessoal que ouviam aquele tipo de música e nos ambientes e nos sítios que eram frequentados. Mais tarde podemos lá ir se quiseres, e tenho a certeza que quem viveu em Lisboa vai falar sobre isso. O que eu queria dizer é que esse pessoal que eu conheci nessa altura, que eu devia ter os meus 16, entre os 16 e os 21 aos poucos foram desaparecendo. Pessoal que era de 60s, meados de 60, 65 66 68 por aí, pessoal que era uns 10 anos mais velho que eu, portanto eu sou de 75, entre a 65 a 75, havia imensa gente de 72 e 73, que se safou, entretanto, à tropa, mas mais tarde haverão de lá ir (é só um pequeno à parte).

Mas que desapareceu como? Desapareceu da cena do metal? Ou desapareceu por causa das drogas? Sim, porque é que o pessoal desapareceu? Porque também foram ficando mais velhos, tinham outros interesses, a música foi mudando, as bandas que tocavam não eram as mesmas. Acaba por...mas lá está, estamos a saltitar de um lado para outro, para ti não é problema?

Primeiro perguntava-te os teus antecedentes, contexto familiar, em termos de contexto familiar os teus pais ouviam música em casa? Que género de música ouviam? Porque muitas vezes também tem a ver com a aprendizagem musical que nós temos, se o ouvido está confortável para ouvir diferentes tipos... Sim, percebo perfeitamente. Podia ter sido uma influência, penso que não foi assim tanto, mas acabou por ser uma introdução. Isso tudo retrospectivamente acabou por ser o começo, não faz sentido nenhum. Mas em retrospectiva se pensarmos, ah sim foi assim que eu comecei. A minha mãe separou-se quando eu tinha 18 meses e fomos para França e basicamente teve-me porque eu tenho uma irmã mais velha e ela queria ter as duas crianças com o meu pai. E, entretanto, já não gostava do meu pai há uns tempos, mas ainda era nova, deixou de tomar contraceptivos e pronto teve-me. Basicamente o objetivo dela era ter dois filhos com o mesmo pai, entretanto apaixonou-se por um francês e fomos para França. E é em França que eu tenho mesmo mais, ou seja, não tenho o que outros amigos do metal têm ao terem crescido, as referências e as coisas que viveram. Eu tenho umas coisas diferentes o que acabam também por ser um bocado interessante, mas a integração no meio, naquele meio para mim foi um bocadinho mais complicada.

Viveste em França até que idade? Fui aos 18 meses e fiquei lá até 88-89. Ou seja, mesmo numa altura em que não sabia muito bem para onde a coisa ia. (Já vamos a essa parte senão torna-se complicado. Voltando à tua pergunta, a minha mãe ouvia, como muitos pais que nasceram pós segunda guerra mundial, muita gente gostava dos Beatles e a minha mãe por acaso não tanto. A minha mãe curtiava muito mais Pink Floyd e Pink Floyd acaba por ser daquelas bandas que são postas dentro de um contexto proto metal. Assim como Black Sabbath e são precursores desse som. Black Sabbath para mim foi mais tarde e foi em casa do meu avô a ouvir bobines quando ia passar férias. *Então quer dizer que tiveste contacto com a música muito, muito cedo? Porque a tua mãe costumava então ouvir Pink Floyd, que também já é algo diferente, não é?*

Sim, é um bocadinho fora, não é aquela base de Beatles, não é um bocadinho mais para além disso. E para além disso a minha mãe ouvia também música de intervenção. Sendo que quando eu nasci ela ocupou uma casa, a casa que é a casa da música do Terreiro do

Trigo. Acho que nunca te contei isso, mas estava na barriga dela e, basicamente, só para teres mais ou menos uma noção de como era a minha mãe. Porque acabou por ser uma grande influência, não só na música, mas não na música diretamente porque ela não conhecia nada desse tipo de bandas. Mas acabou por ser uma ajuda para ouvir muito mais coisas, ser mais aberto em relação a muito mais coisas à minha volta. E aí sim, a minha mãe é uma grande influência. E Pink Floyd acabou por ser uma influência desse género. Mas sobretudo a minha mãe mais do que Pink Floyd, Pink Floyd acabou por ser mais tarde aliás. Tipo, era porreiro e tal, mas nada de especial. Eu fui mesmo cavando a minha coisa com algumas influências, algumas coisas, mas depois consegui sempre procurar um rumo.

Então com que idade é que tens o primeiro contacto com o metal? O metal ou o hard rock, neste caso estou a englobar tudo. É isso que eu queria dizer em relação ao pessoal que nasceu nos anos 60, direi mesmo entre os anos 60 e 75, são para aí 15 anos em que estive com pessoal que estava mais dentro do punk, o punk rock, o punk de 77. Portanto temos que começar por aí porque não é metal logo. *Isto já em Portugal?* Em Portugal ficou mais refinado, mas já em França era assim. *Então nessa altura terias uns 10 anos?* Então, a minha mãe ouvia isso e música de intervenção, música de intervenção que era... Bolas não me lembro, era um conjunto. Chamava-se conjunto qualquer coisa, era um bocado conhecido, há muita gente em Portugal que já se esqueceu ou que não conhece. Mas é basicamente música de extrema esquerda ou de esquerda. E a minha mãe sempre foi comunista, sempre seguiu e sempre foi assim. Acabou por ter sempre uma abertura de espírito em relação ao mundo e em relação à minha escolha, à minha liberdade que é fundamental para a compreensão da tua pergunta.

Eu não fui, portanto para a cena comuna, fui mais para a cena punk. Porque, pronto, a música era um bocadinho melhor e era mais mexida basicamente. E o punk rock é basicamente *rock n roll* mais *apunkalhado*.

Mas acho que muita gente e mais velhos, do que eu, tiveram todos uma grande influência do punk, o punk influenciou muita gente dentro do metal. E isso é uma coisa que não se pode separar. Então há muita gente que eventualmente, anos mais tarde estava eu num bar ou num concerto e vejo pessoal com t-shirts de Ratos de Porão ou numa cena punk, seja qual for, coisas bastante básicas até. Não eram muito rebuscadas até porque o pessoal não tinha, não havia muita escolha e não havia muito dinheiro.

Ou então tinham uma tatuagem meio ranhosa feita numa coisa qualquer com o A de anarquia. Pessoal que começou com punk, mas que foram ouvindo assim Iron Maiden, foram ouvindo clássicos, bandas desse género, que saíram um bocadinho da coisa do proto metal por Pink Floyd, por Black Sabbath e por essas bandas todas, Led Zeppelin e Iron Butterfly, Iron Claw. Mesmo até cenas também prog, prog rock e coisas assim que influenciaram de certa forma tudo isto.

Eu pessoalmente fui punk e depois foi logo Motörhead, ou seja, o tipo de som que era praticado. O heavy metal é quase que rock clássico, pode ser muito rápido, pode ser bastante pesado. Mas não tem aquela energia que é aquele punk de 82 ou bandas que ficaram influenciadas por esse punk de 82 que é já muito, muito mais metal. Temos que nos lembrar disso. Isso influenciou depois também um subgénero dentro do metal que foi

a primeira vaga de black metal. Muito vem do punk, aliás de uma banda que se chama Discharge por tocarem o mesmo tipo de riffs de bateria que Motörhead, basicamente Discharge é Motörhead só que com um som mais punk, mas a bateria é muito parecida, tal e qual. Então por se chamar Dbit, Dbit dentro do punk influenciou muita coisa.

Há quem ponha Motörhead na New Wave de British Heavy Metal, não sei se concordas?

Eu não considero Motörhead heavy metal, é uma banda de rock n roll que simplesmente toca mais rápido e mais alto. Isto foram coisas que a mim me influenciaram, a minha trajetória foi do punk, saltou a cena toda do heavy metal e passou... *Que género de punk? Sex Pistols ou outras bandas menos conhecidas, bandas francesas?* Ouvia Sex Pistols. Também na altura tinha uns 7 ou 8 anos e vestia-me e andava totalmente à punk, estava na primária e estava bastante a cagar para tudo. Aos 11 anos tive uma crista, durou um mês (risos). Era um puto com pinta e estilo, pintava o meu blusão com o pouco que tinha e tínhamos pouco dinheiro. O som que eu conseguia arranjar era de um namorado da minha irmã, depois fui conhecendo através de... Ele apresentou-me The Cure e coisas desse género quando eu tinha 10 anos, era muito fixe, mas não era a minha cena. Depois ele passou-me Erreur les Noire, algumas bandas punk e ska punk francesas. Rapidamente, porque não estava contente completamente com esse som, queria uma coisa mais forte, mais pesada e mais rápida. Queria sempre qualquer coisa mais rápido. Se era lento era muita seca e já estava a apanhar seca, tinha que ser alguma coisa com energia e era assim. Fui conhecendo Sex Pistols, Ramones, mas fiquei mais apegado a Ramones, rapidamente depois fui conhecendo Richard Hell and the Voidoids, Blind Generation, MC5, Stuggies, proto metal, a cena mesmo primordial de punk, e isso é o punk de 77.

Mas consideras por exemplo que Motörhead pode ter sido o clique para ti, o isto é que é?

Basicamente foi, mas não era suficiente ainda. Porque as primeiras coisas que eu ouvia até foi Gene Vincent, o gajo que escreveu Be-Bop-a-Lula e Race with the Devil e para mim é um dos gajos primordiais gajos do rock n roll, nada do Elvis e isso. É rock n roll, é aquilo que deu origem ao rock a billy, rock de 50s, rockabilly. Curti blues e algum jazz, mas fui sempre procurando coisas que para mim tinham de ser mais altas, mais pesadas, tudo mais rápido e mais agressivo. Isso também de certa forma acho que era para exteriorizar como muita gente a frustração, estar zangado, estar na situação em que as coisas podiam correr melhor ou porque a relação com a minha irmã podia também ser melhor. Tive uma relação muito pobre com ela.

Porque acho que são vários fatores, estou simplesmente focado na tua pergunta, todos esses fatores, não foi só música. Não foi só o blues ou o rock n roll, rock dos anos 50, 60, toda essa influência, todo esse crescimento dentro da música e toda essa evolução. Acho que também o que havia em casa, o facto de estar em casa, várias coisas. Não conseguir atinar na escola, por exemplo.

Na escola primária, falaste na escola primária, já tinhas um grupo de amigos como tu? Que se vestiam dessa forma e que ouviam o mesmo?

Não, aliás continuo isto tudo bastante sozinho, mesmo com quase 46 anos. Com algumas pessoas que entram na tua paragem, depois vão descer noutra. Como tu vais descer na outra paragem, na camioneta de outra pessoa. É uma analogia assim meio estúpida!

Quer dizer que a tua primeira influência foi então o namorado da tua irmã? Foi ele que começou a mostrar-te alguma música a partir dos teus 9 – 10 anos? Não, são vários fatores mais ou menos ao mesmo tempo. Sim, sem falar do ambiente familiar, da tua mãe que já ouvia. Mas para a música que te levou depois para o metal, também gostas de punk, mas para o metal em geral, terá sido num contexto ou ambiente familiar. Descobri Black Sabbath em bobines, é engraçada a história. Foi em casa do meu avô. Eu vinha a Portugal de férias, para visitar o meu pai, para visitar a família. Eu estava em França na altura e trazia algumas coisas de lá, alguns sons. O meu avô tinha uma data de vinis, sobretudo jazz, coisas bastante chatas, mas que eu fui papando aquilo tudo, música clássica. Tudo o que era vinil, tudo o que era cassete, ouvia tudo. Então acabei por ter, acho que tenho, um bom conhecimento musical das coisas. Pois acabas por ter um espectro bastante alargado. Sim e que te abre bastantes horizontes, apesar de queres sempre uma coisa que é rápido e mais forte, mais pesado, etc.

O que é que atraiu então num primeiro momento? Dizes-me que procuravas sempre sons mais rápidos e mais agressivos. Terá sido a agressividade do som? Sim, claro. Obviamente. Mas voltando à tua pergunta. O meu avô tinha as tais bobines e tinha um sistema de som em toda a casa. A casa foi construída na altura de Salazar, para famílias grandes no Restelo. Entretanto, muitas famílias até que nem tinham muito dinheiro foram lá parar. Alguns até se deram bem na vida. Mas nem toda a gente ali no Restelo era rico. Não era o caso da minha família, a minha família estava bastante bem. O meu avô tinha dinheiro para comprar televisão, foi dos primeiros na zona a ter televisão e também carro. O meu avô, pai da minha mãe, acabou por ser uma influência. Indiretamente também, um bocadinho como a minha mãe. Porque ele tinha bobines dos meus tios, Black Sabbath, Led Zeppelin, Chicago, Iron Butterfly, que já tinha dito há pouco. Simon & Garfield também no meio daquilo tudo, mas tinha Black Sabbath!

A casa era enorme, tinha o sistema de som instalado em todo o lado, até na casa de banho! A casa era bué colonial, com muita madeira, com cabeças de animais nas paredes, ele era coronel. Estás a ver a coisa! Eu adorava aquele gajo, aliás o meu nome João é por causa dele. Era uma pessoa que já sabia de ocultismo, falava várias línguas, era assim uma biblioteca ambulante. Ele é que me explicou como montar as bobines, aquilo não era muito complicado, mas acho que fazia parte da cena de ser avô e explicar a coisa. De repente começa a dar chuva, imensa chuva a ouvir-se por toda a casa, era o início de uma música de Black Sabbath, começa com uma cena de chuva omnipresente, os sinos a tocarem e depois os primeiros riffs.

Então não foi Motörhead, foi Black Sabbath?

Foi Black Sabbath a primeira coisa que ouvi mesmo metal. Mas sabes porquê? Porque a sensação foi como ver um filme de terror. E é isso que é o metal, é esse tipo de sensação que te traz. Que raramente outros estilos musicais te conseguem trazer. Black Sabbath foi

brutal, mas mesmo assim não era rápido o suficiente, só algumas músicas. Pronto, ficou o bichinho!

Eu tinha para aí oito anos, mas só mesmo mais tarde, porque eu gostava das vozes mais ríspidas. Aquilo apesar de ser a voz do Ozzy, acaba por ser bastante heavy metal ou proto metal. Acabou por influenciar muitas bandas de heavy metal com certeza.

Foi a influência da minha mãe, descobrir cassetes e alguns vinis que ela tinha de Pink Floyd. Não me lembro bem ao certo o que é que foi primeiro. Motörhead sei que foi um bocado depois, sei que Black Sabbath foi antes, Led Zeppelin, Pink Floyd e tudo isso. Aliás eu durante muitos anos pensava que a banda preferida da minha mãe era Beatles e só há uns 10 anos é que descobri que era Pink Floyd. A minha mãe fala de Beatles quase como se fossem betos, não são, mas quase como se fossem. Pink Floyd é que é a banda preferida dela. Sempre foi muito mais interessante, que é bastante progressivo até. É muito mais interessante aliás, bem Beatles também tem as suas coisas.

Fui descobrindo assim em casa, vivendo em casa da minha mãe, porque era puto e vivia com a minha mãe. O meu pai tinha pouca música, ele sabia era tocar música. Tocava guitarra, mas não sabia muito bem, era assim tipo musiquinha dos anos 60 para engatar gajos à volta da fogueira com marshmallows, nessa onda. A cantar Simon & Garfield. Acho que foi assim que ele apanhou a minha mãe. Ela caiu que nem um patinho. Portanto foi assim, com umas bobines a ouvir na casa toda Black Sabbath, não era aos berros mas era a casa toda com altifalantes. E Pink Floyd!

Depois interessava mais uma coisa mais interessante, mais moderna. Também toda a gente ouvia punk, estamos numa fase em que o punk teve um reforço, sendo que teve uma influência do metal. Que é o punk de 82, o que eu estava a falar relativamente a Discharge e isso. Isso interessou-me muito mais. Como estava um bocado na berra na altura, portanto, estamos a falar em punk de 82, como a data indica, eu estou a falar é por aí por 83, 84, 85. Para mim no contexto Discharge, estava só a ouvir isso, era um bocadinho puto para ouvir aquilo.

Aos 12 anos fui para Áustria descobri, não, já conhecia Metallica, descobri aos 12. Foi mesmo brutal revelação. Uma coisa que é esquecida é que Metallica dessa altura não tem nada a ver com o que é hoje em dia, não tem mesmo nada a ver.

É que hoje em dia também tentam classificar as bandas e esquecem-se que alguns álbuns são de um género, outros álbuns são de outro, não é? E que foi uma banda que influenciou imensa gente. Só de pensar nisso acho que depois desta entrevista vou ouvir provavelmente Metallica porque estou a sentir o bichinho. E vais ouvir o Kill Them All não é? Os dois primeiros ou os três assim de seguida e pronto. Porque estão muito bem feitos, seja o que for que se diga de Metallica, são mesmo uma banda brutal. Na altura quando lançou os primeiros álbuns, os primeiros três, quatro. Para mim são os três, sobretudo o segundo e o terceiro, aí já estavam mais maduros. Isso foi uma brutal influência, muito rapidamente começo a entrar mesmo. Logo a seguir é Sodom, é Kreator e muitas bandas alemãs. Ficou para mim muito mais o som do thrash metal alemão dos

anos 80s do que as bandas americanas. São poucas as bandas americanas, Metallica sim. Slayer o primeiro álbum, depois o resto nem me diz nada, gosto de um EP ou outro, mas só ocasionalmente. Mas estou a falar mesmo de álbum que ouves do princípio ao fim, sem te preocupares com as letras. Mas ouves o álbum, simplesmente porque o álbum é bom do princípio ao fim. Tens muito poucos álbuns em todos os géneros, é muito raro. Acho que aquela foi uma época em que tens imensas coisas.

Um álbum é como se fosse um livro um pouco, não é? É um bocadinho, sobretudo porque nessa altura havia muito cuidado com as capas. Ainda há muito cuidado, ainda continua a ser assim. Isso acabou por ser uma parte desse universo, a questão das capas. É como a posição das músicas, não? Qual a que fica em primeiro, em terceiro? Sim... Como King Diamond fez isso e como provavelmente outras bandas fizeram. Mas King Diamond é a referência porque fez imensas coisas conceituais. As tuas primeiras bandas, resumindo, já falámos de muitas bandas. Black Sabbath, Motörhead, Metallica, Discharge... Discharge, JPH, Chaos UK... Depois as bandas de thrash metal alemão, Sodom, Kreator... Living Dead... Slayer? Metallica era muito, muito bom, mas aquilo que eu mesmo procurava como som, por causa do punk também, vinha cheio de punk na cabeça. Metallica sempre foi para mim demasiado clean, com uma produção demasiado limpinha. Muito porreiro, que todo o pessoal do metal goste e aprecie. Eu não, eu queria uma coisa mais suja, que eu acho que acaba por ser mais verdadeira. Mais próxima do...

Isso encontravas no thrash metal alemão?

No alemão, mas também por exemplo tenho aqui Hell Hammer, Celtic Frost, isso também. Não é propriamente só de um país, é todo um género que cresceu e que foi-se desenvolvendo. Há também bandas do Canadá. No caso de Americanas gosto de Possessed, gosto de algumas coisas. Depois há Razor do Canadá.

Possessed já estão a ir para o death, não é?

Sim, é aquilo que eu tinha dito há pouco, algumas bandas fizeram isso um bocadinho antes do tempo, Por exemplo Repulsion que é provavelmente uma das primeiras bandas de grind, já fazia as suas coisas em 86. Mas era muito à frente, ninguém ouvia aquilo nessa altura. Acaba por se sentir uma influência punk naquilo tudo. Posso estar a complicar, mas pode ter a ver também com as batidas, a maneira como eles vão fazendo as suas batidas na bateria. Acaba por funcionar e ficar uma coisa bastante agressiva e não estavam mesmo à espera daquilo, ficou assim e gravaram, isto só porque estou a falar de Repulsion.

Nessa altura já ouvias grind? Não, foi mais tarde.

Os teus primeiros concertos foram em França ou já aqui em Portugal? Massacrare é uma banda superconhecida de thrash de França, é superconhecida, mas já não me lembro do nome, é uma blasfémia não me lembrar, é superconhecida. Era demasiado novo. Foste sozinho ao concerto? Foste com quem? Fui com o namorado da minha mãe e uns amigos. Já devia ter uns 12 anos. A cena foi introduzida muito rapidamente, aos poucos fui

arranjando umas cassetes, conseguia que pessoal me gravasse coisas. E esse namorado da minha mãe, esse por acaso acabou por ser a influência mais direta. Porque introduziu-me a hard rock, e a algum heavy metal. Mas lá está a voz era demasiado heavy metal, a voz aguda. Eu sempre gostei das coisas mais ríspidas, mais cruas e mais sujas. Por causa do punk, eu acho que é a influência do punk.

Aos 12 anos já estavas em Portugal? Não, ainda não. Fiquei até aos 13 – 14 anos, regresssei quando ia fazer 14. Fomos passar férias e quando estávamos de férias soubemos que já não íamos voltar. Nem disse adeus aos amigos, foi assim um drama. Ainda por cima com um adolescente. O facto de ter regressado a Portugal, um país que não conhecia e que não falava a língua. De repente, toda a cena mais obscura, os sentimentos mais obscuros que eu tinha, mais lixados, mais zangado com seja o que for da altura. Porque a minha irmã era assim. Porque detestava o liceu francês em Lisboa já. Porque achava as pessoas completamente pedantes e betinhos. Os franceses eram mais porreiros, era gente mais terra a terra, estão a cagar-se para marcas e consegues ter uma conversa. Então havia mesmo um choque cultural entre Portugal, com qual eu não sentia quase nada, ou mesmo nojo quase. Lisboa e Portugal foi melhorando muito desde os anos 90. É mesmo nessa altura de 89 que coincide com os meus 13, 14 anos. Acho que a entrar mesmo na adolescência, regressas a Portugal, todos esses fatores. Depois começar a ter más notas porque não te consegues integrar-te na escola, porque achas tudo estranho, porque os transportes são uma merda. Não sei se já apanhaste o 23 de Algés às Amoreiras, é uma merda! Isso não ajuda! Quando mudámos para as Olaias e lá conhecia pessoal que estava Chelas. Aí fui introduzido a pessoal que parava na escola, ou depois da escola. Já tinham 16, 18 anos, ainda estavam na escola secundária e alguns já não deviam estar ali. Não eram nada sociais, na cena do metal. Aliás tu tentavas falar com alguém e a pessoa quase que te oferecia porrada. Eu tenho uma pequena história com o D., de Sacred Sin, que é um amor de pessoa. É uma pessoa que me conhece há imensos anos por acaso.

Para contextualizar morei primeiro em Algés, depois no Restelo, foi aí que eu conheci imenso pessoal punk e metal, foi num verão. Conheci a minha primeira namorada.

Fora da escola? Na escola havia algum pessoal do metal com quem eu comecei a falar, começas a ver as t-shirts. *Mesmo no Liceu Francês?* Sim, também havia pessoal, mas era muito pouco. Era pessoal que ainda só estava a deixar o cabelo, havia uma ou outra t-shirt de Antrax, mas depois com a camisa de flanela mais a tapar a cena. Não era a mesma dedicação...

Depois fui viver para Olaias, fui para a escola pública, fica ao pé de Chelas. Em Lisboa as zonas são divididas por pessoal do metal. Não sei se já te falaram nisso?

Tinha péssimas notas, não percebia nada de Português, mas estava numa onda de não admitir nada a ninguém. Aí estava numa onda mesmo, sou do metal, estou-me a cagar.

Já tinhas um grupo de amigos?

Não, nem por isso, dava-me só com dois gajos, que eram de outra turma, eles eram mais velhos ou repetentes. Não me lembro dos meus colegas, eram mais novos.

Começaste a exteriorizar pelo vestuário muito cedo?

Aos 14 já tinha o cabelo comprido. Já abaixo do pescoço.

Já tinhas um grupo de amigos mesmo fora da escola, com quem saías? Do que é que falavam? Não, nem por isso, havia dois gajos, mais um terceiro que não se dava com eles. Os outros eram assim um bocado brutos, eram boas pessoas, mas tinham brincadeiras demasiado agressivas e eu não curti muito isso. Curtia metal, mas eu sempre fui mais sensível, havia certas brincadeiras que eu não achava muito piada. Partidas com o cabelo, cuspirem, mosh, cenas de putos. Os gajos tinham esse carinho que não vêes noutros grupos, havia um certo carinho por sermos do metal.

Começaste a sair à noite cedo? Ligações ao álcool e às drogas?

Conheço isso tudo. Saídas à noite e drogas na escola, não comigo. Estava numa escola mais ou menos, mas estava muito perto de Chelas e António Arroios, havia muitos roubos. Saídas à noite ainda era cedo, não se proporcionou era muito novo para isso. Mais tarde, comecei a sair com 16. No concerto de Ratos de Porão em 91, em Almada, com o pessoal da escola. Anos mais tarde houve Cannibal Corpse também no Incrível Almadense.

Como foi a tua experiência nesses primeiros concertos?

Um dos fãs, em Ratos de Porão, saiu de lá em coma. No final de 80s e início de 90s havia o declínio de um tipo de som e o início de outro. O que levou a que certas pessoas deixassem de aparecer e outras comesçassem a aparecer. Depois as bandas também, umas desistiram outras surgiram. O primeiro concerto que fui mesmo grande foi esse de Ratos de Porão. Vi Iron Maiden com Antrax antes, em 89 talvez.

Guns em 92, Metallica em 93, Sepultura, tu foste a esses todos? Sim.

E como foi a experiência? Há quem compare o concerto com o ir a Meca, como foi para ti? É abuso de álcool e de tudo, mas sempre numa onda de festividade. É um bocadinho como um festival, mas só num dia. Nas idas aos concertos fiz muitas amizades sim. Não é no concerto em si, mas nas idas aos concertos. Passar no cacilheiro para a Almada, a subida para o Incrível, há um grande ambiente de festa. Há imensa gente que não conheces, mas há gente que já conheces de vista de outros concertos. Depois o cheiro, o ambiente, eu como tinha dificuldades no português às vezes não percebia tudo. Esse concerto de Ratos era só cerveja no chão, tudo a cair também. Nos outros concertos sentia sempre esse ambiente de festa e intensidade. Talvez não em Sepultura que acabou com a porrada com a bófia.

Violência? Esses concertos eram muito mais violentos e agressivos. Disseram-me que havia pessoal a dar caldos nos concertos, havia porrada? Sim, aquilo que falei há pouco de brincadeiras parvas tem um bocado a ver com isso. Eu comecei a dar-me com

peçoal mais velho que já tinha outra atitude, tinham entre 5 a 10 anos mais que eu, protegiam-me mais. Eles eram protetores porque eu não percebia bem o português e eles protegiam-me.

Sentias-te marginalizado quando andavas na rua? Olhado de lado? O que pensavas disso?

Sim, já sentia isso em França. Acho que no fundo é uma de mostrar confiança em ti próprio, uma certa forma de afirmação pessoal. *Já estavas habituado?* Não iria tão longe. Acho que te afeta sempre, porque ninguém é completamente seguro de si próprio. É bom haver uma certa margem de concretizar se também não estavas a levar a coisa longe demais, o que chegou a acontecer na fase punk. Nunca tive problemas em casa com isso, o meu pai não gostava muito, mas como não vivia com ele tinha pouca voz na matéria. O meu avô e a minha mãe eram cool. *Alguma vez ouviste comentários dos pais dos teus amigos? Tipo drogado ou isso?* Chunga! Para muita gente nessa época, estamos a sair dos anos 80 e entramos nos 90 que é muito mais sóbria na maneira de vestir e na música. Comigo não aconteceu, acho que pela educação que tive, a minha mãe passou-me valores brutais. *E na rua? Sentias isso em relação à sociedade em geral?* Sim, houve uma altura em que precisava mesmo de perguntar as horas a alguém. E a senhora começou a afastar-se e a segurar a mala. Sempre prestei atenção em ser educado e cordial. Sempre cedi o lugar no autocarro. Não podias confiar em pessoal que estivesse mais envolvido na droga, o pessoal não se misturava. Depois há um certo respeito entre o pessoal do metal, portanto não pode acontecer roubar um irmão do metal para a droga por exemplo. Depois há a questão do cabelo, para arranjares trabalho ou seres aceites num curso, tinhas que cortar o cabelo. Havia pessoal a tirar cursos técnico profissionais, havia pouca gente com o 12º feito. Em relação à discriminação não podemos esquecer e que continua, apesar de já não ser como era. Para tu persistir dentro desse género, tens de ter a possibilidade de não ter de abdicar dessa liberdade de vestir. Para mim ter liberdade é uma das coisas mais importantes, consigo isso através da música. A música é uma coisa mais primordial e mais direta para ajudar a extravasar. Saber que eu posso explicar a alguém que não sabe nada de metal, basicamente o que este tipo de música é, a razão pela qual vais gostar da música, o que nós sentimos, que somos discriminados. Porque é que gostamos, porque vestimos preto, explicar que tem a ver com as sensações. Não vale a pena haver uma discriminação. Ao mesmo tempo não banalizar tanto, porque tem a ver com o medo do que não se conhece. Tem a ver com o querer chocar.

Acerca das mulheres, conhecias raparigas ligadas ao metal? Eram levadas a sério?

Infelizmente as miúdas não eram levadas a sério. Ainda hoje se sente isso. Havia umas quantas, ou eram imensamente respeitadas, quase como irmãs. Mas a miúda tinha de ter uma personalidade muito forte. Na zona do Lumiar três miúdas, quatro, cinco anos mais velhas que eu. Essas eram mesmo muito respeitadas. *Elas tinham conhecimento musical?* Acho que não. Acho que se estavam a cagar.

A pergunta que alguém faz normalmente é: Ouves o quê? Conheci a T. num concerto de Nameless, o concerto foi muito mau, ela não estava vestida muito metal. Os meus amigos

gozaram com a t-shirt da miúda, eu não gostei muito. A comunidade masculina metaleira tinha atitudes muito ridículas e estúpidas relativamente às mulheres. Era um faroeste porque havia poucas miúdas. Eu fui uma vez confundido com um gajo, confundiu-me com um gajo por causa da ex-namorada. Era muito complicado, o pessoal não integrava as miúdas de forma alguma, conhecia-se só mesmo pelo conhecimento das bandas. Acho que também tem a ver com o facto de não ser em Lisboa ou no Porto. Lisboa não é assim. Devia ser pessoal já mais consciente. É quase como uma cena de moto clube, de gang, é quase assim.

As pessoas com quem eu tenho falado dizem que as mulheres acompanhavam com eles... Não acho que fosse sempre assim. Não concordo, em final de 80s e início de 90s não tens nada disso. Depende depois do contexto, não sei quando. Nunca se viu muita heterogeneidade nas bandas, concordas? Sim, concordo. Aqui na Holanda eles têm imensos miúdos metaleiros a estudarem música, e vê-se também raparigas a sair formadas em música. Uma delas até é bastante nova e estava a namorar com o vocalista de Suffocation há pouco tempo.

A mulher na minha experiência era vista de uma maneira diferente. Há uma distinção entre esse pessoal que desapareceu, que tinham poucos estudos. Esses deixaram de aparecer. Havia muito pouca gente com formação superior nessa altura. Depois as coisas foram melhorando, também estando ligado à educação. Quando esse pessoal deixou de aparecer a forma como a mulher era tratada nos grupos foi mudando. Estamos a falar de pessoal com uma maneira de ser e de agir do que a maneira do metal que conhecemos atualmente.

Falando da música em si há algum subgénero pelo qual tenhas preferência hoje em dia? Quais são as tuas bandas favoritas de sempre?

Mais géneros, depende da altura, há um ano atrás estava numa de ouvir uma banda específica, não me lembro o nome. Não tenho bandas favoritas, as bandas que eu tenho mais consideração, há certas coisas que eu não digo e não digo que sou fã. Está tudo relacionado com a questão da liberdade, não sou fã. Aquilo que eu ouço assim é Bathory, Morbid Angel, Mötörhead, Hell Hammer, Celtic Frost...ouço tanta merda. Tenho um projeto a solo desde 96 que é Dark Ambient. Aquilo que eu ouço mais é Dark Ambient e Black Metal. Depois tento ouvir de tudo um pouco, quando sai algo novo, novos álbuns vou checar um bocadinho. Ouço de tudo. Desde Duke Helington passando por Bad Brains até Sadics Execution e David Bowie. Aliás Metal, Metal ouço pouco. Não ouço quase nada de metal.

Como é ou como é que a música te faz sentir?

É completamente subjetivo à situação. Mas no início estavas-me a dizer que sempre foste muito rebelde. Talvez também quando regressaste a Portugal, para canalizar sentimentos. Porque há autores que referem isso, canalizar sentimentos de raiva, de frustração, de angústia. E o metal por ser uma música agressiva muita gente diz que

acalma? Sim, essa pergunta que se faz muitas vezes. As percepções vão mudando porque os tempos vão mudando, as pessoas vão mudando também e vão envelhecendo.

Hoje em dia, quando ouves por exemplo Morbid Angel, o que é que te faz sentir? Sabes é uma cena tipo a parte toda masculina, que normalmente não exponho tanto, do género isto é mesmo empowerment, é uma subida de testosterona, faz-te sentir com confiança, faz-te sentir com capacidade de enfrentar merdas. Acaba por ser uma coisa positiva, mesmo muito positiva, acho que as pessoas deviam ouvir metal mais vezes.

Pôr música nos ouvidos e pegar na bicicleta enfrentar o frio e a chuva. A música em si e o metal ou a música alternativa, não tem que ser só metal. Para mim e para muita gente é metal ou ouvir black metal, depois os subgéneros. É como ler um livro. O lado do oculto que nos atrai.

Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Sim, sou o pior baixista que deve andar por aí. Sou vocalista também. Estou em Oculuum, estive durante um ano em Disaffected como vocalista. Mas estive em montes de bandas, desde 92.

Em relação às letras, prestas muita atenção às letras? O que é que é mais importante para ti, é as letras, o som, o conjunto?

Tudo, eu sou vocalista, portanto tento sempre escrever alguma coisa interessante. No que eu ouço depende das bandas, dependendo do conceito. Por exemplo Cradle que se debruçou sobre o tema do vampirismo durante muitos álbuns. Motörhead o tema é rock n' roll e é aquela imagem. ZZ Top também tem a sua cena. Falando assim em exemplos mais berrantes. *Depende então das bandas?* É só mesmo por exemplos. Depende, Slayer estou um bocado a cagar para as letras. Sei que o gajo de At the Gates escreve muito bem, outro gajo que escreve muito bem é o de Paradise Lost. Suffocation tem letras brutais, é uma banda muito à frente do seu tempo em 91. Depende muito das bandas. *Se for uma banda que nas letras tenha pressupostos com os quais não concordas continuas a ouvir a banda?* Não, isso acho que não. Há certas coisas que não tenho que aceitar. Coisas que por exemplo vão contra a liberdade, tão simples quanto isso.

Achas que este género, a subcultura em si, todo este mundo teve influência em ti como pessoa? Cresceste e nunca deixaste de ouvir, portanto faz parte do teu percurso de vida? Sim.

Quais os principais valores e ideologias que estão associados para ti. Embora saibamos que há bandas que são mais de direita, outras de esquerda... A conversa é tão vasta e há tanto para dizer. E é difícil dividir os temas todos, é extremamente difícil. Vamos falar só mesmo de metal, há uma máxima que diz que isto não tem nada a ver com política e não deveria haver política. Como no rock n' roll, acho mesmo que o Lemmy dizia isso, política não tem espaço dentro deste mundo. Eu concordo com isso. Só posso concordar.

Mas há pouco disseste que se houvesse bandas que tivessem letras com ideologias com as quais não concordas que se calhar não irias ouvir, portanto a política está sempre

presente? Sim. Há sempre um bocadinho de política em tudo. Quer queiramos ou não. O facto de eu estar a falar de liberdade acaba por ser já um bocadinho política, que é uma merda, porque não deveria ser, aquilo que eu quero mesmo sentir em relação à música é essa forma de pura liberdade que não tenho em mais nenhum outro lugar. Se as letras tiverem mesmo um sentido em que, as letras falam de coisas, depende das bandas, às vezes acaba também por ser uma coisa secundária. Tens Cannibal Corpse que acaba por ser uma história, uma BD.

Mas em termos de ideologias também me falavas há bocado da tal irmandade que existe entre o pessoal do metal. Ou que supostamente deveria de existir. É pelo som e não pelas letras. Há uma música de Helloween que é um bom exemplo, o que o pessoal dos anos 90s era. Eles têm sempre músicas sobre liberdade, a ideologia do metal para mim deve ser assim. Senão acaba por ser sempre política, porque a meu ver isto tem a ver com liberdade.

O que é que achas das pessoas que gostam de criticar outros géneros musicais para fazer sobre valer o metal? Quem goste de criticar outros géneros musicais. As pessoas devem criticar o que querem criticar e não deveríamos ter problemas relativamente a isso. Deveríamos era ter capacidade de aceitar a crítica. Mas isso é em relação a tudo. Fazer isso é completamente ridículo. Se alguém dentro do metal faz isso, não há ninguém acima de ti, nem há ninguém abaixo de ti. O metal parte desse princípio. *Para ti o metal deveria refletir, deveria ser um sinónimo de liberdade?* Sim e sem problemas em relação a alguém que seja diferente, porque tu és também. E passar isso aos mais novos. Então nestas situações em que apanhas pessoal a criticar ou a gozar com quem não sabe interpretar, há que educar e chamar a atenção.

O metal então contribuiu para ser quem és hoje em dia? Não podes impor os teus valores a ninguém, mas para ti representa os teus valores? Ou então moldei. Eu não posso dizer que a minha maneira de ser é boa. Eu estava sempre com um gajo 10 anos mais velho que eu, esse gajo passou-me valores. Ele acabou por ser como um irmão mais velho.

O metal une as pessoas? Por exemplo, existe aquela sensação que quem é do metal só pode ser boa pessoa? Infelizmente não, por causa de droga. O V., para terminar, por eu ser bastante ingénuo e muito mais novo protegia-me e acabou por ser um exemplo para mim e uma influência. A O. também foi muito influente, envolvemo-nos, mas ficámos sempre bons amigos. Ela para mim era como um Lemysinho, tinha uma força brutal. Todo o pessoal respeitava a O.. Algum pessoal do metal com mais sensibilidade, mas também com muita força influenciaram-me.

Em relação ao V. ele tinha o irmão que andava na droga e andava sempre com pessoal que...A partir daí é a cena mais triste é ver alguém partir para o mundo da droga ou mesmo quando morrem. Uma pessoa ser do metal não é inerente a uma coisa ou outra. Mas sim, há sempre aquela sensação de que somos melhores que as outras pessoas. Acho que uma pessoa do metal por passar por discriminação, há isso de acabares por dar mais

do que recibes. Isso faz a cena do gang e do local. Havia conflitos sobretudo por causa das gajas e se os espaços fossem muito pequeninos, tipo o Lusitano. Se alguém se meter contigo que não é do metal eu claro que te vou defender. Aí sobrepões a zona e o grupo pela subcultura. Há uma espécie de barreira de compreensão que há uma liberdade bastante enorme, dentro do rock, metal incluído, que geralmente aceita as formas que as pessoas são.

Se eu fosse de cor de rosa para um concerto de black metal achas que me iriam discriminar? Talvez, alguns sim porque não iriam compreender e a falta de compreensão iria trazer perguntas as essas pessoas. Provavelmente por serem básicas. Haveria gente que iria gostar da cena de estares simplesmente a provocar. A provocação faz com que as coisas evoluam.

Se a partir do momento em que dizes que um metaleiro tem de se vestir de preto, etc. Já estás a impor regras e normas dentro daquilo que supostamente deveria ser livre... Por isso é que eu acho que toda a gente deve sentir as coisas à sua maneira e fazerem o que querem. Aliás o pessoal do black metal deveriam lembrar-se de uma coisa do Crowley...basicamente faz o que tu quiseres, está-se bem.

Achas que a exteriorização tem a ver com uma imitação dos artistas?

Sim, por exemplo tenho a aqui a cruz de S Pedro, porque o gajo não era digno de ser crucificado como Cristo foi. Não sigo nada, a máxima é sempre liberdade. Eu vejo tudo em relação a uma cena global, sempre à volta da liberdade. Em relação ao metal é tudo isso, antiautoritarismo, liberdade também.

Antes de ires para a Holanda o panorama do metal nacional alterou-se bastante. Como é que vês essas mudanças em termos da nova juventude, de tudo o que se passou desde os anos 90, com a chegada da internet, telemóveis, redes sociais. Como é que achas que a juventude hoje em dia está ligada ao metal? Como é que vês essas mudanças?

Sim. Claro que estou em contacto com pessoal mais novo. Sou velho o suficiente para ter visto a cena antiga e vê-la morrer e transformar-se numa cena nova. Com melhores valores e foi crescendo, e de cinco em cinco ou dez em dez anos foram aparecendo pessoas novas. No início dos anos 2000 apareceu uma geração que fazia muito lembrar a geração mais antiga. Pessoal com bons valores, pessoal que não é racista, que não curte nazis. *Mas crês então que evoluiu de uma forma positiva?* Evoluiu de uma forma positiva, eu tenho muita boa perceção em relação a essa geração. São melhores que aquela que apareceu depois de 90 ou 95. O pessoal do black metal com influência norueguesa. As pessoas atualmente já estão mais adultas, as gerações estão a ficar cada vez melhores. E há imensa gente a fazer bandas como Road Scum, Nagasaki Sunrise que é uma cena meio punk meio Motörhead, Road Scum já é Motörhead...é tipo black metal meet rock n' roll tipo Heretic, aqui da Holanda, é um rock n' roll mais sujo e mais obscuro. Como Danzig era, mas hoje em dia já não.

Não sentes que as tribos urbanas desapareceram um bocado? O Bairro Alto de hoje em dia não tem nada a ver com o Bairro Alto dos anos 90... Não, acho que as tribos continuam aí. De vez em quando aparecem novas e vão morrendo. As tribos foram aparecendo, mesmo a cena dos Emos e o pessoal do Slam. Mas antigamente saíamos em Lisboa e tínhamos punks, góticos, metaleiros. Agora já não vês isso... Mas isso é porque o Bairro foi morrendo e deixou de atrair as pessoas. Tem a ver com a transformação de Lisboa como também está a acontecer no Porto. Entretanto há menos sítios para ir, mas há mais concertos, mais festivais. Também te digo uma coisa, o que eu notei ao longo destes 32 anos, as coisas são rotativas, tens tempo de secura onde não há quase nenhum sítio onde ir. O Bairro agora está feito para turistas, as tribos já não pertencem ali. A cidade está feita para acolher turistas.

Os locais também têm muita importância, para proporcionar o encontro de pessoal? Alguns ainda continuam abertos. Os bares alternativos ou de metal é mesmo incrível sobreviverem. Não tens leis que possam suportar a abertura de um negócio sem te enterrares, na Holanda existe isso. Aqui os bares conseguem sobreviver porque recebem apoios. É outra forma de organização. Mas tens razão, o Bairro Alto não permitia que os bares se mantivessem abertos por causa do barulho. Não sei se haverá um êxodo para outros lados. Mas outras memórias irão surgindo, outras gerações terão os seus sítios. Os sítios ajudam imenso para o pessoal conviver.

ANEXO 17 - Transcrição de entrevista - Entrevistado 14: Norberto

(realizada a 18 de janeiro de 2022)

Entrevistado 14: Norberto

Idade: 49 anos

Sexo: masculino

Naturalidade: portuguesa

Nacionalidade: portuguesa

Habilitações literárias: Licenciado em Marketing

Atividade/ ocupação profissional: funcionário público- técnico superior

Profissão pai/ mãe: ambos funcionários públicos

Localização geográfica: Grande Lisboa (Barreiro) - urbano; atualmente vive no Algarve

Divisão de Weinstein: faz parte de duas dimensões (artistas, audiência)

Como aconteceu o primeiro contacto com o metal?

- **Com que idade começaste a ouvir?**
- **Houve alguma influência de alguém? Familiar(es), amigo(s)?**

Não foi linear, mas foi um pouco disso tu. Eu sou do Barreiro e nos anos 80 talvez fosse vincadamente a cidade mais metal, não pelo número de bandas que tivesse, se bem que havia duas icónicas, já te vou explicar, mas pelo número de adeptos. Eu andava numa escola secundária em que num ano em que a lista dos heavies, era o que chamávamos aos metálicos, ganhou a associação de estudantes. Havia alguns não heavies, só para tu veres a popularidade. A minha é mais velha que eu 10 anos, ela sempre ouviu Black Sabbath, Deep Purple, por essas ondas, eu era muito novo, mas a sonoridade para mim já era normal. Era algo que para mim era o que os jovens crescidos ouviam. Os meus pais não ligavam muito a música, só a minha irmã. Mais tarde ela casou-se saiu de casa muito cedo então depois não houve continuidade, mas quando eu estava com a minha irmã é que ouvia música, era o som que ela ouvia no quarto dela. Nessa altura tinha os meus oito –

nove anos, não era música que com essa idade me ficasse na cabeça. Estamos a falar de música complexa e que não era de fácil compreensão.

Eu cresci então sem muito mais ligação à música, tinha um colega no oitavo ano que ouvia algumas coisas punk, eu interessei-me um pouco por isso sem ir muito além. Conheci os Xutos e Pontapés antes da maioria, o primeiro e segundo álbum o 1982, o Cerco e algumas bandas obscuras que esse meu amigo ouvia, punk Filhas da Pauta, Lodo, coisas da margem sul. Tinha umas cassetes, mas ainda não ligava muito à música. Mas quando estava no oitavo ano e fui para a escola secundária foi quando comecei a notar as t-shirts. A imagem mais antiga que eu recordo do heavy metal é a t-shirt do Killers, aquilo para mim era um misto de «isto não parece ser muito positivo», mas ao mesmo tempo é um fascínio. Não acredito que ninguém advogasse isso, um indivíduo cadavérico com um machado na mão, não acredito que alguém advogue isto, mas ao mesmo tempo há aqui uma história para contar. Isso chamou-me a atenção e há aí um elemento também de mistério e ao mesmo tempo de força porque quem envergava essas t-shirts também mostrava para além da ousadia mostrava força e havia um respeito dos que não entendiam o heavy metal, mas olhavam com admiração para o pessoal que vestia essas t-shirts e tinha cabelo comprido e isso para mim era admirável. O Killers é certamente a primeira imagem que eu me lembro e que me fascinou e depois o Live After Death.

Havia uma loja não muito longe da minha casa que vendia algumas dessas t-shirts, as t-shirts oficiais na altura vendiam-se de uma forma engraçada que eram em serigrafia e eram vendidas envoltas num cartão quadrado do tamanho de um vinil, quando se olhava para aquilo não se percebia bem se estávamos a olhar para um vinil ou para uma t-shirt. Plastificado era fantástico. Mais tarde, ainda fui lá perguntar o preço da t-shirt mas já não me recordo o preço lembro-me que achei muito caro.

Mais tarde começo a ver muitos headbangers na escola e eu ainda ouvia Xutos, mas com um miúdo da minha rua, o D., no final da tarde eu estava a estudar Matemática e ele apareceu lá em casa com uma cassette e disse-me que eu tinha de ouvir aquilo. Era Iron Maiden: Somewhere in Time. Eu ponho a cassette a tocar e nunca mais estudei nessa noite. Achei uma força, achei a música escura. O Somewhere in Time tem uma forma fantasmagórica, todos os temas achei fantásticos. No dia estava seguinte à porta do dele a pedir-lhe mais música do género (risos). Nessa altura devia ter catorze, quinze anos.

Pode-se dizer que o teu click foi com Iron Maiden aos quinze anos? Foi com Iron Maiden, eu já tinha alguma curiosidade pelos gajos grandes que andavam lá na escola, não sabia que música ouviam, sabia que eram os heavies. Quando me deram aquela cassette não sabia que música era, mas sabia que era a música das t-shirts. Então o click foi quando ouviste a música, mas já estavas fascinado pelo look. Pela aparência, pelas ilustrações das capas dos álbuns...Foi. Já havia um interesse. E nunca mais fui o mesmo (risos). Tanto que uma vez encontrei o Steve Harris aqui no McDonalds e disse-lhe na brincadeira que a minha família estava a pensar processá-lo porque ele estragou a minha vida e ele fartou-se de rir.

Depois o D. começou a arranjar mais coisas, através também de outro amigo que era o O.. O O. começou a orientar-nos discos. Comecei por Iron Maiden, depois foi Anthrax, a seguir King Diamond, a seguir Metallica, Bathory e Kreator. Curiosamente há aqui outro momento importante, um dia a ver televisão com os meus pais e vejo um spot publicitário contra a droga, quem estava a fazer o spot eram os Black Cross, o spot era “Não à droga, não à dependência”. E eu comentei na altura com os meus pais que os Black Cross eram da minha escola. Fui eu que escrevi o livro sobre eles, foi uma recolha de dois anos, foi uma homenagem que eu fiz a uma banda que influenciou a minha vida como headbanger. Depois passado algum tempo vi também os Iberia na televisão que também eram da minha escola, tanto Black Cross como Iberia eram praticamente todos da minha escola.

Quando é que foi então o teu primeiro concerto?

O meu primeiro concerto foi Iberia com Alcateia. Era muito novo, era muito baixinho, foi em 87/88, quando eles lançaram o primeiro álbum. A primeira banda que entrou em palco foi Alcateia, eu adorei! Faziam-me lembrar Manowar. Iberia lançou o primeiro LP e aquilo foi brutal! Termos uma banda lá da escola a editar o seu primeiro álbum. Eu era pequenino, portanto andava às cavalitas dos maiores, vi o concerto muito bem, curti imenso! Foi muito fixe! *Apanhaste um acesso mais facilitado à música e aos concertos por viveres no Barreiro. Foste aos concertos míticos do Dramático?* Fui a alguns, fui a dois de Maiden, fui a Manowar, Judas Priest. Não fui a Motörhead e Destruction, infelizmente, com muita pena não fui a esse. O R. é primeiro headbanger fora do Barreiro que eu conheci. Foi um concerto marcante pelo que contam, os próprios Destruction falavam que foi o concerto mais memorável para eles, é fácil explicar, nós nessa altura vínhamos de uma ditadura, ainda havia muita carência de manifestações culturais em Portugal, o fruto de não termos acesso a muitas coisas era depois o exagero, havia uma manifestação exacerbada de apoio em relação ao público, euforia. Também era uma questão de educação, era próprio da sociedade, o headbanger às vezes faziam as coisas menos corretas, tipo partir garrafas etc. Atualmente são pessoas muito civilizadas, muitas vezes mais educadas que muita gente.

Também eram miúdos ainda, além de ser do metal ainda eramos miúdos, não é? Sim e por outro lado apanhámos o punk. A música da rebelião era o metal.

Como é que descreves esses primeiros concertos a que foste? Nós ouvíamos as músicas em casa e depois ir a um concerto e ver dezenas de pessoas, estar ali no meio e ver os músicos ao vivo? Sim, tudo isso me fascina. Por outro lado, às vezes nos concertos por diversos fatores acabava por não conseguir ouvir a música bem. Iron Maiden já os tinha visto em VHS e não me surpreendeu tanto, mas por exemplo quando eu vi Anthrax ao vivo, não dava na televisão, ver aqueles músicos que só conheci de fotos a mexerem-se em palco para mim foi fantástico! Gostei sempre muito dos concertos que era onde fazia amigos, metade era para o concerto, mas outra parte era para falar com o pessoal, trocar contactos, na altura a malta trocava cartas, fanzines e música.

Há muita gente que diz que esses concertos eram muito violentos, também notas isso?

Sim, eram. Noto, eram muito violentos, a malta mandava-se lá para a frente e partia-se toda. Era o que eu estava a dizer essa necessidade de manifestação exacerbada. Havia porrada, assaltos, eram capazes assaltar alguém para roubar o maço tabaco e o dinheiro. Headbangers normalmente não faziam isso a headbangers, mas era um pouco assim. Havia violência sim. Tanto em sítios grandes como pequenos.

Eu vi os dois primeiros concertos de Ratos de Porão, o primeiro concerto de Ratos de Porão é a coisa mais violenta que eu já assisti a nível de concertos. Até o gordo parou no meio do concerto e disse “Portugal vocês são animais”. Eu pensei ele deve dizer isso a todos os países onde vão, mas depois comprei uma revista brasileira, em que eles falam da primeira tournée que fizeram pela Europa, em Portugal “Público mais porreta que a gente já teve, espirrava sangue para o palco”. Isto relativamente ao primeiro concerto que deram no Incrível Almadense, foi a coisa mais violenta que eu vi até hoje.

Sentia-se isso e é interessante a tua explicação de termos estado tão presos tanto tempo, em termos de sociedade e de repente quando há o acesso a esse tipo de manifestações culturais como estavas a dizer, as pessoas querem abarcar tudo, querem absorver tudo ao máximo e curtir ao máximo... Sim, eu continuo a dizer que é um misto entre essa sede e a falta de educação, são ambos resultado da ditadura que tivemos.

Nessa altura já te vestias de preto, já compravas t-shirts? Sim, a minha primeira conquista foi a primeira t-shirt. Consegui convencer os meus pais a comprar-me a Live of the Death, a minha irmã trouxe-me do Algarve a Number of the Beast. Em pouco tempo ganhei três t-shirts de Iron Maiden.

Além da música, o que é que vocês conversavam, já discutiam ideologias ou como miúdos não falavam nisso? Entre os fãs da música não, nem ligavam a bandas com temas mais sociais. O que era fantástico é que nós éramos headbangers de várias classes sociais, quando falávamos de música não se sentia essa barreira. Ainda estamos todos em contacto, mas não temos tanta conversa uns para os outros, alguns deixaram de ouvir música, então se o elemento agregador não existe, perde-se um bocado o elo de ligação. Esses meus amigos encontrámo-nos todos em 2007, a conversa era a música, as capas, os últimos álbuns.

Quando começaste a sair, há algumas histórias que conheças relativamente a álcool e drogas?

Nesse grupo de amigos éramos gente muito pouco maluca. Bebíamos todos, mas as drogas não eram uma constante, experimentámos as drogas leves. No meu grupo de amigos as drogas não eram um elemento comum. Tinha outros grupos de amigos à parte em que vi grupos estragarem-se por causa das drogas. Para mim era tudo acerca da música, mas esse grupo por exemplo paravam a música para ir fumar ou beber e isso eu não compreendia, porque o que me puxava a mim era a música. Vi muita coisa, vi muita droga, vi malta perder-se. Aliás o Barreiro tinha bares míticos, tinha bares que abriam de tarde, o que acontecia era que depois de almoço íamos para os bares. O famoso Vinícola

abria à tarde, nós enfrascávamo-nos à tarde e depois íamos a casa jantar e voltávamos depois do jantar.

Sentias-te marginalizado quando andavas na rua? Olhado de lado, o que pensavas disso?

Quando comecei a usar calças elásticas pretas, cabelo grande, os meus pais não entendiam isso muito bem. Mas por um lado eu sentia-me intocável. Havia algum respeito, sabiam com quem eu me dava, a própria música dá um sentimento de força, o fazer parte do grupo também, mas os fãs do metal sentem que o metal lhes dá essa força, a imagem agressiva que se transmite pelo visual, passa-se uma falsa ilusão de força. *Com os teus pais houve algum tipo de discussão ou eles foram aceitando?* Havia uma insistência, mas eu Metal jacket com patches, usava as calças justas e as t-shirts. Por outro lado, eu era um excelente aluno com boas notas e eles ficavam tranquilos em relação a isso. *E relativamente aos pais dos amigos?* Sim, havia um bocadinho. Principalmente por parte dos pais daqueles que não eram do metal.

Relativamente às mulheres nessa altura, recordas-te de mulheres nesse mundo na altura? Eram consideradas de igual para igual? Sim, não havia chauvinismo ou misoginia que eu me tenha apercebido. Dentro do metal, dentro das bandas, aí havia alguma misoginia, eram poucas as bandas das mulheres que eram aceites. Entre os amigos do metal não sentia isso. No meu grupo de amigos havia duas raparigas, iam aos bares, aos concertos. Nós mais tarde começámos a fazer fanzines e elas também eram empreendedoras no metal, uma das minhas grandes amigas fez um programa de metal durante muitos anos, a Sónia fez uma fanzine, a própria Irina também.

Diz-se que havia muitas vezes sexismo, que as mulheres por serem mulheres eram desconsideradas, só vinham quebrar o elo que existia entre os rapazes, que estragava a união de grupo com os rapazes. Não concordo. Eu posso parecer um dinossauro, obviamente que havia miúdas que não gostavam de metal, vinham mais atrás dos rapazes. Conheci algumas assim, mas não sei se podemos generalizar. E algumas delas estão ainda no metal atualmente.

Algum subgénero pelo qual tens preferência? Quais são as tuas bandas favoritas actualmente? Conheci o heavy metal, sou um thrasher, durante os anos 90 ouvia muito Black Metal. Eu diria que black tharsh. Tudo o que seja inspirado em Destruction, Nefilheim, Detroyer 666, Disaster, Nokturno, Apso. A minha banda preferida talvez seja mesmo Sabbath, só têm três álbuns. Sou grande fã de Filii também.

No teu caso nunca deixaste de ouvir ou estar ligado a esse mundo?

Nunca. Houve algum tempo em que eu larguei o underground, não ia a concertos. Mas sempre comprei discos, revistas. Nunca deixei de ouvir.

As relações familiares influenciaram desligares-te do underground? Sim. Já tinha família, empresa, trabalho, nem sempre dava para ir a concertos. Ainda não havia redes sociais, nem dava por alguns concertos que haviam, quando sabia já tinha passado.

Neste momento é como ver um filme, é como ler um livro, faz-me viajar às vezes. Muitas vezes é a interpretação que eu dou. A música também é assim, fazes tu o resto do filme. Falando na questão lírica. Balizas com os teus gostos, musicalmente é uma viagem, as atmosferas que são criadas para cada um sentir à sua maneira. Gosto de black metal mas não gosto de coisas depressivas.

Quando são géneros mais agressivos para canalizar sentimentos de raiva, de angústia, concordas? Nunca percebi isso. Eu nunca me identifiquei com isso. Eu recordo-me de ter o heavy metal retratado num livro de inglês. Não percebo, nunca fui agressivo. Adormeço a ouvir heavy metal.

Tocas ou tocaste algum tipo de instrumento? Tiveste alguma banda?

Só telefonia...tentei ter uma banda nos anos 80. Tentei duas vezes ter banda, mas não resultou. Tentei bateria, mas não era a minha coisa. *A maioria queria ter uma banda, quase todos sonhámos isso, não achas?* Todos nós queríamos fazer parte da cena. Quem estava a assistir nos concertos ou tinha uma banda ou estava a tentar formar uma. Toda a gente tinha de fazer alguma coisa. Tinhas de fazer parte da cena. A cena construiu-se assim, o próprio underground é formado por toda a gente, por o pessoal que faz as fanzines, os logos, as capas, as fotos. Toda a gente tinha de fazer alguma coisa, o meu grupo de amigos é um bocado disso, é raro alguém que de alguma forma não estava envolvido. Fazer parte da cena é importante. É importante ser reconhecido no meio, seja uma editora, um bar.

O que é que este tipo de música tem que não encontrar noutros géneros musicais?

Já fui mais eclético. Desde música popular brasileira e portuguesa. Este género é rico, é complexo, é intenso. Eu aprecio a intensidade, gosto de coisas vincadas. O metal é vincado, é intenso. É isso que talvez os outros géneros musicais não têm. Há tempos descobri um grupo indie que musicalmente era bom, mas é raro. Nunca fui fã de punk porque lhe faltava intensidade. Não tem energia suficiente. O metal é intenso, rico, requer educação musical. Não num sentido estrito, mas num sentido lato. Anal Natraak por exemplo tem uma intensidade...

Para ti o som tem um papel mais importante que as letras?

Para mim a voz é mais um instrumento. Eu gosto da temática Evil, não ligo muito à temática social. A temática é importante, as letras nem sempre. Talvez nos anos 80 ligasse mais às letras, lembro-me como me tocou a letra dos Metallica do Justice for All. Agora não ligo muito. Gosto de bons títulos, mas não disseco letras. *Se souberes que uma banda tem letras que vão contra os teus princípios ou contra os teus valores, continuas a ouvir essa banda?* Não especialmente, mas também não é o mais importante. Tenho por

exemplo tudo de Burzum. Não é determinante para mim. Lembro-me que bandas que fazem apologia ao suicídio, às drogas, sempre fui um bocado contra. Desde muito novo. Li isso em entrevistas e não gostei. Não é só as letras, para mim o metal é visual. Tem de haver uma boa capa, um bom logo, boa foto.

Com isto tudo, o que representa para ti o metal? Achas que teve um papel importante para ti ao longo dos anos?

Não. Não tenho uma atitude heavy metal na vida. Aprecio e admiro, mas não a tenho. Porque não quero. Influenciou de outra forma, até hoje os meus grandes amigos são fãs de heavy metal. Até hoje os grandes amigos que ficaram e os novos que vou fazendo são todos fãs de metal. Eu não sou bem o estereotipo, não me influenciou no estilo, nunca foi relevante.

Achas que há certos valores e ideologias que estavam associados à subcultura?

Só o satanismo. *Mas o satanismo em que aspeto, no satanismo mesmo ou anticristianismo?* Era um satanismo bacoco nos anos 80. Tosco, pouco polido, sem profundidade. *Segue alguma religião?* Não. Acho estúpido quando dizem que o heavy metal é uma religião. A religião foi usada para manipular as pessoas, por isso não gosto de ouvir ou ler que o metal é uma religião. Gostava de saber se Deus existe. Não sei se sou ateu, ou talvez agnóstico.

Mas o black metal fascina-me e fascinou-me muito nos anos 90. Mas começou a cansar-me o tema do anticristianismo. Nos anos 90 começaram a surgir visões diferentes e uma interpretação mais adulta, não tão bacoca como no início. Sinceramente não tenho exemplos atualmente. Sim, o satanismo é visto como uma oposição e não como uma religião em si, mas há pessoas que levam e levaram a letra a rigor.

Para ti não há valores e ideologias que estejam ligadas à cena do metal? Sendo o metal apolítico? O metal neste momento já é tão grande, já há tudo. O metal para mim deveria ser oposição, por outro lado também pode ser contar histórias, de duendes, de dragões, guerreiros. Ideologia para mim não é determinante. Para mim o metal é a suprema celebração do rock n' roll de uma forma intensa. É rock n' roll intenso, não se vai embora com a adolescência, apreciar a atitude rock n' roll. É mais que música, é uma forma de estar.

Em termos de união de grupo, o metal une as pessoas?

Sim, sim. Mas também separa. Há de tudo no metal, há inveja entre bandas. Eu por exemplo faço parte de um grupo de colecionadores, é um grupo secreto no FB, estamos lá desde 2016. Fazemos encontros e jantares e unimo-nos através do metal, é uma paixão comum a todos. *Achas que ainda se reconhecem as pessoas na rua?* Acho que já não acontece. Há uns anos atrás meteria conversa com as pessoas, mas atualmente acho que já não acontece. Existe união, mas não acho que seja algo de transcendental.

Quem é do metal só pode ser boa pessoa? Não. Conheço muito sacana no metal. Nem eu sei se sou boa pessoa.

Porquê o cabelo comprido, as caveiras, o preto, os cintos de balas, os monstros, as pulseiras de picos. Tem tudo a ver com o imaginário?

Sonho com um estado em que as pessoas pudessem usar todas os seus cintos de balas e seu metal jacket. Gosto do estilo, gosto dos cintos, dos casacos, dos cabelos compridos. Gosto do estilo, existe um épicismo no estilo.

Qual é o significado que tem para ti hoje em dia? Ouves música todos os dias?

Sim. Todos os dias ouço metal. Tenho milhares de CDs, todos os dias pego num cd para levar no carro. Ouço música no trabalho, nas filas de supermercado. Estou sempre a tentar descobrir bandas novas. Para mim tenho de ouvir sempre álbuns inteiros. *Continuas as ir a concertos quando podes?* Sim, quando posso vou. Mas se souber que não está lá nenhum amigo meu, não ponho lá os pés. *Continuas a vestir t-shirts?* Ao fim de semana. Profissionalmente não posso usar, tenho de me vestir de outra forma, mas no verão ando à vontade.

Como vês a evolução do mundo do metal em Portugal? A forma como as novas gerações vivem o metal, o que pensas sobre isso?

Conheço pessoal mais novo que ouve metal de velhos de pessoal como eu. E conheço malta que ouve metal atual que eu não consigo entender. Mas o problema não é do metal de agora, o problema é nosso. Esta malta nova adora Sepultura novo por exemplo, nós não toleramos Sepultura novo, só ouvimos o antigo. Mesmo alguma onda thrash mais recente eu não consigo gostar, há bandas que souberam evoluir para conquistar as gerações mais recentes. O Metal é Rock, o Rock tornou-se demasiado conservador, o Metal também, este novo som não é conservador. Pegas num mp3, fazes mais ou menos uma divisão mental da faixa, apontas para o último terço e vais lá encontrar o solo de guitarra, em 90 por cento das músicas de metal encontras isso. O atual já não é assim, evoluiu, é muito gafanhoto. Todos eles são muito mais virados para as questões ecológicas, vegan, etc. É diferente daquilo que eu estava habituado. Se fores a um festival, 90% das bandas que lá estiverem são bandas com mais de 30 anos e os que não são bandas que estão a fazer som como se fazia há 30 anos. Não é o mesmo metal! *Achas que o acesso facilitado faz com que lhe deem menos importância?* Claro, têm os álbuns de graça. Existem muito mais bandas, neste momento só em Portugal deve andar perto das 2000, mas com cerca de mil no ativo. Eu faço algumas estatísticas disso. Neste momento são tantas as bandas que ninguém tem dinheiro para comprar tudo o que sai. Em Portugal neste momento há 10 lançamentos por mês. É compreensível que não compres todos, banalizou-se. Neste momento a música está banalizada. *Achas que o metal irá desaparecer ou está vivo e recomenda-se?* A música extrema haverá sempre. O metal já se reinventou. Há muita gente que já nem chama metal a algumas bandas. Mas a música extrema acredito que irá continuar. O Metal em termos de tribo urbanas é talvez a tribo

urbana com maior longevidade, é talvez a mais abrangente, provavelmente por causa da indumentária. É rock n' roll, há de sempre continuar.

Os meus filhos têm 13 e 10 anos, identificam Iron Maiden e Judas Priest. Eu não lhes imponho a música. Não gostam muito de metal, ainda não estão para aí virados.

ANEXO 18 - Tabela auxiliar de análise 1

CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DOS ENTREVISTADOS

Entrevistados	Sexo	Idade à data da entrevista	Naturalidade	Nacionalidade	Habilitações literárias	Atividade profissional/ ocupação	Profissão pai/ mãe	Localização geográfica	Divisão de Weinstein
1 Rito	Masculino	43	Italiana	Francesa	12º ano	Proprietário de um bar de metal restauro de casas	Marinheiro/ Artesã	Algarve Pechão (concelho de Olhão)	Artistas Audiência Indústria
2 Laura	Feminino	43	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura em Línguas-português/francês	Agente imobiliário Líder de equipa em <i>contact centers</i>	Finanças / Professora	Porto Viveu no Algarve e na Alemanha	Audiência Indústria

Entrevistados	Sexo	Idade à data da entrevista	Naturalidade	Nacionalidade	Habilitações literárias	Atividade profissional/ ocupação	Profissão pai/ mãe	Localização geográfica	Divisão de Weinstein
3 Joel	Masculino	48	Angolana	Portuguesa	12º ano - Curso profissional de design gráfico (paginação)- Frequentou a universidade, mas não acabou o curso.	Designer gráfico Músico Foi proprietário de loja de merchandising	Técnico de contas / Despachante da alfândega (Luanda)	Grande Lisboa Queluz	Artistas Audiência Indústria
4 Rui	Masculino	48	Portuguesa	Portuguesa	9º ano	Técnico de eletrónica Faz parte da Assembleia Municipal de Albufeira	Proprietário de café/ Doméstica	Algarve Paderne (concelho de Albufeira)	Artistas audiência
5 Rafael	masculino	57	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura em Gestão de Empresas MBA executive manager	Executivo para uma empresa francesa/ gestor de conta	Alfaiate/ Costureira	Grande Lisboa Barreiro, agora vive em Setúbal	Artistas Audiência
6 Mauro	Masculino	49	Francesa	Portuguesa	Licenciatura em Relações Internacionais	Proprietário de loja de discos	Pedreiro/ Doméstica	Porto	Audiência Indústria

Entrevistados	Sexo	Idade à data da entrevista	Naturalidade	Nacionalidade	Habilitações literárias	Atividade profissional/ ocupação	Profissão pai/ mãe	Localização geográfica	Divisão de Weinstein
7 Teresa	Feminino	45	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura em Arquitetura Conservatório em canto lírico, piano e contrabaixo	Professora de piano e de canto	Engenheiro mecânico naval/ Professora	Grande Lisboa Lisboa	Artistas Audiência
8 Sónia	Feminino	45	Angolana	Portuguesa	9º ano	Doméstica atualmente Trabalhou em <i>call centers</i> (Esteve no serviço militar 10 anos)	Guarda fiscal/ doméstica	Grande Lisboa Cacém (Viveu em Peniche, Peso da Régua)	Audiência Indústria
9 Sara	Feminino	44	Portuguesa	Portuguesa	12º ano e curso profissional de técnica de ação educativa	Técnica de ação educativa (à altura da entrevista, está em sala de aula com um menino com autismo)	Motorista/ auxiliar de educação	Porto Vila Nova de Gaia	Audiência
10 Fábio	Masculino	54	Portuguesa	Portuguesa	12º ano	Radialista	Comércio Doméstica	Lisboa	Audiência indústria

Entrevistados	Sexo	Idade à data da entrevista	Naturalidade	Nacionalidade	Habilitações literárias	Atividade profissional/ ocupação	Profissão pai/ mãe	Localização geográfica	Divisão de Weinstein
11 Petra	Feminino	47	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura em Línguas Português/ Alemão	Consultora de empresas internacionais	Bancário Administrativa	Lisboa (vive na Bélgica)	Audiência
12 Carlos	Masculino	48	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura em Arqueologia	Arqueólogo	Diretor em empresas de segurança Diretora de hotel	Lisboa	Artistas Audiência
13 Tiago	Masculino	45	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura em História	Agente de Customer Care em import/ export	Professor de Sociologia Administrativa do consulado português em França	Lisboa (vive na Holanda)	Artistas Audiência

Entrevistados	Sexo	Idade à data da entrevista	Naturalidade	Nacionalidade	Habilitações literárias	Atividade profissional/ ocupação	Profissão pai/ mãe	Localização geográfica	Divisão de Weinstein
14 Norberto	Masculino	49	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura em Marketing	Funcionário público	Funcionários públicos	Grande Lisboa Barreiro (Atualmente vive no Algarve)	Audiência

Legenda:

Diferenciamos por cores cada entrevistado.

Embora todas as características sociodemográficas tenham o seu grau de importância na análise, distinguimos as colunas do sexo e da idade à data da entrevista.

ANEXO 19 - Tabela auxiliar de análise 2

4.1 Génese e trajectória da ligação ao metal

4.1.2 O encontro com o metal: *coup de foudre*

Entrevistados	Modos de transmissão para o <i>coup de foudre</i>	Idade durante o <i>coup de foudre</i>	Idade actual à data da entrevista	Banda em especial	O que atraiu num primeiro momento
1 Rito	Amigo	12	43	Iron Maiden	“melodia do som e sentimento intemporal”
2 Laura	Locais que frequentava, pessoas ligadas à música	21	43	Nenhuma em especial	“mundo riquíssimo [em termos de música]”
3 Joel	Amigo	14	48	Iron Maiden	“a música em si”
4 Rui	Amigo	12	48	Celtic Frost	“som que cria uma atmosfera obscura “
5 Rafael	Cinema	9	57	Uriah Heep, Deep Purple	“o <i>look</i> , a secção rítmica por trás das guitarras distorcidas”
6 Mauro	Contexto familiar da casa onde vivia, amigo mais velho	11	49	AC/DC	Capa do album <i>Highway to Hell</i>

7 Teresa	Internet	13	45	Nenhuma em especial	“solos de guitarra”
8 Sónia	Amigo	13	45	Iron Maiden	“agressividade do som, vozes, atitude de rebeldia”
9 Sara	Explicações de inglês	17	44	Samael	“o look, as pessoas vestidas de preto, as botas de biqueira de aço”
10 Fábio	Primo de um amigo	10	54	Van Halen, AC/DC	“a energia que as próprias músicas transmitiam”
11 Petra	Vizinho/ amigo	11	47	Europe	“a imagem de dureza”
12 Carlos	Ida a uma loja de discos	14	48	Iron Maiden	Capa do álbum <i>Live After Death</i>
13 Tiago	Contexto familiar	8	45	Black Sabbath	“a sensação de ver um filme de terror”
14 Norberto	Ambiente escolar e vizinho/ amigo	14	49	Iron Maiden	“a imagem da t-shirt de Iron Maiden do <i>Killers</i> e o som fantasmagórico”

Legenda:

Distinguimos nesta tabela:

- aqueles que tiveram o seu *coup de foudre* por intermédio de um amigo (ou similar) a laranja;
- aqueles que tiveram o seu *coup de foudre* via Iron Maiden (laranja claro);
- aqueles cuja primeira atracção na subcultura foi a música em si (azul claro – com exceção de Rafael que também menciona o *look*); e -aqueles cuja primeira atracção na subcultura teve mais a ver com o *look* dos metálicos ou as ilustrações das capas (rosa claro).

ANEXO 20 - Tabela auxiliar de análise 3

4.3 A música no cerne do mundo metálico

Entrevistados	Sub-género preferido	Bandas favoritas	O que a música metal faz sentir	Toca ou tocou um instrumento musical/ vocalista	Faz ou fez parte de uma banda de metal	Som ou letras – o que é mais importante?
1 Rito	Thrash/ death metal	Malevolent Creation, Obituary, Bolt Thrower	enaltece as energias interiores, escapatórias para a nossa raiva interior	Foi vocalista	Hecatombe	O conjunto
2 Laura	Brutal death e black metal	Belphegor, Behemot, Burzum, Necrochaos Morbid Angel	“sem dúvida que te vais sentir melhor do que se não tiveres som”	Tocou piano	-----	Em determinadas bandas, o som e noutras as letras
3 Joel	Death metal	Testament, Napalm Death, Dark Tranquillity	“é uma forma de desanuviar, para descomprimir deitar cá para fora certas coisas, descarregar”	Vocalista e toca baixo	Necroterium Theriomorphic	O conjunto
4 Rui	Black thrash	Destruction, Desaster, Celtic Frost	“Para mim é terapêutico”	Aprendeu a tocar baixo e é vocalista	Sortilegiis	O conjunto
5 Rafael	Speed, thrash, black metal	Gojira, Kreator, Metallica, Sanctuary, Slayer, Venom	“relaxar, para me recompor, para repor as minhas energias”	Tocou baixo	Airforce Black Cross	Preponderância pelo som.

6 Mauro	Death/ black metal, heavy metal tradicional, neo-folk, dark ambience thrash, noise	AC/DC, Iron Maiden, Metallica, Megadeth, Slayer, Testament, Anthrax	“A música é uma paixão, não consigo viver sem música”	Nunca tocou	-----	O conjunto, mas o som é a base
7 Teresa	Death metal melódico, thrash	Arch Enemy, Carcass, Emtombed, Dark Tranquillity, Black Sabbath	“É a maneira que tu tens para te exprimires, faz-te sentir viva”	Toca piano, baixo e é vocalista	Walk the Line Creamson Parker Venusta	“eu valorizo mais a música: riffs, os solos de guitarras”
8 Sónia	Death core e metal core	Metallica, Iron Maiden, Slayer, Fit For An Autopsy, Crystal Lake, Carnifex	“ventilar frustrações, quando nos apetece berrar, mas uso música para tudo, para meditar, para trabalhar, para dançar”	Toca baixo	-----	“adoro principalmente o instrumental”

9 Sofia	Sem preferência assumida, mas menciona black metal, death core e doom	Amon Amarth, Cradle of Filth, Samael	“o metal transformou-me numa pessoa que tem de lutar, que é guerreira.”	Nunca tocou, mas tem o sonho de aprender bateria	-----	As letras
10 Fábio	Sem subgénero favorito	Fear Factory, Emperor, Manowar, Pantera	Nostalgia e celebrar a vida	Tocou guitarra	Navan	“É a música, é o som, é a mensagem, é o visual, é tudo combinado”
11 Petra	Death metal Grind core	Napalm Death, Type O Negative, Carnivore, Carcass, Death	Poderosa!	Nunca tocou	-----	“A música em si, o turbilhão de sentimentos que a música faz sentir, o feeling da música”

12 Carlos	Heavy metal classico, thrash	Iron Maiden, Slayer, Kreator, Venom, Celtic Frost, Sodom, Bathory	“a música desperta emoções, há um transporte para uma realidade, para uma estética, para um tipo de emoção que é veiculado através da música”	Toca guitarra, baixo e é vocalista	Filii Nigrantium Infernalium Els Focs Negres Hellspike Perpertretör Rage and Fire	“ouço mais música do que leio letras, tenho pena que assim seja.”
13 Tiago	Dark ambient, black metal	Bathory, Morbid Angel, Motörhead, Hellhammer, Celtic Frost	<i>Empowerment</i>	Toca baixo, é vocalista	Disaffected Ocultuum	Depende das bandas
14 Norberto	Black thrash	Destruction, Desaster, Filii Nigrantium Infernalium		Tentou, mas não continuou	-----	Interpretação que dá, fá-lo viajar, o som e a temática são mais importantes do que as letras

Legenda:

Creemos ser pertinente distinguir nesta tabela:

- aqueles que nunca tocaram um instrumento musical/ vocalista nem fizeram parte de uma banda de metal (nomes a cinzento e casas a branco);
- aqueles que já tocaram ou tocam um instrumento musical e/ou foram ou são vocalistas, mas nunca fizeram parte de uma banda de metal (nomes a cinzento e casa correspondente a laranja);
- aqueles que já tocaram um instrumento musical e que fizeram parte de uma banda de metal (nomes a azul, casas a azul e casas respetivas a laranja);
- aqueles que, atualmente tocam um instrumento musical e/ ou são vocalistas e que fazem parte de uma banda de metal (nomes a laranja, casas a azul e casas respetivas a laranja);
- exceção a rosa na casa correspondente para uma vontade atual de aprender um instrumento musical.

ANEXO 21 - Tabela auxiliar de análise 4

4.4 As mulheres e o metal

Entrevistados	Idade à data da entrevista	Que entendem que as mulheres eram e são discriminadas	Que entendem que as mulheres não eram nem são discriminadas	Outros comentários relevantes
1 Rito	43	-----	<p>✓</p> <p>“manas sempre; os homens objetificavam-se”</p>	-----
2 Laura	43	-----	<p>✓</p> <p>“Incluíram-me na família [do metal] de uma forma incrível”</p>	A discriminação acontece em relação a mulheres que não estão na tribo pelo verdadeiro amor à música.
3 Joel	48	-----	<p>✓</p> <p>“nunca houve aquela coisa de, por ser mulher, ter um tratamento diferente”</p>	-----
4 Rui	48	-----	<p>“✓</p> <p>“saíam e iam aos concertos de igual para igual”</p>	-----
5 Rafael	57	<p>✓</p> <p>“em 90 por cento dos telediscos (...) as mulheres são sempre um símbolo sexual</p>	-----	-----

6 Mauro	49	✓ “os homens do metal sempre tiveram uma visão objetificante da mulher”	-----	Com o passar do tempo e o cruzamento de géneros, essa diferença foi-se atenuando
7 Teresa	45	✓ Sentiu-se discriminada enquanto música por ser mulher.	✓ Não se sente ou sentiu discriminada no seu grupo de amigos maioritariamente homens: “era de igual para igual”.	-----
8 Sónia	45	✓ Atualmente sente-se discriminada por ser mulher sobretudo quando se trata de ser crítica de música.	✓ “nunca me senti discriminada por ser rapariga”	Critica a sexualização da mulher no metal nos dias atuais que, segundo ela, provoca discriminação e misoginia: “deixaram de olhar para uma metaleira como uma irmã, mas como um pedaço de carne”.

9 Sofia	44	-----	✓ “nunca senti essa discriminação, nunca senti sexismo”	-----
10 Fábio	54	✓ “existe, mas não representa a comunidade”	✓ “as mulheres não são discriminadas, mas sim super protegidas e acarinhadas”	O estigma só se pode referir, na sua opinião, às namoradas dos metaleiros que não gostam do som e minam as amizades e as bandas de metal.
11 Petra	47	✓ Sentiu-se discriminada por ser mulher dentro da subcultura no início da sua adesão.	✓ Atualmente, 98 por cento dos amigos são homens; “entendo-me melhor com homens do que mulheres”	-----

12 Carlos	48	-----	✓ “não havia qualquer tipo de misoginia”	-----
13 Tiago	45	✓ “a comunidade tinha atitudes muito estúpidas em relação às mulheres (...) o pessoal não as integrava de forma alguma”	-----	Acredita que, com o passar dos anos, a situação melhorou, sobretudo devido ao aumento das habilitações literárias dos metaleiros.
14 Norberto	49	✓ “eram discriminadas quando tentavam ser músicas”	✓ No geral não sentiu que houvesse discriminação em relação às mulheres: elas eram aceites e saíam com os homens para os bares e os concertos.	-----

Legenda:

Distinguimos nesta tabela:

- os homens (a azul) das mulheres (rosa);
- aqueles cuja visão é a de que as mulheres não foram nem são discriminadas neste mundo social (verde);
- aqueles cuja visão é a de que as mulheres são discriminadas (vermelho);
- aqueles cuja visão é ambígua (laranja).